



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**PROBLEMAS DE (IN)TRADUZIBILIDADE EM “A HORA E VEZ DE
AUGUSTO MATRAGA”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA
NAS VERSÕES DE LÍNGUA INGLESA E DE LÍNGUA RUSSA**

por

OLGA BELOV

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima
Co-orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio

Salvador
2006

OLGA BELOV

**PROBLEMAS DE (IN)TRADUZIBILIDADE EM “A HORA E VEZ DE
AUGUSTO MATRAGA”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA
NAS VERSÕES DE LÍNGUA INGLESA E DE LÍNGUA RUSSA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima
Co-orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra
Anastácio

Salvador
2006

AGRADECIMENTOS

Gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer:

- A UNEB, por ter me proporcionado a oportunidade de cursar o Doutorado e realizar este trabalho.
- Ao Programa de Pós-Graduação da UFBA, por ter-me proporcionado os devidos conhecimentos para levar em frente este trabalho.
- Ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP e à sua equipe que permitiram a consulta de preciosos materiais no Acervo de João Guimarães Rosa.
- Ao Professor Dr. Luciano Rodrigues Lima, meu orientador, pela paciência que teve em me orientar e por fornecer bons materiais para levar adiante o trabalho.
- À Professora Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio, na condição de co-orientadora, por ter corrigido a redação de muitos de meus textos e fornecido bons materiais para realizar este trabalho;
- À Professora Dra. Aurora Bernardini, ex-titular de Língua Russa da USP, que primeiramente sugeriu que eu realizasse um trabalho sobre João Guimarães Rosa, fornecendo-me as respectivas traduções de *Sagarana*, em inglês e *Rasskázny* (Contos), em russo e orientando-me “extra-oficialmente” no transcurso do trabalho;
- À Professora Dra. Eliana Franco, por suas preciosas aulas na disciplina “Tópicos de Tradução”, fornecimento de materiais e esclarecimento de dúvidas;
- À Professora Dra. Evelina Hoisel, com quem aprendi a gostar mais e a entender melhor a obra de João Guimarães Rosa;
- A todos aqueles mestres que contribuíram para a minha formação filológica, lingüística e literária, destacando os professores Dr. Luís Angélico da Costa e o Dr. Bóris Schneiderman;
- Aos meus pais que não permitiram que a minha cultura de origem fosse relegada ao esquecimento.
- Aos meus familiares, irmão e filho, que me apoiaram nesta empreitada.

A todos estes, meus profundos agradecimentos.

Dentro dos limites em que é possível, em que elo menos parece possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se esta diferença nunca é pura, a tradução também não o é, e temos de substituir a noção de tradução por uma noção de transformação: transformação regulada de uma língua por outras, de um texto por outro.

JACQUES DERRIDA, *Posições*

RESUMO

Neste trabalho, intitulado *Problemas de (In)traduzibilidade em 'A Hora e Vez de Augusto Matraga'*, de João Guimarães Rosa, nas versões de língua inglesa e língua russa”, faz-se o Cotejo da tradução do conto mencionado, o último da coletânea *Sagarana*, publicada em 1946. Consta o trabalho de 3 Capítulos, sendo o primeiro intitulado “Estudos de Tradução” (Bases Teóricas); o segundo “João Guimarães Rosa – sua concepção sobre a linguagem literária e sua importância para a Literatura Brasileira Modernista”; enquanto o terceiro se ocupa do Cotejo da versão do conto, em língua portuguesa, com as duas versões em língua estrangeira (a de língua inglesa e a de língua russa). Procurou-se observar como as duas tradutoras, a americana Harriet de Onís e a russa A. Koss, deram cabo da tarefa de traduzir o conto, quais foram as dificuldades encontradas, por ambas, no caminho da traduzibilidade, ou não. Para tanto, partiu-se da premissa desconstrutivista, representando o desconstrutivismo como uma estratégia de leitura, desenvolvida por Jacques Derrida, cujos ensinamentos podem ser aplicados à tradução, fornecendo, também, uma abordagem para muitas outras disciplinas humanísticas, nesta era do Pós-Estruturalismo. Foram, também, levadas em conta as técnicas do Descritivismo, uma corrente dentro dos “Estudos de Tradução”, e chegou-se à conclusão de que a tradução nunca poderá ser “perfeita”, muito menos “fiel”, pois o que se produz – aquilo que se chama de “Texto da Língua de Chegada” (TLC) – é, de fato, um novo texto, que passa a ser uma nova versão, uma “recriação”, do “Texto da Língua de Partida” (TLP). E isto se deve ao fato de serem as línguas, assim como as culturas que as regem, irredutivelmente diferentes.

Palavras-chave: Desconstrutivismo. Desconstrução. Descritivismo. (In)traduzibilidade. Texto de Língua de Partida (TLP). Texto de Língua de Chegada (TLC).

ABSTRACT

In this work entitled “(Un)translatability in ‘Augusto Matraga’s *Hour and Turn*’ by João Guimarães Rosa, in its English and Russian version” – there has been carried out the comparison between both translations of the above mentioned story – the most outstanding one found in *Sagarana – A Cycle of Stories*, published in 1946. The work consists of 3 Chapters: the first one deals with the Theoretical Bases, regarding “Translation Studies”; the second is about Rosa’s literary language particularities, and his importance to Brazilian Modernism, while the third chapter includes an Analysis and Comparison of the two translations, that is, the two target-language texts (one in English language and the other, in Russian language) with the source-language text in Portuguese by João Guimarães Rosa. It is being sought to verify how both translators – American, Harriet de Onís, and Russian, A. Koss, had coped with the task of translating the story, and what difficulties they had faced in dealing with (un)translatability problems. For this purpose, the analysis was based on Deconstructivism’s principles which include reading strategies, developed by French philosopher Jacques Derrida. The latter has supplied some approaches to “Translation Studies”, as well as to many other humanistic subjects during the present Post-Structuralism period. There have also been observed some techniques advised by Descriptivism, a new current within Translation Studies. Hereby, the conclusion obtained was that translations can never be either “perfect” or “faithful”, because the final product – the “Target Text”– is, in fact, a new text, representing nothing but a *recreated* version of the “Source Text”. And this is due to the fact that languages, as well as the cultures there involved, happen to be irreducibly different.

Key-words: Deconstructivism. Deconstruction. Descriptivism. (Un)translatability, Source-Language. Target -Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O SURGIMENTO DOS “ESTUDOS DE TRADUÇÃO”: BASES TEÓRICAS	19
1.1 O ESTABELECIMENTO DOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO, COMO DISCIPLINA AUTÔNOMA: UM LONGO CAMINHO	19
1.2 O PERÍODO ANTERIOR AO DESCRITIVISMO E À DESCONSTRUÇÃO: ALGUNS TEÓRICOS DE DESTAQUE	26
1.2.1 Problemas de periodização	27
1.2.2 A “fidelidade” da tradução através dos séculos: de Etienne Dolet (séc. XVI) e Schleiermacher (Séc. XVIII), até o século XIX	30
1.2.3 Teorias mais recentes: Séculos XX e XXI	39
1.3 O DESCRITIVISMO: UMA ABORDAGEM “NÃO-DICOTÔMICA” DA TRADUÇÃO	45
1.4 ANTECEDENTES DO DESCONSTRUTIVISMO: NIETZSCHE E HEIDEGGER	51
1.5 DERRIDA E A DESCONSTRUÇÃO: UMA BREVE GENEALOGIA	64
1.5.1 O surgimento da Desconstrução: Jacques Derrida	65
1.5.2 Desconstrução e tradução	67
1.5.3 <i>Des Tours de Babel</i> (Torres de Babel), de Jacques Derrida: A Babel das línguas e a diferença como “dádiva”	73
1.5.4 Farmácia de Platão: <i>phármakon</i> (droga/veneno)	80
1.5.5 A tradução desconstruída: ecos no cenário nacional (Arrojo e Ottoni)	83
1.5.6 Crítica à abordagem desconstrutivista	90
1.6 ALGUNS TERMOS USADOS POR DERRIDA	93
2 A LINGUAGEM DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, SUA ESPECIFICIDADE	97
2.1 JOÃO GUIMARÃES ROSA – CONCEPÇÃO SOBRE A LINGUAGEM LITERÁRIA E IMPORTÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA MODERNISTA	97
2.2 A IMPORTÂNCIA DE SAGARANA E A ORIGEM HÍBRIDA DO TERMO	104
2.3 ENTREVISTA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA COM GUENTER LORENZ: O MUNDO CONSUBSTANCIADO EM LINGUAGEM	111
2.4 GUIMARÃES ROSA E JAMES JOYCE: UMA COMPARAÇÃO	120
2.4.1 A linguagem de ambos escritores	121
2.4.2 O “fluxo da consciência”: uma variante do assim-chamado “monólogo interior”	124
2.5 A VERSÃO AMERICANA DE SAGARANA: A RECONSTRUÇÃO QUASE IMPOSSÍVEL	126
2.5.1 As epígrafes em <i>Sagarana</i> – como elementos de unificação (Introdução à tradução de língua inglesa)	127
2.5.2 Algumas epígrafes em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”	129

2.6 A VERSÃO RUSSA DE “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”: CRIATIVIDADE, E PRECONCEITOS	137
2.7 CORRESPONDÊNCIA DE GUIMARÃES ROSA COM SEUS TRADUTORES E ALGUNS DADOS “BIOGRÁFICOS”	139
2.8 “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”: ALGUMAS PARTICULARIDADES	143
2.9 HARRIET DE ONÍS, A TRADUTORA AMERICANA DE SAGARANA E SEU PÚBLICO LEITOR	146

3 COTEJO DE TRADUÇÃO – AS DUAS VERSÕES DE “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”: EM LÍNGUA INGLESA, 1965, E EM LÍNGUA RUSSA, 1980 – UMA ABORDAGEM DESCRITIVISTA E DESCONSTRUTIVISTA

155

3.1 PREÂMBULOS	155
3.2 METODOLOGIA	157
3.3 BREVE RESUMO DO CONTO “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”	157
3.4 O COTEJO PARALELO DAS TRÊS VERSÕES: PORTUGUÊS, INGLÊS E RUSSO	159
3.4.1 Parte A – Ascensão e queda de Augusto Matraga, TLP, p.341-353	159
3.4.1.1 TLP, p. 341; v. inglesa (TLC-1), p. 264-265; v. russa (TLC-2), pp. 214 -215	161
3.4.1.2 TLP, p. 342; TLC-1, p. 265-266; TLC-2, p. 215-216	168
3.4.1.3 TLP, p.343;TLC-1,p.266-267; TLC-2, p.216-217	176
3.4.1.4 TLP,p.344;TLC-1,p.267;TLC-2,p.217	182
3.4.1.5 TLP, p. 345; TLC-1, p. 267-268); TLC-2, p. 217-218	189
3.4.1.6 TLP, p. 346; TLC-1, p. 268-269; TLC-2, p. 218-219	199
3.4.1.7 TLP, p. 347; TLC-1, p. 269-270; TLC-2, p. 219-220	209
3.4.1.8 TLP, p. 348; TLC-1, p. 270-271; TLC-2, p. 220-221	221
3.4.1.9 TLP, p. 349; TLC-1, p. 271-272; TLC-2, p. 221-222	228
3.4.1.10 TLP, p.350; TLC-1, p. 272-273; TLC-2, p. 222-223	233
3.4.1.11 TLP, p.351; TLC-1, p. 273; TLC-2, p. 223-224	240
3.4.1.12 TLP, p.352; TLC-1, p. 273-274; TLC-2, p. 224-225	248
3.4.1.13TLP, p.353; TLC-1, p. 274-275; TLC-2, p. 224-225	254
3.4.2 Parte B – A recuperação (moral e física) de Nhô Augusto, TLP, p.353-364	256
3.4.2.1 TLP, p.355; TLC-1, p. 276; TLC-1, p. 226-227	264
3.4.2.2 TLP, p.357; TLC-1, p. 278-270; TLC-2, p. 228-229	272
3.4.2.3 TLP, p.358; TLC-1, p. 279-280; TLC-2, p. 229-230	279
3.4.2.4 TLP, p.359; TLC-1, p. 279-280; TLC-2, p. 230-231	287
3.4.2.5 TLP, p.360; TLC-1, p. 280-281; TLC-2, p. 231-232	292
3.4.2.6 TLP, p.361; TLC-1, p. 281-282; TLC-2, p. 232-233	296
3.4.2.7 TLP, p.362; TLC-1, p.282-283; TLC-2, p.233	303
3.4.2.8 TLP, p.363; TLC-1, p. 283-284; TLC-2, p. 233-234	309
3.4.3 Parte C – Nhô Augusto e seu Joãozinho Bem-Bem, TLP, p.364-375	317
3.4.3.1 TLP, p.365; TLC-1, p. 285; TLC-2, p. 235-236	319
3.4.3.2 TLP, p.366; TLC-1, p. 285; TLC-2, p. 236-237	323

3.4.3.3 TLP, p.367; TLC-1, p. 286-287; TLC-2, p. 237-238	329
3.4.3.4 TLP, p.368; TLC-1, p. 287-288; TLC-2, p. 238-239	332
3.4.3.5 TLP, p.369; TLC-1, p. 288-289; TLC-2, p. 239-240	337
3.4.3.6 TLP, p.370; TLC-1, p. 289-290; TLC-2, p. 240-241	342
3.4.3.7 TLP, p.371; TLC-1, p. 290-291; TLC-2, p. 240-241	346
3.4.3.8 TLP, p.372; TLC-1, p. 291; TLC-2, p. 241-242	353
3.4.3.9 TLP, p.373; TLC-1, p. 291-292; TLC-2, p. 242-243	358
3.4.3.10 TLP, p.374; TLC-1, p. 293-294; TLC-2, p. 243-244	363
3.4.3.11 TLP, p.375; TLC-1, p. 293-294; TLC-2, p. 244-245	368
3.4.4 Parte D – Em Busca da sua Hora e Vez, TLP, p.375-386	373
3.4.4.1 TLP, p.376; TLC-1, p. 294-295; TLC-2, p. 245-246	373
3.4.4.2 TLP, p.377; TLC-1, p. 295-296; TLC-2, p. 246-247	384
3.4.4.3 TLP, p.378; TLC-1, p. 296-297; TLC-2, p. 247	387
3.4.4.4 TLP, p.379; TLC-1, p. 297; TLC-2, p. 247	392
3.4.4.5 TLP, p.380; TLC-1, p. 297-298; TLC-2, p. 248-249	398
3.4.4.6 TLP, p.381; TLC-1, p. 298-299; TLC-2, p. 249	401
3.4.4.7 TLP, p.382; TLC-1, p. 299-300; TLC-2, p. 250-251	406
3.4.4.8 TLP, p.383; TLC-1, p.300; TLC-2, p. 251-252	409
3.4.4.9 TLP, p.384; TLC-1, p.300-3001; TLC-2, p. 252	415
3.4.4.10 TLP, p.385; TLC-1, p.303; TLC-2, p. 252-253	422
3.4.4.11 TLP, p.386; TLC-1, p.302-303; TLC-2, p. 253-254	429
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	436
5 REFERÊNCIAS	446
ANEXOS	453

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

B452 Belov, Olga.
Problemas de (in)traduzibilidade em 'A hora e vez de Augusto Matraga' de João Guimarães
Rosa (nas versões de língua inglesa e língua russa) / por Olga Belov . - 2006.
1 v. anexos.

Orientador : Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima.
Co-orientador : Profª Drª Silvia Maria Guerra Anastácio.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

1, Tradução e interpretação. I. Lima, Luciano Rodrigues. II. Anastácio, Silvia Maria Guerra. III.
Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

CDU - 81'255
CDD - 418.02

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho, intitulado *Problemas de (In)traduzibilidade em ‘A Hora e Vez de Augusto Matraga’, nas versões para os idiomas inglês e russo*, é fazer uma análise, pormenorizada, da obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa (JGR) tanto do TLP (Texto da Língua de Partida), como dos dois TLCs (Textos das Línguas de Chegada), do ponto de vista lingüístico, como cultural.

Para tal investidura, usou-se o Descritivismo, cujas técnicas lançaram uma nova abordagem para textos traduzidos, assim como das bases teóricas do Desconstrutivismo – uma vertente dentro do Pós-Estruturalismo – aplicadas à tradução. O Descritivismo está inserido nos Estudos de Tradução, como uma nova tendência, que se eximiria da tarefa de “prescrever” como se deveria traduzir, contrastando, assim, com a geração anterior de tradutólogos, cognominados de “prescritivistas”. Já o Desconstrutivismo – para alguns, um movimento filosófico – é mais amplo, atingindo, portanto, muitas áreas do conhecimento humano, inclusive os Estudos de Tradução e a própria Lingüística.

No que diz respeito à Lingüística, a grande inovação, estabelecida por Derrida e seus seguidores, foi uma nova visão sobre o “signo lingüístico”, mais precisamente, no que tange ao “significado”. Na verdade, a nova visão subverte os postulados estabelecidos por Saussure, que criara para o “significado” um caráter de “estabilidade”. Para os desconstrutivistas, no entanto, não existiriam significados *estáveis*, pois a “escrita” (ou “escritura”, no sentido derridiano) dá margem a muitas interpretações dos mesmos, de tal forma que os significados perderiam as suas marcas de estabilidade, ou de “significados originais”, passando a ser considerados “significados flutuantes”. Ademais, seria impossível saber, exatamente, qual a intenção “original do autor” no momento da escrita, uma vez que cada texto está sujeito ao fenômeno da intertextualidade.

Esses dois marcos teóricos, o Descritivismo e Desconstrutivismo, em si, não se opõem, nem se contradizem – como será visto adiante – muito ao contrário, se complementam, embora o Desconstrutivismo seja um movimento filosófico, para alguns, ou até mesmo tachado de “anti-filosófico”, para outros, possuindo, portanto, maior raio de ação.

Assim, neste trabalho, abandona-se a busca pela “fidelidade” na tradução. Muito ao contrário: a tônica é frisar que o processo tradutório produz textos semelhantes, aproximados, mas dificilmente “idênticos”, como será visto no Capítulo 3. Um dos motivos para tanto é que “Texto da Língua de Chegada”, doravante TLC, também chamado – entre

outras coisas – de “texto-alvo”, está sujeito a inúmeros fatores, tais como: contexto, momento histórico, fatores culturais, realidade “extralingüística”, ligada ao meio ambiente e à cultura, estilo do tradutor, limitações lingüísticas, questões ideológicas, editoriais, comerciais, entre outros.

CORPUS DO TRABALHO

O trabalho consiste, primeiramente, de um capítulo “teórico” (Capítulo 1), com uma visão panorâmica da Teoria da Tradução, isto é, de conceitos e abordagens ao tema “Tradução”, vigentes em séculos passados.

Faz-se, em seguida, um “histórico” das teorias “prescritivistas” do século XX (Nida, Catford, Newman) e, finalmente, expõe-se as teorias mais modernas, que a autora do trabalho endossa, focalizando, de um lado, o modelo de abordagem criado pelos “descritivistas” - tais como Gideon Toury - e, de outro, a teoria “desconstrutivista” da Tradução, que se apoiou em Jacques Derrida, mas que tem suas raízes em Nietzsche e Heidegger.

Nietzsche e Heidegger, na verdade, “desconstruíram” a metafísica ocidental, tradicional, subvertendo todos os valores existentes, através da substituição do *sistema logocêntrico*, centrado e baseado em oposições binárias, hierarquizadas, por um *sistema descentrado*, fundado no jogo (mobilidade) e na diferença.

No Brasil, houve seguidores da abordagem desconstrutivista da tradução, representada por Rosemeire Arrojo e Paulo Ottoni, ambos professores da UNICAMP, como será visto neste Capítulo.

Jacques Derrida, considerado o fundador do Desconstruivismo – como foi visto, uma vertente dentro do Pós-Estruturalismo – para outros, no entanto, uma verdadeira “anti-filosofia”, introduz em *A Escritura e a Diferença*, *Gramatologia*, e no artigo *Des Tours de Babel*, entre outras obras, interessantes conceitos tais como: a “escritura”, a “diferença” e o “suplemento”, em que afirma que a palavra não possui um significado “original e imutável”, mas que tudo dependeria da interpretação do leitor, das condições históricas, lingüísticas, culturais e ideológicas, assim como das circunstâncias da recepção.

Os termos não existiriam, portanto, fora do contexto, estariam subordinados à ideologia vigente, estariam sujeitos à influência por parte da cultura a que pertence o leitor/tradutor, entre outros fatores. Assim, dentro do próprio texto – que parece ter um

sentido inequívoco quanto à sua interpretação – existem verdadeiras “deixas”, ou “suplementos”, que desconstroem o que foi dito, dando margem a interpretações diferentes.

Introduz-se, dessa forma, a noção de que um texto não oferece “uma só interpretação”, mas muitas outras, não existindo, portanto, apenas aquela interpretação considerada “padrão” e singular, que deva ser aceita por todos. Essa noção, além de ter efeitos sobre o conceito de “traduzibilidade”, também aponta para o fato de que, na verdade, é impossível desvendar a “intenção original” do autor – como se esperava, na época do estruturalismo (quando se dizia que a tarefa do tradutor, ao fazer uma tradução, era de, simplesmente, “transportar” o seu conteúdo *intacto* para uma outra língua, como se isto fosse possível).

Com o passar do tempo, o Desconstrutivismo recebeu algumas críticas por parte de filósofos e sociólogos, tais como os franceses M. Bourdieu e Pierre Zima, que atacaram o movimento por ser *apolítico e sem compromisso com as instituições sociais*. Além disso, houve, também, críticas por parte de *teóricos*, tais como John M. Ellis, autor de *Against Deconstruction*, e de outros *pragmatistas* americanos. Apesar disso, o Desconstrutivismo não deixou de ser um marco importante, um pensamento crítico”, principalmente, de protesto e oposição – verdadeira rebeldia – ao pensamento ocidental, regido pela metafísica.

No Capítulo 2, examinar-se-á as particularidades da *linguagem* de Guimarães Rosa, a opinião do próprio autor sobre a linguagem, sua posição no modernismo brasileiro. Serão, também, analisadas algumas particularidades de *Sagarana*, que teve forte repercussão na Literatura Brasileira, levando-se em conta o grande interesse por essa obra na época do seu surgimento, bem como a correspondência do autor com seus tradutores, a recepção (Fortuna Crítica) da tradução nos EEUU e em outros países, para cujas línguas o conto foi vertido. Em particular, detém-se na investigação do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga” com revisão da literatura escrita a respeito, considerando-se a interpretação que dele fizeram alguns autores e o histórico da sua tradução em língua inglesa por Harriet de Onís.

No Capítulo 3, será feito o cotejo, propriamente dito, da tradução de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, tanto em língua inglesa quanto na versão russa.

Inicialmente, pensou-se em compilar os dados por assuntos, tais como: a) tradução de termos de cunho regionalista e/ ou coloquial; b) tradução de idiomatismos e/ou provérbios (ditados, dizeres populares); c) aspectos puramente lingüísticos, estilísticos e estéticos; aspectos de diferenças culturais (a realidade extralingüística); d) figuras de

linguagem e de discurso (tropos); e) tradução de antropônimos, topônimos, itens da cultura mineira ou sertaneja.

No entanto, posteriormente, por orientação do orientador, Prof. Luciano Rodrigues Lima, viu-se a necessidade de contextualizar melhor esses dados, com o que a autora deste trabalho tornou-se uma espécie de “narradora secundária” do enredo do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, comentando a linguagem de João Guimarães Rosa, assim como a linguagem usada nas duas versões de língua estrangeira e, à medida em que surgiam, no decorrer da narrativa, alguns dos aspectos acima mencionados, fazia-se o comentário, o cotejo, em si, não apenas do ponto de vista lingüístico, mas – sempre que possível – tecendo comentários sobre as culturas subjacentes aos dois textos de chegada: a versão de língua inglesa, e a versão de língua russa.

Foi de certa utilidade, para a realização do cotejo, a correspondência entre João Guimarães Rosa e sua tradutora norte-americana, Harriet de Onís, que pôde ser encontrada no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP), mais precisamente no Arquivo (Fundo) Guimarães Rosa (AGR) ou, verdadeiro “arquivo”, que reúne todo esse material.

Embora a correspondência entre Harriet de Onís e o escritor João Guimarães Rosa não tenha sido editada em livro separado – como aconteceu com a correspondência de JGR com o tradutor italiano de *Sagarana*, Eduardo Bizzarri, e o tradutor alemão Curt Meyer-Clason –, uma boa parte desse contato epistolar foi reunido na Dissertação de Mestrado de Iná Valéria Rodrigues Verlangieri (UNESP, 1993).

A tradutora Harriet de Onís tinha começado a traduzir *Grande Sertão: Veredas*, mas passou o encargo de concluir a tradução ao seu colega James Taylor – que tinha sido um dos tradutores de *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado – ocupando-se, então, por inteiro, da tradução de *Sagarana*, que foi publicada em 1964.

Harriet de Onís não podia deixar de ter muitas dúvidas quanto aos termos regionalistas, ou arcaizantes ou, mesmo, inovadores do escritor modernista da terceira geração, do porte de João Guimarães Rosa. Este, no entanto, teve sempre a maior boa vontade em tirar dúvidas da tradutora. Isto, aliás, pode ser conferido em alguns dos verbetes do *Léxico de Guimarães Rosa* de autoria de Nilce Sant’Anna Martins e, até mesmo, em corrigir os rascunhos da norte-americana Harriet de Onís. Assim agindo, esperava o escritor garantir a total aprovação da tradução de Harriet de Onís, embora, às vezes, houvesse divergências, entre ambos, quanto aos termos a serem utilizados na tradução para o inglês¹.

¹ Cf. ANEXOS.

È preciso mencionar que a versão de *Sagarana*, em língua inglesa, com o subtítulo *A cycle of stories*, utilizada no cotejo, foi a editada por Alfredo A Knopf Publishers, New York, na edição de 1966.

Já a versão em língua russa, datada de 1980, sob o título de *Rasskázý (Contos)*, inclui não apenas os contos contidos em *Sagarana*, mas também alguns de *Primeiras estórias*, *Estas estórias* e *Tutaméia*. Por ter sido editada após a morte do autor, não teve o mesmo privilégio da versão em língua inglesa, cuja tradutora pôde ter tais subsídios, como fazer consultas ao próprio autor, em vida. A edição russa possui, no entanto, um bom prefácio da “brasilianista” I. Terterián, sob o título *Sertão, tão vasto como o mundo*, onde ela tenta explicar para o leitor russo o significado do termo “sertão”, comparando-o com a “estepe” russa, onde campeavam os “cossacos” que – embora não fossem o mesmo que “jagunços” – representavam um exército nômade e irregular do czar, defendendo as fronteiras, mas muitas vezes dedicando-se aos saques e pilhagem dos povos vizinhos.

No Prefácio à versão russa, I. Terterián, além de fazer vários comentários sobre o teor de alguns dos contos, tece verdadeiros paralelos entre os heróis de Guimarães Rosa e heróis da literatura russa, como acontece com a figura de Augusto Matraga que foi comparado a Kudiar Idimir, ex-bandoleiro e chefe de quadrilha – descrito por Nekrássov, no seu extenso poema, quase uma ‘epopéia’, intitulada “Quem vive bem na Rússia?”.

No poema de Nekrássov há um trecho que foi popularizado e musicado sob o nome de “Saga dos 12 bandoleiros”, em que o poeta russo apresenta um certo saqueador e bandoleiro das estepes. Certo dia, ele se arrepende de todos os crimes cometidos e, ao conseguir derrubar um imenso carvalho – no qual, simbolicamente, se concentram todas as suas transgressões e seus males – transforma-se no santo monge Pitirím.

O Ouro de Copas do conto “Burrinho Pedrês” é comparado ao cavalo *Kholstomiér* (ao pé-da-letra, “medidor de lona”) do conto de igual nome de Leão Tolstoi, em que o escritor do realismo russo descreve a vida do ponto de vista dos cavalos, e de como esse cavalo, em particular, vê os seres humanos e tudo em torno.

Influenciada ainda pelo ateísmo e materialismo histórico que reina durante a fase da literatura soviética – ao examinar os contos tais como “São Marcos” e “Corpo Fechado” – Terterián chega a afirmar que João Guimarães Rosa faz sinais, com os olhos, no sentido de desaprovar as credices e superstições populares, o que diverge de uma interpretação mais imparcial, por assim dizer, da obra roseana.

Quanto à tradutora de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, A. Koss, esta usa de verdadeiros ‘malabarismos’ para poder reproduzir o texto de Guimarães Rosa, lançando mão,

por vezes, de uma verdadeira “desconstrução” do texto para poder “recriá-lo”, de tal forma que seja compreensível ao leitor russo. Ao se fazer a “retroversão” – como foi mister fazê-lo, percebeu-se que a tradutora russa, realmente, se distanciou bastante da estrutura frasal roseana, conservando, no entanto, muito do “tom” e da “significância” do “TLP”, da autoria de João Guimarães Rosa.

Não está fora de cogitação que a tradutora russa tenha consultado a versão de língua inglesa – muito anterior à russa – encontrando-se algumas passagens que parecem ter sido “copiadas” do inglês.

Traduzir Guimarães Rosa representa, de fato, “um verdadeiro desafio”, portanto comentar um texto de difícil tradução, também, apresenta suas dificuldades. Realmente, é de causar surpresa, a grande “habilidade” demonstrada pela tradutora russa que produziu um texto expressivo, quase exuberante, de agradável leitura e, mesmo assim, relativamente, fácil de entender – o que deve ter facilitado a sua interpretação por parte do leitor.

Pode-se, no entanto, observar que nenhuma das tradutoras fez “inovações” lexicais, morfológicas, do tipo “aglutinação” ou “afixação”, até mesmo sintáticas – como se lê no TLP – da autoria de Guimarães Rosa. O que se fez foi, preponderantemente, captar o tom e humor do autor, assim como “o espírito” da sua obra.

Embora grandes inovações lexicais tenham sido feitas por James Joyce em *Ulysses*, com suas “palavras-valises” – seria de opinião geral, tudo indica, tanto da parte dos editores como dos leitores, que não caberia a uma tradutora se permitir tamanha ousadia.

Constatou-se, inclusive, que – segundo as teorias de Lawrence Venuti, expostas no seu livro *Translator’s invisibility* – a tradutora americana usou, muitas vezes, de um procedimento de “domesticação” para termos regionalistas. Graças ao puritanismo vigente na cultura americana, neutralizou, muitas vezes, termos referentes à sexualidade, e preferiu, sempre, usar o inglês padrão, o *plain and clear English* (o bom e claro inglês) e nunca linguagem popular.

A tradutora russa usou de um léxico variado, com muitos termos populares, inclusive gírias, e muitos provérbios, mas no cômputo geral, na sintaxe, por exemplo, sempre se apresentava o russo padrão, isto é, como se costumava chamar na ex-URSS, no *literatúrny iazyk* (“linguagem literária”).

No Capítulo 4 (“Considerações Gerais”), far-se-á um balanço do que foi examinado nos capítulos anteriores, voltando-se, principalmente, à questão da “traduzibilidade”, assim como da “intraduzibilidade”, encontradas no decorrer do duplo Cotejo. Rever-se-á, portanto, como esta questão foi tratada, do ponto de vista do

Desconstruismo e do Descritivismo, de formas que se possa fazer um balanço final. Far-se-á, também, uma comparação das duas traduções de “A Hora e Vez de Augusto Matraga” (a de língua e inglesa e a de língua russa), comentando-se as virtudes, ou lapsos, que porventura possam ter sido cometidos pelas tradutoras.

No decorrer deste trabalho, deve-se levar em conta, finalmente, que o escritor João Guimarães Rosa emprega muitos termos *regionalistas*, usados no alto sertão. Estes termos vão, desde uma grande variedade de nomes de plantas (flora), até à fauna variada e raças e tipos de gado bovino, equino, etc. Não raro recorrer, também, o escritor a *arcaísmos* que sobreviveram na linguagem popular. Se para um leitor nacional esta leitura já apresenta dificuldades, uma vez que, muitas vezes, se vê obrigado a consultar um bom dicionário monolíngüe – caso não consiga inferir do contexto – um tradutor, que não deixa de ser um leitor em língua estrangeira, teria o dobro das dificuldades para interpretar todos estes termos, muitos, inclusive, derivados do *tupi-guarani* ou do *tupinambá*, assim como de idiomas africanos (*ioruba* ou *bântu*).

Foi, portanto, de enorme utilidade o glossário, intitulado *Léxico de Guimarães Rosa*, no qual a autora, Nilce Sant’Ana Martins, realizou um levantamento dos termos regionais, do “sertão” de João Guimarães Rosa, isto é, da região rural de Minas Gerais. São termos pouco conhecidos do habitante urbano, pois não pertencem, na sua maioria, à linguagem padrão ou à Norma Urbana Culta (NURC). O texto de Guimarães é, desta forma, rico e complexo.

Como se sabe, muito se escreveu sobre a linguagem de Guimarães Rosa. Em particular, Eduardo Coutinho, no seu Prefácio da *Ficção Completa* (1994), diz: “Um dos maiores ourives da palavra que a literatura brasileira jamais conheceu e ao mesmo um dos mais perspicazes investigadores dos matizes da alma humana em seus rincões mais profundos” (p.11). Guimarães Rosa teria produzido, segundo Coutinho, uma obra complexa, “resultante em parte da verdadeira revolução que empreendeu na linguagem ficcional”. (p.11)

O livro *Sagarana*, que representa uma coletânea de vários contos, publicada em 1946, causou, desde sua publicação, um verdadeiro “impacto”, no meio literário. As opiniões se dividiram, imediatamente, em dois grupos: os que se encantaram “com as inovações presentes” (p.12), e dos que se opuseram, criticando-a. Estes estariam ainda ligados às posições ortodoxas, que se miravam no romance de engajamento social dos anos 30 e, portanto, tacharam JGR de “excessivo formalismo” (p.12). Estas posições sofrem, no entanto, uma revisão, quando do surgimento da obra capital, *Grande Sertão Veredas*.

Desta forma, pode-se dizer que a publicação de *Sagarana* representou uma verdadeira ruptura “com relação à tradição literária brasileira, ainda dominante, apesar dos esforços da primeira geração modernista” (p.11). Uma tal ruptura já vinha ocorrendo nas literaturas de ex-colônias do Novo Mundo (literaturas hispano-americanas e norte-americanas), quando estas buscam adquirir uma nova face, de expressão própria, nas artes, na literatura. Em uma visão mais ampla, porém, pode-se também falar que, nesta época, tem lugar uma ruptura com o passado, em toda a literatura ocidental.

No quadro da literatura brasileira, pode-se situar Guimarães Rosa na terceira geração modernista, também designada de “geração do instrumentalismo” (p.12). Os adeptos do “instrumentalismo” têm uma preocupação acentuada com a exploração das potencialidades do discurso, com o sentido “estético” do texto no que concerne à *literariedade* das obras de ficção. A propósito, o termo “literariedade” foi cunhado por Roman Jakobson que, naquela época, pertencia à escola dos Formalistas Russos, um conceito que, atualmente, é questionado pela crítica Pós-Estruturalista. Houaiss confirma que o termo “Literariedade” é “[...] 2. um conjunto de características específicas (lingüísticas, semióticas, sociológicas) que permitem considerar um texto como literário”. No entanto, esta condição de “literariedade”, no Pós-estruturalismo, não é condição *sine qua non* para que um texto seja considerado “literário”, pois haveria “textos literários” desprovidos desta condição e dos seus requisitos, e textos não literários que a possuem.

No que se refere ao nome *Sagarana*, este já atesta sua natureza híbrida, pois provém de *saga*, do escandinavo, ‘aquilo que se conta’ (compare-se com o alemão *sagen* – dizer, contar) e *-rana*, radical tupi-guarani, que significa “à maneira de”. Isto é, *Sagarana* seria uma obra literária, um conjunto de contos, à maneira de uma saga.

Sagarana – como já foi visto – já realiza um verdadeiro corte no discurso tradicional da ficção brasileira, principalmente no que concerne à linguagem e à estrutura narrativa. Além de inúmeras traduções no mercado internacional, o conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, em particular, já foi um tema aproveitado pela cinematografia nacional, pela TV e pelo teatro deste país.

O que se procura alcançar, com este trabalho, é chamar a atenção dos prováveis leitores, professores da disciplina “Tópicos de Tradução”, dos estudantes universitários que cursam essa disciplina acadêmica, de modo geral, para as dificuldades que podem encontrar um tradutor na versão de obras literárias, principalmente, em se tratando de um conto, de linguagem tão rica e conteúdo *sui-generis*, como “A Hora e Vez de Augusto Matraga”. Ao mesmo tempo, procura-se fazê-los ver o quanto as duas

tradutoras - no caso a americana Harriet de Onís e a russa A. Koss - conseguiram “manter” dessa riqueza, ou o que elas foram obrigadas a “recriar”, e de que forma isso foi feito, já que uma tradução (o TLC) - como já foi mencionado acima - nunca consegue ser absolutamente “fiel” ao TLP.

1 O SURGIMENTO DOS “ESTUDOS DE TRADUÇÃO”: BASES TEÓRICAS

Neste capítulo será apresentada uma visão “panorâmica” do longo caminho percorrido pela tradução, desde o início da Idade Moderna até chegar ao século XX, quando esta teve o merecimento de tornar-se uma matéria interdisciplinar, denominada de Estudos de Tradução ou de Tradutologia, partindo dos teóricos “prescritivistas” (denominação com que os “descritivistas” chamavam a todos que os precederam) passando pelos “descritivistas”. Os Estudos de Tradução mereceram a atenção dos desconstrutivistas, tendo como figura de destaque o filólogo e filósofo francês Jacques Derrida, o qual, através da Desconstrução influenciou muitas disciplinas humanísticas, tais como, a Estética, a Teoria Literária, a Crítica Literária, as Estratégias de Leitura, os Estudos Filológicos e, também, os Estudos da Tradução. Manifestando-se contra a Estética de Hegel e revendo a teoria de Saussure sobre o signo lingüístico, o Desconstrutivismo se opôs, veementemente, ao logocentrismo, ao instituir uma nova visão do texto escrito, no momento em que são introduzidos novos conceitos, tais como a *diferença*, *jogo*, *rastro*, *arqui-origem* e o *suplemento*, entre outros. Os preceitos da Desconstrução, aplicados à Tradução, tiveram, também, seguidores no Brasil, principalmente, nas figuras de Rosemeyre Arrojo e Paulo Ottoni. Nessa abordagem desconstrutivista, deve-se levar em conta que todo tradutor é, antes de tudo, um *leitor*, estando assim, sujeito aos princípios que regem esta nova abordagem à interpretação do texto escrito.

1.1 O ESTABELECIMENTO DOS “ESTUDOS DE TRADUÇÃO”, COMO DISCIPLINA AUTÔNOMA – UM LONGO CAMINHO

Traduziu-se, desde sempre. Desde o aparecimento da *Torre de Babel*, como fala o mito. Isto é, desde que povos de culturas diferentes e, portanto, de línguas diferentes precisaram entrar em contato com outros povos vizinhos e tiveram que se comunicar. Os indivíduos bilíngües foram os *primeiros intérpretes*, pessoas que tinham o domínio ou, pelo menos, um conhecimento suficiente de duas línguas para poder “transpor” os diversos significados de um idioma ao outro. Esta é uma acepção antiga, prescritivista, pois para o Desconstrutivismo, traduzir não significa, exatamente, “transpor significados”, nem se espera

“fidelidade” entre os dois textos, ou as duas falas, e o tradutor, na verdade, “criaria significados”².

Quanto ao termo Estudos de Tradução, calcado no inglês *Translation studies* – (outros querem chamar esta disciplina de Tradutologia), surgiu mais tarde, no âmbito da Lingüística, vindo, depois, a nova disciplina separar-se dela, uma vez que, na verdade, os Estudos de Tradução representam um conhecimento “multi-disciplinar”, que tanto tem ligações com a Lingüística, como com a Semiótica, com a Teoria da Literatura, assim como com muitas outras áreas do conhecimento humano.

Ferdinand Saussure, considerado por muitos como o fundador da Lingüística, introduziu o conceito de “significante” e “significado”, entre outros conceitos. Certamente, os significantes (a forma “fônica”) variam de língua para língua, caso contrário não precisaríamos de tradutores e intérpretes. Desejavam os “prescritivistas” que esses significados fossem literalmente transpostos, com toda a sua precisão – o que, de fato, não acontece, como provou o Descontrutivismo, que não encara mais as duas línguas como antagônicas, e fala de “contaminação” de uma língua pela outra. Além disso, não existe, em uma certa língua que desempenha o papel de “Língua Fonte” ou “Língua de Partida” (doravante LP), *correspondentes exatos* de todos os significados desta língua, que representa uma determinada cultura, para outros tantos significados numa outra língua, uma outra cultura, para a qual se traduz, a saber, “Língua-alvo” ou “Língua de chegada” (doravante LC). Derrida fala, também, que, na verdade, cada língua se compõe, de fato, de *várias línguas*. Assim, para qual delas o tradutor deveria traduzir? Desta forma, ocorreria certa “impossibilidade” de uma equivalência exata, de uma tradução exata. Se assim acontece, falando-se de vocábulos, em separado, o que se pode dizer, então, das expressões idiomáticas e dos provérbios? Existem, desta forma, limitações tanto lingüísticas quanto *culturais* no caminho da tradução. Atrás do “Texto da Língua de Partida” (doravante TLP), está presente uma “realidade extra-lingüística”, uma realidade que existe e que é, muitas vezes, difícil de transpor, com meras palavras.

Uma vez que, neste trabalho, pretende-se fazer o “cotejo da tradução” de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, o último dos contos contidos na coletânea *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, tanto na sua versão para o idioma inglês, quanto na sua versão para o russo, far-se-á um breve relato sobre a história dos procedimentos no campo das traduções, desde o

² Cf. OTTONI, 2005, p.51.

início da Idade Moderna até chegar aos Estudos de Tradução e às teorias mais recentes, destacando o Desconstrutivismo, no qual se baseará o cotejo acima mencionado.

Neste particular, foi de muita utilidade o livro intitulado *Translation studies*, de autoria de Susan Bassnett McGuire (1980), trazendo momentos importantes da história da tradução, assim como o de André Lefevère *Translation/History/Culture* (1992), com trechos autênticos da autoria de escritores e tradutores do passado. Segundo Bassnett, foi o teórico da tradução André Lefevère quem propôs o termo *Translation studies* (Estudos de Tradução), em um apêndice aos documentos do “Colóquio sobre Literatura e Tradução”, de Louvain, França, realizado em 1976. O termo, desta forma, “deveria ser adotado para a disciplina que se ocupa dos problemas criados pela produção e descrição de traduções” (a saber: *should be adopted for the discipline that concerns itself with the problems raised by the production and description of translations*) (Bassnett, 1980, p.1). A esse respeito, o próprio Lefevère escreve no seu Prefácio à *Translation/History/Culture*:

The growth of Translation Studies as a separate discipline is a success story of the 1980s. The subject has developed in many parts of the world and is clearly destined to continue developing well into the 21st century. Translation studies brings together work in a wide variety of fields, including linguistics, literary study, history, anthropology, psychology and economics – O crescimento dos Estudos de Tradução, como uma disciplina separada, é uma história bem-sucedida dos anos 1980. A matéria se desenvolveu em muitas partes do mundo e está claramente destinada a continuar a se desenvolver bem, século XXI adentro. Os Estudos de Tradução conseguem reunir o trabalho, realizado numa grande variedade de áreas, incluindo a lingüística, os estudos literários, a história, a antropologia, a psicologia e a economia (LEFEVÈRE, 1992a, p.11). (Tradução nossa)

Nesse livro, Lefevère apresenta trechos das declarações de vários tradutores famosos, tais como Saint Jérôme, Lutero, Schlegel, Vitor Hugo, entre outros, assim como estuda a interação entre cultura, ideologia e tradução.

Em um outro livro da sua autoria, a saber, *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame* (1992b), Lefevère defende a idéia de que a tradução é uma re-textualização, recriação ou re-escrita, chegando a chamá-la de *the most obviously type of rewriting* – isto é, “o tipo mais óbvio de re-escrita” (Lefevère, 1992b, p.9).

O livro de Susan Bassnett, *Translation studies*, editado antes que o de Lefevère, teria, por sua vez, como propósito delinear *o âmbito da disciplina*, assim como examinar o trabalho que já tinha sido realizado até o momento e sugerir em que direção deveriam ir as pesquisas no futuro. E, antes de tudo, o objetivo era demonstrar que os Estudos de Tradução (doravante ET) constituíam uma disciplina por si só, e não seria apenas um *ramo menor* dos

estudos de Literatura Comparada, ou da Lingüística, representando um campo vasto e complexo, com muitas ramificações.

A disciplina Estudos de Tradução é, desta forma, relativamente recente, embora a Tradução tenha feito parte do *ensino de línguas estrangeiras* (tenha-se em mente que o método primeiro e mais antigo no ensino de uma língua estrangeira fora, realmente, a *Grammar-Translation Approach* (isto é, a “Abordagem de Gramática e Tradução”). O conceito da tradução, no entanto, em séculos passados, era inadequado e restrito, sendo usado, no ensino de línguas, principalmente, para se verificar a compreensão de um texto em língua estrangeira, estimulando o aluno a lê-los no seu original.

Desse modo, o conceito que se tinha da tradução, ainda na primeira metade do século XX, assim como de tradutores, *não era muito elevado*, havendo grande distinção entre *autor* e *tradutor*, em detrimento desse último. Os estudiosos da tradução, no período anterior ao Desconstrutivismo, sempre privilegiavam o autor e o TLP, em detrimento do tradutor, com sua tradução (TLC).

Desta forma, tal perspectiva ainda pode ser encontrada na exposição que Hilaire Belloc (segundo a *Enciclopédia Larousse*, um escritor inglês, de origem francesa) fez, em 1931, em uma *Conferência Tayloriana*, persistindo este conceito do tradutor, de certa forma, até a segunda metade do século XX, mais ou menos. Nessa conferência, Belloc sublinha o papel secundário que se tem dado à tradução, enquanto se considerava *the dignity of original work* (Bassnett, 1980, p.2). Esta subestimação rebaixava o nível de importância da tradução que se acreditava poder até *destruir* uma obra de arte. Como se vê, hoje em dia, com um tremendo desenvolvimento das comunicações, abrir mão da tradução pelos motivos alegados acima resultaria em uma grande perda para todo o mundo literário e científico.

Em vez de se perceber a tradução como *uma recriação*, um processo criativo, como se faz hoje – uma concepção também introduzida por André Lefevère, como foi visto acima –, a tradução era considerada com uma “atividade mecânica”. Contestando tal pensamento, Lefevère escreve em *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame* o seguinte:

Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention reflect a certain ideology and a poetics, and as such, manipulate literature to function in a given society in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power [...]. Rewritings can introduce new concepts [...]. – A tradução, naturalmente, é uma re-escrita de um texto original. Todas as re-escritas, quaisquer que sejam as intenções, refletem uma certa ideologia e uma poética, e, como tal, manipulam a literatura para que essa funcione numa determinada sociedade, e de uma determinada maneira. Re-escrita é manipulação, empreendida, a serviço do *poder*[...]. (LEFEVÈRE, 1992b, p.7) (Tradução e grifos nossos).

Alguns pressupostos que encontram eco no Desconstrutivismo, portanto, já se faziam presentes, com Lefevère, que liga a tradução a questões culturais e políticas. A “re-escrita” (*rewriting*) de uma obra, como diz Lefevère, pode não apenas introduzir novos conceitos, como novos gêneros, novos dispositivos (*new devices*) – desta forma, a história da tradução acaba sendo, também, a história da “inovação literária”. No entanto, essa mesma “re-escrita” pode, por outro lado reprimir qualquer inovação, manipulando o texto “de todas as maneiras” – escreve Lefevère, - já que a tradução desempenha o papel de *shaping force* (força modeladora), no mundo atual (Lefevère, 1992b, p.7).

Diferente era a situação da tradução, no entanto, na primeira metade do século XX, quando – como afirma Bassnett – ela era considerada uma *atividade mecânica*, e para fazê-la bastava alguém ter um “certo conhecimento” da língua estrangeira em questão. As traduções dos clássicos, por exemplo, eram estudadas, importando apenas o produto final, ninguém se preocupando em estudar o próprio processo de tradução.

O legado – de tendências contraditórias, com relação ao “original” – isto é, ao “Texto da Língua de Partida” (TLP) – que vigoraram no século XIX – umas exigindo “superfidelidade”, outras a favor de maior “frouxidão” (Ver adiante) – fez com que os estudiosos da tradução despendessem, no século XX, bastante tempo para defini-la. Levantou-se a questão: *O que seria a tradução, afinal?* – uma arte, um artesanato (um ofício) ou uma ciência? Nenhuma das três definições parecia estar totalmente adequada. O termo “ofício” colocava a tradução em um sistema de valores um tanto inferior ao da “arte”; enquanto que a definição “ciência” apontava para uma abordagem “mecanicista”, desviando-se da noção de que a tradução é *produto de um processo criativo*, que a classificaria como “arte”. De qualquer forma, essa discussão parecia inútil, pois o importante seria organizar uma terminologia que fosse empregada no estudo sistemático da tradução.

Assim, já a partir de 1960, aconteceram mudanças significativas no campo da disciplina que, futuramente, se chamaria de Estudos de Tradução, quando o estudo da Lingüística e da Estilística – surgida ainda no começo do século XX – passou a ser mais aceito dentro da crítica literária, e o que levou ao desenvolvimento de uma metodologia crítica, assim como a redescoberta dos Formalistas Russos (Bassnett, p.5).

Desta forma, somente em 1976, surge pela primeira vez, em língua inglesa, o *Dictionary for the analysis of literary translation*, de autoria de Anton Popovic, publicado pela Universidade de Alberta, Canadá, que estabelece as bases, embora sucintas, de uma metodologia para se estudar a tradução.

O retorno ao estudo dos trabalhos realizados, tanto por esses formalistas dos anos 20 do século passado, bem como, posteriormente, pelos componentes do Círculo Lingüístico de Praga, é que deu um considerável impulso aos Estudos de Tradução:

The most important advances in Translation Studies in the twentieth century derive from the groundwork done by groups in Russia in the 1920s and subsequently by the Prague Linguistic Circle and its disciples – (Os avanços mais importantes nos Estudos de Tradução, no século XX, derivam do trabalho de base, realizado por grupos na Rússia nos anos 1920 e, em seguida, pelo Círculo Lingüístico de Praga, e seus discípulos) (p.5) (Tradução nossa).

Os formalistas russos surgiram de dentro do Círculo Lingüístico de Moscou, fundado no inverno de 1914-1915, por alguns estudantes da Universidade de Moscou, sob os auspícios da Academia de Ciências, “que tinha por objetivo promover estudos de poética e de lingüística, conforme programa submetido pelos organizadores ao secretário da Academia, o famoso lingüista A.A. Chákhmatov” (*Teoria da literatura: formalistas russos*, 1973, p.9). Caracteriza-se, inicialmente, por uma recusa categórica às interpretações extraliterárias do texto, tais como recurso à sociologia, à psicologia, entre outras disciplinas. Roman Jakobson, que também criou a teoria das “funções da linguagem” escreve, nos anos 1920, uma espécie de “manifesto do movimento” formalista, a saber: “a poesia é linguagem em sua função poética”, portanto o objeto do estudo literário é a obra literária, e não a literatura, simplesmente. Para tanto, foram criados novos conceitos tais, como *literatúnost’* (literariedade), *ostraniênie* (“estranhamento”), entre outros.

Tendo sido banidos da ex-URSS, pelo regime de Stálin, alguns formalistas, como Jakobson, migraram na segunda metade dos anos 1920 para Praga, fundando o Círculo Lingüístico de Praga, onde continuaram suas pesquisas.

O envolvimento com problemas de tradução advém depois, quando Roman Jakobson publica o artigo “Aspectos lingüísticos da tradução”, em que divide a tradução em intralingual, interlingual e semiótica (Ver adiante). Nesse artigo, Jakobson, discutindo as complexidades da tradução, chegou a dizer: *Both the practice and the theory of translation abound with intricacies, from time to time attempts are made to sever the Gordian knot by proclaiming the dogma of untranslatability* – Tanto a prática como a teoria da tradução abundam em intricâncias, em tentativas esporádicas de cortar o nó Górdio, ao proclamar o dogma da intraduzibilidade. (Jakobson, 1959, p.234) (Tradução nossa)

Com a re-descoberta dos escritos deixados por esses formalistas, a atividade do tradutor começou a ser mais valorizada, tanto que a respeito dessa tarefa de traduzir, o

gramaticista da língua inglesa, Randolph Quirk escreveu ser esta *one of the most difficult tasks that a writer can take upon himself* (uma das tarefas mais difíceis que um escritor poderia assumir) (Tradução nossa) – e não mera ação de um diletante, acessível a qualquer um que tivesse algum conhecimento de uma língua estrangeira. (QUIRK, 1974, p.30).

A ênfase dada à Lingüística, assim como aos experimentos realizados com a tradução por meio de máquinas, nos anos 1950, levaram a um rápido desenvolvimento dos Estudos de Tradução, nos países da Europa Ocidental. Esta primeira leva de estudiosos da tradução – ou “tradutólogos” – posteriormente chamada de “prescritivista” – incluía, além de Roman Jakobson, estudiosos tais como Walter Benjamin (com o seu artigo “Tarefa do Tradutor”, como Prefácio à sua tradução dos poemas *Tableaux Parisiens* de Baudelaire, para o idioma alemão); John Catford (que cria 4 modelos diferentes de tradução); Eugene Nida (tradutor da Bíblia que cria o conceito de “equivalência dinâmica” na tradução); Georges Mounin (que, já em 1967, frisa a importância da cultura no processo tradutório); Peter Newman, (autor de *Approaches do translation*, em que, em 1981, apresenta dois “modos de traduzir”: o da tradução “semântica” e o da tradução “comunicativa”) – para tanto, Newmark teria se baseado no conceito de “funções da linguagem”, criado por Jakobson anteriormente; Vazquez-Ayora (que cria o conceito de “efeito equivalente” e se baseia nos estilistas franceses J.P. Vinet e J. Darbelnet)³.

Em contraste com essa leva de teóricos, surge, na década de 1980, uma posição teórica inovadora que de denominou de “descritivista”, tendo como um de seus maiores expoentes e fundadores, Gideon Toury, autor de *Descriptive translation studies and beyond* (1984), assim como José Lambert, que em *Twenty years research on literary translation at the Katholieke Universiteit Leuven* (1988), fez um levantamento das traduções literárias na Bélgica. Deve-se, também, acrescentar o nome de Theo Hermans, autor de *Descriptive and systemic approaches explained* (1999). Na verdade, os “descritivistas” se valeram dos conceitos desconstrutivistas com relação a uma posição “não-dicotômica” entre o TLP e o TLC, isto é, sem aquela *oposição*, que fizeram os teóricos em épocas anteriores (Ver maiores detalhes, no item 5 desse Capítulo).

³ Cf. BARBOSA, 1990, p. 48-50

1.2 O PERÍODO ANTERIOR AO DESCRITIVISMO E À DESCONSTRUÇÃO: ALGUNS TEÓRICOS DE DESTAQUE

Entre os teóricos do período que antecede o Descritivismo, mencionados acima, pode-se dizer que J. C. Catford – para criar seus quatro modelos de tradução, a partir de 1965 – se apóia na teoria lingüística desenvolvida por M.A. K. Halliday, em sua *Gramática Funcional*, sofrendo, também, influência de J.R. Firth. Nessa época, Catford se empenha em discutir os conceitos de “equivalência” e “intraduzibilidade”⁴. Esperava-se no período do “prescritivismo”, ao qual pertencia Catford, que o tradutor buscasse essa “equivalência” entre as duas línguas – Caso não fosse encontrada, falava-se de um caso de “intraduzibilidade”. A tradução, na verdade, ainda estava muito presa à Lingüística, de que ainda se considerava uma parte integrante.

Os quatro modelos de John Catford parecem, na verdade, variantes do mesmo modelo, inicialmente criado. Assim, o primeiro modelo classifica a tradução em *plena* vs *parcial*, o segundo modelo é da tradução *total* vs *restrita*; o terceiro, da *tradução limitada* à ordem (o conceito de “ordens” e “planos” foi criado por Catford) vs *tradução ilimitada*, sendo o quarto modelo o da *tradução livre* vs. *a literal*. Na verdade os quatro são variações de uma mesmo modelo, buscando maior ou menor “fidelidade” para com o TLP⁵.

No período posterior, com o advento do Pós-Estruturalismo, no entanto, foi modificado o conceito de “equivalência” – no sentido de uma correspondência “total” entre o TLP e o TLC – por se saber que há inúmeros fatores que impedem que ela aconteça, nem se espera, por isso, que o tradutor a busque e que, como foi provado, todo texto está sujeito a ser “desconstruído”.

Sabe-se, hoje, no entanto, que o significado de algum termo – mesmo sendo um termo de conotação “internacional” (como “democracia”, por exemplo) dependeria do *contexto* em que estiver inserido e que cada texto é “tradução” de um outro texto, anteriormente produzido, como fala Octavio Paz: um fenômeno a que se chamou de “intertextualidade”.

Otávio Paz, no entanto, não acha que a tradução seja uma operação “impossível”, nem acredita numa “ciência da tradução”. Assim, no seu artigo *Translation: literature and letters*, ao examinar uma tradução de um poema de Vitor Hugo para o espanhol, conclui: *Translation is very difficult – no less difficult than writing so-called original texts – but it is*

⁴ Cf. CATFORD, 1964, p.7

⁵ Cf. BARBOSA, 1990.

not impossible (“A tradução é muito difícil – não menos que escrever os assim-chamados textos originais – mas não é impossível), uma vez que o *poet-translator* (tradutor-poeta) consegue “preservar” o sentido conotativo, na poesia, de que Georges Mounin discorda (PAZ apud SCHULTE; BIGUENET, 1992, p.156).

Mounin, diferente de Paz, fala que é possível traduzir os significados “denotativos” de um texto, [...] *but that the consensus is almost unanimous that the translation of connotative meanings is impossible* (“mas que é consenso geral que a tradução de significados conotativos é impossível”) (PAZ, 1992, p.155).

Por outro lado, Octavio Paz não acredita que possa haver uma “ciência da tradução” – uma criação que ele atribui aos lingüistas: *There is no such a thing – nor can there be – as a science of translation* (isto é, “Não existe uma tal coisa – nem pode haver – como uma ciência da tradução”), embora a tradução *possa e deva* ser estudada cientificamente (*although translation can and should be studied scientifically*). Na verdade, para Paz, a tradução é, antes de mais nada, uma “função especializada” da literatura: [...] *translation is a specialized function of literature* (p.157)

Assim, a partir de 1965, houve um grande progresso nos Estudos de Tradução. Começaram a aparecer “escolas” e cada uma delas colocava ênfase em *um dos aspectos* desse vasto campo de estudos. Conhecimentos de áreas afins também contribuíram para construir essa nova disciplina. Entre eles, pode-se citar os estudos de semiótica, de gramatologia e narratologia, de bi- e multi-lingüismo – ou ainda, sobre a “aquisição da linguagem” por parte da criança, etc. – como algumas das áreas de destaque. Todos esses conhecimentos podem ser utilizados nos Estudos de Tradução – diz Susan Bassnett (p.6), mas deve-se, ter em mente que esta nova disciplina tem uma aplicação *prática*. Por esse motivo, muitas Faculdades inserem os Estudos de Tradução no âmbito da Lingüística Aplicada.

O objetivo dos ET, segundo Lefevère, foi de “produzir uma teoria abrangente que também pudesse ser usada como diretriz para produzir traduções”. Com isso, Lefevère pretendia ligar a teoria da tradução à prática. (p.7). Em ET, não se pode, como em outras disciplinas, realizar essa separação.

1.2.1 Problemas de periodização

No período “prescritivista”, tentou-se dividir o que se escreveu sobre a tradução (teoria e prática) em períodos, oferecendo uma “história da tradução”. Como representante

desse período, George Steiner, autor de *After Babel* (a 1ª edição data de 1975), apresentou uma tal divisão, composta de quatro períodos (Ver abaixo).

Na verdade, Steiner, não sendo desconstrutivista, ainda se preocupava com a questão da “fidelidade”, ao contrário de Derrida. Por outro lado, essa tentativa de periodização para a tradução também foi criticada, posteriormente, pelo semiótico Lotman que achava que a cultura, sendo um processo dinâmico, não se poderia colocá-la em compartimentos “estanques”. Desta forma, essa divisão só tem interesse histórico.

Segundo Steiner, o *primeiro* período é o mais longo, pois vem desde as declarações de Cícero e Horácio sobre a tradução até a publicação de *Essay on the Principles of Translation*, da autoria de Alexander Fraser Tytler, em 1791, cuja obra seria um marco importante (o enfoque, nesse período, é “empírico”).

O segundo período iria de 1791 até a publicação de *Sous l'invocation de Saint Jérôme*, em 1946, da autoria de Paul Valéry (esse período é caracterizado pela busca hermenêutica em relação aos ET). Paul Valéry foi tradutor das *Éclogas*, de Virgílio, o que ele relata em seu artigo *Variations on the Eclogues*, de 1953 (VALÉRY apud SCHULTE; BIGURNET, 1992), quando fala das dificuldades que se apresentam ao se verter do latim para o idioma francês, em versos. O latim é um língua compacta – diz Valéry – sem artigos, cautelosa com os auxiliares, poupando as preposições. Consegue-se dizer as coisas, em latim, com menos palavras, e tem-se uma liberdade de arrumar as palavras – o que é negado ao idioma francês (p.113). Além disso, Valéry, que nasceu em um porto, era um cidadão que não tinha familiaridade com a vida bucólica de que tratam as *Éclogas*. Valéry, no entanto, explica como conseguiu traduzir as éclogas em versos alexandrinos, e mantendo muito da sua beleza original.

Os dois outros períodos – segundo Steiner – o *terceiro* período incluiria as primeiras publicações sobre tradução por máquinas, nos anos 1940, com a introdução da lingüística estrutural e da teoria da comunicação nos ET, enquanto o *quarto* período se inicia quando a disciplina Estudos de Tradução se estabelece como uma matéria interdisciplinar que inclui muitas outras (Bassnett, p.40).

Com o advento do Desconstrutivismo, no entanto, muda a visão no que se refere à “fidelidade” na tradução. Desta forma, Derrida cita Steiner e escreve que antes do Desconstrutivismo, as duas línguas, a *língua-fonte a língua-alvo*, eram encaradas de modo “antagônico” e a teoria de tradução se incumbiria de explicar esta “correlação privilegiada entre uma língua de partida e uma outra, de chegada”. Assim, o tradutor estaria incumbido de “transportar, *sem contaminar*, um texto de uma língua para outra” (Ottoni, 2005, p.51). No

entanto, com a desconstrução, as línguas não se posicionariam mais em pólos antagônicos e o que acontece é uma “fusão” de ambas. Assim, Ottoni escreve a respeito: “Na dimensão desconstrutivista, língua e tradução vão se *(con)fundir*, uma não sobrevive sem a outra; descartando a tensão que está pressuposta nas questões de Steiner, *como atingir a fidelidade?*” (Grifo nosso). Na dimensão desconstrutivista, o tradutor vai produzir significados, com “impurezas” – algo que não podia ser admitido entre os prescritivistas do período Estruturalista (p.51).

André Lefevère, o estudioso que primeiramente – como foi visto – sugeriu um nome para os Estudos de Tradução, ainda em 1976, se incumbiu de compilar documentos sobre a tradição, partindo de Lutero, passando por Gottsched e Goethe, chegando até Schlegel e Schleiermacher e, finalmente, até Rosenzweig. Suas observações eram classificadas por períodos marcantes, como Renascença ou Romantismo, período Pós-Romântico, ou Vitoriano, ou por séculos (a saber, séc. XVII, XVIII, XX). Assim, Lefevère conseguiu descrever o processo tradutório nesses períodos, e compilar as idéias expressas por alguns desses autores, a respeito da tradução.

Assim, constatou-se que Lutero, o primeiro dessa série, esteve engajado na tradução da Bíblia para o vernáculo alemão. Dos diversos dogmas estabelecidos pelos tradutores da Bíblia, no século XVI, verificou-se o que de maior importância para Lutero foi: *produzir* um estilo vernáculo acessível e, esteticamente, satisfatório. No entanto, Lutero sofre perseguição política por parte das autoridades. Na sua *Sendbrief vom Dolmetschen (Circular letter on translation)*, datada de 1530, Lutero lamenta a proibição da sua tradução do *Novo Testamento* pelo príncipe da sua região e que, tendo sua tradução sido roubada, estava, naquele momento, circulando livremente. Tratava-se do mesmo texto!. Assim, Lutero escreve na sua carta circular:

There has been much talk about the circulation of the New Testament and half of the Old. The enemies of truth pretend that the text has been changed or even falsified in many places. Therefore many simple Christians, including the learned who do not know Hebrew or Greek, are overcome by fear and terror. We are aware of the scribbler in Dresden who stole my New Testament. He admitted that my German is good and sweet and he realized that he could not do better, and yet he wanted to discredit it. So he took my New Testament as I wrote it, almost word for word, and he took my preface, my glosses, and my name away and wrote his name, his preface, and his glosses in their place. He is now selling my Testament under his name. Oh, dear children, how hurt I was when his prince, in a terrible preface, forbade the reading of Luther's New Testament but ordered the scribbler's New Testament read, which is exactly the same as the one Luther wrote – Tem-se falado muito sobre a circulação do *Novo Testamento* e metade do *Velho Testamento*. Os inimigos da verdade fingem que o texto foi mudado ou até falsificado em muitos lugares. Portanto, muitos Cristãos simples, inclusive os estudados que não conhecem o hebraico ou o grego, estão tomados de medo e de terror. Estamos conscientes sobre o escrivão em Drésden que roubou meu *Novo*

Testamento. Ele admitiu que o meu alemão é bom e suave e que ele entendeu que não podia fazer melhor, mas mesmo assim ele quis desacreditá-lo. Desta forma, ele pegou o meu Testamento, como eu o escrevera, quase palavra por palavra, retirou o meu prefácio, minhas glosas, e meu nome, e em seu lugar, escreveu o seu nome, o seu prefácio e as suas glosas. Oh, filhos queridos, como fiquei magoado quando o seu príncipe, num terrível prefácio, proibiu a leitura do *Novo Testamento* de Lutero, mas recomendou que fosse lido o *Novo Testamento* do escrivão, que é exatamente igual ao que Lutero tinha escrito. (LUTERO apud LEFEVÉRE, 1992a, p.16) (Tradução nossa).

Lutero, na verdade, nessa epístola, usa o termo *übersetzen* (traduzir) com o mesmo, sentido de *verdeutschen* (alemanizar) (p.16).

1.2.2 A “fidelidade” da tradução através dos séculos: De Etienne Dolet (séc. XVI) e Schleiermacher (Séc. XVIII), até o século XIX

Após o período clássico, admitiam-se dois tipos de tradução: a ‘*word for word*’ (palavra por palavra) e a *sense for sense* (sentido por sentido). Mas, depois do período pós-medieval, quando o enfoque foi a tradução da Bíblia, com o surgimento da imprensa, no século XV, o papel da tradução passa por muitas mudanças devido ao aumento do número das mesmas. Foram, então, feitas as primeiras tentativas de se formular uma teoria da tradução. Com as novas teorias de Copérnico, com as grandes navegações e com a descoberta do Novo Mundo, mudaram, substancialmente, os conceitos de *sociedade e cultura* e, com isso, também, começam a mudar os conceitos em relação à tradução.

No entanto, esses novos pontos de vista não conseguiram favorecer o humanista Etienne Dolet, (1509-46), um dos primeiros escritores a formular uma teoria da tradução, que se tornou vítima da censura eclesiástica, a Inquisição, tendo sido formulada a teoria da tradução foi o humanista francês, *Etienne Dolet* (1509-46) que foi julgado e executado, acusado de ter traduzido, de forma inadequada, um dos diálogos de Platão, tendo, assim, em dúvida a imortalidade da alma. No seu pequeno ensaio, *La manière de bien traduire d’une langue en autre*, ele estabeleceu cinco princípios para o tradutor. Entre eles, Dolet frisava a importância de se ter um perfeito conhecimento de ambas as línguas para se entender melhor o sentido e o significado do autor original; dever-se-ia, também, evitar a tradução *literal* e buscar palavras apropriadas para reproduzir o *tom* do texto da LP. Eis o que se lê a respeito de Etienne Dolet na *Grande Encyclopédie Larousse Cultural*:

DOLET (Étienne), impressor e humanista francês (Orléans 1509 – Paris 1546). Erigido como mártir do humanismo, demonstrou durante toda a sua vida uma rara liberdade de espírito. Em sua tipografia de Lyon publicou obras eruditas (*Commentarii linguae latinae*, 1536-1538), almanaques e sátiras. A publicação do *Cato christianus* (1538) valeu-lhe uma acusação de heresia e ateísmo e o levou à prisão; preso mais uma vez em 1544, foi condenado à morte, enforcado e queimado (LAROUSSE CULTURAL, 1988, p.1985).

Os pontos de vista de Dolet foram reiterados por George Chapman, tradutor de Homero (1559-1634) – algumas décadas depois, na Inglaterra: *His translation of Homer remained the standard English translation for two centuries* – “Sua tradução de Homero permaneceu como sendo a tradução inglesa padrão, por dois séculos” – diz Lefevère (1992^a, p.62). Na sua *Epistle to the Reader*, anexa à sua tradução da *Ilíada*, Chapman cita os cinco princípios de Dolet, entre eles, que o tradutor deve *evitar a tradução literal* e tentar alcançar o “espírito” ou “tom” do original⁶.

No século XVI, tem-se, ainda, Edmond Cary, que considerou a tradução como um “assunto de Estado e uma questão de Religião”, enquanto no século XVII, com a criação do *método indutivo* de raciocínio por Descartes, destaca-se a figura de John Denham que adverte contra a “tradução literal” na poesia, pois esta possuiria um espírito sutil que o tradutor deveria saber captar. Assim, no prefácio à *Segunda Eneida*, Denham escreveu: *Poetry is of so subtile a spirit, that, in pouring out of one language into another, it will all evaporate; and if a new spirit be not added in the transfusion, there will remain nothing but a caput mortuum* (“A poesia é de um espírito tão sutil que, ao vertê-lo de uma língua para outra, esse espírito irá evaporar; e se não for adicionado outro espírito na transfusão, não restará mais nada, além de uma cabeça morta⁷”).

No mesmo século XVII, tem-se a figura de John Dryden (1631-1700), poeta inglês, dramaturgo e tradutor. Dryden, que recomenda a “paráfrase” como melhor caminho para se realizar uma tradução, acima da metáfrase (tradução palavra por palavra ou “literal”) e da imitação (uma espécie de paródia). A esse respeito, o próprio Dryden escreve no seu artigo *On Translation*, ao falar da tradução poética:

⁶ Cf., p.62-63.

⁷ DENHAM apud LEFEVÈRE, 1992^a, p.104 (Tradução nossa).

All translation, I suppose, may be reduced to these three heads. First, that of metaphrase, or turning an author word by word, and line by line, from one language into another. Thus, or near this manner, was Horace his **Art of Poetry** translated by Ben Johnson. The second way is that of paraphrase, or translation with latitude, where the author is kept in view by the translator, so as never to be lost, but his works are not so strictly followed as his sense; and that too is admitted to be amplified, but not altered. Such is Mr. Waller's translation of Virgil's Fourth Aeneid. The third way is that of imitation, where the translator (if now he has not lost that name) assumes the liberty, not only to vary from the words and sense, but to forsake them both as he sees occasion; and taking only some general hints from the original, to run division on the groundwork, as he pleases. Such is Mr. Cowley's practice in turning two Odes of Pindar, and one of Horace, into English. Toda tradução, eu suponho, pode ser reduzida a três títulos. Em **primeiro lugar**, o da metáfrase, ou quando um autor verte palavra por palavra, linha por linha, de uma língua para outra. Desta forma, ou de modo semelhante a esta, foi traduzida a **Arte da Poesia** de Horácio, por Bem Johnson. A **segunda maneira** é a da paráfrase, ou tradução com latitude, em que o autor é mantido à vista pelo tradutor, para nunca se perder dele, mas suas palavras não são tão rigorosamente seguidas, no seu sentido; e, também, se permite a esse de ser ampliado, mas não alterado. Tal é a tradução do Sr. Waller da Quarta Eneida de Virgílio. A **terceira** maneira é a da imitação, em que o tradutor (se agora ele ainda não perdeu esse nome) assume a liberdade, não apenas de fazer variar as palavras e o sentido, mas de abandonar a ambos, quando ele achar necessário; e tomando apenas algumas sugestões do original, modificá-lo como lhe aprouver. Tal é a prática do Sr. Cowley ao verter as duas Odes de Pindaro e uma de Horácio, para o inglês"). (DRYDEN apud SCHULTE; BIGUENET, 1992, p.17). (Tradução e grifos nossos)

Essa classificação de Dryden caracteriza uma época em que os escritores que traduziam obras literárias em outros idiomas se debatiam sobre a questão da maior "fidelidade", ou não, ao TLP, buscando uma solução a esse problema, enquanto recomendavam, por outro lado, evitar o uso da "tradução literal".

Já no século XVIII, foram publicados muitos trabalhos sobre a teoria de tradução, envolvendo várias línguas européias, nos quais se permitia que o tradutor desenvolvesse o "próprio estilo". Na Inglaterra, por exemplo, a primeira obra teórica sobre a tradução foi o *Essay on the principles of translation*, de Alexander Tytler (1791), no qual ele expressa a opinião que o "trabalho original" (*original work*) deve ser "completamente transfundido" para a outra língua. Assim, lê-se: *I would, therefore, describe a good translation to be that in which the merit of the original work is completely transfused into another language* ("Eu, portanto, descreveria uma boa tradução ser aquela em que o mérito do original está completamente transfundido na outra língua") (TYTLER, apud Lefevère, 1992^a, p.128). Para tanto, continua Tytler, é preciso que o tradutor tenha um "conhecimento perfeito" (*that he should have a perfect knowledghe*) da língua do "original", assim como do assunto a ser traduzido. Tytler também considera que o tradutor pode ter a liberdade de tanto eliminar algum detalhe que seja, apenas, acessório, assim como "corrigir" alguma passagem do

original, substituindo, na tradução, alguma expressão que não lhe pareça adequada. Assim, escreve Tytler:

Analogous to this liberty of adding to or retrenching form the ideas of the original, is the liberty which a translator may take of correcting what appears to be a careless or accurate expression of the original, where that inaccuracy seems materially to affect the sense (“De forma análoga, com relação a essa liberdade de acrescentar ou de cortar as idéias do original, há a liberdade que o tradutor pode assumir de corrigir o que lhe parecer ser uma expressão descuidada ou inadequada do original, em que a inexatidão pareça afetar o sentido, essencialmente”) (TYTLER apud Lefevère, 1992^a, p.129). (Tradução nossa).

O tradutor também deve conservar, na tradução, o estilo e a maneira de escrever do “original”. Tytler também dedica uma boa parte do seu ensaio aos problemas da tradução poética, e chega a afirmar que *none but a poet can translate a poet* ” (“ninguém, a não ser um poeta pode traduzir um poeta”) (p.132).

Nesse mesmo século, surge o maior representante do Romantismo alemão, Wolfgang Goethe (1749-1832), que também escreve sobre o tema, prestigiando a “superfidelidade”. Assim, Goethe escreve:

There are three kinds of translation: The **first** acquaints us with the foreign country on our own terms; a plain prose translation is best for this purpose.[...] much would have been gained, for instance, if the *Nibelungen* had been set in good, solid prose at the outset, and labeled as popular literature [...] The **second** epoch follows, in which the translator endeavors to transport himself into the foreign situation but actually only appropriates the foreign idea and represents it as his own. I would like to call such an epoch “parodistic”. The French make use of this style in the translation of all poetic works:[...] Because we cannot linger very long in either a perfect or an imperfect state but must, after all, undergo one transformation after another, we experienced the **third** epoch of translation which is the final and **highest** of the three. In such periods, the goal of the translation is to achieve **perfect identity with the original**, so that the one does not exist instead of the other but in the other’s place. (Há três tipos de tradução. O *primeiro* faz-nos conhecer o país estrangeiro usando nossa própria linguagem; uma simples prosa é apropriada para essa finalidade [...] muito seria ganho, por exemplo, se o *Nibelungen* fosse expressos em boa e sólida prosa, desde o início, e rotulado como literatura popular [...]. Segue-se o *segundo* período, no qual o tradutor se esforça em transportar-se para dentro da situação estrangeira, mas apenas se apropria da idéia, representando-a como a sua própria. Gostaria de chamar a esse período de ‘parodístico’. Os franceses fazem uso desse estilo, na tradução de todas as obras poéticas [...]. Nós, como não podemos mergulhar prolongadamente, quer nem um estado perfeito, ou imperfeito, mas devemos, mesmo assim, passar por uma transformação, após a outra, experimentamos o *terceiro* período de tradução que é o final e o *mais elevado* dos três. Em tais períodos, a meta consiste em alcançar *a perfeita identidade com o original*, de tal forma que um não existe em vez do outro, mas no lugar do outro”). (GOETHE apud SCHULTE; BIGUENET, 1992, p.60)

É ainda no século XVIII, no entanto, que – ao lado do conceito da “superfidelidade” (*superfidelity*) na tradução – aparece, no extremo oposto, o conceito de “frouxidão” (*looseness*) – no sentido de conceder uma maior permissividade ou “liberdade” a essa – conceito esse que tem ligação com os tempos mais modernos que se seguiram.

É na época Pós-Romântica que surge a figura marcante de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), teólogo e filósofo alemão, cuja opinião sobre “as duas maneiras de traduzir” contribuiu para o surgimento de estudos posteriores, realizados no século XX pelo estudioso em tradução, Lawrence Venuti (Ver adiante). Em seu tratado *Methoden des Uebersetzens*, apresentado numa conferência em 24 de junho de 1813, realizada na Academia Real de Berlim, Schleiermacher sublinha que, dentro de uma mesma língua, existe o fenômeno de “línguas diferentes” – Schleiermacher devia estar se referindo às variações dialetais e às diacrônicas: *For the different tribal dialects of one nation and the different developments of the same language or dialect in different centuries are, in the strict sense of the word, different languages, which frequently require a complete translation.* (“Pois os diferentes dialetos tribais de uma nação e os diversos desenvolvimentos na mesma língua ou dialeto, em séculos diferentes, são, no sentido estrito da palavra, línguas diferentes que, frequentemente, requerem uma completa tradução”) (SCHLEIERMACHER apud SCHULTE; BIGUENET, 1992, p.36). (Tradução e grifos nossos).

Assim, Schleiermacher admite que, às vezes, precisamos traduzir até “nossas próprias palavras” (*Occasionally we must translate our own words*) (p.37). Nesse sentido, Schleiermacher seria um verdadeiro precursor do conceito – criado por Jakobson – da tradução “intra lingual” e, de certo modo, do que afirmou Derrida de que havia, dentro de uma mesma língua, “várias línguas” – portanto, pergunta-se: a qual dessas línguas o tradutor teria que ser “fiel”?.

Na época, Schleiermacher distingue a atividade da tradução escrita (*translating*) da tradução oral (*interpreting*). Assim, lê-se: *The activity of translating is radically different from mere interpreting* (Schleiermacher, p.38).

Para a tradução escrita, o filósofo alemão afirma existirem duas maneiras: a paráfrase e a imitação. Com isso, diz Schleiermacher: *Paraphrase seeks to overcome the irrationality of languages, but only in the mechanical way* (“A paráfrase procura superar a irracionalidade das línguas, mas apenas de uma maneira mecânica”). Mais adiante, lê-se: *Imitation, on the other hand, submits to the irrationality of languages.* (“A imitação, por sua vez, submete-se à irracionalidade das línguas”). (Schleiermacher, p.40) (Tradução nossa).

Não podendo haver uma réplica perfeita de uma obra de arte verbal, nada mais restaria ao tradutor que imitá-la. Assim, sendo, a paráfrase teria melhor aplicação no campo da ciência, enquanto a imitação teria melhor aplicação no campo das artes (*Paraphrase is applied more in the field of scholarship, imitation more in that of the arts; [...]*). (Schleiermacher, p.41).

Mas o legado mais importante de Schleiermacher, para a época atual, foi a resposta que ele deu, ao ser indagado por alguém na platéia, sobre qual a “melhor maneira de se traduzir?”. Nessa Conferência, realizada em 24 de junho de 1813, como foi mencionado acima, em que Schleiermacher apresentava o seu ensaio *Methoden des Uebersetzens* (*Métodos de tradução*), o autor teria dito:

But now the true translator who really wants to bring together these two entirely separate persons, **his author and his reader**, and to assist the latter in obtaining the most correct and complete understanding and enjoyment possible of the former without, however, forcing him out of the sphere of his mother tongue – what paths are open to the translator for that purpose? In my opinion, **there are only two**. Either the translator leaves the writer alone as much as possible **and moves the reader toward the writer**, or he leaves the reader alone as much as possible **and moves the writer toward the reader** (“Mas agora o verdadeiro tradutor que, realmente, quer juntar essas pessoas, totalmente diferentes, seu autor e seu leitor, e assistir o último em obter a compreensão e usufruto mais correto e mais completo possível do primeiro, sem, no entanto, forçá-lo fora da esfera da sua língua-mãe – que caminhos estão abertos para o tradutor, para esse propósito? Na minha opinião, **há apenas dois**. Ou o tradutor deixa o escritor em paz, na medida do possível, e **conduz o leitor na direção do escritor**, ou ele deixa o leitor em paz, na medida do possível, e **desloca o escritor na direção do leitor**”) (p.41-2) (Tradução e grifos nossos).

Diante da questão levantada por muitos tradutores: *What to do? Why and how do I translate?* (O que fazer? Por que e como devo traduzir?) – o ítalo-americano Lawrence Venuti, tradutor e teórico de tradução do século XX, no seu livro *Translator invisibility* cita Schleiermacher e examina o exercício de “escolha” com que se depara um tradutor, que já tendo havido muitas “formulações” passadas e presentes, estaria qualificando, dentre elas, a proposta do filósofo alemão, como a “mais decisiva” (Venuti, 1995, p.19-20).

Na verdade, Venuti veio, posteriormente, a ampliar essa afirmação de Schleiermacher, criando o conceito de *foreignized translation* (tradução estrangeirizada) para aquela tradução em que o tradutor tenta aproximá-la do autor, isto é, do TLP, e o conceito de *domesticated translation* (tradução domesticada), para aquela em que o caminho é o inverso. No seu livro *Translator's invisibility* (1995), Venuti faz um levantamento das traduções de obras literárias estrangeiras para o idioma inglês, chegando à conclusão de que a tradição

americana prestigia, na realidade, a tradução “domesticada” – o que se pode constatar, quando se realiza um “cotejo” dessas traduções.

Essa questão, levantada por Schleiermacher, também encontra eco entre os teóricos franceses, que criaram termos tais como: *sourciers* (de *source* – “fonte”) para identificar os tradutores que se preocupavam, mais com a LP, ou “língua-fonte”; em oposição aos *cibilistes* (de *cible*, “alvo”), aqueles tradutores que estivessem mais interessados nos efeitos que a sua tradução produziria sobre o leitor da “língua-alvo”, ou LC⁸.

A “tradução domesticada”, que pode chegar às vezes às raias de uma “paródia” – como foi o caso da tradução americana de uma obra do escritor italiano Guareschi, realizada num período que se segue à Segunda Guerra Mundial, tendo o título de *Don Camilo and his Flock*, em que houve até mesmo alteração do conteúdo, quanto ao caráter dos personagens, para favorecer à ideologia americana do Macartismo – um fato exposto por Venuti no “Seminário Internacional de Tradução”, realizado em 1993, na Universidade Federal da Bahia. Essa atitude atestaria um verdadeiro “imperialismo cultural” contra o qual também se manifesta Tejaswini Niranjana, no seu artigo *Siting Translation* (2001). Ao examinar traduções de textos em idiomas indianos, realizados por tradutores ingleses, Niranjana chega à conclusão de que a “domesticação” – realizada por esses tradutores – faz o papel de uma arma “etnocêntrica”, usada pelo colonialismo inglês no sentido de submeter a cultura de países periféricos ao “Centro”.

No século que se segue, isto é, no século XIX, houve, concomitantemente, várias tendências, às vezes opostas. Na Inglaterra, nessa época, por exemplo, ainda predominava a tradição “anglo-saxã anti-teórica”, que enfatizava a relação *servant-translator* entre o tradutor e o Texto de Partida, o que foi considerado um acontecimento infeliz para o surgimento dos Estudos de Tradução, segundo Bassnett. No entanto, essa tradição “anglo-saxã” começou a entrar em contraste com outros trabalhos teóricos realizados no século XIX, em outros países do continente europeu, até o final daquele século.

Embora concordasse com Schleiermacher em vários pontos, Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), poeta inglês, fala, em 1861, do *self denial*, isto é, da auto-negação (ou da “auto-anulação”), experimentada pelo tradutor, que necessitava reprimir seus “impulsos criativos”, com o que Rossetti postulava subserviência à linguagem do TLP.

Assim, Rossetti, tradutor de poemas italianos para o inglês, em *Dante and his circle*, escreve: *The task of the translator (and with all humility be it spoken) is one of some*

⁸ Cf. LADMIRAL, 1972

self-denial (“A tarefa do tradutor (e que isso seja dito com toda a humildade) é aquela da auto-negação”⁹ (ROSSETTI apud LEFEVÈRE, 1992^a, p.67). Assim, Rossetti compara a tarefa do tradutor, com o caminho seguido por Aladim, que não se deixou seduzir no seu caminho pelas preciosas frutas e flores, e vai em busca da sua lâmpada: *His path is like that of Aladdin through the enchanted vault; many are the precious fruits and flowers which he must pass by unheeded in search of the lamp alone* (ROSSETTI apud LEFEVÈRE, 1992^a, p.68).

O que se esperava, portanto, é que o tradutor fosse “o mais fiel possível” – um anseio, como já foi, mencionado, veio a modificar-se, com o advento das teorias pós-estruturalistas, no final do século XX. Assim, ao se referir à sua tradução da poesia italiana para o inglês, Rossetti expõe seus pontos de vista no “Prefácio” a *The early Italian poets* (1861), em que defende a modernização da língua e explica que “literalidade” não é o mesmo que “fidelidade”. Assim, Rossetti escreve:

The life-blood of rhythmical translation is this commandment: that a good poem shall not be turned into a **bad one**. The only true motive for putting poetry into a fresh language must be to endow a fresh nation, as far as possible, with one more possession of beauty. Poetry not being an exact science, literality of rendering is altogether secondary to this chief law. I say ‘literality’, not fidelity, which is by no means the same thing. When literality can be combined with what is thus the primary condition of success, the translator is fortunate, and must strive his utmost to unite them; when such object can only be attained by paraphrase, that is the only path (“O sangue vital da tradução rítmica segue o seguinte mandamento: que um bom poema não seja transformado em **um poema ruim**. O único motivo verdadeiro para se colocar a poesia em uma nova língua deve ser o de poder dotar uma nova nação, na medida do possível, com a possibilidade de vir a possuir mais uma bela obra. Não sendo a poesia uma ciência exata, a literalidade na transmissão fica sendo, de todo, secundária, no que diz respeito a essa lei principal. Eu digo ‘literalidade’, e não fidelidade, o que, de modo algum vem a ser a mesma coisa. Quando a literalidade puder ser combinada com aquilo que é, assim, a primeira condição de sucesso, o tradutor será afortunado, e deverá lutar o máximo para uni-las; quando um tal objeto só puder ser alcançado pela paráfrase, esse é o único caminho”) (ROSSETTI apud SCHULTE; BIGUENET, 1992, p.64). (Tradução e grifos nossos).

Assim, procurava-se a “literalidade”, mas, quando essa não era possível, era permitido se recorrer à “paráfrase” que não afetaria, obrigatoriamente, a “fidelidade” – como diz Rossetti – mantendo-se em vista que as qualidades estéticas da tradução poética fossem conservadas.

Apesar dessa afirmação de Rossetti, já havia, no outro extremo, alguns autores que vinham se sentindo à vontade para poder tomar *certas liberdades*, ao fazer suas traduções, como é o caso de Edward Fitzgerald (1851). Ao se referir à sua tradução da poesia persa,

⁹ Tradução nossa.

como o poema épico *Rubaiyat*, de Omar Khayyam (1859) – como não considerava os autores desses poemas persas, que traduzira, como poetas de verdade – confessou, em uma carta de 20 de março de 1857, dirigida a seu amigo E.B. Cowell, permitir-se um pouco “de arte”, na remodelação dos mesmos, a saber: *It is an amusement for me to take what Liberties I like with these Persians, who (as I think) are not Poets enough to frighten one from such excursions, and who really do want a little Art to shape them* (“Eu me divirto ao tomar as liberdades que queira com esses persas, os quais como penso) não são Poetas o bastante a ponto de atemorizar alguém de fazer tais incursões e que, realmente, precisam de um pouco de Arte para modelá-los”) (Lefevère, 1992b, p. 8).

Assim fazendo, Fitzgerald estaria, na verdade, privilegiando a cultura por ele considerada como hegemônica. Isto mostra que “tais liberdades” eram permitidas, quando a cultura do TLP era considerada *inferior* à do TL, o que atesta o crescimento do *imperialismo cultural*, na época.

Nessa severa época “Vitoriana” – que se seguiu ao período Pós-Romântico – em lugar de uma mera “subserviência ao TLP – surge um verdadeiro “paradoxo”: de um lado, haveria um imenso respeito ao TLP, mas por outro lado, *cabia ao tradutor* decidir sobre a necessidade de manter, ou não, a *fidelidade* ao texto-fonte, a depender do seu julgamento do *valor* da obra. Nesse caso, se o tradutor visse grande “valor “ na obra traduzida, ater-se-ia ao TLP, não fazendo nenhuma concessão para com o gosto do *leitor comum*, de forma que apenas o círculo de leitores *intelectuais* – uma parcela muito pequena da população – seria capaz de entender uma tal tradução.

O período vitoriano é um período do surgimento do “nacionalismo”, na Inglaterra, quando se abandona o conceito “elitista” de cultura. Nesse período tem-se a figura do ensaísta, historiador e pensador escocês Thomas Carlyle (1795-1881) que traduziu os clássicos alemães, declarando, no seu ensaio *The state of German literature* (1827) que os alemães deveriam ser imitados por traduzirem um grande volume de obras literárias e procurarem reproduzir a cultura de outras nações. Assim, no ensaio mencionado acima, Carlyle escreveu: *The Germans study foreign nations in a spirit which deserves to be oftener be imitated* (“Os alemães estudam as nações estrangeiras em um espírito que merece ser imitado, com mais freqüência”), pois os tradutores alemães procuravam manter a beleza do original estrangeiro. (CARLYLE apud LEFEVÈRE, 1992^a, p.58).

A outra figura proeminente desse período é Mathew Arnold (1822-1865) que traduziu Homero e relatou sua experiência em *On translating Homer* (1861). Arnold diz que alguns críticos da época eram de opinião que o leitor deveria ler uma tradução – se possível,

com a sensação de que estaria lendo o original, esquecendo que se trata de uma tradução. (*the reader should, if possible, forget that it is a translation at all*), tendo a ilusão de que estivesse lendo o original. Por outro lado, havia críticos, como um certo Mr. Newman, que achavam que o tradutor deveria conservar toda e qualquer peculiaridade do original, para que o leitor nunca se esquecesse de que o tradutor estava “imitando o original”, usando um material diferente (*so that it may never be forgotten that he is imitating, and imitating in a different material*). No entanto, comenta Arnold, parece que ambos os lados insistem que a principal tarefa do tradutor é “ser fiel” (*translator’s first duty is to be faithful*) (ARNOLD apud LEFEVÈRE, 1992^a, p.68).

O poeta inglês Henry Wadsworth Longfellow (1807-81), que relega o tradutor à posição de mero “técnico”, desenvolve, posteriormente, a liberdade da forma que adotou na sua tradução da *Divina Commedia* de Dante Aleghieri. Segundo William De Sua, em *Dante into English* (1964), Longfellow teria declarado que escrevera em *verso branco*, pois assim poderia melhor transmitir o conteúdo para o leitor inglês: *The only merit my book has is that it is exactly what Dante says, and not what the translator imagines he might have said if he had been an Englishman* (“O único mérito que meu livro possui é que ele se atém, exatamente, ao que Dante fala, e não ao que o tradutor imagina que ele poderia ter dito, caso ele fosse inglês¹⁰.”) (LONGFELLOW apud De Sua, W., 1964, p.65).

Edward Fitzgerald (1809-63), que traduzira o poema épico *Rubaiyat* de Omar Khayyam, em 1858 – como foi mencionado acima – opõe-se à visão de Longfellow, de se causar o “mesmo impacto” sobre o leitor do TLC, pois se manifesta a favor de que o tradutor insufla *vida* à tradução, quando necessário. Essa posição é expressa, na sua famosa observação, de que: [...].*it were better to have a live sparrow than a stuffed eagle* (“Melhor seria, ter um pardal vivo que uma águia empalhada¹¹”).

Estas duas posições opostas, já existentes no século XIX, foram responsáveis pela *ambigüidade* que se herdou em relação à tradução, ainda no século XX. Assim, pensava-se, por um lado, se a tradução era uma ocupação *servil*, ela não merecia ter *suas técnicas* analisadas. Por outro lado, se a tradução era considerada como uma atividade “pragmática”, realizada por um indivíduo que se incumbia de *up-grade* o TLP, ela tinha de estar sujeita ao sistema hierárquico.

1.2.3 Teorias mais recentes: séculos XX e XXI

¹⁰ Tradução e grifos nossos.

¹¹ FITZGERALD, carta de 20 de março de 1857, apud BASSNETT, p.70. Tradução nossa.

Na primeira metade do século XX – como já foi mencionado anteriormente – destaca-se a importância do *Círculo Lingüístico de Moscou*, em que se forjaram os *formalistas russos*, na década de vinte (1920). Também o *Círculo Lingüístico de Praga* é digno de ser lembrado, pois para lá migraram muitos dos lingüistas, dentre eles, Trubetzkoy e Jakobson. Com o surgimento do Estruturalismo, e outros ramos do saber, como a Nova Crítica e a Teoria da Comunicação, houve um maior impulso para os Estudos de Tradução, que ficaram vinculados, inicialmente, à Lingüística. (Como exemplo disso, pode-se citar o famoso artigo *On linguistic aspects of translation*, de autoria de Roman Jakobson).

Destacam-se como grandes teóricos da tradução da primeira metade do século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin, com seu ensaio “A tarefa do tradutor” (*Die aufgabe des übersetzters*), 1923, e Ortega y Gasset, autor de *La miseria y el esplendor de la traducción*¹². (Este último chegou a afirmar que a tradução seria uma operação “impossível”¹³). Desta forma, nessa primeira metade do século passado, os teóricos, tanto Ortega y Gasset, como Benjamin, se debatiam diante de questões, como: se a tradução era uma operação possível ou impossível, isto é, discutiam a traduzibilidade ou a intraduzibilidade dos textos, em geral.

Na verdade, Walter Benjamin, com seu artigo, “A tarefa do tradutor”, pode ser considerado um precursor, pois introduz o conceito de “significância”, que, posteriormente, seria usado pela teoria do polissistema, assim como antecipa, de certa forma, os preceitos dos desconstrutivistas. “A tarefa do tradutor” pode ser considerada, portanto, como um texto fundamental na “hermenêutica da tradução”. Benjamin, nessa obra, muda a forma de se teorizar sobre a tradução, reformulando tais concepções, como “original” e “fidelidade”¹⁴. A respeito do problema da “traduzibilidade”, o próprio Benjamin escreve:

Tradução é uma forma. Apreendê-la assim exige retornar ao original. Pois nele a lei da sua tradução permanece encoberta enquanto traduzibilidade do original. A questão da traduzibilidade de uma obra tem um duplo sentido. Pode significar: acaso na totalidade de seus leitores, tal obra não encontrará, em algum momento, tradutor adequado? Ou, e mais precisamente: talvez por sua própria essência, a obra permita e, em conseqüência – segundo o significado dessa forma –, talvez exija tradução?. (1992, p.90).

Para Susana Kampff Lages, pesquisadora de tradução, lê-se: “Walter Benjamin sintetiza, no ensaio “A tarefa do tradutor”, algumas das principais *aporias* que se encontram

¹² Obras Completas, Tomo V (1933- 1941), Madrid, p. 429-48

¹³ Cf. ORTEGA y GASSET apud SCHULTE; BIGUENET, 1992, p 93

¹⁴ Cf. ROMANELLI, 2003, p.25

nas reflexões tradicionais sobre tradução, ao mesmo tempo em que assinala uma reversão, ou mais precisamente, um deslocamento ou problematização dos termos com que tradicionalmente são vistos conceitos dicotômicos como o da fidelidade/liberdade, literalidade/figuratividade, texto original/texto traduzido.” (Lages, 1998, p. 63).

Posteriormente, muitos teóricos da tradução têm se referido ao texto de Walter Benjamin, valorizando-o como um marco importante nos Estudos de Tradução, a saber: Derrida comentou que era preciso criar um “fundamento” para o texto benjaminiano, que seria o do “mito babélico”. Paul de Man, por sua vez, revela que existe, sobretudo, no texto benjaminiano, a atuação de um movimento básico que seria “o movimento de separação”. No Brasil, Haroldo de Campos procurou definir a poética da tradução benjaminiana como uma

[...] estratégia da apropriação e transformação não servil, situando-a em relação a diferentes reflexões teóricas (o estruturalismo, jakobsonianismo, a semiótica peircena, a desconstrução derridiana) e diferentes práticas poéticas (a poesia ideogrâmica de Pound, a escritura mallarmaica, a antropofagia modernista). (Lages, 1998, p. 63-64).

Na segunda metade do século XX, surge uma nova onda de estudiosos da Tradução, como George Steiner, autor de *After Babel* (1955) e Georges Mounin, com *Les belles infidèles* (1955) e *Les problèmes théoriques de la traduction* (1963), Eugene Nida, tradutor e adaptador da Bíblia, os estilistas canadenses Vinay e Darbelnet, observando a tradução do inglês para o francês, criam vários procedimentos para a tradução “literal” e a “oblíqua”; Meschonnic que trata de problemas da tradução poética, entre outros teóricos notáveis.

Em *Les belles infidèles*, Mounin compara as belas traduções às belas mulheres, belas, porém infiéis, após ter feito um levantamento de traduções desse tipo, realizadas em continente europeu. Em *Problemas teóricos da tradução*, Mounin institui o importante princípio de que tradução e cultura estariam interligados. Em *Problemas teóricos da tradução* (1963), o teórico francês afirma que, para ser tradutor, não basta ser “bilíngüe”, é preciso também ser “bicultural”, pois a dificuldade estaria em se traduzir culturas e visões de mundo diferentes: será que esses mundos heterogêneos podem compreender-se, isto é, traduzir-se? – perguntaria Mounin¹⁵.

¹⁵ Cf. MOUNIN, 1975, p. 63

Mounin afirma que a existência de obstáculos na tradução se deve à vontade de querer exprimir, em várias línguas, o “mesmo mundo”, quando se trata, na verdade, de “mundos diferentes” e que cada civilização seria “impenetrável” para as demais. Assim, lê-se:

Admite-se hoje em dia que existem “culturas” (ou “civilizações”), profundamente diferentes que constituem, não outras tantas “visões do mundo” diferentes, mas outros “mundos” reais diferentes. E propôs-se a questão de saber se esses mundos profundamente heterogêneos se compreendem ou podem compreender-se (vale dizer, também traduzir-se). (MOUNIN, 1975, p. 63-64).

Assim, no livro acima mencionado, Mounin dá vários exemplos da dificuldade de traduzir, em virtude de variações, nessas diversas culturas, no momento atual, como através dos tempos. Assim, Mounin fala das cinquenta palavras em francês para designar diversos tipos de pão, todos esses termos correspondendo a “objetos” diferentes (p.69).

Outro teórico de destaque, Eugène Nida, tradutor e adaptador da Bíblia, autor de *Towards a science of translating. With special reference to principles and procedures involved in Bible translating* (1964), cria a noção de “equivalência dinâmica”, sugerindo que aquilo que não pode ser traduzido deve ser “adaptado”. Em *The theory and practice of translation*, Nida escreve: *The extent to which the forms must be changed in order to reserve the meaning will depend upon the linguistic and cultural distance between languages* – “A extensão, até onde as formas devem ser alteradas, a fim de se preservar o seu significado, irá depender da lingüística, assim como da distância cultural entre as línguas¹⁶”

Assim, quanto maior a similaridade entre as línguas, menos mudanças formais (*formal change*) e, vice-versa. Conclui-se, assim, dessa afirmação que “Se, no entanto, alguém tiver que traduzir do inglês para o *hindi*, as mudanças formais serão maiores do que numa tradução do inglês para o húngaro¹⁷” – *If, however, one has to translate from English into Hindi, the formal changes are greater than from English to Hungarian [...]*. Isto se deve ao fato de Nida ter se especializado em traduzir a Bíblia como parte do seu trabalho de missionário. Nesta tarefa, ele se deparou com muitas dificuldades, tais como o fato de não haver correspondência, na LC, para vários itens de uma realidade diferente daquela do tradutor, tais como vários nomes para o aspecto ou consistência da neve, onde não havia neve, ou vários tipos do caminhar de um camelo, onde este animal era pouco conhecido.

Alguns estudiosos se especializaram em problemas de ordem lingüística ou cultural que surgiam na tradução de algumas línguas específicas. Assim, os teóricos

¹⁶ NIDA; TABER, 1982, p.5. Tradução nossa.

¹⁷ Tradução nossa.

canadenses J.P.Vinay e J.Darbelnet analisaram as questões relevantes da tradução do idioma francês para o inglês e vice-versa; já Mary Snell-Horby examinou problemas encontrados na tradução do inglês para o alemão e vice-versa; enquanto Mona Baker abordou questões de tradução do idioma árabe para o inglês, e vice-versa; e Antoine Berman lidou com traduções diversas de autores alemães para o francês. Tais estudos têm sido enquadrados dentro dos Estudos de Estilística Comparada ou de Análise Contrastiva.

J.P. Vinay e J. Darbelnet apresentam em *Stylistique Comparée du français et de l'anglais – méthode de traduction* (1972) vários “procedimentos de tradução”, uns a serem usados na tradução “literal” ou “direta”, outros, na “oblíqua” ou indireta (esta classificação para a tradução tem a ver com a tensão entre conteúdo e forma). Os procedimentos técnicos da tradução “oblíqua”, ou “indireta”, apresentados por esses autores, seriam: a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão, a explicitação, a compensação, as melhorias, e a transferência¹⁸. Enquanto para a tradução “literal” ou “direta”, ter-se-ia o “decalque” e o “empréstimo” (p.47).

A obra dos dois autores canadenses que tem como subtítulo “Método de tradução”, como já se havia de esperar, está repleta de “recomendações” sobre como traduzir figuras de linguagem, sobre leis da sintaxe e ordem das palavras. Em suma, o que se pode ser feito, na tradução do francês para o inglês, ou não, tendo, portanto, uma abordagem estruturalista, revelando os segredos gramaticais, semânticos e estilísticos dessas duas línguas. Como exemplo de uma dessas recomendações, Vinay e Darbelnet recomendam usar a tradução “literal”, sempre que possível (por exemplo, a tradução de *Paul kicked the ball* para o francês), recorrendo à “oblíqua”, toda vez que usar a “literal” não for possível (por exemplo *Paul kicked the bucket*¹⁹).

Para elaborar os seus “procedimentos”, baseados no Estruturalismo, ambos teóricos teriam procurado subsídios na lingüística saussuriana, de um lado – já que trabalham com conceitos tais como “signo lingüístico”, “significado” e “significante”, “valor” e “significação” – e na estilística de Charles Bally, por outro.

No Brasil, foi Heloísa Gonçalves Barbosa – citada acima – que, em *Procedimentos técnicos da tradução – uma nova proposta* (1990), faz uma retrospectiva de vários “modelos de tradução”. Além do modelo sugerido por Vinay e Darbelnet, são, também, por ela examinados os modelos criados por Nida, Catford, Vazquez-Ayora e Newmark (1990, p.23).

¹⁸ Cf. VINAY; DARBELNET, 1972, p.50-54).

¹⁹ Cf. BARBOSA, 1990, p.24

Foi Jakobson, criador das funções da linguagem – como já foi mencionado anteriormente – quem, justamente no artigo “Aspectos lingüísticos da tradução”, classificou as traduções em três tipos (Jakobson, 1999, p.64-65): a primeira seria a tradução “intralingual” ou reformulação (*rewording*) - um parafraseamento; a segunda seria a tradução “interlingual” ou “tradução propriamente dita” (*translation proper*); enquanto a terceira seria a tradução “inter-semiótica” ou “transmutação”. No entanto, esta classificação de cunho estruturalista foi, posteriormente, criticada por Derrida que considerava qualquer tradução uma espécie de *rewording* (parafraseamento), não vendo sentido entre a oposição entre este e a *translation proper* (a tradução propriamente dita).

Se a Lingüística se ocupa do estudo do “signo lingüístico”, a Semiótica se volta para a observação da natureza de todos os signos e, nesta área, foram de extrema importância, os estudos de Peirce, fundador da Semiótica, e de Yuri Lotman, que deu um novo direcionamento à Semiótica, ao estudar os problemas do texto, em “Estruturas textuais e não-textuais²⁰”. É preciso, também, citar o francês Michael Riffaterre, autor de *Transposing presuppositions on the semiotics of literary translation*, encontrado em *Texte: revue de critique et de théorie* 4 (1984), que diz que a tradução literária deve “semiotizar as formas e os sons, como no original, embora num sistema diferente” (RIFFATERRE apud SCHULTE; BIGUENET, p.204), fazendo uso dos “pressupostos semióticos” e sugerindo que os lingüistas, bem como os especialistas em literatura cooperem entre si. Esses pressupostos, diz adiante Riffaterre, são as “condições implícitas e imprescindíveis do texto”, uma vez que a “tradução literária” é diferente da tradução em geral (p.205).

Os funcionalistas, diferentemente dos formalistas (gerativistas), inseriram os Estudos Lingüísticos dentro dos fatos sociais, das influências da temporalidade, encarando a linguagem como um “instrumento de interação”, com o que contribuíram para o desenvolvimento dos ET (BAESEE apud SILVA, 2000, p.26).

Na intersecção entre os Estudos de Tradução e a Análise do Discurso surgiram obras que abordam a influência desta sobre a tradução. Para tanto, pode-se citar *Discourse and the translator*, de B. Hatim e J. Mason (1990), que destaca a natureza “multifacetária” da atividade de se traduzir, sendo a tradução considerada uma atividade que permite que se examine a questão do papel da linguagem na vida social, ao que os autores chamam de “caso útil de teste²¹” (*useful test case*).

²⁰ LOTMAN. *Lições sobre a poética estrutural*. [S.l.]: Tartu, 1964. cap. 3.

²¹ Cf. HATIM; MASON, 1990, p. 15.

Quando se trata de tradução poética, por outro lado, vários são os teóricos que podem ser citados, como Henri Meschonnic – com suas trinta e seis propostas²². Meschonnic teve seguidores nas pessoas de James Holmes e no próprio Yuri Lotman, sendo que no Brasil, é referência o professor Mário Laranjeiras, da USP, autor de *Poética da tradução* (1993). Neste livro, ele aborda tópicos tais como a utilidade da semiótica na tradução de um poema; versa sobre o conceito de “significância”, dentre outras coisas.

No Brasil, um dos maiores teóricos de tradução foi Haroldo de Campos que, juntamente com seu irmão Augusto de Campos, empreendeu a tradução de muitos poemas, mesmo do idioma russo, com a colaboração do professor Bóris Schnaiderman, assim como do idioma hebraico, entre outras línguas. Na verdade os poetas Haroldo Campos, Augusto Campos e Décio Pignatari foram os fundadores do movimento da Poesia Concreta no Brasil, que surgiu como reação a “um tipo de poesia de caráter sentimental ou confessional como é praticada pelos poetas da geração de 1945 [...] propondo uma retomada de elementos radicais do modernismo da Semana de 1922, sobretudo, do conceito de ‘antropofagia’ de Oswald de Andrade”(Lages, 2002, p.88-89). A tradução, na verdade, ocupava lugar de destaque no projeto concretista. Assim que, baseados no conceito de “transposição criativa”, criada por Jakobson, que pode existir graças à “função poética”, os irmãos Campos criaram o termo “transcrição”, que foi utilizado pelos poetas para designarem a sua “peculiar teoria e prática da tradução” (Lages, p.89).

1.3 O DESCRITIVISMO: UMA ABORDAGEM “NÃO-DICOTÔMICA” DA TRADUÇÃO

Ao contrário dos seus antecessores, que foram chamados de “prescritivistas” (como exemplo, Catford, Newmark, Nida) porque queriam criar “ditames”, concretizados em verdadeiros “modelos”, com “procedimentos” de tradução, confrontando o TLC com o TLP, como dois pólos opostos, surgem, no campo dos Estudos de Tradução, nas duas últimas décadas, duas teorias básicas de tradução, que se opuseram às vigentes até aquele momento. Trata-se da teoria do “Polissistema” de Even-Zohar, exposta em *The position of translated literature within the literary polysystem* (como parte de *Papers on poetics and semiotics*, Universidade de Tel Aviv, 1978) e a teoria “Descritivista” de Gideon Toury, autor de **Descriptive translation studies and beyond**, Tel Aviv University, 1995, assim como José Lambert, autor de inúmeras obras, entre elas, *Translation, literary translation and*

²² MESCHONNICH, H. *Propostas para uma tradução poética* In: LADMIRAL, J.P.(Org.), 1972, p 79.

comparative literature (1977). Os novos preceitos dos teóricos acima mencionados mudaram, profundamente, as perspectivas no âmbito dos Estudos da Tradução.

Na verdade, o conceito de “polissistema” teria vindo para a teoria da tradução, a partir do campo dos estudos literários. Tanto é que Teo Hermans escreve que Even Zohar teria captado a idéia de “polissistema” com os formalistas russos: *The main source for polysystem theory, as Even-Zohar has always fully acknowledged, lies in Russian Formalism* (Hermans, 1999,p.103). Tendo ficado, por muito tempo esquecidos, foram reanimados, nos anos 60 e 70, na ex-URSS, por semioticistas como Yuri Lotman, alcançando, assim, os países ocidentais.

Para os formalistas russos, a obra literária não era apenas um amontoado de dispositivos (*heaps of devices*), em desordem:

[...] but an ordered heap, a hierarchically structured set [...] What matters, then, is not so much the device itself as its place in relation to everything around it. [...] And just as individual works and genres are structured wholes, literature in its entirety is a hierarchically organized, self-renewing whole (“[...] mas um amontoado ordenado, um conjunto estruturado hierarquicamente [...] o que importa não é tanto o próprio dispositivo, como a sua posição em relação a tudo em volta dele [...]. E, da mesma forma como as obras e gêneros são um todo estruturado, a literatura, na sua integridade, é um todo, hierarquicamente organizado, que se renova por si só”) (HERMANS, 1999, p.104) (Tradução nossa).

Foram dois os ensaios de Yuri Tyniánov que teriam contribuído para o surgimento da teoria do “polissistema” de Zohar, a saber: *The literary fact* (“O fenômeno literário”) e *On literary evolution* (“Da evolução literária”), de 1924 e 1927, respectivamente (Hermans, p.104). Tyniánov teria, assim, sido o primeiro a se referir à literatura, como um “sistema”, sempre em mudança. Assim, os fenômenos literários devem ser estudados de maneira relativa, no nível sincrônico (a relação desse sistema com outros sistemas), como no nível diacrônico. Assim, Zohar comenta Tyniánov:

A literary system can be thought of as consisting of a dominant, prestigious and canonical centre, which, over time, petrifies and is replaced by new, more dynamic forms, which come crawling out of a woodwork of the system’s periphery. The centre/periphery opposition is one of Tyniánov’s key concepts. Literary evolution consists in the mutation of systems (“Um sistema literário pode ser considerado, como constituído de um centro dominante, prestigiado e canônico, que, com o passar do tempo, se petrifica, sendo substituído por formas novas e mais dinâmicas, que se arrastam para fora do madeiramento da periferia do sistema. A oposição centro/periferia constitui um dos conceitos-chave de Tyniánov. A evolução literária consiste da mutação dos sistemas”). (EVEN-ZOHAR apud HERMANS, p.104-5) (Tradução nossa).

Em um artigo conjunto, Tyniánov e Jakobson estipulam que se a literatura é um “sistema”, assim a história da literatura, por sua vez, também pode ser vista como tal, pois a evolução teria, inevitavelmente, uma natureza “sistêmica”: *since evolution is inescapably of a systemic nature* (Tyniánov, 1978, p.80). Sendo assim, *it is reasonable to view other cultural and social series also as systems. The correlations between these various systems then form ‘a system of systems’* (“é razoável ver as outras séries culturais e sociais, também, como sistemas. As correlações entre esses vários sistemas formam, então, “um sistema de sistemas”²³). Para Even-Zohar, na verdade, a teoria da polissistema faria parte de uma corrente mais ampla de pensamento que ele chamou de *dynamic functionalism* (funcionalismo dinâmico) (Even-Zohar, 1990, p.2).

Luhmann, estudioso da teoria do polissistema, desenvolveu a aplicação da teoria do polissistema à tradução (1984). A tradução, segundo Luhmann, pode ser considerada, na verdade, como um fenômeno social, sendo, ao mesmo tempo, tanto uma categoria intelectual, como uma prática cultural. Assim, o mundo da tradução pode ser considerado um sistema, *adaptive, self-regulating, self-reflexive and self-reproducing system in Luhmann’s terms* (Hermans, Theo, 1999, p.142). Desta forma, deve-se levar em conta tanto a “autonomia”, como a “heteronomia” da tradução, explorando como as descrições de sistema social se adaptariam à tradução. Assim, sendo um sistema social, a tradução também estaria sujeita a contínuas mudanças.

Como o estudo da literatura formaria, com outras áreas humanísticas, verdadeiros “sistemas”, que podem variar de cultura para cultura, ou se assemelhar em muitos aspectos, assim, do mesmo modo – segundo a teoria dos “polissistemas” – as traduções de textos semelhantes poderiam ser reunidas em um único “polissistema” literário, com o que surgiriam relações “sistemáticas” entre os mesmos. O texto traduzido, fazendo parte de uma polissistema, estaria no centro dessas relações “sistemáticas” com outras áreas, tais como os estudos políticos e sociais. (1978). Desta forma, o texto traduzido não seria mais um texto “isolado” a ser analisado, utilizando-se como único parâmetro da “conformidade lingüística” com o texto de partida.

No campo da tradução, é importante notar-se que estas duas teorias estipulavam uma mudança de enfoque: devia-se considerar, principalmente, a língua e a cultura do pólo *receptor*, sem dar prevalência ao pólo *emissor*, como se fazia antes.

²³ TYNIÁNOV, 1978, p.81. Tradução nossa.

Gideon Toury (1980) captou a teoria dos “polissistemas”, acima expressa, e desenvolveu para aquilo a que se chamou, posteriormente, de “estudos descritivos da tradução”, em que se enfatizou, igualmente, a prevalência do texto de chegada. Em vez de buscar um sistema e nele enquadrar o “produto”, isto é, a tradução, passando a julgá-la dentro desse sistema, a teoria da tradução deveria inverter seu posicionamento, analisando a tradução primeiramente, para depois criar um determinado modelo ou sistema, em que ela poderia se enquadrar. Em suma, deixando de lado o posicionamento apriorístico dos seus antecessores, a tradução deveria ser analisada, *a posteriori* com base em observações. Toury qualificou, assim, a sua abordagem de *target-oriented*, isto é, orientada para o “alvo”, ou língua-alvo (TLC), pois as traduções seriam “fatos” ou “eventos” da cultura de chegada²⁴ (*target culture*).

Para tanto, Gideon Toury criou o conceito de *translation norms* que surgiriam da análise da correlação de sistemas “equivalentes” entre si. Estas “normas”, na verdade, variariam de sociedade para sociedade, às vezes, entrando em conflito umas com as outras, mas por ocorrerem com certa regularidade, pode-se deduzir quais os “padrões comportamentais” para as mesmas. Essas teorias foram, depois, desenvolvidas mais profundamente, principalmente por José Lambert (1985) que, partindo das posturas da teoria dos polissistemas, desenvolveu, de fato, uma nova metodologia para descrever melhor as traduções, na qual a observação de dados, encontrados na tradução, é fundamental.

Em *Descriptive translation studies and beyond* (1995), Toury elabora *A Rationale for descriptive translation studies*, e escreve sobre tópicos importantes, tais como: a questão das “pseudo-traduições” e do papel das “normas” na tradução, dentre outros. Quanto às normas, criadas por Toury, Teo Hermans escreve sobre o paradoxo, aí, presente:

One initial paradox at least need not deter us: in the following pages norms are discussed from a point of view that purports to be non-normative. The descriptive perspective looks at norms as objects of study. It sets out to theorize and analyze their nature and operation as these affect the practice of translation, but it does not itself seek to lay down rules, norms or guidelines for how translators should proceed (“Pelo menos há um paradoxo inicial que não precisa nos intimidar: nas páginas seguintes, as normas são discutidas de um ponto de vista que pretende ser não-normativo. A perspectiva descritiva considera as normas como sendo objetos de estudo. Ela se propõe a teorizar e analisar sua natureza e operação, quando essas chegam a afetar a prática da tradução, mas por si só, ela não procura estabelecer leis, normas ou diretrizes sobre a maneira como os tradutores devem proceder”) (HERMANS, 1999, p.72-73) (Tradução nossa).

Na verdade, Toury distingue três tipos de *translation norms*, que estariam refletindo as diversas etapas do processo tradutório e que são: I – as *normas preliminares*: que

²⁴ Cf. TOURY, 1995, p.29.

dizem respeito à escolha do texto a ser traduzido, ou seja, se será traduzido diretamente do “original”, ou de uma outra tradução “intermediária”; II – a *norma inicial*: a que governa a escolha que o tradutor faz entre duas alternativas polares, que dizem respeito à orientação geral do tradutor – uma que se apoiaria, o máximo que pudesse, sobre o texto-fonte (TLP), a e a outra se submetendo ao uso na cultura receptora (TLC). Toury classifica o primeiro pólo, como sendo o da “adequação”, enquanto o segundo pólo seria o da “aceitabilidade”; III – as *normas operacionais*, que guiam a *decision-making* (a “tomada de decisões”), *during the actual business of translation* (“durante o trabalho de tradução, em si”). Dentre essas normas, existem dois grupos: a) as normas “matriciais” (*the matricial norms*), que ajudariam a determinar a *macro-estrutura* do texto, isto determinando decisões que dizem respeito a como dividir o texto-fonte em: capítulos, atos, estrofes, parágrafos, etc.; b) as normas lingüísticas-textuais (*textual-linguistic norms*) que afetam o micro-nível do texto, o detalhe de construção frasal, a escolha das palavras, o uso do itálico ou das maiúsculas, como ênfase, etc.²⁵

A respeito da existência de normas e restrições no campo da tradução, o próprio Toury escreve:

In its socio-cultural dimension, translation can be described as subject to constraints of several types and varying degrees. These extend far beyond the source text, the systemic differences between the languages and textual traditions involved in the act, or even the possibilities and limitations of the cognitive apparatus of the translator as a necessary mediator. At any rate, translators performing under different conditions [...] often adopt different strategies and come up with markedly different products. (“Na sua dimensão sócio-cultural, a tradução pode ser descrita, como algo sujeito a limitações de diferentes tipos, em graus variados. Eles se estendem bem além do texto fonte, as diferenças sistêmicas entre as línguas e as tradições textuais, envolvidas no ato, ou mesmo as possibilidades e limitações do aparelho cognitiva do tradutor, como um mediador necessário. De qualquer modo, os tradutores atuando sob condições diferentes [...] freqüentemente adotam estratégias diferentes, o que resulta em produtos muito diferentes”) (TOURY, 1995, p.54) (Tradução nossa).

As normas estariam, na verdade, situadas entre as “regras” e “as idiossincrasias”, podendo, por isso, variar em potência, numa gradação: variando das mais fortes, até as mais fracas. Os sociólogos e psicólogos sociais considerariam as normas como uma tradução dos “valores gerais” ou “idéias”, compartilhadas por uma comunidade, que decidiria em relação ao que é “certo” ou “errado”, “adequado” ou “inadequado”, que possam ser aplicados a situações especiais e que foram adquiridas durante a socialização do indivíduo, implicando em “sanções” (Toury, p.55).

²⁵ Cf. HERMANS, 1999, p.76-77

Quanto às normas de tradução (*translational norms*), elas chegam a afetar todo o processo da tradução, a seleção do texto-fonte, etc. – diz Toury. Entre elas, existiria certa hierarquia, por exemplo: as normas preliminares teriam tanto precedência lógica, como cronológica sobre as normas operacionais, embora exista uma inter-relação entre ambas. *However, these relations are by no means fixed and given, and their establishment forms and inseparable part of any study of translation as a norm-governed activity* (Toury, 1995, p.59-60). Toury adverte, também, para a multiplicidade das normas de tradução, assim como para a sua instabilidade:

In addition to their inherent specificity, norms are also instable, changing entities; not because of any intrinsic flaw but by their very nature as norms. At times, norms change rather quickly; at other times, they are more enduring, and the process may take longer (“Além da sua especificidade inerente, as normas são também entidades instáveis e mutáveis; não por causa de qualquer falha intrínseca, mas pela sua própria natureza de normas. Às vezes, as normas mudam bem rapidamente; em outras ocasiões, elas são mais duradouras, e o processo pode durar mais tempo”). (TOURY, 1999, p.62) (Tradução nossa).

Certos tradutores, no entanto, estariam prontos a se moldar a essa mudança nas normas, no curso da sua atividade, ajudando a modelar o processo, do mesmo modo que o fazem a crítica e a ideologia da tradução. Na verdade, às vezes, co-existem vários tipos de normas, ao mesmo tempo – que competem entre si – pois este ajuste de comportamento – graças à pressão social – não é uma coisa simples. De forma que em matéria de tradução, alguém pode ser classificado como *trendy*, *old fashioned* ou *progressive*²⁶ (isto é, “na moda”, “antiquado”, ou “progressista”).

Toury propõe, também, um “método” para os Estudos Descritivistas, com a finalidade de analisar várias traduções paralelas da mesma obra para uma só língua, ou um estudo comparativo de diferentes traduções, em línguas diferentes. Nesse caso, seria analisado o “impacto” de vários fatores sobre a modelagem da tradução,

[...] with an eye to drawing the distinction between what is universal and what is culture, or language-specific in this type of behavior. Differences of language and cultural tradition are of course much more difficult to handle than a mere difference of time within a single tradition. (“atento para fazer a distinção entre o que é universal e o que específico da cultura ou da língua, nesse tipo de comportamento. As diferenças de língua e a tradição cultural são, naturalmente, muito mais difíceis de se lidar do que uma mera diferença de tempo, dentro de uma única tradição”) (TOURY, 1995, p. 73-74) (Tradução nossa).

²⁶ Cf. TOURY, p.62-63.

Ao mesmo tempo, Toury examina a questão das “pseudo-traduições” – textos-fonte, que foram escritos por alguém que as quis fazer passar como “traduições” de obras de autores consagrados, assim como *Estratégias de tradução*, além do *Tratamento lexicográfico* dos termos traduzidos. Toury conclui seu trabalho fazendo um prognóstico sobre o futuro dos ET, no capítulo, intitulado *Beyond descriptive studies (Part Four)* – em que propõe leis tais como a lei da padronização e a lei da interferência.

No meio das novas tendências, dentro dos Estudos de Tradução dos últimos 20-30 anos, merece, também, menção a teoria do *Skopos*, criada, na Alemanha, por Hans Vermeer, no final dos anos 1970, que sugere que a tradução deve ser feita, levando-se em consideração o *público-alvo*. Vermeer, assim como Margret Ammann, Hans Hoenig e Paul Kussmaul, afirma que a tradução, como toda ação humana, está determinada pelo seu “escopo”, a sua finalidade. O *Skopos* focaliza os aspectos funcionais e sócio-culturais da tradução, a cultura dos pressupostos leitores do texto de chegada e o tipo de cliente que encomendou a tradução. No entanto, os estudiosos desse paradigma levam em consideração, especialmente, a tradução de textos *não-literários*, no que deve ser levado em conta o contexto em que se encontram os mesmos.

Tudo indica que o Descritivismo, como uma teoria ainda recente, pode vir a acrescentar ou corrigir vários conceitos, ainda não suficientemente elaborados. Entre esses, pode-se citar o conceito de normas, entre elas, o da “equivalência”, que Toury considera como sendo uma “função das normas de tradução”. De certa forma, o próprio estabelecimento de “normas” parece manter ainda uma ligação com as técnicas, ditas “prescritivistas”. No entanto, há autores que acham que as “normas” seriam, de fato, apenas uma maneira de descrever “estratégias” que os tradutores usam, sem procurar erros. Mas, tanto Toury, como Lefevère, partiriam de uma “suposta leitura ‘correta’ do texto, usada como parâmetro para se verificar, na tradução, quais os deslocamentos e os desvios em relação a essa leitura” (Rodrigues, C., 1999, p. 161). Este enunciado ainda lembra, de certa forma, a técnicas, ditas prescritivistas, de abordagem a uma tradução.

1.4 ANTECEDENTES DO DESCONSTRUTIVISMO: NIETZSCHE E HEIDEGGER

Para uma compreensão do Desconstrutivismo de Jacques Derrida, é preciso verificar como surgiu essa corrente filosófica (ou “anti-filosófica”) e examinar aquelas

correntes em que Derrida teria se inspirado, cujos representantes tinham sido Nietzsche, Heidegger, assim como, Marx e Freud.

Nietzsche opôs-se aos valores vigentes do Cristianismo, com a sua moral – segundo ele – própria a escravos, que em vez de celebrar a vida, como os antigos, que rendiam louvores ao espírito dionisíaco, celebrava o sofrimento e a morte. Estes pensamentos estão expostos em suas obras *Genealogia da moral* e *Acima do bem e do mal*. Segundo o volume, intitulado *História da Filosofia*, da série Os Pensadores, pode-se ler, a respeito deste filósofo, o seguinte:

No limiar do pensamento contemporâneo, a filosofia enfrenta um desafio crucial: o questionamento do valor absoluto que se atribuía aos critérios que serviam como base à civilização ocidental. Com Nietzsche, começa-se a expor a fragilidade das certezas seculares (p.411).

Embora Nietzsche tenha sido muito importante nessa quebra de “certezas seculares” – quando afirmou que a religião cristã cultuava a tristeza, o sofrimento e a morte, enquanto o culto dionisíaco da Grécia transmitia amor à vida, buscando a alegria e o prazer - deve-se, no entanto, admitir que uma religião, depois de implantada, passa a ser um traço cultural, como o são a língua e as tradições de um povo. Assim, não seria possível um recuo, dentro da sociedade, para que a religião dos gregos voltasse a vigorar na época em que Nietzsche viveu e escreveu. Marx também teve razão, ao declarar que a religião seria o “ópio do povo”. Mas em vários países socialistas, instituiu-se, de fato, o culto ao Estado, em forma de “pátria”, e até a certos líderes (o chamado “culto da personalidade”, como aconteceu na ex-URSS). Criou-se, desta forma, uma nova religião: o marxismo-leninismo. A Igreja Católica teve um papel importante, na formação dos países da Europa Ocidental, exercendo o papel de “poder paralelo”, um verdadeiro papel político. Não resta dúvida, que o objetivo maior da Igreja, aliada ao Estado, era controlar e oprimir as massas, que, por sua vez, sempre demonstraram uma necessidade da apoteose, de cultuar os santos, ídolos ou líderes. Como força política, o Cristianismo foi usado, no Novo Mundo, pelo colonialismo, onde os jesuitas, verdadeiros “soldados de Cristo” se empenhavam em aculturar e a pacificar a população indígena. Com a separação do Estado da Igreja, esta tem menos poder, surgindo até associações de agnósticos, ou de ateus. No Brasil, o Catolicismo perdeu muito da sua força, mas, por outro lado, as diversas modalidades de protestantismo proliferaram, tendo sido introduzidas por iniciativa dos Estados Unidos, com o objetivo de prevenir a disseminação de idéias socialistas, entre o povo. Nietzsche teve razão, em muitas das

suas afirmações e nas suas críticas ao Cristianismo. No entanto, uma volta aos tempos gregos, realmente, não seria possível. Era um outro “momento histórico”. No entanto, os escritos de Nietzsche contribuíram para o surgimento de novas teorias, entre elas a do próprio Desconstrutivismo.

A maior crítica ao Cristianismo, por parte de Nietzsche, se encontra na sua obra *O Anticristo – maldição do Cristianismo*. Na Introdução, Mário Perniola (1996), escreve:

O Cristianismo, para Nietzsche, é apenas a continuação e a evolução do hebraísmo. Paulo de Tarso e os primeiros cristãos, não podendo suportar a morte de Jesus, distorcem seus ensinamentos em sentido moral, introduzindo a perspectiva do pecado, da culpa, do além, que nada tinha a ver com o Jesus histórico [...] (p.11).

Para Perniola, *O anticristo*, publicado em 1895, estabeleceria “uma conexão fundamental entre *a moral* (o cristianismo, a religião e o niilismo” – coisas que o senso comum teimaria em separar, opondo-as como antípodas²⁷). Nietzsche, além de anunciar “a morte de Deus”, em *Assim falou Zaratustra* (ver adiante), ainda teria ousado a afirmar que “a importância fundamental da Itália e da sua cultura na história universal consiste no fato de Deus ter morrido, neste país, antes de forma mais definitiva do que em qualquer outro lugar”. Assim o gênio italiano teria sido o “mais livre”, “o mais fino”, “mais rico” (p. 15). Este “ceticismo” – conclui Perniola – seria apenas um ponto de partida. Ele permitiria o exercício da suspeita, supõe o *desmascaramento* das fraudes, impede os movimentos retrógrados e obscurantistas, mas não pode “cristalizar-se numa regra, numa lei, num princípio”, sob pena de recair, novamente, na Metafísica.

Nietzsche, por sua vez, teve acesso às teorias de Schopenhauer, de quem posteriormente se afastaria. Como crítico do Cristianismo, Nietzsche não poderia qualificar “a compaixão”, como Schopenhauer o fez, de uma “virtude”. Por isso, em *O anticristo*, Nietzsche chegou a cognominar Schopenhauer de “biófobo”, ao mesmo tempo em que criticou este sentimento em toda a literatura européia. Nietzsche qualifica o cristianismo como “religião da compaixão”. Esta estaria “em oposição aos efeitos tonificantes que aumentam a energia do sentimento vital: ela tem um efeito depressivo” (p.30). A compaixão levaria ao “nada”, para o qual o Cristianismo teria inventado outros nomes, tais como “além”, “Deus”, a “verdadeira vida”, etc. Aí, Nietzsche contrasta essa visão do Cristianismo com a visão de Aristóteles. Assim, mais adiante, ele escreve:

²⁷ p.9.

Como se sabe, Aristóteles via na compaixão um estado doentio e perigoso que poderia ser superado tomando-se um purgante ocasionalmente: ele entendia a tragédia, como purgação. A partir do *instinto da vida*, dever-se-ia com efeito buscar um meio de punçar esse acúmulo perigoso e nocivo de compaixão, como representada pelo caso de Schopenhauer (e infelizmente também de toda nossa *decadência literária e artística* de São Petersburgo a Paris, de Tolstoi a Wagner): para que ela *arrebente* (Nietzsche, 1996, p.31) (Grifos nossos)

Para Nietzsche, desta forma, o Cristianismo, estaria criando um “ressentimento a respeito da realidade da vida e do ser; isso tornaria o Cristianismo “a mais niilista das religiões”, uma religião, relacionada à fraqueza, às doenças e à decadência. Quanto a isso, o próprio Nietzsche escreve:

Considero a própria vida um instinto para o crescimento, para a duração, para o acúmulo de forças, para o poder: onde falta vontade de poder, existe o declínio [...] falta essa vontade em todos os valores elevados da humanidade, que os valores da decadência, valores niilistas, imperam sob os nomes mais santos (Nietzsche, 2000, p. 29-30).

Nietzsche acha que existe a necessidade de haver um *conflito* na vida dos seres humanos. Se os indivíduos não entram em conflito, não aspiram a nada e suas vontades ficam paralisadas, dando-lhes a falsa sensação de felicidade, de repouso. Esta maneira de pensar é que criaria um rebanho de escravos obedientes. Daí a necessidade destes escravos almejem a uma crença, ou a sua busca de apoio em uma verdade ou uma religião, ou, ainda, se apearem à consciência de um partido. A outra moral, referida por Nietzsche, seria a “dos senhores”, que teria vigorado na Grécia, antes da “decadência” platônica. No mundo homérico da Grécia, ao contrário, elogiava-se o conflito e não a sua supressão. Não poderia haver vitória sem luta, portanto. A isso Nietzsche chamou de “vontade de poder” ou “de potência”, entendendo que: “Quando de alguma forma a vontade de poder sucumbe” – escreve Nietzsche – há também [...] um retrocesso fisiológico, uma decadência (*O anticristo*, 2000, p.38).

Segundo Heráclito – diz Nietzsche – haveria sempre um *vir-a-ser*, pois o conflito perduraria para todo o sempre. Essa moral dos *senhores* é diferente daquela que prega as virtudes cristãs, que seria a apologia dos derrotados, em que predominavam a compaixão e a piedade. O mundo do *vir-a-ser*, no Cristianismo, é distorcido através dos conceitos de mundo moral, mundo divino e mundo-verdade, pregando-se o sofrimento e uma existência sofredora.

Com a desvalorização desses conceitos cristãos, cai por terra o sentido da dor. Daí, como estado psicológico, advém o niilismo, como desvalorização da própria existência e

levando a uma consciência infeliz. No entanto, Nietzsche acha que superou o niilismo. Esta superação dar-se-á através da teoria do “eterno retorno”, uma doutrina cosmológica, que tem um significado existencial, com um universo desdivinizado. Para tanto, Nietzsche cria dois princípios: a) *o tempo é infinito*; e b) *as forças são finitas*. Tudo retorna eternamente, “pois as configurações das forças, sendo finitas, já se repetiram²⁸” A eterna repetição se daria porque o mundo não estaria caminhando para um “estado final”, de forma que tudo retornaria, eternamente. Estes princípios levariam à aprovação integral da existência, ao dionisíaco “dizer-sim” à vida. Será a junção da eternidade e do devir: “o último ato da filosofia de Nietzsche” (p.419).

Nietzsche critica não apenas o Catolicismo, como também, o Protestantismo – ao qual define como “paralisia parcial do cristianismo e da razão” (p. 33), assim como muitos outros filósofos alemães, entre eles Kant, criticando o seu conceito de “moral”. Na Alemanha, diz Nietzsche, a Filosofia estaria “sendo corrompida pelo sangue da Teologia” (p.32) e quanto a Kant, escreveu: “o instinto enganoso em tudo, sem exceção, a oposição natureza como instinto, a decadência alemã como filosofia; isso é Kant” (p.34). Portanto, vê-se que Nietzsche foi um grande contestador, derrubando valores que até antes dele, eram considerados inquestionáveis. No entanto, também sofreu críticas.

Foi-lhe, por exemplo, erroneamente, atribuída simpatia por idéias fascistas, por uma deturpação ocorrida em fragmentos, publicados, após sua morte pela sua irmã Elizabeth. E, para corrigir isso, o termo que ele introduziu, *Uebermensch*, não é mais traduzido como “Superhomem”, mas sim, como “Além-do-Homem” (Safranski, 2001, p.35).

Nietzsche lança, até mesmo, a afirmação “Deus está morto”, em *Assim falou Zaratustra* e em *Gaia Ciência*. Com isso, o filósofo pretende provar que os homens já estavam vivendo sem Deus, que Deus não estaria mais no centro da vida social. Deus teria sido morto pela religião que o aprisionou nas igrejas, fora da vida. No parágrafo 125, de *Gaia Ciência*, fala-se de um louco, cognominado de “o insensato”, que em plena luz do dia, com uma lanterna (como Diógenes) buscava a Deus, no meio dos incrédulos, que caçoavam dele:

Nunca ouviram falar de um louco que, em pleno dia, acendeu sua lanterna e pôs-se a correr na praça pública gritando sem cessar: – Procuo Deus ! Procuo Deus! [...] seu grito provocou uma grande hilariedade. – Ter-se-á perdido? Perguntou um. Ter-se-á perdido como criança? – perguntou outro. [...] Terá partido? – assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou em meio a eles e trespassou-os com seu olhar. – Para onde Deus foi? – bradou –Vou lhes dizer! *Nós o matamos*, vós e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? [...] (Nietzsche, 1976, p.133-134)

²⁸ *História da filosofia*, 1999, p.418.

O “insensato” continua, examinando a atitude do homem, frente à natureza: “Não erramos como através de um nada infinito? Não sentiremos na face o sopro do vazio?” (Nietzsche, 1976, p.134). E mais adiante: “Como nos consolaremos, nós, os assassinos dos assassinos?” (Ibidem). Assim, o “insensato” acha que os homens deveriam expiar a sua culpa, o seu delito maior, ou *tornar-se deuses* – por surpresa de todos que o ouviram. Teria, no entanto, chegado *muito cedo* – seu tempo ainda não era *chegado*, e essas ações dos homens – longe como os astros – ainda demorariam bastante tempo para serem vistas. As igrejas seriam “tumbas e monumentos de Deus” – pois nem lá o “insensato” foi compreendido, sendo expulso.

O mesmo tema da “morte de Deus” aparece em *Assim falou Zaratustra*. No trecho, intitulado “O homem mais feio”, Zaratustra que percorria montanhas e selvas, entra no “reino da Morte” ou no vale “Morte das Serpentes”. Diante dele está uma forma “inexprimível”, sentada à beira do caminho. Zaratustra quer retirar-se daquele lugar nefasto, mas não consegue. Quando a figura estranha lhe pede para que adivinhe quem é, Zaratustra reconhece nele o “assassino de Deus”: “Conheço-te bem – disse com voz de bronze: – *és o assassino de Deus*. Deixa-me ir embora” (Nietzsche, 2000, p.200).

No entanto, o estranho ser – que há muito tempo esperava por ele – o detém. Conta-lhe que se sente perseguido e pede-lhe proteção: “Defende-me, Zaratustra, último refúgio meu, único ser que me adivinhou”. E prossegue o estranho ser: “Adivinhaste os sentimentos daquele que matou Deus,” advertindo a Zaratustra que não seguisse o caminho que ele, o estranho ser, havia seguido, por ser “mau”. No entanto, “o inexprimível” não quer a compaixão dos homens – por ela ser “importuna” e “contrária ao pudor”. Deus devia morrer, diz, porque “o homem não suporta a vida de semelhante testemunha” (Nietzsche, 2000, p.202). Zaratustra lhe mostra a sua caverna, ao longe, e sugere que o estranho faça como ele: “Tu, que te vês repellido e que te repeliste a ti mesmo, não queres viver mais entre os homens e da compaixão dos homens? Pois bem! Faz como eu! [...]”. Zaratustra prossegue a sua caminhada e faz considerações sobre o grande desprezo que o homem sente por si próprio: “Amo os grandes desprezadores. Mas o homem é uma coisa que deve ser superada” – conclui (p. 203). Zaratustra, mais adiante, no trecho “O homem superior”, contesta a idéia da “população” de que *Todos somos iguais*:

Homens superiores – assim diz a populaça. – Não há homens superiores; todos somos iguais; perante Deus um homem não é mais do que outro; todos somos iguais! [...] Perante Deus! Mas agora esse Deus morreu; e perante a população nós não queremos ser iguais [...] (p.216-217).

Esse Deus teria sido o “maior perigo” para esses “homens superiores”:

Ressuscitastes desde que ele jaz na sepultura. Só agora torna o Grande Meio-Dia; agora torna-se senhor o homem superior. [...] Homens superiores! Só agora vai dar à luz a montanha do futuro humano. Deus morreu: agora nós queremos que viva o Super-homem. (p.217).

Não resta dúvida, que proferidas estas palavras, na sua época, elas pareceram “blasfêmias”, embora, na consciência do europeu do final do século XIX, já se vivesse a morte de Deus, segundo Nietzsche. Esta morte é que, justamente, estava associada à desvalorização dos valores morais. Desta forma, “[...]o fim do Deus cristão será o fim da moral por ele sancionada e de todos os substitutos laicizados do cristianismo”²⁹.

Por esse motivo, Nietzsche pode ser qualificado como “nihilista”, como foi dito acima. O *nihilismo* seria, também, uma maneira de experimentar a existência humana. A morte de Deus seria equivalente ao fim do platonismo, a morte do *mundo-verdade*³⁰. Assim, perde-se toda a ilusão de se estabelecer verdades definitivas sobre as coisas, e o “espírito-livre” saberá que existem diferentes “interpretações”. Aliás, esta também é a teoria de Derrida, que prova que um mesmo texto pode ter várias interpretações, criando a noção da “diferença” e, também da “diferencia”³¹. Assim, nesta última, Derrida escreve:

Le gramme comme différence, c’est alors une structure et un mouvement qui ne se laissent plus penser à partir de l’opposition présence/absence. La différence, c’est le jeu systématique de différences, de l’espace par lequel les éléments se rapportent les uns aux autres. (“O grama da diferença é, portanto, uma estrutura e um movimento que não podem mais serem pensados a partir de uma oposição presença/ausência. A diferencia é o jogo stemático das diferenças, o espaçamento pelo qual os elementos se relacionam uns com os outros”) (DERRIDA, 1972, p.38).

A maior parte da obra de Nietzsche, na verdade, foi escrita de modo aforismático – lê-se em *História da Filosofia* (p.412). Inicialmente, tem-se dificuldade de perceber qual o “projeto” de Nietzsche. Mais adiante, conclui-se que “o objeto privilegiado da análise de

²⁹ *História da Filosofia*, p. 414.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Cf. DERRIDA. *A escritura e a diferença* e em *Positions*.

Nietzsche será a nossa ‘civilização’” (p.413). Esta análise da civilização irá encaminhar a questão da existência humana, e o percurso ideológico do Ocidente se expande em três períodos, segundo Zarathustra: o do camelo, o do leão e o da criança. Isto corresponde a: “tu deves” com o primado da moral e da religião; “eu quero”, com a liberação da vontade; e, finalmente, “eu sou”, com uma nova relação do indivíduo e sua existência.

Assim, as idéias e teorias *de* Nietzsche, nas quais o filósofo, praticamente, “desconstrói” os valores morais vigentes, serviram de subsídio para Jacques Derrida, que veio desconstruir os conceitos que se tinha sobre “a escritura”. Aliás, aqui pode-se, oportunamente, mencionar o que pensa a respeito desse termo, o autor Evando Nascimento, no seu livro *Derrida e a literatura* (2001). Segundo esse especialista em Desconstrução e em Teoria da Literatura, o termo *escritura*, em português, não teria passado de uma “má tradução” do termo *écriture*, em francês, equivalendo, simplesmente, a “texto escrito” e, em última análise, ao termo “escrita”, em português. (Nascimento, 2001, p.20).

A esse respeito, consultou-se o dicionário Le Robert – *Dictionnaire de Langue Française*, 1998, em que sob o verbete *écriture* encontrou-se:

n.f. 1. système de signes visibles, traces, représentant le langage parlé. Écriture idéographique (ex.:hiéroglyphes), alphabétique. 2. Type de caractères adopté dans un tel système. Écriture gothique, romaine, arabe, russe (cyrillique). 3. Manière personnelle dont on trace les caractères on écrivant; ces caractères = graphologie. Avoir une belle écriture, une écriture illisible [...]. 4. Littér. Manière d’écrire (II) d’une personne (style), d’une époque, etc. [...] Acte d’écrire. 5. Droit. Écrit [...]. 6. (Avec une majuscule) L’Écriture, Les Écritures, les livres saints. = Bible. – n.f. 1. sistema de signos visíveis, traços. Representando a linguagem falada. Escritura (escrita ideográfica (ex.: hieróglifos), alfabética. 2. Tipo de caracteres, adotado em um tal sistema. Escrita (écriture) gótica, romana, árabe, russa (cirílico). 3. Maneira pessoal de se traçar os caracteres, ao escrever; esses caracteres. grafologia. Ter uma bela escrita, uma escrita ilegível [...] 4. *Liter.* Maneira de escrever. (II) de uma pessoa (estilo), de uma época, etc.[...]. Ato de escrever. 5. *Direito.* Escrit. [...]. 6. (Com maiúscula). A Escritura, as Escrituras, os livros santos = Bíblia (Tradução nossa).

Logo, Derrida nos ensina a ‘ler’ de outra maneira e “É nesse sentido que se pode dizer que ler (com) Derrida se reveste do outro aspecto de ler (com) ele os textos que ele lê” (Nascimento, 2001, p.22). O que, também, aproximaria Derrida de Nietzsche é que ambos os filósofos, na verdade, tiveram formação em Filologia. Neste particular, Nietzsche frisa a importância desta “grande arte”: “Seguir a trilha das leituras de Derrida se torna requisito indispensável para um exercício permanente de *filologia*, conforme o valor que Nietzsche atribui a essa “grande arte” (p.22).

Pois, atrás de um texto, haveria sempre “um outro texto”, como num “palimpsesto” – diz Derrida – termo a que também se refere Rosemeyer Arrojo, ao tratar da questão da “fidelidade” (1986, p.37).

Voltando à questão dos filósofos, predecessores de Jacques Derrida no Desconstrutivismo, não podemos deixar de mencionar Heidegger, o filósofo alemão que teria, praticamente, “desconstruído” a Metafísica Ocidental³². O próprio Derrida, em “Carta a um amigo japonês” confessa que escolheu o termo “Desconstrução”, que teria, primeiramente, aparecido em *Gramatologia*, ao querer “traduzir e adaptar”, a seus propósitos, as palavras heideggerianas *Destruktion* ou *Abbau* (DERRIDA apud OTTONI, p. 19-20).

Heidegger, em sua obra, *Que é metafísica?* (1929), também menciona, como Nietzsche, “a vontade de poder”. Sendo que a *vontade*, compreendida como “traço básico da entidade do ente”, seria “a identificação do ente com o que é atual”. Ao mesmo tempo, Heidegger profetiza o “Fim da Filosofia”, em um ensaio do mesmo nome, ao afirmar: “Filosofia é Metafísica”³³. Chega também a afirmar que, através de toda a “História da Filosofia”, estaria predominando o platonismo. “A metafísica é platonismo” – afirma, mais adiante, enquanto assegura que Nietzsche teria caracterizado a sua própria filosofia como “platonismo invertido” (p.72). Quanto ao profetizado “fim da filosofia”, Heidegger, mais adiante, escreve: “O fim da filosofia revela-se como o triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde. Fim da Filosofia quer dizer começo da civilização mundial fundada no pensamento ocidental-europeu” (HEIDEGGER, 1991, p.73).

Nascido na Alemanha, em 1889, Martin Heidegger teria sido seguidor e continuador dos pensamentos de Nietzsche, mas divergindo dele em vários aspectos. Como autor da obra *Nietzsche*, dedicada ao mestre, ministrou aulas sobre seus pensamentos filosóficos, na Universidade de Freiburg, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial. Sua principal obra é *O ser e o tempo* (1927), uma tarefa ontológica, onde transcorre sobre a sua relação com as filosofias da existência, divergindo da fenomenologia de Husserl, com quem estudou.

O fundamental para Heidegger é o “sentido do ser”. Emite, também, tais conceitos como, *Das sein und das seiende* (traduzido para o português por *O ser e o sendo*). Para Heidegger, a compreensão do *ser* padece de uma confusão entre “ser” (*Sein*) e “ente”

³² Cf. NASCIMENTO, 2001, p.201.

³³ Cf. HEIDEGGER apud COLET. *Os Pensadores*, 1991, p.71.

(*Wesen*). O *ente*, na verdade, fora relegado ao esquecimento, pois as explicações filosóficas não dizem respeito a ele e, sim, ao *ser*.

De certa forma, Heidegger é também precursor do Existencialismo de Sartre, que trata de tais conceitos como “existência” e a “essência”. Por outro lado, Heidegger é o preceptor de Edmund Husserl, de quem foi assistente, na cátedra de Filosofia, em Friburgo, sucedendo-o em 1929. Desta forma, Heidegger, o maior representante da “filosofia da existência”, situou-se, justamente, entre essas duas correntes: a Fenomenologia e o Existencialismo.

Segundo Heidegger, a existência é o modo de ser deste *ente*, que é o homem. O homem, por sua vez, é um *ente inacabado* e a sua essência confunde-se com o seu existir, isto é, com o seu *Dasein* (“estar-aí”). Nesse caso, a tarefa primordial da filosofia seria *desvendar a estrutura da existência*, utilizando a Fenomenologia como “método hermenêutico”, interpretativo, no que ele pode ser qualificado, também, como um seguidor de Husserl³⁴.

Na verdade, a Fenomenologia, segundo o *Dicionário de Filosofia*, da autoria de J.F. Mora, pode ser dividida em “pré-husserliana” e “husserliana e pós-husserliana”. Já em 1764, Lambert na sua obra *Neues Organon*, teria introduzido o termo “terminologia”, a qual se incumbiria de distinguir entre “verdade” e “aparência”³⁵. O filósofo Kant também teria se referido a uma *phenomenologia generalis* que deveria preceder a metafísica e traçar um linha divisória entre o mundo “sensível” e o “inteligível”, “a fim de evitar transposições ilegítimas de um para o outro”. Hamilton, para estabelecer uma distinção entre a psicologia e a lógica, chama a primeira de “fenomenologia”. Hegel chama “fenomenologia do Espírito” à ciência que mostra “a sucessão das diferentes formas ou fenômenos da consciência até chegar ao saber absoluto”.

No entanto, a Fenomenologia adquiriu um “lugar central e um sentido muito preciso” em tais pensadores de uma época mais atual, como Husserl, Peirce e Stumpf. Para Husserl, por exemplo, a “fenomenologia” é, ao mesmo tempo, um “método” e uma “maneira de ver”, ambos estreitamente ligados³⁶.

³⁴ Cf. REALE; ANTISERI, 1991, p.582.

³⁵ Cf. MORA, 2001, p.289.

³⁶ Ibidem, p.290-291.

Para a fenomenologia de Husserl (1859-1938), a interpretação da realidade depende do “sujeito” que a interpreta, o qual, para tanto, usa o que está presente na sua consciência. Desta forma, a realidade não é uma única, e sim, *várias*. O método fenomenológico, criado por esse filósofo, propõe-se a estabelecer “uma base segura, liberta de proposições”, que possa ser aplicada a todas as ciências. Husserl se opõe, assim, ao positivismo, pois para ele, “as certezas positivas” que permeiam os discursos das ciências empíricas (que usam o método indutivo) seriam “ingênuas”.

Assim, a suprema fonte de todas as afirmações racionais, para a Fenomenologia, seria a “consciência doadora originária”, de modo que a Fenomenologia só se preocuparia em querer decidir se o que se apresenta é “uma realidade” ou uma “aparência”, e não com o fato de que pode haver algo “desconhecido” atrás do fenômeno. O método fenomenológico, desta forma, não é nem dedutivo (usado pelos neo-positivistas) nem empírico (o empirismo, por sua vez, usa do método indutivo). Apenas se preocupa em esclarecer o dado, apresentado. O intento da Fenomenologia é proporcionar uma “descrição direta da experiência, tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca da sua gênese psicológica e das explicações causais” que possam ser dadas. Assim, a Fenomenologia elimina tudo o que é subjetivo e não procura explicar o fenômeno através de leis, nem faz dedução alguma usando princípios.

Desta forma, a Fenomenologia considera apenas “o objeto”, isto é, o aquilo que “está presente à consciência”, sendo que a *realidade*, para essa corrente filosófica, não é algo objetivo, passível de explicação, em termos de “causa e efeito”. Em vez disso, a realidade emerge da “intencionalidade da consciência”, voltada para o fenômeno. Por outro lado, para Fenomenologia “não existe uma única realidade, mas tantas, quantas forem suas interpretações e comunicações”. Desta forma, tem importância “o sujeito”, no processo da “construção do conhecimento” – sem retificar esse conhecimento, como faz o positivismo. (Vê-se que já se apresenta, nessa corrente filosófica, certa semelhança com o Desconstrutivismo, que atribuí ao texto, tantas interpretações, quantas há leitores). Como a Fenomenologia não frisa a historicidade dos fenômenos, – como o Desconstrutivismo que também vem sendo criticado pelo mesmo motivo – tem sofrido críticas dos pesquisadores dos países do Terceiro Mundo, que tentam explicar certos fenômenos, como característicos ao desenvolvimento social, econômico e cultural daqueles países.

Assim, a Fenomenologia pretende ser uma “ciência, fundamentada estavelmente, voltada à análise e à descrição das essências” e se distinguiria tanto da análise psicológica, como da análise científica, pois o fenomenólogo não manipula “dados”, e sim, essências” (Reale; Antiseri, 1991, p.555). Aliás, a Fenomenologia de Husserl, com formação inicial em

matemática, nasceu como uma “polêmica anti-psicologista”, com ênfase na “intencionalidade da consciência”. Por sua vez, Husserl teria se inspirado em Bernhard Bolzano e Franz Brentano.

Heidegger, na verdade, dedicou o seu livro *O ser e o tempo*, publicado em 1927, a Husserl. No capítulo “Martin Heidegger – da Fenomenologia ao Existencialismo”, em *História da Filosofia*, lê-se: “Heidegger afirma que trabalha com o método fenomenológico, ainda que a sua filosofia seja bem diferente da de Husserl [...]”(Reale; Antiseri, 1991, p.582). Em *O ser e o tempo* (1927), inicialmente, o objetivo era de determinar *o sentido do ser*. Posteriormente, porém, acontece uma “reviravolta” no pensamento de Heidegger, pois “no segundo período da sua filosofia, prescinde da existência, que se torna uma determinação *não* essencial do ser” (p.582).

Diferente de Husserl, para Heidegger, “o homem está-no-mundo. Mas como o homem é constitutivamente projeto, o mundo – diferentemente do que pensava Husserl – não é originariamente realidade a contemplar, e sim, muito mais conjunto de instrumentos ‘para’ o homem, conjunto de utensílios, ou seja, de coisas a utilizar, estando à mão, e não de coisas a contemplar como presentes” (Reale, p.584). Assim, para Heidegger, o homem não é “espectador do grande teatro do mundo: o homem [...] E transformando o mundo, ele se transforma a si mesmo [...]”. A atitude teórica e contemplativa do espectador desinteressado (na qual Husserl tanto insistira, bem como a tradição filosófica ocidental em geral) é apenas um aspecto da “utilizabilidade” das coisas. O homem compreende uma coisa, quando sabe o que fazer com ela, e só compreende a si próprio, “quando sabe o que pode ser” – diz Heidegger. Para ele, “o ser no mundo” é um ser “existencial”, assim como “o ser-com-os-outros” – não podendo existir um sujeito sem mundo, ou “um *eu* isolado, sem “os outros”. Nas suas “Meditações cartesianas”, Husserl também propusera a fenomenologia da “intersubjetividade”, nos mesmos termos em que a propõe Heidegger: “os outros não são inferidos como outros ‘eus’; eles são dados, precisamente como outros ‘eus’, desde a origem”(p.585). Deve-se dizer, portanto, que para Heidegger – que pode ser considerado o precursor do Existencialismo, tendo sofrido influência da Fenomenologia – a existência seria um eterno projetar-se, e não um mero acidente. Como consequência desta condição, teríamos a “facticidade” e a “possibilidade” Essa condição, por sua vez, geraria no homem um estado de angústia, que pode ser entendido como estar no mundo em um estado de carência ou de temor. Esta angústia nos leva a entender a precariedade, em que se encontra o ser humano. Para fugir deste sentimento de angústia, o homem teria que abrir mão da sua autenticidade e mergulhar naquilo que Heidegger chama de “inautenticidade”, que é quando o homem vive

alheio a si próprio. O homem se sentiria atraído por essa inautenticidade, pois dela faz parte a *morte*, uma experiência que não se pode ter antecipadamente. A morte, desta forma, é vivida como uma “possibilidade existencial”. O ente não é, assim, apenas um ente que está aí, mas *um ser que está no mundo para a morte*, um ser para “o nada” – este, uma presença forte na estrutura existencial.

O homem é, também, um ser que vive “por antecipação”. Acabamos por nos projetar além do que somos, isto é, transcendemos o que somos, a cada momento. Daí o conceito de “transcendência” que, para Heidegger, está relacionado ao futuro, ao *devenir*. Desta forma, a situação existencial é inseparável da temporalidade, e esta acaba sendo o sentido da existência. Por isso, o homem seria o único ser histórico e existir é *temporalizar-se*, conclui Heidegger³⁷.

Uma questão importante para os Estudos de Tradução é que, para Heidegger – numa segunda fase da sua produção filosófica – o homem seria, também, um “ser como iluminação da linguagem”³⁸. Nessa sua segunda fase, acontece uma reversão ou uma conversão, de tal forma que nas últimas obras, é o “ser”, agora – “ele mesmo” – que torna possível a compreensão da sua existência. Ao dirigir sua atenção para o próprio *ser*, em lugar da existência humana, de um modo geral, Heidegger tenta penetrar cada vez mais no universo da “linguagem, que passa a ser o horizonte no qual se poderia divisar o ser”³⁹. De modo que, este ‘segundo’ Heidegger é “uma espécie de iluminação da linguagem” e não se trata de uma linguagem científica, que vê a realidade como “objeto” de conhecimento, nem de uma linguagem técnica, que modifica a realidade: mas sim, da *linguagem poética e criadora*. O *ser* habita nesta linguagem que serve para “comemorar-lo”, para que não caia em um “esquecimento”

Elevar-se até o *ser*, seria “habitar” nele, através da poesia, mas, apesar de envolver o *ser* na linguagem poética, Heidegger, na sua segunda etapa, não deixa de lado a ontologia. O *ser* torna possível a linguagem, que lhe permite falar sobre as coisas. Enfim, o *ser* é um mistério: embora se identifique com “o nada”, ele – o ser – é, ou seja, ele existe.

Antes do aparecimento de Jacques Derrida, com seus conceitos sobre *desconstrução, diferença, suplemento*, Heidegger teria publicado o artigo “Identidade e Diferença”, pretendendo instituir uma nova Metafísica. Nesse artigo, menciona Platão que delimitou a diferença entre “identidade” e “igualdade”, sendo que, no Diálogo Sofista, este

³⁷ Cf. HEIDEGGER, em *Os Pensadores*, 1991, p.75

³⁸ Ibidem, p.11.

³⁹ Idem.

fala de *stásis* e *kínesis*, de repouso e movimento. Nesta passagem de Platão, o estrangeiro fala: “Entretanto, cada um deles é um outro, ele mesmo, contudo, para si mesmo, o mesmo”⁴⁰. A identidade faria parte do ser. Mais adiante, lê-se:

O que o princípio da identidade, quando ouvido em seu teor fundamental, expressa é exatamente aquilo que todo o pensamento ocidental-europeu pensa, a saber, isto: a unidade da identidade constitui um traço fundamental no seio do ser do ente (HEIDEGGER, 1991, p.140)

A *diferença*, por sua vez, apareceria quando se examinasse “o ser do ente” (*genitivus objectivus*), em contraposição ao “ente do ser” (*genitivus subjectivus*) (p.140). Em suma, em Heidegger, o “ser” é o sujeito, em toda a sua história de vida e experiência, enquanto o “ente” é o ser físico, material, com sua fisiologia.

1.5 DERRIDA E A DESCONSTRUÇÃO: UMA BREVE GENEALOGIA

Embora não se constitua, exatamente, como uma teoria filosófica propriamente dita, como afirma o seu próprio autor, e seja até considerada, por muitos, uma antifilosofia, o Desconstrutivismo, de Derrida, possui certa filiação à filosofia de Nietzsche

Em *Derrida – Nietzsche/ Nietzsche-Derrida*, de autoria do pesquisador alemão Ernst Behler (1988), lê-se a respeito da influência de Heidegger sobre Derrida, bem como sobre as divergências entre ambos: *Aber die Auseinandersetzung mit Heidegger ist in jeder Schrift Derridas am Werk und immer, direkt oder indirekt, mit Nietzsche verbunden* (p.59) – “No entanto, a discussão com Heidegger, está presente em cada obra de Derrida e sempre, direta ou indiretamente, ligada a Nietzsche” (Tradução nossa).

Mais adiante, Behler observa que Derrida teria frisado em *Positions* que a sua pesquisa não seria possível sem a colocação da questão levantada por Heidegger, quanto àquilo que ele chama de “diferença” entre o *Sein* (ser) e o *Seiende* (o sendo) – a diferença onto-ontológica da filosofia.

Derrida fala que, ao se desconstruir a Metafísica, surge a contingência, de maneira econômica e estratégica, de se levar em conta as fontes sintáticas e lexicais da linguagem. No entanto, Derrida reconhece os abusos da Metafísica, distanciando-se, assim, do eu predecessor. Para criticar Heidegger, Derrida se vale, sempre, das teorias de Nietzsche. Foram dedicadas ao problema do texto, da *escritura*, da *desconstrução do signo saussuriano*,

⁴⁰ Cf. HEIDEGGER, coleção *Os Pensadores*, p. 39.

obras tais como *Gramatologia*, *Psiquê*, *Invenção do Outro*, *Escritura e Diferença*, *Farmácia de Platão*, *Posições*, além das obras filosóficas, como *Margens da Filosofia*, entre outras.

Em seu artigo “Desconstruindo a Lingüística Estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida”, Luciano Rodrigues Lima comenta o pensamento derridiano, ao retomar os questionamentos de Nietzsche, “em relação ao conceito de verdade única e das certezas inabaláveis construídas pelo *logocentrismo*, através de um sistema de oposições binárias hierarquizadas”. Nestas oposições, um dos termos seria “valorizado”, enquanto o outro, degradado. Como exemplo de oposições que o *logocentrismo* e a Metafísica ocidental criaram, pode-se citar: causa-efeito, presença-ausência, centro-periferia, positivo-negativo, fala-escrita⁴¹. Em *Positions*, Derrida escreve:

Ce qui m'intéressait à ce moment-là, ce que j'essaie de poursuivre selon d'autres voies maintenant, c'est, en même temps qu'une 'économie générale', un sorte de stratégie générale de la déconstruction. Celle-ci devrait éviter à la foi de neutraliser simplement les oppositions binaires de métaphysique et de résider simplement, en le confirmant, dans le champs clos de ces opposition – O que me interessa, nesse momento, é que estou tentando seguir por outras vias agora, é, ao mesmo tempo, aquilo que não passa de uma “economia geral”, e uma espécie de *estratégia geral da desconstrução*. Esta deveria evitar, ao mesmo tempo, simplesmente, neutralizar as oposições binárias da metafísica, como residir, simplesmente, confirmando-o, num campo fechado das oposições (DERRIDA, 1972, p.56) (Tradução.nossa)

Através de uma estratégia de leitura – proposta por Derrida- ele introduz o conceito de “diferência”, que é utilizada para desconstruir esse discurso logocêntrico. O próprio termo “desconstrução” teria sido um neologismo, forjado por Derrida, enquanto a “diferência” – um verdadeiro arqui-conceito – abrangeria outros conceitos, tais como “descentramento”, “fármaco”, “a escritura”, “o suplemento”, “jogo”, “rastro”, que serão discutidos mais adiante⁴². Em *Positions*, Derrida escreve:

Ne pouvant plus s'élever comme un maître-mot ou un maître concept, barrant tout rapport au théologique, la différence se trouve prise dans un travail qu'elle entâine à travers une chaîne d'autres concepts, d'autres mots, d'autres configurations textuelles; [...] (par exemple ceux de gramme, de réserve, d'entame, de trace, d'espacement [...] de supplément, de pharmakon [...]), etc. – Não podendo mais se elevar como palavra-mestra ou como um conceito-mestre, impedindo qualquer relação ao teológico, a *diferência* se encontra presa, dentro de um trabalho que ela arrasta através de uma cadeia de outros “conceitos”, de outras “palavras”, de outras configurações textuais; [...] por exemplo, o de *grama*, de *reserva*, de *incisão*,

⁴¹ Cf. LIMA, p.1.

⁴² Cf. LIMA, p.1.

de *traço*, de *espaçamento* [...] de *suplemento*, de *fármaco* [...], etc. (DERRIDA, 1972, p.54-5) (Tradução nossa).

1.5.1 O surgimento da Desconstrução: Jacques Derrida

A Desconstrução – com sua aplicação em várias áreas dos estudos humanísticos – surgiu através da nova visão sobre a escrita, o signo lingüístico, entre outras coisas, tendo como seu fundador Jacques Derrida, que se cognominava antes “filólogo” que “filósofo”, mas conhecia a fundo as obras de Hegel, Nietzsche, Husserl e Heidegger, lendo-as no próprio original alemão. O Desconstrutivismo teve aplicações, tanto nos Estudos de Tradução, na Psicanálise, bem como nos estudos literários e outras áreas das ciências humanas.

Aqui no Brasil, como já mencionado, o Desconstrutivismo encontrou, entre seus seguidores, a pessoa de Rosemeyre Arrojo, hoje nos EEUU, com obras como *Oficina de tradução* (1986), *Signo desconstruído* (1992), *Tradução, desconstrução e Psicanálise* (1993.), assim como o estudioso Paulo Ottoni, ambos, provenientes da UNICAMP.

Segundo essa teoria, para se traduzir é preciso “decodificar”, pois, involuntariamente, o tradutor, ou o leitor, irá “desconstruir” o texto original, ou o TLP, para se voltar a construí-lo ou *recriá-lo*. Isto se deve ao fato de ter caído por terra o conceito de “significados estáveis”, que foi substituído pelo de “significados flutuantes”, pois é impossível descobrir as verdadeiras e originais intenções do autor. Por esse motivo, ao tentar traduzir a obra, o que o tradutor fará é dar sua própria interpretação ao texto, estando sujeito a vários fatores, tais como a época, a ideologia, a sua cultura de origem, como já se disse, anteriormente.

Parte-se, deste modo, da hipótese de que, durante o processo tradutório, acontece uma verdadeira *recriação*, pois muitos elementos não podem ser traduzidos literalmente, nem mesmo de maneira muito próxima ao TLP. Aí estariam incluídos os tropos (como metáforas, imagens), os provérbios e demais aspectos de uma realidade “extralingüística” diferente. Desta forma, muitas traduções se assemelham mais a “adaptações” ou “paródias”, propriamente ditas. Para reafirmar a tese de que tradução é um ato de re-criação, vai-se citar o seguinte fato: ao ser perguntado, durante uma entrevista dada ao jornal soteropolitano *Correio da Bahia*⁴³, se, de fato, chegava a considerar-se “co-autor” da obra traduzida, Paulo Bezerra, tradutor da obra de Dostoiévski e de muitos outros textos literários em idioma russo, o

⁴³Edição de 15/5/2003.

professor de Teoria Literária da Universidade Federal Fluminense, respondeu que, ao invés disso, considerava-se “recriador”.

Ao se negar o *status* de ‘co-autor’, ao tradutor, traz-se, novamente, à lembrança as discussões sobre o peso de uma tradução (o TLC), em relação ao original (o TLP), pois, em épocas passadas – como foi visto anteriormente – o *status* de uma tradução não era muito elevado. Octavio Paz, autor de *Traducción: literatura y literariedad* (1970), no entanto, valoriza bastante a tradução, ao afirmar que esta é que seria “original”, já que não existiriam duas traduções idênticas da mesma obra⁴⁴.

1.5.2 Desconstrução e tradução

O Desconstrutivismo pode, também, ser aplicado à tradução, pois para Derrida “a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se essa diferença nunca é pura, a tradução também não o é” (*Posições* 1972, p.30).

Desta forma, Derrida trata do problema da tradução, dentro da teoria do Desconstrutivismo, em *Torre de Babel*, texto que equipara Babel a uma imagem do “caos” (Ver item 3.2 deste trabalho). Nesse artigo, ele discorre sobre *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin, mas, ao mesmo tempo, pelo título, esse ensaio de Derrida faz lembrar o livro *Após Babel*, de George Steiner, em que as colocações não são desconstrutivistas, pois ainda se busca “fidelidade” do texto traduzido em relação ao “original”. Ottoni, em *Tradução manifesta* (2005), escreve a esse respeito:

Steiner (1975) no capítulo *The claims of theory*, (“As pretensões da teoria” – Tradução nossa) faz um entrelaçamento da história e da teoria da tradução que reflete uma maneira de se pensar a tradução como um compromisso entre duas línguas, através da fidelidade. (OTTONI, 2005, p.76)

De fato, Steiner, examinando os conceitos de Jakobson sobre os tipos de tradução, procura diferenciar *rewording* que produziria algo “aproximado” (*rewording unavoidably produces something more or less*) da *translatio proper*, isto é, a “tradução propriamente dita”, onde há a mesma mensagem, expressa em “dois códigos diferentes” (isto é, “duas línguas diferentes”) Assim, Steiner escreve:

⁴⁴ Cf. PAZ apud ARROJO, 1986, p.11.

The difference is that whereas rewording seeks to substitute one code-unit for another, 'translation proper' substitutes larger units which Jakobson calls 'message'. Translation is a 'reported speech; the translator recodes and transmits a messages received from another source. Thus translation involves two equivalent messages in two different codes – A diferença é que, enquanto 'reformulação textual' procura substituir uma unidade de código por outra, a 'tradução propriamente dita' substitui unidades maiores que Jakobson chama de 'mensagens'. A tradução é um 'discurso indireto'; o tradutor recodifica e transmite a mensagem de outra fonte. Desta forma, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes. (STEINER, 1998, p.274)

Com a abordagem desconstrutivista, não se pôde mais fazer este tipo de afirmação como “mesma mensagem em códigos diferentes”, pois se sabe que a mensagem também muda, ao se fazer semelhante “transferência”.

É importante notar-se que, a partir de 2001, têm aparecido obras direcionadas a conectar a desconstrução à tradução, mais intrinsecamente. Um deles é o livro *Deconstruction and translation* (2001), da pesquisadora inglesa Kathleen Davis, enquanto no Brasil, o pesquisador Paulo Ottoni – já mencionado acima – da UNICAMP, lançou o livro *Tradução manifesta: double bind e acontecimento* (2005). Ambos os livros comentam manifestações de Derrida sobre esse tema, trazendo, assim, importantes contribuições para a abordagem desconstrutivista da tradução.

Kathleen Davis reconhece a dificuldade de reunir esses dois temas, pois a aplicabilidade da desconstrução é vasta e não se limita, apenas, à tradução. A desconstrução não pode ser considerada como uma teoria da tradução, segundo Davis, mas pode servir a ela, em vários aspectos.

Para entender a ligação entre desconstrução e tradução é preciso ter em mente duas importantes afirmações de Derrida. Em primeiro lugar, há a “mais famosa” frase de Derrida – segundo Davis: *il n'y a pas de hors-texte*⁴⁵ (isto é, “não há nada fora do texto”) – o que significa que o significado, como “sentido”, (*meaning*) não pode ser separado do texto – *Derrida warns against attempt to sever meaning from context* – (Derrida adverte contra a tentativa de separar o sentido do contexto) - frisa Davis⁴⁶ na sua obra. E em segundo lugar, Derrida afirmou que não existe sentido (*meaning*) anterior à língua, em um sentido *a priori*. Uma língua, na verdade, para Derrida, não constitui um sistema nitidamente recortado, dentro de “limites”, resultando o “sentido” como resultado de “jogo de diferenças” (Davis, p.13). Embora seja a língua um “sistema”, ele não pode ser considerado “permanente”, pois a

⁴⁵ De la Grammatologie, 1967.

⁴⁶ p.3.

língua está sempre em estado de mudança, tomando de empréstimo elementos, a cada geração, remodelando também as regras de gramática⁴⁷.

A respeito da questão da *traduzibilidade/intraduzibilidade*, Derrida diz que o texto é ao mesmo tempo “traduzível” e “intraduzível”. Assim, em *Living On / Borderlines* (1979), Derrida escreve (com fragmentos de citações em francês):

A text lives only if it lives on [sur-vit], and it lives on only if it is at once translatable and intranslatable [...]. Totally translatable, it disappears as a text, as writing, as a body of language [langue]. Totally untranslatable, even within what is believed to be one language, it dies immediately – Um texto só vive se ele sobreviver – [sobre-vive], e ele só sobrevive, se ele for , ao mesmo tempo traduzível e intraduzível [...] Como totalmente traduzível, ele desaparece como um texto, como escrita, como um corpo da língua [langue]. Como totalmente intraduzível, mesmo dentro daquilo que se considera sendo uma língua, ele morre imediatamente. (DERRIDA apud DAVIS, 2001, p.22) (Tradução nossa)

Um texto totalmente traduzível – continua Davis – estaria, simplesmente, repetindo o que já existe, sem singularidade ou identidade. Um texto totalmente traduzível, assim, não poderia existir, pois tratar-se-ia de uma tradução literal, palavra por palavras (*a verbatim repetition*). Por outro lado, um texto “intraduzível” não teria nenhuma relação com qualquer sistema de significados (*meaningful system*) e, desta forma, como foi dito acima, “morre imediatamente”(p.22).

É importante, para a tradução, a relação *singular/geral*, que fica mais clara quando se estabelece a distinção entre *significante/significado*. A desconstrução – como já foi dito anteriormente – demonstra a não-existência de significado “transcendental” (no sentido logocêntrico de Saussure) – isto é o sentido, existindo fora da linguagem, e que os significantes sempre seriam “escritos”, mesmo sendo “fônicos” – afirma – Derrida em *Positions* (1972). Assim, o significado é um efeito da língua, um jogo singular de diferenças, em uma cadeia de significados. E a tradução, na medida do possível, põe em prática essa diferença entre significado e significante⁴⁸.

Desta forma, um texto, por sua vez, que representa um *inteweave of traces* (entrelace de traços) não pode ser separado do “contexto”, do momento histórico em que foi produzido, das condições da sua produção, diz Derrida. Ademais, os termos, dentro de um texto, podem, muitas vezes, ter conotações bem diferentes – acrescenta Paul De Man, ao

⁴⁷ Cf. DAVIS, p.21.

⁴⁸ Cf. DERRIDA, 1972, p.20.

explicar que o termo alemão para “pão” – isto é, *Brot* não teria a mesma conotação que, por exemplo, *pain* em francês⁴⁹.

O significado (*meaning*) ficaria assim em uma posição intermediária entre a “estabilidade” e a “instabilidade”, conceitos criados por Derrida, o que faz surgir o conceito de “iterabilidade”, um caráter de “repetição” do mesmo, o que atesta a “não-saturabilidade do contexto”. Assim, em *Margens da filosofia*, Derrida explica:

Every sign, linguistic or nonlinguistic, spoken or written (in the usual sense of this opposition), as a small or large unity, can be cited, put between quotation marks; thereby it can break with every given context, and engender infinitely new contexts in an absolutely nonsaturable fashion. This does not suppose that the mark is valid outside its context, but, on the contrary, that there are only contexts without any center of absolute anchoring – Cada signo, linguístico ou não-linguístico, falado ou escrito (no sentido comum desta oposição), como uma unidade pequena ou grande, pode ser *citado*, colocado entre aspas; com isso, ele pode romper com qualquer contexto, e gerar infinitamente novos contextos, de uma maneira insaturável. Isto não quer dizer que a marca é válida fora do seu contexto, mas ao contrário, que só existem contextos sem qualquer centro de ancoragem absoluta. (DERRIDA, 1972, p.320) (Tradução nossa).

A “não-saturabilidade” do contexto faz parte, hoje, de muitas discussões sobre tradução. O que se depreende disso, segundo Davis, é que *Every sign is repeatable, or iterable, but since it can only be repeated in a different context the possibilities for its meaning remain open* (“Cada signo é repetível, ou iterável, mas como ele só pode ser repetido em um contexto diferente, as possibilidades para seu significado permanecem abertas”)⁵⁰. A necessidade de “contextualizar” o signo dentro de uma tradução é uma teoria que coincide com os postulados do descritivismo, pois Gideon Toury afirma que *translations are facts of target cultures* (“traduções são fatos das culturas de chegada”), pois a cultura de chegada – ou cultura-alvo – (*target culture*) é um acontecimento (*an event*) (TOURY, 1995, p.29).

A tradução estaria transformando a linguagem de chegada, assim como o original, pois estes dois sistemas interagem, e também pelo fato de que o texto em língua estrangeira, ao ser traduzido, necessariamente realiza novos significados no sistema da língua-alvo (*target system*) – ou sistema da LC. Assim, Toury escreve:

⁴⁹ Cf. DAVIS, p.23- 24.

⁵⁰ Cf. DAVIS, 2001, p.14.

[...] translation activities and their products not only can, but do cause changes in the target culture. By definition, that is. Thus, cultures resort to translating precisely as a major way of filling gaps, whenever and wherever such gaps manifest themselves [...] – [...] as atividades tradutórias e seus produtos, não apenas, podem como, realmente, vêm a causar mudanças na cultura-alvo. Isto é, por definição. Desta forma, as culturas recorrem à tradução, precisamente como a melhor maneira de preencher as lacunas, quando ou onde quer que tais lacunas venham se manifestar. (TOURY, 1995, p.27) (Tradução nossa)

Em outras palavras, o ponto de partida para o aparecimento dos *gaps* (vazios, lacunas) é sempre a cultura de chegada (*target culture*), diz Toury. Assim, cada texto individual seria único; pode estar, mais ou menos, sintonizado (*more or less in tune with*) com os modelos predominantes (*prevailing models*), mas é, em si, uma novidade (*a novelty*) – diz Toury. Assim, a introdução de um tal texto na cultura de chegada *always entails some change, however slight, of the latter* (“sempre acarreta alguma mudança, mesmo que leve, desta”) (Toury, 1995, p.27).

Assim, a língua não pode assumir um *status* “suprahistórico” (isto é, se ela pudesse se sobrepor ao contexto) – se isso fosse possível – argumenta Derrida, a torre de Babel poderia ser concluída, e o significado poderia ser “transcendental” e a língua poderia ser “totalitária”. Assim, ao contrário disso, Derrida enfatiza que *meaning is always context-specified and always requires translation* (“o significado é sempre especificado pelo texto e sempre requer uma tradução”⁵¹).

A desconstrução, na verdade, não afirma que não há assunto, nem verdade, ou que não há história. O que a desconstrução busca é descobrir como essas verdades são produzidas, questionando as entidades que afirmam possuí-las – segundo Spivak (1994, p.285). A “total traduzibilidade”, segundo Spivak e outros desconstrutivistas que se manifestam contra o uso da tradução como um domínio cultural, não passaria de um desejo da metafísica ocidental de “reinar”, ou “dominar”, impondo os seus sistemas de verdades sobre os colonizados, estabelecendo verdadeiros “reinos” de presença – o que se caracteriza como uma “violência” na história da humanidade. Ao tentar subverter as bases dos sistemas, acima referidos, pode-se afirmar que a desconstrução desempenha um papel *deeply political* (profundamente político) (Spivak, p.285).

No Brasil, a ligação entre Desconstrutivismo e a tradução está exposta no recentemente lançado livro de Paulo Ottoni, da UNICAMP, que vem fazendo pesquisas neste campo, há mais de uma década. Trata-se de *Tradução manifesta: double bind e acontecimento* (2005), que representa uma coletânea de diversos textos de Ottoni, tais como

⁵¹ Cf. DAVIS, 2001, p.45.

transcrição de conferências proferidas por ele, em diversas universidades, em várias partes do mundo, incluindo, também, um texto da autoria de Derrida, sob o título “Fidelidade a mais de um – merecer herdar onde a genealogia falta”, traduzido pelo pesquisador.

Double bind é um conceito introduzido por Derrida, que diz respeito à “necessidade” e à “impossibilidade da tradução” – o que não deixa de ser um “paradoxo” – segundo Ottoni na sua “Introdução”(Ottoni, p.12). “Esse paradoxo deve ser considerado como constitutivo do próprio processo de leitura e de tradução que a desconstrução promove, ou seja, temos que sofrer e suportar o *double bind*, sem o qual não pode haver nem leitura nem tradução”.(p.12). O autor adverte que “manifesta” pode ser entendido de várias maneiras: como adjetivo e como verbo, também, enquanto o

Double bind é a maneira econômica de falar da relação conflitante e paradoxal que os tradutores têm ao (re)conciliar o intraduzível e a tradução. O *double bind* é, também, uma maneira de desconstruir as dicotomias binárias e estanques que sustentam as teorias totalitárias que promovem e eternizam um “saber absoluto” sobre a linguagem, a tradução e o traduzir. O acontecimento é a possibilidade de conceber a tradução fora de qualquer aprisionamento teórico, já que ‘a tradução, lá onde ela é um acontecimento considerável do pensamento, tem lugar de ter lugar. (OTTONI, 2005, p.15)

No texto “Tradução recíproca e *Double Bind*: transbordamento e multiplicidade de línguas”, Ottoni adverte que as “reflexões de base lingüística sobre a tradução têm pressupostos teóricos que diferem muito daqueles das abordagens pós-estruturalistas, mas nem por isso essas reflexões devem ser deixadas de lado de maneira radical”. Pois, se a lingüística estrutural e formal não consegue “sistematizar e teorizar” a tradução dentro de uma ciência, na abordagem pós-estruturalista, por outro lado, a tradução “passa a ser considerada como uma questão ideológica e filosófica”(p.48)

Ottoni, desta forma, acredita que a tradução não seja “domesticável”, resistindo a “qualquer tentativa de sistematização em qualquer postura teórica ou histórica”. Desta forma, Ottoni prefere discutir a tradução, como “acontecimento da linguagem que deflagra a existência de línguas, a partir da reflexão de dimensão desconstrutivista, proposta por Jacques Derrida” (p.49).

O próprio Ottoni, num texto da sua autoria, publicado na revista *Lusorama*, em Berlim, em 1997, discute “o papel que o tradutor exerce nesta dimensão desconstrutivista”, fazendo a seguinte afirmação:

Estar neste “meio”, neste “duplo” papel em que se encontra o tradutor [...], é um fenômeno decorrente não só porque há diferença lingüística entre as línguas, como

também porque há diferença *de sistema de línguas inscrita em uma só língua* – como teria dito Derrida em *L'oreille de l'auteur* (1982, p.134).

O “sujeito”, ao traduzir, estaria “entre a diferença de dois sistemas lingüísticos e no ‘meio’ de *várias línguas* que compõem as línguas envolvidas na tradução⁵². Para provar o que disse, Ottoni examina diversas traduções: A de *Finnegans Wake*, de James Joyce, por Augusto de Campos; algumas passagens da tradução de *Glas*, de Derrida, para o inglês, por Leavy e Rand, e, também, passagens da tradução de *Grande Sertão:Veredas*, por Curt Meyer-Clason, para o alemão. Nisso, Ottoni demonstra como: “a tradução do nome próprio e a manutenção de algumas palavras em português, no texto alemão, possibilitam através do *double bind*, do mesmo modo que em *Finnegans wake* e *Glas*, uma espécie de tradução recíproca”(p.53).

A respeito de *Grande Sertão:Veredas*, existe, também, “uma língua dentro da outra”, pois Guimarães Rosa teria recriado o português dentro do próprio português. “Há uma mistura de línguas que, inevitavelmente, a tradução para o alemão faz evidenciar” (p.63). Na verdade, ao traduzir o nome próprio para nome comum, Meyer-Clason permitiu que o texto alemão ficasse “contaminado pelo português”. O tradutor alemão provoca uma verdadeira “fusão das línguas”(com efeito de “decalque”), quando substitui o termo “compadre” do TLP, por outro nome em português, isto é, “padrinho”, no TLC, interferindo no texto de Guimarães Rosa (p.66-68).

1.5.3 *Des Tours de Babel* (Torres de Babel), de Jacques Derrida: A Babel das línguas e a diferença, como “dádiva”

Talvez, o artigo *Tours de Babel* (Cf. SCHULTE & BIGUENET, 1992, pp.218-227) seja uma das principais obras de Derrida para se compreender a relação entre a desconstrução e o problema da tradução. O *corpus* de Derrida, neste ensaio, são duas traduções diferentes de uma passagem do *Velho Testamento*, que narra a questão da “maldição” dos que ousaram a dar a si mesmos um nome, que os identifica e os distingue dos outros, e um nome que, também, inclui o nome do pai.

Por detrás do ensaio *Des Tours de Babel*, assomam duas idéias que são as linhas de força do pensamento derridiano: I. A idéia de diferença, segundo a qual os homens e os povos são desiguais, na cultura e na individualidade, sendo que isto é visto como dádiva; II.

⁵² Cf. OTTONI, 2005, p. 53.

A noção de contaminação, isto é, a contaminação como elemento desconstrutor de uma suposta pureza, a pureza da origem única, resumida na figura do pai. Assim, os homens de Babel teriam ousado nomear-se a si mesmos e, desta forma, criar uma identidade independente do pai, nascida da linguagem. Essa crença encontra respaldo na noção de que é a linguagem que constrói o homem, ao mesmo tempo em que o desconstrói – um conceito que se liga ao do “suplemento” da língua escrita. Dessa forma, se a tradução é uma impossibilidade, tanto melhor para o estabelecimento da diferença, entre os homens, entre culturas e, por último, entre línguas.

Pode ser lembrado, nesse momento, que a polêmica entre a possibilidade e a impossibilidade de se traduzir já data de algum tempo. Em 1937, Ortega y Gasset escrevia no seu artigo “Miséria e esplendor da tradução”, que o homem se coloca metas impossíveis de alcançar, metas utópicas, o que o torna um ser triste, diferente dos animais, que, raramente, demonstram tristeza. Uma dessas metas, utópicas ou impossíveis, seria a tarefa de se traduzir. Assim, lê-se:

We must begin correcting at the outset the idea of what a translation can and ought to be. Should we understand it as a magic manipulation through which the work written in one language suddenly emerges in another language. If so, we are lost, because this transubstantiation is impossible – Devemos começar a corrigir, desde o início a idéia daquilo que uma tradução pode e deve ser. Se entendermos que se trata de uma manipulação mágica, através da qual o trabalho escrito em uma língua, e repente, emerge em outra língua. Então, estaremos perdidos, porque esta transubstanciação é impossível (ORTEGA Y GASSET apud SCHULTE, R. & BIGUENET, J., 1992, p.109) (Tradução e grifo nosso)

“Babel” – escreve Derrida – é um nome próprio. Mas quando nós dizemos “Babel”, hoje, sabemos a quem estamos nomeando? Como nome próprio, seria quase “intraduzível”. “A torre de Babel” não figura, simplesmente, como a “irreduzível multiplicidade de línguas” (*the irreducible multiplicity of tongues*); ela exhibe uma incompletude, a impossibilidade de se terminar, de completar uma edificação, uma construção arquitetônica. O que a multiplicidade de idiomas, na verdade, limita, não é apenas uma “verdadeira” tradução (*a ‘true’ translation*), uma interexpressão transparente ou adequada, mas, também, uma “ordem estrutural” (*a structural order*), “a coerência do construto” (*the coherence of construct*) (p.218).

Em primeiro lugar, pergunta Derrida – “Em que língua a torre de Babel foi construída e desconstruída?” – *In a tongue within which the proper name of Babel could also, by confusion, be translated by ‘confusion’* (“Em uma língua em que o nome próprio de Babel podia, também, por confusão, ser traduzido por “confusão”) – continua Derrida (o que se vê nas entrelinhas é que o mito de Babel é construído lingüisticamente, discursivamente).

O filósofo Voltaire teria ficado surpreso sobre o que lera no verbete correspondente a “Babel” no *Dictionnaire philosophique*. Na verdade, esta palavra se compõe de duas partes, sendo “Ba”: pai, e “Bel”: Deus. Desta forma, “Babel” seria “a cidade de Deus, a cidade sagrada”. Como o dicionário se refere a uma confusão de línguas, que teria ocorrido na época, impedindo a compreensão dos povos por terem surgido línguas diferentes, Voltaire observa que “Babel” não seria apenas um nome próprio (este seria intraduzível), mas seria, também, um nome comum, relacionado “à generalidade do significado”. Assim, Voltaire teria escrito:

I do not know why it is said in Genesis that Babel signifies confusion, for Ba signifies father in the Oriental tongues, and Bel signifies God; Babel signifies the city of God, the holy city. The Ancients gave this name to all their capitals. But it is incontestable that Babel means confusion, either because the architects were confounded after having raised their work [...] or because the tongues were then confounded [...].(Eu não sei por que se diz no Gênesis que Babel significa confusão, pois Ba significa pai nas línguas orientais, e Bel significa Deus; Babel significa a cidade de Deus, a cidade sagrada. Os Antigos davam esse nome a todas suas capitais. Mas é incontestável que Babel significa confusão, ou porque os arquitetos foram confundidos depois de terem erigido seu trabalho [...] ou porque as línguas foram então confundidas [...]).(SCHULTE & BIGUENET, 1992, p.219) (Tradução nossa)

Significando “confusão”, esta seria de duas espécies: não apenas a confusão de línguas, mas, também, o “estado de confusão” em que teriam se encontrado os arquitetos ao terem que interromper a sua construção, como foi dito acima. Assim, o significado de “confusão”, neste caso, já é duplo. Voltaire, aí, teria sugerido mais uma interpretação: “Babel” significaria, também, o “nome do pai”, ou mais precisamente, “o nome de Deus, como nome do pai”. Assim, lê-se:

The signification of “confusion” is confused, at least double. But Voltaire suggests something else again: Babel means not only confusion in the double sense of the word, but also the name of the father, more precisely and more commonly, the name of God as name of father – A significação de ‘confusão’ é confuso, no mínimo duplo. Mas Voltaire, novamente, sugere algo mais: Babel não apenas significa no sentido de duplo sentido da palavra, mas também *o nome do pai*, mais precisamente e mais comumente, o nome de Deus como nome do pai. (SCHULTE & BIGUENET, 1992, p.219) (Tradução e grifos nossos)

A cidade levaria o nome de Deus-pai e do pai da cidade (*the name of God the father and of the father of the city*) que se chama “confusão”. Deus teria marcado com o seu patronímico um lugar comunitário, uma cidade, onde a compreensão não era mais possível. E não há mais compreensão onde há apenas nomes próprios e onde não os há, também. E dando um nome de sua escolha, assim como todos os outros nomes, *the father would be at*

the orgin of language (“o pai estaria na origem da língua”). Mas, este mesmo Deus – num ato de ira – anula a “dádiva das línguas”, ou, pelo menos, as confunde, semeando confusão entre seus filhos, “e envenena o presente” (*and poisons the present Gift/ gift*). Aqui Derrida usa de jogo de palavras com o significado de *gift* no inglês, e no alemão (*Gift*), língua que Derrida domina, tendo sempre lido Hegel, Heidegger e Nietzsche no seu original. Embora, essa palavra, em ambos idiomas, tenham como sua raiz o verbo *give* (dar”), enquanto no inglês *gift* é “presente”, no alemão, *Gift* significa “veneno”. Assim, Deus “envenena o presente” – isto é, a dádiva das línguas, como se mencionou acima. E isto dá origem às diversas línguas, gera uma multiplicidade de idiomas, entre os quais aqueles a que se costuma chamar de “línguas-maternas”.

Antes da desconstrução de Babel, *the great Semitic family* (a grande família semita) estava estabelecendo o seu império, que seria “universal”, querendo também impor a sua língua sobre o universo. Nesse momento é que acontece desconstrução da torre. Derrida cita dois tradutores franceses: Louis Segond e Chouraqui. O primeiro tradutor se afasta do que se costuma chamar de “literalidade” (tradução literal), não empregando a figura de linguagem que os hebreus usam para “língua”. Enquanto isso, o segundo prefere essa linguagem metafórica, ou metonímica, como está no hebraico. Assim, para *tongue* (língua) Cherouqui escreveu *lip* (isto é, “lábio”), como se usa no hebraico. Desta forma, na sua tradução, se lê “multiplicidades de lábios”, e não, “multiplicidade de línguas”, para designar a confusão babeliana. Por outro lado, tanto Louis Segond, como Chouraqui, acabam transmutando os materiais de construção: *brick* (tijolo) torna-se “pedra”, enquanto *tar* (betume) se transforma em “cimento”. Derrida cita a tradução do primeiro tradutor francês, Louis Segond, a saber:

Those are the sons of Sem, according to their families, their tongues, their countries, their nations. Such are the families of the sons of Noah, according to their generations, their nations. And it is from them that emerged the nations which spread over the earth after the flood. All the earth had a single tongue and the same words. A they had left. The origin they found a plain in the country of Schinear, and they dwelt there. They said to one another: ‘Come! Let us make bricks, and bake them in the fire. And brick served them as stone, and tar served them as cement’ – Estes são os filhos de Sem, de acordo com suas famílias, suas línguas, suas terras, suas nações. Tais são as famílias dos filhos de Noé, de acordo com suas gerações, suas nações. E é a partir deles que emergiram as nações que se espalharam sobre a terra depois do dilúvio. A terra toda tinha uma única língua e as mesmas palavras. E quando eles deixaram a origem, eles encontraram uma planície na Região de Schinear, e lá eles moraram. Um disse para o outro: “Venha! Vamos fazer tijolos e assá-los no fogo. E o tijolo lhes serviu de pedra, e o betume lhes serviu de cimento”). (Ibidem, p.220) (Tradução e grifos nossos).

Derrida declara não saber interpretar essa “substituição”, ou “transmutação”, o que parece ser “uma tradução de uma tradução”. Em seguida, os descendentes de Noé planejam construir, para si, uma cidade e uma torre – cujo topo tocasse os céus – e dar um nome a si mesmos, para não ficarem espalhados por toda a terra (*let us make ourselves a name, so that we not be scattered over the face of all the earth*). (p.220).

Chouraqui, no entanto, traduz essa passagem quase *verbum pro verbo* – como o orador Cícero recomendou *que não se fizesse*, em uma das suas recomendações para o tradutor – o que pode ser lido em *Libellus de Optimo Genera Oratorum*. Aqui, trechos da tradução de Chouraqui:

Here are the sons of Shem. And it is all the earth: a single lip, on speech. They say, each to his like: ‘Come, let us brick some bricks. Let us fire them in the fire’. The brick becomes for them stone, the tar, mortar’. – Aqui estão os filhos de Shem. E em toda terra: um único lábio, uma fala.. E eles falaram, cada um a seu semelhante: ‘Venha! Vamos fazer alguns tijolos. Vamos queimá-los no fogo’. O tijolo se torna para eles pedra, e o betume, argamassa’ (Ibidem, p.221).

Derrida, então, indaga:

O que acontece a eles? (What happens to them?). E Deus castiga os humanos por terem proclamado Seu nome, um nome que Ele não dá a ninguém, ou melhor, o nome próprio para ‘confusão’, que será sua marca e seu “selo”? Ou por terem os homens tentado construir uma edificação tão alta como os céus? Ou por terem querido dar um nome a si próprios? (for having wanted thus to make a name for themselves) (p.221), de construírem para si próprios um nome (That we no longer be scattered) isto é, “para que não sejamos mais espalhados”.

Então Deus os pune por terem querido se assegurar por si próprios (*to assure themselves, by themselves*), em uma única genealogia (p.222).

Assim, YHWH (Jeová) desce para a Terra, para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens construíram, e diz:

Yes! A single people, a single lip for all: That is what they begin to do! Come! Let us descend! Let us confound their lips, man will no longer understand the lip of his neighbor – Sim, um único povo, um único lábio (isto é, língua) para todos: É isso que eles começam a fazer! Venha! Vamos descer! Vamos confundir suas línguas. O homem não irá mais entender a língua do seu vizinho! (p.222) (Tradução e grifos nossos)

Então, Deus os pune e os dissemina, sendo que aqui “a disseminação é desconstrução”. Derrida escreve: *Then he disseminates the Sem, and dissemination is here deconstruction* (“Então, Ele dissemina os Semitas, e disseminação é aqui desconstrução”):

YHWH disperses them from here over the face of all the earth. They cease to build the city. Over which he proclaimed his name: Babel, Confusion, For there, YHWH confounds the lip of all the earth, And from there YHWH disperses them over the face of all the earth. – Jeová os dispersa de lá por toda face da terra. Eles param de construir a cidade. Sobre a qual Ele proclama seu nome: Babel, Confusão, Pois ali, Jeová confunde sua língua por toda a terra, E de lá Jeová os dispersa por toda face da terra (p.222) (Tradução nossa).

Será que Deus teria tido ciúmes? – pergunta adiante Derrida. A partir daí, “Babel” passaria a significar “confusão”, e a tradução passa a ser, a partir daí, *necessária e impossível*, como o efeito da luta pela apropriação do nome. Assim, escreve Derrida: *Translation then becomes necessary and impossible, like the effect of a struggle for the appropriation of the name, necessary and forbidden in the interval between two absolutely proper names*. E nome, dado por Deus, passa a ser dividido, *bifid* (bífido), ambivalente, polissêmico: *God deconstructing* (“Deus desconstruindo”) (p.223). Ao falar de *he war* (a guerra-macho), a guerra que Deus declara aos seres humanos, Derrida sugere que este assunto seja discutido alhures, para criticar os “limites” estabelecidos pela teorias de tradução, que não admitem a possibilidade de que as línguas em jogo, numa tradução, podem ser interpretadas como *more than two in a text* (mais do que duas, em um texto). Assim, pode-se ler:

Let us leave for another time a less hastily interrupted reading of this “he war”, and let us note one of the limits of theories of translation: all too often they treat the passing from one language to another and do not sufficiently consider the possibility for languages to be implicated more than two in a text. How is a text written in several languages at a time to be translated? How is the effect of plurality to be rendered? And what of translating with several languages at a time, will that be called translating? – Deixe-nos para outra oportunidade uma leitura, tão apressadamente, interrompida, desta “guerra-macho”, para poder observar um dos limites das teorias de tradução: elas tratam, com demasiada frequência, a passagem de uma língua para outra e não consideram, suficientemente, a possibilidade de *mais de duas* línguas estarem implicadas num texto. Como se há de traduzir um texto, escrito em várias línguas, ao mesmo tempo? Como se deve considerar o efeito da *pluralidade*? E o que se pode dizer de se traduzir, com várias línguas, ao mesmo tempo, será que isto poderia ser chamado de tradução? (p.223) (Tradução nossa).

De fato, a pluralidade de sentidos e interpretações é uma das tônicas da *Teoria da Desconstrução*, de Derrida, cujo símbolo passa a ser “Babel”: “Tomo ‘Babel’ por um nome próprio”– continua Derrida. Mas um nome “de que coisa ou de quem?”– indaga ele. É um nome próprio, designando três coisas diferentes, mas ao mesmo tempo, um nome comum. Esta narrativa, diz Derrida, conta entre outras coisas, a origem da confusão das línguas, a multiplicidade irreduzível dos idiomas, “a tarefa necessária e impossível da tradução, sua necessidade como impossibilidade”.

Um nome próprio deste tipo – continua Derrida – permanece “intraduzível”. Os dois significados de “Babel” podem ser comentados, explicados, parafraseados, mas jamais traduzidos. Em primeiro lugar, diz Derrida, nomes próprios nem teriam equivalentes. Segundo Jakobson – lembra Derrida – só a tradução “interlingual” seria uma *translation proper* (a “verdadeira tradução”). A tradução intralingual seria a *rewording* (“parafraseamento”), enquanto a tradução semiótica seria equivalente à “transmutação”. Haveria, portanto, uma tradução no sentido apropriado, e outras, no sentido figurado. Mas a convergência de uma forma, numa outra, seria tão problemática, da mesma forma como poder separar os diversos sentidos da palavra “Babel” (p.225). Ao pronunciarmos o nome “Babel”, sentimos a impossibilidade de decidir se este nome pertence, própria e simplesmente, a *uma* – isto é, única – língua (*properly and simply, to one tongue*). Daí vem o conceito de *undecidability*: “indecidibilidade”, isto é incapacidade de se decidir – criado por Derrida, para ilustrar, por extensão, a dificuldade com que se depara o tradutor, no seu trabalho, para poder decidir sobre a escolha dos termos, numa tradução.

Assim, lê-se: *And it matters that this undecidability is a work in a struggle for the proper name within a scene of genealogical indebtedness* – E o que importa é que essa “indecidibilidade” está presente em uma luta pelo nome adequado, dentro do cenário de uma dívida⁵³ genealógica”. (Tradução nossa). Deus, ao impor seu nome, quebra a “transparência racional”, interrompendo, também, a “violência colonial” ou o “imperialismo lingüístico”, que os “Semitas” desejavam impor. Desta forma, escreve Derrida, adiante (“Ele” – isto é, “Deus”):

He destines them to translation, he subjects them to the law of a translation both necessary and impossible; in a stroke with his translatable-untranslatable name he delivers a universal reason (it will no longer be subject to the rule of a particular nation), but he simultaneously limits its universality: forbidden transparency, impossible univocity) – Ele os destina (condena) à tradução, Ele os sujeita à lei de uma tradução, ao mesmo tempo, *necessária e impossível*; de uma vez, com o nome *traduzível-intraduzível*, Ele lança uma razão universal (ela não irá mais sujeita ao domínio de uma nação, em particular), mas, aos mesmo tempo, Ele limita a sua universalidade: *transparência proibida, univocidade impossível* (p. 226) (Tradução nossa).

Embora, ela, a tradução, deixasse de estar sujeita à regra de uma só nação, em particular, a sua universalidade seria limitada, proibidas a transparência e a univocidade. Isto implica nas dificuldades da tarefa de traduzir, uma vez que a palavra deixa de ser “transparente”, podendo, portanto, ser compreendida de modo diferente por diversas pessoas. A dádiva se transforma em “dívida” (*debt*): *Translation becomes law, duty and debt, but the*

⁵³ Cf. MICHAELIS.

debt one can no longer discharge (“A tradução torna-se lei, dever e dívida, mas uma dívida que não se pode mais dispensar”):

[...] in giving his name, God also appealed to translation, not only between the tongues that had suddenly become multiple and confused, but first of his name, of the name he had proclaimed, given [...] At the moment when he imposes and oppose his law to that of the tribe, he is also a petitioner for translation.—Dando Seu nome, Deus também apelou par a tradução, não apenas entre as línguas que, de súbito, se tornaram múltiplas e confusas, mas, primeiramente, do seu nome do nome que ele tinha proclamado, dado (...). No momento em que Ele impões Sua lei, opondo-a à lei da tribo, Ele, também, é um requerente por uma tradução (p.227) (Tradução nossa).

Se o nome de Deus era de difícil entendimento, como poderia ser traduzido? Deus fez um nome para si: o nome de *Babel*, que é intraduzível. No entanto, Deus não pára de suplicar por uma tradução do seu nome, embora, ao mesmo tempo Ele a proíba, pois Babel é intraduzível (*He has not finished pleading for the translation of his name, even though he forbids it. For Babel is untranslatable*). O que faz Deus chorar em cima do seu próprio nome (*God weeps over his name*). Desta forma, Derrida conclui: *His text is the most sacred, the most poetic, the most originary, Since he creates a name and gives it to himself, but he is left no less destitute in his force and even in his wealth; he pleads for a translation* – O seu texto é o mais *sagrado*, o mais poético, o mais original, uma vez que Ele cria um nome e o dá a Si mesmo, mas não fica menos destituído de sua força, nem de sua riqueza; Ele suplica por um *tradutor* (p.227) (Tradução nossa)

1.5.4 Farmácia de Platão: *phármakon* (droga/veneno)

Em “Carta a um amigo japonês”, Derrida escrevia sobre as substituições a que a palavra ‘desconstrução’ estaria sujeita: “A palavra ‘desconstrução’, como qualquer outra, não extrai seu valor senão de sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis, naquilo que se chama, tão tranqüilamente de contexto” (DERRIDA apud OTTONI, 1998, p.24).

Entre as substituições – como foi visto – estariam “escritura”, “suplemento” e – o que nos interessa, sobretudo, examinar neste momento – *phármakon*. Em *Farmácia de Platão*, Derrida tenta explicar por que usou este termo, já encontrado na obra de Platão, ao comparar a sua acepção, naquela época clássica, com o seu, relativamente novo, conceito dentro da Desconstrução.

Viu-se acima que a desconstrução se deixaria determinar por muitas outras palavras, sendo uma delas *phármakon*, que já se encontra em Platão (*Diálogos*). Examinando

a utilização de *phármakon* (droga/veneno) em Platão, onde Fedro dialoga com Sócrates, Derrida, na sua *Farmácia de Platão*, faz a sua interpretação em favor da “desconstrução” e da “escritura”, numa espécie de comparação ou metáfora. Inicialmente, Derrida faz considerações sobre o tema central do Desconstrutivismo: a escritura e a leitura. Assim, lê-se:

Se há uma unidade da leitura e da escritura, como hoje se pensa facilmente, se a leitura *é* a escritura, esta unidade não designa nem a confusão indiferenciada nem a identidade de todo repouso; o *é* que une a leitura à escritura deve descosê-las. (Derrida,1997, p.7)

Isto se deve ao fato de que, como foi dito no início do livro por Derrida: “Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra do seu jogo” (p.7). Parece uma contradição, entre “ser o mesmo” e ser “um jogo”, mas Derrida cita o *Fedro* de Platão, onde se lê, justamente, que “a escritura só pode (se) repetir”, que ela “significa (*semaínei*) sempre o mesmo” e que ela é um ‘jogo’(*paidiá*). O que importa, diz adiante, não é o “paradigma do tecelão”, pois a “dissimulação da textura” pode levar séculos para “desfazer o seu pano”. Foi o caso de *Fedro* que precisou de vinte e cinco séculos para deixar de ser considerado um “diálogo malfeito”, por isso, incompreendido.

O filósofo alemão Schleiermacher chegou a aventar a hipótese de que Platão, se fosse um velho escritor, “não teria condenado a escritura como Platão o faz no *Fedro*”, um argumento “derrisório”, segundo Derrida (p.11). Sabe-se que Platão privilegiava a palavra oral, a fala, o que também é referido como “presença”, pois quando a palavra é escrita – segundo Platão – o seu sentido poderia ser deturpado, não estando o autor *presente* para se defender, evitando uma má-interpretação. Saussure, o pai da Lingüística, também colocou a escrita como subordinada, em plano inferior, à palavra falada, o que vem a ser contestado por Derrida.

No meio do diálogo, entre Fedro e Sócrates, fala-se sobre o que possa ser a logografia. Fedro relembra que um logógrafo escrevia, no lugar dos poderosos que temiam passar por sofistas, com medo da posteridade. Escrevendo o que os poderosos pleiteavam, o logógrafo não pronunciava seus escritos, nem observava o efeito dos mesmos sobre a audiência. Assim, Derrida diz: “Escrevendo o que não diz, não diria e, sem dúvida, na verdade jamais pensaria, o autor do discurso já está instalado na posição de sofista: o homem da *não-presença* e da não-verdade. A escritura já é, portanto, encenação” (p.12) (Grifo nosso).

O que existe, neste caso, é a incompatibilidade entre o *escrito* e o *verdadeiro*. Quem escreve de maneira desonrosa, desonra-se, conclui Sócrates. O termo *phármakon* surge na parte inicial de *Fedro*, denominada “Farmacéia”. Além da descrição do episódio da virgem, precipitada para o abismo e surpreendida pela morte ao brincar com “Farmacéia”, temos a seguinte definição: “Farmacéia” (*Pharmákeia*) é também um nome comum que significa administração do *phármakon*, da droga: do remédio e/ou veneno (p.14).

“Farmacéia” pode, também, significar “envenenamento”, como nos atesta Antifon, no caso do envenenamento da madrasta. Sócrates compara os escritos que Fedro trouxe consigo com uma droga (*phármakon*). Este já se introduz, desta forma, no discurso com toda a sua ambivalência. O seu feitiço pode ter ação benéfica ou maléfica, de maneira alternada ou simultaneamente. O *phármakon* é, ao mesmo tempo, uma substância, a matéria, e uma anti-substância: “o que resiste a todo filosofema, excedendo-o indefinidamente como não- identidade, não-essência, não-substância [...]” (p.14).

O *phármakon*, também, desvia Sócrates dos seus hábitos costumeiros, sendo que as folhas da escritura também agem como um *phármakon*, levando-o para o êxodo. Após discursar, longamente, sobre o *lógos*, Sócrates indaga: “aquele que não escreve’, não é também um mestre do *phármakon*? E com isso não se parece, a ponto de confundir-se, com um sofista? Um *pharmakeús*? Um mágico, um feiticeiro e até mesmo um envenenador?” (p.65).

Sócrates usaria o *phármakon* ao falar, não precisando de flauta como o sátiro Mársias, e saberia encantar “com palavras sem acompanhamento”, produzindo o mesmo efeito – comenta Alcibíades nos *Diálogos de Platão*. Sócrates chega a ser detido como feiticeiro (*góes* ou *pharmakeús*) em terras estranhas, porque o seu sortilégio provocaria uma espécie de “narcose”, que paralisaria na “aporia”⁵⁴.

Apresentam-se aí, na verdade, dois *phármakons*: o socrático e o sofista – os dois entram em contato através da ironia de Sócrates. Esta não-identidade consigo permite ao *phármakon* que ele esteja sempre “voltado contra si mesmo” – diz Derrida, concluindo: “Nesse virar pelo avesso, o que está em jogo é a ciência e a morte. Que se consigam em um *só* e mesmo tipo na estrutura do *phármakon*: nome único dessa poção que é preciso aguardar [...]”.(p.67).

O *pharmákon* é ambivalente, tem sentido dúbio, ora é remédio, ora veneno. Isto é projetado sobre o conceito de “escritura”. Platão já desconfiava da transparência da palavra

⁵⁴ Cf. DERRIDA, p. 60.

escrita, e por isto ele “tende a apresentar a escritura como uma potência oculta e, por conseguinte, suspeita” (Derrida, 1992, p.44). A tradução do termo *phármakon* por todas as “herdeiras guardiãs da metafísica ocidental” – diz Derrida – tem sobre o *phármakon* um efeito de análise que o destrói (p.46).

O *phármakon* pode ser ilusório. Embora em *Filebo* e no *Protágoras*, ele se apresente como sendo doloroso, parecendo nocivo, é, na verdade, benéfico. Já em *Fedro* e *Timeu*, o contrário acontece – ele se apresenta como remédio benéfico, mas, na verdade é, nocivo. “Uma má ambigüidade é, pois, oposta a uma boa ambigüidade” – diz Derrida, concluindo sobre a gravidade disto, em relação à escritura, onde a situação “é grave”.

A escritura, no entanto, não deveria ser dominada pelas oposições, do tipo bem/mal, verdadeiro/falso, essência/ aparência, dentro/ fora, e sim, necessário se faz que cada elemento deste seja o “exterior” ao outro, com isso inaugurando a “estranha diferença entre o dentro e o fora”, sem deixar delimitar um lugar no que ela (a escritura) se situa, abandonando o seu “espectro” à lógica ou ao discurso⁵⁵. Comparando o discurso à droga, Derrida escreve para concluir: “Da mesma forma que algumas drogas evacuam do corpo alguns humores, cada uma o seu, [...] do mesmo modo alguns discursos afligem, outros revigoram; uns aterrorizam, outros animam os auditores”. (p.62).

1.5.5 A tradução desconstruída: ecos no cenário nacional (Arrojo e Ottoni)

No Brasil temos vários adeptos da dimensão desconstrutivista para explicar o processo tradutório. Uma das iniciadoras foi Rosemeyre Arrojo, com a publicação de *Oficina de Tradução (A teoria na prática)* em 1986. Embora, ainda não utilize a palavra “desconstrução” nesta obra, Rosemeyre Arrojo chama atenção para o problema da “originalidade” que tem a ver com a “fidelidade”, também. Quanto a isso, ela cita as palavras de Otávio Paz, tiradas de *Traducción: literatura y literalidad*, que diz que todo texto é “tradução de outro texto”, sendo a própria língua “tradução do mundo não-verbal”, o mesmo se referindo aos signos:

Todo texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é completamente original porque a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não-verbal e, em segundo, porque todo signo e toda a frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Entretanto, esse argumento pode ser modificado sem perder sua validade: todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único (PAZ apud ARROJO, 1986, p.9).

⁵⁵ Cf. p. 50-51.

Ao mesmo tempo, Arrojo introduz a figura de Pierre Menard, personagem fictícia do conto *Pierre Menard, autor del Quijote* do escritor argentino Jorge Luis Borges. Menard, curiosamente, queria ser tão fiel na sua tradução do *Don Quijote de la Mancha*, de Cervantes, que acabou copiando palavra por palavra.

Borges, segundo Arrojo, oferece neste conto “um dos comentários mais brilhantes e mais completos que já se escreveu sobre os mecanismos da linguagem e suas implicações para a teoria da tradução e para a teoria da literatura”(Arrojo, 1986, p.14). O narrador é um crítico literário que comenta outras obras de Menard, um homem de letras que teria vivido na primeira metade do século XX, e cuja concepção de linguagem, com suas teorias, tem muito a ver com as “teorias tradicionais da tradução”. Tanto *John Wilkins* como, *Leibniz* e, ainda anteriormente, René Descartes, sonham com uma linguagem universal e “não-arbitrária”, que não dependesse “dos caprichos da interpretação” ou de “qualquer contexto” (p.15) – justamente o contrário do que prega Derrida com o “Desconstrutivismo”.

Seguiu-se o *Signo Desconstruído*, em 1992, onde Arrojo aparece como organizadora, em parceria com o igualmente professor da UNICAMP, Kanavillil Rajagopalan, contando com a colaboração de outros autores. Nesta obra, já aparece o termo “desconstrução”, referente ao sujeito cartesiano e ao logocentrismo. São também tratados assuntos tais como “ensino da tradução”, novidades da “teoria da tradução” em si, interpretação, metalinguagem, sentido e metáfora, na perspectiva desconstrutivista.

A desconstrução, na verdade, não apenas afeta o “sujeito cartesiano”, como o “signo saussuriano”, tirando o foco do sentido do *logos* (logocentrismo), transportando-o para o contexto e a interpretação. Segundo os discípulos C. Bally e A. Sechehaye, Saussure teria cometido uma “contradição interna – uma *aporia*”, quando falou, ao mesmo tempo, da “imutabilidade e mutabilidade do signo” (RAJAGOPALAN apud ARROJO, 1992, p.25). Eles não imaginavam que viria alguém, nada menos que Jacques Derrida, que questionaria “o próprio conceito de *signo*” – ponto nevrálgico do pensamento saussuriano. “Com isso, Derrida inaugura um movimento palpitante de cunho pós-estruturalista que leva o nome de *desconstrução*” – comenta Rajagopalan (p.26). E, mais adiante, lê-se:

Nas mãos de Derrida, a desconstrução se torna uma poderosa arma, um instrumento capacidade inesgotável, que serve para perfurar um texto até as suas entranhas e explorá-las a fim de desenterrar aquele “ponto cego” – que [...] o texto procura, na medida do possível, acobertar para que ninguém o veja. (p.26).

Para tanto, “a desconstrução não utiliza nenhum método”– continua Rajagopalan – a não ser os já tradicionalmente empregados “na leitura desses mesmos textos, porém com um rigor e impiedade jamais vistos” (p.26). A desconstrução seria, assim, o estruturalismo levado às suas últimas conseqüências. Não trabalha do lado de fora, mas de dentro, utilizando os próprios instrumentos, forjados pelo estruturalismo.

A desconstrução do conceito de “ signo” já teria começado com o próprio Saussure, e teria se aprofundado com uma leitura profunda do *próprio* Saussure por Derrida. O jogo das diferenças, na interpretação de Derrida, não se limita, como queria Saussure, à união do significante com o significado. A desconstrução, na verdade, visa a “desmascarar passo a passo a construção”, que por sua vez, constituiria, uma outra máscara, e não uma *face*, como queria a metafísica ocidental (p.27). Segundo Derrida, o pensamento saussuriano seria governado pelo fonocentrismo, sendo hierárquicas as oposições significante/significado e fala/escrita. “O fonocentrismo, neste exato momento”– diz Rajagopalan, comentando Derrida – “abre as portas para o logocentrismo – porque afirmar a primazia da fala em relação à escrita constitui pleitear a primazia do significado sobre o significante”. Isto institui a escritura fonética – diz Derrida.

No artigo “A desconstrução do signo e a ilusão da trama”, da mesma coletânea, Marisa Grigoletto cita as palavras de Derrida sobre esta face, atrás da máscara, da metafísica ocidental, que não passa de uma ilusão. Esta “face” não passaria de outra máscara, “que não há signo lingüístico antes da escritura” (DERRIDA apud GRIGOLETTO, 1992, p.31) “e que, portanto, não existe um significado primeiro, original: ao contrário, todo significado não é senão mais um significante a cada nova escritura” (p.31-32). A cada escritura (isto é, “produção da linguagem, inserção de um texto no mundo”) constrói-se, pois, um “tecido de signos”, um texto. Este texto, lido por outra pessoa, ou em outro momento pelo próprio autor, “será uma nova escritura” (p.32). Este processo se compara a uma malha que se tece e se desmancha, e se tece novamente. É semelhante a um jogo, embora seja “ilusório”, criando a ilusão de uma estrutura, uma textura, em um dado momento.

“Uma das conseqüências do processo de desconstrução do signo e da escritura, comandado por Derrida, é a necessidade de revisão de toda a teoria de leitura e de escrita”– conclui Grigoletto (p.33). Para Derrida, tanto a escrita, como a fala, são “escrituras” – não havendo hierarquia de uma, em relação à outra, como queria Saussure. Quanto à leitura, não há “significado inscrito, fixo e imutável, deixado pelo autor em seu texto, e que o leitor vai buscar alcançar.” Isto seria a “metáfora da presença”, “o significado primeiro, imaculado”. Desta forma: “Ler é inscrever uma escritura que é única a cada novo ato, pois se recorta a

partir da polissemia de múltiplos significantes, dos quais um é eleito e se instaura (já dissemos, ilusoriamente) como significado”. (DERRIDA apud GRIGORETTO, 1992, p.33).

Apesar da “polissemia”, a compreensão torna-se possível entre os indivíduos, pois está inserida, social e historicamente, no discurso usado. Esta polissemia fica, então, controlada, dentro de um discurso institucionalizado, como diz Foucault em *L’Orde du Discours*⁵⁶. O autor do discurso, no entanto – o sujeito – produz um discurso que crê, ilusoriamente, ser seu próprio e original.

No ano seguinte (1993), Rosemeyre Arrojo publica *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Nesta obra, Arrojo cita Andrew Benjamin, um importante pesquisador nesta área de tradução e filosofia, em geral, e Desconstrutivismo, em particular, tendo publicado *Translation and the nature of philosophy – a new theory of words*. Em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rosemeyre Arrojo cita, na “Apresentação”, as seguintes palavras deste filósofo desconstrutivista: *Translation is an act. It is also an enactment [and] what comes to be enacted is the practice as well as the possibility. Consequently any discussion of translation is itself a discussion of the nature of the philosophical enterprise:*

Tradução é um ato. É também um decreto [e] o que vem a ser decretado é a prática, assim como a possibilidade. Conseqüentemente, qualquer discussão de tradução é, por si só, uma discussão de empreendimento filosófico⁵⁷. (Tradução nossa).

Arrojo, nesta obra, tem por objetivo falar da necessidade de valorizar a tradução que sempre foi posta à margem como atividade secundária. Neste particular, Arrojo escreve: “[...] o ofício do tradutor começa a ocupar um lugar de destaque nos domínios da reflexão sobre a linguagem e [...] e passa a ser [...] a questão central da filosofia, principalmente a partir do pós-estruturalismo” (p.9).

Arrojo fala em uma verdadeira reviravolta nos ET, graças à confluência de algumas tendências do pensamento contemporâneo que aceitam, pacificamente, a impossibilidade de se “recuperar qualquer origem, como uma essência, ou qualquer outra imagem de estabilidade perene”. Ao aceitar essa “impossibilidade”, Andrew Benjamin anuncia o fim do “confinamento milenar imposto à tradução pela tradição logocêntrica”, com a qual tudo estaria centrado no *logos*, na palavra. Desta forma, emerge, também, aquilo a que se chamou de período *pós-moderno*. Este renuncia ao desejo impossível da restauração daquilo que se perdeu, de uma suposta origem, que não se pode recuperar. A psicanálise,

⁵⁶ Cf. GRIGOLETTO, p. 33.

⁵⁷ BENJAMIN apud ARROJO, 1992, p.9.

como a desconstrução, se encontram, por este motivo, naquele espaço, já sonhado por Nietzsche, desistindo do sonho de ser divino, mas assumindo seu imenso poder, na condição de humano.

Arrojo considera Derrida como um dos herdeiros dos pensamentos de Nietzsche, assim como de algumas noções básicas de psicanálise de Freud – tais como inconsciente e transferência – que vêm sendo “[...] aplicadas às relações que unem e separam autor, leitor e texto, tradução e original”, o que a levaram a “repensar” os clichês que sempre limitaram “a discussões teórica sobre tradução” (p.10). Daí surgiram várias teses, dentre as quais está a “redefinição da ‘originalidade’ do papel do tradutor” e as possíveis relações entre “tradução e leitura, tradução e interpretação, tradução e autoria” – diz Arrojo (p.10). Essas teses envolvem, sobretudo: “[...] o desmascaramento daquilo que se esconde por trás da concepção racionalista de autoria e das alegações da busca do ‘original’ e das ‘intenções’ de fidelidade e de invisibilidade que tanto amesquinham e tornam hipócrita o trabalho do tradutor” (p.10).

Além das questões teóricas, Arrojo não pretende, no seu trabalho, separar estas teses da luta diária na vida diária e profissional do tradutor, e parte para a discussão das questões práticas de tradução e, até mesmo, do ensino da tradução. Esta separação entre teoria e prática tinha lugar no logocentrismo, trazendo tais desvantagens para o tradutor, como “a alienação e a auto-negação” do mesmo. A autora lembra, novamente, Pierre Menard, já mencionado em *Oficina de tradução*, com sua obsessão pela fidelidade na tradução, figura esta que a levou a reflexões mais profundas sobre a tradução, na sua abordagem desconstrutivista.

Antes de lançar a coletânea *Tradução manifesta: double bind & acontecimento* (2005) – discutida anteriormente neste trabalho (“Desconstrução e tradução”), Paulo Ottoni, também da UNICAMP, vinha atuando na área de teoria e ensino da tradução, na abordagem desconstrutivista. Desta forma, desenvolveu “uma pesquisa que analisa o papel do tradutor na dimensão desconstrutivista da linguagem”⁵⁸. Trata-se de uma coletânea de vários artigos de teóricos e estudiosos desconstrutivistas estrangeiros – com Ottoni, no papel de organizador e autor da “Introdução” – tais como Bárbara Johnson, Lori Chamberlain, Ginette Michaud, Martin Thom, além de dois artigos da autoria o próprio Derrida, a saber, “Carta a um amigo japonês” e “Teologia da tradução”.

No artigo “Carta a um amigo japonês”, da coletânea acima mencionada, Derrida tenta, antes de tudo, explicar para o amigo o significado do termo “Desconstrução”, diante da

⁵⁸ Orelha do livro: *Tradução – a prática da diferença*, 1998.

dificuldade de traduzi-lo para o idioma japonês. O conceito teria uma determinada conotação em francês, enquanto em outros idiomas, como o inglês e o alemão, guardaria outra conotação. Derrida que usou, pela primeira vez, este termo em sua obra *Gramatologia* e conta como surgiu:

Quando escolhi essa palavra, ou ela se impôs a mim, acredito que foi em *Gramatologia*, não pensava que se lhe reconheceria um papel tão central no discurso que me interessava naquele momento. Entre outras coisas, desejava traduzir e adaptar a meus propósitos as palavras heideggerianas *Destruktion* ou *Abbau*. Ambas significavam, nesse contexto, uma operação relativa à *estrutura* ou à *arquitetura* tradicional dos conceitos fundamentais da ontologia ou da metafísica ocidental (p.19-20)

Como em francês, a palavra *destruction* implica na idéia de aniquilação, “mais próxima da ‘demolição’ nietzschiana do que da interpretação heideggeriana ou do tipo da leitura que eu propunha” (p.19-20), este termo fora descartado por Derrida. Ocorreu-lhe, contudo, a palavra “desconstrução” que, segundo o dicionário, *Littré*, famoso na época, indica: “Desconstrução/Ação de desconstruir./Termo de gramática. Desorganização da construção das palavras de uma frase” (p.19-20).

Ademais, no manual *Cours de langue latine*, da autoria de Lemare, Derrida lê, no capítulo 17: “Desconstruir/ 1.Desarticular as partes de um todo. Desconstruir uma máquina para transportá-la para outro lugar; 2. Termo de gramática [...] Desconstruir os versos, torná-los, por supressão de medida, semelhantes à prosa” (p.19-20).

Por outro lado, Villemain, no *Préface du dictionnaire de l’academie* (*Dictionnaire Bescherelle*, Paris, 1873), alerta que os gramáticos, erroneamente, confundem “Construção” com “Desconstrução” e indaga:

O que faz um estrangeiro que procura compreender, traduzir esse autor? Ele desconstrói as frases, ele desarticula as palavras, segundo a natureza da língua estrangeira; ou, se quer evitar qualquer confusão nos termos, tem-se a *Desconstrução* em relação à língua do autor traduzido, e a *Construção* em relação à língua do tradutor. (p.20).

Mais adiante, ainda na “Carta”, Derrida argumenta que a Desconstrução não se limita, nem a um modelo *línguístico-gramatical*, nem mesmo a um modelo *semântico* ou, muito menos, *mecanicista*. Derrida sugere que esses modelos também deveriam ser submetidos a um questionamento desconstrutor, pois a Desconstrução não se limitaria a eles. Além disso, esta palavra era rara na França, precisando ser “reconstruída”, o que foi feito, a partir da Gramatologia.

No momento do aparecimento do termo, reinava o estruturalismo. Naquele contexto, “desconstruir” tinha algo a ver com estruturas, mas passou a ser, ao mesmo tempo,

um gesto estruturalista e anti-estruturalista. “Tratava-se de desfazer, descompor, densedimentar as estruturas (todas as espécies de estruturas lingüísticas, ‘logocêntricas’, ‘fonocêntricas’ [...])”(p.21). Por ser a linguística dominada por vários modelos deste estruturalismo, passou-se, então, nos Estados Unidos a identificar a “Desconstrução” com o Pós-estruturalismo, restando um pouco da conotação negativa, por causa do prefixo “des-”, embora se falasse em reconstruir algo que já fora construído. De qualquer modo, a palavra “Desconstrução”, por si só, é insatisfatória, diz Derrida, e “deve ser circunscrita por um discurso” (p.21-22). Na referida “Carta”, Derrida, no entanto, sublinha:

[...] a desconstrução não é nem uma *análise* nem uma crítica, e a tradução deveria levar isso em conta. Não é uma análise, em particular, porque a desmontagem de uma estrutura não é uma regressão em direção ao *elemento simples*, em direção a uma *origem indecomponível*. Esses valores, assim como os da análise, são eles mesmos filosofemas submetidos à desconstrução. Não é também uma crítica em um sentido geral ou em um sentido kantiano. (p.22)

Derrida explica, em relação ao método: “a desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método” (p.22), embora, em alguns meios acadêmicos dos EEUU, exista, até mesmo, uma metáfora tecnicista e metodológica ligada ao conceito de “desconstrução”. Devido a isto surgiu um debate em torno do tema, para saber se esta poderia tornar-se uma metodologia de leitura e de interpretação. Respondendo a tal questão, Derrida escreve: “Não basta dizer que a desconstrução não saberia reduzir-se a uma instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de processos intransponíveis. [...] Seria preciso, também, especificar que a desconstrução não é sequer um *ato* ou uma *operação*” (p.22).

Para explicar esta última assertiva, Derrida diz que a desconstrução não diz respeito a um *sujeito* (individual ou coletivo) que teria a iniciativa e a aplicaria a um *objeto*, um texto, um tema etc. (p.23). A desconstrução, simplesmente, “tem lugar”, acontece e “não é reflexividade de um eu (*moi*) ou de uma consciência” (p.23).

Tendo escrito esta “Carta a um amigo japonês” para buscar uma possível tradução do termo “desconstrução”, Derrida chega à conclusão de que deve concordar com Walter Benjamin que, em seu artigo “Tarefa do tradutor”, expõe toda a dificuldade deste ato:

Percebo, caro amigo, que, ao tentar esclarecer uma palavra em vista de ajudar a tradução, não faço mais que multiplicar, com isso mesmo, as dificuldades: a impossível “tarefa do tradutor” – eis o que quer dizer também “desconstrução” (p.23).

Apesar de a “desconstrução” estar presente, atualmente, em tudo, em todos os movimentos da modernidade, Derrida conclui que não deseja imitar o esquema heideggeriano, dizendo que “estamos numa ‘época’ do ser-em-desconstrução, ou de um ser-em-construção que teria se manifestado ou dissimulado, simultaneamente em outras ‘épocas’” (p.23).

A dificuldade consiste no fato de que todos os termos, predicados ou conceitos definidores, ou ainda todas significações lexicais ou articulações sintáticas, que pudessem ser usadas para definir ou *traduzir* o termo “desconstrução”, poderiam ser também, passíveis de desconstrução, isto é, seriam “desconstruíveis”. Isto valeria, não apenas, para a palavra “desconstrução”, como para qualquer palavra. Esta questão é apresentada por Derrida em *Gramatologia*, ou seja, ele trata da *incapacidade* de a palavra bastar para expressar um “pensamento”, que deve ser contextualizado num *discurso* ou, em termos derridianos, por uma “*escritura*”. Assim, lê-se:

A *Gramatologia* coloca em questão a unidade “palavra” e todos os privilégios que lhe são, em geral, reconhecidos, sobretudo sob a sua forma *nominal*. É, portanto, somente um discurso, ou melhor, uma escritura, que pode suprir essa incapacidade da palavra de bastar a um ‘pensamento’ (p.24)

A propósito, Derrida reconhece que, dentro de um contexto, a palavra “desconstrução” estaria inscrita numa verdadeira “cadeia de substituições possíveis”. Assim, o termo “desconstrução”: “substitui ou se deixa determinar por tantas outras palavras, por exemplo: ‘escritura’, ‘traço’, ‘différance’, ‘suplemento’, ‘hímen’, ‘pharmakon’, ‘margem’, ‘encetamento’, ‘parergon’, etc. (p.24).

Além de não ser a “desconstrução” uma bela palavra, ainda outros termos poderiam ser acrescentados. Assim, Derrida chega a lançar o seguinte aforismo: “O que a desconstrução não é? É tudo! O que é a desconstrução? É nada !” (p.24)

Além disso, ao ser traduzida para uma outra língua, a palavra “desconstrução” estaria, da mesma forma, sujeita a inúmeras substituições. Talvez pudesse remeter à “escritura do outro”, a uma “tradução como o risco e a possibilidade do poema”. “Como traduzir ‘poema’, um ‘poema’?” (p.25), conclui Derrida, sem ter dado uma definição definitiva à questão.

1.5.6 Crítica à abordagem desconstrutivista

Como qualquer tendência nova no conhecimento, ou na ciência, o Desconstrutivismo tem seus méritos e seus pontos fracos. E, também, conforme o movimento dialético que se observa nos estilos e nas artes, como já fora observado pelo sociólogo alemão Max Weber, nos seus estudos das escolas literárias de época, uma dada tendência que se posiciona como *tese* haverá de gerar, nas suas contradições, uma *antítese* e, juntando-se os prós da primeira com aquela que se lhe opõe, chegar-se-á a uma “síntese”. Assim, pôde-se observar que os excessos do Romantismo geraram o Realismo, que se lhe opôs diametralmente, mas havendo depois um retorno ao insensato, ao passional, ao irreal, ao surrealista, enfim, no Simbolismo que veio substituir o Realismo, como escola mestra.

Pierre V. Zima em *La Déconstruction. Une critique* (1994)⁵⁹ sublinha o mérito do Desconstrutivismo, assim como seus pontos fracos. Zima se reporta a J. M. Ellis, um estudioso britânico que se opôs ao Desconstrutivismo, na obra *Against Deconstruction* (1989), que refuta o Desconstrutivismo, de todo. Não se trata de refutar o Desconstrutivismo, totalmente, como o fez Ellis, escreve Zima, embora “a desconstrução tenha gerado erros específicos, que são talvez inevitáveis”. Mais adiante, porém, Zima frisa os méritos do Desconstrutivismo (p.108). Assim, lê-se:

Toute approche dialectique (au sens de la Théorie critique/Kritische Theorie) tendra à démontrer à quel point la perspicacité de la déconstruction engendre des bévues spécifiques qui sont peut-être inévitables. Une telle approche finira par révéler une certaine parenté entre elle-même et l’objet de sa critique. L’un des mérites fondamentaux de la déconstruction derridienne consiste à avoir reconnu à quel point le discours, en tant que structure transphrasique, articule la ‘volonté de puissance (Nietzsche) ou la ‘volonté de volonté’ (Heidegger). C’est un aspect de la problématique discursive mis en lumière par Adorno, mais négligé par Habermas (“Toda a abordagem dialética (no sentido da Teoria crítica/Kritische Theorie) terá que demonstrar a que ponto a perspicácia da desconstrução gera equívocos específicos que são, talvez, inevitáveis. Uma tal abordagem acabará por revelar um certo parentesco entre ela mesma e o objeto de sua crítica. Um dos méritos da desconstrução derridiana consiste em ter reconhecido a que ponto o discurso, enquanto estrutura transfrástica, articula a “vontade de poder” (Nietzsche) ou “a vontade de vontade” (Heidegger). Esse é um aspecto da problemática discursiva, assinalada por Adorno, mas negligenciada por Habermas”) (p.108) (Tradução nossa)

Ao mesmo tempo, a crítica ao logocentrismo confirmou e desenvolveu o teorema adorniano que estabelece – diferente do que Hegel considerava – que o texto literário, ou outro texto qualquer, não constitui um todo homogêneo ou uma “estrutura de significados definível, dentro de um quadro de um estruturalismo qualquer” (p.108).

⁵⁹ Série *Philosophies*

Os argumentos críticos dos desconstrutivistas teriam abalado alguns dos preconceitos básicos do racionalismo e da dialética da totalidade, escreve mais adiante Zima. A desconstrução sofreria da falta de reflexão dialógica e histórica, diz Zima adiante (p.109). Enxergando *aporias* ou mecanismos de disseminação em todos os textos, os desconstrutivistas não se dariam conta a que ponto eles projetam as construções de seus metadiscursos no texto analisado (p.109). Assim, lê-se: *En affirmant que tous les textes sont aporétiques et qu'ils finissent par se déconstruire eux-mêmes, la critique déconstructrice tend à réduire la dimension historique et sociologique de ses analyses* (“Ao afirmar que todos os textos são aporéticos e que eles acabam por se desconstruir por si sós, a crítica desconstrutivista tende a reduzir a dimensão histórica e sociológica de suas análises”) (p.109). A diversidade dos textos e de seus contextos históricos torna *tout à fait invraisemblable* (“de todo inverossímil”) a hipótese, segundo a qual todos os textos constituem estruturas “aporéticas” (p.109).

O Desconstrutivismo também teria sofrido críticas por parte do sociólogo francês Bourdieu, quando ele analisa a relação das ciências sociais com esta teoria filosófica, assim como sua situação dentro das *institutions de la société de marche*, Bourdieu acusa Derrida de permanecer no domínio da filosofia idealista, sem refletir – em nível sociológico – sobre as funções preenchidas pela desconstrução, nas referidas instituições (p.109).

Derrida teria ficado no campo intelectual da filosofia idealista de Emmanuel Kant, diz Bourdieu, ao examinar sua *Critique de la faculté de juger* (1790). Com seu “radicalismo verbal”, o desconstrutivismo quer mascarar sua impotência como teoria crítica da sociedade e de suas instituições. Bourdieu, no entanto, silencia e ignora o que Derrida escreveu quanto ao papel (anti-) institucional da desconstrução em *Du droit à la philosophie* (1990). Isso se deve ao fato de que Bourdieu sempre esteve mais interessado na *função* institucional das línguas coletivas do que na sua estrutura semântica, sintática ou retórica, como foi visado por Paul de Man e Derrida.

No mundo de língua inglesa, a desconstrução foi, também, muito criticada, mas de duas perspectivas divergentes: dentro da perspectiva analítica (B.Russel e outros) por um lado, e por outro lado, dentro da perspectiva marxista (Eagleton). A primeira foi iniciada por John M.Ellis que procura revelar as contradições lógicas (formais), assim como as contradições empíricas da filosofia derridiana, enquanto a segunda, liderada por Terry Eagleton (Oxford) e Frank Letricchia (Duke University), retoma alguns dos argumentos já expressos por Bourdieu por ter a desconstrução se isolado da prática política e das ciências sociais. Cristopher Norris se opõe a ambas as vertentes, defendendo as teorias

desconstrutivistas, insistindo (contra Ellis) sobre a precisão de seus argumentos e (contra os marxistas) sobre sua pertinência política ⁶⁰.

Segundo Zima, alguns argumentos contra a desconstrução franco-americana por parte do filósofo analítico John M. Ellis merecem ser examinados, não apenas por serem “pertinentes”, mas por “coincidirem” com a crítica marxista. Ellis – diz Zima – deve ter razão em duvidar da distinção derridiana, fundamental, entre *parole* e *écriture* e de insistir sobre a impossibilidade de se demonstrar a primazia da palavra escrita. Assim, escreve Ellis: *Même en admettant que la parole ne saurait exister avant la possibilité de l'écriture, Derrida concède la priorité logique de la parole, étant donné que c'est l'existence de la parole qui rend l'écriture possible* (Mesmo admitindo-se que a fala não saberia existir antes da possibilidade da escrita, Derrida admite a prioridade lógica da fala em se considerando que é a existência da fala que torna a escrita possível”) (ELLIS apud ZIMA, 1994).

Não se trata aí de estabelecer prioridades, mas de demonstrar que a escritura possibilita a manifestação da *différance* e de *dissemination*. A distinção hierárquica entre escritura e *parole* permanece, segundo Ellis, como um dos pontos fracos da desconstrução, a qual ele tacha de formalista (Zima, p.114).

1.6 ALGUNS TERMOS USADOS POR DERRIDA

Derrida criou uma nova abordagem para a compreensão e interpretação do texto escrito (ao qual chamou de “escritura”), ao fazer uma revisão dos conceitos de *langue* e *parole* de Saussure, e criando conceitos novos. Um deles é *différance* – em oposição ao costumeiro *différence* – os quais, aliás, em francês seriam pronunciados de modo igual – sendo que o primeiro foi aqui batizado com o nome de “Diferência”⁶¹. O outro conceito é o “suplemento”, além de *aporia* (contradição), que já aparece em *Oficina de Tradução*, de Rosemeyre Arrojo. Para melhor explicar alguns desses conceitos, passar-se-á a uma definição e descrição mais detalhada dos mesmos, como se vê abaixo.

Derrida começa contestando a clássica divisão de Saussure em *langue* e *parole*. Neste caso, argumenta Derrida, deveria haver não uma só Lingüística, mas duas: uma para a *langue*, e outra para a *parole*, não sabendo por qual estudo deveríamos começar. A “diferência” apareceria na justaposição entre as duas lingüísticas.

⁶⁰ Cf. ZIMA, p.113.

⁶¹ Ver Ottoni, *Capa*, 1998.

Alguns destes conceitos podem ser encontrados no *Glossário de Derrida*, organizado pelo professor e escritor Silviano Santiago, que esteve à frente do trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ. O trabalho se deve ao fato de Santiago estar consciente da dificuldade do leitor em entender bem os termos e conceitos criados por Derrida, que uma vez tendo-os definido, os emprega em outras ocasiões, sem a devida referência, deixando, muitas vezes, o leitor “literalmente no ar”(Santiago,1976,p.5): “Tal dificuldade” – continua Santiago – “se soma ao fato de que a construção da frase de Derrida não é sempre a mais cartesiana, embora sua sintaxe tenha a lógica *do impecável* [...]” (p.5). Basicamente, Derrida questiona, sempre, os pressupostos históricos da metafísica ocidental, opondo-se, veementemente, contra a interpretação clássica de certos livros e o uso de certos conceitos: “Pode-se afirmar que Derrida possui, ao mesmo tempo, um léxico de significado flutuante, uma sintaxe barroca e um pensamento iconoclasta” (p.5).

Antes de tudo, “Desconstrução” representa “uma operação que consiste em denunciar num determinado texto (o da filosofia ocidental) aquilo que é valorizado e em nome de quê e, ao mesmo tempo, em *desrecalcar* o que foi estruturalmente dissimulado nesse texto” (Santiago, p.17). Conclui-se, portanto, que um texto não é transparente, e que nas “entrelinhas” – como se fala, usualmente – pode ter sido “recalcada” alguma informação, ou interpretação indesejável, por parte das classes dominantes, por exemplo, o que a desconstrução procuraria evidenciar.

Assim, para *Différance* (“Diferência”) – diz Santiago – tem-se a seguinte explicação: Seria um “neo-grafismo”, onde o “e” teria sido substituído por “a”, por causa de “um questionamento da tradição fonocêntrica”, que teria dominado de Platão a Saussure. O interessante é que esta substituição *se lê mas não se ouve*, por isto se chama de “a marca muda” e vem exemplificar o que acontece numa leitura, puramente “fonética” (p.22). Ela também escapa à “inteligibilidade”, pois não se deixa compreender na oposição metafísica do *sensível* e o *inteligível*, à qual inteligibilidade Derrida chamou de “presença”.

Ao mesmo tempo, tanto *différance*, como *différence* remeteriam ao latim *differre*, com sentido polissêmico: Encontra-se em Houaiss –“Diferir: 1 transferir para outra data; adiar; procrastinar [...]. 2. fazer durar, demorar, prolongar; 3. *ser diferente* [...]. 4. estar em desarmonia, divergir; [...]”.

Desta forma, *différance* remeteria, ao mesmo tempo, à “temporização” e ao “espaçamento” – termos usados por Derrida em *Théorie d’Ensembles* (1968, p.44-45). A *différance*, com seu “movimento de jogo”, produziria as diferenças com seus efeitos. A *différance* faz com que o *movimento de significação* de um termo “presente” se torne

possível quando ele for relacionado com alguma coisa que não seja ele próprio e, ao mesmo tempo, deixando as suas marcas do passado, assim como do que ele possa vir a ser, no futuro. As substituições não-sinonímicas do termo seriam: “arqui-escritura”, “espaçamento”, “suplemento”, *phármakon*, além de “hímen” e “encetamento”, entre outros⁶².

Para “suplemento”, lê-se em Santiago: “O suplemento é uma adição, um significante disponível que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso é preciso”. A ausência de centro, segundo Santiago, possibilitaria “o movimento da suplementaridade (*supplémentarité*), que é o “movimento do jogo das substituições no campo da linguagem”(p.88).

Derrida admite, em *De la Grammatologie*, que conheceu o termo “suplemento” ao ler *Confessions*, do filósofo francês Jean Jacques Rousseau. Este era de opinião que o suplemento é o que homem inventa para complementar a natureza, podendo, por exemplo – segundo Rousseau – a escrita ser o “suplemento” para a fala, a técnica, um “suplemento” para a natureza, etc. Assim, o “suplemento” teria dois significados: além de ser uma “imagem representativa”, poderia ser, também: *un surplus* (um excesso), *le comble de la présence* (o cúmulo da presença):

Mais le supplément supplée. Il ne s'ajoute que pour remplacer. Il intervient ou s'insinue à-la-place-de; s'il comble, c'est comme on comble un vide. S'il représente et fait image, c'est par le défaut antérieur d'une présence – Mas o suplemento supre. Ele só se acrescenta para substituir. Ele intervém ou se insinua no lugar de; se ele preenche, é como se preenche um vazio. Se ele representa, produzindo uma imagem, é pela falta de uma presença (Derrida, 1967, p. 208) (Tradução nossa).

O termo *pharmakon* é apresentado no livro derridiano “A farmácia de Platão” (1997), tendo sido discutido no item 1.3.3 desse trabalho. Em Santiago, lê-se: o “elemento *indecidível*, que não pode se apreendido pelas oposições binárias remédio/veneno, bem/mal, dentro/fora, palavra/escritura, constituindo-se na cadeia aberta da *différance*” (Santiago, 1976, p.65). Desta forma, se *pharmakon* é, ao mesmo tempo, “remédio e veneno”, não pode ser traduzido, apenas, por “remédio”, perdendo-se, desta forma, a “ambigüidade” do termo.

A “presença de um elemento” – conforme se encontra em *A escritura e a diferença* – representa “uma referência significativa e substitutiva, inscrita num sistema de diferenças e o movimento de uma cadeia” (Derrida, 1971, p.248). A metafísica logocêntrica teria colocado a “presença”, como “forma matricial do ser, como identidade a si”. A escritura seria uma ameaça à “presença”, que privilegia a *phoné* (daí, “fonocentrismo”), isto é, a

⁶² Cf. SANTIAGO, 1976, p. 23-24.

“fala”. A “presença” passa ser um “efeito de escritura: o traço é o desaparecimento de si, da sua própria-presença”⁶³.

Enquanto isso, a “ausência” equivaleria ao “abandono declarado de toda referência a um *centro*, a um *sujeito*, a uma *referência* privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta” – conforme escreve Derrida em *Escritura e diferença* (1971, p.240), ao comentar o conceito de “bricolagem” de Levy-Strauss⁶⁴.

Embora, o Desconstrutivismo, aplicado à tradução, seja combatido por muitos, inclusive pelos descritivistas, pelo simples motivo de ser “apenas” uma corrente filosófica, e não “um método”, como aliás, declara o próprio Derrida: “A desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método” (DERRIDA apud OTTONI, 1998, p.22), não se pode negar que Derrida introduziu *uma nova visão* que valoriza o texto escrito e criou uma nova abordagem para a leitura. O tradutor, que é também um a espécie de leitor, antes de tudo, não poderia se eximir do embate com suas idéias. Antes de mais nada, o desconstrutivismo se opôs à teoria logocêntrica, ao logocentrismo, que queria explicar todo o processo tradutório, até então, tendo como base o conceito de “significado original”. O exame do “significado original” daria, no Desconstrutivismo, lugar ao contexto, com todas as suas implicações.

⁶³ Cf. SANTIAGO, p.71.

⁶⁴ Cf. SANTIAGO, p.12.

2 A LINGUAGEM DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, SUA ESPECIFICIDADE

2.1 JOÃO GUIMARÃES ROSA – CONCEPÇÃO SOBRE A LINGUAGEM LITERÁRIA E IMPORTÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA MODERNISTA

Guimarães Rosa é um verdadeiro “alquimista da palavra”, como foi dito pelo próprio autor em entrevista ao jornalista alemão Guenter Lorenz. Eduardo Coutinho, no prefácio à *Ficção Completa* (1994) cita as palavras de Rosa de que “somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo”⁶⁵

Por isso, Guimarães Rosa define como uma das suas principais metas, a de *revitalizar a linguagem*, em contraste com a linguagem encontrada no romance de cunho “descritivista”⁶⁶ (que se fazia até então, sobre temas nordestinos). Esse tipo de romance, apesar de se fazer passar por inovador, na verdade, em muito se assemelhava àquele – comenta Coutinho – produzido pela escola Realista-Naturalista do século XIX.

Assim fazendo, Guimarães Rosa estaria permitindo que esta recobrasse a sua *poesis* originária. O autor estaria sempre à busca de novas formas, do inexplorado, em lugar de conservar as já cristalizadas pelo uso, com o intuito e levar o leitor à reflexão, substituindo o “lugar comum pelo único”.

Este processo *de revitalização* empreendido por Guimarães Rosa não se limita apenas à linguagem, à língua *stricto sensu*, mas, também, diz respeito ao discurso narrativo. Muitas palavras e expressões que perderam seu vigor inicial são substituídas por outras revitalizadas. No que se refere ao discurso, o escritor mineiro abandona *a linearidade tradicional da narrativa*, e as relações de causa e efeito, com a criação de planos espaciais múltiplos e simultâneos. No que se refere aos gêneros tradicionais, a inovação está na fusão dos mesmos, em uma narrativa em que coexistem, também, a *linguagem-objeto* e a *metalinguagem*.

Robert Stam, em seu livro *Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa* (1992), comenta que essa tendência de querer “libertar a palavra” seria uma “tentativa futurista de ‘libertar a palavra’”. Assim, Stam escreve:

⁶⁵ COUTINHO, Eduardo. *Ficção Completa*. 1995, v. 1, p. 12.

⁶⁶ *Ibid.*, p.13.

A tentativa *futurista* de “libertar a palavra”, infelizmente, provocou uma hostilidade mecânica em relação ao velho (observe-se que a concepção bakhtiana de ‘intertextualidade’ não conduz a uma hostilidade simplista em relação ao passado): à negação do *significado desgastado*, e não à infusão com um novo significado (STAM, 1992, p.25). (Grifos nossos)

Tudo indica que a tendência de “inovar a linguagem” era um fenômeno presente na época de tendências futuristas e de “vanguarda”, surgido na Europa, e que teria chegado ao Brasil uma ou duas décadas depois, de forma que João Guimarães Rosa também tinha sofrido a sua influência ou, simplesmente, captado, por assim dizer, o “espírito do tempo”. Afinal, o modernismo brasileiro também tivera, entre outras propostas, a da inovação lingüística.

Guimarães Rosa é dono de uma prosa poética e – na sua “paixão de contar”, que está caracterizada em *Sagarana*⁶⁷, usa, muitas vezes, a linguagem popular com apelo à *oralidade*. Rosa, além de incluir termos regionalistas do sertão mineiro, usa, também, termos *tupis* e *africanos*, assim como arcaísmos da língua portuguesa. Pode até lançar mão de vocábulos de origem exótica, como *ulanos* que é de origem *tártara*. Além disso, como uma das faculdades mais desenvolvidas do escritor seja a “visualidade”, não faltam, no texto, inúmeras referências à flora, fauna, assim como a itens da cultura local. Por toda esta riqueza, contida na obra de JGR, se existem autores de difícil *traduzibilidade*, ou até “intraduzíveis” – para aqueles que acreditam que a tradução é uma operação “impossível” de se realizar – um desses é João Guimarães Rosa. A esse respeito, escreve Nildo Benedetti, na sua dissertação:

Os prodigiosos recursos semânticos e sintáticos de Rosa têm sido frequentemente apontados como determinantes da *intraduzibilidade* de sua obra em língua estrangeira. O próprio autor – um artesão da escrita, que empregava todo o seu talento na escolha cuidadosa de cada termo de seus textos – ajuda a fortalecer essa imagem (BENEDETTI, 2003, p. 10) (Grifo nosso).

O próprio Guimarães Rosa teria aprendido algumas línguas, por existirem “coisas intraduzíveis” [...] “cujo verdadeiro significado só pode ser encontrado no seu original”, além de querer, com isso, enriquecer o seu próprio idioma, como chegou a afirmar na entrevista a Guenter Lorenz⁶⁸.

Na opinião de Benedetti, é o vasto repertório de Rosa que dificultaria as traduções, impedindo, assim, o leitor estrangeiro de “fruir das diversas possibilidades de leitura”. É aí que se aplica a teoria da Desconstrução, com a sua técnica inovadora de leitura,

⁶⁷ Segundo expressão de Antônio Cândido. COUTINHO, 1994, p.66.

⁶⁸ COUTINHO, 1994, p.51.

com sua pluralidade de sentidos. Talvez o tradutor não tenha conseguido assimilar o “conteúdo profundo” da obra de Rosa, por não haver sido capaz de captar “as pistas” deixadas pelo escritor. Mas a obra de Guimarães Rosa, embora seja uma prosa regionalista, de brasileirismo aparente, não deixa de ter um caráter “universal – como foi observado por Antônio Cândido: “*Sagarana* nasceu universal pelo alcance e pela coesão da fatura”⁶⁹ – universalismo esse que o tradutor menos perspicaz poderá não conseguir transmitir no TLC, desvirtuando o TLP.

Segundo o Desconstrutivismo, a escritura já traz em si a sua contradição, o seu oposto, o seu *dialogismo*, de forma que as *distorções de leitura* da obra de Guimarães Rosa não deixam de ser muito freqüentes e, segundo Benedetti, até “inevitáveis”. Não é à toa que os filósofos, desde a Antiguidade, achavam que a escrita guarda uma ambigüidade, a exemplo de Platão que acreditava que a Filosofia não era para ser escrita, e, sim, apenas falada. A esse respeito escreve Benedetti:

Essas distorções de leituras do texto traduzido serão sempre inevitáveis, no entanto, sua ocorrência em grau menor ou maior será em grande parte, conseqüência direta, do menor ou maior cuidado com que o tradutor realizará a tarefa de análise literária do texto da língua de partida.

Antes de realizar a tradução, Benedetti recomenda analisar da maneira “mais profunda possível”, a obra na língua de partida, no sentido de encontrar as “pistas”, acima mencionadas. A obra de partida forneceria “ilimitadas possibilidades” de leitura, sendo que a do pesquisador seria mais uma delas, além da leitura realizada pelo próprio tradutor. Este não deixa de ser um crítico, mas nós teríamos o privilégio de ler a obra com maior profundidade, “para descobrir outras profundezas que uma simples leitura não permite apreender”.⁷⁰

Desta forma, Guimarães Rosa estaria à procura da *face oculta do signo*, pois abandona aquela conotação já desgastada pelo uso, o que permitiria ao escritor explorar as outras potencialidades da linguagem. De preferência, usaria um vocábulo, segundo o próprio autor, “pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado”⁷¹.

Nessa mesma entrevista para o jornalista alemão *Guenther Lorenz*, Guimarães Rosa afirma que *a língua serve para expressar idéias*. A linguagem corrente estaria desgastada pelo uso, podendo apenas expressar “clichês e não idéias”. Desta forma, todo verdadeiro escritor seria, também, um revolucionário, que estaria, ao restaurar as palavras,

⁶⁹ CÂNDIDO apud COUTINHO, 1994, p.65.

⁷⁰ OLMÍ apud BENEDETTI, p.4.

⁷¹ ROSA, J.G. *Sagarana*, 1970, p.238.

lançando as sementes de possíveis transformações. Segundo o escritor, o leitor é induzido a *pensar, tomando, desta forma, parte no processo criador* e se tornando um constante perseguidor, questionador, desbravador de caminhos. A revolução na literatura ou a revolução estética deve, desta forma, partir de dentro da própria forma literária.

Por isto, já existem muitos estudos dedicados, justamente, ao exame da “revitalização” da linguagem por parte do autor, principalmente no que diz respeito aos aspectos lingüísticos e filológicos. Dentre esses, pode-se destacar, principalmente, dois procedimentos: a *afixação* e a *aglutinação*. O primeiro, como o nome diz, lança mão de *afixos* (isto é, prefixos, ou sufixos) para reforçar um sentido perdido da palavra. Enquanto o segundo combina os significantes de dois ou mais vocábulos, já gastos, criando um *neologismo*, mais expressivo, que contenha o significado de todos eles.

Neste particular, é interessante mencionar o trabalho de Milton Torres, intitulado *O processo neológico em Grande Sertão: Veredas* (1995), em que são examinados os mais diversos neologismos lexicais nessa obra de Guimarães Rosa. Torres classifica os tipos de formação neológica em três: “processos previsíveis (regidos por regras), processos parcialmente previsíveis e processos absolutamente imprevisíveis, estando a aplicabilidade de Regras de Análise Estrutural (RAEs), um termo cunhado por Margarida Basílio, “diretamente relacionada à previsibilidade dos mecanismos envolvidos”⁷².

As RAEs se distinguiriam s já existentes Regras de Formação de Palavras (RFPs), pois essas são “as regras que podem formar palavras novas dentro da língua”, enquanto aquelas “são regras de redundância que analisam a estrutura de palavras morfologicamente complexas”, sendo contraparte da primeira. Torres encara a criação dessas regras distintas como uma “inovação” que beneficiou a teoria lexical, “pois possibilita lidar com uma teoria que não se vê obrigada a considerar as palavras como unidades mínimas nem tratar os radicais como tais”, enquanto as teorias anteriores não conseguiram explicar “por que bases formadas por regras produtivas não são palavras dentro da língua”, conforme postulava Aronoff ou “por que alguns radicais não se transformavam em palavras”, conforme Halle (p.18).

Torres frisa que, embora neologismos já existiam desde Antiguidade (Aristófanes cria alguns nas suas obras), o estudo dos mesmo é, relativamente, recente, começando nos anos de 1970, dentro da corrente do gerativismo, quando da publicação do artigo *Remarks on*

⁷² TORRES, 1995, p.4.

nominalization, de Noam Chomsky, em que se estabelece a dicotomia lexicalista/transformacionalista (p.1).

Torres, no seu trabalho, também distingue *neologia* (que seria o “processo”) de *neologismo* (“o produto”). Os neologismos, por sua vez, poderiam ser classificados em “neologismos ordinários” e os de “sentido” (p.20), e se submeteriam a dois processos: o da produtividade e o da criatividade.

A contribuição de Torres é que ele faz um levantamento no léxico do GSV, fornecendo exemplos de formas estabelecidas na língua, e aceitas pelas RPFs e RAEs, ao lado de formas “inéditas”. Assim, para o caso de *sufixação*, foi examinada a formação de palavras através de inúmeros sufixos. Por exemplo, entre formas inéditas, derivadas a partir do sufixo “-ção”, tem-se, no GSV: “fantasiação”, “exemplação”, “misturação”, “livração”, etc. (p.43); para o sufixo “-ável”, entre as formas inéditas, estão: “proseável”, “danável”, “furiável”, etc. (p.44); para o sufixo “-al”, estão “lamal”, “araral”, “varjal” (p.46); para o sufixo “-agem”, tem-se: “gargaragem”, “miolagem”, “jagunçagem” (p.48). E assim Torres procede com relação a muitos outros sufixos nominais.

O mesmo procedimento é usado, para listar formas inéditas de *prefixação*, tais como “desfalar”, “desdoidar”, “descarecer”, “desnecessitar”(p.88); “rebicar”, “relumiar”, “relamber”, “reolhar”(p.90); “demedir”, “demar”, “debeber”; entre formas de nomes compostos (V+N inéditos) são citados: “rompe-vento”, “tosta-sol”, “bate-caixa”, etc. (p.118); (A/Adv+N/V) “bom-espírito”, “céu-azul”, “maifazer”, etc (p.122).

São também examinados por Torres, entre outras coisas, formas inéditas de a derivação regressiva (“rifleio”, “afogo”, “arrancho”, p.136); a abreviação vocabular (“panca”; “maninel”, “jóvia”, p.141); a derivação imprópria (“medeiro-vazes”, “joçaramiros”, p.143); a *aglutinação*, com a formação de *palavras portmaneau* ou *blends* (“brumalva”, “patatrás”, “pesadureza”, “mortalma” (p.147); aliteração e o redobro vocabular (“truztruz”, “bambalango”, “brisabrisa”, “mim minunto”, p.149); formação onomatopaica (“burumbum”, “borbolo”, “chiim”, “garrulho”, p.151); analogia (“cã” (de “cão”, p.158). Além disso, são examinadas as adaptações de nomes estrangeiros e os arcaísmos. Entre esses: “al (para “algo”), “imigo” (para “inimigo”), “aspeito” (para “aspecto”), etc. (p.159).

Como exemplo de *aglutinação*, quem cita “nonada” – a palavra que inicia *Grande Sertão: Veredas* – que provém da junção de “não” e “nada” – pensando ser uma criação de Guimarães Rosa, se engana, pois essa palavra é, deveras, um arcaísmo da língua portuguesa e está dicionarizado por Houaiss, como um termo que significa “ninharia”, e “insignificância”, já existindo desde o século XVI.

Naturalmente, esses fenômenos de transgressão das RFPs e RPAs não se limitam ao *Grande Sertão: Veredas*, aparecendo, também, em outras obras de Guimarães Rosa, inclusive em *Sagarana*. Para nós, o que interessa é saber como ambas as tradutoras (a americana e a russa) lidaram com esses tipos de neologismo. Com referência ao conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, por exemplo, Luiz Carlos Rocha (1998, p.93-94) cita um exemplo de “léxico interdito” para o termo *homênciã* (Rosa, 1966, p.361), já que o sufixo “-nciã” só deve ser usado na derivação a partir de formas verbais (como “volvênciã”, “soênciã”, “ignorânciã”, etc.). Enquanto isso, *homênciã* é formado a partir do nome “homem”, transgredindo, desta forma, a RFP. A tradução do termo para o inglês, como é visto no Capítulo 3, no entanto, não apresenta inovação que transgrida a linguagem padrão, quer no inglês, quer no russo. Assim, na versão inglesa, lê-se *devoid of manliness* (isto é “desprovido de masculinidade”), enquanto na versão russa, lê-se *nitchevó mujskóvo*, isto é, “sem nada de másculo” (ver capítulo 3, TLP. 361, desse trabalho).

Guimarães Rosa usa muitos nomes compostos em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, quando se refere ao famoso e temido bandoleiro seu Joãozinho Bem-Bem. Assim, lê-se: “era o homem mais afamado dos dois sertões [...] o arranca-toco, o trem-terra, come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: eu Joãozinho Bem-Bem” (Rosa, 1966, p.365). Ambas as tradutoras fizeram adaptações, usando outras expressões de suas respectivas línguas, por não encontrarem algo com o mesmo sentido e por serem, algumas dessas expressões, inovações de Guimarães Rosa.

As inovações rosianas não se limitam ao nível *vocabular*, mas também se estendem a *sintagmas* ou a *sentenças inteiras*, tornadas clichês, muitas vezes alteradas a fim de recobrem a sua expressividade originária. Se, normalmente, ouve-se a expressão “nu cintura para cima”. Guimarães Rosa nos apresenta “nu da cintura para *os queixos*”, por uma mera questão de “inovação”. Igualmente, usou a expressão “não sabiam de nada coisíssima” em lugar do habitual “não sabiam de coisíssima nenhuma”⁷³.

A “estranheza das construções” modificadas, acima mencionadas, diferentes daquelas comumente usadas e já desgastadas pelo uso, não só fere a percepção do falante do português como “força-o a refletir sobre o significados delas”.

Apesar de Guimarães Rosa ter feito muitas inovações no campo do léxico, é na *sintaxe* – segundo Coutinho – que se encontram as maiores inovações da sua linguagem

⁷³ Cf. COUTINHO, v. 1, p.16

literária. Entre essas inovações, podemos citar as seguintes: a enumeração de palavras, pertencentes à mesma classe gramatical e ao mesmo campo semântico, introduzindo uma “ruptura na estrutura sintagmática do discurso”, que aproxima a sua prosa da poesia, e não é por acaso que se costuma falar da prosa rosiana como uma “prosa poética”; a *inversão da ordem tradicional* dos vocábulos e sintagmas da oração, um traço erudito do autor e que lhe valeu o rótulo de “neobarroco”. Deve-se dizer que esta inversão – o anacoluto – pode-se dizer, era comum em Camões, considerado como um poeta que se situaria no limite entre o Classicismo e o Barroco. Outra inovação é uso de orações justapostas e construções elípticas, típicas da *linguagem oral*, revelando uma preferência pela coordenação sobre a subordinação, além de optar por “um estilo fluido, linear e direto”.

O uso da *metalinguagem*, na prosa rosiana, é um recurso que funcionaria como “sinalizador do caráter de ficcionalidade da obra”, o que aproximaria Guimarães Rosa da prosa de Machado de Assis. Guimarães, por vezes, interrompe a narrativa para “dar lugar a comentários” sobre a própria técnica de escrever – provocando, desta forma, um corte na “linearidade do discurso”⁷⁴.

Mais uma particularidade de Guimarães Rosa é que este escritor, embora utilize muitos termos regionalistas, “transcende os parâmetros do Regionalismo tradicional” por dar maior importância ao próprio homem, e não à paisagem. O homem, na obra rosiana, constitui, na verdade, o “eixo motriz”. O homem é retratado em suas múltiplas facetas, um ser complexo e até “contraditório”. E o sertão, por sua vez, não é retratado apenas como “uma área geográfica específica”, mas uma “região humana” – uma espécie de “microcosmo”. O homem e a natureza, desta forma, não constituiriam entidades em conflito, mas seriam os “dois lado de um todo integral que se complementam um ao outro”.

Entre os personagens, o escritor destaca os *intuitivos*, por ele questionar a “lógica racionalista”, vigente, desde Descartes. Assim, o autor tem simpatia pelos loucos, cegos, doentes em geral, ou indivíduos dominados pela embriaguez ou pela paixão e que se encontrariam em um estado de “desrazão” e desprovidos do “imediatismo dos adultos”. Aqueles seres a quem a ótica racionalista e o “senso comum”, decerto, marginalizariam. Pode-se dizer que o personagem de Augusto Matraga, na segunda fase – após a sua “Queda” – descrita no conto a ser cotejado, “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, pode ser qualificado como tal.

⁷⁴ Ibid., p.6-17.

Uma das constantes na prosa rosiana é a tensão entre o *mythos* e o *logos*, pois Guimarães Rosa rompe da hierarquia deste sobre aquele. O próprio escritor, apesar de sua enorme erudição, é um “homem do sertão”, uma região marcada pelo “mistério e o desconhecido” – este se manifesta em forma de superstições e premonições, crença em aparições, devoção a curandeiros e videntes, misticismo e temor religioso”. Desta forma, o sertanejo seria um ser dividido entre o “mítico-sacral” e o “lógico-racional”. Embora, não rejeite o “racionalismo”, Guimarães Rosa não lhe concede a primazia, pois haveria outras maneiras de captar a realidade⁷⁵.

Falando-se de Desconstrução – como foi visto no Capítulo 1 – pode-se dizer que Guimarães Rosa, dando voz aos “desfavorecidos”, “efetua verdadeira *desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental*, e se lança na busca de terceiras possibilidades.”⁷⁶ Como exemplo, pode-se citar o conto “A terceira margem do rio”.

2.2 A IMPORTÂNCIA DE SAGARANA E A ORIGEM HÍBRIDA DO TERMO

O próprio autor confessa, em sua carta dirigida a João Condé sobre o cenário e o conteúdo da primeira edição de *Sagarana*⁷⁷, como um conjunto de contos, já tinha sido iniciada em 1937 – diz Guimarães: “Já pressentira que o livro, não podendo ser de poemas, teria de ser de novelas. E – sendo meu – uma série de Histórias adultas da Carochinha, portanto”.

Nessa ocasião, Guimarães “reza” para que não haja “normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições” na sua obra. Ele confessa seu amor à língua, mas não “como uma mãe severa”, com verdadeiro “horror ao lugar comum”, pois “chapas são pedaços de carne corrompida, são pecados contra o Espírito Santo, são taperas no território do idioma”. Guimarães se refere àquela linguagem gasta pelo uso, que já perdeu sua expressividade e que ele recomenda evitar. Experimentara o seu estilo que lhe agradou. Lembrando as frases dos poetas franceses Paul Eluard, que fala que “o peixe avança n’água como um dedo numa luva”, e André Maurois, que teria dito que “um rio sem margens é o ideal do peixe”, que se referiam ao “estado líquido”. Pilheriando, Guimarães Rosa usa uma metáfora, ao escrever a Condé que gostaria de experimentar “outros estados” da matéria, no que diz respeito à maneira de escrever: “[...] sonhar é fácil, João Conde, realizar é que são

⁷⁵ Cf. COUTINHO, op cit., p.20

⁷⁶ Ibid., p.21.

⁷⁷ ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. São Paulo:Universal, 1946.

elas [...] além dos estados líquidos e sólidos, por que não tentar trabalhar a língua em estado gasoso?!”

Poderia ter escolhido, para cenário, diversos lugares, dentro de Minas, ou no exterior, mas, finalmente, se decide por uma região no interior de Minas, que lhe fosse familiar. Porque conhecia melhor, tanto a natureza, como o povo de lá – este, “sem convenções, ‘poses’ – dá melhores personagens de parábolas: lá se vêem bem as reações humanas e a ação do destino [...]”.

Sobre o “regionalismo” de *Sagarana* escreve Antônio Cândido por esta obra não apenas trazer um certo “sabor regional”, mas por *construir* “um certo sabor regional” em que transcenderia a região, e marcaria a “volta triunfal do regionalismo do Centro”⁷⁸. Assim, lê-se: “A província do sr. Guimarães Rosa – no caso, Minas – é menos uma região do Brasil do que uma *região de arte*, com detalhes e locuções e vocábulos e geografia cosidos de maneira por vezes irreal, tamanha a concentração com que trabalha o autor”⁷⁹.

Guimarães Rosa consegue, segundo Antônio Cândido, expressar-se, ao mesmo tempo, em uma linguagem “literária” e “regionalista”, em uma linguagem, “densa, vigorosa” que fora “talhada no veio da linguagem popular e disciplinada dentro das tradições clássicas” e lamenta o escritor Mário de Andrade não estar presente para apreciá-la. *Sagarana*, por exemplo, segundo o crítico mencionado, se caracterizaria pelo “soberano desdém às convenções”, algo que alguns de seus predecessores tentaram fazer, mas sem sucesso. Nisto, Guimarães Rosa pode ser considerado um “virtuoso”.

O livro é composto de 12 “novelas” – ou melhor, “histórias” – como diz Guimarães Rosa e, para escrevê-lo, teve que recorrer à memória, relembrar diálogos mantidos com *vaqueiros*, durante a vida, na região rural, ou relembrando *cantigas* sertanejas – tudo relacionado à “oralidade”, que sempre desponta na obra de Guimarães. Esteve “revendo”, ainda, paisagens da sua terra, inclusive conversando com os vaqueiros e, junto com ele, “aboiando” para tanger rebanhos imensos, para, assim, poder retratá-los nos contos. O livro fora escrito em sete meses, mas repousou durante sete anos, sendo depois “retrabalhado” em cinco meses, que o autor chama de “cinco meses de reflexão e de lucidez”.

Em seguida, na carta ao amigo, Guimarães Rosa faz o resumo de cada “novela”, sendo algumas excluídas da sua versão final, e admite ter encontrado em “A Hora e Vez de Augusto Matraga” a forma que tanto buscava (ver abaixo). O texto inicial fora entregue à

⁷⁸ CÂNDIDO apud COUTINHO, 1994, p.64.

⁷⁹ Ibid. (Grifo nosso).

Livraria José Olympio, ainda em 1937, e o título seria *Sezão*. Mas, na última hora, substituído pelo título provisório de *Contos*, tendo o seu autor o pseudônimo de *Viator*. Em relação à última novela, cujo conteúdo se pretende examinar e cotejar, “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, o autor escreveu o seguinte: “História mais séria, de certo modo síntese e chave de todas as outras, não falarei sobre o seu conteúdo. Quanto à forma, representa para mim vitória íntima, pois, desde o começo do livro, o seu estilo era o que eu procurara descobrir” (1937, p.11). Assim, Guimarães Rosa, um escritor, incansável na sua busca, da “forma”, consegue aí alcançar o seu objetivo.

Quanto a isto, deve-se dizer que uma das características da forma de *Sagarana* é o fato de que esta “coletânea” estar entremeada de “epígrafes”, tanto externas (introdutórias), como “internas” que sinalizam para a mudança de cenário, na narrativa. Essas, na verdade, aparecem em forma de “cantigas” – um recurso do escritor para com a “oralidade”. As cantigas aparecem como verdadeiras “epígrafes”, de que fala Franklin de Oliveira no Prefácio da versão em língua inglesa, realizada por Harriet de Onís, servindo como elementos de ligação dentro da narrativa, devidamente traduzidas em verso, para a língua inglesa: *They contribute to the circularity of the stories* (Elas contribuem para a circularidade das histórias) (Tradução nossa) – diz Franklin em *Sagarana, a cycle of stories*⁸⁰. Essas “epígrafes” são verdadeiras *historiettes or substories* (historietas ou sub-histórias – tradução nossa), que estabelecem um elo, tanto dentro da mesma história, como entre os diferentes contos de *Sagarana* – diz Oliveira, que qualifica o próprio título como uma espécie de “epígrafe”.

Sabe-se que esta foi a primeira obra de Guimarães a ter êxito – diz Paulo Rónai (1978). Segundo Rónai, pode-se aqui comentar que: o estranho título que juntava a um radical escandinavo outro, indígena, representava já um programa: a fusão da cultura erudita e cosmopolita com a cultura popular e a re-elaboração de linguagem, programa que se tornaria mais explícito nas obras seguintes.

Comentário sobre o título *Sagarana* também aparece no “Prefácio”, mencionado acima, da versão inglesa (1963, p.9): *The very title Sagarana, in its beautiful hybridism – ‘Saga’, an Old Norse root, a verbal creation at the service of the epic, and the Tupi suffix ‘rana’ (in the manner of) is the equivalent of an epigraph*. O próprio título *Sagarana*, no seu belo hibridismo – ‘Saga’ – um radical nórdico, uma criação verbal, a serviço do épico, e o sufixo tupi ‘rana’ (à maneira de) é equivalente a uma epígrafe” (tradução nossa).

⁸⁰ OLIVEIRA, Franklin. Prefácio. In: ROSA, João Guimarães *Sagarana*. 1966, p. 9.

Nilce Sant'Anna Martins, autora do *Léxico de Guimarães Rosa*, comenta a respeito: “Vocábulo inventado pelo autor com os elementos: *saga* (designação comum às narrativas em prosa, históricas ou lendárias, nórdicas, redigidas, sobretudo na Islândia, nos sécs. XIII e XIV) (Novo Aurélio) e – *rana* (sufixo do tupi, que exprime semelhança)”⁸¹.

Guimarães Rosa, que é um inovador da linguagem, refere-se ao título *Sagarana* como exemplo de inovação e, na sua correspondência com a tradutora Harriet de Onís, contida no Arquivo Guimarães Rosa (AGR), do IEB/USP. – pede que se conserve, na tradução, o título original: “Veja, por exemplo, a senhora eficácia do título SAGARANA, totalmente novo, para qualquer leitor e ainda não explicado, virgem de visão e de entendimento. Não é? Por isto, é que eu queria que esse título fosse conservado, na tradução em inglês, e em todas as outras”.

Os primeiros comentaristas de *Sagarana* – escreve *Rónai* – acreditavam ter em Guimarães Rosa um mero continuador da linha regionalista, ao lado dos outros representantes do Modernismo, que já se faziam notar, como Afonso Arinos, Alcides Maia, entre outros. O que ressaltava, no entanto, eram os *extraordinários dotes de fabulação, de caracterização e de narração* de Guimarães, que tinha diante de si um vasto material apresentado pelo povo rural, distante da civilização, cheio de credices, agarrado às suas tradições. As memórias dessa vida rural, que o escritor traz dentro de si, dão ao livro uma notável “vitalidade”, traduzindo-se seus contos em um verdadeiro levantamento sociológico e ecológico dessa região mineira, sem esquecer a psicologia dos seus habitantes (*Rónai*, 1978, p 45-46).

Lívia Santos (1988, p.38) observa que *Sagarana* (1946) aparece no panorama do conto brasileiro “como um leque de penas mágicas”, e que essa obra faz movimentarem-se “os ares do ambiente sombrio e restrito do conto realista, sertanejo ou urbano”. O que diferenciaria essa obra das outras coletâneas de contos modernistas seria fugir “ao descuido na linguagem”, pois ao contrário dos outros modernistas, Guimarães Rosa se preocupa com a perfeição “pensada” da estrutura de cada texto. Por reunir a cultura universal mais elevada ao “mais construído primitivismo”, pode-se chamar esta obra de “livro de dois mundos”, diz Santos, ao mesmo tempo em que representa uma verdadeira “redescoberta do Brasil”.

Observa-se a sua *linguagem poética* em histórias “alongadas”, onde o tema central se *enlaça a vários subtemas secundários*. Mas o que importa é o resultado final: Santos, aqui, compara Guimarães a Poe, naquilo que ela denomina de *efeito único* na trama

⁸¹ MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Léxico de Guimarães Rosa*. [S.l.]: [s.n.], 2001. p.439.

dos contos de *Sagarana*, vindo o desenlace como uma *surpresa final*, a manifestar-se, apenas, na última página. O narrador amalgama sua cultura ao meio, abasileirando suas heranças clássicas, com o que aceita os princípios, estabelecidos por Mário de Andrade, para a Literatura Modernista Brasileira: o direito “à pesquisa estética”, estabelecer uma “consciência criadora nacional” e, também, atualizar a “inteligência artística brasileira” (SANTOS, 1988, p.39).

Sobre a sua busca de uma *linguagem nova*, mas com a preocupação de que seus livros ainda pudessem ser lidos nas futuras gerações – é algo que Guimarães Rosa confessa na sua entrevista ao crítico alemão Guenter Lorenz (ver adiante).

Existe uma verdadeira “recriação expressional” com modos de falar “inventados, ou altamente modificados” – diz Santos – ao citar a fala inusitada de alguns dos personagens, contidos nos contos de *Sagarana*. Pode-se citar a fala do velho, acusado e condenado a morrer por Joãozinho Bem-Bem, em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, com a metáfora incomum: “O Senhor é poderoso, é dono do choro dos outros” (p.381). Ao que Matraga replica com uma ameaça – “reconstruída”, segundo Santos: “Pois então, meu amigo, seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto” (p.383).

Santos frisa que o narrador de *Sagarana* apresenta-se como um *ideólogo poderoso*, redescobrimdo o dicionário, além de realizar a *desconstrução/construção* de vocábulos e frases. Na base da cosmovisão de Guimarães Rosa, estaria a seguinte mensagem: *os pequeninos, os simplórios inocentes, os inteligentes sem maldade* são protegidos pela força do destino e sempre vencem. A transformação lingüística, por outro lado, mostra que Guimarães atribuía esse fenômeno ao fato de o Brasil ainda estar em “plena evolução”, no que se refere as suas “camadas culturais”, encerrado nele, no entanto, uma grande potencialidade para tanto (SANTOS, 1988, p.40).

A este propósito, podemos citar o episódio final contido no conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, quando um pobre velho do arraial de Rala-Côco, aonde chegaram Joãozinho Bem-Bem com seu bando, roga ao irredutível Bem-Bem que mate a ele, já um velho inútil, para vingar a morte docapanga Juruminho. Melhor ele do que qualquer um de seus filhos, poupando-os, assim, da vingança. O “velhote”, que “chorava e tremia”, suplicou: “Ai, meu senhor que manda em todos... Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, tem pena! Tem pena do meu povinho miúdo... Não corta o coração de um pobre pai [...] O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros [...]”. (1984, p.381)

E, mais adiante, o velho suplica: “– Perdão, para nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem... Pelo corpo de Cristo na Sexta-feira da Paixão!” (p.382). Vendo a inutilidade do pedido do velho e a irredutibilidade de Bem-Bem (“Cala a boca, velho. Vamos logo cumprir a nossa obrigação”), Matraga – que tinha chegado àquele arraial, no meio de sua peregrinação, em busca do seu destino – intervém, após um silêncio geral: “– Não faz isso, meu amigo, seu Joãozinho Bem-Bem [...]”, mas adverte, já acariciando a lâmina da lapiana, com sua mão esquerda: “[...] E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz!”.

Não sendo atendido o seu pedido – que Bem-Bem qualifica de “atrevimento” – Matraga sente chegar a hora do desfecho final, da sua tão esperada “*Ve*z”, a sua vez de ingressar no Reino do Céu, de que está convicto – e que, como sempre, vem repetindo todos esses anos: “[...] Sou um desgraçado, mãe Quitéria, mas o meu dia há de chegar !... A minha vez.” (p.363). Aliás, Matraga se fundamenta naquilo que lhe havia sido prometido pelo padre, convocado para uma sessão de extrema-unção, diante de sua possível morte: “[...] Não fique triste, de modo nenhum [...] e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus [...]” – diz o padre (p.356). Mais adiante, antes de se despedir de Matraga, o padre lhe recomenda como deve viver, a partir daí:

Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua **hora** e a sua **vez**: você há de ter a sua. (p.356). (Grifos nossos).

Estando, então, seguro de que isto se realizaria, e tendo vivido muitos anos de penitência pelos crimes cometidos – “P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete” (p.357) –, Matraga reconhece ter chegado o momento certo ao desafiar Joãozinho Bem-Bem para um duelo. É o grande desfecho, esse duelo entre o Bem e o Mal, que termina com a morte de ambos: enquanto Joãozinho Bem-Bem morre como representante do Mal, Augusto Matraga é aclamado pelo povo como herói e salvador: “Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mor de salvar as famílias da gente! [...]” (p.385). Mais uma vez, vence o Bem, com a salvação do “povo miúdo”, o velho com seus filhos menores.

Quanto à transformação lingüística, mencionada mais acima, Guimarães atribuíra tal fenômeno ao fato de o Brasil ainda estar em “plena evolução” no que se refere às suas “camadas culturais”, havendo, no entanto, uma grande potencialidade para tanto (SANTOS, 1988, p.40).

Assim como Paulo Rónai supõe que “A Hora e Vez de Augusto Matraga” venha a ser *talvez o maior conto de toda a literatura brasileira* (Rónai, 1978, p.47), Livia Santos também destaca esse conto como sendo – no meio dos outros contos – a *obra prima* de Guimarães Rosa. Todos os elementos – escreve Santos – remetem, neste conto, ao “clímax”, que ocorre com a grande vitória de Matraga sobre si mesmo, no momento em que ocorre o sacrifício da sua própria vida, em defesa de “um dos mais pequeninos dos irmãos” (SANTOS, 1988, p.40-41).

“Subjaz à escritura uma linha teológica bem definida – frisa Santos – em que o herói, Nhô Augusto Esteves, passa por várias etapas evolutivas, em direção ao seu *aperfeiçoamento espiritual*, após ter enfrentado a sua indispensável *purgação*” (SANTOS, 1988, p.48). O “nada”, no início do conto (“Matraga não é Matraga, não é **nada**” – *Sagarana*, 1984, p.341) transforma-se, aos poucos, em “ser”.

O narrador tenta manter “uma relação de fraternidade” com o seu relato, aproximando, também, o “inventor” da sua “invenção” – diz Santos (p.49). Isto se manifesta no uso de palavras rústicas da região de Minas. O tom da narrativa é, também, “popular e simples”, à maneira dos homens do sertão, como se pode testemunhar em muitos exemplos (ver “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, *Sagarana*, 1984): a) a dupla negação em: “Que **ninguém não** podia entender” (p.358), e “Que **ninguém não** tinha pedido” (p.360); b) o pleonasma em: “Nem deixou o mensageiro **acabar de acabar**” (p.345), e “E tudo **foi** bem assim, porque tinha de ser, já que assim **foi**” (p.362); c) as imagens inusitadas: “Um **sol**, talqualzinho a **bola de enxofre** no fundo do pote” (p.373); “Caçar um gole d’água para beber” (p.350); d) as formas lexicais populares: “Trabalhava que nem um **afagadinho** por dinheiro” (p.358); “Todos cantando uma cantiga que **qualquer-um** estava inventando na horinha” (p.385), entre outros.

Guimarães Rosa confessa a *Guenter Lorenz* que não se submete nem à gramática nem à filologia – “inventadas pelos inimigos da poesia” – e que escreve em um idioma próprio, só dele, sem deixar de extrair muitos termos de outros idiomas⁸². O escritor, na verdade, suprimira – diz *Rónai* – a diferença de nível lingüístico entre o narrador e os personagens, criando uma fala “terceira, nitidamente oral”, que não pertence, totalmente, a uma única região, classe social ou indivíduo, sendo uma “mistura estonteante de naturalidade e artificialismo” (Rónai, 1978, p.49). Entre suas “arbitrariedades” lingüísticas, pode-se citar: prefixos e sufixos alterados e permutados; regimes verbais contrariados; mudança da função

⁸² LORENZ, Gunter. *Ficção completa*, 1995, p.35.

gramatical das palavras, reformulação de locuções e frases feitas; palavras mortas ressuscitavam, outras nasciam, outras sofriam transformações violentas até os limites da compreensibilidade e, às vezes além.

Rónai comenta a adoção *maciça de certos processos da linguagem oral inculta* por parte de Guimarães. Os seus neologismos estariam, por outro lado, revelando a existência de “lacunas” na língua. Além de querer voltar ao seu mundo de criança, o escritor apresenta diante do leitor uma *mensagem*, muitas vezes, difícil de decifrar. Os *regionalismos, assim como os personagens rudes*, no caso, seriam não “um fim em si mesmos”, mas um artifício ou meio para sondar os grandes mistérios da vida, com seus temas universais (desde o amor, paixão, até a fatalidade, o ciúme, o arrependimento e a morte).

Por ocasião da morte de Guimarães Rosa, três dias após ser empossado na Academia Brasileira de Letras, o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu, em um texto em sua homenagem, “Um chamado João”⁸³:

João não era fabulista?
 Fabuloso?
 Fábula?
 Sertão místico disparando
 No exílio da linguagem comum?
 [...]
 Ficamos sem saber o que era João
 E se João existiu
 De se pegar.

Segundo o próprio Guimarães, “As pessoas não morrem, ficam encantadas”.

2.3 ENTREVISTA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA COM GUENTER LORENZ: O MUNDO CONSUBSTANCIADO EM LINGUAGEM

Esta “Entrevista”, que Guimarães Rosa prefere chamar de “conversa” é, na verdade, um dos documentos mais importantes que contém a opinião do escritor sobre a linguagem, sua ideologia, sua opinião sobre a literatura, sobre sua própria vida, sobre o sertão, como símbolo de “eternidade”, mesmo assim, habitado por seus vaqueiros, jagunços, cavalos e vacas, e até mesmo os seus conceitos sobre a “traduzibilidade” da literatura estrangeira. Esta Entrevista (diálogo ou conversa) com o jornalista e crítico literário alemão,

⁸³ DRUMMOND apud RÓNAI, p.53.

Guenter Lorenz, ocorreu em janeiro do 1965 – portanto, cerca de três anos antes da morte do autor – durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos, realizado em Gênova.

Neste “Diálogo”, como está intitulado na *Ficção completa*, esclarecem-se muitas informações sobre a obra e a visão de mundo de Guimarães Rosa. Guenter Lorenz começa a entrevista com a seguinte observação: “Ontem, quando escritores participantes deste Congresso debatiam sobre a política em geral e o compromisso político do escritor, você, João Guimarães Rosa, político, diplomata e escritor brasileiro, *abandonou a sala*” (p.27). (Grifo nosso).

Guenter Lorenz concluiu que a conversa sobre política, que tivera lugar naquele Congresso, não era do “agrado” do escritor – o que Guimarães Rosa confirma, fazendo a ressalva de que não tinha abandonado a sala, em sinal de “protesto”, apenas por ter achado este assunto “monótono”.

Assim, ao ouvir o comentário do entrevistador sobre a sua saída durante um debate político naquele congresso, o escritor afirma que não lhe agrada discutir política, e que não seria esta a missão do escritor, que deveria preocupar-se com o *próprio homem*: “Embora eu veja o escritor como um homem que assume uma grande responsabilidade, creio, entretanto que não deveria se ocupar de política. Sua missão é muito mais importante: é o próprio homem” (p.27).

Guimarães Rosa é de opinião que os escritores, em vez de perderem seu tempo com debates, deveriam se ocupar em *escrever* sobre suas idéias: “A imprensa tem mais eficácia”, conclui. Não se trata de ser “apolítico”, como queria Borges – que é criticado por Guimarães Rosa. Borges, no *Coloquio de escritores latino-americanos y alemanes*, realizado em Berlim, no ano anterior, teria atacado os escritores comprometidos e negado que pudessem existir “condições dignas para uma literatura de compromisso na América Latina”. Para Borges, o compromisso, por parte de um escritor, seria “uma traição à arte”. Quanto a isso, Rosa declara que as palavras de Borges “revelam uma total falta de consciência da responsabilidade”, estando sempre Rosa do lado dos escritores que “arcam com a responsabilidade” e não do lado dos que “a negam”.

Rosa tirou elementos da sua biografia para sua obra – como médico conheceu “o valor místico do sofrimento”; como rebelde, “o valor da consciência”; como soldado, “o valor da proximidade da morte” (Lorenz, 1995, p.31). Desta forma, declara que é impossível separar a sua biografia da obra e afirma não ser um romancista, e sim “um contista de contos

críticos”: “Meus romances e ciclos de romances são na realidade contos nos quais se unem a ficção poética e a realidade”⁸⁴.

Lorenz pergunta se a experiência de vida de Guimarães Rosa não constituiria uma “escala de valores”, vindo a ser, desta forma, espinha dorsal” de seu romance *Grande Sertão: Veredas*.

O “sertão” para Rosa é um “símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo” – declara (Lorenz, p.31). Se, de um lado, Cordisburgo possa soar “distante”, o sobrenome “Guimarães” seria de origem germânica, constituindo um topônimo em Portugal, uma pequena cidade nas proximidades de Braga, e que fora “capital de um estado suevo na Lusitânia”. Sua cidade natal, Rosa chama de “Cordisburgo germânico, fundado por alemães”, que seria o “coração” do seu império “suevo-latino” – em um símbolo de hibridização de culturas e mestiçagem. Desta forma, o sertão seria “um mundo muito grande” para os europeus, mas para os critérios geográficos brasileiros, “um mundo pequeno” – diz Guimarães Rosa.

Guenter Lorenz comenta que Guimarães Rosa teria um “caráter de sertanejo”, que era “generoso liberal”, coisa que muita esposa de escritor poderia invejar (p.43). O estrangeiro – diz Guenter Lorenz – nota a “hospitalidade do sertanejo”, sendo, também, este, um homem “sonhador”, pois teria muito tempo para “matutar”. Guimarães Rosa também se declara um “pensador” e um “místico”.

Rosa enfatiza que, para ele, muitas coisas tiveram importância. Não apenas a diplomacia, mas também os cavalos, as religiões e os idiomas. Lorenz lembra do trabalho do escritor, como de cônsul geral do Brasil, em Hamburgo, quando teria provocado Hitler “fora das normas da diplomacia”, salvando “a vida de muitos judeus”.

Guimarães Rosa confirma isso, mas retruca: “Tudo isso é verdade, mas não se esqueça de meus *cavalos* e de minhas vacas. As vacas e os cavalos são seres maravilhosos” (p.32). Às vezes, Rosa consegue observar o mundo através dos olhos de um cavalo, que vê muita tristeza ao redor. Chega a afirmar: “Eu gostaria que o mundo fosse habitado apenas por vaqueiros. Então tudo andaria melhor” – ao observar a relação entre os vaqueiros com seus animais, longe de toda a maldade humana.

Lorenz observa que esta afirmação de Rosa – se for levada em conta a própria biografia do escritor – seria *paradoxal*. Para Rosa, no entanto, “a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo”. A própria matemática, com suas fórmulas, seria “paradoxal”. Lorenz vê-

⁸⁴ ROSA apud LORENZ, p.35.

se, também, tentado a chamar Rosa de *Unamuno do sertão* e Rosa confirma ter sido influenciado por aquele escritor. Dele, Rosa teria herdado sua “fortuna”, seu “descontentamento” (p.32). Além de ser “filósofo”, Unamuno era *poeta da alma*, tendo criado sua *metafísica pessoal*, acrescenta. Apesar de enfatizar a necessidade de um escritor criar sua *própria metafísica*, Rosa não é, de modo algum, a favor dos filósofos. Muito ao contrário. “A filosofia é a maldição do idioma” – diz, excetuando tais filósofos como Kirkegaard, ou o próprio Unamuno.

Os homens do sertão – diz Rosa – são “fabulistas” por natureza. “Está no nosso sangue contar estórias”, dom já adquirido, desde o berço:

Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicores dos velhos, os contos e lendas, e nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel [...]. No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre, a não ser contar estórias? (p.33).

Assim, o escritor começou cedo a escrever suas histórias – a diferença está que, “em vez de contá-las, escrevia”. Ainda não tinha ambições literárias, mas queria ser diferente dos demais, escrevendo. Além disso, o ambiente em que vivia era semelhante a uma *lenda*. Não se podia, naquela época, fazer no sertão “literatura do tipo corrente” – diz o escritor, mas apenas “escrever, lendas, contos, confissões”.

Se na infância o fez instintivamente, na *idade madura* conscientizou-se desta necessidade (p.34). Mais tarde, aventura-se para o campo da poesia, reunida em *Magma* – sua primeira obra literária – com a qual ele obteve o primeiro prêmio, pela Academia de Letras, em 1936. Em seguida, passou dez anos de sua vida profissional, visitando o mundo, aprendendo idiomas, antes de poder se dedicar à literatura novamente. A este ponto, convence-se de que a poesia profissional “pode ser a morte da poesia verdadeira”. Por este motivo, teria voltado à “saga”, à lenda, ao conto simples – pois estes “assuntos” são escritos pela própria vida, e não pelas “regras chamadas poéticas”. Esta convicção deu origem a *Sagarana* – que apareceu dez anos depois de *Magma* (p.34).

Embora seu instrumento, seu “aparelho de controle” seja o da língua portuguesa, “tal como o usamos no Brasil” (p.35), Rosa diz que “no fundo” *traduz* extraindo palavras, e idéias de “muitos outros idiomas”. Daí resultarem livros, escritos em idioma próprio, o do escritor Guimarães Rosa, que não se submetem às leis da gramática: “E pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A *gramática* e a chamada *filologia*, ciência lingüística, foram inventadas pelos inimigos da poesia”(p.35).

Rosa, quando se percebe tocado pela *inspiração*, vê-se obrigado a escrever, de modo *imperativo*. Isto resulta de tal forma, que ele próprio passa a acreditar ser ele, o próprio escritor, algo de irreal, como “um conto contado por mim mesmo”.

Entre seus tradutores, Rosa prestigia o trabalho sério de Meyer-Clason, “um diabo de homem, um gênio da tradução, o melhor tradutor que eu conheço”, para o qual a literatura é uma religião (p.35-36). Ele reconhece, ainda, que trabalha “duro e aplicadamente”, embora “lentamente”. Reconhece que ainda tem muito que contar e por isso gostaria de viver até os cem anos, quando elaboraria um dicionário sobre ele mesmo. O escritor não gosta de prender-se a datas da sua biografia, pois seus livros são como “aventuras”, que não têm “nem princípio, nem fim [...] Os meus livros são aventuras para mim, são minha maior aventura” – conclui (p.35-36).

Escrevendo, descobre sempre “um novo pedaço do infinito”, aliás, o escritor vive no infinito, pois sente como se já tivesse vivido antes, sob o mesmo nome. Ao escrever, pode até transformar-se em um crocodilo e mergulhar nas profundezas de um grande rio, como se fosse “um mestre em metafísica”. O rio transmite ao escritor o sentido de “eternidade” (p.7). Rosa diz conhecer o seu lugar e sua tarefa no mundo, e que não deveria haver “nenhuma diferença entre homens e escritores”, que não deveriam ser divididos como coisas diferentes; este é o seu “credo” (p.38). “A língua e a vida”, também, seriam “uma coisa só” (p.47) e, mais adiante, afirma: “A literatura tem de ser vida” (p.48).

Apesar de ter sido diplomata – algo de que tinha gostado de exercer – Guimarães Rosa não mostrava simpatia pela política. Esta seria “desumana”, porque “dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula e uma conta”. Por isso, o escritor diz: “Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política” (p.41). No entanto, ser diplomata seria “algo diferente”, pois um diplomata seria “um sonhador” que pode remediar os que os políticos “arruinaram”. O verdadeiro político pensa em “minutos”, ele era um escritor que pensava em “eternidades”, em ressuscitar o homem (p.41-42).

Rosa acredita que o “estilo é o homem” – e que seja possível conhecer “o caráter” de um homem “pela relação que ele mantém com o idioma” e que esse caráter do homem seja, também, o seu “estilo, sua linguagem”.

Desta forma, Guenter Lorenz sugere que Rosa fale sobre a sua própria linguagem: “Conte-me alguma coisa sobre sua relação com a língua, sua linguagem própria” – pede Lorenz, depois de ter pilheriado sobre a afirmação de um professor que seria especialista nesta “língua de um homem só”. Ao que Rosa replica: “Esta relação não é de modo algum difícil de explicar” (p.44). E está ciente de que aquilo que chamam de “língua de Guimarães

Rosa” é uma coisa “completamente simples”, que merece uma abordagem racional pelos críticos, embora esteja ocorrendo, justamente o contrário. Seriam dois os componentes da relação de Rosa com a língua. Primeiro: Rosa considera a língua como seu “elemento metafísico”, e segundo: existem as “ilimitadas” singularidades filológicas das variantes latino-americanas do português e do espanhol, nas quais, também, existiriam muitos processos de “origem metafísica, além de haver muitas coisas que não se pode compreender com a razão pura. O elemento metafísico.” (p.45)

Rosa afirma ser o “português brasileiro” uma língua “mais rica, inclusive metafisicamente”, estando ainda em fase de evolução. Logo, seu desenvolvimento “ainda não está saturado”, sendo uma língua que, segundo Rosa (cita Nietzsche), estaria *jenseits von Gut und Boese* (*Além do bem e do mal*, p.45). Esta, talvez, possa ser uma boa explicação para a adoção de tantos neologismos, na obra de Guimarães Rosa. No entanto, o português brasileiro já teve um enriquecimento “incalculável”, por razões “etnológicas e antropológicas”. Este fenômeno também pode ser observado no exterior pela “quantidade de dicionários europeus e americanos do mesmo idioma”.

Rosa reconhece que, como brasileiro, tem “uma escala de expressões mais vasta que os portugueses, obrigados a pensar utilizando uma língua, já saturada” (p.45). Ao que Lorenz retruca dizendo que Rosa parece não ter se contentado com apenas isso, pois a sua linguagem diferiria muito dos seus “compatriotas, por exemplo, da linguagem de Jorge Amado”. Isso se deve ao fato do escritor, como diz, nunca se contentar com algo e que, na verdade, como já revelara antes, “busca o infinito”. Para tanto, teria incluído, na sua linguagem, “elementos adicionais”. Entre eles, o primeiro consistiria no “método”, que implica na utilização de “cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la de impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la ao seu estado original”. O segundo elemento seria o fato de Rosa incluir, em sua dicção, certas “particularidades dialéticas” que são “linguagem literária e ainda têm a sua marca original, não estão desgastadas pelo uso”. Também usaria termos do “antigo português dos sábios e poetas”, de tempos da Idade Média, entre outros elementos. Desta fusão de elementos, que não são sua “propriedade particular”, pois estariam ao alcance de todos, diz o escritor, nasceria o seu idioma. E tudo isso seria fruto de muito trabalho, não podendo ser atribuído a qualquer “genialidade”.

No entanto, Lorenz observa a presença, no escritor, de uma “genial intuição, no trato com o idioma”, seu gênio “criativo e recreativo”, de um lado, não podendo deixar de fora, por outro lado, o seu conhecimento de muitas línguas estrangeiras: “oito, talvez algumas mais” – conforme declaração do escritor. Guenter Lorenz afirma que a condição de

“poliglota” seria um fator importante para Rosa enriquecer sua própria linguagem, pois ele faria de outros termos uma “retradução intelectual”: “Frequentemente você faz experiências com palavras tomadas de idiomas estrangeiros”, diz Lorenz, pois Rosa teria citado, no decorrer dessa entrevista, “expressões, provérbios e particularidades intraduzíveis de idiomas estrangeiros”. Com todas essas condições de que disporia, o escritor mineiro “se adianta um bocado aos demais autores” – comenta Lorenz. Mas Guimarães Rosa acha que isto não é “decisivo”, pois o “trabalho é importantíssimo” (p.46-47).

A ligação do escritor com o idioma é tão forte que ele chega a afirmar:

Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. (p.47)

Guimarães Rosa afirma ter, com a língua, “um relacionamento familiar, amoroso”, como um “casal de amantes” que, juntos, procriam, mas sem benção eclesiástica e científica. Mas a falta de formalidade não preocupa o escritor por ele ser sertanejo. Por outro lado, quando escreve, Rosa se aproximaria de Deus – a isto ele chama de “metafísica da linguagem” – o que não é uma blasfêmia. Desta forma: “Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal” – conclui o autor (p.47-48).

Guenter Lorenz escrevera que Rosa, com *Grande Sertão: Veredas*, teria “libertado o homem da sua temporalidade” – uma afirmação que muito agradou ao escritor brasileiro, pela sua veracidade. O escritor, no entanto, não aceita ser chamado de “revolucionário da língua”, pois o que busca é “voltar cada dia à origem da língua”, em uma espécie de reação e porque não gosta de “frases feitas” (p.48-49).

Guimarães Rosa – que teria dito que “choca” seus livros – recusa, porém, noções como “genialidade e intuição”. Indagado sobre isto por Lorenz, o autor sugere que o seu “processo de criação” seria semelhante a um “processo químico”, chegando a afirmar que o escritor deve ser um alquimista” – diz Rosa (em uma frase que ficou célebre). Mas, diferentemente de James Joyce, cuja alquimia é “cerebral”, a dele, de Rosa “precisa de sangue do coração”. E concluindo revela: “Para poder ser feiticeiro da palavras, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão” (p.49).

Lorenz comenta que esta frase lhe faz lembrar o *pedido* de Ortega y Gasset de “ter um Goethe dentro de si [...]”. O pedido de Guimarães Rosa seria de “um sertão dentro de si”, um sertão que ele sempre levava consigo. Desta forma, se amplia a noção de “sertão”, pois o conceito de “sertão” não seria algo *regionalista*. Vários escritores estrangeiros teriam ligação

com o “sertão”, tais como Goethe, Dostoievski, Tolstoi, Flaubert, Balzac – diz Guimarães Rosa, com certa precaução de ser mal-entendido. Goethe, por exemplo, escrevia, não “para o dia, mas para o infinito”, como se fosse um “sertanejo”. Enquanto isso, Zola – tomado como exemplo – “provinha apenas de São Paulo”. A proporção de escritores aparentados com Zola – constata Rosa – seria infinitamente maior do que os aparentados com Goethe – e o problema estaria na linguagem de Zola que “não podia caminhar no ritmo da sua consciência” (p.49).

Guimarães Rosa estaria se referindo ao “fluxo da consciência” de que fizeram uso escritores modernos, a que Zola não teria tido acesso por ser um representante do “realismo crítico” do século XIX, enquanto Goethe que, embora fosse de uma época anterior, personificava o Romantismo, na literatura mundial, o que lhe permitia fugir do dia-a-dia cinzento? Hoje em dia, conclui Rosa, “a consciência está desperta, mas falta o vigor da língua” (p.49).

Lorenz teme que, com as afirmações feitas acima, sobre o “sertão”, Rosa pudesse ser acusado de “nacionalismo”. Rosa retruca que já foi mal-interpretado muitas vezes, mas não pode, nem por isso, “seguir a receita de Hollywood, segundo a qual é preciso sempre se orientar pelo limite mais baixo do entendimento”. Assim, reitera que, do ponto de vista “metafísico” e não do “filológico”, que “no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde *Inneres und Aeusseres sind nicht mehr zu trennen* (“O interior e o exterior já não podem ser separados”), citando um trecho de *O divã oriental-ocidental*, do escritor alemão. (p.50).

O sertanejo, por este motivo, estaria ainda, “além do céu e do inferno”, como alguém que, sem noção da força do ‘pecado original’, “perdeu Deus e encontrou o diabo” – afirma Rosa, citando a crítica à versão alemã de *Grande Sertão: Veredas* (p.50-51).

Rosa consegue penetrar na “metafísica das outras línguas”, o que causa estranheza ao entrevistador Lorenz, que acha que seria preciso, para tanto, viver no país desta língua estrangeira, “deixando-se influenciar pela língua falada” e pelo seu “ambiente”. Ao que Rosa replica ter isto uma fácil solução: “amo a língua, realmente a amo como se ama uma pessoa” [...] “sem este amor pessoal” [...] “não funciona” (p.51).

No que se refere ao estudo de várias línguas estrangeiras por parte de Guimarães Rosa, ele afirma tê-las aprendido por dois motivos: a) “enriquecer a minha própria”, e b) porque existem muitas coisas “intraduzíveis” nas diversas línguas, coisas “intuitivas, cujo verdadeiro significado só pode ser encontrado no som original”. Desta forma, podemos dizer que o próprio Guimarães Rosa tem consciência dos *limites de traduzibilidade*, em relação à

tradução de qualquer obra literária, quando recomenda ler estas obras, *no seu original*, pois “nem a melhor tradução ajudaria”. Assim, Rosa recomenda proceder desta forma em relação a Kirkegaard ou a Dostoievski e “assim em toda parte onde uma realidade idiomática está velada diante de outra, de tal maneira que não se pode penetrar esse véu”. (p.51).

Rosa afirma que teve que pôr isso em prática ao conhecer Unamuno, Confúcio, Flaubert, e ao tentar ler *As mil e uma noites*, entre outros autores, pois “cada língua guarda em si uma verdade que não pode ser traduzida”. A língua alemã lhe teria mostrado o que poderiam ter sido os alemães, se não “tivessem esquecido a intimidade de Goethe com a metafísica da língua”, sendo que o mesmo pode ser dito com relação aos russos dos tempos da entrevista (1965) – que teriam perdido seu contato com “língua da alma” – como Guimarães Rosa chama a língua russa (p.51). Rosa sonha em escrever um dicionário – embora um dicionário seja algo totalmente “impessoal” como comenta Lorenz – para a sua linguagem, bem *pessoal*, antes de morrer. Não deixa de ser “paradoxal” a afirmação de Rosa, dono de um estilo “tão pessoal”, quando afirma que um escritor deve “encarcerar” a sua personalidade, e trabalhar como um “cientista”.

Quanto à “brasilidade” da sua obra, esta não pode ser descrita, apenas “sentida”, pois a “brasilidade é a língua do indizível” (p.55). Como exemplo dessa “brasilidade”, fala da convicção dos brasileiros: “nós os brasileiros estamos firmemente persuadidos, no fundo dos nossos corações, que sobreviveremos ao fim do mundo que acontecerá um dia. Fundaremos então um reino de justiça, pois somos o único povo da terra que pratica diariamente a lógica do ilógico, como prova nossa política. Esta maneira de pensar é conseqüência da ‘brasilidade’” (p.56).

Uma pessoa que esteja criando palavras pode estar, na verdade, criando “religiões”, e Cristo seria um bom exemplo desse fato. A propósito, isso também seria “brasilidade”. Um terceiro exemplo seria a existência do “diabo”. Como ele existe, pode ser “liquidado”, até conseguir-se uma “humanidade sem falsidades” – e isto também seria “brasilidade”. Para se compreender “a brasilidade” tem que se entender que a “sabedoria é algo distinto da lógica”, já que, ela – a sabedoria – nasceria do “coração [...], pois o amor é sempre ilógico”, conclui Rosa (p.56-58). E o Brasil – isto é algo que os europeus deveriam entender – é “um cosmo próprio” (p.59).

Riobaldo poderia ser comparado a Raskólnikov, de *Crime e castigo*, “mas um Raskólnikov sem culpa e que, entretanto deve expiá-la” – diz Rosa, mas não tem certeza disto. Por isto, acrescenta: “Mas creio que Riobaldo também não é isso; melhor: é apenas o Brasil” (p.60).

Guimarães Rosa faz um prognóstico: a literatura mundial do ano 2000 estará “orientada para a América Latina” e o papel, que um dia desempenharam as grandes cidades européias, será desempenhado pelo “Rio, Bahia, Buenos Aires e México”, pois o século do “colonialismo terminou definitivamente”, iniciando-se “um novo futuro para a América Latina”, anuncia o escritor brasileiro no Encontro de Escritores Latino-Americanos, que teve lugar em Gênova, em janeiro de 1965. “Acredito que será um futuro muito interessante, e espero que seja um futuro humano” – profecia.

Pode-se, desta forma, concluir que Guimarães Rosa, além de ser um *inovador da linguagem*, com idéias próprias, estabelecendo uma ligação entre a *linguagem e a metafísica*, é – ao mesmo tempo – brasileiro e “universal”, pois enxerga o “sertão”, que se assemelha a um símbolo, e representa a “eternidade”, em escritores de outras línguas e culturas. Tem, ao mesmo tempo, consciência dos *limites da traduzibilidade* – se da obra literária de outros escritores, *por que não da sua própria?* – pois cada língua teria algo de “intraduzível”, que só se poderia captar lendo “o original”, como ele muitas vezes fizera. Afirma, também, que estudou outras línguas para enriquecer a sua própria linguagem, e tem consciência que o *português brasileiro* ainda tem muitas possibilidades de desenvolvimento, diante de si. Adepto da idéia de que “só mudando a linguagem é que se poderia modificar o mundo” – afirmação que até parece “bíblica” ao nos lembrarmos das primeiras palavras do *Gênese* – é, ao mesmo, tempo um escritor humanista, consciente da sua tarefa de escritor, que acredita em um futuro próspero para o seu país, e assim como da América Latina, como um todo.

2.4 GUIMARÃES ROSA E JAMES JOYCE: UMA COMPARAÇÃO

O próprio Guimarães Rosa, na entrevista a Guenter Lorenz, como já foi visto, estabelece uma comparação entre a linguagem do escritor irlandês James Joyce e a que ele próprio usa, estabelecendo uma ressalva: a “alquimia” do processo de criação, usado por Joyce seria “cerebral”, enquanto a sua precisava “de sangue do coração” – algo que só um homem, que trouxesse “o sertão” dentro de si, poderia conseguir⁸⁵.

À autora desse trabalho, interessa aqui, em particular, não apenas estabelecer um paralelo entre a *linguagem* de Joyce e a de Guimarães Rosa, assim falar do “fluxo da consciência” – para alguns, também chamado de “monólogo interior” – presente em ambos os escritores. O *stream of consciousness*, como foi primeiramente denominado na língua

⁸⁵Cf. COUTINHO, p.49.

inglesa, foi um traço característico de tais escritores modernistas ingleses, como James Joyce, Virginia Woolf e William Faulkner.

2.4.1 A linguagem de ambos escritores

Muito se tem escrito sobre o procedimento usado por Guimarães Rosa para formar novas palavras a partir de vocábulos já existentes, resultando na aparição de “neologismos”, tanto através de um processo de aglutinação, como de sufixação⁸⁶.

Embora esse procedimento tenha sido uma inovação na literatura do Modernismo brasileiro, podemos dizer que em outras literaturas, como, por exemplo, na obra *Ulysses*, do escritor irlandês James Joyce, publicada em 1922, já se pode observar este mesmo procedimento usado por Guimarães no Brasil, a partir de 1946, em *Sagarana*.

Na tradução portuguesa do romance *Ulysses*, feita pelo filólogo brasileiro Antônio Houaiss, em 1982, encontram-se muitos termos que não pertencem à linguagem padrão, a saber: “Vegetissombrias flutuavam silentes na paz matinal desde o topo da escada” (p.11), o que no TLP, em inglês, é: *Woodshadows floated silently by through the morning peace from the stairhead* (*Ulysses*, 1993, p. 8).

A inovação de Joyce consiste, justamente, em criar um novo vocábulo com *Woodshadows* através de um processo de “aglutinação” – procedimento característico ao idioma *alemão*. No inglês, a adjetivação de um substantivo por parte de outro substantivo que exerce a função de modificador é muito comum. Mas, neste caso, as duas palavras, modificador e modificado, se escreveriam separadamente, a saber: *Wood shadows*. A inovação consiste, justamente, em aglutiná-las em uma só, produzindo um “verbete” novo que não poderia ser encontrado num dicionário, portanto, uma inovação ou neologismo. Houaiss revela-se tão inovador quanto Joyce, formando um vocábulo composto de “vegetal” e “sombra”, cria algo inédito, um neologismo, portanto.

Mais adiante, onde se lê: “[...] esporeado por precípites pés lucífugos (*Ulisses*, 1982, p.11) – no inglês, lê-se: “[...] *spurned by lightshod hurrying feet* (*Ulysses*, 1993, p.8).

O termo *hurrying*, em inglês, é um termo comum do inglês padrão, traduzido por “precípetes”, enquanto “lucífugos” seria a tradução de *lightshod*. A tradução em língua portuguesa, de Houaiss, procura acompanhar este espírito inovador da linguagem de Joyce,

⁸⁶ Neste sentido, é interessante a Dissertação de Mestrado de Milton Luiz Torres, sob o título *O processo neológico em Grande Sertão: Veredas*, defendida na UFBA, em 1995, onde foi feito um vasto levantamento dos neologismos, encontrados na obra citada.

pois “lucífugos” é um acoplamento da idéia de “luz” e “fuga” (isto é, de “velocidade”), reforçando o segundo elemento da aglutinação, o que já foi expresso com “precípetes”, como um eco.

“*Undialvas* palavras acopladas tremeluzindo sobre a maré sombria” – em inglês, lê-se: *Wavewhite wedded words shimmering on the dim tide* (p.8). Neste caso, em *Wavewhite* acontece, novamente, um acoplamento ou aglutinação, como no primeiro exemplo. A criatividade de Houaiss é ainda maior, acoplando a idéia de “ondas” e “alvas” em um só neologismo *undialvas* e usando de étimo latino *unda*.

“Júbilo fantasmal, revoluto: almiscarperfumado”. Em inglês, lê-se: *Phantasmal mirth, folded away: muskperfumed* (p.9). Vê-se, aí, portanto, que “fantasmal” foi calcado no inglês. Em *muskperfumed*, tem-se um neologismo, pois, normalmente, dir-se-ia *perfumed by musk*. O TLC segue o modelo inglês, aglutinando o substantivo ao modificador, este na forma de um adjetivo ou particípio passado.

Poder-se-ia, de qualquer forma, prosseguir com outros exemplos. Mas estes poucos já nos dão a idéia de que o procedimento já existia antes de Guimarães Rosa fazer o mesmo na sua prosa, talvez por leituras anteriores de Joyce.

No “Suplemento Cultural” do jornal *Estado de São Paulo*, do dia 13/06/2004, por ocasião das comemorações do celebrado *Bloomsday*, a ser comemorado no dia 16/06, o jornalista Luiz Zanin Oricchio comenta o léxico pouco acessível da tradução de *Ulysses*, realizada por Antônio Houaiss, sofrendo “ataques ferozes de alguns desafetos” – diz Oricchio. Apesar disto, é a *única disponível* – continua o jornalista. Os seus detratores criticaram, mas não apresentaram nenhuma alternativa para a tradução, “melhor do que a anterior” – comenta.

Joyce gostava de cunhar as “chamadas palavras-valises”, onde uma palavra se aglutinava à outra, para formar uma palavra composta, “de significado híbrido”, como se faz no idioma alemão. “Para o tradutor, a dificuldade está em (re)criar, em sua língua de chegada, um neologismo equivalente ao proposto por Joyce em inglês” – escreve o jornalista. Houaiss assume o desafio. A versão em língua portuguesa não perde em “legibilidade”, como se vê nos exemplos acima. Oricchio considera que essas “palavras estranhas não impossibilitam a leitura”.

Já o jornalista Hélio Pólvora, do jornal baiano *A Tarde* (12/06/2004), escreve que o que importa à indústria de turismo é “faturar alto” em torno do *cult* do *Blommsday*, pouco importando à mesma se *Ulysses*, de Joyce, só consegue ser lido e entendido por muito poucos leitores. Esse jornalista se põe entre aqueles que tentaram ler a obra em inglês, mas não

conseguiram. Ao tentar ler a versão em português, imaginou poder realizar o seu intento, mas deparou-se diante do mesmo problema: “eu teria que encontrar um dicionário “Houaiss-português, português- Houaiss” – conclui Pólvora. Décio Cruz (*Iararana*, 03/2002 a 03/2003) faz um interessante ‘jogo de palavras’, ao denominar o seu artigo, com o título “Veredas irlandesas, sertões joyceanos” (p.74), ao justapor *Finnegans Wake* à *Grande Sertão: Veredas*, ao mesmo tempo em que faz considerações a respeito da “Desconstrução” dos significados e do “fluxo da consciência” em ambos os escritores. Estando no exterior, cheio de saudades – escreve Cruz – não conseguia “deixar de ler Joyce sem as marcas que ele deixou no nosso grão-mestre da língua portuguesa. Ou vice-versa”. Enquanto no Brasil Joyce e Kafka são considerados “pais da modernidade, nos Estados Unidos, eles são marcos do pós-moderno” – observa o professor Décio Cruz.

“As línguas não devem ter pátria” – prossegue Décio Cruz – “todas devem ser universais, pois é através delas que penetramos no universo da linguagem apátrida, cósmica”. E parece ser esta a concepção de Joyce e Guimarães. Ao ler ambos escritores, Joyce e Guimarães Rosa, escreve Cruz:

[...] pensa-se em um universo que desconhece fronteiras regionais ou nacionais, pois penetramos no mundo da linguagem em estado bruto, nascente, onde a fauna e a flora poética afloram e fluem através de rios e riachos que deságuam na casa do ser e tudo se torna um novo significante, uma polissemia de significados lúdicos/criativos (p. 74).

Décio Cruz compara o início das duas obras: “Nonada”, em *Grandes Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa, *Riverrun* em *Finnegans Wake*, de Joyce. Ambas as narrativas seguem o “fluxo da consciência”, realizando “brincadeiras” com a linguagem, fazendo “associações” e “desassociações”. Ambos os escritores nos apresentam as suas respectivas línguas, “em estado latente”, à procura de “significados na sua fase embrionária”. Isto nos remete à “Desconstrução”, de Jacques Derrida, continua Cruz, pois “a mesma linguagem que cria é a mesma que destrói” (p.74).

Desta forma, a linguagem de ambos os escritores se faz presente no momento da sua “enunciação”, como ocorria no mito platônico da oralidade, por isto a obra de ambos deve ser lida em voz alta. É a oralidade defendida por Sócrates em *Phaedrus*, de Platão, “onde a escrita aparece como fonte de esquecimento”, esta escrita a que Derrida, em sua “Farmácia de Platão”, se refere pelo nome de *phármakos*. Ambos os escritores lançam mão da oralidade da fala “para recriar a linguagem”, mesclando línguas diversas, recriando

palavras, para poder atingir a “comunicação universal”, longe das fronteiras lingüísticas (p.75).

Daí pode-se concluir que a *inter-literariedade* está presente em todas as literaturas, pois uma obra em língua estrangeira, muitas vezes, pode nos remeter e nos levar a fazer associações com outras obras da nossa própria literatura, havendo, também, os temas, chamados de “universais”, que tratam das paixões e dos sentimentos humanos. E embora cada povo tenha a sua própria língua, a *linguagem* – seja ela verbal ou não-verbal – tem caráter universal.

No entanto, as tentativas de traduzir Joyce para o português – um autor de difícil leitura até para grande dos falantes nativos do inglês – não param com a tradução de Antônio Houaiss. Outras traduções virão. Em 2005, as revistas de assuntos gerais, como a *Veja*, entre outras, anunciaram o aparecimento de mais uma tradução, sendo a nova tradutora, Bernardina da Silveira Pinheiro, uma ex-professora de Teoria Literária, em uma das universidades do sul do país. Nessa nova versão, a tradutora se propôs a dar um novo tratamento aos numerosos neologismos, criados por James Joyce, permitindo uma compreensão mais acessível dos mesmos por parte do leitor brasileiro.

2.4.2 O “fluxo da consciência”: uma variante do assim-chamado “monólogo interior”

No verbete sobre *Ulysses*, de James Joyce, contido no *Merriam Webster's Encyclopedia of Literature*, Massachusetts, 1995, lê-se: *The main strength of Ulysses lies in its depth of character portrayal and its breadth of humor. Yet the book is most famous for its use of a variant of the interior monologue known as the stream-of-consciousness technique* – “A principal força de *Ulisses* está na profundidade a retratação do caráter e sua amplidão de humor. No entanto, o livro ficou mais famoso pela sua variante de monólogo interior, conhecido como uma técnica do fluxo da consciência” (Tradução nossa).

Este seria, justamente, mais um traço em comum entre Guimarães Rosa e Joyce: a utilização do fluxo da consciência nas narrativas de ambos (sobre este assunto, pode também ser consultada a obra *Stream of consciousness – a study of James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner and others*, da autoria de Robert Humphrey, University of California Press, 1972).

Neste livro, Humphrey declara que o termo foi cunhado pelo escritor e crítico americano William James: *Stream of consciousness is properly a phrase for psychologists. William James coined it* (Humphrey, 1972, p.1). No entanto, continua Humphrey, quando

usada como uma “locução retórica” torna-se duplamente metafórica (*doubly metaphorical*), pois a palavra *consciousness* (consciência) bem como a palavra *stream* (fluxo) estão usadas no sentido figurado, por esse motivo são, ao mesmo tempo, pouco precisas e estáveis. Tendo já se tornado um “rótulo literário” (*literary label*), o “fluxo de consciência” fica reservado por indicar uma abordagem à apresentação dos aspectos *psicológicos* do caráter na ficção e pode ser usado com certa precisão (p.1-2).

Humphrey adverte que “consciência” não deve ser confundida com palavras que denotam atividades mentais mais restritas, como “inteligência” ou “memória” e abrange áreas que vão da “pré-consciência”, através de níveis da mente que vão até o mais elevado que é a *rational, communicable awareness* (consciência racional e comunicável). As palavras como *psyche* (psique) e *mind* (mente) poderão ser usadas como sinônimos de “consciência”, no caso, tendo o termo “fluxo de consciência” surgido sob influência do desenvolvimento da psicanálise de Freud (p.5-6).

Mais adiante Humphrey conclui, desta forma, que *The attempt to create consciousness in fiction is a modern attempt to analyze human nature* – “A tentativa de criar consciência na ficção constitui uma tentativa moderna de se analisar a natureza humana” (Tradução nossa), ao mesmo tempo, “o fluxo da consciência” acaba sendo uma técnica para poder mostrar o drama que tem lugar nas mentes dos seres humanos (p.20-21).

Humphrey considera James Joyce um “escritor de comédia”, mas de comédia “satírica”, pois, quando ele apresenta a vida com seus defeitos e suas contradições inerentes, o resultado é uma sátira. Desta forma, *Ulysses* representaria um comentário satírico sobre a vida do homem moderno. Faulkner também usaria as vantagens da sátira ao descrever a *psiquê* do ser humano, mas, diferente, de Joyce, ele não é um escritor de “comédia”, pois as suas sátiras são “irrevogavelmente trágicas” (p.16-17). Lidando com os processos psíquicos, em *The Sound and the Fury*, Faulkner estaria tentando analisar a idéia freudiana que relaciona o mecanismo dos sonhos com a atividade da libido, no ser humano.

No entanto, Humphrey atesta que “monólogo interior” (usado, por exemplo, por Marcel Proust) não deve ser confundido com “fluxo da consciência”. O “monólogo interior”, podendo ser “direto” ou “indireto”, pode, muitas vezes, ser usado de modo alternado com o “fluxo da consciência”. O mais famoso monólogo interior (direto) a ser citado está nas últimas quarenta e cinco páginas de *Ulysses*, representando *the meanderings of consciousness* (os meandros da consciência) de *Molly Bloom*, enquanto estava deitada ao lado do seu marido, já adormecido.

Em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, os pensamentos do seu personagem principal são revelados em muitas páginas, à medida que Matraga aprecia a natureza, observa o vôo das aves, ou se fortalece em sua determinação em chegar o céu, “nem que seja de porrete”. Eis um trecho: “– Levou o diabo, que eu nunca pensei que tinha tantos!”, e, mais adiante: “– Virgem! Estão todas assanhadas, pensando que já tem milho nas roças... Mas, também, como é que podia haver um de-manhã mesmo bonito, sem as maitacas?! [...]”⁸⁷. A impressão que se tem é que o personagem está falando sozinho, mas são os seus pensamentos que são retratados pelo narrador. Às vezes, no entanto, a voz de Augusto Matraga se confunde com a do próprio narrador: “Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. As estradas cantavam” (p.374).

O solilóquio do “fluxo de consciência”, diz Humphrey, pode ser definido como uma técnica, representando o conteúdo psíquico de uma personagem, diretamente, sem a presença do autor, sendo assim menos profundo que o “monólogo interior” (p.36-37).

2.5 A VERSÃO AMERICANA DE SAGARANA: A RECONSTRUÇÃO QUASE IMPOSSÍVEL

Já na “orelha” do livro, lemos informações sobre *Sagarana* como um ciclo de nove contos independentes no sertão (*backlands*) de Minas Gerais, o estado natal do autor. Adiante, lê-se sobre as qualidades que tornaram Guimarães Rosa conhecido fora do Brasil, por exemplo, em vários países europeus, como França, Alemanha, Itália. Estes comentários, na verdade, foram escritos pelo americano Alfredo A Knopf, editor americano de romances brasileiros traduzidos para o inglês, tais como as obras de Jorge Amado, entre outras. Knopf aponta como qualidades da prosa de Guimarães Rosa, talvez, de maneira um pouco tosca, quase brutal, simplificada, generalizada, e não muito acertada: *a wildly individual, creative use of language; a basic and pervading earthiness; a constant sense of ruthlessness and stolid indifference of nature, including human nature, and a raffish humor* (“um uso criativo de uma linguagem, “selvajamente” individual; uma mundalidade básica e penetrante; um senso constante de crueldade e uma indiferença impassível da natureza, inclusive a natureza humana, assim como um humor desordeiro”) (Tradução nossa).

Ao dizer que *The devil to pay in the Backlands (Grande Sertão: Veredas)* é considerado por muitos como um dos grandes romances do nosso tempo, o editor Knopf

⁸⁷ ROSA, João Guimarães. A Hora e Vez de Augusto Matraga. In: Sagarana, 1983, p.374.

declara que, também em *Sagarana*, Guimarães Rosa insere seus personagens populares em loucas aventuras, entre animais, de no meio do cenário do seu país. Knopf elogia a tradução de Harriet de Onís, que trabalhou de maneira conjunta com Rosa, ao chamar sua tradução de *first-rate English version* (versão inglesa, de primeira categoria). Segundo Knopf: *Guimarães Rosa here places simple country people in wild-swinging adventures amid the animals and the scenes of his homeland* – Guimarães coloca aqui pessoas simples, do campo, em aventuras selvagens e estonteantes, entre os animais e cenas da sua terra natal (Tradução nossa) (Cf. *Sagarana. A Cycle of Stories*: orelha da versão americana, 1966).

É também citado o comentário da revista britânica *Encounter*, retirado do exemplar de setembro de 1965 sobre o escritor brasileiro. Rosa brincaria com o tempo e o espaço, focalizando eventos e pessoas, empregando, para tanto, os artifícios do melodrama, ao fazer “o sangue correr e o desejo explodir”, sem resvalar para as “velhas convenções” (*stale conventions*) do realismo documentário.

Em *Sagarana*, prossegue Knopf, o leitor irá conhecer a personalidade e a ética dos brasileiros: o seu humor, o senso de acordo e tolerância que teriam mantido a unidade desse extenso país, *with constant reactions to a vast land that can be cruel but is seldom sick or decadent*. (“com reações constantes a um vasto país que pode ser cruel, mas raramente está doente ou decadente”) (Tradução nossa).

Quem quiser entender a literatura brasileira contemporânea não pode ignorar a obra ficcional de Guimarães Rosa – conclui Knopf, que compara a sua prosa com a de James Joyce, que não é fácil de ler, *but is worth the effort* (“mas vale a pena”) (Cf. *Sagarana. A Cycle of Stories*. Orelha da versão americana, 1966).

2.5.1 As epígrafes em *Sagarana* – como elementos de unificação (Introdução à tradução de língua inglesa)

A tradução de Harriet de Onís vem precedida de uma “Introdução” da autoria de Franklin de Oliveira, cujo título é, justamente, o que se lê no item acima, “As epígrafes em *Sagarana*”. Esta introdução se segue a duas “epígrafes”, em forma de quadras, sendo que uma delas, isto é, a segunda, intitulada *Fox Gray*, já estava escrita no próprio idioma inglês, no texto da língua de partida (TLP), e fora tirada de um livro de histórias infantis inglesas.

Na verdade, diante de cada um dos contos de *Sagarana*, encontramos uma quadra que nos fornece o tom, ou uma pequena alusão, em termos de poesia popular, do que

devemos esperar do conto que se segue. Normalmente, são trovas ou “cantigas” populares. Ao mesmo tempo, no corpo do texto dos contos, podemos encontrar outras trovas, cantadas pelo povo sertanejo, que Guimarães Rosa teve o trabalho de coletar.

Franklin de Oliveira examina o papel das quadras e epígrafes no meio dos contos de *Sagarana*: *In Sagarana everything is ordered by a master hand and with an eye to the functioning of the whole* (Oliveira, p.viii, in versão americana, 1966). (Em *Sagarana*, tudo está ordenado por uma mão-mestra, e com olhar em direção ao funcionamento do todo) (Tradução nossa).

As epígrafes, que precedem as histórias, são uma espécie de fórmulas algébricas das narrações, chave e código das mesmas, constituindo as próprias histórias cristalizadas em teoremas poéticos, revelando o pensamento do autor, embutido no enredo. Enquanto isso existem outras epígrafes, no corpo das histórias. São as quadras que se inserem nas histórias e alteram o tom da narrativa. *These are the quatrains, the phrases or even the scenes which enter into the story to effect a change or a heightening of tone.* (Estas são quadras, as frases ou até mesmo as cenas que entram, a fim de efetuar uma mudança no tom, ou elevá-lo.) (Tradução nossa).

Essas quadras agem como “diéreses”, como pontos divisórios na estrutura orgânica. São como que “historietas” inseridas no texto principal. Em outras ocasiões, essas “sub-histórias” servem de liame entre as diversas narrativas, isto é, os contos de *Sagarana*. Franklin de Oliveira cita o menino negro em “O Burro Pedrês” reaparece, na forma de Tiãozinho, em “Conversa de Bois”. O burrinho “Sete de Ouros”, no primeiro conto, encontra seu “paralelo” na mula “sábia e gentil” de “Corpo Fechado”.

Já em “Hora e Vez de Augusto Matraga”, o jegue – diz mãe Quitéria – é uma espécie de animal sagrado, associado à vida de Jesus. Esta recorrência de episódios e personagens (verdadeiros ecos) faz a unidade de *Sagarana*, diz Franklin de Oliveira. *For this reason, each story should be read as a chapter of a novel, and not merely as an independent narration.* (Oliveira, p. 9). (“[...] cada história deveria ser lida como um capítulo de um romance, e não, meramente, como uma narração independente”) (Tradução nossa).

Dessa forma, as “sub-histórias” de *Sagarana* podem ser consideradas como epígrafes internas, ao mesmo tempo em que são “hiatos”, cheios de significado. Fazem também o papel de ligação entre o começo e o fim das histórias, verdadeiros “dísticos” morais no final da fábula, o que torna as mesmas “circulares”.

2.5.2 Algumas epígrafes, encontradas em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”

Como já foi mencionado, cada conto é introduzido por uma epígrafe “externa”, que fornece certo “tom” à narrativa que se segue, ao mesmo tempo em que estabelece um vínculo com o conto anterior, de forma circular. Além desta epígrafe introdutória, cada conto e, também, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, possui um número considerável de epígrafes internas que colorem a narrativa, também fazendo alusão à tradição oral que imperava no sertão. A epígrafe acrescenta lirismo à narrativa, aumentando o seu caráter de “prosa poética”.

“A Hora e Vez...” é introduzida por dois dísticos, retirados de uma “cantiga antiga”: um sobre a pobreza, e o outro sobre a riqueza:

Eu sou pobre, pobre, pobre,
Vou-me embora, vou-me embora
Eu sou rica, rica, rica,
Vou-me embora, daqui!...
(Cantiga antiga)

De fato, este conto, como diz Paulo Lopes (1997, p.120), antes de “anunciar” uma nova sociedade livre, “denuncia” esta sociedade patriarcal, que é dividida em classes. Augusto Esteves, apelidado – “Matraga” – faz parte dessa classe dominante e, assim, ele se apresenta e impõe, durante o santo leilão que tem lugar atrás da Igreja, em torno de duas mulheres. Com voz de trovão e mãos na cintura, arremata Tomázia, a “Sariema”, uma das mulheres leiloadas, não porque precisasse dela – (“[...] Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! [...] Vá-se embora, frango d’água! Some daqui”) – dirá em poucos minutos que se seguem (p.345) para desfazer-se de “Sariema”, mas para mostrar o seu poder incontestável, regozijando-se dos aplausos da multidão, aliás, como era seu costume de proceder.

Tanto a versão de língua, como a de língua russa, traz esses dísticos, a saber:

*I am poor, poor, poor,
I am going away, away
.....
I am rich, rich, rich,
I am going away from here*

(*An Old Song*) (TLC-1, p.264)

Enquanto isso, na versão russa, tem-se: com a retroversão, ao lado:

*Obed'niél iá, obed'niél iá,
Uezjáiu, uezjáiu*

.....
*Iá bogáta, iá bogáta
Uezjáiu navsegdá!*

(*Starínnaia piêsnia*)
(TLC-2, p.214)

Eu empobreci, eu empobreci,
Estou indo embora, estou indo embora

.....
Sou rica, sou rica,
Vou-me embora para sempre!

(Cantiga antiga)

Vê-se que ambas as tradutoras (Harriet de Onís e A. Koss) fizeram algumas modificações em relação ao Texto da Língua de Partida (TLP), o que sugere, desde esse momento, que uma tradução, geralmente, é uma “recriação”. Na tradução poética ainda o problema de se conservar, ou não, a forma, isto é, a métrica e a rima.

Seguem-se aos dísticos, ainda na página do “frontispício”, dois versos referentes a um “provérbio capiau”:

“Sapo não pula por boniteza,
Mas porém por precisão.”

(Provérbio capiau)

*A toad doesn't jump to be showing
off, but because it has to.*

(*A backwoods proverb*)

Na versão russa, tem-se, na retroversão:

*Jabá skátchet nié krassý rádi,
A potomóu chto prikhóditsa*

(*Pogovórka jýtelei sertánov*)
(TLC-2, p.214)

O sapo não pula por boniteza,
mas porque é preciso.

(Provérbio dos habitantes dos sertões)

Neste particular, deve-se dizer que no prefácio à versão russa, *Inna Terterián* explica o significado de “sertão” (adaptado para *sertán*), assim como fala do “sertanejo” – sendo ambas as palavras tomadas de empréstimo, na versão russa.

E é, exatamente, de um certo capiau que fala a parte inicial do conto – de um capiau “apaixonado” que teve de ceder Tomázia, apelidada pela multidão, no ato, de “Sariema”, ao todo-poderoso Augusto Matraga, com sua mão de ferro.

A cantiga sobre “Mariquinha” (p.343) nos dá idéia da incerteza do amor, uma alusão ao tal “capiau”, que foi separado do objeto de seu amor “com uma pranchada de mão”

de Nhô Augusto (como Augusto Matranga, aliás, Esteves, é chamado pelos seus subordinados):

Mariquinha é como a chuva:
Boa é, p'ra quem quer bem!
Ela vem sempre de graça,
só não sei quando ela vem [...] (TLP, p.343)

A tradução, em inglês, é muitas vezes realizada em verso branco. Na quadra abaixo, no entanto, De Onís tenta rimar *rain* com *when*, em uma espécie de rima imperfeita:

Mariquinha is like the **rain**,
She's good for the one she loves !
She always comes for free,
Only you can't tell **when**.

(Sagarana, *a cycle of stories*, TLC-1, p.266)

Na versão russa, há uma rima imperfeita entre o segundo e o quarto versos:

Mariquinha – slóvno dójdik:
Svoevól'naia chal'náia,
Kól' poidiót – poidiót pó vólie
No kogdá poidiót, nié znáiu

(TLC-2, p.216)

Mariquinha é que nem chuva
Voluntariosa, brincalhona
Se ela for, vai de vontade própria
Mas quando irá, não sei.

Acabado o leilão, uma cantiga (p.344) – entoada por alguns daqueles que estavam saindo, de dentro da multidão, estimula o povo a abrir caminho, com:

Ei compadre, chegadinho, chegou
Ei, compadre, chega mais um bocadinho!
(TLP, p.344)

Hey, pal, come a little closer
Hey pal, get in a little closer
(TLC-1, p.267)

Na versão russa, tem-se:

Èkh, pridvínulsa ko mnié kumaniók,
Èkh, pridvín'sia, kumaniók, potesniêe!
(TLC-2, p. 217)

Ei ,chegou mais perto de mim o compadrinho,
Ei, chega mais perto, compadrinho!

Tendo sido pego em cilada por seu desafeto Major Consilva, Augusto Matranga é espancado e quase morto, pelos capangas desse. Desta desforra participa o “capiauzinho”, humilhado durante o leilão. O capiau sente satisfação ao cantar, mesmo fazendo-o de modo

“mal-entoado”: “Sou como a ema, / Que tem penas e não voa [...]”, diante da impotência física e moral de Nhô Augusto.

No dístico que faz alusão à derrota de Augusto Matraga, a tradutora americana busca rimar, onde falta rima no português:

Eu sou como a ema,
Que tem penas e não voa [...] (TLP, p.352)

*Like the rhea am I,
Got feathers and don't fly* (TLC-1, p.267)

Na versão russa, lê-se (com retroversão, à direita):

*Ia kak èmu, ptítsa-èmu,
Pièria ièst', a nié letáiu [...]*
(TLC-2, p.224).

Eu sou como a ave-ema,
Tenho penas, mas não vôo [...]

Depois de alguns dias, Nhô Augusto, tendo sido encontrado ainda com vida, acolhido e cuidado por um casal de camponeses negros, que moram humildemente em um casebre junto a um vale, o autor procura mostrar o espírito samaritano e a religiosidade dos mesmos, com uma cantiga entoada por “mãe Quitéria”: “As árvores do Mato Bento/ deitam no chão p'ra dormir” – uma cantiga que inspira paz e conformação (TLP, p.354). A tradução em língua inglesa mostra uma cadência suave:

*The trees of the Holywood
Lie down on the ground to sleep [...]*
(TLC-1, p.276)

Na versão russa, por sua vez, tem-se, juntamente com a retroversão:

*Úmnye deriêvia v Mátu-Béntu
Spat' lojátsa názem', tótchno liúdi [...]*
(TLC-2, p.226)

As árvores sábias no Mato-Bento
Deitam-se por terra, para dormir, que
Nem gente [...]

Passados muitos anos de labuta, tendo Augusto Matraga se recuperado física e moralmente, à espera da sua tão prometida “Hora e Vez” – como lhe dissera o padre da extrema-unção –, no arraial aparece o bando de Joãozinho Bem-Bem, ficando a atmosfera tensa e perigosa. Nesse instante, é-nos presenteada a cantiga, entoada pelo jagunço “Tim Tatu-tá-te vendo”, que adverte o leitor de um iminente tiroteio:

O terreiro lá de casa
não se varre com **vassoura**:
varre com ponta de sabre,
bala de **metralhadora**
(TLP, p.371)

A tradutora tenta acompanhar o “ritmo” (a métrica) da quadra, mas a rima (abcb) está ausente: *The front yard of my house/ Is not swept with a broom./It is swept with a saber point./ And bullets of machine guns* (TLC, p.290). Na versão russa, no entanto, observa-se uma rima **abab**, a saber:

Nié chvábroi, nié metlóiu
My dóma pol metióm
Metióm evó kartiêtchiu
Da púchetchnym iadróm
 (TLC-2, p.241)

Não é de rodo, nem de vassoura
 Nós em casa o chão varremos:
 Varremo-lo com metralha
 E com bala de canhão.

Nhô Augusto continua sua vida de trabalho árduo, trabalha duramente, mas com gosto, enquanto isso – pela primeira vez na vida – consegue admirar o sol, a beleza da natureza, onde as maitacas e maracanãs, ruidosas e assanhadas, esvoaçam sem parar, como em um ato de migração. Sentindo-se, igualmente, como uma ave “itinerante”, e ao ver passar uma “mulher bonita” (Sim, porque “Todas as mulheres eram bonitas”) Nhô Augusto canta, saudosamente, a cantiga “muito velha” do “capiiau exilado”:

Eu quero ver a moreninha **tabaroa**,
 arregaçada enchendo o pote na **lagoa** [...]
 (TLP, p.374).

A tradução em língua inglesa é, desta vez, totalmente desprovida de rima, precisando a tradutora de locuções (paráfrases) para traduzir “moreninha” (tabaroa) por *dark* (country) *lass*, não sendo a “morena” o tipo corriqueiro nos EUA – faltaria o termo apropriado.”Arregaçada” é traduzido por *Skirt tucked up*, também uma espécie de paráfrase. Em suma, a tradutora precisou de um maior número de palavras para realizar esta tradução:

I want to see the dark country lass,
Skirt tucked up, drawing water in the lagoon
 (TLC-1, p.293)

Na versão russa, lê-se com rima quase perfeita:

Uvídet' by smugliánku iz sertána,
Chto výchla za vodóiu útrom rano
 (TLC-2, p.244)

Quisera ver a morena do sertão
 Que saiu atrás de água cedo de manhã.

Tomado de nostalgia, Nhô Augusto inveja as maitacas voadoras, que podem ir para aquelas terras, que ele deixara para trás, há tanto tempo. Esta saudade é expressa com

dois dísticos: um que se refere a aspectos da natureza, à trovoada do sertão; e outro, sobre a falta que lhe começaram a fazer as mulheres de lá, do Norte de Minas, onde poderia namorá-las (TLP, p.375). As três cantigas seqüenciadas, na verdade, preparam a atmosfera para o *clímax*, para a decisão que Augusto Matraga estará prestes a tomar. As duas cantigas restantes são: “Como corisca, como ronca a *trovoada*, / no meu sertão, na minha terra *abençoada* [...]” e “Quero ir namorar com as *pequenas*, / com as *morenas* do Norte de *Minas* [...]”. A versão de língua inglesa do primeiro dístico possui ritmo, mas, praticamente, não possui rima (apenas um “eco” no segundo verso), a saber:

*How it lightens, how the thunder roars,
In my backland, my blessed land [...]
(TLC-1, p.293)*

Nhô Augusto (aliás, Augusto Matraga) canta longamente, e se dá conta de que “a papagaiada vagabunda já devia *de* estar longe” dali [...] “Longe, onde?” – indaga-se (TLP, p.375). Assim, na versão de língua inglesa, para o segundo dístico, tem-se, com ritmo, mas, igualmente, sem rima:

*I want to go wooing the young girls,
The dark maids of the North of Minas
(TLC-1, p.293)*

Influenciado, como estava, por aquele *bando de aves* ruidosas, e livre para voar pelo céu para onde quer que seja, isto provoca em *Augusto Matraga* um desejo irresistível de imitá-las, partindo em busca da sua sina, indo ao encontro da sua tão esperada “vez”, como se lê na passagem a seguir: “Quando ele encostou a enxada e veio andando para a porta da cozinha, ainda não possuía *idéia alguma* do que ia fazer. Mas, dali a pouco, nada adiantavam para retê-lo, os rogos reunidos de mãe preta Quitéria e de pai preto Serapião” (TLP, p.375).

E sai pelo sertão afora, aceitando ir montado em um pequeno jumento (“animalzinho meio sagrado” – como lhe dissera mãe Quitéria). Ao partir, *Matraga* lembra-se da *cantiga* que fora entoada pelo capanga de Joãozinho Bem-Bem – como se tivesse o justiceiro em mente – mas uma outra quadra, outra variante, diferente da anteriormente mencionada (à p.371, do TLP): “A roupa lá de casa / não se lava com **sabão**: / lava com ponta de sabre/ e com bala de **canhão** [...]” (TLP, p.376). Novamente, a tradutora não consegue ou, simplesmente, desiste de recorrer a qualquer rima:

*The clothes back there at home,
Are not washed with soap:*

*They are washed with saber point
And **cannon balls** [...]
(TLC-1, p.294)*

Sente-se, porém, a predominância do som /‘o’/ – pronunciado como um ditongo fechado /“ou”/ – nos dois primeiros versos, e o / ‘o’/ curto e aberto, nos dois últimos – o que seria uma assonância. Na versão russa tem-se uma rima no primeiro e terceiro versos, imitando-se o TLP, a saber:

*Nie schiólokom, nié mýlom
Stiráiem my belió,
U nas za schiólok – pórokh,
Za skálotchku - rujíó
(TLC-2, p. 245)*

Nhô Augusto vaga, montado no jegue, pelas matas. Depois de ter visto rebanhos de gado, com seus tropeiros, tatus e abelhas de várias espécies, flores exóticas, os rios e as serras, e muita gente diferente, “em pleno chapadão”, dá de cara com um cego, conduzido pelo seu bode preto e amarelo. O *cego*, “esguio e *meio-maluco*” – portanto um *inválido* – como, também, acontece na tradição oral de outros povos, possui uma sabedoria de vida, toda especial, expressa em poemas e cantigas. Assim, Nhô Augusto tem oportunidade de ouvir – da boca desse cego – uma “lenta e mole melopéia”, bastante longa, que trata do aspecto “fantástico” e das peripécias incríveis de alguns animais, sendo que este poema marca o seu encontro com o estranho personagem:

Eu já vi um gato ler
e um grilo sentar **escola**,
nas asas de uma ema,
jogar-se o jogo da **bola**,
dar louvores ao macaco.
Só me falta ver **agora**
acender vela sem **pavio**,
correr p’ra cima a água do **rio**,
o sol a tremer com **frio**
e a lua tomar tabaco! [...] (TLP, p.377)

Após finalizar a cantiga, o cego pede alguma contribuição em dinheiro, ou alguma coisa que possa comer, e em seguida se despede de Nhô Augusto. Esse encontro com o cego é aproveitado por Guimarães Rosa para dar ao leitor mais um exemplo da arte poética e musical do povo de Minas. A tradutora americana, de fato, traduz a cantiga que se lê no TLP, mantendo o conteúdo semântico de cada verso, em detrimento de qualquer sinal de rima.

Enquanto a versão russa altera o conteúdo – que permanece fantasmagórico – mas totalmente “recriado” – e provido de uma rima do tipo: **abbabcdcdc**.⁸⁸

Augusto Matraga, tendo, finalmente, encontrado sua “Hora e Vez”, num duelo contra o Seu Joãozinho Bem-Bem, por considerar que este estava cometendo uma grande injustiça, tem lugar o desfecho com a morte de ambos os rivais. “Qualquer-um”, no meio do povo, improvisa, como um “repentista”, e inventa uma cantiga, “na horinha”, entoada por todos, com o intuito de celebrar a morte de Seu Joãozinho Bem-Bem. A turba tenta caçoar do famoso bandoleiro dos sertões, pelo seu triste fim, ou até mesmo, desejando desfeitear do seu cadáver. Nisto, eles são impedidos pelo espírito cavalheiresco de Augusto Matraga que os censura: “Pára com essa *matinada*, cambada de gente herege!” (TLP, p.386). A quadra entoada pela multidão é a seguinte:

<p>Não me mata, não me mata seu Joãozinho Bem-Bem! Você não presta mais pra nada, seu Joãozinho Bem-Bem! (TLP, p.385)</p>	<p><i>Don't kill me, don't kill me, Mr. Joãozinho Bem-Bem! You're no longer good for naught, Mr. Joãozinho Bem-Bem!</i> (TLC-1, p.302)</p>
---	--

O que se percebe na tradução, é que o coloquial “seu” vem substituído pelo formal *Mr* (uma alternativa de tradução seria traduzi-lo por *old so-and-so*), por outro lado, lê-se *good for naught*, em lugar do mais freqüente e, de certa forma, esperado: *good for nothing*, talvez introduzido para dar um pouco de tom de oralidade à quadra popular. Na versão russa, lê-se:

<p><i>Ty meniá nie ubióch, ty meniá nie ubióch, Seu Joãozinho Tak-Tak! Ty sam ugodíl sevódnia pod nój Seu Joãozinho Tak-Tak!</i> (TLC-2, p. 253)</p>	<p>Tu não me matarás, tu não me matarás Seu Joãozinho Bem-Bem! Tu próprio caíste na faca, hoje Seu Joãozinho Bem-Bem!</p>
--	---

Com a rima tendo sido observada a rima, como no TLP.

Apesar de estar todo ensangüentado e crivado de balas, Nhô Augusto (isto é, Augusto Matraga) reage “enérgico” exigindo, por cima, um bom enterro para seu “parente”, Joãozinho Bem-Bem, o qual, aliás, costumava tratar Nhô Augusto, gentilmente, por “mano velho”.

⁸⁸ **Obs.:** Para saber de maiores detalhes sobre ambas as versões – a de língua inglesa e a de língua russa favor ver comentários, pertinentes à página 377 do TLP, no Capítulo 3, deste trabalho.

O destino de *Augusto Matraga*, a estas alturas, se cumpriu e ele morre, tranqüilo e quase feliz, em um “sagaz contentamento”, tendo perdoado a *sua mulher* e, como despedida, pede para abençoar para a *sua filha*, solta no mundo [...].

Assim, viu-se que as cantigas (que fazem papel de *epígrafes interiores*), além de pontuarem a narrativa, diante de cada mudança de cenário, constituem um testemunho da **tradição oral** do sertão de Minas, que JGR conhecia muito bem.

2. 6 A VERSÃO RUSSA DE “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”: CRIATIVIDADE E PRECONCEITOS

A versão russa do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, diferente da versão em língua inglesa, que se encontra na seqüência dos contos de *Sagarana*, todos traduzidos por Harriet de Onís, pode ser encontrada entres outros dezesseis contos de João Guimarães Rosa, sob o sugestivo título *Rasskázy* (isto é, *Contos*), editado em Moscou, 1980. Esta coletânea reúne várias pequenas histórias ou novelas, contidas em obras da autoria do escritor mineiro, tais como “Estas Estórias”, “Primeiras estórias”, “Tutaméia”, assim como da própria *Sagarana* (Vide Anexo).

Participaram da tradução de *Rasskázy* nada menos que quatro tradutoras russas diferentes, entre elas, A. Koss, que apenas traduziu o conto de que se ocupa o presente trabalho, a ser cotejado no Capítulo 3, isto é, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”.

Embora a versão inglesa de *Sagarana* apresente – nas “orelhas do livro” – dados biográficos sobre Guimarães Rosa, frisando tratar-se do mesmo autor de *Devil to Pay in the Backlands* (*Grande Sertão: Veredas*), na “Introdução” a essa versão, da autoria de Franklin de Oliveira, procurou-se enfatizar o uso das “Epígrafes”. Enquanto isso, a versão russa possui um artigo introdutório sob o título *Sertán, chyróki, kak mír* (isto é, “Sertão, grande – literalmente, “amplo” – como o mundo”) – uma expressão retirada da própria obra de Guimarães Rosa, da autoria da brasilianista Inna Terterián, ex-membro do “Instituto de Literatura Mundial”. O artigo, que ocupa 15 páginas, trata não só da obra de Guimarães Rosa, em geral, como expõe as características sócio-econômicas do “sertão”, uma palavra que Terterián adapta à fonologia russa, tomando-o de “empréstimo”. Desta forma, vê-se obrigada a discursar sobre o significado do termo, apresentando, mais adiante, um novo empréstimo – o “sertanejo”. Curiosamente é o termo “sertanejo” que a tradutora russa A.

Koss usa para traduzir, em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, o vocábulo regionalista “capiáu”.

Tendo sido publicada em 1980, em pleno vigor da ex-URSS, esta versão de vários contos e novelas de autoria de Guimarães Rosa para o idioma russo, Terterián necessita justificar-se diante dos seus futuros leitores, assim, como diante das autoridades e da censura, atestando o grande valor desses contos, ou “histórias”, como um libelo contra a sociedade capitalista. Destaca, assim, a esperança do autor pelo surgimento, no Brasil, de uma sociedade mais justa. Para tanto, usa o discurso “socialista”, típico, não dispensando alguns “clichês”.

Desta forma, Terterián faz citações de Nelson Werneck Sodré, (*História da literatura brasileira*), e de A.Lins (*Os mortos de sobrecasaca*), assim como menciona *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, para que o *leitor soviético* da época viesse a ter uma boa idéia dos “sertões”, como região geográfica e demográfica, e das condições sócio-econômicas e históricas do Brasil, nas décadas de 1930-40. Procura situar Guimarães Rosa, no seio da literatura latino-americana que, juntamente com Miguel Astúrias e Alejo Carpentier, estabeleceu, como sua meta, retratar o homem da sua região, com a sua cosmovisão, e a sua força primitiva, quase mítica, perante os conflitos sociais existentes. Estes se acham refletidos na consciência dos povos latino-americanos, uma consciência ainda não totalmente esmagada ou nivelada pela “sociedade burguesa”.

Terterián compra os sertões às “estepes”, quando escreve: “Nas profundezas do Brasil, nas regiões do Centro e Nordeste, nos Estados de Minas-Gerais, Ceará, entre outros, longe do viçoso e florescente litoral, estendem-se os sertões – como aqui se denominam as estepes”. Esta região é constituída de fazendas pecuaristas – que são latifúndios, é a região do “vaqueiro” (o termo, aí, também, tomado de empréstimo) (Rasskázy, 1980, p.3) (Tradução nossa).

Igualmente, busca estabelecer um paralelo entre alguns contos de Guimarães Rosa e expressões do mesmo gênero, na literatura russa, assim como entre os personagens, retratados em ambas as literaturas. Augusto Matraga, por exemplo, é comparado com o herói lendário, retratado poeta Nekrássov, em “Quem vive bem na Rússia?” – a saber, o *atamán Kudiár*, um “chefe-cossaco”, que se arrepende da sua vida de crimes e se retira ao convento, após ter reparado uma injustiça, como o fez Augusto Matraga. Terterián, no entanto, frisa que a redenção de ambos os personagens estaria na prática “ativa” do bem, e não nas rezas.

É preciso lembrar que, na época soviética, a *religiosidade* não era vista com bons olhos, uma vez que a filosofia marxista-leninista, que fora implantada, tornou-se o “credo”

oficial. Assim, Terterián chega a declarar que Guimarães Rosa não teria “aprovado” as crendices e as superstições populares retratadas no conto “São Marcos” – no que não deixa de haver certa “tendenciosidade”.

Em seguida, Terterián comenta o conteúdo de todas as histórias traduzidas, e estabelece um paralelo entre “Um burrinho Pedrês” e o conto *Kholstomiér* (literalmente “O medidor de lona”), em que Leão Tolstói retrata o mundo, visto através dos olhos de um cavalo.

A versão russa tem grandes méritos, mas também alguns “preconceitos”, como foi mencionado no título do presente item. As qualidades são a maestria lingüística da tradutora russa, que busca esclarecer *sete* itens *regionalistas* com notas de pé-de-página, como se lê no Capítulo 3 (Cotejo), e seu ótimo domínio da língua russa: a tradutora usa de provérbios e ditados, expressões idiomáticas adequadas, para dar a maior expressividade possível ao texto traduzido, que – sendo uma verdadeira “recriação” – pode ser considerado uma verdadeira “obra de arte”.

A falha está no tratamento tendencioso, dado à tradução de nomes de cunho religioso, sendo até mesmo a palavra “Deus” escrita com inicial minúscula, como se exigia dos escritores, no período soviético: uma prática que destoava do mundo “não-socialista”, como um todo.

Houve um par de *lasus mani* – tanto na versão russa, como na versão de língua inglesa – como pode ser visto no Capítulo 3 do presente trabalho.

2.7 GUIMARÃES ROSA E SEUS TRADUTORES; CORRESPONDÊNCIA E DADOS “BIOGRÁFICOS”

Tendo sido traduzido para muitos idiomas ainda em vida, Guimarães Rosa correspondeu-se com muitos deles, e pôde elucidar muitas dúvidas dos mesmos, em relação ao léxico, manifestando seus pontos de vista quanto à linguagem, literatura, política, entre outros.

Tanto o *Grande Sertão: Veredas*, como *Sagarana*, foram vertidos para o alemão por Curt Meyer-Clason, ainda durante a vida do escritor, possuindo a segunda edição, de 1982, um abrangente *Vorwort* (Prefácio), da página 9 a 23, da autoria do próprio tradutor, que por diversas vezes se remete à entrevista dada por Guimarães Rosa a Guenter Lorenz, tecendo considerações sobre a obra e seu autor.

Guimarães Rosa manteve, também, uma extensa correspondência com o seu tradutor italiano, Edoardo Bizzari, publicada na série 1ª de *Estudos Brasileiros*, vol. 2, sob a direção de Alfredo Bosi. Uma grande coleção de cartas, onde o tradutor italiano elucida suas dúvidas, junto ao escritor.

Houve, ainda, correspondência – a mais importante para o nosso trabalho – entre Harriet de Onís, tradutora de *Grande Sertão: Veredas*, conjuntamente com John Taylor, assim como do conjunto de histórias ou contos, contidos em *Sagarana*. Na **Internet**, no *site* dedicado a João Guimarães Rosa, lê-se uma carta do escritor a essa tradutora, datada de 4 de novembro de 1964, a saber: Mas, o mais importante, sempre, é fugirmos das formas estáticas, cediças, inertes, estereotipadas, lugares-comuns, etc [...]. Meus livros são feitos, ou querem ser, pelo menos, à base de uma dinâmica ousada, que, se não for atendida, o resultado será pobre e ineficaz [...].

Com essa linguagem, diz Guimarães Rosa, o leitor haverá de ser “despertado de sua inércia mental”. Terá que:

[...] aprender novas maneiras de sentir e de pensar. Não o disciplinado – mas a força elementar, selvagem. Não a clareza – mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. [...] O ritmo, a rima, as aliterações ou assonâncias, a música ‘subjacente’ ao sentido – valem para maior expressividade [...].

Nos Anexos deste trabalho, foi anexada uma parte da correspondência entre a tradutora americana e o escritor João Guimarães Rosa quanto às suas dúvidas na tradução do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”. Este material (que consta de 6 páginas, datilografadas, estando a última, em forma de “carta”) é uma cópia xerox de uma parte do “Arquivo Guimarães Rosa”, encontrada no IEB/USP.

No setor intitulado *Queries on Augusto Matraga's*, que seria datado de 4 de março de 1965, no item 1, o escritor fornece uma explicação sobre a escolha do nome “Matraga”: no início qualquer nome estranho serviria, mas mudaria, depois de o herói ter-se redimido, como teria acontecido no “Apocalipse”. Na verdade, o nome “Matraga” teria sido captado de uma conversa telefônica, quando o interlocutor dizia: “[...] que ele ma traga ([...] *that he bring her to me!* [...]) que ele me a traga/ m’a traga. O escritor escreve:

Achei importante, pelo simbolismo, pois, no fim, o herói ainda pensa na mulher, na Dona Dionóra. Naturalmente, o “sentido” desse simbolismo só se explicitaria no plano metafísico. De qualquer modo, o nome vale, pela sua força e beleza próprias: 3 vezes a vogal a, e consoantes enérgicas. (Cf. Anexos; “Queries on Augusto Matraga”).

No item 2, lê-se uma explicação (“Trata-se de uma canção de brinquedo de crianças, de roda”) e sugestões para tradução da “Epígrafe” (*I am poor, poor, poor, etc [...]*). Novamente, diz ter-se valido do “simbolismo”: a ligação desta quadra popular com o conto é que, no início, Matraga está *pobre*, escondido com o casal de ‘pretos’, fugindo do arraial de Murici, para o norte; depois ele fica rico (*I am rich, rich, rich...*) por “sua alma” se transportar para “um plano mais alto”.

Nos itens subseqüentes, JGR dá sugestões de como traduzir expressões tais como “candeias de meia-laranja”, “subia todo no sem-jeito”, “deixou fuchicar”, “de rolo em rolo”, entre outras. Vê-se, no entanto, que a tradutora Harriet de Onís nem sempre segue as instruções do escritor brasileiro. Aceita *he let crumple* (para “deixou fuchicar”), e para “subia todo no sem jeito” dentre as opções sugeridas, escolhe *akward and embarrassed*. Mas, enquanto Guimarães Rosa escreve, na observação, *woodlander*, Harriet de Onís, sempre traduz “capiou” por *backwoodsman*. Igualmente, o escritor sugere *devilish mob* – para “povo encapetado” (em *at least to him poor lover that devilish mob had no reason to be (exist)*), mas a tradutora preferiu *the jeering mob*.

A dificuldade da tradutora americana era, principalmente, em entender certos regionalismos (como, por exemplo: “bruaqueiros” (ver item 57. -310, 20 em “Queries on Augusto Matraga’s – II) e expressões idiomáticas (como, “foi cuspir no cangussu detrás da moita” – Ver item 64.-312, 14) na escrita de JGR, pois – como ela própria admitiu – tinha um bom conhecimento apenas do idioma espanhol. (Quando, certa vez, Harriet tenta usar *hombre*, na sua versão de língua inglesa, JGR escreveu: “Não. ROGO EVITAR O “hombre” – Ver nota 48.-30,7 em “Notas”). Harriet teve o seu primeiro contato com a obra literária de Guimarães Rosa quando leu a versão do conto em espanhol, publicada em uma revista Latino-americana, e empolgada com o estilo de JGR, parte para traduzir *Sagarana*, quando se certifica que poderia contar com o apoio do seu autor nessa tarefa.

Embora o autor tenha sugerido *Bell and hell are not for fun, people!* – para traduzir “– Sino e santo não é pagode, povo!” – Harriet prefere escrever *Steeple and saints are no place for high jinks* – As explicações do autor têm, no caso, a função de elucidar o sentido do TLP, cabendo, então, à falante nativa do idioma inglês encontrar a tradução que lhe parecesse mais adequada.

No setor “NOTAS sobre o *Augusto Matraga’s Hour and Turn* – datado de 14/04/1965, Guimarães Rosa fornece sugestões como traduzir o topônimo “Nossa Senhora das Dores do Córrego de Murici” – sugerindo colocar *hífens* entre as palavras, o que foi acatado pela tradutora americana. JGR cita – como um exemplo a ser seguido – a tradução

francesa de *Grande Sertão: Veredas* (em francês, *Diadorim*), onde o tradutor coloca os topônimos em português, seguidos da tradução francesa.

Guimarães Rosa também faz observações sobre o estilo de De Onís, sugerindo evitar a repetição de palavras que poderiam ser substituídas por seus sinônimos. Por exemplo, no item 4, JGR escreve: “Noto que se repete, muito, a palavra *crowd* [...]. No texto original, corresponderia a essas vezes: multidão; povo; massa; povo; povo; povaréu; faces; povos; povo”. Em suma, a tradutora americana usou o mesmo termo para traduzir tantas variantes – o que é criticado por JGR.

Por vezes, a tradutora americana se engana na interpretação do TLP (Ver nota 10.-8,19, no setor “NOTAS...”, em “Anexos”, como mencionado acima). Guimarães Rosa também sugere evitar, às vezes, os procedimentos de “domesticação” (como era tradição nas versões de obras literárias estrangeiras para o inglês): em lugar de *cherry tree* sugere manter a cor local com *pitanga tree* (Ver nota 52.-30, 10, em “NOTAS...”). Onde De Onís escreve [...] *a band of parrots*, JGR sugere [...] *band of maitaca parrots* [...] por “maitacas” para diferenciar de “papagaios”, um termo que aparece mais adiante (Ver item 59.-34,4, em “Queries...- II”). Da mesma forma, o escritor sugere *maracanans*, em vez de *macaws* (Ver item 62.-35,4).

Na carta datada de 17 de abril de 1965 (Vide “Anexos”), Guimarães Rosa, entre outras coisas, expressa sua satisfação de a tradutora Harriet de Onís ter aceitado manter o nome *Sagarana* – como “título definitivo” da sua versão de língua inglesa. Concorda, também, com o título *Augusto Matraga’s Hour and Turn* para o conto em pauta.

Não é à toa que se qualifica a prosa de Guimarães Rosa como uma “prosa poética”. Ele mesmo o deixa claro – ainda em 1964, como se lê na sua carta endereçada a Harriet de Onís, datada de 4 de novembro daquele ano – em que revela, também, o valor dos “detalhes, aparentemente, sem importância”.

É preciso dizer que João Guimarães Rosa estava para ser indicado, em 1967, para o prêmio Nobel de Literatura, por iniciativa dos seus editores alemães, franceses e italianos. No entanto, a indicação foi sustada pela inesperada morte do autor, três dias após ter tomado posse na ABL, em novembro daquele ano.⁸⁹

Embora, eleito desde 1963 para uma vaga na Academia Brasileira de Letras, Guimarães Rosa vinha adiando a posse, há quatro anos, talvez movido por uma estranha “pré-munição”. No momento em que tomou posse, sobreveio a morte, três dias após.

⁸⁹ Em “João Guimarães Rosa: Feiticeiro das Palavras, Caboclo Universal, no *Google* da Internet, *site* acessado em 2 de agosto de 2004.

Certamente, pela emoção. Já dissera alguém que sua vida fora cheia de misticismo, de coisas, aparentemente inexplicáveis, de superstições. Lê-se, novamente, no material, fornecido pela Internet: “Homem de temperamento emotivo e sensível, foi traído pela emoção”. Os quatro anos de adiamento eram reflexos do medo que sentia da emoção que o momento lhe causaria. Ainda que risse do pressentimento, afirmou no discurso de posse: “[...] a gente morre é para provar que viveu”.

Sua vocação para as Letras, iniciada na infância, quando, trancado no quarto e deitado no chão, começava a imaginar histórias, poemas, romances, “botando todo o mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas”, como, aliás, já tinha declarado na sua entrevista com Guenter Lorenz.

2.8 “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”: ALGUMAS PARTICULARIDADES

Muito se tem escrito sobre este conto, para muitos o mais bem-escrito e acabado em *Sagarana* – segundo Antônio Cândido, uma verdadeira “obra-prima”⁹⁰, estando repleto de elementos que buscam detectar a identidade brasileira, além de conter um *sentido místico*, expresso na trajetória do personagem principal, Augusto Matraga. O seu conteúdo, desta forma, pode ser chamado de complexo e “hermético”, que caberia desvendar⁹¹.

Em *Guimarães Rosa: signo e sentimento*, outro autor, a saber, Suzi Frankl Sperber, também liga o conto ao misticismo. Assim, lê-se: Augusto Matraga fala em Cristo e o evoca com sua vida. Nhô Augusto Esteves acaba abandonando riquezas e bens, deixa seus familiares. Esteve voltado para o contingente, mas a fé lhe permite esperar que o *augusto* Senhor *lhe traga* a plenitude, a paz. (Sperber, 1982, p.35).

Não é à toa que estão destacadas as palavras “augusto” e “lhe traga”. Elas têm tudo a ver com alcunha “Matraga”. O próprio João Guimarães Rosa, em correspondência com a sua tradutora americana Harriet de Onís, explica que o nome teria vindo de “Me a (M’a) traga”⁹².

Sperber também cita trechos do Evangelho (segundo São Mateus): *El que ama padre o madre más que a mí, no és digno de mí; y el que ama hijo o hija más que a mi, no és*

⁹⁰ Cf. CÂNDIDO, 1994, p.66.

⁹¹ BENDEDETTI, 2003, p.4-5.

⁹² Carta de 15/04/62.

digno de mi – “Aquele que ama ao pai ou à mãe, mais que a mim, não é digno de mim” (Tradução nossa). E mais adiante, lê-se:

Matraga não se revela, apenas, como as personagens dos demais contos do volume, Matraga só se revela ao mundo na medida em que ocorreu uma passagem –mudança de estado. Há renovação. De Matraga, do cosmos e de estrutura. [...] Em ‘A Hora e Vez de Augusto Matraga’ – há uma iniciação mística: morte e ressurreição místicas, iniciáticas.

De um modo “profano” e “carnal” de existência, Matraga teria passado para uma existência “espiritual”. Ele readquire suas forças humanas, carnis, como na primavera, e como nos mitos, volta-lhe a vitalidade e a fertilidade. No entanto, dentro de Matraga, persiste a ambivalência, pois comporta numa só pessoa, os opostos (*coincidentia oppositorum*). Dentro de Matraga se apresenta, assim, uma luta de dois personagens opostos, contidos num só homem. O desfecho se realiza, na prática, na luta entre Matraga e Joãozinho Bem-Bem, que representam o Bem e o Mal, respectivamente.

A estrutura das narrativas que, nos contos anteriores era “ficcional”, passa na HVAM, segundo Sperber, a ser “mítica”. As duas fases da vida de Matraga se reúnem “no fim, na luta, devolvendo tanto Matraga como Joãozinho Bem-Bem a terra”(p.36). Matraga passa por uma iniciação, uma purificação, existindo também o iniciador do mistério ou “guia”. “O mistério não é Deus [...]. O mistério é a própria existência e ela só é na medida em que ultrapassa o profano” (p.37).

Sperber nota a “evolução temática” de HVAM, em relação aos outros contos de *Sagarana*. Além disso, existe um “amadurecimento estrutural”. O conto compõe-se de três partes. A primeira vai até a sua “pseudomorte”. Segue-se a segunda, que vai até a partida do burrinho. Do reencontro com Joãozinho Bem-Bem, segue-se a terceira parte, até o fim. Com a volta de Matraga à família abandonada, fica reconquistada a unidade.

Se em uma versão anterior, sob o título “A oportunidade de Augusto Matraga”, Guimarães Rosa diz que “esta não é uma história, mas sim um caso-acontecido, sim senhor”⁹³, na versão definitiva, diz o contrário “esta aqui é uma estória inventada e não é um caso acontecido, não senhor”. Isto se deve ao fato de o autor ter percebido que a narrativa, a ficção, tem leis próprias e é diferente da vida, além de lhe dar maior liberdade. O espaço em HVAM amplia-se pela sua participação no fenômeno da “passagem” que faz parte do “cosmos”, sujeito à ampliação e à redução. O autor opta pela não-historicidade, o que não

⁹³ Cf. SPERBER, p.37.

implica em bi-dimensionalidade. Guimarães Rosa opta, também, pela quase completa ausência da metalinguagem (exceto a escolha do nome do herói “Matraga”). GR escolhe um nome novo, virgem de significado e que, pela sua sonoridade, deve pretender a preencher-se de sentido.

Paulo César Carneiro Lopes, autor da *Utopia cristã no sertão mineiro* (1997) diz que a “tese básica” de sua leitura de “A Hora e Vez de Augusto Matraga” é a de que “o conto é uma representação literária, em diversos níveis, realistas e alegóricos, do cristianismo” (p.86). Em seguida, Lopes põe-se a discursar sobre o que seja o *cristianismo*, a quem muitos teólogos não considerariam como sendo “uma religião”, e sim, “a experiência de fé, ou seja, a entrega da vida ao projeto de Jesus, a absolutização dos valores defendidos por ele”. A religião, esta sim, teria sido criada pelos seguidores de Cristo – um nome que, em grego, significa “ungido” – o qual, na verdade, nem pretendia fundar alguma religião ou ser o “messias”. Inicialmente, como se sabe, o cristianismo foi a religião de “escravos e marginalizados”, tida por “subversiva”. Tendo sido legalizada sua prática no Império Romano, pelo imperador Constantino, o cristianismo passa a ser a religião oficial. No entanto, continua Lopes, através dos séculos, “de perseguido, o cristianismo passou a perseguidor” (p.88).

Com isto, Lopes chega à conclusão de que o conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga” representa, na verdade, “o conflito”, entre duas forças antagonistas, em uma das etapas históricas da evolução do cristianismo. Pois:

Se o Império romano conseguiu destruir o cristianismo, o cristianismo também conseguiu destruir o Império Romano e, de certa maneira, nenhum dos dois foi destruído, ou seja, a força de opressão e a força de libertação, representadas por eles, continuaram presentes nas novas sociedades surgidas do conflito inicial (p.88).

O catolicismo brasileiro – continua Lopes – seria a “expressão latino-americana, continuação do conflito entre o projeto de vida plena de Jesus e o projeto de morte das forças dominantes”. Graças à dificuldade de definir o que seja o catolicismo, Eduardo Hoornaert, o classificaria em três tipos: “o patriarcal”, o “guerreiro” – das classes dominantes –, e o “popular”, que representaria as crenças dos “dominados”. Assim, escreve Lopes: “Existe, portanto, o catolicismo dos ricos, o catolicismo dos pobres e, a rigor, existe um único *catolicismo brasileiro* que é o conflito, em busca de *síntese*, entre todos os catolicismos presentes aqui” (p.89) (Grifos nossos).

Na “Conclusão” do seu tratado filosófico, intitulada “Conclusão: Augusto Matraga, uma Fenomenologia do Corpo”, Lopes fala das duas metas em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, referindo-se ao conto como “obra crítica e utópica”:

Como tentei mostrar ‘A Hora e Vez de Augusto Matraga’ obra crítica e utópica, ao mesmo tempo em que *denuncia, anuncia*. O que se revela e denuncia é a nossa sociedade patriarcal dividida em classes, que divide os *homens* e o *homem*. O que se anuncia é a sociedade da grande borboleta, aquela em que, enfim, o homem será completamente livre, *o reino da liberdade* ... (Lopes, 1997, p.120) (Grifo nosso).

O autor de *Utopia cristã no sertão mineiro* retira a expressão “a grande borboleta” da própria “Epígrafe” que precede o seu capítulo intitulado: “Conclusão: Augusto Matraga uma Fenomenologia do Corpo”, em que apresenta um poema-canção da autoria de Caetano Veloso que se inicia com as palavras “você diz a verdade / e a verdade é o seu dom de iludir” e termina com os seguintes versos:

[...] a grande *borboleta*
 Leva numa asa a lua
 E o sol na outra
 E entre as duas a seta
 A grande borboleta
 Seja completamente solta. (Grifo nosso)

em que o termo “borboleta” é, certamente, usado por Caetano Veloso como uma *metáfora* que se referiria ao ser humano do futuro, quando ele poderia gozar de grandes poderes, e de liberdade.

A divisão entre “os homens” se refere à divisão da sociedade em classes sociais, de que Lopes fala no decurso da sua obra. Enquanto com “divisão do homem”, Lopes se referiria a *cisão ontológica*, estabelecida pelo Cristianismo, desde o século III – que separou o corpo da alma – quando pensadores cristãos, influenciados por Platão, e conseqüentemente pelos neo-platônicos, introduziram essa “tendência dualista” na sua doutrina, tendência que não estaria presente, originariamente, na tradição judaico-cristã, que concebia o homem “enquanto totalidade” (LOPES, p.120).

2.9 HARRIET DE ONÍS, A TRADUTORA AMERICANA DE SAGARANA DE GUIMARÃES ROSA E O SEU PÚBLICO LEITOR

Ao ter lido a versão em espanhol, Harriet de Onís, nascida Harriet Vivian Wishnieff, cidadã americana, fica tão impressionada com o conto “A Hora e Vez de Augusto

Matraga”⁹⁴, na revista *Ficción*, juntamente com outros 10 contos de contistas brasileiros, que procura conhecer o seu autor. Tendo um bom conhecimento do idioma espanhol, ela está pronta a traduzi-lo do português, contanto que possa contar com o apoio do autor para elucidar suas dúvidas. Assim, se estabelece uma correspondência de vários anos entre Guimarães Rosa e Harriet de Onís (desde 1958), com o que lucrou não apenas o leitor americano, mas também houve a divulgação da obra de Guimarães Rosa em países de língua inglesa.

A própria tradutora, no *Translator’s Note* (p.15-16), que se segue à “Introdução”, assinada por Franklin de Oliveira, na versão de língua inglesa, confirma que se sente orgulhosa de ter tido a chance de traduzir de João Guimarães Rosa, não apenas por considerá-lo, um dos maiores contistas do mundo, colocando-o ao lado de escritores como Katherine Anne Porter, William Faulkner e Jorge Luís Borges, *but also because he was my discovery* (“mas também, porque ele foi descoberta minha”). Em seguida conta como teve conhecimento e leu a tradução em língua espanhola numa revista literária Argentina:

[...] the author was unknown to me, the translation left much to be desired, but the story, ‘Augusto Matraga’s Hour and Turn’ made such a deep impression on me that I immediately ordered the books listed in the bibliography, which included the novel *Grande Sertão: Veredas* (1) and two volumes of novelettes – *Corpo de Baile* as well as *Sagarana*” (“o autor era-me desconhecido, a tradução deixava muito a desejar, mas a história “A Hora e Vez de Augusto Matraga” causou-me uma impressão tão profunda que eu, imediatamente, encomendei os livros, listados na bibliografia, que incluíam o romance *Grande Sertão: Veredas*” e dois volumes de pequenas novelas – *Corpo de Baile*”, assim como *Sagarana* (p.15) (Tradução nossa).

A tradutora americana também reconhece que a tradução de *Sagarana* não fora fácil (*The translation of Sagarana has not been easy*), embora estivesse em constante comunicação com autor, mas, mesmo assim, se sentiu, muitas vezes, perdida, como explicou metaforicamente em: *a sick-bay steward delivering a baby by radioed instructions from a doctor on land* (“um comissário de bordo, em enfermaria de navio, ajudando num trabalho de parto, a partir de instruções, transmitidas, através de rádio, por um médico em terra”⁹⁵). A propósito, comenta Onís, o escritor é, exatamente, um médico, embora, no presente momento estivesse a serviço do Ministério de Assuntos Estrangeiros do Brasil, *with the rank of Minister* (“ao nível de Ministro”). Ao comentar sobre o Estado de Minas Gérias, Harriet de Onís comenta que devido ao desenvolvimento da “indústria da mineração” naquele Estado,

⁹⁴ *Ficción*, n.11, Argentina.

⁹⁵ Tradução nossa.

Minas Gerais estaria *in closer communication to Europe* (“em comunicação mais próxima com a Europa”), do que muitos Estados, situados na costa do Brasil., além de ter sido o cenário *of Brazil’s first attempts of Independence* (“das primeiras tentativas de independência do Brasil”). Guimarães Rosa, embora ciente de todas as tendências literárias no mundo, emprega-as a seu modo (*in his own way*), e ninguém poderia ser mais brasileiro (*nobody could be more Brazilian*) do que ele, conclui. Com escritores, como Guimarães Rosa, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, sem deixar de mencionar tais ilustres *forunners* (“precursores”), como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, e Euclides da Cunha, *Brazil now occupies a large place on the world’s literary map* (“o Brasil ocupara agora um grande espaço no mapa literário mundial”)⁹⁶

Ao mencionar a “Introdução” à sua tradução, em que Franklin de Oliveira cita e comenta as “Epígrafes” de *Sagarana*, Harried de Onís, é de opinião que duas citações poderiam ser acrescentadas, na qualidade de epígrafes. Os seus autores, John Maynard Keynes, por exemplo, observou, metaforicamente, que as palavras deveriam ser um pouco selvagens, *for they are assaults of thought upon the unthinking* (p.15) (isto é, “elas são um assalto, em forma de pensamento, sobre aqueles que não pensam”)⁹⁷. A outra citação, que merecia entrar como mais uma epígrafe, é o *dictum* de Lewis Carroll, através do seu personagem Humpty-Dumpty, que diz: *When I use a word it means just what I choose it to mean* (“Quando eu uso uma palavra, ela significará, justamente, aquilo que eu escolher que ela signifique”), declarando com isso, que o usuário da palavra tem a possibilidade de escolher qual o sentido que lhe deseja atribuir. Com isso, Harriet de Onís admite que a sua dificuldade em traduzir *Sagarana* foi lidar com “o estado selvagem das palavras” usadas por Guimarães Rosa. Assim, lê-se: *My problem throughout this translation has been the the studied wildness of words that author has sought in his effort to eschew the conventional, the hackneyed, as well as the special nuance with which he invested many of this terms and phrases:*

Meu problema durante toda a tradução foi o estado selvagem, estudado, das palavras que o escritor vinha buscando no seu esforço de fugir do convencional, do muito usado, assim como a nuance especial com a qual ele vem investindo muitos dos seus termos e frases. (Tradução nossa)

A tradução de *Sagarana* que foi possível em 1965, graças à iniciativa de Harriet de Onís, não teria sido possível na década anterior, quando essa obra fora considerada

⁹⁶ Tradução nossa.

⁹⁷ Tradução nossa.

“intraduzível” por um *scholar* americano (não-mencionado), como escreve Verlangieri em sua dissertação de Mestrado (1993, p.16): O que sucedeu foi que em meados dos anos 50 do século passado – William Griffin (integrante do *George Peabody College For Teachers de Nashville Tennessee*), estudioso da literatura brasileira, estava compondo uma seleção de obras da literatura deste país, dignas de serem traduzidas para o idioma inglês. Por sua vez, Griffin estava se valendo de uma lista de 51 autores e 71 obras, proposta por Nelson Werneck Sodré, que se encontra no seu livro *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, 1945. No entanto, devido à pouca remuneração aos tradutores, à inexistência de bons dicionários de inglês para o português “brasileiro”, e graças a outros fatores, a tarefa de traduzir tais obras se deparava de dificuldades quase intransponíveis. Assim, Verlangieri escreve a este respeito: “Tantas dificuldades faziam com que as pessoas mais qualificadas para realizar boas traduções fossem com frequência as menos dispostas a empreendê-las”. Um *scholar*, admirador de *Sagarana*, recentemente confessara a Griffin: “Mas é realmente intraduzível!” (Verlangieri, p.5-16).

Na ocasião do primeiro contato de Harriet de Onís com o escritor João Guimarães Rosa, que teria ocorrido em 1958, esse se prontificou a tirar dúvidas de todos os contos de *Sagarana*. Esta correspondência entre o escritor e a tradutora pode ser encontrada no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), organismo anexo à Universidade de São Paulo (USP). Por outro lado, a publicação da tradução tornou-se possível graças ao interesse do editor americano, Alfred A Knopf que, no começo dos anos 60, iniciou um ciclo de publicações da literatura brasileira, nos Estados Unidos. Ao expressar seu desejo de traduzir alguns contos de *Sagarana* (os primeiros escolhidos, ainda em 1959, foram “Sarapalha” e “Duelo”), Harriet de Onís já era tradutora assídua, desde 1930, de muitas obras de escritores latino-americanos, do espanhol para o inglês, sob encomenda do editor mencionado⁹⁸.

A correspondência entre *Harriet e JGR*, durante muito tempo, ficou em poder da família de JGR, tendo sido doada à instituição (IEB), classificada e sistematizada por várias pessoas, tais como Iná Valéria Rodrigues Verlangieri, Edna Nascimento, Lenira Covizzi. Além da correspondência entre Harriet de Onís e JGR, encontra-se, também, catalogada no Arquivo (Fundo) Guimarães Rosa, a correspondência de JGR com seus tradutores para outras línguas, tais como, o italiano, o alemão, o francês e o espanhol (Ver “Anexos”). A tradução de *Sagarana* foi, finalmente, concluída e publicada em fins de 1965, dois anos antes, portanto, do falecimento do seu autor.

⁹⁸ Cf. VERLANGIERI, p.17

Como se sabe, o léxico de Guimarães Rosa é complexo, incluindo muitos termos não-dicionarizados, o que tem apresentado grande dificuldade para o trabalho dos tradutores. Com base nessa correspondência, foi, também, possível organizar o léxico em verdadeiro *dicionário*, sob o título de *O léxico de Guimarães Rosa* (2001), de autoria de Nilce Santana Martins, estudiosa de JGR.

Trechos desta correspondência entre o escritor Guimarães Rosa e sua tradutora americana – naquilo que toca o conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga” – já foram comentados, neste trabalho, como foi visto, no item 2.7, que fala da correspondência, mantida entre o escritor mineiro com seus tradutores.

Embora não tenha sido a única tradutora de língua inglesa de Guimarães Rosa⁹⁹, essa foi uma contribuição muito importante, de forma que o seu empenho em traduzir *Sagarana* rendeu, como resultado, uma relativamente boa tradução.

As dificuldades para traduzir *Sagarana* podiam já ser previstas, pois residentes brasileiros nos EEUU expressaram o desejo de ler a tradução de *Grande Sertão: Veredas* para o inglês, confessando para A. Knopf algo que fora publicado em boletim da editora, na ocasião: *Well, when your edition is ready, we can read it, for we cannot read it in Portuguese* – “Bem, quando sua edição estiver pronta, nós poderemos lê-la, pois não podemos lê-la, em português¹⁰⁰”.

Conforme raciocínio peculiar a um tradutor, a declaração acima significava que os leitores esperavam que os termos “incompreensíveis”, usados por JGR, tais como, seus regionalismos, arcaísmos, suas criações morfossintáticas, em português, tivessem sido transpostas para um inglês padrão, ao alcance de todo leitor escolarizado, transposto para um *plain and clear English* (isto é – segundo Michaelis, “um bom e claro inglês”) – uma tradição em termos de traduções norte-americanas de obras literárias estrangeiras – um assunto, também, abordado por Lícia Pedreira, na sua Dissertação de Mestrado, referente à tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* de Jorge Amado¹⁰¹.

É, justamente, esta transposição do português, o assim chamado “texto original” de autoria de Guimarães Rosa (o TLP ou Texto da Língua de Chegada) para ambas as línguas: o inglês (o TLC-1 – isto é, o Texto de Língua de Chegada-1) assim como para o russo (ou TLC-2) – constatando a existência ou não, no TLC, de, igualmente, criações

⁹⁹ *Grande Sertão: Veredas – Devil to pay in the Backlands*, por exemplo, iniciado por Harriet em 1959, foi, na verdade, concluído, em fins de 1962, por James Taylor, professor da Universidade de Standford, Califórnia, que tinha participado da tradução de *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado.

¹⁰⁰ Tradução nossa. VERLANGIERI, p.20

¹⁰¹ Cf. PEDREIRA, 2001.

morfossintáticas, de termos arcaizantes ou regionalistas, com suas variações semânticas – que foi examinada no Capítulo 3, intitulado “Cotejo de Tradução”. Nessa oportunidade, como já foi exposto, no Capítulo 1, foram levados em conta os preceitos e estratégias filosóficas do Desconstrutivismo, assim como as técnicas de abordagem e leitura de traduções, recomendadas pelo Descritivismo.

No que diz respeito à tradução de *Grande Sertão: Veredas – The Devil to Pay in the Backlands*, conforme foi observado por Verlangieri – os críticos que leram o original queixaram-se do “estilo convencional”, empregado pelos tradutores. Para Harvey L. Johnson, da Universidade de Houston, por exemplo, a tradução era fluente, mas não preservava “*o tom da linguagem original com o colorido das suas imagens*”. Outro crítico, a saber, Claude L. Hulet, professor da Universidade da Califórnia, observou que a linguagem ‘*tão inventiva, flexível, dinâmica*’ de JGR – só transparecia vagamente, na tradução. Houve quem sugerisse que os tradutores poderiam ter inventado¹⁰² um estilo – isto é, um idioleto – próprio, no inglês –contrariando a tradição vigente – para assim poder *imitar o estilo de Guimarães Rosa*, em lugar do “estilo convencional”, adotado. O crítico e tradutor Ralph E. Dimmick observa que, para conservar a linguagem da população rural, como a usa JGR, seria exigido *criar uma nova linguagem* (p.25). No entanto, o que foi observado é que a tradutora Harriet de Onís chegou a ousar (nem tão pouco a tradutora russa) o proposto acima, preferindo, de fato, a se ater à tradição de se usar o “inglês padrão” nas versões de obras literárias estrangeiros para o inglês, como será visto no Capítulo 3 desse trabalho.

Quanto ao próprio autor, Guimarães Rosa – em carta ao seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason, datada de 17/06/63, lamenta as *omissões e cortes*, feitos pelos tradutores norte-americanos (em todas suas obras vertidas), Guimarães Rosa reconhece que cometeu verdadeiras “ousadias”, na linguagem, e que reproduzi-las seria uma “obra de árdua recriação”, um “risco” que *nem o editor, nem o tradutor poderiam correr*. Apesar dos “sacrifícios” que, normalmente, se fazem nessas ocasiões, conclui JGR, na tradução americana, isto ocorreu *em demasia*. (Verlangieri, p. 03) (Grifos nossos).

Dessa forma, pode-se, mais uma vez, reiterar a opinião de Lawrence Venuti, em *Translator’s Invisibility*, de que os tradutores americanos preferem que a tradução (ou seja, o TLC) seja, antes, adaptada ao ambiente do leitor do mesmo do que ver acentuada a sua natureza alienígena, produzindo, desta forma, traduções que Venuti cognominou de “domesticadas”. Harriet de Onís, também, concorda com esta tendência entre os tradutores

¹⁰² Prof. Grossman, um dos tradutores de *Gabriela, Cravo e Canela*, por exemplo.

norte-americanos, mas se apóia na sugestão, feita pelo próprio JGR, em uma das suas cartas para ela (a saber, na carta datada de 07.05.63), em que se trata da necessidade de “simplificar” a linguagem para melhor adaptá-la ao gosto dos leitores. Em outras palavras, perdia-se em originalidade, mas se ganhava em “fluidez, fluência e transparência”¹⁰³.

Outros críticos americanos acharam o *The Devil to Pay in the Backland* demasiadamente longo e difícil, além de panorama histórico e geográfico desconhecido, o que deve ter afugentado uma boa parte dos leitores americanos. Uma série de mapas e um breve *ensaio histórico*, acompanhando o livro, seriam mais valiosos do que a introdução, da autoria de Jorge Amado. Sublinhou-se, também, a dificuldade de se seguir o enredo, cheio de episódios, quase independentes entre si, além do amor de JGR por detalhes, principalmente, quanto à descrição da paisagem e da natureza, que cansariam o leitor, fazendo-o perder a seqüência do enredo. Isto comprova o espírito pragmático, inerente ao leitor americano.

Desta forma, comparando o leitor *americano* ao leitor *alemão e escandinavo*, JGR chegou à conclusão de que os dois últimos estão mais positivamente receptivos ao pensamento metafísico e à poesia *implícita* na descrição minuciosa das paisagens. Embora *The Devil to Pay in the Backlands* publicado juntamente com *The Mansions and the Shanties*, de Gilberto Freire, não tenha sido considerado totalmente um fracasso (“Um fiasco”, como temera A Knopf) e tenha tido *boa receptividade* de alguns críticos americanos, pode-se dizer que foram os críticos europeus a fazerem maiores elogios e uma grande divulgação desta obra de JGR. Assim, em Verlangieri (p.23), citando o colunista social Carlos Swann, de *O Globo*¹⁰⁴, pode-se ler o seguinte: “Ao contrário do que se passou na Alemanha, na Itália e na França, a publicação da obra de Guimarães Rosa não alcançou, nos Estados Unidos, o *êxito que seria de se esperar*” (Verlangieri, p.23).

“As falhas e dificuldades de interpretação” – também dos tradutores – segundo Swann devem ao fato de os americanos, especialistas em literatura brasileira, sempre olharem os textos dos autores brasileiros, sob o prisma *sociológico*, quando deveriam buscar, apesar da linguagem “particularíssima” de Rosa – por detrás dela – “uma mensagem universal”.

Entrevistada por Leo Gilson Ribeiro, do *Correio da Manhã*¹⁰⁵ –, Harriet de Onís não hesita em comparar Guimarães Rosa a Faulkner, pois aquele criara um “universo complexo e magnífico”, compatível com o “cosmos” que descreve, com sua religiosidade onipresente, sua cultura e sensibilidade, sua preocupação com o Mal (p.24). Essa

¹⁰³ Carta de JGR, a HO, de 22/05/63 – Arquivo Guimarães Rosa, IEB/ USP

¹⁰⁴ Rio de Janeiro, 1965, p. 4.

¹⁰⁵ Rio de Janeiro, 19/01/63.

preocupação com o Bem e o Mal, com o homem, em si, acima de tudo, está sempre presente em toda obra de Guimarães Rosa, em geral, assim como em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, em particular. Guimarães Rosa também teria em comum com Faulkner o uso do “fluxo da consciência” e do “monólogo interior” – técnicas de narrativa, usadas por ambos os escritores – como foi visto no presente trabalho (vide item 2.4.2).

Com referência ao uso de um possível “idioleto”, como foi mencionado pelo Prof. Grossman, de fato, pode-se voltar a mencionar a proeza realizada por Antônio Houaiss que, ao traduzir *Ulysses*, de James Joyce, imitou o escritor irlandês, criando um verdadeiro “idioleto” o qual, no entanto, não foi aceito, de maneira igual, por todos os leitores brasileiros.

O conceito de “fidelidade”, muito em voga com os “prescritivistas” – recebe, atualmente, menos ênfase, graças a novos conceitos, tais como “diferencia”, “traço” e “suplemento”, introduzidos por Jacques Derrida, em obras como *A Escrita e a Diferença e Gramatologia*, entre outras. No entanto, como na época em foi realizada grande parte das traduções de obras de Guimarães Rosa, e estando ele em vida, ainda vigorava essa pretensão, pode-se citar *Les Belles Infidèles*, 1955, de autoria do teórico em tradução, Georges Mounin que, nesse livro, correlacionou a “fidelidade” com a “beleza” das traduções – em uma relação inversamente proporcional, isto é, “quanto mais belas as traduções, mais infiéis” seriam – em uma alusão às “belas mulheres”, tidas – na cultura e literatura francesa – como tais.

Sabe-se, porém, que é permitido ao tradutor, por vezes, “embelezar a sua tradução, isto é, o TLC, em comparação ao TLP, dando-lhe uma nova interpretação. O próprio Guimarães Rosa, em entrevista concedida Guenter Lorenz, confessa que tratou de mudar “uma metáfora” no seu texto em português, em função do seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason – que tanto traduzira *Sagarana* como *Grande Sertão: Veredas* – ter encontrado uma solução melhor para a mesma:

Estimo muito Meyer-Clason; admiro-o como homem da língua. Admiro suas qualidades. É *o melhor* de todos os meus tradutores, provavelmente, um dos melhores que há no mundo. Um homem que se estima tanto, não pode ser considerado como simples transportador de palavras. Com ele se discute, sabendo que vale a pena, que não é tempo perdido. Confesso, com muito prazer, que Meyer-Clason me convenceu de que *uma passagem do meu romance* – na verdade tratava-se de uma metáfora – era mais convincente na tradução alemã que no meu original. É claro que aceito isso, e em uma nova edição brasileira, pretendo adaptar esta passagem à versão que Meyer-Clason encontrou em alemão. A isto eu chamo de cooperação, co-Pensamento (ROSA, 1994, p. 60, Grifos nossos).

Caberia ao tradutor – ao que parece – escolher qual o modelo seguir, a aquele que leva mais em conta o TLP, ou o público-leitor, o público-alvo, da tradução. No que diz respeito ao leitor americano, como já dissera Lawrence Venuti em *Translator's invisibility*, o modelo de tradução “domesticada” constitui a variante, tradicionalmente, aceita.

O Descritivismo recomenda abordar as traduções como um produto final, sendo este estudo *target-oriented* (orientado para o “alvo”, ou receptor). E de acordo com o Desconstrutivismo, por sua vez, não é realmente possível saber *qual a intenção original* do autor, já que toda escrita é, de fato, uma “re-escrita” de algo que foi produzido ou pensado antes, e os *significados* – diferentemente do que desejava Saussure, não são “estáveis”, e sim, “flutuantes”, ou até mesmo, “metafísicos”. Caberia, assim, ao tradutor – que não deixa de ser de uma espécie de leitor – interpretar o TLP, no que ele estaria submetido às contingências do contexto histórico-cultural em que estiver inserido. Em suma, mesmo se o tradutor tivesse esta pretensão de “fidelidade”, esta não estaria ao alcance do tradutor, por não ser viável, ou possível – pois as línguas como as culturas são – como já foi dito antes – “irredutivelmente diferentes”.

A versão russa de “A Hora e Vez de Augusto Matraga” fora realizada em 1980, muitos anos após a morte do autor. Razão pela qual, a sua tradutora, A. Koss, não ter tido o privilégio de manter uma correspondência com o escritor Guimarães Rosa, para consultas em relação a dúvidas. Acredita-se, porém, que a tradutora, juntamente com outras tradutoras de *Sagarana*, tenha se valido de traduções já feitas, anteriormente, principalmente, da tradução em língua inglesa, realizada por Harriet de Onís. Observou-se que algumas frases da tradução russa parecerem terem sido “calcadas” na versão de língua inglesa, como uma saída para traduzir passagens pouco inteligíveis. No geral, no entanto, a versão russa é de boa qualidade, e mostra um bom estilo, com muito artifício para “recriar” o conto em pauta.

3 COTEJO DE TRADUÇÃO – DUAS VERSÕES: LÍNGUA INGLESA, 1965, E LÍNGUA RUSSA, 1980 – UMA ABORDAGEM DESCRITIVISTA E DESCONSTRUTIVISTA

Resistência à tradução é a própria tradução, é a experiência da tradução, mas é a experiência da outra língua. Então a experiência do meu próprio idioma, o não-dito de nosso próprio idioma, deve ser ao mesmo tempo abertura para a língua do outro, para a outra linguagem.

Jacques Derrida¹⁰⁶

3.1 PREÂMBULOS

Neste Capítulo, far-se-á o cotejo das versões inglesa e russa, sendo analisados os fatores que, de uma forma ou de outra, influenciaram na tradução. Como base teórica serão empregados os postulados, tanto do Desconstrutivismo quanto do Descritivismo, direcionados para o campo da tradução.

O Descritivismo, diferentemente do que foi recomendado pelos tradutólogos prescritivistas, não dita normas de como se deve traduzir, no entanto, recomenda examinar a tradução como um todo, como uma obra, única, em si – uma obra em separado, fazendo referência ao “original” (o TLP), apenas em uma etapa posterior. O Desconstrutivismo questiona postulados de Saussure, quanto ao significado “original” ou “estável”, substituindo este conceito pelo de significado “flutuante”.

Assim, torna-se muito relativo falar-se em “perdas e ganhos”, não se podendo mais falar em “fidelidade”, na tradução, como faziam os prescritivistas. Não se pode mais falar em “fidelidade” porque esta não existe, uma vez que não pode haver uma equivalência total entre as duas línguas (a LP e a LC) em função das diferenças lingüísticas – léxicas, sintáticas – muitas vezes insuperáveis, e diferenças culturais irreduzíveis que mudam o foco da recepção do texto traduzido.

Desta forma, as traduções são versões “aproximadas” daquilo que se lê do TLP, ficando estas, praticamente, a cargo do tradutor, que não deixa de ser um leitor, portanto, um intérprete, e passando esta interpretação pelo crivo da sua experiência pessoal, do seu estilo, do momento histórico e da cultura em que ele se encontra inserido.

¹⁰⁶ DERRIDA, Jacques. *Moscou aller-retour*. In: OTTONI, Paulo. 2005, p.87.

Desta forma, esperar “fidelidade” não é uma condição inerente às teorias mais recentes dos “Estudos de Tradução”. As respectivas tradutoras do conto de Guimarães Rosa, na versão inglesa e na versão russa, também encontraram dificuldades, diante dos regionalismos de que está crivada a obra de Guimarães Rosa, assim como diante dos seus neologismos. Ou seja, além das diferenças lingüísticas, também existem as diferenças culturais que são irredutíveis.

A teoria exposta por Lawrence Venuti, quanto à domesticação do TLP, também será mencionada, pois, como defende o referido teórico norte-americano, essa é uma tendência nas versões de obras em língua estrangeira para o inglês americano: as versões americanas pretendem “aproximar” o texto de língua estrangeira para a cultura da língua de chegada, um procedimento a que já se referia o filósofo alemão Schleiermacher, em fins do século XVIII. Na versão em língua russa, notar-se-á uma verdadeira “recriação”, em muitos trechos, tentando dar, muitas vezes, um tom jocoso à narrativa.

A edição contendo o conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga” a ser examinada fora impressa pela Editora Nova Fronteira S/A, da página 342 a 386, em um total, portanto, de 45 páginas com texto corrido, sem subdivisões, precedida por duas citações curtas, isto é epígrafes, como as chamou Franklin de Oliveira (Vide Introdução). Aliás, todos os contos de *Sagarana* estão apresentados por uma epígrafe deste tipo. Neste conto lemos quatro versos de uma “Cantiga Antiga”, seguidos de mais dois, referentes a um “Provérbio Capiiau”, isto é, caipira, localizados à página 339 do TLP, seguidos das versões inglesa e russa, a saber:

Eu sou pobre, pobre, pobre,
vou-me embora, vou-me embora [...]

*I am poor, poor, poor,
I am going away, away [...]*

.....
Eu sou rica, rica, rica,
Vou-me embora, daqui! [...]

*I am rich, rich, rich,
I am going away from here [...]*
(An old song, TLC, p.264)

Sapo não pula por boniteza,
mas porém por precisão.

*A toad doesn't jump to be showing
off, but because it has to.*

(Provérbio capiiau)

(A backwoods proverb)

Na versão russa, lê-se (seguido de retroversão):

Fiquei pobre, fiquei pobre,
Estou indo embora, estou indo embora [...]

*Obedniél iá, obedniél ia,
Uiezjáiu, uiezjáiu [...]*

.....
Sou rica, sou rica,
Estou indo embora de vez! [...]

*Iá bogáta, iá bogáta,
Uiezjáiu navsegdá! [...]*

(Canção antiga)

O sapo não pula por boniteza
Mas porque é preciso

(Ditado dos moradores dos sertões)

(*Starínnaia piêsnia*)

*Jába skátchet nie krasý rádi,
A potomú-čto prikhóditsa*

(*Pogovórka jýtelei sertánov* – TLC, p. 214)

3.2 METODOLOGIA

Preferimos fazer o cotejo paralelo no que se refere a ambas as línguas (inglês e russo), seguindo a ordem das páginas, de acordo com a edição citada nas Referências (Vide Anexos), devido ao grande número de exemplos cotejados.

À medida que se desenrola a narrativa, iremos examinar – por cada página – alguns problemas de Traduzibilidade (ou de Intraduzibilidade) nas duas versões em língua estrangeira, procurando, neste duplo cotejo, utilizar os princípios do Desconstrutivismo em torno do que foi dito acima, aplicando, para tanto, as técnicas descritivistas.

O cotejador – autor deste trabalho – apresenta os episódios narrando-os, como um elo, e faz seus comentários, tanto no que diz respeito ao estilo e linguagem do autor, João Guimarães Rosa, no que está contido no TLP, quanto o que ocorre em ambas as versões em língua estrangeira (inglês e russo).

Em relação ao texto russo, foi usada uma “transcrição” em forma de pronúncia figurada – isto é, “transliteração” do alfabeto cirílico em alfabeto latino – adequada ao falante do português, e já aceita pela USP. A tabela desta transcrição pode ser encontrada no livro *Arquétipos Literários*, de E.M. Meletinski¹⁰⁷, e anexada ao presente trabalho, para conferimento.

Como o idioma russo é bem menos conhecido dos literatos e lingüistas do Brasil do que o idioma inglês foi preciso fazer seguir a cada citação uma retroversão da tradução russa, com o objetivo de que qualquer leitor brasileiro pudesse lê-la, assim como para, a partir daí, poder realizar os comentários inerentes.

3.3 BREVE RESUMO DO CONTO “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”

A história deste conto tem como cenário o interior de Minas Gerais, na primeira metade do século XX, onde impera o “coronelismo” na posse das terras, sendo esses “coronéis”, como se sabe, homens que demonstram exercer um poder excessivo, e que não se

¹⁰⁷ Esta obra foi traduzida por professores da USP em 1998 (Cf. REFERÊNCIAS).

submete a nenhum Código Civil ou Penal, pois eles seriam a “própria Lei”. Para assegurar este seu poder, cada coronel possui – na qualidade de seu “exército” particular – seus “capangas”, ou “jagunços”, que no decorrer da narrativa adquirem os mais diversos nomes.

Esta, também, é a época de bandoleiros, uma espécie de “justiceiros”, temidos e, ao mesmo tempo, venerados pela população local. Não há referência direta a Lampião, mas estes bandoleiros lembram esta figura nordestina que marcou época e se celebrou pelo Brasil afora.

É uma época de brutalidade, de crueldade, mas que, também, possui a sua beleza nos tipos populares, descritos pelo autor, com o seu amor a terra, à natureza e aos seus habitantes.

O enredo de “A Hora e Vez de Augusto Matraga” gira em torno do personagem Augusto Esteves, apelidado pelo povo de “Nhô Augusto” que, no início da narrativa, mostra ser uma figura prepotente e sem limites, e em função do seu jeito, será vítima de uma vingança armada por aqueles que se sentiram injustiçados pelas ações do Nhô: Matraga, após ter apanhado e ter sido jogado num barranco, foi dado como morto pelos capangas do seu rival, o Major Consilva. No entanto, um casal de afro-descendentes, Mãe Quitéria e pai Serapião, o encontra em um estado de “quase morte”, e cuidou da recuperação e da própria vida do Nhô durante meses. No período de convalescença, recebeu a ajuda de um padre que tinha sido chamado para lhe dar extrema-unção, e que termina por confortá-lo dizendo-lhe que um dia chegariam sua hora e sua vez. Depois que se recupera física e moralmente, leva a sério o lema, levando-o a cumprir à risca até o desfecho da narrativa.

Nhô Augusto passa a acreditar, a partir daí, na possibilidade de Deus perdoá-lo por todos os seus malfeitos e crimes, e, assim, deixá-lo entrar no paraíso a qualquer custo, “nem que seja de porrete”. Tendo em mente este objetivo, Nhô Augusto se regenera, afastando-se da sua vida de crime, e torna-se um homem trabalhador, desprendido e defensor do bem, à espera de, algum dia, se deparar com sua “hora e vez”.

Os anos se passam e a vida o põe diante de uma grande tentação: ao conhecer o bandoleiro mais famoso da região, cognominado “seu Joãozinho Bem-Bem”, Nhô Augusto recusa a sua oferta de acompanhá-lo e se juntar ao seu bando, embora – no seu íntimo – se sentisse tentado a fazê-lo, mas Nhô Augusto não sucumbe à tentação.

Tendo vivido, anos a fio em companhia do casal de afro-descendentes, Nhô Augusto sente a necessidade de partir – apesar das súplicas dos seus benfeitores – indo em busca do seu destino, da sua “hora e vez”.

O desfecho dá-se quando Nhô Augusto, ao chegar ao Arraial de Rala-Coco, decide afrontar o seu Joãozinho Bem-Bem – a quem já havia hospedado anteriormente – no momento em que o bandoleiro está disposto a sacrificar um dos filhos de um pobre velho, cujo crime era ser o pai de um assassino, foragido, de Juruminho, um esperto capanga do bando de Bem-Bem, que fora “morto à traição”.

Bem-Bem argumenta que o que ele pretende fazer é coisa de praxe: não só no sentido de vingar a morte do seu capanga predileto, como também para se impor diante do seu bando, como um chefe destemido que era. Desta forma, executar um dos irmãos do assassino era um ato que não poderia deixar de acontecer.

Como Nhô Augusto não aceita que um inocente pague pelo crime de outra pessoa, dá-se um confronto armado (a tiros e a faca) entre dois varões: de um lado, o bandoleiro Bem-Bem, representado o Mal, e, de outro, Nhô Augusto, como encarnação do Bem. No final da história, que termina com a morte de ambos, Nhô Augusto é aclamado como um verdadeiro herói.

Nhô Augusto morre crivado de balas, mas morre feliz. Perdoa a sua antiga companheira Dionóra que o havia abandonado para viver com outro homem, e pede benção para a sua filha, que havia se tornado prostituta, “onde quer que ela esteja”.

No meio disto tudo, temos mostras do espírito cavalheiresco quando Nhô Augusto trata de Bem-Bem, como seu “amigo e parente”, não permitindo que a multidão “desfaça” do seu corpo, exigindo um enterro digno para o mesmo. Além da mensagem mística, no decorrer da narrativa Guimarães Rosa aproveita a oportunidade para descrever as inúmeras paisagens do seu tão amado sertão, por onde circula o protagonista, e que é provido de uma flora e fauna inigualáveis.

Esta é uma história de crime e arrependimento, que poderia ser “verdadeira”. Quanto a isto, o próprio autor, Guimarães Rosa, se contradiz com um artifício literário: se, inicialmente, afirma ser esta uma história “verdadeira” (Ver Cap. 2), mais adiante, afirma ser a mesma, “inventada”.

3.4 O COTEJO PARALELO DAS TRÊS VERSÕES (PORTUGUÊS, INGLÊS E RUSSO)

3.4.1 Parte A – Ascensão e queda de Augusto Matraga, TLP, p.341-353

Antes de adentrarmos nesta subseção, gostaríamos de lembrar que o escritor João Guimarães Rosa, conforme foi mencionado no decorrer do Capítulo 2, é um grande inovador

da linguagem, e trabalha o seu texto por diversas vezes, até que este fique “m%”, como se vê nas suas anotações dos arquivos do IEB, e o que, segundo E. Nascimento e L. Covizzi, significa “meu cem por cento”¹⁰⁸.

Em uma carta ao tradutor alemão Meyer-Clason, o escritor mineiro comenta:

Apenas sou incorrigivelmente pelo melhorar e aperfeiçoar, sem descanso, em ação repetida, dorida, feroz, sem cessar até o último momento, a todo custo. Faço isto com os meus livros. Neles não há nenhum momento de inércia. Nenhuma preguiça! Tudo é re-trabalhado, repensado, calculado, rezado, refervido, re-congelado, descongelado, purgado e re-engrossado, outra vez filtrado. [...] Acho que a gente tem de fazer sempre assim. Aprendi a desconfiar de mim mesmo.¹⁰⁹

Guimarães Rosa afirma, na mesma, ocasião, que não se deixa levar pela vaidade, e que costuma deixar os seus escritos repousando, para examiná-los mais tarde: “[...] só então, por incrível que pareça, é que os erros e defeitos começam a surgir, a pular-me diante dos olhos”.

Meyer-Clason pergunta-lhe: “Vale a pena, dar tanto?”, e Guimarães Rosa responde: “Vale. A gente tem de escrever para setecentos anos. Para o Juízo Final. Nenhum esforço suplementar fica perdido”.

No que se refere a *Sagarana*, que inicialmente tinha o título de *Contos* (1937), Guimarães Rosa teve que refazê-los, praticamente dez anos após tê-lo escrito (1946), eliminando alguns contos a conselho de Graciliano Ramos que, logo de início, não lhe se conferiu o devido valor, e o prêmio ao qual Guimarães Rosa concorria foi conferido a outro escritor, hoje, pouco lembrado. Graciliano Ramos já anteviu, na época, que Guimarães Rosa acabaria por escrever um romance, e o chamou de anti-modernista:

A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improviso. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga da caatinga, num gesto de caboclo, numa conversa cheia de provérbios matutos.

O próprio Guimarães Rosa confirma, na entrevista a Guenter Lorenz¹¹⁰, tratar-se de “trabalho, trabalho, trabalho”, e não, mera “genialidade”, e que “choca” bastante seus livros. Por este motivo, o escritor mineiro manteve correspondência com os seus tradutores

¹⁰⁸ Cf. autoras citadas, 2001, p.19

¹⁰⁹ Carta a Meyer-Clason. In: Nascimento E.; Covizzi, L., 2001, p.19

¹¹⁰ LORENZ, Guenter. p.18

(respectivamente, a tradutora americana, o tradutor alemão e o tradutor italiano) fornecendo-lhes subsídios, informações, para possibilitar o seu trabalho de tradução.

Esperamos, com este cotejo, poder demonstrar que Guimarães Rosa – com sua preocupação com a linguagem – é, de fato, um “homem plural e escritor singular” na expressão das autoras E. Nascimento e L. Covizzi (2001).

Como foi mencionado na seção 3.2. (Metodologia), o cotejo deverá seguir a ordem das páginas, como se apresentam no TLP (que, no conto, vão da TLP, p.341 à TLP, p.386). A seguir, temos as versões nas TLPs.

3.4.1.1 TLP, p. 341, versão inglesa (TLC-1), p. 264-265; versão russa (TLC-2), p.214-215

De início, o leitor depara-se com uma negação que choca, seguida de uma afirmação, na qualidade de uma explanação sobre o personagem principal, a saber:

MATRAGA NÃO É MATRAGA, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem – nessa noitinha de novena, num leilão de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores, do Córrego do Murici.

Na versão de língua inglesa, lê-se:

MATRAGA IS NOT MATRAGA, or anything. Matraga is Estêves. Augusto Estêves, the son of Colonel Afonso, of Pindaibas and Saco-da-Embira. Or **Mr. Augusto, Nhô Augusto** – the man – on that evening of a novena, at the auction behind the church in the village of Our-Lady-of-Sorrows-of-the Creek-of-Murici.

Pode-se observar – com referência ao trecho acima – que *Coronel Afonso Esteves* foi traduzido para *Colonel Afonso Esteves*. Acontece que poderia haver uma nota de pé-de-página, explicando não se tratar aí de uma patente militar e, sim, de um título honorífico que os grandes latifundiários tinham adquirido, depois da Guerra do Paraguai, como uma homenagem. E, na maioria dos casos, nem patente possuíam, sendo chamados de coronel por serem fazendeiros.

Quanto a “*Nhô Augusto – o homem*”, a solução encontrada, como se vê acima, foi com uma tradução do termo “*Nhô*” para *Mister*, deixando, ao mesmo tempo, o termo do TLP (“*Nhô*”), como um termo regionalista. Assim, tem-se: *Or Mr. Augusto, Nhô Augusto – the man*. Na versão russa, por sua vez, lê-se:

Matraga – nikakói on nié Matrága, nitchevó pokhójevo, Matraga – on Esteves. Augusto Esteves, sýn polkóvnika Estévessa, Bolchóvo Alfonso, u kotórovo pomiéstia v Pindaíbase i v Sako-da-Embira. Libo Nhô Augusto – kak zváli ievó v tu notch na autsióne, kotóry prokhdíl na zádniem dvorié za tsérkoviu Bogomáteri Skorbiáschei, gdié tól'ko chto otslujýli deviatýny, a býlo éto v mestiétchke Corrego-de-Murici.

Com a retroversão teremos:

Matraga – ele não nenhum Matraga, nada disto, Matraga – ele é Esteves. Augusto Esteves, filho do coronel Esteves, O Grande Alfonso, que possui propriedades rurais em Pindaíbas e no Saco-de-Embira. Ou Nhô Augusto – como o chamavam naquela noite no leilão, que se realizava no pátio atrás da igreja da Mãe-de-Deus Dolorosa, onde acabaram de celebrar as novenas, e isto ocorreu no lugarejo do Córrego-do-Murici.

Se esta operação de “transposição” de uma língua para outra – a que se costuma chamar de tradução – fosse semelhante a uma operação matemática, ter-se-ia, com a retroversão, um Texto de Língua de Chegada (TLC) idêntico ao Texto de Língua de Partida (TLP). Mas não é isto que acontece. Sabe-se que os sistemas lingüísticos são diferentes, assim como os significados e as construções sintáticas, desta forma, não podem ser “transpostos” com exatidão, além de cada língua carregar a sua própria cultura. Desta forma, ter-se-á sempre um texto de LC que se assemelha ao texto da LP, mas dificilmente, ou quase nunca, idêntico. Desta forma, se se comparar o que se lê na “retroversão” do TLC em russo, vê-se que esta não coincide com o TLP, apenas se assemelha, nada mais. Como se nota, a tradução foi, neste caso, uma “recriação”, não havendo correspondência lingüística, nem no que se refere ao Léxico, nem na Sintaxe.

Pode-se, também, observar, com relação ao trecho acima, que a tradutora russa – da mesma forma como a americana – não se preocupou em explicar que o termo “coronel” não se referia a uma patente do Exército, ou, talvez, ignorasse o fato.

Observaremos como foram traduzidos (para os dois idiomas) vários termos regionalistas, típicos da cultura do sertão mineiro. O apelido “Nhô Augusto, por exemplo, foi transliterado – na versão russa – para o alfabeto cirílico, portanto, tomado de empréstimo. Já o termo “novena” foi conservado em inglês, pois existe nesta língua¹¹¹; enquanto em russo empregou-se *deviátina* (derivado de *diêvat'*, isto é, “nove”). Quanto ao termo “arraial”, temos em inglês *village* – não havendo uma correspondência exata, pois, segundo Houaiss, “arraial” era, originariamente, um “acampamento militar”. Passou, depois, a “povoado transitório de trabalhadores de atividade extrativa”. Finalmente, por extensão, passa a

¹¹¹ Cf. CHAMBERS.

significar “pequena aldeia, lugarejo”¹¹². Assim, podemos dizer que o termo *village* é desprovido de “cor local”.

Logo em seguida tem-se o topônimo “Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici”. O tradutor sempre se depara com este dilema: traduzir ou não os topônimos, e se é uma questão discutível. Por não se tratar de lugares conhecidos, com uma correspondência incorporada à LTC, a tradutora resolveu traduzi-los, para dar idéia do significado pitoresco desses topônimos. Equivale a [...] *in the village of Our-Lady-of-Sorrows-of-the-Creek-of-Murici*. Em russo, o termo “arraial” foi traduzido por *mestiétchko* (lugarejo), mas o topônimo “Córrego do Murici”, diferente da versão inglesa, como vemos, não foi traduzido.

Não apenas o leitor é apresentado ao personagem principal, o protagonista, por assim dizer, mas também é dada a descrição de um cenário e que vai chocá-lo, como se lerá a seguir: “Procissão entrou, *reza acabou*. E o leilão andou depressa e se extinguiu sem graça, porque a *gente direita foi saindo embora*, quase toda de uma vez”. Na versão inglesa lê-se: *Procession entered, prayers ended. And the auction went quickly and flickered out dully, because the decent people were leaving, nearly all of them at the same time*. Na versão russa, tem-se: *Kriéstny khod zavierchýlsa, slújba kóntchilas’. I auktsión bystro nátchalsia i sochól na niét, nie výzvav ojyvliénia, potomú-cto dobroporiádotchnye liúdi ujé uchlí, potchtí vsé odnovremiénno*.

Em retroversão tem-se: “A procissão se acabou e a missa terminou. E o leilão começou rapidamente *e foi até zero*, sem provocar entusiasmo, pois as pessoas decentes foram todas embora, quase que ao mesmo tempo”.

Na verdade, a expressão usada – *sochól na niét* – é um coloquialismo que, literalmente, seria equivalente a “diminuiu até o não”, diferente do TLP que usa uma expressão do português padrão (“se extinguiu”). Com os provérbios e os idiomatismos, o tradutor se depara ainda com um problema maior, o de não poder nunca apelar para uma tradução “literal”, tendo que procurar outro “idiomatismo” na LC, ou lançar mão da linguagem padronizada. Em seguida, prossegue o narrador: “Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão *encachaçada* de fim de festa”.

Sabe-se que Guimarães Rosa aprecia os neologismos ou palavras “pouco gastas pelo uso”, como ele próprio menciona em várias oportunidades¹¹³. No que diz respeito ao

¹¹² Cf. HOUAISS.

¹¹³ Cf. Entrevista com o jornalista alemão Guenther Lorenz.

parágrafo acima, tem-se uma expressão pitoresca, “multidão *encachaçada*”, com um modificador pouco usual. Normalmente, ouve-se dizer: “cheio(a) de cachaça”. É interessante ver a solução, encontrada pelas duas tradutoras quanto a isto. Na versão de língua inglesa, lê-se: *But the auctioneer stayed on in the tent, eating almonds out of a paper sack and clearing his hoarse throat, hemmed in by the rowdy, rumbullioned end of a festival crowd.*

Vê-se que foi usada uma figura de linguagem invertendo a ordem dos modificadores, pois, temos, a partir do grifo (em retroversão): “um final turbulento e cheio de rum de uma multidão num festival”. O termo *rumbullione*, na verdade, é composto de *rum* (termo usado pela tradutora americana para verter “cachaça”) e *bullion*, um termo que tem relação com o francês *bouillon* (caldo), não estando dicionarizado por Michaelis ou pelo Heritage. A tradutora quis conferir um tom de intensidade ao TLC.

Na versão russa, a tradutora toma de empréstimo a palavra “cachaça”, de modo que, para este trecho, tem-se: [...] *a vokrúg tesnílas’ tol pá, propákhchaia kachásoi, kak i polójeno piéred kotsóm prázdніка.* Em retroversão: “[...] em torno se amontoava a multidão, cheirando – de cabo a rabo – a cachaça (ou “totalmente impregnada do cheiro de cachaça”) como, na verdade, é de se esperar antes de um final de festa”.

Em russo, existe, além do aspecto verbal “imperfectivo”, o aspecto “perfectivo”, que mostra que a ação foi concluída, o que, muitas vezes, requer a utilização de um circunlóquio em outras línguas. Para traduzir “encachaçada” foi, justamente, usada uma forma nominal, derivada do verbo de aspecto perfectivo *propákhnut’*, (em contraposição ao imperfectivo *pákhnut*), significando “adquirir um cheiro de algo, como se estivesse impregnado”.

Vê-se, desta forma, que as duas tradutoras encontraram soluções totalmente distintas, nas duas línguas, como já era de se esperar.

A figura do narrador nos apresentou, logo no segundo parágrafo, uma cena grotesca. Podemos concluir que se a “gente direita saiu”, é porque o que será apresentado não é um espetáculo digno de gente decente. Esta gente, na verdade, ficaria deveras envergonhada em ter que assistir a semelhante leilão. O que está sendo leiloado, afinal? O suspense fica esclarecido no parágrafo seguinte: “E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem iluminadas pelas candeias de meia-laranja, as *duas mulheres-à-toa* estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram *só duas* e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar”.

Para “[...] iluminadas pelas *candeias de meia-laranja*”, a tradutora de língua inglesa precisou de maior número de palavras para traduzir, a saber: [...] *illuminated by the*

wicks, burning in scooped-out orange halves filled with oil [...]. Houve o acréscimo de *filled with oil*. Trata-se de uma descrição detalhada para que o leitor de língua inglesa pudesse ter uma idéia melhor de um objeto por ele desconhecido. É evidente que houve um equívoco quanto à tradução, pois o que se tinha em vista é o “formato” das candeias, e não o material de que elas seriam confeccionadas – o que confere um tom exótico a esta passagem na versão inglesa, fazendo o leitor acreditar que no Brasil se fariam candeias até de casca de laranja.

A versão russa não menciona a forma das candeias, e fala “hemi-círculos” ao se referir à sombra projetada no chão pelas mesmas. Assim, temos: [...] *iárko osveschiónnnye polukrúgami sviéta, chto otbrássyvali fonarí* [...], isto é, “claramente iluminados por hemi-círculos de luz, jogados por lanternas [...]”. O sentido, na versão russa, mudou um pouco: não se trata mais de candeias, com o formato de meias-laranjas, mas lanternas que jogam luz com este formato. O termo *fonarí* (lanternas) tem um sentido mais amplo que “candeias”, estas, providas de óleo ou gás, como combustível¹¹⁴, podendo, inclusive, significar “lâmpada”¹¹⁵, enquanto isto o inglês *wick*, que significa “pavio, mecha”¹¹⁶, e está mais próximo ao TLP.

No que se refere à expressão “*as duas mulheres-à-toa*” foi traduzida, na versão inglesa, por *drabs*, sendo *drab* um termo que, além “cor parda” e “tecido grosso de lã”, no sentido conotativo, significa “prostituta”¹¹⁷, podendo – como adjetivo – significar “banal”. Segundo o *Heritage*, trata-se de uma palavra antiga, derivada do idioma celta, enquanto isto, no TLP, temos um coloquialismo. No entanto, na página seguinte (p.342), os termos “duas raparigas” foi traduzido por *two girls*, como um verdadeiro eufemismo. Vê-se, portanto, que a seleção de termos por parte de um tradutor não é, como foi dito acima, sempre orientada pela lógica.

Em russo, o termo usado é *dvié guliáschie devítsy*, isto é, “duas garotas-de-rua” ou “vadias”. Já o termo “raparigas”, na página seguinte, foi traduzido, na versão russa, mais “pesadamente”, diferente da versão inglesa, por *prostitútki* (prostitutas).

Como se viu no TLP, estas duas “mulheres-à-toa” “estavam *achando em tudo um espírito enorme*”. Aqui, nos deparamos diante de uma linguagem mais refinada e elegante do que [...] *the two drabs were getting a big kick out of everything* – onde o grifo representa um idiomatismo inglês. Em russo, temos [...] *i ótchyenh éto im nrávilossi* – “e elas estavam gostando muito disto”, que tem menos intensidade de expressão do que o TLP ou a versão em língua inglesa.

¹¹⁴ Cf. HOUAISS.

¹¹⁵ Cf. STÁRETS.

¹¹⁶ Cf. MICHAELIS.

¹¹⁷ Cf. MICHAELIS.

A correspondência na tradução, como já foi dito anteriormente, nem sempre pode ser exata, por problemas lingüísticos ou culturais. A tradução direta, dificilmente, será a melhor. Assim, “[...] todo o mundo querendo com elas *ficar*” não é exatamente o que [...] *everybody wanting to make them theirs*, onde está mais presente a idéia de “posse” (podendo até, mesmo, indicar algo duradouro), enquanto a idéia de “ficar” – aliás, um termo, hoje em dia, muito comumente usado – pode designar um namoro passageiro. Em russo: [...] *i vsié khotiéli ikh zapolutchít*, isto é, “todos queriam ‘adquiri-las’ ou ‘ficar com elas’ ”.

Em seguida, o narrador as descreve. Neste ponto, pode-se dizer que a frase, referente à personagem Angélica, não seria – hoje em dia – considerada “politicamente correta”, pois demonstra um preconceito racial contra os “afro-descendentes”. Veja-se, a seguir, o narrador explicar porque as duas mulheres estavam sendo tão “disputadas”: “Beleza não tinham: *Angélica era preta* e mais ou menos *capenga*, e só a outra servia”. O que se pode inferir do texto é que Angélica não tinha beleza, não apenas por ser meio-capenga, mas por ser “preta”¹¹⁸.

Como se vê, as idéias, os conceitos sobre alguma questão social, política ou moral, sofrem a marca da época em que foi escrita uma determinada produção literária. No momento da publicação de *Sagarana* (1946) ainda não haviam sido abordadas estas questões que dizem respeito à luta contra o “racismo” no Brasil. Na versão inglesa, tem-se: *Not because of their looks, because they had none. Angélica was black and more or less lame* – para explicar o trecho anterior a *they were in high demand* (TLP, “[...] e pois muito disputadas”). Nos dias de hoje, nos EEU, *black* seria, preferencialmente, grafado com letra maiúscula, por se tratar de uma “etnia” e não, simplesmente, de “uma cor” – que pode ser discriminatória. Na versão russa, lê-se: *krassatói oni níe otlitchális*, isto é, “elas não se destacavam pela sua beleza”. Assim, vê-se que cada uma das tradutoras usou de paráfrase para indicar a “falta de beleza” das duas mulheres, sem ter que recorrer a uma tradução direta, “literal”.

Adiante se tem no TLP: “[...] e só a outra *servia*” – neste caso, a tradutora americana precisou usar um idiomatismo para transmitir o sentido desta frase, aliás, bastante simples no TLP – a saber: *The other was the only one that was any good*. Na versão russa está diminuída a intensidade com as palavras *vtoráia eschió tudá-siudá* – “a segunda era, assim, mais ou menos”.

¹¹⁸ Com as manifestações dos representantes do Movimento Afro, deixou-se de usar o termo “preto” (que aparece muitas vezes, no conto em pauta), tendo sido este termo substituído por “negro” – ou mesmo por “afro-descendente – estando ambos desprovidos da conotação pejorativa de “preto”.

O conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, assim como todos os outros contos do livro *Sagarana*, além de coloquialismos, neologismos, termos arcaicos, está crivado, principalmente, de regionalismos: “Capenga” é um desses termos da linguagem popular (segundo o LGR, um termo, também, “depreciativo”). Em inglês, o termo usado foi *lame*, pertencente à linguagem padrão. De modo geral, pode-se constatar que a versão inglesa prefere usar o inglês padrão em lugar de coloquialismos. Enquanto isso, no russo o termo *kotchenógaia* também é um termo popular, em contraposição ao esperado *khromáia*, o padrão.

No meio desta multidão – que iria tomar parte do leilão – se encontra o “capiiau apaixonado” que estava gostando da outra “mulher-à-toa” e “muito disputada”, a Sariema. Assim lê-se: “Mas, perto, encostado *nela outra*, um *capiiau* de cara romântica subia todo *no sem-jeito*; eles estavam se gostando, e, por isso, aquele povo encapetado não tinha – pelo menos para o pobre namorado – nenhuma razão de existir”. Temos, aqui, exemplares da linguagem rural. Por exemplo, “encostado nela outra”, “subia no sem-jeito”, “povo encapetado”, e o próprio termo “capiiau”. Na versão inglesa, tem-se:

But close by, leaning against her, stood a **backwoodsman** with a romantic expression, awkward and embarrassed; they had taken a fancy to one another, and for that reason the **jeering** crowd – at least for the poor lover – had no reason to exist. And with every **passing** moment things became worse for them.

Vemos que o termo regionalista “capiiau” em inglês foi traduzido por *backwoodsman*, enquanto isso, em russo, este termo foi traduzido por um empréstimo do português, a saber, “sertanejo”, acoplado da palavra *pareniók*, isto é, “rapazinho”: *No k nêi jálsa pareniók-sertanéjo s romantícheskoi fisionómiei i iávno zlílsa – u nikh bylá liubóv’* [...] – “Mas contra ela se comprimia um rapazinho-sertanejo de fisionomia romântica e estava ficando visivelmente, irado - eles se amavam [...]”.

A versão russa possui bastantes discrepâncias se comparada ao TLP. Isto se deve à criatividade da tradutora Ye Koss, ou mesmo a incapacidade de se encontrar uma tradução “mais fiel”. No trecho “um capiiau de cara romântica subia todo no *sem jeito*”, o termo grifado não apresenta equívoco e não poderia significar “estava ficando irado”, como está em russo (*iávno zlílsa*), sendo, de fato, uma criação da tradutora. Na versão inglesa, *awkward and embarrassed*, no entanto, parece reproduzir, mais de perto, a intenção do autor (segundo o Desconstrutivismo, a verdadeira intenção do autor seria quase impossível investigar) sem, no

entanto, ter sido traduzido o termo “subia”, o indica uma gradação na emoção do personagem.

A expressão “estavam se gostando” é menos idiomática do que *they had taken a fancy to one another*. Como Guimarães Rosa usa, bastante, a linguagem popular, a tradutora tentou, neste caso, também usá-la na tradução, mesmo o TLP tendo apresentado uma linguagem mais ou menos padrão. Normalmente, no entanto, como há de se ver, dá-se o contrário – a tradutora prefere resolver as questões coloquiais do TLP usando a linguagem padrão. Na versão russa, lê-se: [...] *u nikh bylá liubóv* – “eles tinham o amor”, o que poderia equivaler a “eles estavam apaixonados”, um pouco mais intenso que o TLP.

No que se refere à “aquele povo *encapetado*” corresponde aqui a *jeering crowd*, sendo que “encapetado” é, realmente, um regionalismo (derivado de “capeta”), mas o termo *jeering*, além de pertencer ao “padrão”, não tem conotação de “capeta” (isto é, “diabo”) e sim, de “zombaria”. Na versão russa, lê-se [...] *vsemú étomu otchumiévchemu zbródu* – “para todo este povo miúdo, *tonto*”, onde a palavra *otchumyévshemu* (caso dativo de *otchumiévchy*) é derivada da palavra *tchumá* que significa “*peste*”, não tendo, portanto, uma ligação direta com o conceito de “*capeta*” (diabo).

“E a cada momento as coisas para eles pioravam” equivale aqui a *And with every passing moment, things became worse for them*, onde há um termo a “mais” (*passing*) porque – como já foi dito anteriormente – não existe equivalência idêntica de uma língua para outra, muitas vezes até na tradução de termos isolados, e nem mesmo na tradução de expressões consagradas, de provérbios ou idiomatismos. Existiria, apenas – no dizer de Nida – que, apesar destas afirmações, é um “prescretivista” – uma “equivalência dinâmica”.

Em “E a cada momento as coisas para eles pioravam [...]”, a expressão “a cada momento” foi omitida na versão russa, onde lê-se, apenas: *I párotchka tchúvstovala siebiá vsió nieprikaiánni* [...] – “E o parzinho se sentia cada vez mais inquieto [...]”, onde *vsíó* equivale a “cada vez mais”, havendo, portanto, uma verdadeira paráfrase para transmitir a idéia do TLP.

3.4.1.2 TLP, p. 342; TLC-1, p. 265-266; TLC-2, p.215-216

Neste íterim, o povo, que assistia ao leilão, já fazia sugestões, aos gritos: “Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão ! [...] Bota no leilão! Bota no leilão!”.

“Sariema” foi traduzida por *Crested Screamer* na versão inglesa. Na verdade, Sariema é uma espécie de ema ou garça. Em russo há uma nota de pé-de-página para o termo usado, isto é, Kariama, em que diz: “Kariama (ou seriema brasileira) – é uma ave da ordem dos grou (cegonhas); tem um pescoço comprido, pernas altas e compridas”. Podemos dizer que a nota de pé-de-página é um bom recurso para explicar termos de cunho regionalista para um leitor de outra cultura.

O narrador explica o porquê do apelido “Sariema”, e a reação da mesma:

A das *duas raparigas* que era branca – e que tinha pescoço fino e pernas finas, e passou a chamar-se, imediatamente, Sariema – pareceu se assustar. O capiau apaixonado deixou *fuchicar*, de cansaço, o meio-riso que trazia pendurado. E o leiloeiro pedia que houvesse juízo; mas ninguém queria atender.

Com relação ao termo “rapariga” (em “A das duas raparigas [...]”) pode-se dizer que, em português brasileiro, desde há muito, o termo equivale ao que foi escrito anteriormente, um sinônimo de “mulheres-à-toa”. Mas no inglês padrão (o que se costuma chamar de *plain, clear English*) foi evitada esta conotação pejorativa, com o uso do termo *girls* (bem diferente de *drabs*, usado na página anterior), um termo neutro, um verdadeiro eufemismo. O termo usado na versão russa não deixa dúvidas sobre a conotação: *Ta iz prostitutók*, isto é, “aquela das prostitutas”.

O trecho “[...] deixou *fuchicar*, de cansaço, o meio-riso, que trazia pendurado” foi traduzido por *let crumple, out of weariness, the simper dangling from his face*. O LGR apresenta o termo, com outra grafia, a saber, “fuxicar”, com o sentido de “desfazer, desmanchar” – (no caso se refere ao “meio-riso”, isto é, “desmanchar o meio-riso”) – o que corresponde ao que foi usado na versão inglesa, pois *crumple* (segundo Michaelis) significa “cair, sofrer colapso”.

Em russo, a tradução se afasta, bastante, do TLP, com os termos: *Na litsé vliubliónnavo sertanejo kóe-kak derjálás’ ustálaia polu-ukhmýlka* – “O meio-riso cansado tinha dificuldade de manter-se no rosto do sertanejo apaixonado”. O que houve foi uma “mudança de enfoque”, em relação ao TLP.

A oração “E o leiloeiro pedia que houvesse *juízo*” não equivale a exatamente a *And the auctioneer asked for a little order*, mas se enquadra bem para transmitir o sentido da frase nesta conotação. Em russo, lê-se: *Auktsioníst prossíl sobrávchykhsia ugomonít-as* – “O leiloeiro pedia calma aos que estavam ali reunidos”, ou melhor, “que se *acalmassem*”. Assim, constata-se a presença de três acepções: “juízo”, “ordem” e “calma”.

Há o tempo “mítico” neste conto. Um tempo em que a lei, a justiça, as instituições ainda não regravam o viver, onde o sujeito ainda se relacionava com o objeto, portanto, um tempo “politicamente incorreto”. Os homens estavam, ainda, face a face diante da natureza, sem mediações.

Aparece a figura imponente de Nhô Augusto, o Augusto Matraga, que impressiona e paralisa todo o mundo. Nhô Augusto “não é para ninguém” neste leilão, isto é, ninguém poderá batê-lo. Por mero exibicionismo (como veremos depois), Nhô Augusto quer dar sua oferta e, sem dúvida alguma, ganhar a aposta, com seu lance elevado. Assim continua o narrador:

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes (*there was a shifting of the bystanders*) e Nhô Augusto, alteado (*tall*), peito largo (*broad-chested*), vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em teso, (*stiff-armed*), angulando os cotovelos (*elbows crooked*), varou a frente da massa (*made his way to the front of the mass*), se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia (*in a high-noon voice*), berrou para o leiloeiro Tião:
– Cinquenta mil-réis! [...] (*Fifty mil reis*).

Vemos que algumas figuras de linguagens, verdadeiras imagens, foram conservadas na versão inglesa, como “com voz de meio-dia, berrou” com *in a high-noon voice, he roared out [...]*, que tem uma correspondência bastante próxima ao TLP, tendo havido até mesmo um acréscimo da palavra *high*, que produziu uma intensificação semântica, talvez, por uma questão de ritmo.

No mais, vemos que a tradução de língua inglesa foi feita de maneira aproximada, uma vez que não se pode esperar uma correspondência total, uma “fidelidade” – como os teóricos prescritivistas costumavam esperar dos tradutores. Às vezes, o tradutor chega a acrescentar o que está implícito, como o uso do termo *bystanders* para “gentes”, onde houve um acréscimo semântico, pois o termo em inglês não se refere unicamente a “gentes” (pessoas), mas àqueles que estavam junto e em pé.

“Alteado”, em “Nhô Augusto, alteado”, é um termo que foge ao padrão, o que não ocorre com *tall* (“alto”), termo do dia-a-dia. O termo “alteado”, no entanto, tem uma leve conotação de algo ou alguém que “se tornou alto” (naquele cenário, por exemplo), como se tratasse de um “processo, em desenvolvimento” (segundo Houaiss, tem-se: “que foi levantado, soerguido; que foi colocado em maior altura”). O sintagma *elbows crooked* – a tradução de “angulando os cotovelos” – não contém a idéia de “ângulo”, mas de braços dobrados nos cotovelos, à semelhança de “ganchos” (*crooks*).

Como já foi mencionado no Capítulo 2, Guimarães Rosa é um inovador, porque os termos comuns teriam já perdido sua “carga semântica”. Os tradutores, na maior parte das vezes, não fazem qualquer tipo de “inovação” porque o leitor do TLC esperava deles uma linguagem padrão.

Outras vezes, há diminuição de intensidade, como por exemplo, na tradução de “varou a frente da massa”, pois *made his way to* [...] não transmite a idéia de “ímpeto” e de “força” no caminhar de Augusto Matraga através da massa, presente em “varou”¹¹⁹, como se poderia fazer com uma vara.

Na expressão “Cinqüenta *mil-réis*” mantém-se a referência à moeda (“real”, com o plural “réis”, que se tornou “mil-réis”), que foi tomada de empréstimo, na versão inglesa, mantendo a “cor local”. O leitor americano não tem, neste caso, qualquer dificuldade de inferir o seu significado. A tradutora russa também utilizou, por empréstimo, “mil-réis”, com o termo devidamente declinado.

Na versão russa, temos: *I tut vdrug lyudi rasstupilis'*, isto é, “E, de repente, as “pessoas” abriram caminho”, o que difere, evidentemente, da versão em língua inglesa, com *bystanders*. Para “alteado”, temos *vyssotchyenni*, que significa “altíssimo” (extremamente alto), uma espécie de superlativo. Para “angulando os cotovelos”, temos: *uglóm vústaviv lókti*, isto é, “tendo colocado os cotovelos para frente, em ângulo”, que reuniu as duas idéias (de “teso” e “ângulo”) em uma expressão só. Para “varou a frente da massa”, temos: *proslýedoval tcherez tolpu*, – “seguiu por dentro da multidão”. Vemos que em português temos quase uma metáfora, um idiomatismo, uma expressão menos usual do que nas duas versões (TLC). Falta, portanto, este sentido de “ímpeto” na versão russa.

Para “[...] com voz de meio-dia, berro [...]” foi empregado, na versão russa, um número maior de mais palavras do que no TLP, resultando em uma verdadeira, para poder deixar claro que se tratava de uma voz forte, pois o “meio-dia” é o ponto alto do dia: *Zatiém tak grómko, slóvno byl nié viétcher, a iásnyi pólden'*, *riávknul* [...], isto é, “Em seguida, de modo tão alto, como se não fosse de tarde, mas o claro meio-dia, berrou [...]”, onde vemos que a tradutora quis ser mais explícita, usando de paráfrase para poder sugerir a potência da voz de Nhô Augusto, naquele momento.

Nhô Augusto ficou de frente para com o leiloeiro, por conseguinte, de costas para a multidão: “Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os

¹¹⁹ Houaiss apresenta, como uma das acepções de “varar” – penetrar perrfurando, atravessar, transpassar.

aplausos”–continua o narrador. O povo, empolgado, gritava o nome do poderoso dono de terras da região: “– Nhô Augusto! Nhô Augusto!”.

Como estava decidido a fechar o leilão com sua oferta, Nhô Augusto “*insistiu fala* mais forte” – *And he repeated in a still headier voice* – aqui foi realizada uma inovação sintática por parte de Guimarães Rosa, que transformou o verbo “*insistir*” em verbo “transitivo” (em lugar de “*em uma fala mais forte*”). Em russo, temos: *Snóva zagovoríl, yeshió grómtche*, isto é, “Novamente começou a falar, ainda mais forte”.

“– Cinqüenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! Dou-lhe duas! Dou-lhe duas – dou-lhe três! [...]” – fala Nhô Augusto, usando a linguagem típica de um leilão o que encerrou o páreo.

A negra Angélica – “a outra” que não a escolhida no leilão – “senvergonha e dengosa” (*shamless and coy*) foi puxada para trás, com o que “*se sorveteu* na montoeira (*was swalled up in the throng*), de braço em braço, de rolo em rolo (*rolling form arm to arm, from group to group*), pegada (*pawed*), manuseada (*squeezed*), beliscada (*pinched*), e carcarejante (*giggling*): “– Virgem Maria Puríssima! Ui, pessoal”! (*Mother of God! What a trashy lot*) – como alguém sem dono, propriedade de todos. Vemos, neste último apelo, a mescla do profano e do divino, como costuma ocorrer na cultura de muitos estados brasileiros, o que nos remete a tempos remotos da Antiguidade, quando a Igreja não execrava a atividade sexual como algo impudico, noção introduzida pelo Cristianismo.

O termo “dengosa” não corresponde, exatamente, a *coy*, que dá idéia de timidez, ausente em “dengosa”¹²⁰. Em português, este termo deriva de “dengo”, de origem africana, que dá mais uma idéia de “languidez” do que de qualquer outra coisa. Houaiss cita “dengo” como derivado do quimbundo *ndenge*, “criança recém-nascida, choradeira”. Em russo, “dengosa” foi traduzido por *jemánnaya*, isto é, “cheia de trejeitos, manhosa” (segundo Vóinova, a forma masculina *jemánniyi* significa “dengoso, amaneirado”).

Com relação a “Angélica [...] que *se sorveteu* na montoeira”, a expressão “se sorveteu” não é comumente usada na linguagem “padrão”. Obviamente derivado de “sorvete”, não estando este verbo dicionarizado em Houaiss ou no LGR. Houaiss, no entanto, aponta para a semelhança do nome “sorvete” com o verbo latino *sorbere* que originou o termo “sorver”, em português. Na versão inglesa – como foi visto acima – usou-se um verbo da linguagem padrão, isto é, *swallowed up*, enquanto em russo, temos: *i oná potonúla v sútoloke*, isto é, “e ela se afogou na confusão – ou “lufa-lufa”.

¹²⁰ Segundo Houaiss, “dengoso” significa: “que age de forma sedutora e insinuante”, também “que age de maneira astuciosa, manhosa, [...]”.

Quanto a *giggling*, este termo não corresponde exatamente a “carcarejante”, pois este termo diz mais respeito ao som, emitido por pássaros ou galináceos. *Giggle*, segundo Michaelis, apenas significa – como substantivo – “risadinha” e, como verbo, “dar risadinha”. Em russo, “*a oná kudákhtala*” significa, exatamente, “enquanto isso, ela carcarejava” (isto é, emitia o som que uma galinha produz, ao pôr ovos).

Vemos, desta forma, que uma tradução ora se aproxima, ora se afasta do TLP, não podendo se esperar – como queriam os prescritivistas - uma total correspondência, isto é, “uma fidelidade”. Quando acontece haver uma tradução inicial de uma obra e – muito tempo depois – uma nova versão, nunca serão idênticas. Isto pode se observar nas duas versões de *Ulisses* – a primeira, realizado pelo próprio Houaiss, e uma mais recente, que foi publicada em 2005. Não varia apenas o estilo de pessoa para pessoa, como as idéias, as concepções de como se deva traduzir, igualmente não coincidem de uma época para outra.

A invocação “*Virgem Maria Puríssima*”! foi traduzida, em inglês, por uma expressão similar: *Mother of God*, com a omissão do modificador “Puríssima”. Em russo, temos: *Mátier’ bójia*, que equivale, também, a “Mãe de Deus”, podendo se observar o emprego de letra minúscula com o adjetivo *bójia* (“de Deus”), como também se faria com o nome *bog* (“Deus”) – uma vez que assuntos religiosos eram relegados a segundo plano, se não combatidos, no período socialista, quando não havia liberdade de credo ou culto.

A exclamação de Angélica, *What a trashy lot*, tem uma carga semântica muito mais intensa que o simples “*Ui, pessoal*”, que não tem qualquer adjetivação. Aqui a tradutora recriou esta frase, valendo-se do contexto nesta parte do conto. *Trashy* deriva-se de *trash*, que significa nada menos que “lixo” ou “coisa sem valor”¹²¹, tendo este termo, em inglês, um tom depreciativo. Tendo omitido o termo “*Puríssima*” da frase anterior, a tradutora resolveu adjetivar o termo *lot* (multidão) com o termo *trashy*, isto é, “nada puro”. É um exemplo de compensação, dentro de um processo de desconstrução.

Na versão russa há um tom de desabono em *Nu i públika*, isto é: “Ah, que povo!”. Continua o narrador: “E só então Tião leiloeiro achou coragem para se impor: – Respeito, gente, que o leilão é de *santo*! [...]”.

Novamente, vemos a mistura do sagrado com o profano: um leilão em um pátio, atrás de uma Igreja, depois de terminadas as rezas e a procissão, mas as “mercadorias” a

¹²¹Cf. MICHAELIS.

serem leiloadas estariam mais bem situadas em um bordel, do que numa igreja¹²². Estas têm lugar em volta de uma igreja a pretexto de uma celebração de uma missa, dentro da igreja, em homenagem a um santo, e como que dando continuidade a ela. Mas no seu exterior, nos arredores desta igreja (isto é, “no largo”), o que passa a reinar são os inúmeros festejos populares: a dança profana, acompanhada do batuque, o consumo quase desenfreado de álcool e comida típica, oferecido por fileiras de barracas, armadas para esta ocasião. Estabelece-se um verdadeiro comércio de iguarias e bebidas, ao ar livre, o que leva à sensualidade, ao aflorar dos instintos. Em suma, um bom terreno para se satisfazer “os anseios da carne”. Se fizermos uma correlação com costumes europeus da Antiguidade, veremos que a humanidade, em geral, passou por estas práticas em épocas mais remotas.

Na versão de língua inglesa lemos: *And only then did Tião the auctioneer screw up the courage to assert his authority*, sendo que *screw up* (para “achou”) é coloquial, apresentando linguagem figurada, pois, embora se refira ao mundo real, tendo o sentido de “parafusar, atarrachar”¹²³, está seguido de um substantivo abstrato, *courage*.

Em russo temos: *Tol’ko tut auktsioníst Tián otvájilsia podát’ gólos* – onde *otvájilsia* significa “ousou” ou “teve coragem”. Em retroversão, teremos: “Só aí, o Tião leiloeiro teve coragem de manifestar sua voz”. Quanto à expressão “[...] *para se impor*”, enquanto em português foi suficiente um verbo reflexivo, em inglês foi necessário um objeto direto, *his authority* junto ao verbo *to assert*. As línguas, por serem diferentes quanto à sua estrutura lingüística, raramente permitem uma tradução literal, nem podendo se esperar total “fidelidade”. Na versão russa, o trecho que corresponderia a “para se impor” foi omitido, tendo ficado “implícito”.

Mas o povo – a quem o leiloeiro acabara de se dirigir – responde com desdém: *Bau-bau!*, o que é bastante rítmico, pela duplicação, sonoro, possuindo um conteúdo jocoso e, por isto, soa engraçado. Pode equivaler a “já era” ou “Agora é tarde!”. Na versão inglesa, temos *Blaah!*, que tem uma conotação de *useless talk* ou mesmo *bullshit*, mostrando “descaso”. Na versão russa foi usado um onomatopaico *gaf-gaf*, que imita um latido, dando idéia de “pouco caso”, como quem quisesse dizer: “conversa fiada”¹²⁴.

O leiloeiro Tião continua sua fala em um tom de censura profunda a que proferiu a exclamação acima: “– Me desprezo! Me desprezo deste herege” – parece linguagem

¹²² Essas duas instituições foram, fundamentalmente, separadas pela Igreja Católica, mas a cultura popular ainda conserva seu parentesco em alguns lugares do Brasil: um bom exemplo disto são as famosas “festas de largo” de Salvador.

¹²³ Cf. MICHAELIS.

¹²⁴ Cf. VOINOVA: *gáfkat*.

popular devido ao pronome reflexivo que acompanha o verbo “desprezar”. Em inglês, temos: *I despise, I scorn that heretic!* – a tradutora ousou dois termos para “me desprezo” para evitar a repetição. Em russo vem um idiomatismo, a saber: *Plevát’ iá khotiél! Plevát’ iá khotiél na tovó niékhrístia!*, isto é: “Queria mais era cuspir! Queria cuspir naquele herege”, onde *plevát’* (cuspir) faz parte de uma expressão idiomática que mostra um profundo desprezo, em relação ao sujeito atingido. Continua o leiloeiro: “[...] Vão coçar suas costas em parede! [...] Coisa de igreja tem castigo, não é brinquedo [...] Deix’passar! [...] Dá enxame, gente! Dá enxame! [...]”.

“Vão coçar suas costas em parede!”, do trecho acima, é um idiomatismo brasileiro, traduzido por outro idiomatismo na língua inglesa. Apesar de diferente, ele tem o mesmo efeito de se querer fazer algo muito difícil, quase impossível, isto é: *You’ll be laughing on the other side of your face!*. Neste caso, aconteceu uma verdadeira recriação do sentido com outras palavras: a este processo, Vinay e Darbelnet chamaram de “equivalência”, enquanto Eugene Nida, que fez adaptações de textos bíblicos para povos de outras culturas, criou a expressão de “equivalência dinâmica”.

Na versão russa tem-se uma equivalência, semelhante ao TLP, a saber: *Idíte tchechýte sebié spínu ob stiénku*, que corresponderia, em retroversão, ao que se lê no TLP, embora a estrutura lingüística seja um pouco diferente deste.

Chama, também, atenção a expressão “Dá enxame, gente! Dá enxame! [...]” que não pertence, exatamente, à língua padrão, pois “*enxame*” significa, justamente, um acúmulo ou reunião de uma grande quantidade de coisas ou seres (por exemplo, um conjunto de abelhas). O termo “dá” poderia ser tomado, erroneamente, com a acepção de “produzir, fazer”, mas o que se quer dizer é justamente o contrário, equivalendo à expressão precedente, isto é, “deix’passar”. Portanto, a idéia é de se “desfazer o enxame”.

A versão inglesa não deixa dúvidas sobre isto com *Swarm away, folks*, onde o termo ‘*away*’ dá idéia de se desfazer algo, assim como de criar certa “distância”, enquanto ‘*swarm*’ significa “formar enxame”. Este é um típico exemplo da linguagem de Guimarães Rosa (no TLP), cheia de regionalismos. Embora a tradução gire em torno de “enxame” (*swarm*), o termo ‘*away*’ deixa claro que não se trata aí de “fazer o enxame” e, sim, o contrário.

Na versão russa, foram usadas as palavras *Dorógu!* para “Deix’passar” e que significa, literalmente, “o caminho!” e, mais adiante, temos: *razdáissia, naród!*, isto é, “abram a passagem, ó pessoal!” ou “desfaça-se a multidão!”.

3.4.1.3 TLP, p. 343; TLC-1, p. 266-267; TLC-2, p.216-217

No entanto, o leiloeiro não conseguiu se impor o suficiente, tendo sido necessária a intervenção de Nhô Augusto, uma figura que gozava, sem dúvida, de muito maior respeito por parte da multidão. Assim, lemos no TLP: “Alguns quiseram continuar a vaia, mas o próprio Nhô Augusto abafou a arrelia: – Sino e santo não é pagode, povo! Vou no certo [...] Abre, abre, deixa o Tião passar!”

A palavra “vaia”, no trecho citado, refere-se a uma manifestação de desaprovação específica, pois se realiza emitindo um som que se assemelha a um “u” prolongado. A tradução inglesa transmite esta conotação de desaprovação, mas de outra maneira, a saber: *There were some who wanted to keep up the clowning*, onde a última palavra tem o sentido de “palhaçada”, perdendo-se, desta forma, a imagem fônica da “vaia”. Em russo, temos: *kóie- kto khotiél býlo pogorlánit’ eschió*, isto é: “Um ou outro ainda queria continuar com a gritaria” ou “continuar berrando”, pois *pogorlánit’* significa, literalmente, “berrar”. Temos, então, na versão russa, uma frase que diz respeito ao “barulho” produzido pela multidão e não, especificamente, à “vaia”, que é uma maneira de se desaprovar, emitindo determinados sons.

A frase “[...] mas o próprio Nhô Augusto abafou a arrelia” teve a seguinte tradução, na versão inglesa: *Mr. Augusto himself cut short the spree*. Esta última palavra pertence ao padrão na língua inglesa, e significa, segundo Michaelis, “farra, bebedeira, divertimento”, enquanto “arrelia” é um termo popular e regionalista. Segundo o LGR, “arreliar” é “aborrecer, irritar”. Houaiss apresenta “arrelia” como “amofinação, apoquentação”, mas, também, como “rixa, desavença”. Podemos, também, notar o pronome de tratamento *Mr*, que confere aqui bastante formalidade ao TLC, o que se opôs ao tom bem mais familiar do TLP.

A versão russa – para este trecho – fala de “acalmar as paixões” em [...] *sam Nhô Augusto ugomoníl strásti*, isto é, “o próprio Nhô Augusto acalmou as paixões”. Na fala de Nhô Augusto, “Sino e santo não é pagode [...]”, vemos uma aliteração no uso repetido do som “s”. Para manter a aliteração, a tradutora americana usou *steeple* (campanário) em lugar de *bell* (sino), resultando, daí, *Steeple and saints* [...] e, em seguida, *are no place for high jinks, folks. I mean it*. Vemos que “pagode” foi traduzido por uma paráfrase: *a place for high jinks*, sendo que *high jinks*, segundo Michaelis, significa “brincadeira, travessura”.

É interessante observar-se, por outro lado, o uso do termo “pagode”, em uma obra escrita antes de 1936 e publicada em 1946, termo este que só ficou costumeiro na fala

urbana, com o sentido de um tipo particular de “música”, mais recentemente, nas duas últimas décadas, aproximadamente. “Pagode” foi, de fato, dicionarizado por Houaiss, como “divertimento ruidoso” e “baile popular”, além da sua acepção primeira de “templo indiano e de outras religiões orientais”.

Na versão russa evitou-se traduzir “sino e santo”, aglomerando os dois termos no hiperônimo “coisas sagradas”. Assim temos: *so sviatými veschiámi chútki plókhi, liúdi!* – “brincadeiras com coisas sagradas podem acabar mal, pessoal”.

Aproveitando a confusão, o “capiou amoroso” – *the smitten backwoodsman* – desejou ir-se embora (“– Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão [...]”). Em inglês temos *Let’s go, Tomázia, while the going is good* [...] – o que indica uma mudança de enfoque, a qual os especialistas em “estilística comparada”, Vinet et Darbelnet, chamariam de “modulação”.

A versão russa seguiu, aproximadamente, os passos do TLP, ao usar a palavra *nerazberíkha* (“confusão”). Assim, tem-se: *Pochlí otsiúda, pokúda nierazberíkha* – “Saíamos daqui, enquanto há confusão”.

Para o capiau, ela não era “Sariema” e já estava prestes a acompanhá-lo, após ter colocado “três dedos no seu braço”. A massa tinha aberto o caminho, mas, naquele momento, ambos foram impedidos por Nhô Augusto, que os separou “com uma pranchada de mão” e com as palavras: “– Não vai, não!”. Em inglês, tem-se: *But Mr. Augusto separated them with a blow from the side of his hand. She’s not going, no!* A impressão que se tem é que, em inglês, houve referência ao “dorso” (*side*) da mão. Em inglês, tem-se: *But Nhô Augusto separated them with a blow from the side of his hand.* A impressão que se tem é que houve, em inglês, uma referência ao “flanco”, isto é, à parte “lateral”, ou mesmo “dorso” (*side*) da mão. Segundo Houaiss, “pranchada” é “pancada, aplicada com prancha”, enquanto “prancha” é “tábua grande e larga”. Tudo indica que o autor se referiu à palma da mão, e não ao seu “flanco”, como está em inglês. Como se sabe, o tradutor é um leitor, a quem se permite uma interpretação diversa da do autor.

Na versão russa, a palavra usada foi o genitivo singular de *ladôn’* – termo que não apresenta dúvida quanto ao significado (“palma da mão”). Assim, temos: *No Nhô Augusto otviésnym udárom ladôni razbíl párotchu* – isto é: “Mas Nhô Augusto, com um pesado golpe com a palma da mão, separou (literalmente, “quebrou”) o parzinho”. Vemos, portanto, que frequentemente ocorrem divergências entre as duas versões.

Tudo indica que Nhô Augusto estava acompanhado de “quatro guarda-costas” que interferiram e “deram apoio”: “ – Tem areia! Tem areia! Não vai, não !”.

Podemos dizer a este respeito que a expressão “*Tem areia!*” é idiomática e coloquial – o que não aparece em *Don’t you dare! Don’t you dare!* – linguagem padrão e que significa “não ouse!”, não correspondendo, exatamente, ao TLP, mas satisfazendo ao contexto. Em russo, lê-se: *Viérno chto tak! Viérno chto tak! Nikudá nié poidióch* – havendo certo afastamento do TLP, pois equivale a “É isto mesmo! É isso mesmo! Você não vai para canto nenhum!”.

Houaiss, além da tradicional acepção, apresenta, também, “areia” como “falta de senso, maluquice”, assim como “estar fora do alcance de; não ser para o bico de”. Desta forma, trata-se aí de linguagem figurada, que não foi usada nas duas versões.

O povo, em coro, confirma a legitimidade da aquisição de Nhô Augusto e sugere, com isto, que ele leve a “rapariga”. Assim, temos: “É do Nhô Augusto [...] Nhô Augusto leva a rapariga! – gritava o povo (*the onlookers*) *por ser barato*”. É óbvio que o termo “rapariga”, em português brasileiro, tem conotação diferente do inglês [...] *the girl* – um verdadeiro hiperônimo em relação ao que foi usado no TLP – com atenuação e neutralização do sentido pejorativo aí contido.

Em russo também foi usado o eufemismo *diévotchka* (“a garotinha”), em *Nhô Augusto zaberiót diévotchku* – “Nhô Augusto há de levar a garotinha”. É interessante observar a tradução da expressão, contida no TLP – “por ser barato”, citada acima – que pode estar significando “por ser mais fácil”.

A tradução da expressão, mencionada acima, difere diametralmente nas duas versões, em língua estrangeira. Enquanto no inglês “por ser barato” foi vertido por (*shouted the onlookers*) *enjoying this free entertainment*, em russo lê-se: – (*kritchál naród*) *kotóry vsegdá na storonié síl’novo* – “(gritava o povo) que sempre está do lado do mais forte”.

Percebe-se que na versão russa pode ter interferido a ideologia socialista vigente no período em que a tradução foi publicada: 1980, segundo a qual, como se sabe, o povo sempre é explorado e oprimido pelas classes dominantes, tendo que, forçosamente, de concordar com suas decisões, e até mesmo de adulá-las, quando preciso. Como a expressão em pauta parece um coloquialismo (que apresentou certa dificuldade quanto à interpretação), coube a ambas tradutoras preencher esta lacuna semântica.

Do meio da multidão, uma voz “bem entoada cantou *de lá*, por cantar” (*a well-pitched voice struck up, just to be singing*). Certamente “de lá” se refere ao “povo” que

gritava “por ser barato”, como está na frase anterior. Abaixo, a cantiga, cuja “disciplina” e “cadência” foi aclamada pelo “povaréu” nas três versões:

Mariquinha é como a chuva
Boa é, p’ra quem quer bem!
Ela vem sempre de graça,
Só não sei quando ela vem [...]
(TLC, p.266)

*Mariquinha is like the rain,
She’s good for the one she loves
She always comes for free,
Only you can’t tell when [...]*

Mariquinha é como a chuva
Arbitrária, brincalhona.
Se for – vai de boa vontade,
Mas quando ela vai, não sei
(TLC, p.216) (Retroversão)

*Mariquinha – slóvno dójdik
Svoievól’naia, chal’náia.
Kol’ poidiót – poidiót po vole,
No kogdá poidiót, nie znáiu.*

Vemos que a versão inglesa da “cantiga” se apega mais ao TLP do que a versão russa no que diz respeito ao conteúdo. Quanto à forma, podemos dizer que p TLP tem um esboço de rima, entre o 2º e o 4º versos, que não aparece nas outras duas versões. Continua o narrador: “O capiauzinho ficou amarelo. A Sariema começou a *querer chorar*” (*The poor devil of a backwoodsman turned yellow that he already was. The Crested Screamer’s face began to pucker up*).

Pode-se diz que, em inglês, existe uma grande variedade de verbos para expressar pequenos movimentos, gestos, ou sensações. Assim, *pucker up* foi o *phrasal verb*, usado por Harriet de Onís, significando este verbo, segundo Michaelis, “franzir-se, enrugar-se, contrair-se”, uma descrição do aspecto externo da fisionomia da personagem, prestes a chorar. Em russo foi usado: *Kairama bylo zakúksilassi’*, sendo este último um modernismo, quase gíria, – pretérito de *zakúksit-tsa*, aspecto perfectivo: *kúksit-tsa* – onde o prefixo “za” indica início de ação – e significa, segundo Ójegof, “franzir o rosto, mostrando incômodo ou desespero”. Cada tradutora, no caso, mostrou sua criatividade, evitando uma tradução literal de “querer chorar”.

“Mas Nhô Augusto *rompente* alargou no tal três pescoções”. Em inglês, temos: *But Mr. Augusto, rampageous, gave him three punches*. Usou-se, portanto, para “rompente”, o termo *rampageous*. Em outro contexto, “rompante”, segundo Houaiss, variante de “rompente” – é termo que pertence à linguagem rural, pois se trata da designação do instrumento de sopro, em forma de chifre gigante, para conduzir a boiada. No caso da acepção, encontrada no TLP, ela faz alusão ao mundo animal: “erguido sobre as patas traseiras”, e também: “que rompe, que rasga”, segundo Houaiss. Isto prova como o meio em que se vive influencia a linguagem dos seus moradores. De qualquer forma, temos aí a idéia

de força, de romper algo. A tradutora resolveu ficar mais próxima do TLP, usando um cognato.

Segundo *Heritage*, *rampageous* significa *raging, frenzied*, enquanto *rampage(n) a course of violent, frenzied action or behavior* e (v) *to move about wildly or violently*. Ambos têm relação com *ramp – to stand on ramping position*, enquanto *rampant – rearing or ramping on the hind legs*, termo que se assume ter vindo do francês. Embora podendo ter usado este último termo (*rampant*) – *rampageous* parece ter sido bem apropriado, por ser mais forte, e traz, dentro de si, algo que lembre *rage* (raiva), que bem caracteriza o personagem-título.

No que se refere aos “*pescoções*” – traduzido como *punches* – trata-se de um hiperônimo, por este termo não incluir o local onde os mesmos foram aplicados (pescoço). A tradutora poderia ter, simplesmente, acrescentado *on his neck*, mas achou irrelevante esta informação. Apesar de se tratar apenas de ser um detalhe, o que, apenas, comprova que nunca – ou quase nunca – existe uma correspondência total entre o TLP e o TLC.

Na versão russa, lemos: *No Nhô Augusto bez tserimónii otviêssil típtchiku tri zatriêschiny*, usando-se, portanto, para “rompente”, a expressão *bez tserimónii*, isto é, “sem cerimônia”, enquanto “pescoções” foi traduzido por *zatriêschiny*, que – como em inglês – não se refere ao local onde foram aplicados os golpes. Vóinova apresenta o termo como coloquial, significando “bofetão” (golpe que se aplica, geralmente, no rosto, e não especificamente no pescoço). Vê-se aqui, também, que a correspondência entre o TLP e o TLC está longe de ser total. É interessante notar a tradução *típtchiku* (caso dativo de *típtchik*), isto é, um “ao tipozinho” para “o tal” do TLP – expressando a atitude de Nhô Augusto – algo inferido do contexto – em relação ao capiau. Sabemos que o tradutor, muitas vezes, acrescenta a sua própria interpretação, explicitando o que apenas está implícito no texto.

O povo se agita. Continua o narrador: “Ferveram as faces” – uma linguagem figurada, reproduzida em inglês: *Faces boiled all around*. Em vez disso, no russo, lemos: *Zameltiêchili fisionômii*, isto é, “As fisionomias dançaram diante dos olhos” – sendo este verbo uma forma perfectiva de *mel’tiêchyt’* – segundo Vóinova seria um termo “popular”. Enquanto no TLP, e na versão inglesa, o sentido parece se referir às “emoções” expressas, nas faces, na versão russa, o que se depreende é que houve uma “grande profusão de faces”, aparecendo em volta. Uma interpretação diferente, por parte da tradutora russa.

No meio da confusão, ouve-se: “– Não me esbarra, *filho da mãe!*” Em inglês, lê-se: *Don’t push me, you son-of-a-bitch!*, onde temos duas coisas a considerar: em primeiro lugar, “Não me esbarra” é uma frase em português um pouco regionalista (não-padrão, em

lugar de “não me empurra”) – traduzido pelo padrão (*don't push me*). No TLP, um eufemismo (“filho-da-mãe”) não foi conservado, pois seria equivalente a *son-of-a-gun*, em lugar da expressão usada, mais forte, ou “mais grosseira”.

Em russo, o que se lê é uma tradução de *son-of-a-bitch*, sem eufemismos: *sobátchii syn*, isto é, “filho de uma cadela” não passa de uma variante de *súkin syn*, a expressão chula, geralmente, usada. Desta forma, vemos que o tradutor, muitas vezes, interfere no texto, mudando o seu “tom”. *Nie pikháissia*, por sua vez, para “não esbarra” é, também, um termo coloquial, um tanto grosseiro, correspondendo ao “tom”, observado no TLP. Continua o narrador: “E a agitação partiu povos”. Em inglês, lê-se: *And the excitement broke up the crowd*, dando a entender que vários partidos se formaram entre os dois lados da contenda.

Guimarães Rosa procurou inovar, neste caso, as expressões do léxico. Embora o termo “povo” já seja um coletivo para “pessoas”, o escritor prefere a forma do plural. Em outro momento, Guimarães também usou o plural para “gente” (gentes) – é como se houvesse aí, nesta multidão que participou do leilão atrás da igreja do arraial, mencionada, no início, uma variedade de gente e de “povos”, ou em imitação a Camões? Além de inovações, Guimarães, muitas vezes, recorre a termos arcaicos, como veremos mais adiante. Na correspondência com Harriet de Onís, Guimarães Rosa chega a criticá-la, por não usar outras variantes para “povo” – como *rabble* – em vez de repetir, constantemente, *crowd* (como na citação, acima).

No russo foi usada uma forma um pouco arcaica, a saber, *liúd*, singular de *liúdi*’ (pessoas), hoje substituída por *naród*, simplesmente, “povo”. *Liúd*, segundo o dicionário monolíngue de Ójegof, significa “povo, grupo de pessoas, unidas condições de vida, comuns”. O dicionário bilíngue de Vóinova traz *liúd* como termo coletivo e coloquial, equivalente a “multidão” e “gente”, também agrupado de acordo com a ocupação (*trudovói liúd* = gente trabalhadora, etc.). Vemos, portanto, as conotações diferentes nas duas versões examinadas.

“[...] a maioria tinha perdido a cena, apreciando, como estavam, *uma falta de lugar*, que se dera entre um velho – “Cai n’água, barbado!” – e o sacristão [...]”. A expressão grifada pode ser considerada um verdadeiro “eufemismo” e está em sentido figurado (em Houaiss, temos “lugar”, com o sentido figurado de “momento adequado, oportuno, hora, ocasião”), tendo sido traduzida, na versão inglesa, por *elbowroom fight*. O termo *elbowroom*, segundo o dicionário monolíngue *Heritage*, significa *ample space* e *freedom from limitations*

– o que não sugere muita semelhança com “uma falta de lugar” do TLP que, examinado apenas do ponto de vista do “espaço”, mostra ser o contrário.

Tudo indica que a expressão, no TLP, não diz respeito à “dimensão de um espaço”, mas o despropósito ou a inconveniência do evento (uma briga) que teria ocorrido, como se lê nas primeiras linhas do conto examinado – “num leilão *atrás de igreja*” –, podendo-se inferir tratar-se de um lugar aberto, como um “pátio”. Por este motivo, podemos atribuir essa tradução à criatividade da tradutora que, baseando-se no contexto, usou o seu livre-arbítrio para produzir uma tradução mais livre. A propósito, o dicionário bilíngüe de Michaelis reitera o que se lê no *Heritage* e traz *elbowroom*, como “campo livre de ação ou de movimento” e “abundância de espaço”.

Na versão russa, a “falta de lugar” foi traduzido por *potassóvka*, que é um termo coloquial, significando “contenda, briga”¹²⁵, passando-se, portanto, da linguagem conotativa para a denotativa. No meio dessa confusão, um popular grita: “Cai n’água, barbado”, que foi traduzido por *go jump in the lake, whiskers*, tratando-se (a parte em negrito) de um idiomatismo, bastante conhecido e adequado para a ocasião, enquanto no caso de *whiskers* temos uma metonímia: o objeto em lugar do seu portador, sendo que o termo implícito “barba” foi substituído pelo que em inglês é “cavanhaque” (*whiskers*). Em russo, usou-se para “barbado”, o termo *borodá* – que equivale a “barba” – uma alcunha corriqueira para um portador de barba, também se tratando, na realidade, de uma metonímia.

3.4.1.4 TLP.344; TLC-1, p. 267; TLC-2, p.217

A confusão não termina aí, pois, tem-se: “também no *setor sul* se instalara, pouco antes, um *mal-entendido*, de um sujeito com a correia desafivelada – letp! [...] letp!”, – *And in the south sector, too, shortly before, a misunderstanding had arisen between a character with unbuckled belt flailing – **whack! whack!** [...]*.

Guimarães Rosa está dividindo a área do desentendimento, geograficamente (sendo o estudo de “mapas” uma das suas ocupações preferidas, quando criança). Já tivemos, mais acima, “quadrante noroeste”, agora temos “setor sul”.

A re-criação, muitas vezes, é necessária, simplesmente, por ser impossível fazer-se uma tradução direta e literal. Cada língua tem a sua ordem de palavras, própria. Aqui foi encontrada uma equivalência para a expressão onomatopaica acima mencionada, mas foi

¹²⁵ Cf. Vóinova.

preciso lançar mão de um acréscimo, na palavra *flailing* – segundo o dicionário monolíngue *Heritage*, *flail* (v) significa: *thresh; wave*. Em *Chambers* – outro dicionário monolíngue – vemos *flail* (v) – *to strike with, or as if, with a flail*, tendo se originado o termo do latim *flagellum*, segundo o dicionário.

A tradutora americana, desta forma, explicitou algo que está implícito no TLP. O termo onomatopaico “lept, lept” foi representado por um equivalente na língua de chegada *whack! whack!*. As onomatopéias, como se sabe, variam de língua para língua, podendo ocorrer coincidências, de caráter quase universal – como “tic-tac” – ou não.

A tradução russa dá a entender, claramente, de que a “fivela do cinto” se desprendera, produzindo o som onomatopaico *briák, briák’*, enquanto no TLP e na versão inglesa tem-se a impressão de que o “sujeito” poderia estar “branindo” o cinto. Assim, em russo, vemos: “[...] *razygrálas’ stýtchka miéjdu odním sub’éktom, u kotórovo priájka na remnié otstegnúlas’, i briákala – briák! briák!*. Em retroversão, temos: “[...] desenrolou-se uma rixa entre o sujeito que tivera a fivela do seu cinto “desafivelada”, fazendo o som de *briák, briák*.

Desta forma, vemos que além da falta de correspondência entre as línguas, por problemas, puramente lingüísticos, estamos sujeitos a diversas interpretações por parte do tradutor.

O termo “mal-entendido” – na citação anterior – foi traduzido, em inglês, por *misunderstanding*, enquanto em russo, por *stýtchka*, que significa, segundo Vóinova, “desavença, rixa”. O termo correspondente, em russo, *nedrazumiêníe* (mal-entendido) deve ter sido considerado demasiado sutil pela tradutora para a ocasião. Mais adiante, como parte do “mal-entendido”, lê-se no TLP: “[...] com um outro pedindo, para poder fazer *sarilho* com o pau” – que em inglês está como: *and another one who was asking for a chance to put his club through his paces*.

O LGR classifica “sarilho” como “termo popular”, apresentando o seu significado figurado neste contexto: “tumulto, desordem, confusão”. Já Houaiss apresenta o significado original deste termo, que diz respeito à arte de fiar e tecer: uma espécie de artefato para enrolar os fios, para fazer as ‘meadas’. Por extensão, na qualidade de “metonímia”, passa, também, a significar “movimento rotativo”. No sentido figurado é “informal”: “barafunda, confusão”.

A versão inglesa não passa essa idéia de “confusão”, mas, apenas, de “dar passagem” (*to put [...] through*) ao ‘club’ (tradução para “pau”). E em russo, tem-se: *stýtchkoi miéjdu odním [...] i típom, kotóry fsió iskál, kudá by emú postávit’ svoiú palku*, isto

é, “uma rixa entre um que [...] e um outro que não parava de buscar onde *poderia colocar* seu bastão”. Portanto, não foi conservada a “cor local”, não tendo sido usada, tão pouco, a idéia de “fazer confusão”, que está inserida em “fazer sarilho”. Vemos, desta forma, que a tradução muitas vezes se distancia do TLP por problemas, tanto de limitação lingüística, como por diferenças culturais. O narrador nos conta o que teria acontecido com o “capiauzinho” – tudo indica, por ordem de Nhô Augusto – no meio desta confusão: “Foi o capiauzinho apanhando, estapeado pelos quatro *cacundeiros* de Nhô Augusto, e empurrado para o denso do povo que também queria estapear”. O povo quer apoiar Nhô Augusto em tudo, em uma espécie de apoteose diante do todo-poderoso, como se costuma fazer diante dos seus ídolos.

O termo grifado, acima, seria uma corruptela de “corcundeiros”, isto é, indivíduos (guarda-costas) que andavam atrás das costas de alguém, como verdadeira “corcunda”¹²⁶. Um dos sinônimos que Nilce Sant’Anna Martins apresenta no LGR é: “[...] capanga, [...] que se coloca ao serviço de quem lhe paga”.

A tradução inglesa *bodyguards* é desprovida da cor-local, contida no TLP. Em russo, os termos usados não passam uma idéia clara de “guarda-costas” ou coisa semelhante – podendo, apenas, estar implícita, pois a expressão que aparece é de: *tchiétvero molotsóv Nhô Augusto*, isto é, “quatro moços de Nhô Augusto”. Vê-se, portanto, que na tradução de “regionalismos”, muitas vezes se perde a cor local, contida no TLP. A frase inteira, na versão russa, está da seguinte forma: *A býlo to, chto tchiétvero molotsóv Nhô Augusto skhvatíli paren’ká -sertanejo, otkolochmátíli i vtolkbúli v sámuiú gúschu tolpy, a v tolpié mnóguie nié protch býli dobávit’*, isto é, “E aconteceu que quatro moços de Nhô Augusto pegaram o *rapazinho-sertanejo*, e lhe deram uma boa surra, empurrando-o bem para o denso (ou “a profundidade”) da multidão, na qual (multidão) havia muitos que queriam lhe acrescentar (mais tapas)”.

Foi, aí, criada uma boa descrição, uma boa imagem, da situação – onde *otkolochmátit’* representa o aspecto “perfectivo” do verbo *kolochmátit’* (“bater, dar um surra”) – sendo um termo coloquial, segundo Vóinova, enquanto o termo “sertanejo” foi tomado de empréstimo, para formar o composto híbrido, *pareniók-sertanejo*, encontrado no TLC, no caso acusativo singular. Por sinal, o leitor russo já tinha se inteirado dos termos “sertão” e “sertanejo” – na própria explicação da brasilianista I. Terterián, que se lê no prefácio da edição russa.

¹²⁶ Cf. LGR: “derivado de ‘cacunda’, variação popular de ‘corcunda’. Bras., pop., pejorativo, de farta sinonímia”.

Tendo ganhado a aposta do leilão, e dominado o “capiauzinho apaixonado”, estava livre o caminho – para Nhô Augusto poder levar consigo a “Sariema”. Assim, ele ordena que ela se aproxime, com as palavras: “–*Te apessoa* para cá, do meu lado!”, e Nhô Augusto “deu o braço à rapariga, que parou de lacrimejar” – continua o narrador. Em inglês: *You come over here by my side! – and Mr. Augusto gave his arm to the girl who stopped trying to squeeze out a tear.* Linguagem não-padrão do TLP foi traduzida por linguagem-padrão na versão inglesa, como na maior parte das vezes, acontece. Para “lacrimejar” foi preciso usar uma verdadeira “paráfrase”, mas que transmitiu bem o sentido do TLP. Quanto ao termo *girl* – já foi comentada preferência para o eufemismo na versão inglesa. Além do tratamento formal, no epíteto – um verdadeiro “título” – *Mr.* – diante do nome próprio Augusto.

A tradução em russo é bastante “coloquial”, de certa forma até direta e “grosseira”: – *A ty davái siudá, ko mnié poblíje* – o tratamento por *ty* (tu) demonstra certa familiaridade – “E tu, ‘vambora’ pra cá, mais para perto de mim”. O termo *davái* é usado no modo imperativo para expressar uma ordem incontestável. Termo este, interessante lembrar, conhecido por aqueles prisioneiros alemães que foram condenados a trabalhos forçados na Sibéria, depois da Segunda Guerra Mundial, quando todos sabiam o significado de *davái, davái!*.

“Rapariga” está traduzido, em russo, por *devítsa*, que não tem conotação pejorativa, embora, também, não seja um termo carinhoso, talvez um tanto “neutro” – ao mesmo tempo, arcaico – significando, também “moça” ou “donzela”¹²⁷. Assim, tem-se: – *I Nhô Augusto podkhvatíl pod rúku devítsu, uje perestávchuiu khnýkat* – “E Nhô Augusto agarrou pelo braço a moçoila, que parara de choramingar”, e a convida para segui-lo, no meio da aclamação do povo. A multidão, “como não havia mais mulheres, nem brigas, pegaram a debandar (*to disperse*) ou a cantar” (algo que dizia respeito à situação):

Ei, compadre, chegadinho, chegou [...]
Ei, compadre, chega mais um bocadinho!

Hey, pal, come little closer
Hey, pal, get in a little closer

Como acontece com as “epígrafes” no meio dos contos, contidos em *Sagarana*, estas cantigas surgem quando muda o cenário da narrativa. A versão inglesa apresenta pouca variação no léxico. Na versão russa, tem-se:

Ei, o compadrezinho se chegou a mim

Èkh, pridvínulsia ko mnié kumaniók

¹²⁷Cf. Vóinova.

Ei, compadrezinho, aproxime-se **mais perto!** [...] *Èkh, pridvín'sai, kumaniók, potesnêi!*

Usou-se *kumaniók* – diminutivo de *kum* (“compadre”) – porque em russo também se usa este termo para indicar intimidade ou parentesco. Uma tradução que está mais próxima ao TLP que a versão de língua inglesa, tendo sido seguida a seqüência de tempos verbais: “pretérito”, no primeiro verso; e “imperativo”, no segundo.

“Nhô Augusto apertava o braço da Sariema” – continua o narrador – “como *quem não tivesse tido prazo para utilizar no capiau todos os seus ímpetos*”. Em inglês, temos: *Mr. Augusto pressed Crested Screamer's arm hard, as though he had not had time to vent all his impulses on the backwoodsman*. Enquanto no TLP temos: “utilizar [...] seus ímpetos”, em inglês – temos uma imagem – em linguagem conotativa – *to vent all his impuses*. Por outro lado, a expressão “tio prazo” parece-nos menos usual do a que, normalmente, se ouve, a saber: “tido tempo”. A versão russa lê-se: *Nhô Augusto stísnul rúku Kariamy s takoi síloi, slóvno nié uspiél kak sliéduet otvestí dúchu na ieió poklónnike*. Temos aí, em russo, várias expressões de reforço, que apenas estão subentendidas no TLP. Assim, tem-se, em retroversão: “Nhô Augusto apertou o braço de Sariema *com tamanha força*, como se ele não tivesse tido tempo *de satisfazer sua vontade*, como convinha, em cima do *seu admirador*”.

Vemos que foram acrescentadas, acima, as expressões *s takói síloi* (com tamanha força) e *kak sliéduet* (como convinha), ao mesmo tempo em que foi substituído “capiau” por “seu admirador”. Por outro lado, *otvestí dúchu* é uma expressão idiomática que, literalmente, significa “desviar” ou “afastar a alma”, como que “descarregando” (sendo *dúchu*, acusativo singular do nominativo *duchá*).

É interessante, notar-se, também, que em russo, habitualmente, usa-se a mesma palavra para designar “mão” e “braço”, sendo ambos expressos por *ruká* (que, no TLC, encontra-se no caso acusativo singular, isto é, *rúku*). O mesmo acontece, com relação aos membros inferiores, onde *nogá* pode ser, ao mesmo tempo, “perna” e “pé”.

Embora existam as palavras específicas para designar, precisamente, “mão” e “pé” – quando houver ambigüidade – normalmente, o ouvinte ou interlocutor terá que inferir o significado, a partir do discurso falado ou escrito. Uma tal particularidade, talvez, pudesse ser denominada de “idiosincrasia” de uma língua.

Neste ínterim, o filho-de-coronel, todo-poderoso, lhe dirige a palavra, recriminando-a: “A *senhora dona* queria ficar com aquele, hein?!”.
 Pode-ser dizer que há certa redundância em “senhora dona”, no entanto, existe um propósito em tudo isto. Por exemplo, o termo “dona” ameniza o tom formal e respeitoso de

“senhora”, sendo aquele mais inerente à da linguagem popular. Assim, os dois epítetos juntos se compensam. Se o uso, apenas, “dona” seria demasiadamente familiar, quase “vulgar”, o termo “senhora”, sozinho, indicaria muita formalidade. O que vemos, na versão inglesa, em relação a isto, é formalidade pura. A saber: *My lady wanted to stay with him, did she?* Tratamento mais formal, além de estar na 3ª pessoa do singular – mais impessoal, sendo esta linguagem muito refinada para a ocasião.

Na versão russa foi tomado de empréstimo o termo “senhora” (como muitas vezes acontece, quando os personagens são de fala hispânica), mas o tratamento é *ty* (tu), e as palavras que se seguem mostram certo desprezo, em uma linguagem popular, coloquial, e muito informal, evidenciada em *fu-ty* e *nu-ty*, pois *fu* é uma interjeição que expressa profunda desaprovação, desprezo ou até, “nojo” – enquanto *nu* pode expressar crítica ou surpresa. Assim, temos: – *Nu, chto, a? – Senhora fu-ty, nu-ty khotiéla uítí s tiém típom, a?*

Em retroversão: “E aí, hein? – A senhora queria – ‘benza Deus’ – ir embora com aquele ‘tipinho’, hein?”. A tradutora russa – tudo indica – acrescentou o termo “tipo” (ou “tipinho”) à tradução mantendo-se dentro do contexto geral de “pouco apreço”. Prossegue o narrador: “Caminharam para casa. Mas para a casa do Beco do Sem-Ceroula onde só há três prédios – cada um deles com gramofone tocando, de cornetão à janela – e onde gente séria *entra* mas não *passa*” – mais um ‘jogo de palavras’ de Guimarães Rosa, dando a entender que o lugar era freqüentado por ‘gente séria, sim’, mas, para manter as aparências, oficialmente, evitado. Sente-se a atmosfera “brega” na descrição. O termo “ceroula” – por outro lado – remete aos tempos coloniais, pois esta peça de vestuário é mais própria para os climas frio e temperado, entretanto, pode ter sido, também, usado pelo autor, por “eufemismo”.

No entanto, há certa dubiedade no trecho acima, pois dá margem a mais de uma interpretação. Se no TLP “[...] onde gente séria *entra*, mas não *passa*” poderia ser entendido como “[...] *quer entrar*, mas é *barrado*”, a tradução em língua inglesa – *enter but do not stroll past* dá idéia da primeira hipótese, isto é: “gente séria consegue entrar, mas não fica passeando em frente”.

Em russo, quanto ao trecho acima, vemos *i kudá poríádotchnyie liúdi naviédaiutsa, no nié dliá progúlok*, que em retroversão equivale a “e onde pessoas *decentes* comparecem, mas não para dar um passeio”. Vemos o eufemismo de que se valeu a tradutora russa, dando a entender sobre o “caráter” da casa em pauta.

No que diz respeito ao topônimo “Beco do Sem-Ceroula”, ambas as tradutoras – a americana e a russa – traduziram o mesmo, a saber, por: *No Underpants Alley* e (v)

perieúlkie Beschátannikof, respectivamente, onde o termo russo, genitivo plural de *Bieschtánniki*, equivale, na verdade, a “Sem-Calças” – algo que lembra *Sans-Culottes*, em francês, cujo conceito surgiu nos tempos da Revolução Francesa.

Em inglês, também, não houve uma tradução exata, pois se usou um hiperônimo, pois *Underpants*, que pode incluir vários tipos de roupa íntima, tanto cuecas como ceroulas. Continua o narrador: “Nisso, porém transpuseram o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em-nome-do-padre para *saudar* a porta da igreja”. Na versão de língua inglesa, tem-se: [...] *and Mr Augusto stopped, took off his hat, and made the sign of In-the-name-of-the-Father, out of deference to the church door*. Foi evitada – para “saudar” – uma tradução literal, que seria *greet* ou *compliment*. Foi escolhida, em vez disso, a expressão *out of deference*, que mostra respeito, até mesmo “veneração”, por se tratar de uma coisa sagrada, e não profana: uma igreja.

Em russo foi usada uma forma verbal que equivale a “fazer o sinal da cruz”, isto é, *perekrestílsa na dviêri tsêrkvi*, ou melhor, “*benzeu-se*, na porta da igreja – o que equivale ao dito no TLP, mas expresso com outras palavras. Segue-se a descrição do “Beco do Sem Ceroula”: “Mas o lugar estava bem alumiado, com *lanterninhas* e muita luz de azeite, pendentes dos arcos de bambu” – onde houve um acréscimo da palavra *Japanese* na tradução inglesa de [...] *com lanterninhas*, resultando em *But the place was well lighted, with Japanese lanterns and many oil lamps hanging from the arches of bamboo*, o que foi inferido pela tradutora, em vista da expressão “*arcos de bambu*”, encontrada mais adiante.

Pode-se observar a forma “alumiado” – derivado do nome “lume” – segundo Houaiss, originário do latim vulgar *alluminare*. Como se vê, no TLP é um termo mais pertencente à linguagem popular do que seria “iluminado”, pertencente, preferencialmente, ao padrão.

Em russo, diferentemente da versão inglesa com referência às “lanterninhas”, lê-se, apenas, *fonárikami* (caso instrumental plural de *fonáriki*), isto é, “com lanterninhas”, sem nenhuma especificação extra. Assim, tem-se: *No miésto èto býlo iárko osveschenó fonárikami i mnójestvom másliannykh svetíl'nikov, svissávchykh s bambúkovykh árok*. Em retroversão: “Mas o lugar era vivamente iluminado por lanterninhas e muitas *luminárias* a óleo, pendentes de arcos de bambu”.

Onde em português se usa, muitas vezes, na qualidade de modificador, uma *locução adjetiva*, como no TLP, “de azeite” e “de bambu”, em russo preferem-se *adjetivos*, propriamente ditos, pela facilidade de se empregar sufixação para formá-los. Assim, tem-se,

para as locuções, mencionadas acima: *másliannye* (“a óleo”, ou “de azeite”) e *bambúkovye* (“de bambu”), devidamente declinados.

Na próxima página, o leitor haverá de se convencer de que a participação de Nhô Augusto no “leilão de igreja” não passou de um ato de exibicionismo, de gabolice, para mostrar o seu poder, assim como ser aclamado pelo povo – como, realmente, acontecera.

Por este motivo, findo o leilão e longe dos olhos da multidão, Nhô Augusto não faz nada mais que “dispensar” Sariema, mostrando, ainda, o desprezo que sentia pela sua “forma física”.

3.4.1.5 TLP, p. 345; TLC-1, p. 267-268; TLC-2, p. 345-346

Após a dispensa da Sariema, “Nhô Augusto olhou a mulher” e falou: “– Que é?! [...] Você tem perna de manuel-*fonseca*, uma fina e outra *seca!*”, onde, no TLP, se usou da rima (“fonseca/seca”), com um ar jocoso, que se perde na tradução de língua inglesa.

Apesar disso, a tradutora americana usa, também, de ironia, ao dizer: *A fine pair of shanks you’ve got – one skinny and the other scrawny*, onde *skinny* e *scrawny* são, praticamente, sinônimos.

Apesar de não haver rima, houve – no entanto – aliteração entre os dois adjetivos, na repetição do som consonantal [s]. Por outro lado, *shank* equivale em português a “canela” (parte da perna abaixo do joelho) – a parte visível da perna – em uma época em que as mulheres ainda não podiam se exhibir em calças compridas, ou *jeans*, privilégio, apenas, do sexo masculino. Em russo, tem-se: *Chto takóie?! U tiebiá odná nogá – kotchiergá, vtoráia – spítchka, a samá ty tchumítchka!* – onde houve lugar para uma rima entre *nogá* (“perna”) e *kotchiergá* (“atiçador de fogo”) assim como entre *spítchka* (“fósforo”) e *tchumítchka* (termo coloquial: “suja”). Em retroversão, ter-se-ia: “O que é? Você tem uma das pernas, igual a um vergalhão (“atiçador”), e a outra – igual a um fósforo, enquanto você mesma é uma “sujismunda”.

Conforme o dicionário monolíngue de Ójegov, *kotchiergá* é um vergalhão de ferro que serve para atiçar o fogo e as brasas, enquanto *tchumítchka*, no sentido figurado, é uma pessoa pouco asseada.

O termo “sujismundo”, aqui usado na retroversão, é, na verdade, uma gíria nordestina que teria provindo de uma possível aglutinação entre e “sujo” e “imundo”. Como, na sua forma puramente fônica, “sujismundo” carrega certa semelhança com o nome próprio

germânico *Siegismund*, passou a ter certa conotação cômica, sendo muitas vezes usado de maneira pejorativa para designar alguém, em más condições de higiene.

O que se conclui do dito acima é que houve um afastamento proposital do TLP para criar uma rima, na versão russa – ao mesmo tempo em que se mostrou o desprezo, contido na fala de Nhô Augusto em relação a Sariema, recém-leiloadada, no intuito de dispensá-la. O discurso de Nhô Augusto, no entanto, não termina por aí, que continua: “E está que é *só osso*, peixe cozido sem tempero [...]”, onde a expressão grifada foi traduzida, em russo, pelo idiomatismo: *Kója da kósti* que, na retroversão, equivale a “Só pele e osso” para designar alguém excessivamente magro, e o restante: *vývarennáia rýba biéz priprávy* (“peixe supercozido, sem tempero”). O prefixo *vy-* acrescentado ao verbo *varít* (simplesmente, “cozinhar”) dá uma idéia de “tempo excessivo” na cocção, sendo dito de algo que, de tão longamente cozido, perdeu o sabor.

Enquanto isto, em inglês, lê-se: *Why, you are nothing but bones, fish cooked without seasoning*, sem os detalhes da versão russa.

E, para finalizar, Nhô Augusto chega ao auge (clímax) da ofensa: “*Capim pra mim*, com uma *sombração* dessas!” – frase que foi plenificada, tornando-se uma oração, do ponto de vista da sintaxe, na versão inglesa: *I’d deserve to eat grass if I took a spook like this [...]*.

O termo “sombração”, evidentemente representa a forma popular para “assombração”, com apócope da vogal inicial que se confundiu com o artigo feminino, singular – como muitas vezes ocorre nestes casos. O termo *spook*, no entanto, pertence ao inglês dito padrão.

Para a sentença acima, na versão russa, acrescentou-se um ditado popular para melhor descrever a situação, os sentimentos de Nhô Augusto, a saber: *Nié slast’, a strast’*, com rima entre *slást’* (doçura) e *strást’* (paixão, sofrimento), que, na retroversão, soaria da seguinte forma: “Em lugar de prazer (doçura), sofrimento”, seguindo-se de expressão idiomática (negritada) em: *chtob mnié propást’, takóie tchúchielo*, onde *chtob mnié propást’* soa como uma maldição ou uma praga e que, na retroversão, equivale a “que a maldição recaia sobre a minha cabeça” – ou “macacos me mordam” – (literalmente, “que eu me dane”) e o restante: “com um *espantalho* destes!”.

Vimos, portanto, que foi conservada, na versão russa, a intenção de Nhô Augusto – expressa no TLP – de “desclassificar” e não aceitar a personagem Sariema, acompanhada, de um lado, de uma “auto-valorização” por parte de Nhô Augusto que não merecia alguém

tão “pouco apresentável” como a Sariema, e, por outro, a expressão de auto-crítica, caso a sua atitude fosse em sentido contrário.

Vimos que, na versão russa, não foram usados os mesmos termos que os encontrados do TLP, sendo que o que ocorreu, de fato, foi uma verdadeira “re-criação” do TLP, visando-se ao mesmo fim. Nisto, Nhô Augusto a dispensa, decisivamente, com: “Vá-se embora, frango-d’água! Some daqui!” – o que foi apresentado em inglês, como *Get out, you crake! Beat it* – sendo *Beat it* – uma expressão bastante coloquial.

Quanto ao termo *crake* – referido acima – o dicionário monolíngue do *Heritage* apresenta-o como *marsh bird* (isto é, “ave de pântano”), embora no português não fique claro, em “frango-d’água”, de que tipo de “água” se trate. Podemos observar que português brasileiro, o termo “pântano” é, muitas vezes, substituído pelo termo “brejo”, que também é usado em expressões pejorativas, ou demonstrando situações sem solução, como em: “a vaca foi pro brejo”.

Em russo, para “frango d’água” lemos: *bolótnaia kurótchka* – (galinhazinha de pântano), tendo o termo *bolóto* (isto é, “pântano”) – de onde deriva *bolótnaia* (adjetivo singular, feminino) – uma conotação um pouco negativa, pois o “pântano” (*bolóto*) – geralmente, não inspira uma idéia de “bem-estar” ou “conforto”.

Vemos, portanto, como já foi comentado em outras oportunidades, que a correspondência entre o TLP e os respectivos TLCs, isto é, “as traduções”, apresenta variações, podendo esta correspondência, raramente, vir a ser “total”.

Nhô Augusto chega a empurrar “a rapariga” que, de tão humilhada, “abriu a chorar o choro *mais sentido* da sua vida” – *who began to shed the most heartfelt tears she ever wept in her life* – e desce *correndo* uma ladeira, “porque era só cristal e pedra solta”.

“Chorar o choro” nos parece uma tautologia, um pleonasma, bastante comum na linguagem popular. Quanto à versão inglesa, havemos de convir tratar-se de uma tradução, bastante poética.

Com referência à cena, comentada acima, podemos nos deter para refletir sobre a “estética” feminina, através dos séculos e podemos observar que houve grandes mudanças nos dois últimos séculos. Ainda no século XVIII, admirava-se a mulher das formas opulentas, que era sinal de saúde e, talvez, de fertilidade (basta lembrar, para tanto, os quadros do pintor Rubens). Muito antes, na época do Renascimento, por exemplo, as “Três Graças”, de Botticelli, apresentam um abdômen, um pouco “avolumado”, uma discreta barriga, diríamos que, em muitas culturas, inclusive na russa (na qual se admirava o *jelubók*, isto é, “pequeno ventre”), era uma alusão à “fertilidade”.

Já no ingresso mais ativo da mulher no mercado de trabalho houve uma espécie de “masculinização” – a mulher passaria a usar roupas masculinas, cabelo curto e até ser-lhe-ia permitido adquirir alguns dos “maus hábitos”, masculinos, como, por exemplo, “fumar”. A indústria queria um operário padrão, um agente administrativo padrão, onde a diferença de gênero não ressaltasse aos olhos.

Com o grande desenvolvimento da “sétima arte” – o cinema, a televisão – começou o ditame do “magro”, isto é, das “magras”, da magreza, em si, pois esta produzia uma bela imagem nas telas, nas fotos, sendo este modelo imposto à sociedade, para ser seguido. Podemos, aqui, como exemplo, mencionar a famosa estátua da Vênus de Millo, antigamente um modelo supremo de beleza, hoje, já nem tanto, por ser considerada, um tanto “sem cintura”, isto é, “fora dos padrões atuais”.

Hoje, então, não apenas, com a indústria da moda, a *haute couture*, o que se exige é que as “modelos” – estas, verdadeiros “cabides ambulantes” – exibam as novas criações com o máximo de elegância, que, com certeza, não combina com nenhum excesso de peso. Inclusive, pode se dizer que as tabelas de peso foram niveladas para baixo, chegando a quase alcançar o nível absurdo de “quanto mais magra, melhor”.

Se há uma tendência de empregar modelos de aspecto mais saudável – afinal a média da população está muito longe deste padrão “magérrimo” de beleza – deve ser coisa muito recente, pois há um ano ou dois, o que predominava era o *heroine* – droga – *look*!

De um lado, a mídia; de outro, as descobertas da Medicina, segundo a qual as pessoas deveriam, e isto também diria respeito ao sexo masculino, manter-se dentro de um determinado padrão, no que se refere à relação entre “altura e peso”. Assim, a “opulência de formas” deixou de ser sinônimo de saúde, e poderia, ao contrário, ser sinal de colesterol alto, riscos vasculares no futuro, além de outros males que crescem, com a vida moderna.

Mas na época (primeira metade do século XIX) e na região onde atua Nhô Augusto a escassez de tecido adiposo não era sinal de beleza, haja vista que no caso de falta de provisões, de uma fome generalizada, quem morreria primeiro seriam os magros!.

Para finalizar, vem-nos à memória uma palestra proferida pelo Dr. Elsimar Coutinho, no Campus I do auditório “Caetano Veloso” da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) há alguns poucos anos, de que haveria, realmente, um fundamento “científico” para que o sexo masculino admirasse um bom quadril, afinal, disse o ilustre cientista: é daí que o feto, a futura criança, iria tirar os seus nutrientes! Desta forma, as crenças populares não deixam de ter certo fundamento.

Voltando ao cotejo, ao comentário do TLP, temos – o que nos informa o “narrador” – depois de que Nhô Augusto desce, correndo, uma ladeira cheia de pedregulhos e “cristal” (em inglês *all quartz and loose shale*):

Lá em baixo, esbarrou com o *camarada* (*At the foot he ran into one of the ranch hands*) que trazia recado de Dona Dionóra: que Nhô Augusto voltasse, ou ao menos *desse um pulo* até lá – à casa dele, de verdade, na Rua de Cima (*to stop by there – by his house, his real house on the Rua de Cima*) – porque ainda havia muito arranjo a *ultimar* para viagem, ([...] *because there were still a lot of last minute things to do for the trip*) e ela – a mulher, a esposa (*his wife, his spouse*) – tinha uma ou duas coisas *por* perguntar [...] (*had one or two matters to ask him about*).

Temos – no discurso do patrão – uma mistura de expressões populares “esbarrou com o camarada”, “desse um pulo lá”, com termos mais rebuscados, como “ultimar”.

Vemos a boa solução, encontrada por Harriet de Onís, na tradução de “muito arranjo a ultimar” – como vemos acima – assim como infere do contexto de que este “camarada” era um ajudante nos trabalhos da zona rural (*ranch hands*).

Na versão russa, por outro lado, foi usada para “o camarada”, a palavra *podiónschik*, o que significa, nada menos que, “diarista”, algo que, também, deve ter sido inferido do contexto, acrescentando um pouco de imaginação. Assim, lê-se:

Vnizú on natknúlsa na odnovó svoevó **podîenschika**, kotóry kak raz chól s porutchiêniem ot dony Dionóry: pust’-de Nhô Augusto vreniótsa domói ili, por kráinei miêre, **zaglianet tudá** – v svói dom, nastoiáschi, chto na **Viêrkhnei úlitse**, potomu-chto piêred **dorógoi** ieschió mnógo chto nújno sdiélat’ i iêi – jenié, suprúguie, – nádo by sprossít’ kóie o tchióm, odín-dvá vopróssa.

Em retroversão: “Embaixo ele deu de encontro com um diarista seu, o qual – justamente – ia com um recado da parte de dona Dionóra: que ele, Nhô Augusto, voltasse para casa ou, pelo menos, desse um pulo lá (literalmente “desse uma olhadinha” ou “espiada lá”) – na sua casa de verdade, que está na Rua de Cima, porque antes da viagem (literalmente “da estrada”), ainda havia muito que fazer e ela – a mulher, a esposa – necessitava fazer-lhe uma ou duas perguntas”.

Com relação à versão russa, vemos que foi traduzido o topônimo “Rua de Cima” diferente do inglês. “Ultimar” ou qualquer idéia de “último” foi evitada – ficando implícita – pois o que lê é que *piêred dorógoi ieschió mnógo chto nújo sdiélat’* (isto é, “antes da viagem, há muito que fazer”). O interessante que *doróga* significa, literalmente, “estrada”, usada aí, metonimicamente.

A partícula, posposta – “*de*” em *pust’-de* – muitas vezes se usa *mol*, com a mesma função: mostrar que se trata de uma reprodução de fala alheia, isto é, a de dona Dionóra, que o mensageiro Quim transmite.

O idiomatismo “dar um pulo lá” foi traduzido, em russo, por outro idiomatismo *zaglianút’ tudá* (literalmente, “dar uma espiada lá”) – como foi dito acima – não havendo, portanto, em ambas as versões, referência a “pulo”. Como se sabe, os idiomatismos podem ter uma equivalência, mas, geralmente, são traduzidos por outros idiomatismos, bem diferentes.

Mas Nhô Augusto não faz questão de atender ao pedido da esposa, faz ar de pouco caso (como diria o povo, “não daria a mínima”) e manda dar o “recado pelo avesso”, no que manifesta, mais uma vez, o seu caráter egoísta, arrogante e voluntarioso. Cometa o narrador: “Mas Nhô Augusto nem deixou o mensageiro *acabar de acabar*.” – no que se vê a particularidade da linguagem de Guimarães Rosa. Neste caso, há uma amostra da fala “popular”.

Em inglês, lê-se: *But Nhô Augusto did not even let the messenger finish* – e na versão russa: *No Nhô Augusto dáje nié dal poslú dogovorít’*, isto é, “Mas Nhô Augusto nem deixou que o mensageiro acabasse de falar”.

Como já foi observado em outras ocasiões, a grande possibilidade de prefixação, no idioma russo, assim como a categoria do “aspecto verbal” pode dar a entender se a ação foi realizada várias vezes ou só uma vez, se foi concluída, ou está em processo, e se o tempo de duração da mesma foi breve, ou não. Isto vem a conferir à língua russa, muitas vezes, um caráter “mais sintético”. Assim *dogovorít’* significa “acabar de falar”, graças ao prefixo *do-* que indica fim de uma ação, como pode ocorrer em muitos outros verbos, sendo derivado da forma primitiva *govorít’* (simplesmente, “falar”).

Nhô Augusto interrompe o mensageiro, como foi visto acima, e manda dizer seguinte: “Desvira, Quim, e dá o recado *pelo avesso*: eu lá não vou! [...]”, sugere que Quim apronte os animais e, assim, ajude a esposa e a filha a voltarem para o Morro Azul. Da mesma forma, ordena avisar de que não precisaria dos seus homens (“hoje não preciso dos meus homens, não”).

O que Nhô Augusto não suspeita é o que está sendo preparado por estes *homens* seus – de quem dissera não precisar mais, naquele dia fatídico. Nem se precisasse: os tais capangas já tinham mudado de lado, ido procurar guarida ao lado de um grande inimigo seu – como haveremos de ver – já que este outro “coronel”, no sentido figurado (aliás, “Major”),

lhes oferecera condições muito melhores, enquanto Augusto Matraga nem lhes pagava devidamente.

Está para acontecer a “grande virada” na vida de Nhô Augusto, o seu “calvário”, o qual – não resta dúvida – foi-lhe útil, porque acabou por fazer dele um ser menos feroz, e muito mais humano.

Para esse momento difícil na vida de Nhô Augusto, quando tudo indica que uma verdadeira “tempestade” está a ponto de desabar sobre a cabeça do todo poderoso e destemido “coronel”, pode-se citar nada menos que dois *ditados populares*: o primeiro é que a “desgraça nunca anda sozinha”, e mais outro que fala que “um dia a casa cai”. Convém lembrar que a sabedoria popular está aí corroborada por outros estudos: os esotéricos, os espíritas, entre outras teorias religiosas e filosóficas que lidam com o “surreal”, o “paranormal”, enfim, aquilo que é invisível a olho nu, etc. Estas concluiriam de que haveria um acúmulo da assim chamada “energia-negativa” que atingiria Nhô Augusto, em cheio, na forma de uma “punição” para alguém que, afinal, também na expressão popular, “já havia aprontado por demais das contas”.

Afinal, como se haverá de descobrir, em breve, não são apenas os seus capangas que o abandonarão, é, também, a sua esposa que irá deixá-lo, e partirá na companhia de “outro homem”, pois aquela última manifestação de “descaso” do seu marido – a que Quim Recadeiro testemunhou – deve ter sido “a gota d’água”.

Quim Recadeiro correu para dar o recado, enquanto Nhô Augusto “ia indo em busca de qualquer luz em porta aberta, aonde houvesse *assombros* de homens”, pois, concluiu-se, sempre queria estar presente aonde quer que houvesse uma briga, “para entrar no meio ou “desapartar”. Pois, Nhô Augusto, como já foi visto no início da narrativa, não perdia a oportunidade de se fazer notar, de “aparecer”.

Enquanto o termo “assombros” poder trazer ao leitor certa dúvida quanto ao seu significado, o LGR, por sinal, traz o termo como sendo “provinciano”, com sentido de “reunião tumultuada, briga, rolo”, por se fazer alguma associação com o verbo “assombrar” podendo a se chegar a interpretar “assombro de homens” como “sinal de homens”. Na versão inglesa, tudo está bastante claro: *And Quim Messenger ran to deliver the message while Nhô Augusto went on looking for some light in an open doorway, where there might be **trouble among men**, to join them or **turn his back on them**.*

É óbvio que “desapartar” não é o mesmo que *turn his back on them*, pois esta denota uma ausência de ação, enquanto “desapartar”, muito ao contrário, denota “intromissão” para acabar com a briga. Não se sabe, no entanto, por que motivo a tradutora

americana optou por esta variante. De qualquer forma, trata-se de duas antíteses, tanto no TLP quanto no TLC. A versão russa, também, não menciona “desapartar”, nem tão pouco algum desentendimento entre “homens”. Assim, temos: *I Kim, possyl’ny, pobejál s porutchênem, A Nhô Augusto zachagál pó úlitse, pogliádyvaia, niét li gdié sviéta iz otkrýtoi dviêri, chtoby udivít’ sobrávchykhsia neoydannym svoím poiavliênem libo ukhódom*. Em retroversão, temos: “E Quim, o mensageiro, correu com o recado, enquanto Nhô Augusto deu largos passos pela rua, espiando onde poderia haver luz de dentro de uma porta aberta, para *surpreender* os que aí estivessem reunidos, com sua *inesperada aparição*, ou com a sua *saída*”. Vimos como a tradutora russa modificou o texto a seu bel-prazer. Embora o TLC esteja bastante modificado, em relação ao TLP, cabe, mesmo assim, no presente contexto.

O narrador aproveita a oportunidade, para observar a natureza que, também, não está “nada favorável”, pois: “Era fim de outubro, em ano *resseco*”.

Em russo, para traduzir o termo grifado, foi necessária uma paráfrase: *zassúchlivy iz zassúchlvivkyh* (literalmente, “o mais seco dos secos”) em *god výdalsia zassúchlivy iz zassúchlvivkyh*, isto é, “o ano resultou dos mais secos”.

Em inglês lançou-se mão de uma redundância, a saber: *It was the end of October in the year of withering drought*.

A tradutora conseguiu, desta forma, enfatizar o termo *drought* (seca) por meio do modificador *withering*, que, segundo Michaelis, equivale a “que murcha, que seca” – daí resultando um pleonasma, a saber: “uma seca que seca – ou – que murcha”.

Tudo indica que a tradutora americana lançou mão de um pleonasma para acompanhar “o tom enfático”, encontrado no TLP, e que ficou manifesto através prefixo “re-” que intensifica o sentido de “seco”. Segundo Houaiss, onde o termo está dicionarizado, “resseco” equivale a “bastante seco, extremamente seco” – e teria surgido por derivação regressiva de “ressecar”.

Além da seca, parece que tudo parecia, por assim dizer, “parado”, inspirando tédio, o que está expresso em: “um cachorro *soletrava*, longe, um *mesmo* nome, *sem sentido*. E ia, no alto do mato, a *lentidão* da lua”. Vemos a imagem do cachorro “soletrando” uma conotação para “latia”. Na versão inglesa, conserva-se a conotação, a saber: *In the distance a dog spelled out one single, meaningless name. And over the roof of he forest moved a sluggish moon*.

O termo *forest* tira um pouco da “cor local”, expressa em “mato” – que poderia ser traduzido por *wood* ou *brushwood*, já que o termo *forest* nos dá idéia de árvores maiores,

talvez até, de coníferas, ou de uma “selva” (por exemplo, como em *rain forest*, expressão usada para referir-se à floresta amazônica).

Em suma, não haveria, de qualquer modo e qualquer que fosse o termo escolhido, uma correspondência total, pois o mesmo se refere a uma “realidade extralingüística” diferente, pelo fato de o “mato” ser composto de uma vegetação, desconhecida dos habitantes de regiões de clima temperado. Na versão de língua russa, lemos: *Vdalí poskúlival piós, vyvodíl slógui, slivávchyessia v odnó i to je bessmýslennoie ímia. A nad mestiêtkom medlítel’no proplyvála luná*. Em retroversão: “Ao longe, choramingava (ou “gania”) um cão, soletando (literalmente, “produzindo”) as sílabas, que se uniam num mesmo nome, sem sentido. E acima do lugarejo, flutuava (literalmente “navegava”), lentamente, a lua”.

Pode-se notar, no trecho acima transcrito, que – embora a tradutora russa tenha se referido a “soletar” ao usar a expressão *vyvodíl slógui*, a qual, literalmente, equivale a “produzia sílabas” – ela resolveu deixar mais explícito, precedendo-a por *poskúlival*. Este verbo, onde tanto o prefixo *po-* como a desinência *-ivát’* denotam repetição da ação, representam a forma do pretérito de *poskúlivat’* – verbo freqüentativo, derivado de *skulít’* (“ganir, choramingar” – aquilo que em inglês se denominaria de *whine*) – um som, produzido, tipicamente, por cães, como se fosse um “lamento canino”. A escolha de *piós* (“cão”) em lugar de *sobáka* (“cachorro”) foi, ao que parece, uma questão de “estilo”, sendo aquele (*piós*) mais literário, e este (*sobáka*), mais familiar.

Em seguida, quando Quim chega a dar o recado de Nhô Augusto à sua esposa, dona Dionóra, de “olhos sérios”, esta teve vontade de chorar, pois estava cansada desta destemperança e descaso do marido, embora não quisesse dar mostra dos seus pensamentos diante do mensageiro. Enquanto isso, a filha de ambos, Mimita, reitera a sua vontade e satisfação em viajar para o Morro Azul. Assim, temos:

Dona Dionora, que tinha belos cabelos e olhos sérios, escutou aquela resposta e *não deu ar* de seus pensamentos ao pobre camarada Quim. Mas muitos que eles eram, a rodar por lados contrários e atormentar-lhe a cabeça, e ela estava *cansada*, pelo que, dali a pouco, teve vontade de chorar [...].

Aí, temos uma expressão meio-coloquial que deve significar “não manifestou, não revelou”, no português padrão. A tradução russa diz: *nitchiém nié vúdala svoíkh dum* [...], isto é, “não revelou de maneira alguma /por nenhum indício/ os seus pensamentos [...]”. Para a versão inglesa, temos: *Dona Dionora [...] listened to that reply and gave no inkling of her thoughts to the poor ranch hand* [...], onde *to give inkling*, segundo o dicionário monolíngue

de Chambers, é a mesma coisa que *to hint at*, com o que se vê que a tradutora americana tentou, também, usar um idiomatismo, na tradução, para imitar o TLP.

Para traduzir a frase: “Mas muitos que eles eram, a *rodar por lados contrários* e a para *atormentar-lhe a cabeça* [...]” foi usada, em russo, a linguagem figurada, tanto para “rodar por lados contrários”, como para “atormentar-lhe”, a saber: *No dum býlo mnógo, i vsié chli vrazbród i raskályvali gólovu* [...], onde *raskályvali gólovu* significa nada menos que “fendiam/partiam/-lhe a cabeça”, enquanto *vrazbród* é um advérbio¹²⁸ usado na expressão *chli vrazbród*, isto é, “caminhavam desordenadamente”, ou, “para lados diferentes”.

É interessante observar que a palavra *vrazbród* deriva do verbo *brodíti* (“vagar”), em que prefixo *raz* dá idéia de separação, distanciamento, enquanto o outro prefixo *-v* faria o papel do sufixo “-mente”, no português, indicando a maneira como a coisa fora feita. É, enfim, uma expressão, pertencente à linguagem popular.

Nota-se que para “rodar” (em “rodar por lados diferentes”), temos apenas *chli* (“andavam” ou “caminhavam”), pois *vrazbród* faz o resto. Mais uma prova de que as línguas possuem expressões idiomáticas diferentes, que não podem ser traduzidas com uma total correspondência.

Na versão inglesa, a tradutora utilizou a expressão *rolling down opposite slopes* (em *But they were many, rolling down opposite slopes* [...]), com relação aos pensamentos, “a rodar por lados contrários”, no que se nota a presença da linguagem figurada.

Por outro lado, quando alguém fala, em português “atormentar a cabeça” (ver citação acima) está, na verdade, usando de uma *metonímia*, pois o que está sendo atormentado, na verdade, não é a *cabeça*, mas o que está dentro dela, isto é, *o cérebro*, ou melhor ainda, a consciência, a mente.

Em inglês, por sua vez, consagrou-se o uso, neste caso, de *mind*, e não *head*, o que parece ser bem adequado para esta situação e neste contexto. É o que sempre se observa ao se comparar várias línguas: se existe uma expressão “feliz” para um determinado fenômeno ou ocasião, em uma determinada língua, poderá tal expressão faltar, na outra língua, e vice-versa. Desta forma “a atormentar-lhe a cabeça” foi adequadamente traduzido por *tormenting her mind*. Em português, é óbvio, também é possível dizer-se “a atormentar-lhe a mente”, mas a expressão usada pelo autor tem um cunho mais popular ou coloquial.

Na versão russa – como no TLP – também se usou o termo “cabeça” (*golová*), mas dentro da expressão *raskályvali gólovu* (já mencionada acima), isto é, “fendiam” ou

¹²⁸ Cf. VÓINOVA: “advérbio, coloquial”.

“rachavam a sua cabeça”: o que não deixa de ser linguagem em sentido conotativo, um “idiomatismo”, enfim, que se enquadra bem no contexto.

De forma que – como já foi dito antes – o que se pode concluir é que os idiomatismos – de língua para língua – variam na sua “forma externa”, proporcionando, assim, “matizes” ou “coloridos”, diversos, ao discurso.

3.4.1.6 TLP, p. 346; TLC-1, p. 268-269; TLC-2, p. 218-219

E dona Dionóra, após ter enxugado suas lágrimas, sorriu, e até achou que era melhor ir ao retiro, longe dos olhos do povo, que notava o “pouco caso” que o marido lhe devotava. Assim, temos:

E então, Dona Dionóra enxugou os olhos e também sorriu, sem palavra para dizer. De voltar para *o retiro*, sem a companhia do marido, só tinha que se alegrar. *Sentia pelo desdêixo*. Mas até era bom do comércio, onde todo o mundo devia estar falando da desdita sua e do pouco-caso, que não merecia.

Segundo LGR, “desdêixo” (em “Sentia pelo desdêixo”) é uma variante de “desleixo”, sendo esta última pertencente ao padrão. Como já foi dito, Guimarães Rosa usa termos regionais, coloquiais, muitas vezes “cria palavras”, pois não lhe agrada usar as palavras “desgastadas pelo uso”, com a carga semântica empobrecida.

Em inglês, o que Harriet de Onís escreveu foi: *Nevertheless, she regretted it because of the affront it implied*. Vemos que não se fala de “desleixo” – ou “desdêixo” ou algo parecido –, mas de “afronta” (*affront*), esta, certamente, praticada por Nhô Augusto, marido de Dona Dionóra que, desta forma, estava afrontando-a. O trecho inteiro soa da seguinte forma:

Whereupon Dona Dionóra dried her eyes and smiled too, but without saying a word. To return to that **remote ranch**, without the company of her husband, could only be because for happiness. **Nevertheless, she regretted it because of the affront it implied**. Still it was a good thing to get way from **the town**, where everybody was probably talking about her misfortune and the **neglect** she did not deserve.

Na verdade, no TLP, a palavra “desdêixo” aparece como sinônimo de “pouco caso” que, na última frase, foi traduzida por *neglect* pela tradutora americana, não deixando fora, desta forma, a idéia do “desdêixo”.

O escritor Guimarães Rosa trabalha muito seu texto (como ele confessou, em várias ocasiões) escolhendo bem suas palavras, mas isto, às vezes, pode vir a apresentar

algumas dificuldades para alguns leitores. Assim como os potenciais leitores brasileiros de James Joyce, radicados nos Estados Unidos, e que esperavam por uma tradução mais “compreensível” do romance *Ulysses* quando fosse traduzido para o português (ver Cap. 2). Pode-se dizer que os tradutores de Guimarães Rosa, às vezes, podem servir, de certa forma, como “intérpretes” do seu texto.

Ao lermos a referência acima mencionada sobre “o retiro” no TLP não nos vem à mente (pelo menos imediatamente) de que tipo de “retiro” se trata. Afinal, para o habitante urbano, a idéia de “retiro” é ligada a instituições religiosas, para onde as pessoas “se retiravam” para meditar longe da agitação da vida urbana, da *vanitas vanitatis*, sobretudo para rezar.

Desta forma, a tradução de Harriet de Onís de “retiro” para *remote ranch* acaba jogando “mais luz” para a compreensão da passagem, acima mencionada.

Não está, tão pouco, excluída a hipótese de que a tradutora americana tenha consultado o próprio Guimarães Rosa, com quem manteve uma correspondência regular, durante vários anos, colhendo as mais diversas informações, das quais algumas estão arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP, já que Harriet de Onís só se considerava uma boa conhecedora e tradutora de textos em língua espanhola, e não do português.

Podemos lembrar que a tradutora americana se propôs a traduzir o texto completo de *Sagarana* para o inglês depois de ter lido uma versão de “Hora e Vez de Augusto Matraga” em língua espanhola, publicada em uma revista argentina¹²⁹.

No que se refere à versão russa, temos para “Sentia, pelo *desdeixo*”: *Ievó prieniebriejênie pritchiniálo iêi bol'*, onde se vê que foi usado um número maior de palavras que no TLP. Em retroversão, temos: “*Seu desprezo lhe doía*” – ou – “a machucava” (literalmente: “causava-lhe dor”), demonstrando uma sensação um pouco intensificada.

E Dona Dionóra pensou no marido: “em casa fechado em si”, não se importando nem com a filha. Tanto fazia estar na fazenda, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul: era sempre o mesmo homem, sem amor, sem sentimentos. Continua o narrador: “Dela, de Dionóra, gostava, às vezes; *da sua boca, das suas carnes*. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com *o que houvesse de pior*”, ou com o “jogo do *truque* e as caçadas”.

¹²⁹ Cf. Cap 2 deste trabalho.

A reflexão de Dona Dionóra mostra um homem brutal, prepotente, promíscuo e pouco devotado à família. Guimarães Rosa, quanto à vida conjugal, se expressa “sem rodeios”, quase como um escritor “naturalista”, ou, melhor, como o povo “da roça” falaria, nesta oportunidade.

Seria eufemismo, por exemplo, dizer que Nhô Augusto “só gostava do *corpo* de Dona Dionóra”, ou que a queria só para “fazer sexo” e nada mais, pois esta é uma linguagem dos tempos atuais, praticada – preponderantemente – pela assim chamada “classe-média” urbana – e influenciada pela mídia – e não seria aquela usada pelos habitantes da zona região rural, naquela época.

Por este motivo, Dona Dionóra, que o conhecia bem, “temia os *repentes* de Nhô Augusto. Duro, *doido* e sem *detença*, como um bicho grande do mato”. Em inglês temos:

And she was familiar with and feared Nhô Augusto’s **outbursts**. **Hard, rough** and **unbridled**, like a huge beast of the forest [...] In her, Dionóra, on occasion, he took pleasure, in her mouth, her **flesh**. But only that. The rest of the time he was always with his **bodyguards**, with **drabs**, the vilest **offscum**.

Vemos que a idéia de “doido” foi omitida da versão inglesa, pois *hard* e *rough* são, praticamente, sinônimos; enquanto “sem detença” é uma expressão de cunho popular, traduzida de maneira bastante “adequada” pelo adjetivo *unbridled*, isto é, “sem freios”.

O leitor – é claro – percebe que “detença” é derivado de “deter”, portanto fica fácil de inferir o seu significado, embora não pertença à NURC. Sente-se, aí, a marca do falar do sertão. Houaiss o apresenta como sinônimo de “detimento” – mais conhecido como “detenção”¹³⁰.

Pode-se dizer que *her flesh*, não resta dúvida, é uma tradução bem adequada para “suas carnes”, do TLP, sendo *flesh* geralmente usado no sentido da “luxúria”, ou como antagonista de “alma” – já que *meat* é apenas alimento.

Com relação a *bodyguards*, este termo “generalista” (na verdade, um hiperônimo) – como já foi dito - tira toda a “cor-local”, contida em “capangas”, pois pode ser usado para simples “guarda-costas” dos tempos atuais. No curso do cotejo, veremos, no entanto, que a tradutora americana vem a traduzir este termo nordestino das mais diferentes formas.

¹³⁰ Pela sua desinência, “detença” vem lembrar uma outra palavra do sertão, saber, “sustança”.

Quanto a “repentes” do TLP – em relação a *outbursts* da versão inglesa – podemos dizer que o termo, em português, é um tanto eufemístico, com certo caráter de “neutralidade”, embora possa se referir à “imprevisibilidade” de uma pessoa, enquanto em inglês, *outbursts* diz respeito a “explosões”, o que atesta o caráter tempestuoso ou até mesmo “violento” de Nhô Augusto.

Com relação às “mulheres à toa”, como foi visto acima, foi traduzido por *drabs* sem eufemismos – o que nem sempre acontecia em outras ocasiões – certamente para não deixar dúvidas quanto à questão da companhia em que andava Nhô Augusto, marido da Dona Dionóra.

A tradutora americana volta a se referir tanto à fazenda como ao retiro do Morro Azul como *ranch*, sendo aquela *the big ranch*, e este, *the smaller one*. Assim, temos: *On the big ranch, that of Saco-da-Embira, in Pindaíbas, or the smaller one of Morro Azul, he had other pleasures, other women, card games, hunting trips.*

O jogo do “truque” foi traduzido – como se vê acima – pelo hiperônimo *card games* talvez por não se ter encontrado uma equivalência. Segundo Houaiss, o “truque” é “um certo jogo de cartas em que podem participar dois adversários, mano a mano, ou quatro parceiros, em duplas, e em que correm apostas”. Adiante, no próximo item, temos: “espécie de *bilhar* (jogo)”.

Talvez, por este motivo, a tradutora russa tenha escrito: *V imiêniakh – v Saco-da-Embira, v Pidaíbasse ili v pomiêste Morro Azul – u nievó býli druguíe udovólstvia, druguíe jênschiny, billiárd, okhóta*. Em retroversão, temos: “Nas fazendas – no Saco-de-Embira, nas Pindaíbas, ou na propriedade rural do Morro Azul – ele tinha outros praz – ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo de bilhar – ou ‘sinuca’ – as caçadas”.

Na versão de língua inglesa temos o sintagma preposicional *with the vilest offscum* isto é, “com a mais vil escória”, que resume a frase “com o que houvesse de pior” – a escolha da tradutora americana não podia ter sido melhor tendo até, talvez, deixado ainda mais intenso o que se lê no TLP.

Na versão russa para “repentes” tem-se *díkie výkhotki* o que equivale a: “desatinos” – ou “despropósitos” – “selvagens”, enquanto para em “detença”, precisou-se de uma paráfrase: *ni v tchióm nié znáiuschi udiérjku* – “sem conhecer limites – isto é, ‘detença’ – para coisa alguma”.

Por coincidência, existe, também, na língua russa, um termo equivalente a *unbridled*, que foi usado na versão de língua inglesa e que corresponde ao adjetivo *nieobúzdann*. A semelhança está em ser esta palavra derivada do radical *uzdá*, que equivale –

justamente – a *bridle* (rédea), podendo ser traduzida, em português, por “sem freio”. Isto prova que a escolha dos termos depende, muitas vezes, da escolha, ou estilo, do tradutor. A versão russa, neste caso, está, de certa forma, mais “próxima” ao TLP, mas ficou com o sentido um pouco intensificado, com a expressão *ni v tchióm* (“em nada” ou “em coisa alguma”).

Em russo, lê-se: *A vóditsa viêtchno s bandítami, s guliáschimi diévkami, so vsiákim otrîebiem*, onde a última palavra (caso instrumental de *otriêbie*) equivale, segundo Vóinova, a “gentalha, ralé, escória social (humana)”. Seria um termo equivalente ao termo *offscum* – usado pela tradutora americana, mas, diferentemente do inglês, *otrêbie* só é usado com relação a “seres humanos”. Em retroversão, tem-se: “E ele anda, eternamente, no meio de – ou “se dá com” – bandidos, com mulheres da vida, com todo o tipo de escória”. Não se pode, portanto, excluir a possibilidade de que a tradutora russa tenha se valido da versão inglesa, ou de versões em outras línguas, para efetuar a sua tradução, pois estas foram cronologicamente anteriores.

Como se vê acima, a oração “com os capangas” foi traduzida por *s bandítami*, instrumental plural de *bandíty* (bandidos), com relação a que podemos dizer que *bandíty* deixa de ter a “cor local”: aquela conotação de “capangas” como matadores profissionais, “agregados” – uma espécie de “exército particular” dos “coronéis” do Nordeste, e sempre a serviço dos mesmos. Como já se expressaram a respeito da assim-chamada “realidade extralingüística”, tanto os lingüistas como os ‘tradutólogos’, “se existe a coisa, existe o nome” – sendo a recíproca igualmente verdadeira.

No entanto, Dona Dionóra rezava sempre para trazer o marido, “pelo menos, até a meio caminho direito”, mas tudo em vão, sendo “sem efeito as suas orações e promessas”. Assim, continua o narrador: “E sem efeito eram sempre as orações e promessas com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até o meio caminho direito”. Na versão inglesa, lê-se: *And the prayers and the vows by which she endeavored to bring him halfway, at least, to the path of righteousness were of no avail*. Podendo a expressão grifada ser considerada com uma figura de linguagem. Em russo, lê-se: *I nikakóvo tólku nié býlo ot molítv i obiétov s pómoschíu kotórykh oná upovála vernút’ ievó – khot’ v kakói-to miére – na put’ ístinny*. Em retroversão: “E não havia resultado nenhum das orações e votos com ajuda dos quais ela confiava fazê-lo voltar – que fosse, de certa forma – para o caminho da verdade”.

A versão russa é bastante poética, com emprego de termos próprios ao discurso religioso, tais como *obiét* (acima, no caso genitivo plural) que equivale a “voto”, ou “promessa”, apenas no sentido religioso. A forma verbal *upovála* é pretérito do verbo de

aspecto “imperfectivo” *upovát* – dicionarizado por Vóinova como “livresco”, mas podendo, também, ser qualificado, como “poético” ou de cunho “religioso” significando “confiar” ou “esperar”, isto é, “ter esperança”. A mesma coisa pode ser dito a respeito de *put’ ístinny* – caminho da verdade, expressão, normalmente, encontrada nos Evangelhos.

Além disso, há expressões idiomáticas, tais como *nikakóvo tólku nié býlo* – onde a ordem está invertida para frisar as duas palavras-chave, iniciais, além de *v kakói to miére*, que poderia ser traduzido por “até certo ponto” – literalmente “em alguma medida” – acentuado por *khot’*, isto é, “pelo menos”. Desta forma, resulta um estilo bastante elevado, apropriado para uma meditação ou enlevo religiosos. Continua o narrador: “Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai *pancrácio*” – o termo grifado, pouco usual, foi traduzido por *fond*, em: [...] *the only son of a fond father*, este não sendo um termo rebuscado, mas sim, padrão.

Já foi mencionado neste trabalho que leitores brasileiros, radicados nos EEUU, dirigiram-se para o editor Alfred Knopf ao saber da tradução de obras de Guimarães Rosa, frisando que gostariam de ler estas traduções, já que não conseguiam entender Guimarães Rosa, no original (vernáculo) – de modo semelhante como o teriam feito os potenciais leitores de James Joyce em *Ulysses*. Também foi mencionada a opinião do teórico americano Lawrence Venutti, expressa na sua obra *Translator’s Invisibility*, onde o seu autor frisava ser uma tradição dos tradutores americanos simplificar e, portanto “domesticar” o TLC, para que o leitor americano não tivesse dificuldade de entendê-lo, com isto, muitas vezes prejudicando a “cor local”.

O mesmo se observa na frase citada acima. É muito mais fácil entender a expressão *a fond father* do que o termo “pancrácio”, que não é um termo usual. A definição que Houaiss apresenta para “pancrácio”, na segunda acepção, é “o que não tem inteligência ou juízo”, com a sinonímia de “tolo”. Desta forma, a tradução esperada seria *silly* (ou *foolish*) e não *fond*.

A primeira acepção do termo “pancrácio” designa um tipo de “exercício atlético”, assim como um gênero de plantas. Houaiss examina a formação da palavra, composta do prefixo *pan* – que significa “todo” – e *cratos* – “força, poder”, portanto, devendo significar “todo poderoso” (tendo este significado no idioma grego, do qual deriva). O dicionário de Michaelis não deixa dúvidas sobre o significado do termo: s.m. *simpleton, fool, idiot*.

O que se pode concluir desta escolha da tradutora americana é que ela deve ter chegado à conclusão – inferindo do contexto – que se este pai de Nhô Augusto fazia todas as vontades ao filho único, criado “à louca e à larga” (a *wild and loose childhood*), é porque o

amava em demasia. É a esta maneira de criar que Dona Dionóra atribuía, hoje, a falta de “detença” e a violência do marido.

Na versão russa, lê-se para “pancrácio” – *pustogólóvy*, literalmente, “de cabeça oca” – portanto, condizente com o significado apresentado por Houaiss e Michaelis. Assim, lemos: *Takím on byl s diétskikh liét, kogdá ni v tchióm nie znál otkáza i vsié emú potakáli, edínstvennomu synkú pustogólóvogo papáchy* – isto é, “Assim era ele desde os anos de criança, quando nada lhe era recusado (literalmente ‘quando ele não conhecia o sentido de uma recusa’, ou de um ‘não’) e todos faziam suas vontades, a ele, o único *filhinho* de um papai sem cabeça (ou ‘desajuizado’)”.

Pode-se notar um tom de “ironia” no uso do diminutivo em *synkú* (caso dativo singular de *synók*, isto é, “filhinho”) e certa familiaridade ou, igualmente, ironia no diminutivo *papácha* (acima, no caso genitivo singular). Enquanto *potakáli*, pretérito de *potakát’* – foi dicionarizado por Vóinova como termo “coloquial”, que significa “favorecer”, “mostrar indulgência”, entre outras acepções.

Pode-se dizer que a tradutora russa foi bastante mais explícita que o TLP, desdobrando-se em explicações a respeito do que poderia estar subentendido na frase do autor, isto é, “uma meninice à louca e à larga”.

Dona Dionóra conclui que ela “tivera culpa, por haver contrariado e desafiado a família toda, para se casar”. Com a morte do coronel Alfonsão, o pai de Nhô Augusto, tudo “piorara”, conclui Dona Dionóra. Assim, lemos: “*Mais estúrdio*, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto” – onde a expressão grifada foi traduzida, na versão inglesa, por *more irresponsible*.

Embora “estúrdio” seja um termo menos usual em comparação a *irresponsible*, segue-se a isto, *devil-may-care*, um verdadeiro idiomatismo para traduzir “*estouvado*”. Assim, temos: *Now, with the death of Colonel Afonsão, the situation had grown even worse. No question about it. Nhô Augusto was becoming more irresponsible, devil-may-care, and reckless.* Na versão russa, lê-se: *Nhô Augusto stanovílsa vsió razgúl’nee, vsió beschabáchnee, sovsiém poteríál uzdú* (TLC, 219). Em retroversão, temos: “Nhô Augusto estava se tornando cada vez mais boêmio, mais irresponsável, perdendo totalmente a rédea” – com certa inversão dos termos da oração, em relação ao TLP, teve lugar a posposição do sujeito com o intuito de colocar os modificadores (“estúrdio”, “estouvado”, “sem regra”) em evidência.

Mas, estes estavam longe de serem os únicos males, apresentados por Nhô Augusto. O seu descontrole emocional o tinha levado, também, ao fracasso econômico.

Assim, temos: “E com dívidas enormes [...]” – em inglês está: *and with crushing debts*. Na versão inglesa, *crushing*, na verdade, significa “esmagadoras”, tornando a expressão mais pitoresca do que o TLP.

Na versão russa, neste particular, recorreu-se a um ditado popular, onde temos uma rima, a saber: *I v dolgú, kak i v chelkú*, significando “estava endividado, da mesma forma como estava vestido em seda”. O que significa, aproximadamente, se “trocarmos em miúdos” – como diz a fala popular – teremos: “– Embora aparentasse luxo, estava todo endividado” ou “– Estava todo endividado, porque gastara todo o seu dinheiro em objetos de luxo, como seda, jóias, etc” – ou mesmo “– O luxo dele era apenas aparente, pois estava todo endividado”.

Além das “dívidas”, havia fracasso em outras “frentes” – diz o narrador: “[...] política do lado que perde (*on the losing side, politically*), falta de crédito (*his credit gone*) as terras no desmando (*his lands neglected*), as fazendas escritas por paga (*his ranches mortgaged*)”.

Enquanto no TLP, a linguagem do trecho, acima citado, é coloquial, popular, digamos, até “regionalista”. No inglês temos “o padrão”, como muitas vezes acontece.

Em russo, lê-se: [...] *v smýsle **polítiki** vsegdá na tói storonié, chto tiêrpit porajênie; **kredíta** nikakóvo, ziêmlí v zápustiênii*, isto é, “[...] no que tange a política – literalmente, ‘no sentido da política’ – sempre do lado que perde, sem nenhum crédito, as terras no abandono”, e, finalmente, *pomiêstia opíssany v uplátu za dolgú* – que dá, também, idéia da hipoteca, como foi deixado “explícito” na versão inglesa.

Na verdade, esta última frase do trecho acima, na versão russa se assemelha ao que está escrito no TLP, uma expressão de cunho popular: “(as fazendas) *escritas por paga*”. Assim, em retroversão, tem-se: “as fazendas escritas – literalmente “descritas” – para pagamento das dívidas”. E para finalizar o parágrafo: “[...] e tudo de *fazer ânsia* por diante, sem portas, como parede branca”. Aqui o autor usou de uma imagem, de uma comparação, imitando uma linguagem popular, com ênfase na oralidade.

A versão inglesa é: [...] *and **the outlook** hopeless, all doors closed like a blank wall* – o que não deixa dúvidas sobre seu significado, enquanto o TLP parece ser de mais difícil entendimento.

Nota-se que houve uma “mudança de enfoque” na tradução, com relação ao TLP – um procedimento, de tradução, que os especialistas em “Estilística Comparada”, Vinay et Darbelnet, chamariam de “modulação”: o lado negativo da questão, no TLP, está concentrado no substantivo “ânsia”, enquanto a versão inglesa o coloca no adjetivo *hopeless*,

já que o termo *outlook* em si, é, muitas vezes, usado para referir-se às boas perspectivas do futuro. Na versão russa, lê-se: [...] *vsió skládyvalos' tak, chto stanovílos' stráchno za búduschee: výkhoda niet, slopchnáia biélaia stiená*. Está mais explicitado, pois foram usadas paráfrases.

Em retroversão, tem-se: “[...] *e tudo se arranjava de tal forma, de dar medo quanto ao futuro* (literalmente “que se ficava com medo do futuro”) – não havia *saída*, apenas uma parede branca *por inteiro*”, onde o início da frase inicial foi acrescentado para maior explicitação.

Em lugar de “sem portas” – que pode ser considerado um sentido figurado no TLP (ao mesmo tempo em que pode ser tomado em sentido denotativo, pois “portas” são elementos integrantes de uma “parede”) – temos “sem saída” (*biéz. výkhoda*). O termo *splóchnáia* foi, também, acrescentado para dar ênfase, indicando que havia uma grande e extensa parede e nada mais. O narrador, que personifica o pensamento e as recordações de Dona Dionóra, conta-nos agora da sua vida em comum com aquele marido: “Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais”. Aqui aparecem ecos de “intertextualidade”, notando-se influência da prosa de Machado de Assis. Em inglês, temos: *Dona Dionóra had loved him for three years, for two years she had given him the benefit of the doubt and for the rest she had endured him*. À primeira vista, fica-se sem entender a necessidade de usar o termo *benefit*: este seria, no caso, uma espécie de “chance” de, posteriormente, tomar uma, ou outra, decisão? Dona Dionóra teria dado o benefício das dúvidas a Nhô Augusto – *had given him the benefit*, isto é: ele aparece como o beneficiado pelas “dúvidas” da esposa, enquanto no TLP Dionóra entrega dois anos de sua vida “às dúvidas”: são aqueles dois anos que se seguiram aos três anos iniciais – e felizes – da sua vida matrimonial. Além da mudança de *enfoque*, a linguagem, na versão inglesa, parece ser de um nível um tanto “mais elevado” que o vernáculo. Na versão russa, temos: *Dionóra liubíla ievó tri góda, dvá otdalá somniêniam; vsié ostal'nyé oná ievó terpiéla*. Em retroversão: “Dionóra o amou três anos, dois ela entregou às dúvidas, todo o resto ela apenas o tolerou”. Vemos, portanto, que a versão russa difere da inglesa.

O que acontecia é que “agora” a situação tinha mudado e era isto que “muito angustiava” à dona Dionóra, por causa das possíveis conseqüências a que esta nova situação podia levar: afinal, o marido dela era um sujeito violento e já tinha matado várias pessoas.

Assim, prossegue o narrador: “Agora, porém tinha aparecido *outro*. Não, só de *pôr aquilo na idéia*, já sentia medo [...] Por si e pela filha [...] Um medo imenso”.

Temos aqui uma linguagem popular em “[...] só de *pôr idéia* naquilo, (sentia medo)” –traduzido para inglês padrão, com: *Just to think of this (filled her with fear)*.

Na versão russa temos uma inovação: *No stóilo khot' tchuti-tchut' dát' vóliu étim mýsliam i iêi stráchno stanovílos' [...]* – “Mas bastava, apenas, dar vazão – ou “liberdade” – *um pouquinho* (em russo *tchút'-tchút'*) que fosse – a estes pensamentos, que ela se enchia de terror”. Temos a expressão idiomática *dát' vóliu* – que significa “soltar”, “conceder liberdade”, assim como a expressão tirada da linguagem popular: *tchut'-tchut'*.

Em seguida – “Um medo imenso” foi traduzido no inglês por *An immense fear* – uma tradução, digamos, “literal”. Enquanto isto, em russo, *Stráchno do dróji* – significa: “Com medo, de arrepiar” – ou, mais literalmente, “até tremer”, portanto, “uma recriação”, ou linguagem mais poética, “figurada”. Tinha medo, sim, pois Nhô Augusto era capaz de matar uma pessoa, e aqui Dona Dionóra se lembra de uma dessas ocasiões: “Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de *matá-la*. Para isso, ele prestava muito. *Matava mesmo*, como dera conta do homem da foice, *pago por vingança*”.

Esta última expressão foi traduzida no inglês para *who had been hired to settle the score*. Em retroversão teríamos: “que tinha sido contratado para ajustar as contas [...]”.

Adiante, lemos no TLP: “(vingança) *de algum ofendido*” – subentende-se: “ofendido pelo próprio Matraga. A tradutora americana, aqui, deixa este trecho um pouco mais explícito, a saber: (*to settle the score*) *of someone her husband had offended* – como se lê no TLC. A re-criação, desta forma, pode sempre estar presente, no processo de tradução, com acréscimos, deixando o texto mais explícito – alguns, até mesmo, diriam: “mais claro”.

Em russo, o período ficou bem mais extenso:

Slutchís' takóe, oná uítí k drugómu, Nhô Augusto byl by **vpolnié** spossóben ubít' eió. Na èto diélo on godílsa, **eschió kak**. Ubivál **nié razdúmyvaia**, kak **kriestíáinin-sertanejo**, kotóromu zaplatíli, chtoby on otomstil za oskorbliènie, naniessiônnoie zaplatívchemu.

Em retroversão temos: “E aconteceu uma tal coisa. Matava, sem refletir, como ao *camponês-sertanejo*, que foi pago para vingar a humilhação causada àquele que lhe pagara”. Vemos que algumas coisas foram modificadas pela tradutora russa – como “sem refletir” (*biéz razdúmia*) que está em lugar de “Para isso, sim, ele prestava”.

A construção deste período, na versão russa, está muito mais extensa, além de parecer, inicialmente, um tanto “complexa” – ou até mesmo, “atrapalhada” – causando certa dubiedade.

Isto se deve ao fato de que a “primeira parte” do nome composto *krestíáin-sertanejo*, não está devidamente declinada como deveria estar – passando para *krestíánina* – já que o nome todo está na função sintática de “objeto direto”, que corresponde ao caso do acusativo singular na língua russa.

A forma que se encontra no TLC *krestíáin*, sem a desinência “-a”, corresponde, na verdade, ao caso “nominativo” singular (caso do “sujeito”), o que nos poderia levar a acreditar, inicialmente, de que o camponês é que seria o autor do homicídio.

Por outro lado, a falta de declinação, encontrada no nome *krestíáin* se deve, certamente, ao fato de que o “segundo elemento” do nome composto, isto é, “sertanejo” – tomado de empréstimo – não se declinou por não se enquadrar nos “parâmetros” da declinação russa, em que não há *nomes masculinos* que terminem em “-o”- (como é o caso de “sertanejo”).

No TLP, no entanto, com a expressão “dera conta de” fica claro que “o homem da foice” foi vitimado por Nhô Augusto.

Na versão inglesa aparece a expressão “homem da foice” -*the man with the scythe* – (em: *He would kill, just as he had done in the case of the man with the scythe, who [...]*) na versão russa não há menção de “foice”, tendo ela sido substituída por “camponês-sertanejo”, como foi visto, acima.

Na verdade, a “foice”, no período soviético, fazia parte do símbolo “foice e martelo”, incluído na bandeira da URSS, onde a “foice” estaria representando toda a classe camponesa, enquanto o “martelo” simbolizava a classe operária, que, na época, era a mais prestigiada. Ademais, quem se lembrar deste símbolo haverá de perceber que esta é uma foice de cabo curto, própria para cortar o trigo, que é uma cultura de clima temperado. No Brasil, a foice é de outro tipo – é uma foice de cabo comprido, própria para se capinar.

Finalmente, poderíamos concluir que o emprego do termo “sertanejo” – tomado de empréstimo – a tradutora russa procurou dar um tom de “cor local”, mesmo que artificialmente, ao TLC.

3.4.1.7 TLP, p. 347; TLC-1, p. 269-270; TLC-2, p. 219-220

Apesar de tudo, do medo, Dona Dionóra se indaga, mesmo assim, se não era melhor se entregar “à sua sina”, seguindo este novo caminho que a vida lhe oferecia, quando faz, naquele momento, o “balanço” dos “prós” e dos “contras” que poderiam advir desta sua nova relação. Assim, lemos: “Mas, quem sabe se não era melhor (TLP, p.346) se entregar à

sina, com a proteção de Deus, se não fosse pecado... Fechar os olhos” (TLP, p.347). Na versão inglesa temos: *But who knows but what it might be better to follow her destiny, with the protection of God, if it weren't a sin ... Close her eyes.*

A este respeito, podemos comentar que “sina” (em “Quem sabe se não era melhor se entregar à sua *sina*”) é um vocábulo mais peculiar à fala popular do que o termo *destiny* na versão inglesa, como se lê acima. *Fate*, embora sinônimo, seria um termo menos erudito e, por isso, mais próximo a “sina”. Por outro lado, *destiny* parece estar mais intensamente carregado de sentido que *fate*¹³¹.

Houaiss, por sua vez, apresenta o termo “sina” como calcado no latim *signa*, plural de *signum*, isto é, “sinais” ou “indícios”. Estes sinais, entenda-se, poderiam estar nos astros, nos objetos mágicos, na natureza, etc.

Enquanto isso, na versão russa, tem-se: *Kak znat', byt' mójet, lútche býlo by predátsa na vóliu sudbý, vviériv sebiá popetchiêniu bójiu, no viêd' griékh [...] Zakrýt' glazá.* Em retroversão: “Como saber, talvez fosse melhor entregar-se à vontade do destino, confiando a sua pessoa à proteção divina, mas deve ser pecado... Fechar os olhos”.

Notamos que há diferenças sutis entre o TLC e a versão russa.

Enquanto, no TLP, lemos “[...] se não fosse pecado [...]” – digamos uma condição, ou uma hipótese – em russo há uma dúvida, mas quase com tom de afirmação em *no viêd' griékh* (“mas é pecado” ou “mas deve ser pecado”).

Foram também usadas mais palavras, tornando o discurso mais extenso para “com a proteção de Deus”, traduzido para “confiando na proteção de Deus” ou “divina”. Na verdade, temos em russo o adjetivo *bójia*, isto é, “divina”, forma feminina de *bóji*, e que está no caso dativo singular no texto russo – *bójiu*. Se, no entanto, fosse usado o substantivo, equivalente a “Deus” em russo, notar-se-ia que esta palavra estaria grafada em letras minúsculas, isto é, *bog*, como explicaremos em outra oportunidade.

Dona Dionóra pensa “no outro” e o compara com o marido, Nhô Augusto, constatando a “grande diferença” que havia entre ambos. Assim, tem-se: “E o outro era diferente! Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente *deve* gostar”. Guimarães Rosa expressa toda a intensidade que pode haver em um gostar, em um amor. Na versão inglesa, temos: *And the other was so different*, onde houve intensificação com o acréscimo de “*so*”. Este tipo de “intensificação” é comum à estrutura da língua inglesa. Na versão russa, lê-se: *A tot, drugói, sovsíém inóvo*

¹³¹ Cf. CHAMBERS.

skláda, isto é, “E aquele outro era de feitio, *totalmente* diferente”, tendo conferido ao texto uma maior expressividade, através do uso da palavra *sovsiém* – “totalmente”.

E o que se depreende da narrativa é que este outro a estava chamando para segui-lo, no que se sentia, na sua voz, uma “força grande de amor calado” (*a great strenght of unspoken love*) “e uma *paciência quente*, (*a warm patience*) *cantada*, para chamar pelo seu nome: [...] (*singing as he called her by her name: [...]*)” .

É interessante o emprego dos adjetivos “quente” e “cantada” junto ao nome “paciência” – quase uma “personificação” ou sinestesia.

No que se refere à versão de língua inglesa, citada acima, pode-se observar, por exemplo, que enquanto no TLP temos “cantada” como mais um modificador de “paciência”, a tradutora americana encontrou outra solução, pois *singing* equivale, de fato, a “cantando”, acoplando-se bem com o que segue *as he called her name: [...]* (“quando ele chamou pelo seu nome: [...]). Na verdade, foi uma bela solução, sem prejudicar o sentido do TLP. Na versão russa, lê-se: [...] *liúbit eió ótchen’ [...]* *Ból’che tchém govorít, ból’che tchem soznaiót – tak kak doljny liubít’ liúdi’* (em retroversão: “[...] e a *ama* muito [...] Mais do que ele diz, mais do que tem consciência – daquele modo como as pessoas deveriam *amar*) .

Pode-se dizer que, em russo, o verbo “gostar” – *nrávitsa* – é muito fraco para designar assuntos de “amor” assim como *like* em inglês, sendo que na versão inglesa, também, se usou *love* (amar): *He loved her very much. More than he even said, more than he knew, the way people should love.*

Nrávitsa, na verdade, que é um verbo, onde o objeto de apreço fica na função sintática de sujeito (como acontece no idioma espanhol, onde para “eu gosto de X”, tem-se *me gusta X*), mostra, apenas, alguma *simpatia*, e não, propriamente, *amor*. Em seguida, temos: *I pólon ogrómnoi síly, kotóruui daiót bezmólvnaia liubóv’ i pólon terpênia, no goriátchevo, pevútchevo – kak on vypeváiet eió ímia [...]*. Em retroversão: “E cheio de uma força *enorme* que dá um amor *calado* (literalmente, “que não se pronuncia”) e cheio de paciência, porém (uma paciência) *quente*, cantante (ou “que canta”) – como, quando ele pronuncia, cantando, o seu nome ... Dionóra”). Com “enorme” como modificador de “força”, acontece uma “intensificação”. Os dois modificadores para “paciência” permanecem como no TLP.

E este homem chama Dionóra, juntamente com a filha, convidando-a para segui-lo, com as seguintes palavras: “Dionóra ... Dionóra, vem comigo, vem comigo e traz a menina, que *ninguém não* toma vocês de mim! [...]”, onde “[...] que *ninguém não* toma vocês de mim [...]” foge ao padrão com a dupla negação. Embora a dupla negação exista no inglês

coloquial, a tradutora usou o padrão: [...] *for no one is going to take you away from me!*. Em russo, por sua vez, a dupla negação é comum, faz parte do “padrão”. Assim, temos: *Niktó vas u mieniá nie otrúmiet*, havendo duas negações, a concentradas em *niktó* (ninguém) e *nie* (não). Em retroversão: “Ninguém (não) tirará vocês de mim!” Continua o narrador: “E, assim, mal *madrugadinha escassa*, partiram as duas – Dona Dionóra, no cavalo de *silhão*, e a Mimita, *mofina* e *franzina*, carregada à frente da sela do camarada Quim”.

Aqui temos um termo específico para montaria: “silhão” – segundo Houaiss, é um aumentativo de “silha”, que ele indica como sinonímia de “cadeira”, mas definido como “sela grande, com estribo de um só lado e arcão semicircular, em que cavalgam mulheres trajando saias”.

Na versão inglesa temos para este termo *sidesaddle*, que mostra ser uma sela que se coloca “de lado”, dicionarizado pelo Heritage (*a saddle designed so that a woman may sit with both legs on one side*), focalizando a funcionalidade deste tipo de sela, enquanto o termo em português focalizou a forma do objeto (em forma de “silha”, no aumentativo, isto é, “cadeira” grande).

Na versão russa, está enfocado o gênero: *Dona Dionóra na konié s dámskim siedlóm*, isto é, “Dona Dionóra, no cavalo, com sela *feminina* – ou “sela para as damas”.

Com referência à menina Mimita, temos dois adjetivos: “mofina” e “franzina” – na versão inglesa, lemos: [...] *and Mimita, frail and delicate* – não sendo *frail* um termo de cunho regionalista, como “mofina”. O mesmo pode-se dizer sobre “franzina” – termo mais pertencente à fala popular do que *delicate*. Por outro lado, *frail* não inclui a idéia de “doentio”, inerente ao termo “mofino”, sendo, portanto, quase um sinônimo de *delicate*, tradução do segundo termo – “franzina”.

Na versão russa, temos: *khrúpkaia i bolièznennaia*, isto é, “frágil e *doentia*” – tendo aí ocorrido uma inversão da ordem dos termos, pois “mofino”, segundo o LGR, é que significa “doentio, enfermiço” e está, na versão russa, em segundo lugar (como se o segundo termo fosse consequência do primeiro, “franzina” – traduzido como *khrúpkaia*).

Segundo o LGR, “mofino” é um termo “arcaizante, de conotação afetiva e *depreciativa*” – já utilizada por autores como Machado de Assis e Coelho Neto. Por sua vez, o termo “franzino” é um termo mais moderno, que já entrou no padrão, e que Houaiss define como “que tem talhe fino” (provavelmente derivado de “franzir”).

É interessante observar-se que *frail*, além de significar “frágil”, também pode significar “quebradiço” – como os termos *khrúpki* (mas.) – *khrúpkaiua* (fem.) – em russo¹³², o que nos leva a crer que a versão inglesa foi usada, como etapa intermediária, na tradução do TLP para o idioma russo. Quanto ao trecho: “[...] (e a Mimita [...]), carregada à frente da sela do *camarada* Quim – em inglês: [...] *in the saddle of ranch hand, Quim*, em que a tradutora americana – tendo inferido esta informação do contexto – acrescenta um sentido adicional a “camarada Quim”, traduzindo-o por [...] *ranch hand, Quim*. A versão russa emprega o termo *podîenschik* (diarista) como epíteto de “Quim”, como já fora mencionado anteriormente.

Como informa o narrador: “Pernoitaram na Pua Alto, no sítio de um tio *nervoso*, que riscava a mesa com as unhas e *não cansava* de resmungar – [...] *who kept scratching the table with his nails, and never stopped muttering* – Fosse eu, fosse eu ...Uma filha custa sangue, filha é o que tem de mais valia [...]”.

É interessante notar-se que a expressão “não cansava de [...]” – (ou “não parava de [...]”) seguida de uma outra ação, expressa no infinito verbal, pode – em russo – resumir-se a uma só palavra, a saber: *vsió*, isto é, “tudo”. Assim, temos: *Notcheváli v Pau-Alto, v ussád’be diádiuchki, tcheloviéka niérvnovo, kotóry skriób nogtiámi stol i vsió bubníl*. Em retroversão: “Pernoitaram em Pau Alto, no sítio do *titio*, uma pessoa nervosa, que raspava a mesa com as unhas e resmungava, *sem parar*” – onde a expressão “sem parar” está expressa unicamente pelo pronome *vsió* (“tudo”).

Isto não quer dizer – de modo algum – que a versão russa é sempre é mais “concisa”. Muitas vezes, acontece o contrário: a tradutora russa se esmera em deixar “explícito” aquilo que está subentendido, temendo que uma maior concisão leve a um mau entendimento da sua versão. Há, também, que levar em conta as próprias “limitações” das línguas. Há, realmente, expressões, praticamente, “intraduzíveis” em uma determinada língua que necessitam de verdadeira “paráfrases” na outra e vice-versa.

Os especialistas em “Metodologias do Ensino de uma Língua Estrangeira” devem ter observado, por exemplo, que o falante da LE, na verdade, fala uma “interlíngua” e que, sem se dar conta, está transpondo estruturas da língua-mãe para a LE e, ao fazê-lo, transpõe – quanto ao léxico – algumas expressões “literalmente”, o mesmo ocorrendo na sintaxe. Assim, um falante nativo do idioma russo, ao falar o português poderia se ver tentado, inconscientemente, a dizer “e tudo resmungava” em lugar de “não se cansava de resmungar”.

¹³² Cf. MICHAELIS.

Mas um tradutor, por exemplo, que assim procedesse não estaria agindo daquela maneira que se espera – hoje em dia – que um tradutor proceda.

Dona Dionóra admite sua culpa em ter escolhido mal o seu marido quando diz: “– *Sorte* minha, *meu tio*” – aqui “sorte” vem como sinônimo de “sina” e “destino”, sendo, desta vez, traduzido por *fate*: *It’s my fate, Uncle* [...]. Em russo, lê-se: *Sud’bá u mieniá takáia, diádiuchka*, onde foi empregada a palavra *sud’bá* para “sorte”, com o sentido de “destino”. Em retroversão: “Esta é a minha sorte, titio” ou “É a sorte que eu tenho [...]”. O termo para “sorte”, em russo, seria *jriêbiy*, pois *sudibá* é mais formal, significando, antes de tudo, “destino”. A correspondência entre as línguas nunca é total, pois “sorte” possui uma polissemia, podendo, também, ser usada na expressão “boa sorte”, onde tanto em russo, como no inglês, se usariam outras palavras, a saber: em russo – *udátcha* – e em inglês – *good luck*. Naquele momento, o tio comenta o que ele acha, quanto à questão da “sorte”, onde se vê uma bela imagem de personificação: “Sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos [...] *Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia* [...]”. Na versão inglesa foi conservada a imagem, como se vê a seguir: *Fate is never one’s alone, it is of two, it is of everybody* [...] *Fate is born every morning, and it is already old by noon* [...].

Naquele instante, Don Dionóra assume a culpa diante do tio com as palavras: “*Culpa eu tive, meu tio* [...]” – que é uma frase afirmativa, mas que vem a ser traduzida por uma interrogação, em inglês, a saber: *Was it my fault, Uncle?* [...] – uma mudança de retórica. Em russo, lê-se: *Iá bylá vinováta, diádiuchka*, isto é, “Eu fui culpada, titio” – o que mostra certa humildade em admitir a culpa. A inversão sintática, colocando “culpa” – o objeto direto – no início da frase no TLP, serviu para fins de “destaque”, o que não ocorreu nas demais versões.

Pode-se, também, observar como foi tratada a expressão “meu tio”, nas diversas versões. Assim, no TLP, “tio” está no grau normal, porém precedido do possessivo “meu” – o que equivale, na versão russa, ao grau diminutivo *diádiuchka*: “titio”. Enquanto isto, *Uncle* foi homenageado com uma inicial maiúscula na versão inglesa, o que revela certa “formalidade” no relacionamento.

“Quem não tem, quem não a teve?” – retruca o tio – “Culpa muita, minha filha” – sendo esta última frase uma linguagem “mais sintética” do que *There are lots of faults, daughter*.

A versão russa parece ainda mais sintética que a do TLP graças à omissão do verbo de ligação, no tempo presente, como é de praxe no idioma russo, assim como a inexistência da classe gramatical dos artigos: *A viná niemálaia, dótchen’ka* – literalmente: “E

culpa não pequena, filhinha”, sendo *niemálaia* o antônimo de *málaia*, esta equivalente a “pequena”.

Vemos, desta forma, que as traduções nunca são “transposições” exatas – como queriam os teóricos “prescritivistas” – pois os sistemas lingüísticos são diferentes, e as culturas divergem em muitas coisas. Por este motivo, teremos, na maioria das vezes, apenas, “transposições”, isto é, “traduções” aproximadas.

O tio menciona a mãe de Nhô Augusto, que morrera “com ele ainda pequeno”, e relembra, também, o falecido pai, Coronel Afonso, fazendo-lhe a devida crítica: “Seu sogro era *leso*, não era p’ra chefe de família”, que, em inglês, fica da seguinte maneira: *Your father-in-law was a fool who was not fit to be the head of a family*.

A respeito do termo sublinhado, podemos dizer que, segundo o LGR, o sentido de “leso” coincido com o que escreveu a tradutora americana, isto é, “tolo, idiota, amalucado” – um termo regionalista e popular – ambos de origem latina, sendo o cognato “ileso” – diferente de “leso” – pertencente à norma culta. Segundo Houaiss: “aquele que sofreu lesão física”, e entre outras acepções, também: “aquele que age como doido, amalucado [...]”. Na versão russa, temos: [...] *Sviókr tvói byl poloúmny, kakói iz nievó glavá sem’í* [...]. Em retroversão: “O teu sogro era meio louco, que chefe de família ele poderia dar?!”. A segunda oração é pronunciada, como uma espécie de exclamação ou pergunta retórica – literalmente “que chefe de família (poderia resultar) dele?” – ao mesmo tempo, se assemelha a uma expressão idiomática, onde a locução verbal (“poderia resultar” ou “poderia dar”) está apenas subentendida – e, por este motivo, a interrogação ou exclamação, nem são mais colocados no final da frase.

“*Pai* era como que Nhô Augusto não tivesse” – continua o termo. Novamente, ocorre a inversão dos termos da frase, colocando “pai” em destaque, o que não se observa na versão de língua inglesa: *It was as though Nhô Augusto had not had a father* – sendo o inglês uma língua cuja gramática aconselha observar-se estritamente a ordem, convencional, das palavras, ou melhor, das funções sintáticas (SVO).

Na versão russa, foi usada uma expressão idiomática *stchitái, chto* (“você considere que [...]” ou “pode considerar que”), a saber: *Otsá u Nhô Augusto stchitái, chto nié bylo* [...], isto é, literalmente: *A um pai, o Nhô Augusto – você pode considerar – não tinha*.

O que tange à “pontuação” também difere muito de língua para língua. Um exemplo está na frase anterior, em russo, onde existe uma vírgula depois da forma imperativa do verbo transitivo *schitái*, que precede o conectivo *chto* (isto é, a conjunção “que”), sendo que, colocar uma vírgula, neste caso, é obrigatório, em russo, algo que nunca ocorre no

português. Em seguida, aquele tio de Dona Dionóra descreve outros parentes de Nhô Augusto: “Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido lá no Saco-da-Embira [...]”. Em inglês, lê-se: *One of his uncles was a criminal, guilty of more than one death* – tendo Nhô Augusto, de fato, sido criado pela avó, “que o queria para padre” – *she wanted the boy to be a priest*. Na versão russa, temos: *Diádia – nastoiáschi prestúpnik, povínny nié v odnóm ubíistve, skryválsa v Saco-da-Embira. A vospítóvala Nhô Augusto bábuchka [...] Khotiéla sdiélat’ iz nievó sviaschiênnika [...]*, isto é, “O tio – um verdadeiro criminoso, culpado em mais de um homicídio, escondia-se no Saco-da-Embira. E quem criava (literalmente, “educava”) Nhô Augusto era a vovó [...] Queria fazer dele um sacerdote [...]”

Houve ênfase diante do nome *prestúpnik* (criminoso) – como se vê acima – com o uso do modificador *nastoiáschi* (verdadeiro). Pode-se, também, observar que, em lugar do simples “padre”, usou-se uma palavra mais sofisticada – “sacerdote” (*sviaschiênnik*) – por razões culturais. O “padre” para os russos – no período que antecedeu ao soviético – era o *pop* dos ortodoxos. Como se vê, conseguir uma correspondência “total” em uma tradução é uma tarefa praticamente impossível.

Vemos, nas retroversões, que estas nunca coincidem, por exemplo, de todo, com o TLP. Em russo, usam-se, normalmente, os diminutivos para “avô” (*diéduchka*) e “avó” (*bábuchka*), bem como para outros familiares, em lugar do grau normal, como foi usado no texto russo. O diminutivo, na verdade, é sobremodo usado na língua russa de tal forma que muitos antropônimos foram assimilados pela antroponímia mundial, sem se dar conta que eram meros diminutivos. Assim, foram incorporados ao português, os nomes femininos: “Kátia” – diminutivo de *Iekterína*; “Nádia” – diminutivo de *Nadiéjda*, que, na verdade, significa “esperança”; *Sácha* (comum de dois) – diminutivo de *Aleksáedr* ou *Aleksándra*; “Sônia” – diminutivo de *Sófia*, ente vários outros.

A língua russa, devido à grande possibilidade de “sufixação”, possui, muitas vezes, verdadeiras “duplicatas” para nomes comuns, mais usados, dando a certas formas um caráter meio “familiar” (chegando quase às raias do “depreciativo”) no que se dá, a estas formas, uma conotação de coisa “sem muita importância”, diminuindo seu valor.

Assim, tem-se: *kníga*, livro (digamos “um senhor livro”) e *kníjka* – também “livro” – mas como se fosse um certo livro, de menor importância, mais “familiar” (embora exista o diminutivo, propriamente dito, *kníjetchka*, em um tom afetivo, ou, simplesmente, referindo-se ao seu pequeno tamanho). Da mesma forma, *rubákha* (camisa) e *rubáchka*; (digamos, “camiseta”, mas de qualquer tipo, sem ser obrigatoriamente, “uma malha”, como

em português), *tetrád* (caderno) e *tetrádka*, etc. O caráter “familiar” também se estende aos antropônimos. Assim, ao lado de *Sácha*, que já é diminutivo, existe *Sáchka* – em um tom, situado entre o familiar e meio depreciativo, presente em muitos outros nomes.

Pergunta-se: Como transmitir todas estas nuances em um trabalho de tradução? Naturalmente, muitas dessas coisas, simplesmente, se perdem, da mesma forma como muitas vezes torna-se difícil transmitir certos sentimentos em palavras, pois a linguagem verbal, como se sabe, não deixa de ser um meio de comunicação um tanto insuficiente e incompleto.

Não é aí que se enquadrariam os princípios Desconstrução? Cada texto, cada escritura, dá margem a várias interpretações, gerando em si mesmo uma “contradição”, que poderia ser expressa em conceitos tais como o “traço”, o “suplemento” de Derrida, por exemplo, no “dito” e no “não-dito”, no inerente, no implícito, mas não-pronunciado, etc., no duplo sentido de tudo que enunciamos. Assim escreveu Derrida na conclusão à “Carta ao Amigo Japonês”: “O que é a Desconstrução? – É tudo! – O que é a Desconstrução? – É nada!” (ver Cap. 1).

No período soviético, por exemplo, todos os credos foram substituídos pela filosofia marxista-leninista, onde os “deuses”, cultuados, seriam o próprio Marx e seus seguidores, os líderes soviéticos, desde o fundador do Estado Socialista na ex-URSS, Vladimir Lênin, e outros que se lhe seguiram, principalmente o Camarada Joseph Stálin, que ficou cerca de 30 anos no poder, e que tinha que ser vastamente retratado em pinturas e filmes, decantado e louvado, durante todo o período do seu governo.

Era de praxe citar os líderes da nação, chefes do Estado Soviético e do Partido Comunista da URSS, em todos os discursos. Devia-se louvá-los, citá-los ou, ao menos, mencioná-los, em todas as artes, sendo que, na literatura, só podia existir a corrente literária do “Realismo-Socialista”, acrescido de pinceladas do “Romantismo Revolucionário”.

Com o descrédito da religião Cristã-Ortodoxa, antigamente professada pelos povos eslavos da Rússia czarista (grão-russos, bielo-russos e ucranianos), assim como a supressão das outras religiões de Repúblicas não-eslavas – como o Catolicismo, professado pelas Repúblicas do Báltico (hoje “Países Bálticos”) antes da sua anexação ao Estado Soviético, após a Segunda Guerra Mundial, – e do Islamismo, parte da cultura das Repúblicas, situadas nas imediações do Oriente Médio, isto é, no Cáucaso e na Ásia Central, hoje abertamente “muçulmanas” e independentes, que, também, ficou na clandestinidade, ou, apenas, na tradição oral – a tendência imposta, de cima para baixo sobre a população, foi a de adotar, como credo único, a Filosofia do Marxismo-Leninismo, acompanhada de fé cega e total obediência aos governantes do país, grande adoração pela “Pátria”, que englobava o

conceito de “Estado”, e quanto à religião, o que se estudava era o “Ateísmo”, como doutrina científica, uma das disciplinas obrigatórias do currículo universitário.

Se aqui no Brasil, as PUCs mantinham e mantêm, ainda, uma disciplina, chamada Teologia, na ex-URSS fazia-se tudo para provar ao povo que “Religião e Ciência” eram antípodas.

Por este motivo, além do “Ateísmo”, eram estudadas disciplinas clássicas tais como “Materialismo Histórico” (o *Istmát*) e o Materialismo Dialético (o *Diamát*) como parte do curso de “Filosofia” que todos os alunos tinham que cursar, inclusive nos cursos técnicos e tecnológicos. Aliás, a doutrinação já começava na classe dos *Pioniéry* (“pioneiros”) – alunos do primeiro grau, depois no *Komsomól* (“Juventude Comunista”), e assim por diante.

Assim, ficou costumeiro mostrar um olhar depreciativo em relação à religião, em geral, desqualificando tudo o que se referisse ao “surreal”, ao “místico”, em suma, ao sobrenatural ou religioso.

Se, aqui no “Ocidente”, com o era chamado o bloco não-socialista, foram divulgadas as pesquisas soviéticas como o “paranormal”, na própria URSS estas notícias jamais foram divulgadas, e não eram conhecidas do grande público, já que todos os meios de comunicação estavam nas mãos da, assim-chamada, “Ditadura do Proletariado”, melhor, “Ditadura do PCUS”.

Se era um Estado ditatorial (com um único partido político: o PCUS), sem qualquer partido de Oposição, não admitindo quaisquer divergências, e não havendo “espaço” para qualquer movimento de “dissidentes”, com o Estado como o único “empregador”, tudo o que era publicado passava pela censura da “Associação de Escritores da URSS”, subordinada, de perto, ao controle da KGB.

Desta forma, todos os escritos, mesmo se tratando de uma *tradução*, estavam sujeitas a este controle. Era uma questão, inclusive, de “sobrevivência”.

Pelo acima exposto, não pode haver qualquer sombra de dúvida de que esta tradução de *Rasskázý* (“Contos”), Moscou, 1980, onde estão incluídos – além de *Sagarana* – partes de “Estas Estórias”, “Primeiras Estórias, e “Tutaméia”, de João Guimarães Rosa, todos publicados ainda em pleno período soviético, os ditames da filosofia marxista-leninista tiveram que ser estritamente observados por todas as cinco tradutoras destas obras, inclusive pela tradutora de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, Yé. Koss. Mais adiante, tentaremos provar o acima dito, ao citar a versão russa, sobre temas religiosos.

Depois de ter dito que a avó de Nhô Augusto, que o criara, “queria o menino pra padre”, o tio de Dona Dionóra acrescenta outros detalhes, fala de outros procedimentos seus,

no que vai ser possível comprovar a atitude “oficial” dos russos em relação a estes assuntos. Assim, lê-se: “Rezar, rezar, o tempo todo, *santimônia e ladainha*”.

As palavras grifadas dizem respeito à fé cristã, católica, praticada no Brasil – um país, que é considerado pela estatística “o maior país católico do mundo”, em número de adeptos. Já nos países, de origem germânica e anglo-saxã, como se sabe, predomina o protestantismo nas suas diversas variantes (luteranismo, calvinismo, *quakers*, pentecostais, batistas, etc.), havendo, também, uma pequena percentagem de “católicos” naqueles países.

Nas últimas décadas, no entanto, foram introduzidos, no Brasil, diversas facções do protestantismo – sendo os seus adeptos, no Brasil, chamados de “crentes ou “evangélicos” –por iniciativa dos próprios EEUU, em uma tentativa desesperada de barrar uma crescente difusão das idéias “socialistas” que – no meio da população de baixa renda – poderia levar o país a se tornar uma nova Cuba. O que daí resultou que a difusão do protestantismo se deu, predominantemente, entre as classes menos favorecidas, com uma ênfase em estudos bíblicos, permanecendo o Catolicismo, como a tradicional religião dos representantes da classe dominante e de seus descendentes.

O “culto” dos protestantes e a “missa” dos católicos diferem bastante no seu ritual, mas os termos “santimônia” e “ladainha”, citadas acima, não necessitariam, pelo visto, de “notas de pé-de-página” por parte da tradutora americana pelo simples fato de o verbo “rezar” (*praying*) já indicar que estes são nada menos que tipos de preces. Assim, tem-se, na versão inglesa: *Praying, praying all the time, **santimoinousness** and **litany*** [...], sendo os termos grifados, respectivamente, cognatos de “santimônia” e “ladainha”, encontrados no TLP.

Já a versão russa, realizada ainda no período soviético, portanto, anterior à *perestroika* (período no qual a atitude oficial para com as religiões era de quase um menosprezo ou profunda crítica, como foi explanado acima), transmite este pouco apreço através das palavras: *Vsió molítvy da molítvy, splochnóe **khanjestvó i toská*** (o que , em retroversão, significa: “Só rezas e mais rezas, pura *carolice* (hipocrisia) e *tédio*” – uma interpretação por demais “livre” com relação ao que se lê no TLP – optando pelo sentido “irônico” do primeiro termo, “santimônia”¹³³, e no que diz respeito à “ladainha” optando pelo sentido “figurado” do termo.

Aqui termina o diálogo com o tio, e – como prossegue o narrador – no dia seguinte, partiram. Assim, lê-se: “Pela manhã, com o sol nascendo, retomaram a *andadura*.

¹³³ Cf. HOUAISS.

E, quando o *sol esteve mais dono de tudo*, e a poeira era mais seca, Mimita começou a gemer, com uma *dor de pontada*, e pedia água”.

Vemos, aí, o uso do termo regionalista “andadura”, assim como a imagem que apela para a “oralidade”, com o sol “mais dono de tudo” – referindo-se, certamente, ao ápice, ao “meio-dia”.

Em inglês, para “retomaram a andadura”, lê-se *they resumed their journey* em linguagem padrão. É conservada a metáfora: *And when the sun was more master of everything* [...], o que seria de fácil compreensão para o leitor americano. “A dor de pontada” (também chamada de “dor de facão”) também tem sabor de “oralidade”, mas em inglês não apresenta particular interesse: “[...] *and the dust was drier, Mimita began to whimper, with a stitch in her side, and asked for water*”. Na versão russa, lê-se o seguinte: *Útrom s voskhódom sólntsa oní snóva pustílis’ v put’*. *I kogdá sólntse pólnost’iu zavladíelo mírom, a pyl’ stála sovsiém sukhói, v bokú u Mimity zakólólo, i ioná stonála i prossíla pit’*. Em retroversão: “Pela manhã, com o levantar do sol eles, novamente, se puseram a caminho. Quando o sol dominou, completamente, *o mundo*, e a poeira ficou totalmente seca, Mimita sentiu umas pontadas *no flanco*, começou a gemer e pediu água (literalmente, “pediu de beber”)

Como as traduções podem ser “exatas”? As expressões não coincidem, os tradutores sempre alteram alguma coisa, a seu bel-prazer, por conta própria, por assim dizer. Enquanto o TLP e a versão inglesa escreveram de maneira semelhante, “sobre o sol dominando tudo”, a tradutora russa fez o sol “dominar o mundo”, e assim por diante. Enfim, sempre ocorrem algumas diferenças. Por exemplo: supõe-se que “dor de pontada” seja nos *flancos*, mas isto não está explicitado no TLP, como aconteceu nas duas versões estrangeiras. (Segundo Houaiss, “pontada” é “dor aguda, mas de curta duração”). Nisto, Mimita, depois de dar um “sorriso tristonho”, faz um pergunta simples, dentro de sua percepção, espontânea, de criança: “– Por que é que *o pai* não gosta de nós, *mãe*?”. Na versão inglesa: *Why is it that Father doesn’t like us, Mother?*. Em inglês é comum o uso de iniciais maiúsculas para enfatizar uma palavra. Na versão russa, o termo “mãe” vem no diminutivo *máma*, isto é, “mamãe” ou “mãezinha”. Usar o grau normal (*mát’*, isto é, “mãe”) na função sintática de vocativo seria “impensável” no ambiente familiar, e teria a mesma conotação como aquela que duas amigas (adultas) usariam no Brasil ao se dirigirem, uma à outra, por “mulher”. Assim, lê-se: *Mama, potchemú otiéts nas nié liúbit?* (isto é, “Mamãe, por que o pai não gosta da gente?”). A garota se referiu a Nhô Augusto por *otiéts*, em lugar de *pápa*, tudo indica por ele ser um pai distante, talvez “omisso”. Pode-se também, observar que o “é que” teve

correspondência em inglês, com *is it that*, mas não se encontra no russo. A palavra que teria o valor do “é que”, seria, na linguagem coloquial, *èto*, em russo. O que resultaria em: *Máma, a, potchemu èto otiets*, etc. [...] – tornando a frase mais coloquial, mas, ao mesmo tempo, um pouco jocosa – talvez inadequada para a gravidade da situação.

3.4.1.8 TLP, p. 348; TLC-1, p. 270-271; TLC-2, p. 220-221

Mama, potchemú otiéts nas nié liúbit? – isto é, “Mamãe, por que o pai não gosta da gente?”. A garota se referiu a Nhô Augusto por *otiéts*, em lugar de *pápa*, tudo indica por ele ser um pai distante, talvez “omisso”. Pode-se também, observar que o “é que” teve correspondência em inglês, com *is it that*, mas não se encontra no russo. A palavra que teria o valor do “é que”, seria, na linguagem coloquial *èto*, em russo, o que resultaria em: *Máma, a, potchemu èto otiets*, etc [...] – tornando a frase mais coloquial, mas, ao mesmo tempo, um pouco jocosa – talvez inadequada para a gravidade da situação.

Nesta jornada, mãe e filha estão, na verdade, sendo acompanhadas por Quim Recadeiro, que foi incumbido pelo patrão, Nhô Augusto, de conduzi-las para o Morro Azul. Segundo o narrador: “E o Quim Recadeiro ficava a bater a cabeça, *vez em vez*, com muita *circunspeção tola*, em universal assentimento”. Este “jeito” de Quim denota ser ele uma pessoa sem muita malícia, talvez por demasia “simples”, talvez até um tanto “simplório”, embora de bom coração – como ver-se-á, adiante.

No que tange à tradução, pode-se dizer que o epíteto “Quim Recadeiro [...]” está expresso em uma linguagem mais popular, menos formal do que o que se lê na versão inglesa: *Quim the Messsenger* – que pertence ao padrão. O Heritage apresenta como sinônimos *bearer, courier*¹³⁴. O período inteiro, em inglês, está da seguinte forma: *And Quim the Messenger kept shaking his head, time after time, with great foolish circumspection, in universal assent*. Um termo cognato foi usado para traduzir “circunspeção”, mas no russo usou-se um *ser’ióznost’* que significa nada menos que “seriedade”, já para traduzir o modificador “tola”, do TLP, existem dois modificadores, os quais intensificam o sentido. Assim, no russo lê-se: *Kim, possýl’ny, kotchál golovói s prevelíkoí i preglúpoi ser’ióznostiú v znak soglássia so vsiêmi i vo vsióm*. Em retroversão, tem-se: “Quim, o mensageiro, balançava a cabeça, com uma enorme e muito tola *seriedade*, em sinal de assentimento ou ‘aceitação’ com tudo e com todos”. O dicionário de Stáriets traz, para circunspeção, *Osmotrítel’nost’* e

¹³⁴Cf. HERITAGE.

ostoróžnost', este último, também, “cautela, cuidado”. O prefixo *pré* – encontrado em ambos os modificadores – coloca-os no grau superlativo, pois o grau normal desses adjetivos femininos é *velíkaia* e *glúpaia*, ambos estando no TLC, no caso instrumental singular. Não se pode, agora, determinar se fora um “lapso”, ou “opção” – da tradutora russa – na escolha do termo *serióžnost'* (“seriedade”), como acima mencionado, assim como o motivo das outras alterações.

O que Quim – que parece ser uma pessoa simples, crédula e sem maldade – não suspeitava, todavia, é que a mulher do seu patrão, Dona Dionóra, já tinha combinado a juntar-se, em um determinado local, durante esta andadura com Ovídio, aquele “outro” de quem o leitor já está ciente. Quim, sempre fiel e dedicado ao seu patrão, nada entende, nem mesmo quando seu Ovídio chama Dionóra para segui-lo, nem quando pega Mimita no colo de Quim, pois “nada escutara ou entendera” – como se lê adiante – e só percebe o que está ocorrendo quando a comitiva muda de rota ao chegar à encruzilhada do pilão-d’água do Mendonça. Assim fala o narrador: “Mas, na passagem do brechão do Bugre, lá estava *seu* Ovídio Moura, que tinha sabido, decerto, dessa viagem de regresso”. Aqui, “seu” – corruptela para “senhor” – é traduzida pelo padrão *Mr.*, nas diversas vezes, em que parece nesta página. Assim, tem-se, na versão inglesa: *But when they reached the pass of the Bugre Gap, there was Mr. Ovídio Moura, who had undoubtedly been informed of this return trip.* É interessante observar que, na versão russa, foi tomado de empréstimo o termo popular “*seu*”, tendo que o leitor inferir tratar-se de um epíteto.

Quanto ao termo “brechão”, é regionalista, indicando um acidente geológico, e foi traduzido, em russo, por *kan’ón*, que equivaleria a *canion*, na língua inglesa. No entanto, na versão inglesa se lê: *Gap* – como se vê acima em *Bugre Gap*. “Brechão”, na verdade, é o aumentativo de “brecha”. Em Houaiss, lê-se: “brecha de grandes proporções”. Como termo da Geologia é “segmento do curso de um rio entre montanhas próximas”; como sinônimos, tem-se: “Boqueirão, estreito, fundão, grotão”, entre outros¹³⁵. Seu Ovídio chama Dionóra para segui-lo: “– Dionóra, você vem comigo [...]. Ou eu saio sozinho por esse mundo, e nunca mais você há-de me ver! [...]”. Em inglês, lê-se: *Dionóra, you are coming with me [...] Or else I will go out into this world alone, and you will never lay eyes on me again* – onde temos um idiomatismo que torna o TLC mais expressivo e pitoresco, além de imprimir à frase um tom categórico. Em russo foi omitida a expressão “por este mundo”, a saber: – *Dionóra, ty poiédech so mnói [...] A nié to, iá uiédu otsiúda odín, I ty nikogdá ból’che meniá*

¹³⁵ Cf. HOUAISS.

nié uvídich. Em retroversão: “Dionóra, você vai comigo agora [...] Senão, eu hei de sair daqui sozinho. E você nunca mais me verá”.

A capacidade de fazer uma retroversão com total equivalência fica, igualmente, limitada por haver, realmente, palavras, praticamente, “intraduzíveis” – que necessitariam, no mínimo, de uma “paráfrase”, tornando o discurso “carregado”. Por exemplo, no russo há dois verbos distintos para indicar o movimento de “ir para algum lugar”, a depender, se o indivíduo vai “a pé” (*idtí*) ou por algum meio de “transporte” (*iékhat*). Através de prefixos, formam-se os derivados que mudam a acepção, como: “chegar perto”, “afastar-se”, “passar no meio”, “passar diante de”, etc. Também existe a categoria do “aspecto” (perfectivo e imperfectivo), assim, *poiédech* significa “tu irás” (por algum meio de transporte), enquanto *uiédu* (eu irei embora – partirei – de algum meio de transporte). Neste caso, o meio de transporte é “equívoco”. A distinção entre *idtí* e *iékhat* tem caráter obrigatório, não podendo haver permuta, mas esta idéia fica “implícita” apenas em uma tradução. Por exemplo, sabe-se, do contexto, que Dona Dionóra e a filha vinham, ambas, montadas a cavalo. Nisto, seu Ovídio se espanta da prontidão de Dona Dionóra, que está pronta para segui-lo, mas teme a reação violenta do marido. Assim, lê-se: “– Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor e fico, enquanto Deus nos proteger [...]” – [...] *as long as God protects us* [...]. Em russo, “Deus” foi traduzido por *gospód*’ (isto é, “Senhor”), mas grafado com inicial minúscula por razões já explicadas anteriormente. Assim, lê-se: – *Nhô Augusto spossóben ubít’ nas, seu Ovídio ... No ia poiédu s vámi i ostánus’ s vámi, pokúda búdet za nas gospód*’. Em retroversão: Nhô Augusto é capaz de nos matar, seu Ovídio... Mas eu irei com o senhor (literalmente, “convosco”) e ficarei com o senhor (isto é, “convosco”), enquanto o Senhor (Deus) estiver nos protegendo (literalmente, “estiver a nosso favor”, ou “por nós”). Diferente do português, em russo não existe a polissemia para “senhor/ Senhor” por existirem duas palavras distintas para tanto: uma para “Senhor” (Deus) e outra para “senhor”, pronome de tratamento: isto é, *Gospód*’ e *gospodín*, respectivamente. Normalmente, a questão da polissemia varia de idioma para idioma. Mais adiante, o narrador relata:

E quando chegaram ao *pilão-d’água* do Mendonça, onde tem uma encruzilhada, e o camarada viu que os outros iam tomando o caminho direita, *estugou* o cavalo e ainda gritou para corrigir: – Volta para trás, *minha patroa*, que o caminho por aí é outro!.

Segundo Houaiss, o verbo “estugar” já foi atestado no séc. XV. Como verbo transitivo significa “provocar estímulo; incitar, estimular”, tendo sido traduzido, em inglês, por um termo do cotidiano, não específico (*urged ... forward*), como se verá abaixo. Enquanto isso, o termo “pilão-d’água” é regional, traduzido por *water-mill*, termo mais generalista. Assim, na versão inglesa, lê-se:

And when they reached the **water-mill** of Mendonça, where there is a crossroad, and the **ranch hand** saw the others taking the road to the right, he **urged** his horse **forward** and called out, to correct their mistake: Turn back, **my lady**, for the road is this other one!.

Em russo, “pilão d’água” foi traduzido por *kliutch*, isto é, “fonte, nascente”¹³⁶, não transmitindo a idéia de ser este um moinho, isto é, instrumento de trabalho. Assim, em russo, lê-se: *Kogdá já pod’iékhali oní k kliutchú Mendónsy, gdié dorógui raskhódiatsa, i podiênschik uvídel, chto oní svernúli naprávo, on prichpóril koniá i zakritchál, chtóby isprávit’ ikh ochýbku: – Vozyraschiátes’ nazád, khozáika, nié tói dorógoi poiékhali!*. Em retroversão tem-se:

Quando eles chegaram até (literalmente, “se aproximaram”) a fonte do Mendonça, onde os caminhos se separavam, (ou, “seguem para lados diferentes”) e o diarista vira que eles dobraram para a direita, esporou o cavalo e gritou para corrigir o erro deles: – *Volte para trás*, patroa, não é por esse caminho que a senhora devia ter ido!

Embora o tratamento “minha patroa” demonstre bastante deferência, *my lady* parece um pouco mais formal ainda, e até um tanto rebuscado para a situação, pois lembra o tratamento, exigido – dos vassallos – por parte da aristocracia. Em russo, temos, para tanto, um termo menos formal, isto é, *khóziáika*, que pode, também, significar, além de “patroa”, “dona-de-casa”, “proprietária” e “anfitriã”. Se houvesse a mesma formalidade que a versão inglesa, o termo usado deveria ser *gospojá*, isto é, “senhora”. Mais adiante, lê-se: “Mas, seu Ovídio se virou, *positivo*”. Em inglês: *But Mr. Ovídio swung around leaving no room for doubt*. A tradutora usou de um idiomatismo, para “positivo”, que em retroversão equivale a “não deixou espaço para dúvida”. A língua inglesa é muito rica em verbos de movimento, sendo *swing* equivalente a “girar, voltar”, assim como “balançar, oscilar”¹³⁷, tendo – como substantivo – já designado um tipo de dança.

¹³⁶ Cf. VÓINOVA.

¹³⁷ Cf. MICHAELIS.

Na versão russa, houve um toque diferente para a tradução de “positivo”. Assim, lê-se: *No seu Ovídio obernúl'sa i skazál rassudítel'no*, em retroversão: “Mas seu Ovídio virou-se e falou de maneira ponderada” (ou “sensata”), onde o advérbio *rassudítel'no* é derivado do verbo *rassudít'*, isto é, “ponderar”, o que, primeiramente, parece ser uma “divergência” em relação com o TLP – como se a tradutora russa tivesse achado que “positivo” expressava um “juízo de valor” ao invés de uma afirmação bastante “assertiva”, mas que, no fundo, vem a ser quase a mesma coisa, pois se acredita que quem falou alguma coisa de modo “positivo” é porque já “avaliou e ponderou” bastante sobre o que iria dizer. Talvez, o que ocorreu aí foi uma leve mudança de “ênfase”, pois na versão russa priorizou-se o “conteúdo” do que o “seu” Ovídio iria falar em lugar da “maneira” pela qual ele se dirigiu a Quim.

Devemos lembrar que durante a vigência das teorias “prescritivistas” nos “Estudos de Tradução” (Jakobson, Nida, Mounin, Newmark, entre outros), a cada vez que havia uma divergência ou “distanciamento” entre o TLC e o TLP – este fenômeno era encarado por estes teóricos como uma falta de “fidelidade”. No entanto, quem se baseia nos preceitos do Descritivismo e do Desconstrutivismo encara a questão como uma re-criação, que se fez ao visar alcançar este ou aquele objetivo. O discurso que “seu” Ovídio profere, em um tom “positivo”, é o seguinte: “– Volta *você*, e fala com o seu patrão que *Siá* Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a benção de Deus!”

Com referência ao trecho, acima citado, pode-se dizer que o termo popular “*Siá*” é uma variante da corruptela “*Sinhá*” – muito difundida no Brasil entre os escravos – formas, provavelmente, por eles criadas, sendo ambas as formas – tudo indica – derivadas do nome “senhora”. Houaiss cita “*sinhá*” como: “*B. infm.* – isto é, ‘Brasileirismo informal’ – forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa.” As variantes seriam: “*siá, sá, sinhá, sinhara*”¹³⁸. A origem é controversa, considerada por alguns como “feminização” de “*sinhô*”, acrescida da “contaminação” por “*iaiá*”¹³⁹. Por este motivo, pode-se concluir que “*Nhô*”, em “*Nhô Augusto*” é nada mais que abreviatura da forma “*Sinhô*” – também dicionarizado por Houaiss como “Brasileirismo informal” – usado pelos escravos no Brasil.

Na versão inglesa, no entanto, “*Siá*” foi traduzido por *Mrs*, o que denota muita formalidade, enquanto o epíteto “seu” é, invariavelmente, *Mr*, como já foi observado, mais

¹³⁸ Cf. HOUAISS.

¹³⁹ Idem.

acima. Assim, lê-se: *You turn back, and tell your boss that Mrs. Dona Dionóra does not want to live with him any more, and that from now on she is going to live with me, with the approval of all my relatives and the blessing of God.* Na versão russa, foram tomadas de empréstimo os mesmos epítetos encontrados no TLP, a saber, “senhora”, “Dona”. Assim, lê-se: – *Vozyrascháissia sam i skajý svoiemú khoziáinu, chto **senhora Dona Dionóra** níe khótchet ból’che s ním jýt’, chto **otnýne i vperiód** oná búdet jýt’ so mnói k rádosti vsiékh moíkh róditchei i s blagosloviên’ia **bój’ia!*** Em retroversão: “Volte você mesmo e diga ao seu patrão que a *senhora Dona Dionóra* não quer mais viver com ele e que, de hoje em diante, ela vai viver comigo para a alegria de meus parentes e com a benção de Deus”. O adjetivo possessivo neutro *bój’ie*, isto é, “de Deus “divino”, que se encontra no genitivo singular, no TLC está grafado com letra minúscula, como o seria o nome *bóg* (Deus), como já foi explicado em comentários anteriores. Há, de certa forma, um pleonasma em *otnýne i vperiód*, pois já o primeiro termo significa (“de hoje em diante”, “doravante”).

Mesmo assim, Quim, ao ouvir isto, não se dá conta ainda do que está ocorrendo. Acostumado a ser obediente, aceitar e concordar com tudo – como um bom serviçal que é – demora de entender a nova situação, e, “cumprimentando”, automaticamente seu Ovídio – como se este fosse seu patrão – “ainda leva a mão ao chapéu de palha”, no que pronuncia as seguintes palavras: “– Pois sim, seu Ovídio ... Eu dou o recado...”.

No entanto, em seguida, depois de refletir um pouco – e analisar tudo – é que veio, para Quim, um “achamento”, que seria um verdadeiro *insight*, no que ele insulta seu Ovídio, tomando as dores do seu patrão Nhô Augusto. Assim continua o narrador: “Ficou parado, limpando os cabelos, sem se resolver. Mas, *fim no fim*, num *achamento*, se retesou nos estribos, e gritou: – Homem *sujo!* ... Tomara que *coruja ache graça* na tua porta![...]”.

Aqui, Guimarães Rosa mostra seu dom de “alquimista da palavra” que ele é, como já foi mencionado neste trabalho, e que se manifesta aí, com o termo “*achamento*”, que não soa familiar na linguagem padrão. Convém acrescentar que Houaiss apresenta o termo “achamento” como sinônimo de “descobrimento”.

Igualmente, pode-se falar de linguagem popular, com relação a “*fim no fim*” (uma redundância), que equivale a “finalmente”, e que foi traduzido para o inglês apenas por *finally* – como se verá abaixo. Há também um ditado popular relacionado à ave de mau agouro. Na versão inglesa lê-se: *Then he sat on, wiping the sweat from his hair, unable to make up his mind what to do. But finally, as though taking in he import of what he had heard, he stiffened in the stirrups and cried out: ‘You foul man! I hope an owl settles on your doorstep’.*

Vê-se que, para traduzir “achamento”, foi necessária uma verdadeira paráfrase! Na versão russa, por sua vez, lê-se: *No v kontsé kontsów ievó ossenilo* [...], que em retroversão equivale a: “Mas finalmente, *lhe ocorreu à mente*”¹⁴⁰ ou “teve uma luz”, como se diz em linguagem popular. Na verdade, *ossenít’* significa “cobrir com algo, como um cobertor”¹⁴¹. Vê-se, desta forma, como as línguas são diferentes, enquanto em uma língua “entender algo” é “ter uma luz” (como a expressão *have an insight* em inglês, e que corresponde aqui a ter um “achamento”), em outra, existe a idéia de “ser *coberto* com algo (isto é, uma “idéia”)”.

“Tomara que *a coruja ache graça* na tua porta! [...]”. Há uma crença popular de que a *risada da coruja*, em porta de alguém, daria azar. Daí “*ache graça*” ser a mesma coisa que “*dê risada*”. A tradução inglesa: *I hope an owl settles on your doorstep* não envolve idéia de “riso” – como no TLP em “*ache graça*” – se bem que a coruja, em muitas culturas, também, seja um exemplo de “ave de mau agouro” (*bird of omen*). Assim, o simples ato de sentar-se transmitiria o mesmo sentido básico de “azar”.

A este ponto, poder-se-ia lembrar do poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe, onde outra ave de mau agouro – na verdade, um corvo – realiza o mesmo ato de *settle* (sentar-se, parar), como se lê na tradução de Harriet de Onís. Esta ocorrência poderia ser chamada de “intertextualidade”. No seu poema, Poe diz que o *corvo* pousou – *on my chamberdoor*. O corvo, de Poe, simboliza a morte da esposa Leonore, lembrando ao poeta que este nunca mais a veria, perceptível na repetição da palavra fatal, *Nevermore!*

Neste caso, o “ato de pousar” do corvo teria o mesmo peso que encontramos no ato de “achar graça” por parte de uma coruja, como se lê no texto de Guimarães Rosa.

Na versão russa, a tradutora acrescentou, por conta própria, a explicação de que a coruja é “*mensageira de infortúnio*”, assim, em retroversão temos: “que a coruja, mensageira de infortúnio, crie apego às suas portas [...]” – *Chtob poliubílis’ tvoí dviêri sovié, viéstnitse gória*.

Expressões consagradas mostram que não pode haver “tradução literal” das mesmas. Assim, “Homem sujo!” – que precede a frase anterior – na verdade, o adjetivo “sujo” está empregado de sentido conotativo, daí em inglês termos *You foul man!*. Em inglês *foul* significa “podre”, mas também pode ser “hediondo”, “repugnante”, no sentido figurado¹⁴². Na versão russa foi usada a palavra *pódlý*, que significa “baixo” (apenas, no sentido moral),

¹⁴⁰ Cf. VÓYNOVA.

¹⁴¹ Cf. ÓJEGOFF.

¹⁴² Cf. MICHAELIS.

ou melhor, “infame”, em *Pódlý tcheloviék!*. Em seguida, o narrador continua descrevendo o que fez Quim: “Jogou fora, e cuspiu em cima” – essa frase se refere ao que Quim Recadeiro dissera na frase anterior, e está em inglês da seguinte forma: *He blurted this out, and spat for good measure* – aqui, “jogou fora” está no sentido conotativo, pois se trata de “palavras”. *Blurt*, por sua vez, segundo o Michaelis, é “falar sem pensar”, “deixar escapar (palavra)”. A expressão *for good measure* foi acrescentada pela tradutora. Na versão russa, lê-se: *I správil nujdú, i spliúnul*, que equivale a “fez o que era preciso” (ou “cumpriu a necessidade”) e cuspiu fora”. “Jogou fora”, em português, dá a idéia de ‘descartar’, ‘livrar-se’. Em russo, as palavras dão um tom de cumprimento de alguma “necessidade”, quem sabe, até “fisiológica”? (Segundo Vóinova, o infinitivo *správit* significa, basicamente, “celebrar”, “fazer cumprir”). Após isso, continua o narrador: “E tocou para trás, em galope doido, poeira ao vento. Ia dizer a Nhô Augusto que *a casa estava caindo* (*He was going to tell Mr. Augusto that the house was falling*). Em russo, lê-se: *On iékhhal soobschít’ Nho Augusto, chto dom evó rúchytša*, em retroversão tem-se: “Ele estava indo /de meio de transporte / comunicar a Nhô Augusto que a sua casa estava *desmoronando*”. De fato, “caindo” foi, também, empregado em sentido “conotativo”.

3.4.1.9 TLP, p. 349; TLC-1, p. 271-272; TLC-2, p. 221-222

Esta página começa com o narrador-autor provando que existe a fatalidade com tais palavras, como: “Quando chega o dia da casa cair – Que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada *infalível* – o dono pode estar; de dentro, ou de fora. É melhor de fora”.

Sendo um dia infalível, um evento destes poderia ser acompanhado de fenômenos da natureza (“com ou sem terremotos”): isto é, de maneira mais pacífica ou com grandes repercussões. E faz alusão ao “dono”, que pode ser Nhô Augusto, que estava dentro de casa, quando seria melhor estar “fora”. Em seguida, lê-se: “E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer”: isto é, a única maneira de amenizar a fatalidade. Mas se, por azar, for colhido do lado de dentro da casa, neste caso melhor seria receber as más notícias “todo vestido e perto da porta da rua”. O narrador mostra, assim, que o patrão Nhô Augusto estava em tremenda desvantagem para receber a má notícia, pois “estava deitado na cama”. Seguindo a crença popular, Quim Recadeiro sugere que Nhô Augusto levante e vista a roupa. (Como já foi mencionado acima, a expressão “casa estava caindo” está em sentido figurado, isto é, um lar que se desmoronou). Assim, temos: “– Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p’ra lhe contar”. O emprego de “meio”

na sua forma feminina caracteriza, aqui também, a linguagem popular, pois no padrão não seria flexionado. Em inglês foi usado um idiomatismo com [...] (*for I have*) *a kind of bad piece of news (for your)*.

A tradução de “É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer”, em inglês, é: *It is better for him to be outside. And this is the only thing it is in anybody's power to do*.

Nota-se a presença de linguagem popular em “a só coisa” – no padrão seria “a única coisa” – e de “um qualquer-um” – linguagem esta que em inglês foi trocada pelo padrão.

Já em: “Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama – o pior lugar que há para se receber uma surpresa má”, a palavra “deitado” foi traduzida por *stretched* (esticado), intensificando a imagem, enquanto “surpresa má” foi traduzido por *unpleasant news*. Como se percebe, é o uso comum – convencionado – da língua que pode determinar as expressões a serem usadas pelo tradutor, não lhe sendo preciso, portanto, traduzir palavra-por-palavra, o que caracterizaria uma tradução de má qualidade.

Quanto à “Quando chega o dia da casa cair”, as primeiras palavras deste parágrafo, pode-ser dizer que para “cair”, no sentido de desmoronamento de uma casa, prédio, etc., existe no russo um verbo específico que é *rúchitsa*, que equivale a “ruir”, segundo Vóinova, (diferente de *pádat*’, simplesmente “cair”, para outras coisas).

Desta forma, este parágrafo se inicia com as palavras: *Kogdá prikhódit diên' i rúchitsa dom*, isto é, “Quando chega o dia e a casa desmorona [...]”. De um lado, pode-se alegar que Guimarães Rosa estava usando uma linguagem popular, e que “desmoronar” não seria, exatamente, um termo deste tipo de linguagem. E, de outro, pode-se mencionar que “a casa cair” é de fato, de uma expressão consagrada (basta lembrar as palavras de uma marcha carnavalesca de anos passados: “Vai, menina, vai, senão um dia a casa cai, menina!”).

Em lugar de “de fora”, em “o dono pode estar; de dentro *ou de fora*”, temos em russo, em retroversão: “O dono pode estar em casa *ou em outro lugar*” – *Khoziáin mójet byt' dóma ili v drugóm miéste*. Portanto, uma leve “variação”.

Nhô Augusto “só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente: Fala tudo!”. Em inglês, temos: *Only after he had settled his revolver in his belt did he order teeth against teeth: 'Tell me everything' [...]*. No português padrão, normalmente, se diz “entre os dentes” em lugar da expressão encontrada, acima, no TLP.

Na versão russa, lê-se, – com referência ao trecho “interpelou dente em dente” – *protsedíl skvóz’zúby* – literalmente: “deixou coar entre os dentes”, dando idéia de que as palavras saíam da boca, com dificuldade.

Para “Fala tudo” em russo, temos: *Vykládyvai vsió*, que equivale a “Bota p’ra fora, tudo”. Embora não tenha a conotação bastante grosseira (como uma expressão como “desembucha!”) é mais intenso que a expressão em português.

Quim Recadeiro se justifica por não ter tomado, ele próprio, uma atitude, com relação à partida de D. Dionóra, daquela maneira, com as palavras: “Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p’ra o dono, [...]”. Nota-se o uso da forma popular grifada. Na versão inglesa, temos: *I could have put up a fight, but this was a matter of honor, with blood only for the máster [...]* – referindo-se ao costume popular de se vingar um adultério feminino – unicamente – lavando “a honra com sangue [...]”. Um costume, aliás, presente em todas as culturas da humanidade, em maior ou menor grau e baseado em costumes, provenientes de num patriarcado mais intensamente implantado.

Na versão russa, temos: *Mog by ia vosprotívitsa, da diélo takóe – tchêst’, právo na króv’ – tól’ko u gospodína*. Em retroversão: “Poderia eu ter-me oposto (ou “resistido”), mas o negócio era este: a honra, o *direito ao sangue* era uma questão, apenas, do patrão”. As palavras escolhidas são diferentes, mas as tradutoras conseguem transmitir a questão do costume bárbaro – que também existira em inúmeras culturas – de se vingar a honra com sangue, por aquele cuja honra fora manchada.

Aqui, Nhô Augusto elogia a atitude de Quim de ter deixado esta vingança por conta do seu patrão: “– *Fez na regra*, e feito!”. O termo “feito”, neste caso, subentende: “está feito” ou “está concluído”. Na versão inglesa, lê-se: *Well done! You did right!* – onde existe uma espécie de redundância, pois as duas expressões *Well done!*, bem como *You did right!*, significam, na verdade, a mesma coisa, não aparecendo, na versão inglesa, qualquer coloquialismo regional, como é o caso de “– *Fez na regra*”.

Na versão russa, tem-se: *Právil’no zdiélal i diélo s kontsóm* – e em retroversão: “Fez certo e assunto encerrado!”, onde *diélo s kontsóm* é um idiomatismo que significa, literalmente, “a questão teve um fim”.

Nhô Augusto comanda a Quim para chamar os seus homens (isto é, capangas, cacundeiros, bate-paus, etc.) com a frase: “Chama os meus homens!” – mas já tinha começado a faixa de insucesso para Matraga, que o levaria a repensar o seu modo de vida. Por isto, Quim retorna com uma notícia não menos ruim. Assim, conta o narrador:

Daqui a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham. Não queriam ficar mais com Nhô Augusto [...] O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus *capangas*, pagando bem. Não vinham, mesmo.

Em inglês, lê-se:

But in a little while Quim was back with a new load of grief: the bodyguards were not coming. They did not want to stay with Mr. Augusto any longer [...] Major Consilva had hired them, one and then another, all, to serve as his henchmen, paying them well. They were not coming that was all.

As notícias, portanto, eram as piores possíveis. A casa, realmente, começara “cair” em todos os sentidos. Como diriam os astrólogos, a respeito de Nhô Augusto, “começava o seu inferno astral”.

Como relação à tradução de “bate-paus” para o inglês, vemos que foi usado *bodyguards*, da mesma forma como em outras ocasiões se procedeu para traduzir “cacundeiros”, “capangas”, etc, não possuindo este termo, em inglês, qualquer toque regionalista. Na versão russa, o termo “bate-paus” foi traduzido por *golovoriézy* que, em retroversão, equivale a “cortadores de cabeças”.

No período citado acima, encontramos, também, o termo “capangas”, desta vez, traduzido em inglês por *henchmen*.

Aqui, a palavra “capangas” foi traduzido na versão russa por *telokhraníeli* que equivaleria ao inglês *bodyguards*, vocábulo inglês usado para traduzir “bate-paus”, no parágrafo acima, e que, em português, se traduz, geralmente, por “guarda-costas”, mas, literalmente, seria equivalente a “guarda-corpos”.

Na verdade, Houaiss registra o termo “capanga” como “homem de confiança, geralmente contratado como guarda-costas” – além de “pequena bolsa” – sendo sinônimo de “jagunço”. Pela etimologia teria vindo do quimbundo (língua africana), onde significaria “entre sovaco”¹⁴³. É interessante notar que, involuntariamente, faz-se associação com o verbo “capar”, cuja origem é latina.

Entre estes capangas, que mudaram de partido, havia o “mais merecido”, o cabeça, *The number one man, their spokesman*. Este último termo, em inglês, significa, na verdade, “porta-voz”. A versão russa é *Sámy zaslújenny, glavár*, isto é, “o cabeça”.

¹⁴³ Cf. HOUAISS.

Este “cabeça”, na verdade, “até mandara dizer, faltando ao respeito”, continua Quim. E o recado era o seguinte: “– Fala com Nhô Augusto *quesol de cima é dinheiro!* [...] P’ra ele pagar o que está nos devendo [...] E é mandar por portador calado, que *nós não podemos* escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer”.

Na versão inglesa, tem-se: *Tell Mr. Augusto that money is the sun that shines brightest!* – de qualquer forma, o que se quer dizer, em ambas as versões, é que o dinheiro é como o “sol” – uma comparação – à coisa mais importante, àquilo que Nhô Augusto não queria pagar aos seus “capangas”. Em russo, lê-se: – *Skajý Nhô Augusto chto náche sólnychko – zvonkaia moniéta*. Em retroversão, temos: “Diga a Nhô Augusto que o nosso solzinho *é a moeda tinindo*”. Vemos, assim, as recriações, isto é, inovações verbais de ambas as tradutoras.

Os capangas tinham, de fato, mudado de lado. Quanto à linguagem, usada por João Guimarães Rosa neste trecho, pode-se dizer que foi o padrão do português (por exemplo, como em “nós não podemos”, em lugar do esperado, na linguagem popular: “a gente não pode”, ou mesmo, “nós não pode [...]”; ou “que está nos devendo [...]” – o mais comum, seria “que está devendo à gente [...]"). Ao que Nhô Augusto responde com uma blasfêmia: “Cachorrada! [...] Só de pique [...] Onde é que eles estão?” – expressões de cunho popular, ambas. Na tradução inglesa, lê-se: *The pack of dogs! [...] Just out of spite [...]*. Em russo, temos: *Svóra psóv! [...] Viêd’ v otmiéstku! [...] Gdié oní seitchás?* – em retroversão: “Matilha de cães! Só de retaliação! [...] Onde estão eles agora?”.

Michaelis apresenta *spite* como “malevolência, ódio, rancor, malvadez”, e a expressão *he did it out of spite*, como “ele fê-lo por maldade”. No entanto, no volume português-inglês, entre as diversas acepções para “pirraça” (*roguish trick, dog’s trick*), encontra-se, também, *spite, impertinence, ill will*.

Houaiss, por sua vez, entre as diversas acepções de “pique”¹⁴⁴, apresenta o termo qualificado como “brasileirismo” – como “ato que se pratica com o intuito de aborrecer, contrariar; *pirraça*”. Isto mostra que Nhô Augusto, como todo homem convencido da sua superioridade, não avalia a seriedade da situação, qualificando-a como mera “pirraça”. Respondendo à pergunta do patrão, “Onde é que eles estão?”, Quim responde: “Indo de mudados, p’ra a chácara do Major [...]” – os termos grifados representam linguagem rural, coloquial. Em inglês foi usada a linguagem padrão, e de modo mais explícito: *They’re getting ready to move to Major’s country house*. Em russo, lê-se: *Perebralís’ v pomiést’e Maióra* –

¹⁴⁴ 1. lança antiga. 2. pequeno orifício [...] com objeto pontiagudo.

onde *perebralís*’ significa “mudaram-se” – pretérito do infinito *perebrátsa*, qualificado por Vóinova como termo “coloquial”. Por outro lado, se em inglês, temos *Major’s country house* em russo temos *pomiêst’e maióra*, onde a palavra grifada significa “propriedade rural”, incluindo-se aí, também, o terreno¹⁴⁵.

Houaiss apresenta para “chácara” – qualificado como “brasileirismo” – tanto “pequena propriedade rural voltada para a avicultura, à pequena criação de animais, o plantio de furtas, verduras, etc”, como “casa de campo”, entre outras acepções.

Michaelis apresenta ambos significados para “chácara”, a saber, *country house*, assim como *small farm*. Portanto, a escolha cabe ao tradutor.

3.4.1.10 TLP, p.350; TLC-1, p. 272-273; TLC-2, p. 222-223

Essas palavras só aumentam a ira de Nhô Augusto, que continua bradando contra o major Consilva que recrutara seus capangas com as seguintes injúrias: “– Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai! [...] Vou lá!”, o que mostra a falta de “autocrítica” por parte de Nhô Augusto, que atribui o seu infortúnio a motivos alheios à sua própria ação. Em inglês, lê-se: *That turd of a Major* – ambas versões empregam expressões grosseiras, com utilização de gíria. A versão russa é igualmente grosseira: *Maiór dermóvy!* – onde está embutida a mesma idéia das duas versões anteriores (TLP e inglesa). Quim, no entanto, continua a falar, tentando trazer mais clareza para a situação: “– Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, [...]”. Na versão de língua inglesa, lê-se: *Don’t take it amiss, boss Mr. Augusto*[...], expressão que equivale a “Não me leve a mal” – esta seria a expressão, corriqueiramente usada em português – ou “não me entenda mal”, sendo ambas tanto no TLP como no TLC, expressões idiomáticas.

A versão em língua alemã consultada é ainda mais próxima – por coincidência – do português devido ao uso da palavra *übel* (“mal”), integrante de *uebelnehmen*, isto é, “levar a mal”. Assim, na versão alemã, lê-se: *Nehmen Sie mir’s nicht uebel* (TLC, p.386). Tudo depende, portanto, dos recursos da língua em questão. Na versão russa, por sua vez, lê-se: *Nié sotchítite za diéرزost’, khoziáin moi Nhô Augusto* [...] – em retroversão: “Não julgue (isso) como um atrevimento (meu), meu patrão Nhô Augusto [...]”. Quim, então, prossegue o seu discurso, pertinente à nova situação: “[...] mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai *ficar pobre no já-já*”.

¹⁴⁵ Cf. VÓINOVA.

Em inglês, tem-se: [...] *but everybody in town is saying that you don't own anything any more, that you have lost all your ranches, and riches, and that you are going to be left without a penny, in no time* [...].

A expressão grifada (*without a penny*) é um idiomatismo em inglês, para traduzir “ficar pobre”. A expressão inglesa é até mais expressiva que a correspondente do TLP, e equivaleria, em retroversão, a “sem um tostão”.

Outro idiomatismo é *in no time*, isto é, “logo, imediatamente” para “no já-já”, sendo esta repetição de um termo – no caso, do advérbio “já” – um recurso pertencente à linguagem popular. A tradutora americana usou, portanto, uma expressão idiomática apropriada. Na versão russa, lê-se: [...] *no vsié tut govoriát, chto nitchevó u vas bol'che nié ostálos', chto poteriáli vy vsié svoí bogátstva i pomiêstia i vot-vot sovsiém obedniêete* [...]. Em retroversão, lê-se: “[...] mas todos aqui falam que nada mais lhe restou, que o senhor perdeu todas as suas fazendas e riquezas¹⁴⁶ – e logo-logo, vai ficar, completamente, pobre [...]”.

Quanto, à versão russa, pode-se dizer que existe um verbo equivalente a “empobrecer” em português, tendo este sido usado nesta versão. Desta forma, para traduzir “ficar pobre”, uma expressão pertencente à linguagem popular, foi usada uma forma derivada do infinitivo *obedniêt'*, que, por sua vez, tem a forma verbal empregada conjugada no futuro, pois se trata de um verbo de “aspecto perfeito”, cujo presente equivale ao futuro.

Assim o que se lê, na versão russa, é: *i vot-vot sovsiém obiedniêete*, equivalente a “o senhor há de ficar, completamente, pobre”, como se vê acima. O advérbio *sovsiém*, neste caso, reforça o sentido do verbo, e significa: “completamente”, ou “totalmente”. Por sua vez, a expressão *vot-vot* usa o mesmo recurso de “duplicação”, como no TLP, isto é, “logo-logo”, servindo esta uma repetição, para fins de reforço. Quim prossegue: “E estão conversando, o Major e outros grandes, querendo pegar o senhor à *traição*”. Em inglês, para isto, lê-se: *And they are talking, the Major and other gentlemen, about taking you on the sly* – a expressão, grifada no TLP, foi traduzida por outra correspondente no TLC. A expressão inglesa lembra, em português, aquilo que se chamada de “na manha”, na linguagem popular, e no padrão poderia a equivaler a “às escondidas”, conforme Michaelis, pois *sly*, por sua vez, segundo a lexicógrafa, é um adjetivo que significa aquele “que age secretamente, furtivo”, e também “astuto, malicioso, ardiloso”.

¹⁴⁶ Neste caso, em comparação com o TLP, houve uma inversão na seqüência dos termos.

No caso do termo *gentlemen* em *and other gentlemen*, embora este substantivo seja, muitas vezes, usado para designar o plural de *Mister*, ele traz, em si, uma certa conotação de polidez que não parece estar presente em “mais os outros *grandes*”. Tudo indica que a tradutora não quis fazer uso de gíria, ou da linguagem popular, como seria o caso se viesse a usar a expressão *big shots* – ou coisa parecida – para “grandes”. Na versão russa, tem-se: *A maiór i drugúie gospodá stáknulis’ I khotiát vas zakhvatít’ obmánom*, onde o advérbio grifado corresponde a “à traição”, pois *obmán* equivale a “engano”, portanto, *obmánom* poderia significar: “de maneira enganosa”. Por sua vez, o termo *gospodá* – em retroversão – equivaleria a “senhores”, nada mais. O termo *sáknulis’* é um termo popular, um verbo, que significa “combinaram” (derivado de *ták* = “assim, desta forma”, e em outras línguas eslavas equivalentes a “sim”).

“Estão espalhando [...] – o senhor dê perdão p’ra minha boca, que eu só falo o que é preciso – estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação [...]”. A expressão “cobra má” foi traduzida por *poison snake*, subentende-se que a qualidade de “má”, na cobra, significa a mesma coisa que “venenosa”. E “tem de matar por obrigação” está traduzido por *is duty-bound to kill* – um recurso que existe no inglês (com o uso de *bound*). Enquanto no inglês se lê *please forgive my mouth*, em russo lê-se, em retroversão: “que o senhor, perdoe a minha língua” (a saber: *Pust’ prostít senhor moi iazyk*). Em russo, também se usou *zmeiá iadovítaia*, isto é, “serpente venenosa”. Enquanto no inglês se lê *the gentleman never respected another’s daughter or a married woman*, em russo lê-se: “eles dizem que o senhor sempre *olhou* tanto para as mulheres casadas, como também para as donzelas honestas [...]”, portanto, em lugar de “respeitou” está mais suavizado com “olhou”. Para “matar”, lê-se em russo: *prikóntchit’*, isto é, “dar fim”, que pode ser menos “truculento”, mas não deixa de ser intenso. Para “estão espalhando [...]”, usou-se em russo a expressão *pustíli slukh*, isto é: “espalharam o boato [...]”.

Mais adiante: “Estou lhe contando p’ra modo de o senhor não querer facilitar” – a expressão “p’ra modo de [...]” é nordestina e evoluiu, posteriormente, para “*mode*”. Guimarães Rosa, desta forma, tenta manter a “cor local”. Na versão inglesa, onde se conservou o padrão, lê-se: *I am telling you this so the gentleman won’t play into their hands*. Ao mesmo tempo, temos “facilitar” traduzido pelo idiomatismo *play into their hands* (que pode equivaler, em português, a “fazer o jogo deles”). A expressão *play into somebody’s hands* é uma expressão que também existe, literalmente, em outras línguas européias, mas

que não foi usada na versão russa, onde se lê: *chtóby vy pobereglís'*, isto é, “para que o senhor tenha cuidado” ou “se proteja”.

“Carece de achar outros companheiros bons, pra o senhor não ir sozinho” – diz o Quim Recadeiro, pois Nhô Augusto ameaçou de ir visitar o Major Consilva, com as palavras “Vou lá!” (no início da página). Na fala de Quim, um representante do povo, cai bem o termo “*carece*”, pertencente ao dialeto nordestino. Por outro lado, na linguagem popular, geralmente, não se faz presente o *plural marcado* (aquilo que se chama de concordância nominal ou verbal), que vemos em “*companheiros bons*” – o que um representante do povo dificilmente diria. O que se haveria de esperar seria algo como: “*outos companheiro, (que seja) bom* [...]” – também com modificação fonética em “outros”. Embora em Guimarães Rosa haja grandes inovações no léxico, as estruturas morfo-sintáticas em, praticamente, toda sua obra – como no exemplo acima – mantêm-se fiéis ao padrão. A tradução inglesa, por sua vez, é padrão puro: *You need to find other good companion, so as not to go alone.*

Na versão russa, lê-se: *Nádo by vam liudêi podobrát' ponadiójnee, chtoby nié puskátsa v put' v odinótchku* (“É preciso que o senhor escolha pessoas mais confiáveis, para não se jogar nessa viagem em solitário”). Como se vê, a tradução nunca corresponde totalmente ao TLP, como já foi comentado em várias ocasiões.

“Eu – diz Quim Recadeiro – porque sou medroso. Eu cá pouco presto”. Em russo, temos: “Eu mesmo não sirvo, sou um tanto medroso (covarde). Sou de pouca serventia (utilidade)” – a questão do medo está um pouco amenizada em russo com a palavra *trussovát* que é mais branda que *trús* (covarde). Por outro lado, está acentuada a questão da “não valia”, com “eu, mesmo, não sirvo” (*Iá-to nié gojús'*) – no início da frase – enquanto no final da frase houve ênfase com: *Ot mieniá tólku malo* (Literalmente, em retroversão: “De mim não se poderia obter muita utilidade”). Em inglês: *Not me, for I'm timid. I'm not much good in this kind of a fix.* Aqui o termo “medroso” foi, também, atenuado com *timid*. Quanto a *this kind of a fix*, é linguagem coloquial, onde *fix*, segundo Michaelis, significa “dificuldade; apuro”. Vemos que cada tradutora acrescentou uma nova nuance, dando uma interpretação *sui-generis* ao TLP.

“Mas Nhô Augusto se mordida, já no meio da sua missa, vermelho e feroz [...]”, onde “*no meio da sua missa*” está em sentido figurado, significando que Nhô Augusto estava já no “meio do processo em curso”. Na tradução inglesa, lemos: *But Mr. Augusto had taken the bit between his teeth, red with rage and fierce, and there was no stopping him* – onde não há referência ao termo “missa”, mas mostra-se a impulsividade de Nhô Augusto com as palavras *there was no stopping him*, já as palavras “já no meio [...]” mostram como as suas

emoções tinham avançado com ímpeto e rapidamente. Portanto, a tradutora captou o espírito do TLP, transmitindo o estado emocional em que se encontrava o personagem principal naquele momento de “fúria”. Houve, para tanto, até acréscimo da palavra *rage* em *red with rage* que está implícita no TLP. Curiosamente, encontramos na versão alemã, vertida por Clayer-Mason, algo mais próximo ao TLP, com alusão à “*missa*”: *Aber Nhô Augusto hatte schon die Haelfte seiner Messe hinter sich*. Em retroversão: “Mas Nhô Augusto tinha já tinha metade da sua missa atrás de si”. Na versão russa, temos, em retroversão: “Mas Nhô Augusto mordida seus lábios, *esquentado até não poder mais* e enrubescido de cólera” – vê-se que alguns elementos foram substituídos por outros: *do prediéla* significa “até o limite” ou “até não poder mais” – um idiomatismo – que está no lugar do regionalismo “no meio da sua missa” (uma expressão que só podia ter surgido em lugares onde o povo tem o hábito de freqüentar a igreja).

“Montou e galopou, teso para trás, rei na sela, [...]”. Em russo: “Ele pulou em cima do cavalo, e o fez galopar, tendo se reclinado na sela, de maneira arrogante, como um rei, [...]” – sendo que “como um rei” está aí expresso com um advérbio devido à partícula *po*, isto é *pó-koroliêvski* (= à maneira de um rei), assim, cada língua utiliza os recursos lingüísticos que possui. Na frase seguinte, temos no TLP “[...] enquanto o Quim Recadeiro ia lá dentro, *caçar* um gole d’água para beber. Assim”. Existe a figura de linguagem, a conotação, em “caçar um gole d’água”. Na versão russa temos: “enquanto Quim Recadeiro foi beber um gole d’água”, ao que foi acrescentado pela tradutora “para saciar a sede”, explicitando algo que estava, apenas, implícito no TLP.

Em inglês, primeiramente, lê-se: *He mounted and galloped off, shoulders straight, chest out, king in his saddle [...]* – onde se vê que para “teso para trás” foi usado maior número de palavras na descrição da figura de Nhô Augusto *shoulders straight, ches out* – imaginando a tradutora que quem fica “teso” na sela, deve, obrigatoriamente, endireitar os ombros e quem se empina para trás, deve jogar o peito para frente (*chest out*). Portanto, vemos que um tradutor usa de palavras novas, na sua criatividade, para recompor uma imagem, uma descrição. Adiante, lê-se: *to find himself a swallow of water. Thus it was* – onde *find himself* mostra a necessidade de beber, a sede de Quim Recadeiro.

O autor faz consideração sobre a falta de perspicácia de Nhô Augusto, que não percebe a gravidade da situação, não possui o menor senso de intuição, comportando-se de maneira diferente à grande maioria das pessoas, com quem o autor compara o seu personagem. Desta forma, lemos: “Assim, quase qualquer um *capiou* outro, sem ser Augusto Esteves [...]” – como em outras ocasiões, o termo grifado foi traduzido por: *backwoodsman* –

Thus it was, and almost any other backwoodsman [...]. Existem outros termos (para tradução do quase sinônimo “caipira”), alguns um tanto depreciativos: *back-settler, yokel, hick, jake, clodhopper, country bumpkin*, entre outros¹⁴⁷. Talvez por ser “mais neutro”, a tradutora preferiu se ater ao termo escolhido. Na versão russa, o termo usado foi um empréstimo do português, a saber, “sertanejo”, como ocorreu em outras oportunidades: *Tak vot, liubói drugói sertanejo, iêslí on nié Augusto Esteves* [...] (= Assim, qualquer outro sertanejo que não fosse Augusto Esteves [...]).

(Um outro) – continua o texto – “nestes dois contratemplos teria percebido a chegada do *azar*, da *unhaca* [...]” – aqui “*unhaca*” vem expresso para reforçar o sentido do termo anterior “*azar*”, com o mesmo sentido. Em inglês, temos: [...] *would have seen in those two mishaps the hand of chance, of bad luck* – sem a cor local que o termo “*unhaca*” transmite. Segundo Houaiss, termo derivado de “unha” (daí, também “pessoa sovina”). Segundo LGR, “*unhaca*” é “variante de *nhaca* e *inhaca*”, todos sinônimos de “*azar*”. Em russo, lê-se: *iz étikh zlokliutcihênii zdiélal by vývod, chto prochlá porá neveziên'ia, nieudátch* [...]. Em retroversão: “[...] destas desventuras teria tirado a conclusão de que tinha chegado a hora do *azar*, do insucesso [...]” – uma linguagem padrão. Continuando: “[...] e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa insossa, para esperar o cumprimento do ditado: [...]”. Em inglês, temos para “umas rodadas sem jogar”: *a couple of deals without playing*; para “tirado férias da vida”: *taken some days off from his normal pursuits*; e para “coisa insossa” – *some other trivial thing* – como se vê evitou-se uma tradução literal, tendo sido feitas as adaptações para aquele uso, consagrado da língua inglesa. Na versão russa, lê-se: *i na niéskol'ko kónov výchel by iz igrý, prervál by svoiú obýtchnuiu jýzn' kaníkulami: putechêstviem, pereiézdom ili eschió kakim-libo malointeriésnym diélom, chto-by perejdát' poká zbúdetsa retchênie*: [...], que em retroversão significa: “e por algumas partidas, saísse da jogada, interrompesse sua vida comum com férias: ou uma viagem, uma mudança ou ainda outra coisa qualquer, pouco interessante, para poder aguardar até quando se cumprissem aqueles dizeres: [...]”.

Para o ditado “Cada um tem seus seis meses” temos, desta vez, de forma, praticamente, idêntica: *Everyone has his six months*. Mas em russo, usou-se, também, um ditado popular, com rima, como devem ser os ditados, formas poéticas e, ao mesmo tempo, receptáculos da sabedoria popular: *Ináia nevzgóda – na polgóda* – em retroversão: “infortúnios há que podem durar até meio-ano”.

¹⁴⁷ Cf. MICHAELIS.

“Mas Nhô Augusto *era couro ainda por curtir* [...]”, a expressão em destaque mostra a rudeza do personagem, comparando-o a uma obra ainda inacabada. Aqui, em russo usou-se também um outro ditado: Nhô Augusto seria um “pardal que ainda não tinha levado chumbo (tiros)” – expressão para provar que se tratava de alguém ainda “inexperiente”. Em inglês, lê-se um equivalente ao TLP: *But Nhô Augusto was still an untanned leather*, isto é: “couro ainda não-curtido”.

“*Demais*, quando um tem que pagar o gasto, *desembesta* até o fim” (o autor filosofa sobre a situação): lingüisticamente, no padrão a forma usada é “ademais”, sem apócope do “a”; “desembesta” também é termo da linguagem popular, um pouco rude, que, inicialmente, referia-se a bestas que “correm desenfreadamente”, mas, depois, por extensão, passou a significar “disparar” e “descomedir-se”¹⁴⁸. “Pagar o gasto” foi traduzido na versão inglesa para *pay the piper* – uma expressão inglesa que significa “pagar as despesas”¹⁴⁹, mas, literalmente, equivale a “pagar o tocador de gaita – ou fole” (*piper* de *pipe*). *Plunges ahead to the bitter end* ao “amargo” (isto é, “triste”) fim (= mergulha de cabeça até chegar ao “amargo” – isto é, “triste fim”) – foi a expressão usada para traduzir “desembesta até o fim”, onde *bitter end* pode referir-se à desintegração total, inclusive a morte.

Em russo, tem-se: “Além do mais, quando chega a hora de pagar as contas, tem que se *esvaziar os bolsos*, até o fim”. Portanto, cada tradutora resolveu o problema da tradução, à sua maneira peculiar. Em seguida: “Nele, *mal-e-mal*, por debaixo da raiva, uma idéia resolveu por si: antes de ir matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os *capangas*”. Podemos dizer que, na versão inglesa, sendo antes traduzido por *henchmen*, aqui, “capangas” vem traduzido como *gunmen*. “Mal-e-mal” – expressão popular – que, segundo Houaiss, significa “de modo sofrível, escassamente” – que, na verdade, é apenas uma ênfase e redundância do advérbio “mal” – e foi traduzido por *more or less clearly*, que intensificou o sentido, em muito. “Uma idéia resolveu por si” foi muito bem expresso com as palavras: *an idea was taking shape*: [...]. De qualquer modo, na norma culta, a forma esperada seria: “*resolveu-se*”, em lugar do que se lê no TLP. Em russo: “Nele, por debaixo da raiva, por si só se delineava (literalmente: “se recortava”) uma decisão”.

“[...] precisava de *cair* com o Major e os capangas” – está em russo: “precisava primeiramente *ficar quites* com o major e os capangas”. Em inglês, usou-se *fall on* para traduzir *cair com*, sendo que nessa tradução, ficou até mais claro – o sentido – que no TLP. *He had to fall on Major Consilva and the gunmen*. A expressão “cair com” dá a idéia que as

¹⁴⁸ Cf. HOUAISS.

¹⁴⁹ Cf. MICHAELIS.

duas partes (tanto Nhô Augusto, como o Major Consilva e os capangas, do outro lado) cairiam, na luta entre si.

“Se não, se deixasse *rasto* por acertar, perdia a força. E foi”. Em inglês: *If he didn't, if he left an account unsettled, his strength would be diminished. And he went.* O termo “rasto” pode ser considerado como empregado em sentido conotativo, podendo referir-se a uma pendência de dívidas – de qualquer tipo – isto é, uma questão mal-resolvida. Daí a tradução *account unsettled* (= conta não acertada). Na versão russa, não se menciona nenhum “acerto de contas” nesta frase, mas foi usada a expressão “ficar quites” – com o major e os capangas – (*pokvítatsa s maiórom i golovoriézami*) acima, de forma que esta idéia ficara implícita. O que se lê para esta frase é: “Se não, vai-se perder o momento oportuno, perde-se a força”.

A frase final “E foi” que em inglês está *And he went* – em russo está mais explicitada: *I on poiékhal k maióru*, isto é: “E ele foi (montado) – ou ‘partiu’ – até o major” (sendo que *k maióru* pode, também, equivaler a “até a casa do Major” – como se diria em francês: *chez lê Majeur*. Usou-se em russo *poiékhal* e não *pochól*, pois nesta língua existem dois grupos de verbos: um para expressar a idéia de locomover-se: “a pé” – (*idtí* e seus derivados) – e outro grupo de verbos para expressar a idéia de “ir”, isto é, “viajar de veículo” ou “montado”, como *poiéhati* (o verbo usado no TLC) – como já foi comentado, no cotejo referente à página 348 do TLP.

3.4.1.11 TLP, p.351; TLC-1, p. 273; TLC-2, p. 223-224

Como foi visto nas páginas anteriores, ao saber da infeliz notícia pela boca do mensageiro Quim, de que sua mulher Dionóra havia partido com outro homem (seu Ovídio) a primeira coisa que veio à mente de Nhô Augusto foi perpetrar uma cruel vingança contra ambos – como, aliás, era acostumado a agir (sempre usando de violência), mas, juntamente com esta triste notícia, havia outro problema a resolver, o dos cacundeiros, seus jagunços, ou capangas, isto é, os homens que outrora o serviam tinham mudado de lado e aderido ao seu inimigo de velhos tempos, o Major Consilva.

Entre os dois problemas, este último lhe pareceu como sendo o problema maior que urgia resolver imediatamente. Acostumado a “dar murro em ponta de faca”, na expressão do ditado popular, Nhô Augusto, aqui também, quer usar de força bruta, ciente que era da sua onipresente superioridade. Desta forma, em um átimo de segundo, monta a cavalo e se dirige à chácara do Major, onde acontecimentos totalmente inesperados o aguardam. É o começo do

seu *turning point* ou da sua *via crucis*, que acabará por fazer de Augusto Esteves um “novo homem”.

No que ele monta a cavalo, naquele instante, dirigindo-se à chácara do Major com esta finalidade – esta cena é descrita pelo narrador: “Cresceu poeira, de peneiram. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chega à chácara do Major”, que em inglês equivale a: *The dust piled up like a smoke screen. The road stretched straight, full of cautious people. He reached the Major’s country house [...]*. Pode-se dizer que houve uma recriação por causa da introdução da palavra *smoke*. A versão russa, também, se afasta bastante do TLP, criando uma nova situação, na primeira frase: *Dojd’ iéle pokápal, tol’ko pyl’ razvióz. Doróga pochlá priámo, pó obótchinam stoiáli liúdi, smotriéli voba* (literalmente, “olhavam com ambos os olhos”) Nhô Augusto *pod’iékhal k maiórskomu dómu*. Em retroversão: “A chuva mal pingava, só fez levantar a poeira. A estrada ia reto, de ambos os lados, havia pessoas, em pé, olhavam com cautela. Nhô Augusto se aproximou (a cavalo) da casa do Major”.

Quanto ao trecho *tol’ko pyl’ razvióz*, isto é “só fez levantar a poeira” – pode-se perguntar: onde está a referência à “chuva”, no TLP? Quanto a isto, encontramos em Houaiss uma elucidação, havendo referência a “peneira” como “chuva leve”, daí, talvez, a referência a “chuva” no texto russo. Por outro lado, pode-se dizer que há, no TLP, uma espécie de imagem, uma comparação, que nos faz imaginar que a poeira estivesse sendo “peneirada”.

No entanto, ao chegar à chácara do Major – continua o narrador: “[...] Nhô Augusto nem *descavalgou*, sem tempo. Do tope da escada o dono da casa foi falando, alto, risonho de ruim: – Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Esteves! [...]”.

Podemos dizer que o termo “descavalgar” é mais regionalista do que seria “desmontou” em inglês, traduzido por um cognato deste, *dismount*, como se lê, a seguir: *He reached the Major’s country house. But he didn’t have time to dismount*. Em russo, lê-se: *Nhô Augusto pod’iékhal k maiórskomu dómu. No dáje spiéchytsa nié uspiél*. Isto é “Nhô Augusto se aproximou da casa do Major. Mas não teve tempo de desmontar”. O termo negrito (*spiéchitsa*) é o verbo, comumente usado para significar “desmontar” (ficar a pé). Este trecho, em russo, parece ser tradução literal do texto inglês, mencionado acima. Na verdade, precisa-se ter em mente que, enquanto a tradução russa foi realizada em 1980, a versão americana é de 1965.

Cresce o clímax em direção ao desfecho trágico, mas que determina, por outro lado, a grande “virada” na vida de Augusto Matraga, como foi dito acima. O major Consilva parte para o ataque. Assim, lê-se: “–Tempo de *bem-bom* se acabou, cachorro de Esteves”. Em inglês, a este respeito, lê-se: *Happy days are over for, you son-of-a-bitch, Esteves!* – “Bem-

bom”, traduzido por *happy days*, tem em português um tom coloquial e idiomático. Já a expressão inglesa *son-of-a-bitch* tem uma carga emocional muito mais forte que “cachorro”. Em russo, lê-se: *Kóntchilos’ tvoió vriêmtchko, súkin syn, Esteves*, que segue o modelo inglês, pois *súkin syn* equivale a *son-of-a-bitch*, xingamento comum, na língua russa. Por sua vez, *vriêmetchko* é diminutivo de *vriêmia* (tempo), conferindo um tom irônico à frase. Em retroversão, temos (literalmente): “O teu tempinho acabo, Esteves, filho de uma cadela”. Neste caso, “tempinho” equivale a “bom tempo”, “boa vida”, ou *happy days* (dias felizes), etc., como está em inglês. Proferidas estas palavras por Major Consilva, continua o narrador:

O cavalo de Nhô Augusto *obedeceu* para diante; as ferraduras tinham e deram fogo no lajedo; e o *cavaleiro*, em pé nos estribos, trouxe a *taca* no ar, querendo a figura do *velho*. Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pularam de cada beirada, e eram só pernas e braços.

Nhô Augusto, o “cavaleiro”, quer ameaçar o “velho”, que é o Major, mas este já tinha instruído os seus capangas para um eventual aparecimento de Nhô Augusto, como de fato aconteceu.

Na versão inglesa, há um acréscimo do que estava implícito com relação a “obedeceu”, pois se lê: “obedeceu com um toque o seu mestre”. Assim, tem-se: *At a touch from its master Nhô Augusto’s horse lunged forward [...] – Por sua vez, lunge (v) significa “dar botes, investir”¹⁵⁰*, descrevendo o movimento feito pelo cavalo.

Na versão russa, lê-se: *Kon’ Nhô Augusto poslúchno podálsia vperiód [...]*. Em retroversão: “O cavalo de Nhô Augusto inclinou-se, obedientemente, para frente [...]”, estando mais concisa esta frase no TLP. O verbo *podálsia* (pretérito de *podátsa*) é o correspondente russo de *lunged*, da versão inglesa (conforme Vóinova, o infinito *podáts* significa “ir, rumar para” e, também, “afastar-se”).

Nhô Augusto, no cavalo, gostaria de revidar às palavras do Major, bradindo a “taca no ar” – como foi visto acima. O LGR apresenta “taca” como sinônimo de “relho, correia”, um termo regionalista. Houiass, por sua vez, apresenta o termo como instrumento para castigar escravos.

Enquanto isto, o termo inglês *quirt*, usado pela tradutora Harriet de Onís em [...] *and the rider, standing i n his stirrups, raised his quirt in the air, aiming at the old man [...]* encontra-se dicionarizado no *Heritage*, como *a riding whip with a short handle and a lash with braided lawhide*, significando uma espécie de “chicote”, usado para castigar cavalos,

¹⁵⁰ Cf. OLINTO.

sendo de origem hispano-americana (também, dicionarizado como *riding whip* por Chambers). Vê-se, desta forma, que o tradutor pode vir a fazer adaptações que se enquadrem no contexto quando não houver possibilidade de uma correspondência completa entre as línguas.

Na versão russa, “taca” foi traduzido por *pliótka* que, segundo *Vóinova*, significa “azorrague” (termo este, dicionarizado em Houaiss – entre outras coisas – como sinônimo de “açoite”). Como vemos, a tradução é “aproximada” em ambas as versões.

Entrementes, os capangas que antigamente serviram a Nhô Augusto já estavam instruídos e, a um piscar de olhos do Major, iniciaram a tortura física em Nhô Augusto Esteves, prontos para matá-lo. Alguém gritou – provavelmente fora o próprio Major – “– *Frecha*, povo! Desmancha!”. “Frecha” seria, talvez, uma corruptela de “flecha”, do verbo “flechar”, no sentido de deixar algo ou alguém preso, como por uma flecha. Na versão inglesa, para tanto, tem-se: – *Give it to him, men! Take him apart!*, uma tradução aproximada, que se enquadra no contexto, mas que perde, um pouco, em intensidade. Na versão russa, tem-se: *S dorógui, naród! Osvobodí miésto!* – bastante diferente, pois na retroversão, tem-se: “Abra o caminho, ó povo! Libera o espaço!” – distanciando-se tanto do TLP como da versão inglesa. O que pode ter havido foi um mau entendimento do sentido de “desmancha” pela tradutora russa (que pensou ser esta expressão equivalente a “desmanchar uma multidão” ou “um acúmulo de gente”). Continua o narrador: “Já os *porretes* caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de *matrinchãs* na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto *desdeu* o corpo e caiu [...]”. Na versão inglesa tem-se: *And the clubs fell upon the rider like fish, leaping in a net. Cudgel blows on his head, shoulders, thighs; [...] Nhô Augusto’s body came loose and he fell [...]*.

Neste caso, “porretes” foi traduzido em inglês por *clubs* e “matrinchãs” por “*fish*” – com o que temos um hiperônimo, pois “matrinchãs” são *um tipo de peixe*. Este recurso é, habitualmente, usado, quando na cultura de língua de chegada não existe um determinado termo. Quando se toma o mesmo termo, de empréstimo, torna-se necessária uma nota de pé-de-página. Na versão russa, por sua vez, “porretes” é *dubínki*, sendo – como na versão inglesa – usado o hiperônimo *ryby* (isto é, “peixes”) para traduzir “matrinchãs”. O que está implícito no TLP, fica explícito na versão russa: *Nhô Augusto poteríal ravnoviêssie i sletiél s koniá*; em retroversão: “Nhô Augusto perdeu o equilíbrio e saiu voando do cavalo”. Subentende-se que ele caiu “do cavalo” – já que Nhô Augusto é tratado, no TLP, por “cavaleiro” – mas está apenas implícito.

Com a versão russa, tem-se, no caso, uma boa “imagem visual” da cena. Isto quer dizer, que Nhô Augusto queria atingir o Major com a “taca”, enquanto ainda estava “montado”, mas sendo-lhe desferidos os golpes, em todo o corpo, ele cai do cavalo. Quando se lê, no TLP, apenas “caiu”, pode-se ter esquecido este detalhe, e imaginar que Nhô Augusto já havia “desmontado”. Assim, percebe-se que um tradutor pode até vir a “enriquecer” ou “embelezar” o TLP com detalhes pitorescos.

É óbvio que “desdeu” é o pretérito de um termo regionalista, não pertencente à linguagem padrão. OLGR apresenta o infinitivo “desdar” como “soltar, desatar, bater”. Assim, Nhô Augusto teria “solto” o seu corpo, que amoleceu, e ele teria, assim, caído do cavalo.

Por causa do contexto, ambas as tradutoras – embora se tratasse de um termo desconhecido para os falantes do “padrão” – não tiveram dificuldades em traduzi-lo.

Nhô Augusto ainda tenta se apumar e se erguer, mas, com isto, ainda piora a situação, pois se vê obrigado a encarar não apenas “os seus próprios bate-paus”, como “o capiauzinho *mongo*” que ele tinha enfrentado naquele leilão, atrás da igreja. Assim, escreve o narrador: “Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as *caras horríveis* dos seus próprios *bate-paus*, e, no meio deles, o capiauzinho *mongo* que amava a *mulher-atoa* Sariema”.

Assim, o capiau que disputou Sariema com Matraga, no início da narrativa, aparece no meio daqueles “bate-paus” – que já tinham sido gente de Nhô Augusto – para vingar a humilhação sofrida na ocasião do leilão, em torno das duas mulheres, Sariema e Angélica, atrás da igreja do arraial.

Quanto ao adjetivo “mongo”, segundo o LGR, este termo parece um regionalismo, sendo uma possível abreviação de “mongolóide”, com o sentido de “bobo, apalermado”. Este termo foi omitido na versão de língua inglesa, que nos apresenta apenas o diminutivo de “capiau”, isto é: *He managed to kneel on the ground, trying to support himself on his hands, but this only allowed him to see the horrible faces of his own henchmen, and in the middle of them the little backwoodsman who loved the strumpet Crested Screamer.*

Se Sariema já fora tratada por *drab* – no contexto *the two drabs* (para “as duas mulheres à-toa”) – no início da narrativa, e também por *girl* para traduzir “rapariga” – por, talvez, a tradutora ter considerado o termo na acepção do português europeu, ou

simplesmente por uma questão de eufemismo, neste caso, com *strumpet* não nos deixa dúvidas sobre a sua condição, pois esta palavra, em inglês, equivale a “prostituta”¹⁵¹.

Na versão russa, o termo usado para traduzir “mongo” foi *jetolítsy*, que significa “o de cara amarela”, o que nos mostra que o termo “mongo” foi tomado nos sentido literal, isto é, denotativo, como uma característica física ou racial, e não na acepção de “bobo, apalermado” como sugere o LRG. Não resta dúvida que se trata de uma “falha de interpretação”. Assim, lê-se: *On stal býlo na koliêni, upiráias’ v ziêmliu rukámi, no èto malo chto emú daló, on smóg tól’ko razgliadiêt’ stráchnye fisionômii svoíkh sóbstvennykh gromíl i sriêdi nikh – jetolítsevo parenká - sertanejo, vliubliónnovo v guliáschuiu devítsu po prózvischu Kariama*. Em retroversão, tem-se: “Ele como que ficou de joelhos, apoiando-se com as mãos contra a terra, mas isto tinha *poucos resultados*, ele apenas pôde distinguir as terríveis *fisionomias* dos seus próprios *arrombadores* e, entre eles, o *rapazinho- sertanejo de cara amarela*, apaixonado pela *mulher-de-rua* (ou “vadia”), apelidada Sariema”.

Vemos, na retroversão acima, até que ponto o TLP pode ser “modificado” numa tradução, a ponto de se tornar uma “variante” do assim-chamado texto “original”. Portanto, buscar uma correspondência “total” – como queriam os teóricos prescritivistas – é quase impossível e, se algumas vezes acontece, limita-se a pequenos trechos ou frases. E, mesmo assim, isto raramente acontece.

Diante do tudo isto e principalmente depois de ver o capiau, Nhô Augusto tem uma sensação de “gastura” no estômago, pois, por meras características físicas (“testa peluda, com o cabelo quase nos olhos”), ele conhece muito bem “esta raça de homem”, que consegue guardar o seu rancor, o seu ódio, por muito tempo, cultivando-o, devagar e aos poucos, até “chegar o dia de tirar vingança”. Assim, lê-se:

E Nhô Augusto fechou os olhos, de *gastura*, porque ele sabia que capiau de testa *peluda*, (*shaggy-headed backwoodsman*) com o cabelo quase nos olhos (*with hair growing almost into his eyes*), é raça de homem capaz de *guardar o passado em casa*, em lugar fresco perto do *pote* (*in a cool spot beside the water jug*) e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para juntar à *massa-mãe* do ódio grande (*all to be hoarded with the mother-mass of deep hatred*) até chegar o dia de tirar *vingança*.

Matraga conhecia este tipo de gente (como o capiau) mencionado acima: que podia guardar o ódio por muito tempo, o que está exposto na imagem da “massa-mãe” – que

¹⁵¹ Cf. OLINTO.

lembra o processo de fermentação, quando se faz o pão, ou outro tipo de alimento. O *ódio*, no caso, cresceria como a massa do pão, com fermento.

Assim, quanto ao termo “gastura”, pode-se dizer tratar-se de um termo popular que, entre outras coisas, significa “sensação de mal-estar físico que causa náuseas, *arrepios* [...]”¹⁵². Aproveitando este último detalhe, Onís traduz o termo por *shudder*, uma das manifestações que acompanha a “gastura”. A primeira acepção do termo, no entanto, é a de “pirose”, seguida de “vazio no estômago”.¹⁵³

A versão russa, no entanto, fala de “falta de esperança”, com as palavras *tchúvstva beznadiójnosti* – que significa, literalmente, “sensação de desesperança”. Se esta não é uma sensação “física”, como a “gastura”, é possível que sensação de “falta de esperança” ou outras emoções, pouco confortáveis, possam levar a uma sensação de “gastura”, na condição de uma “somatização”. Assim, lê-se:

I ot tchuvstva **beznadiójnosti** Nhô Augusto zakrýl glazá: on znál, chto **sertanejo** takóvo tipa, s cheveliúroi, natchináiuscheissia tchut' nié ot broviêi i zakhvatívchei viês' lob, – liúdi ossóbo **zlopámiatnoi** poródy, oní spossóbný khranít' próchloe u siebiá doma, na kholodkié, vózle **gorchká s pokhlióbkoi**, i vsió vriêmia prinossít' s úlitsy miélkie obídy, chtóby podkládyvat' ikh v **opáru** velíkoj niénavisti, poká nié prob'iót tchas miésti.

Em retroversão, tem-se:

E por causa da sensação de *falta de esperança*, Nhô Augusto fechou os olhos: ele sabia que um *sertanejo* daquele tipo, com uma cabeleira, começando quase a partir das sobrancelhas, e ocupando toda a testa, – são pessoas de uma natureza, especialmente, *vingativa*, eles são capazes de guardar o passado em sua casa, no fresco (literalmente, “no friozinho”), perto do *pote de sopa*, trazendo, a toda hora, pequenas ofensas da rua, para acrescentá-los à *massa fermentada* do grande ódio, até que *soe a hora* da vingança.

Vemos que cada tradutora fez inovações a seu modo: se a americana escreveu *water jug* (“jarro de água”), a russa criou “pote com sopa”. Na verdade, *pokhlióбка* é um tipo de sopa rala (de *khlebát'* – segundo Vóinova, “beber a grandes tragos”). É interessante, também, o uso do adjetivo *zlopámiatny* – composto de dois elementos – *zló* (isto é, “o mal”) e *pámiat'* (“memória”) – o que equivale a “aquele que lembra o mal que lhe foi feito” ou, simplesmente, “vingativo”. Em lugar de “chegar o *dia* [...] da vingança”, em russo, tem-se “quando soar” – ou “bater”, no sentido do pêndulo do relógio, por exemplo – a “*hora* da vingança”, etc. O trecho, acima, portanto, é mais um exemplo de que o processo tradutório é,

¹⁵²Cf. HOUAISS.

¹⁵³Idem.

na verdade, um processo de “recriação” que nunca segue “fielmente” o TLP. Continua o narrador: “Mas, no meio disto tudo, *pachorrenta (drawling) e cuspida (salivous)* ressoou a voz do Major: – Arrastem p’ra longe, para fora das minhas terras [...] *Marquem a ferro, depois matem*” (*Brand and then kill him*). Em russo, lê-se: “Mas aí ressoou a voz do Major, *zombeteira, e arrastada: – Ottaschít’ evó podál’che, za prediély moíkh ugódi. [...] Zakleimít’ kaliónym jeliézom, potóm zabít’*. Isto é, “arrastar para fora das minhas terras (ou “campos”), marcar com ferro *em brasa* e depois matar (a pauladas) – ou “bater para matar”.

Vemos que a tradutora russa fez a sua interpretação para “cuspida” como “zombeteira”, mas não houve referência à “saliva”, na versão russa. Deixou, também, explícito tratar-se de ferro “em brasa” (*kalióny*). Quanto a isso, podemos dizer que as “explicitações” são, muitas vezes, necessárias para que o leitor se inteire dos costumes da cultura do TLC: no caso, o de “marcar o gado” com seu “logotipo” (a marca), usando, para tanto, o ferro *quente*. Finalmente, com *zabít’*, derivado de *bít’* (“bater”), deu-se a entender que Nhô Augusto deveria ser morto a pauladas.

No que se refere ao vernáculo, pode-se comentar os dois modificadores de “voz” destacados, a saber, “cuspida” – que denota algo como que passa “entre os dentes”, fazendo força; e “pachorrenta”, que significa “lenta, arrastada”. O LGR, aliás, apresenta “pachorro”, como “vagaroso, tranqüilo” (este, um derivado regressivo de “pachorrento”). Ambos seriam derivados de “pachorra” que – como se sabe – é um termo popular que significa “paciência”, e que Houaiss apresenta como derivado do espanhol *pachorra* (sinônimo de “fleuma”).

O Major Consilva ordena marcar Nhô Augusto “a ferro”, como se marcava o gado, deixando o seu carimbo reconhecível, de “mandante do crime”, sem medo de punição judicial, pois, naquelas terras do sertão, sem lei, os “coronéis de terra” eram a “própria lei”.

Nhô Augusto, deste modo, parecia ter chegado ao fim da linha, mas ainda, mesmo assim, não se conforma e, mesmo estando naquele estado desolador, quer desafiar o Major. Continua o narrador: “Nhô Augusto se alteou e estendeu o braço direito, agarrando o ar com os cinco dedos: – Cá p’ra perto, carrasco! [...] Só mesmo assim desse jeito, pra *sojigar* Nhô Augusto Esteves! [...]”. Em inglês, *Right here, you executioner! That is the only way to get the better of Nhô Augusto Estêves !*.

Esta tradução é pitoresca e idiomática: de um lado, o emprego de *executioner* que é mais formal que “carrasco” (poderia ser usado o termo *butcher*, mais informal). Por outro lado, o uso de uma expressão idiomática para traduzir o verbo “sojigar” – uma corruptela de

“subjugar”, ou melhor, uma variante¹⁵⁴, tratando-se de uma forma popular e arcaica. Na versão russa, lê-se: *Nhô Augusto výpriamilsa i výtianul pravuiu rúku, khvatáia górst’iu vózdukh: – Nú-ka, poblíje, palátch! [...] Tól’ko tak, po-drugómu nie odoliét’ vam Nhô Augusto Estêvessa!*. Em retroversão: “Nhô Augusto se endireitou e espichou o braço direito, agarrando o ar, com a mão cheia (ou “com o punhado da mão”): – Então, (chegue) mais para perto, carrasco![...] Só assim – (pois) de outra forma não lhe (será possível) subjugar a Nhô Augusto Esteves!”.

Pode-se dizer, a respeito desta versão russa, que *palátch* é um termo “tão informal”, quanto “carrasco”, e o verbo *odoliét’* é a forma padrão para “subjugar”. Por outro lado, *górst’* (que está declinada no caso instrumental singular, a saber, *górstiu*) significa, justamente, “punhado” que se obtém ao se juntar os cinco dedos. Quanto a *rúku*, acusativo singular de *ruká*, tanto pode significar “braço”, como “mão” (o russo, normalmente, usa a mesma palavra, para designar a ambos), tendo-se que inferir o sentido a partir do contexto.

Desta forma, os capangas tentam executar o que foi ordenado pelo seu Major, e para isto, começam a carregar Nhô Augusto para longe dali. Assim, lê-se: “E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e *estrebuchava* tanto, que a roupa se estreachava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela [...]”.

3.4.1.12 TLP, p.352; TLC-1, p. 273-274; TLC-2, p. 224-225

“[...] metade da barriga. Desprende-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, *de-bruços*, com a cara encostada no chão”. A descrição mostra, com eloquência, os horrores da situação. Em inglês, lê-se:

And, held fast by his hands and feet, twisted by the **bodyguards**, he roared and bellowed and **struggled so convulsively** at his clothing was torn to pieces and his body seemed about to be wrenched in two, split down the belly. Once he managed to get loose. But other men brought their **cudgels** down on him. Nhô Augusto stretched out, **prone**, his face buried in **the dirt**.

Vê-se algumas alterações com relação ao TLP como uma paráfrase para traduzir “estrebuchava” (a saber, *struggled so convulsively*), o usual *bodyguards* – para capangas – o que tira, totalmente, a “cor-local”, e maior dramaticidade quando a tradutora americana

¹⁵⁴ Cf. LGR.

escreve (*his face*) *buried in the dirt*, portanto “(sua cara) enterrada na sujeira”, em lugar de “encostada na terra, como no TLP. Na versão russa, tem-se:

I khotiá **bandíty** derjáli evó zá ruki i zá nogui, on vyvorátchivalsa iz tiskóv, kritchál i rychal i tak **bílsa**, chto odiéjda na nióm **raz'iezhálas' pó chvam**, a tiélo kazálos' **vot-vot** razorviótsa nádove **do pupká**. Emú udalós' bylo výsvobodítsa. No tut eschió obrúchyli na nevó **dubínki**. Nhô Augsuto upál **nitchkóm**, utknúvchys' litsóm v **ziêmliu**.

Em retroversão, tem-se:

E embora os *bandidos* o segurassem pelos braços e pelas pernas, ele se retorcia das “peias” (ou “tornilhos”), gritava e urrava e *se debatia* tanto, que a roupa, em cima dele, estava *se abrindo pelas costuras*, enquanto o corpo parecia que ia *logo-logo* partir em dois, bem até o *umbigo*. Ele conseguiu até a se soltar. Mas, aí, mais *dois* desceram nele os porretes. Nhô Augusto caiu de-bruços, enfiando a cara na terra.

Vêm-se algumas alterações, tanto por questões puramente lingüísticas (uso de expressões idiomáticas), como por mera escolha da tradutora, que, como qualquer leitor, tem direito a fazer a sua própria interpretação do texto a ser traduzido. Erros, ou melhor, “lapsos” também ocorrem com certa freqüência nas traduções, como no trecho “Mas aí, mais *dois* desceram nele os porretes”. O que se lê no TLP é: “Mas outros *dos* homens [...]” (“dos” em lugar de “dois”), o que não altera muito o sentido e pode ser considerado algo feito por conta da “recriação”. Outras alterações houve como “até o umbigo” em lugar de “até a metade da barriga” – afinal, na “metade da barriga” há o “umbigo” – o que parece ser uma expressão consagrada no idioma russo. Foi omitido o particípio passado “estendido”, mas isto não altera muito o sentido.

Do ponto de vista da *cultura*, isto é, da “conotação cultural”, propriamente dita – podemos dizer que a palavra usada para traduzir “porretes”, *dubínki* – diminutivo plural de *dubína* –, que remete ao título de uma canção folclórica, em que o camponês (*mujík*) só trabalha e sofre, sob ação desta *dubina* – uma palavra originária de *dub*, isto é, “carvalho” – enquanto “o sábio inglês inventava uma máquina, atrás da outra”.

Um dos capangas pediu água para jogar em cima de Nhô Augusto: “– Traz água fria, *companheiro!* (*Bring some cold water, pal!*)”. Em russo foi usado “companheiro” (tratamento que se usa em países socialistas, como Cuba, e entre os membros do PCdoB), e a palavra utilizada foi *drujýsche* (isto é, “amigão”). Assim: *Prinessí vodý kholódnoi, drujýsche!* – (isto é, “Traga água fria, amigão”) – com a finalidade de manter o tom popular, familiar, da fala, já que *priiátel'* (segundo Vóinova, “amigo, companheiro, camarada”), denotaria excessiva polidez ou afeto.

Enquanto isto, o capiauzinho “da testa peluda cantou, mal-entoadado”, escolhendo uma cantiga adequada para a situação. São as famosas epígrafes (também as “internas”), de que nos fala Franklin Oliveira na introdução à versão de língua inglesa¹⁵⁵, que aparecem, a cada vez em que muda o *cenário* da narrativa. Assim, escreve Franklin de Oliveira:

They are a kind of **algebraic formula** of the narrations: occult Sings on the entablature, key and code to the stories. They foretell what is to come; they condense them metaphysical dimension [...] The epigraphs reveal or indicate the thought of the author astutely concealed in the plot. Alongside, these epigraphs which, like an ideological frieze, crown the narrations, there are others in the **body of the work** (SAGARANA, versão inglesa, 1966, p.8)

O capiauzinho que fora humilhado por Nhô Augusto no pátio da igreja, onde Sariema e Angélica estavam sendo leiloadas, aproveita a oportunidade para vingar-se, e cantou – “mal-entoadado” (*sang off key*) – os versos significativos:

Sou como a ema,
Que tem pena e não voa [...]

que mereceram uma boa tradução da Harriet:

*Like the rhea am I,
got feathers and don't fly*

A versão inglesa consegue criar uma rima. Na versão russa, sobre o capiauzinho desentoadado, lê-se o seguinte: *Pareniók-sertanejo s zaroschým lbóm zatianúl, falchývia*, isto é, “O rapazinho-sertanejo, de testa peluda, entoou, *desafinando*”. E o dístico, na versão russa, ficou da seguinte forma (com a respectiva retroversão):

<i>Kak èmu, ptítsa- èmu,</i>	Sou como a ema, ave-ema
<i>Piêr'ia iêst', a nié letáiu [...]</i>	Tenho as penas, mas não vôo [...]

Por ser pouco conhecida, à palavra “*emu*” (isto é, “ema” – o termo comum para “avestruz” é, em russo, *stráus*) acrescentou-se a palavra da espécie, *ptítsa*, isto é, “ave”.

¹⁵⁵ Cf. Capítulo 12.

Enquanto isto, os outros começaram a ficar “de cócoras”, certamente para ouvir ou para planejar os próximos passos. Embora Nhô Augusto continuasse a dar sinais de vida. Assim, lê-se:

Mas, quando Nhô Augusto estremeceu e tornou a *solevar* a cabeça, o Major, lá da varanda, apertando muito os olhos para espiar, e se abanando com o chapéu, tirou ladainha (*chanted like a litany*) – Não tem mais nenhum Augusto Esteves, das Pindaíbas, minha gente? (*There is no more Nhô Augusto o fPindaíbas, is there, my men?*).

Para conseguir o mesmo efeito, foi preciso lançar mão de uma *tag-question*, em inglês, por se tratar de uma pergunta e não de uma afirmação, ficando, com isto, o sentido muito claro e até mesmo reforçado. Em russo, lê-se: *Chto skájete, liúdi dóbrye, iést' echió na sviéte takói Nhô Augusto Esteves, chto iz Pindaíbassa?* – “O que vocês me dizem, minha boa gente, ainda existe no mundo este Nhô Augusto Esteves, que é de Pindaíbas? Não tem não! Tem mais não! (responderam os cacundeiros “em coro”)”. A linguagem coloquial foi aqui, novamente, reproduzida, em inglês, pelo padrão: *And the bodyguard, in chorus: No more! No more!*. Em russo: *Niét bol'che takóva! Niét evó na sviéte!*. Em retroversão: “Não existe mais este! Não existe ele, no mundo!”. A expressão pós-posta *na sviéte*, isto é, “no mundo”, reforça, geralmente, a existência ou não de alguma coisa, em russo.

Em seguida, Nhô Augusto é arrastado “pelo *atalho* do rancho do Barranco, que ficou sendo um *caminho de pragas e judiação*”. Temos aqui uma comparação, uma imagem que mereceu a seguinte tradução em inglês: *They tugged and hauled Nhô Augusto along the trail to the Gully Ranch, which became a path of scourge and torment*, onde “judiação” tem sabor de linguagem popular, podendo ser traduzida por *perversity*¹⁵⁶, que apresenta um sentido mais intenso que o escolhido pela tradutora. Em russo, lê-se: *Oní potaschíli i povolokli Nhô Augusto tropínkoi, chto vediót k Priovrájnoi fiérme, i stála éta tropínka stez'íoiu muk i ponochênii*. Em retroversão “E eles puxaram e arrastaram Nhô Augusto por um atalho, que leva à fazenda junto ao Barranco, e este atalho acabou sendo o caminho dos sofrimentos e injúrias”.

O nome “fazenda” (ou rancho) foi traduzido em ambas versões. Em inglês, denominou-se *the Gully Ranch*, enquanto na versão russa ganhou o nome próprio de *Priovrájnaia*, isto é, “aquela que fica junto ao Barranco ou Precipício”. Isto se deu graças ao grande poder de adjetivação daquela língua, vindo, também, a demonstrar, por sua vez, a criatividade da tradutora russa. Continua o narrador:

¹⁵⁶ Cf. MICHAELIS.

E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado (*was in such shape that he almost had to be carried*), meio nu, todo picado de faca, (*half naked, nicked with knife thrusts*), quebrado de pancadas (*broken by blows*) e enlameado grosso, poeira com sangue (*and all caked with dirt mixed with blood*). Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu.

A tradutora americana acrescentou, por sua conta, o seguinte: *Nhô Augusto was in such a shape that (he almost had to be carried)* – para descrever o estado de Nhô Augusto (“que já vinha quase que só carregado” e seu estado era, simplesmente, deplorável, como se vê, descrito, acima). Em russo, lê-se: *Nhô Augusto ujé potchti nie mog dvígatsa samostoiátel’no*, isto é, “Nhô Augusto já quase não podia locomover-se, por si só” – para “já vinha quase carregado”, do TLP. Uma interpretação, mudando o enfoque.

Mais adiante, onde se lê, no TLP, “quebrado de pancadas”, a tradutora russa acrescenta detalhes por conta própria. Assim, em lugar da “causa”, temos o efeito: “hematomas e equimoses” (em negrito a seguir). Em russo, lê-se: [...] *i byl viês’ v nojevykh ránakh, siniakákh i krovopodiókakh*. Isto é, “[...] e ele estava cheio de feridas a faca, hematomas e equimoses. Após isto, a referência à “sangue”, para o TLP (“[...] e enlameado grosso, poeira com sangue”), a saber: [...] *i pyl’ vperemiéckku s króv’iu pokrýla evó tólstoi koróstoi*, quer dizer, “e a poeira, misturada com sangue, o cobria de uma grossa crosta”). Vemos que cada uma das tradutoras usou recursos diferentes para reproduzir o TLP, à sua maneira, deveras *sui-generis*.

Certamente, a escolha do local se deve ao fato de se poder jogar um corpo, barranco abaixo, como ver-se-á, em seguida. Assim, Nhô Augusto foi deposto, imóvel, no chão, e vê-se a fala de alguém (seria o próprio Major Consilva?), aprovando a escolha do local: “É aqui mesmo, *companheiros*. Depois, é só jogar lá para baixo, *p’ra nem a alma se salvar*”. A expressão grifada mostra que se recomendou fazer uma execução perfeita. Em inglês, lê-se: *Right here is the place, boys. Afterwards, we’ll just push him over, and **no even his soul will be saved***.

Em russo foi usada a palavra *rebiáta* (isto é, “rapazes” – literalmente, “crianças” – para “companheiros” do TLP), após a sugestão de jogar o corpo barranco abaixo, a frase termina com: *i dáje dushá nie spassiótsa* (“que nem alma irá se salvar”).

A verdade, nem todos os jagunços estavam assim tão animados para sacrificar Nhô Augusto, apenas os que tinham sido seus próprios capangas, como se conclui, “malpagos”. Mas o mais interessado de todos parecia o capiuainho que tinha ido pegar lenha para esquentar o ferro de marcar o gado. Assim, continua o narrador:

Os jagunços (the veteran gunmen) da chácara do Major Consilva acenderam seus cigarros, com descanso (leisurely) mal interessados na execução (with only **languid interest** in the execution of their orders). Mas os quatro que tinham sido bate-paus (bodyguards) de Nhô Augusto mostravam maior entusiasmo, enquanto o capiauzinho sem testa, diligente e contente, ia ajuntar lenha para fazer o fogo.

Vê-se que a seleção de termos, na versão inglesa, para traduzir “jagunços”, “capangas” ou “bate-paus” é “aleatória”. Se aqui, “jagunços” foi traduzido por *gunmen*, outras vezes é traduzido de outra forma (como *bodyguards*, por exemplo). Na versão russa, lê-se: *Bandítý davnó slujývchye y maióra Konsilvy, nié spechá raskúrivali sigáry, nié vyskázývaia osóbovo interiéssa k predstoiáschei raspráve. No tchévero byvchykh naiómnikov Nhô Augsuto proiavíli ból'che pýla, a uzkolóby pareniók-sertanejo [...].* Em retroversão:

Os *bandidos* que estavam servindo o major Consilva há muito tempo fumavam seus *charutos*, sem pressa, sem expressar um interesse particular pela iminente execução. Mas os contratados (ou “mercenários”) que serviam a Nhô Augusto outrora mostraram mais fervor, enquanto o *rapazinho-sertanejo* [...].

A tradução de “jagunços” por *bandítý* tira a “cor-local” presente no TLP, enquanto a escolha de *naiómniki* (isto é, “mercenários”) para os antigos “bate-paus” de Nhô Augusto, neste trecho, certamente, dá, ao leitor russo, uma idéia melhor do tipo de serviço prestado. Para “cigarros”, tem-se, em russo, *sigáry*, que, na verdade, significa “charutos”. Apenas, um pequeno detalhe.

Diante desta situação, a salvação de Nhô Augusto de uma morte certa na mão dos capangas, no entanto, se deu ao fato de, ao receber o ferro de marcar gado, ele próprio ter saltado e rolando um barranco abaixo. Assim, lê-se: “E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com *a marca do gado* do Major – que *soía* ser um triângulo *inscrito* numa circunferência, e imprimiram, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto”.

Pode-se comentar, sobre o trecho acima, que, juntamente, com termos de cunho popular, Guimarães Rosa, às vezes, gosta de utilizar termos mais eruditos, até arcaizantes, como “soía” (em “soía ser”) – como se vê acima – que, por sinal, está omitido na versão de língua inglesa, assim como a palavra “inscrito”, tornando o texto mais conciso. Assim, na versão inglesa, lê-se: *Then, when all was ready, they heated the Major's branding iron – a triangle in a circle – and stamped it, with a sizzle [...].* Na versão russa, lê-se: *Vot, kogdá vsió býlo gotóvo, oní raskalili kleimó s távrom, kotórym miétili skot maióra – treugól'nik,*

vpíssanny v okrúžnost', – i prijáli ievó [...], isto é, “Quando tudo estava pronto, eles abrasaram o ferrete, com a marca, com o qual costumavam marcar o gado do Major – um triângulo, inscrito na circunferência e o comprimiram [...]” – o que ficou mais longo e mais explicitado.

Na verdade, tanto *kleimó* quanto *tavró* (aqui *s tavróm*, por estar declinado, no caso instrumental singular, acompanhado da preposição “s”, isto é, “com”) podem significar, ambos, “marca”, como “ferrete” – resultando, portanto, em uma redundância – “marca com ferrete”.

3.4.1.13 TLP, p.353; TLC-1, p. 274-275; TLC-2, p. 224-225

Continua o narrador: “(com chiado), *chamusco* e fumaça, na *polpa glútea direita* de Nhô Augusto [...]”. Vê-se uma metáfora, para “nádegas”, que não foi mantida nas duas versões, pois, em inglês, lê-se: [...] *the smell of burning flesh and smoke on Nhô Augusto's right buttock*, enquanto na versão russa, está como: *v právuiu iagodítsu Nhô Augusto* (isto é, “na nádega direita de Nhô Augusto) – e em seguida: *kóza zatreschála, zadymílas', zapákhlo goriélym* (isto é, “a pele”).

Os jagunços, certamente, já convencidos de que Nhô Augusto estaria morto, se assustaram, recuando, pois “Nhô Augusto viveu-se com o seu berro e um salto, medonhos”. Tentaram segurá-lo, mas ele rolou barranco abaixo, o que acabou sendo a sua salvação.

Pode-se comentar, sobre o trecho acima, que “viveu-se” – não pertence ao padrão sendo, portanto, mais uma inovação do escritor Guimarães Rosa. Em inglês, lê-se: *But they all jumped back in fright as Nhô Augusto came to life with a bellow and a leap that were terrifying*. O termo “viveu-se”, na versão russa, foi traduzido por *óvil* (isto é, “reviveu” ou “voltou à vida”) que traduz, perfeitamente, o TLP, e, em seguida: *otcháiano vzreviéiv, vývalsa u nikh iz ruk* (“[...] e, soltando um berro desesperador, escapuliu das mãos deles”), com o emprego das formas verbais: *vzreviéiv* (= berrando, soltando um berro) e *vývalsa* (= soltou-se, escapuliu), em lugar dos adjuntos adverbiais, encontrados, tanto no TLP como na versão inglesa. Daí se pode concluir que línguas diferentes utilizam recursos lingüísticos diferentes, não podendo haver, na maioria das vezes, uma “tradução direta” com aquela correspondência esperada.

Ouve-se o grito “– Segura!” (*Grab him!*) e *Derjí* – sem complemento, como no português – mas Nhô Augusto já tinha escapado, rolando barranco abaixo: “o corpo rolou, lá

embaixo, nas moitas, *se sumindo*” (o pronome reflexivo, na forma verbal grifada, confere-lhe um sabor de linguagem popular).

Na versão russa, a frase apresentada acima, “abrasaram o ferro com a marca do gado do Major”, foi traduzida por *oní raskalili kleimó s távrom, kotórym miêtili skot maióra* (TLC – o que ficou mais longo e mais explicitado: “eles abrasaram o ferrete, com o qual costumavam marcar o gado do major”. Na verdade, tanto *kleimó* como *tavró* (já explicado anteriormente) resultam em uma redundância. Uma sinonímia perfeita também é, muitas vezes, impossível entre as línguas, ou a existência de polissemia em umas das línguas sem que haja na outra.

O fogo para esquentar o ferro de marcar gado, mencionado acima, tinha sido aceso para tal finalidade com ajuda do “capiauzinho” (*the little backwoodsmans*), sendo que esta marca do major Consilva consistia de “um triângulo inscrito numa circunferência” (*a triangle in a circle*). Assim lemos, a seguir: “E aí, quando tudo esteve a ponto, como foi dito acima, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – “*que soia ser*” (omitido na tradução) – “um triângulo inscrito numa circunferência”, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na *polpa glútea direita* de Nhô Augusto. Em inglês: *Then, when all was ready, the heated the Major’s branding iron – a triangle in a circle – and stamped it with a sizzle and the smell of burning flesh and smoke, on Nhô Augusto’s right buttock.*

Notamos, aí, que, na versão inglesa, a expressiva metáfora “polpa glútea direita” não foi conservada, tendo sido apenas simplificada para uma linguagem denotativa *right buttock*, perdendo o tom um tanto cômico do TLP. O mesmo se verifica na versão russa.

Para “chamusco”, que Houaiss explica como derivado de “chama”, a tradutora usou de uma perífrase: *smell of burning flesh*, que ficou mais pitoresco que o simples *singe*, dicionarizado por Michaelis que, também, apresenta a seguinte explicação: para o verbete em pauta: *the smell of something that has been singed, burnt smell.*

A tradutora russa acrescenta aí uma nova oração, a saber, em retroversão: “imprimiram-na à nádega direita de Nhô Augusto; a pele estalou, esfumou, e sentiu-se o cheiro de coisa queimada”. Como muitas vezes acontece – a tradutora russa re-arrumou (“desconstruindo”) o texto e foi mais pormenorizada na sua descrição.

“O corpo rolou, lá embaixo, *se sumindo* [...]”, escreve o narrador, percebendo-se a utilização da forma popular reflexiva para o verbo “sumir”. Percebe-se a existência dos costumes populares em relação aos defuntos, uma espécie de superstição, na expressão da possibilidade de sobrevivência dos mesmos, ou, pelo menos, da alma dos mesmos, com a frase: “– Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés [...]”

Em russo, existe o verbo *diórgat'*, que significa “puxar uma parte do corpo”, desta forma foi usado aí na tradução: *Postav' emu kriést tut-je, Orósio, chtoby nóchiu on nié diórgal tebiá zá nogui* (em retroversão: “Coloque-lhe uma cruz bem aqui, Orósio, para que à noite ele não puxe você pelos pés”).

Na versão inglesa, está presente o “para ele não vir [...]”, com so *he won't come*, como é de praxe em ambas as línguas, reforçado por *back*, para frisar de que se tratava evitar a volta de um homem morto: *Set up a cross right here, Orósio, so he won't come back at night to tug at your feet*. Vale a pena observar que *tug* é, também, um verbo específico para “rebocar” navios¹⁵⁷ – o que confere um tom de imagem, à frase, pois se trata de uma ação continuada.

3.4.2 Parte B – A recuperação (moral e física) de Nhô Augusto, TLP, p.353-364

Dado por morto pelos capangas: “E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior” (p.353), começa um novo período na vida de Nhô Augusto, quando ele é descoberto e cuidado, por muitos meses, por duas almas caridosas, um casal de “pretos”, como diz o texto. Estes repartem com ele o (pouco) que têm, o que, neste caso, representa muito. Acontece, também, neste período a “conversão” de Nhô Augusto, que, em lugar do crime, escolhe – com a ajuda de um padre (TLC, p.355-356) que viera fazer a sua extrema-unção, portanto, com o auxílio da religião – a “salvação”, a redenção da sua alma, passando a ser este o lema do outrora cruel Augusto Esteves: “Pra o céu eu vou, nem que seja de porrete!”¹⁵⁸. O padre lhe dá muitos conselhos valiosos, tais como: “Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele [...]”(p.356), e “Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina.” E, neste contexto, aparece a frase – proferida pelo padre – que determinou o título deste conto de Guimarães Rosa: “Cada um tem a sua **hora e a sua vez**: você há de ter a sua”.

Os capangas foram embora, como foi dito acima. “Mas o *preto* que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as tábuas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco” (p.353). No trecho: “[...] Mas o negro que morava na boca do brejo [...]”, temos a expressão “boca do/da” pertencente à linguagem popular (outros exemplos desta linguagem: “boca da mata”, “boca do

¹⁵⁷ Cf. MICHAELIS.

¹⁵⁸ Cf. TLC, p. 357.

estômago”, “boca do rio”), equivalendo a “entrada de [...]”, tendo sido traduzida, em inglês, por *at the entrance [...]* – o que se aproxima da linguagem padrão, em português.

Em russo, não houve referência à “boca” ou à “entrada”, denotando-se, apenas, “proximidade” da moradia do casal, a saber, *No niégr, chto posselilsia vozle sámovo bolota [...]*, isto é, “Mas o negro que estava alojado, *bem junto* ao brejo”.

Existe uma figura de linguagem, em “Encontrou *vida funda* no corpo tão maltratado do homem branco [...]”, onde, em vez disto, se quer dizer: “[...] encontrou vida no fundo do corpo [...]”, havendo uma troca entre conteúdo e continente, uma metonímia, portanto. Em russo, usou-se o verbo *teplítsa*, que significa “acalentar-se”, ou, segundo Vóinova, “ter um vislumbre de [...]”: *Obnarújil v istiérzannom tiéle biélovo tcheloviéka ieshió teplítsa jizn’*, isto é, “Descobriu que no corpo dilacerado do homem branco ainda havia um deslumbre de vida”.

O casal arrastou Nhô Augusto para o casebre onde moravam, “que era um cofo”. O LGR também apresenta, para “cofo”, a acepção de “cesto de cipó, balaió”, uma acepção que – tudo indica – foi incorporada pela versão russa. Desta forma, existe, na versão russa, uma certa inovação em relação ao TLP, ao acrescentar que o tal casebre “tinha o aspecto de algo como um cesto de pescador, emborcado para cima, de barro batido [...]”, embora não houvesse, no TLP, referência a “cesto de pescador”, a não ser que “cofo” tivesse sido tomado pela tradutora russa, nesta acepção, também contida no LGR.

Guimarães Rosa descreve a natureza, neste momento, utilizando expressões tais como “tufo de capim podre” (*clump of rotten grass*) e um “ninho de maranhões”. O “maranhão”, segundo o LGR, corresponde ao “flamingo ou flamengo, ave ciconiforme de coloração rosada; ninho de 40 cm de altura, afilado, de barro”. Desta forma, a tradução *flamingo*, em ambos idiomas, é totalmente pertinente com o léxico mencionado acima.

Adiante lê-se: “E o preto foi cortar *padieiras* e travessas, para um *esquife* [...]”. Em inglês: *And the black man went to cut poles and sideboards to make a coffin [...]*, sendo “padieiras” traduzido por *poles*, enquanto o Michaelis traz, para “padieira”, *lintel*. A tradução não está exata, pois “padieira” é a “verga superior da janela ou porta”, segundo Houaiss, o que também se depreende das gravuras, contidas no Michaelis. Enquanto isso, *pole* significa apenas “pólo; estaca; vara; mastro”, segundo Olinto. A tradutora, portanto, usou um “hiperônimo”. A tradução exata teria sido *lintel*, que é: *The horizontal beam that forms the upper member of a window or a door frame*¹⁵⁹. Como já foi dito em outra oportunidade, a

¹⁵⁹ Cf. HERITAGE.

tradução “exata” é raramente possível, ou mesmo necessária, podendo um termo ser substituído por outro sem agressão ao contexto.

Embora ainda houvesse um pouco de “vida funda no corpo maltratado” de Nhô Augusto, as padieiras e travessas foram retiradas para fazer um “esquife” (traduzido em inglês por *coffin*). Deve-se dizer que o termo “esquife” é mais rebuscado que o simples “caixão”, comumente usado.

Quanto à etimologia desta palavra, que se assemelha ao termo *ship*, em inglês e a *Schiff*, em alemão, é interessante observar que, como escreve Houaiss, “esquife” tem, primeiramente, a acepção de termo marítimo: “pequena embarcação usada para o serviço a embarcações maiores”. Por extensão, teria aparecido a segunda acepção: “caixão de defunto; ataúde, féretro”. Ter-se-ia se originado do italiano, ainda no século XIV que, por sua vez, o herdou do lombardo: *skif*. (Daí, a semelhança fônica com o alemão *Schiff* e o inglês *ship*, mencionados acima).

O termo *coffin*, por sua vez, veio através do francês *coffin*, que o recebeu do latim *cophinus* (em grego *kophinus*) e significava, inicialmente, “caixa, cesto”¹⁶⁰. O termo *skiff*, em inglês, guardou o significado inicial de pequeno¹⁶¹ barco, provido de remos. São sinônimos de *coffin*, *casket* e *bier*, sendo *coffin* o mais usado, assim como o português, “caixão”.

Continuando, temos: “[...] enquanto a preta procurava um coto de *vela benta* para ser posta na mão do homem [...]”, que foi traduzido por: “[...] *while the black woman looked for a stub of candle to put in the man’s hand* [...] – nota-se que foi omitido o termo “benta” com referência à “vela” (“vela benta”), por ser esta uma acepção, pertinente ao Catolicismo, sem encontrar uma correspondência na cultura de chegada, predominantemente, luterana. No entanto, na versão russa, lê-se [...] *ogárok osviaschiónnoi svetchí*, onde o termo grifado equivale a “benta” ou “santificada”.

Nhô Augusto teria acordado do desmaio, do estado inconsciente, que está expresso com a expressão coloquial, pertencente ao português regionalista: “ – Me matem de um a vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor” – proferida esta súplica, Nhô Augusto passa a falar coisas “sem juízo”, “[...] pois estava *lavorando de quente* [...]” (*he was burning up with fever*) – em lugar de “queimando de febre”, que é mais comum. Segundo Houaiss, “lavorar”, entre outras coisas, significa também “sofrer, padecer”, que se enquadraria aí.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ Cf. MICHAELIS

A “preta” teria ouvido que o homem inconsciente estava “variando”, isto é, “delirando”, que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar”, com o que conclui que este não podia nunca tratar-se de um bom homem. Assim, continua o narrador apresentando sua fala: “ – Deus me perdoe – resmungou a preta – mas este homem deve ser ruim *feito* cascavel *barreada* em buraco [...]”. Além disso, o homem estaria chamando por Deus, mas este não atende aos seus chamados.

Tem-se, na citação anterior, dois termos, pertencentes à fala popular (grifados). O termo “feito” é usado, na linguagem popular, para fazer comparações, equivalendo a “como” ou “tão... quanto”, daí a tradução em inglês com o uso do comparativo de igualdade. Assim, temos: *God forgive me, muttered the black woman, but this man must be as evil as a rattlesnake trapped in a hole [...]*. Quanto ao segundo termo, podemos dizer que Houaiss cita “barrear” como “o mesmo que barrar”, “cobrir de lama” e, também, “fortificar com barreira”. A tradutora parece ter *optado* pela primeira acepção, com *trapped*, no sentido de “aprisionada”.

Em russo, tem-se para este trecho: – *Prostí meniá, góspodi, – provortchála negritiánka, – no étot tcheloviék byl, viérno, likhodéi, a seitchás máetsa, kak gremúchaila zmêiá, kogdá ieió pálkami v zêmliu vkolátchivaiut*. Pode-se aqui observar duas coisas: o termo *góspodi*. “Senhor” está grafado com letra inicial minúscula, o que é de praxe, antes do desmoronamento da URSS, que só se deu na década de 90 (o conto foi traduzido e publicado em 1980). Qualquer religião era considerada como um fenômeno incompatível com a doutrina vigente: o marxismo-leninismo. O trecho, referente à “barreada no buraco” despertou a criatividade da tradutora que escreveu: “[...] quando a golpeiam com paus, empurrando-a para dentro da terra”. O período completo, em retroversão, soa da seguinte maneira: “Perdoe-me, Senhor, – resmungou a negra, – mas este homem foi, certamente, um malfeitor, e agora está sofrendo, igual a uma cascavel, quando a golpeiam com paus, empurrando-a para dentro da terra”. Vê-se que a tradutora compara Nhô Augusto a um “malfeitor”, tornando a elocução mais explícita.

Pode-se observar que as referências de “preto” e “preta” – sem dar a estas pessoas outras características, como, pelo menos, nomes próprios, – não seria, hoje em dia, “politicamente” correto. A tradução, em inglês, foi de *black man* e *black woman*, respectivamente. Na versão russa, usou-se *niégr* (negro) e *negritiánka* (negra), respectivamente.

Com isto, o “preto” cogita que não há perigo de os capangas regressarem para este local a fim de procurar por Nhô Augusto, por isto, conclui: “Os outros não vão vir aqui

para *campear* defunto, porque a *pirambeira* não tem descida, só dando muita volta por longe”. Os dois termos de cunho regionalista e popular são “campear” e “pirambeira”. Segundo o LGR, “campear” é o mesmo que “procurar, buscar” – traduzido, em *plain English*, como *looking for*, enquanto “pirambeira” é um brasileirismo, sendo variante de “perambeira” e significa “precipício, abismo”. Foi traduzido em inglês por *ravine*. Assim, lê-se: *The others are not going to come here looking for a dead man, for there is no way down the ravine, except by going around it*. Vê-se que, como acontece na maioria das vezes, os termos regionalistas, ou de cunho popular, costumam ser traduzidos pelo inglês padrão, tirando-lhes a “cor local”.

Enquanto no TLP a expressão “Os outros”, na frase acima, refere-se, de maneira subentendida, aos “capangas”, na versão russa, no entanto, lê-se: – *Te, vraguí evó, nié pridút za tiélom [...]*, onde o aposto *vraguí evó* significa nada menos que “inimigos seus [...]” ou “que são seus inimigos”. Em retroversão, temos: “Aqueles, que são seus inimigos, não hão de vir atrás do corpo [...]”. E, em seguida: [...] *potomu-chto v ovrág niet spúska [...]* – [...] pois não há descida para o precipício”, sendo *ovrág*, também, uma palavra pertencente ao léxico padrão.

Tendo falado sobre a dificuldade de acesso ao local, onde Nhô Augusto se encontrava, o “preto” acrescenta, para reforçar seu pensamento: “E como tem um bezerro morto na *biboca*, lá de cima vão pensar que *os urubus* vieram por causa do que eles estão pensando”.

O termo “urubus” foi traduzido, em inglês, por *buzzards*. Já “biboca” vem do tupi *ibi + boka*, com uma conotação pejorativa, segundo o LRG, para designar um “lugar distante e ruim”. Na frase, citada acima, significa “cova, vale profundo”. Na versão inglesa, temos para este termo *gulch*, que não possui nenhuma cor local especial, como no TLP. Assim, lê-se: *And as there is a dead calf in the **gulch**, they will think up there, where they see **buzzards** coming, that it’s because of what they are thinking*. Nota-se o “eufemismo” no TLP e na versão inglesa, quando se evita referência à idéia “morte”, na última parte oração deste período.

Em russo, lê-se: *pó tói samói pritchine, po kakói oní dúmaiut* (por aquele mesmo motivo que eles estão pensando), neste final do período em pauta. Isto é: há um bezerro morto (*iest’ pály teliónok*), “na biboca” (*vo rvu*), mas os capangas pensariam que, estando Nhô Augusto morto, os urubus teriam vindo atrás do cadáver deste. Devemos observar que

vo rvu é caso prepositivo de *róv*, que significa “fosso, valado”¹⁶², com o mesmo sentido de *in the gulch* (na “ravina”, segundo Michaelis), em inglês.

Nhô Augusto chama pela morte, mas no fundo prefere viver. Assim lê-se: “Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si mesmo era melhor viver” (p.354). Apesar de ter suas pernas “metidas em toscas talas de taboca”, para imobilização, e como a perna “esquerda estava partida em dois lugares”, e “ferida aberta” na perna direita, reage e aceita o alimento (mingau ralo de fubá).

Nas páginas 354 e 355, o narrador se ocupa em descrever o estado lastimável em que se encontrava Nhô Augusto e os cuidados que tivera com ele o casal de “pretos”, até que, ao ouvirem a frase: “– Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados! [...]” (p.355) – chamam um certo padre que dá um novo sentido para a vida de Nhô Augusto, com o que este cria, para si mesmo, um lema. A descrição do estado em que se encontrava Nhô Augusto se inicia da seguinte forma (p. 354): “Deitado na esteira, no meio dos *molambos*, no canto escuro da *choça* de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de *taboca* e acomodadas em regos de telhas [...]”. As palavras grifadas tem um cunho regionalista. A passagem em inglês ficou: *Lying on a rush mat, amid ragged bedclothes, in a dark corner of the dirt-floored hovel, Nhô Augusto, days later, when he began to recover his consciousness, saw that his legs were encased in rude bamboo splints and were resting on the hollows of the roof tiles [...]*”.

Tinha, além das pernas, costelas quebradas, o corpo lhe doía, com “um sofrimento de machucaduras e cortes” (*the pain of bruises and cuts*), e a “queimadura da marca de ferro” (*the branding burn*), sobretudo.

A versão russa também usa o termo “bambu”, aliá, um adjetivo daí derivado (a saber, *bambúkovye*). Assim, “toscas talas de taboca” passa a ser: *grúbyie bambúkovye lubkí* (p.226). O dicionário de Vóinova apresenta “taboca” como “uma espécie de bambu brasileiro”, ficando a expressão em retroversão: “Grosseiras talas de bambu”. O LGR apresenta “taboca”, como derivado do tupi, exatamente com este significado: “bambu, taquara”. “Choça” foi traduzido em russo por *khíjina*, e “molambos” por *triapió*, sem novidade.

Depois de ter comido um “mingau ralo de fubá” (*thin cornmeal gruel*), “a preta enrolou para ele um cigarro de palha”. Sendo que “cigarro de palha” foi traduzido por *cornhusk cigarette*, supondo-se ser a palha, não de outra coisa que de “milho”. Em russo, no

¹⁶² Cf. VÓINOVA.

entanto, em vez de “fubá”, temos: “Bebeu um mingauzinho ralo de farinha *de arroz*” – *Výpíl jýdkuiu kachýtsu iz ríssovoi mukí*, dando outro significado à “fubá”. Um dado que atesta um conhecimento insuficiente da “realidade extra-linguística” por parte da tradutora russa. Este tipo de “lapso” costuma, também, acontecer em traduções de obras de Jorge Amado¹⁶³. Convém observar que o dicionário de Stárets traz para “fubá” ambas as acepções: “farinha de milho ou de arroz” – *kukurúznaia ili ríssovia muká*.

A vantagem desta situação triste é que Nhô Augusto, pela primeira vez na vida, pôde parar para “pensar” (TLP, p.354). Os pensamentos vinham mesclados com sentimentos de tristeza que os “grunhidos dos porcos” (*the grunting of pigs*), “os ruflos das galinhas” (*the flutter of hens*), assim como o canto da “preta”, evocavam.

O canto da senhora negra que evoca a hora de “dormir”, que chega até para as árvores “sagradas” (do “Mato Bento”), enquanto lava as “panelas” (em russo, traduzido por “potes de barro” – *gorshkí*). Isto enche Nhô Augusto de uma tristeza ainda maior. Assim, temos: “As árvores do Mato Bento/ deitam no chão p’ra dormir”. O dístico foi traduzido para o inglês da seguinte forma: *The trees of the Holy Wood/ Lie down on the ground to sleep [...]* – o que transmite, exatamente, o tom de tristeza do TLP.

Em russo a tradução do dístico surpreende, pois foi introduzido um elemento novo com a palavra *úmnye*, isto é, “sábias” ou “sensatas”, com referência às “árvores”. Assim: *Úmnye derév’ia v Mátu-Béntu / Spat’ lojátsa názem, tóchno liúdi*.

Vê-se a conservação do nome “Mato Bento”, à guisa de nome próprio. Em retroversão, lê-se: “Sábias são as árvores em (no) ‘Mato-Bento’: para dormir, deitam-se por terra, que nem gente [...]”. Observa-se a recriação da tradutora russa.

Tudo inspirava tristeza, pois “quando a preta parava” (*when the black woman stopped*) havia as “cantigas miúdas bichinhos mateiros” (*the tiny chants of little Forest animals*), juntamente com os “sons dos primeiros sapos” (*the sounds of the first frogs*), onde temos uma espécie de metonímia: as cantigas eram “miúdas” porque assim eram os “bichinhos mateiros” (isto é, “do mato”), assim como em “sons dos primeiros sapos” poderia ser, inversamente “os primeiros sons dos sapos” – tendo sido observada esta ordem, no TLC de língua inglesa.

Em russo, em *A kogdá negritiánka umolkála*, tem sua retroversão: “E quando a negra se calava [...]”. Usou-se da liberdade de substituir “parava” por “calava”, apropriado para a ocasião. As “cantigas miúdas” em russo foram vertidas por “cantiguinhas (*piéssenki*)”,

¹⁶³Cf. BELOV, 2000.

“em volume baixo (*niegrómkie*)”, desfazendo-se a metonímia que estava sugerida, junto aos “bichinhos mateiros” – *lesnói melkotý*, isto é, das “miudezas – coisas miúdas – da floresta”. Para “sons” dos primeiros sapos usou-se um termo bastante pertinente, a saber, *krákanie* – um som tipicamente emitido pelos sapos, como o ato de “coachar”.

Quando as dores melhoraram, Nhô Augusto lembrou-se da mulher e da filha “sem raiva, sem sofrimentos, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando” (TLP, p.354-355) – ele que tinha um péssimo pai e marido (*Without anger, without suffering even, only with a vast need of air, suffocating*). Ele que antes de querer acertar as contas com o major Consilva e os capangas (que tinham sido dele), tivera o impulso de ir matar a ambos, Dionóra e Otávio. Neste momento de extremo sofrimento, “Até que pôde chorar, chorou muito, *com choro solto*, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto, soluçando: – *Mãe... Mãe...*” (TLP, p.355), embora tivesse perdido a mãe muito cedo.

Em inglês, lê-se: *Until he could weep, and he wept a lot, freely, without shame, like a forsaken child. And without knowing or being able to help it, he called out loud, sobbing: Mother...Mother...* – a expressão “com choro solto” teve que ser traduzida pelo advérbio *freely*; em “Até que pôde chorar” foi traduzida por *Until*, em: *Until he could weep* [...], com uma conotação de tempo. Como se Nhô Augusto, que “respirava aos arrancos” (*His breath came in gasps*), continuasse ofegando até quando conseguisse “chorar”. Mas “Até que pôde chorar” pode, também, ser entendido como “Até mesmo pôde chorar” ou “Apesar de tudo, pôde chorar, etc. [...]”, mostrando uma situação adversa às circunstâncias. Em russo, lê-se: *Tut, nakoniéts, on smog zaplákat’ i plákal dólgo, gor’kimi slezámi, bez vsiákovo stydá, kak pokínutyi rebiónok. I sam tovó nie znáia i nie zheláia, pozvál grómko, s rydániamia: – Mama... Mama [...]*. Neste ponto, ele pôde, finalmente, começar a chorar e chorava com amargas lágrimas, sem qualquer pejo, como uma criança abandonada. E, sem ele mesmo saber e sem querer isto, chamou em voz alta, aos prantos: – Mamãe ... Mamãe”.

Vê-se que foi usado “Mamãe” em lugar de “Mãe”. Os filhos de russos devem usar o diminutivo, em família, em lugar do “Mãe” ou “Minha mãe”. Uma mãe brasileira dirá a seu filho: “ – Pergunte a *seu pai*”. Entre os russos, dir-se-ia – *Sprossi pápu*, isto é, “pergunte ao papai”. Vê-se, portanto, a influência da cultura e do uso comum da língua, em uma tradução. Para “chorou muito, um choro solto” tem-se, na versão russa, “chorou lágrimas amargas” – uma expressão comum para um choro forte ou convulsivo. “Menino ao abandono” é menos comum que o já consagrado “menino abandonado”, a que, também, corresponde à versão

russa (*pokínuty rebiónok*). Guimarães Rosa gostava de inovações na linguagem, evitando expressões já “gastas” pelo uso.

Podemos dizer que este apelo de Nhô Augusto, que invocava a própria mãe, é por demais sintomático: o hábito de apelar para “Deus”, ou até para própria “mãe”, só acontece em estados de extrema necessidade de ser acalentado, mesmo que esta pessoa seja um assassino. Levando-se em conta a questão da intertextualidade na literatura, pode-se citar, para ilustrar o que foi dito acima, o caso do conto *Ein Muttermoerder* (“Um matricida”), do escritor alemão Paul Ernst, em que o réu evoca, de modo instintivo, o nome da própria mãe – que ele tinha matado no dia anterior – ao ser conduzido para o cadafalso, com as palavras: *Mutter, Mutter, sie wollen mich morden, hilf mir, Mutter!* – “Mãe, Mãe, eles querem me assassinar, ajuda-me, Mãe!”¹⁶⁴. O escritor conclui: *Ich kann nichts wieter sagen als das: ich spuerte, er is ich*. Isto é, “Nada mais posso dizer senão o seguinte: eu o senti – ele era eu”¹⁶⁵, dando a entender que uma tal reação, instintiva, poderia ser característica para qualquer um de nós.

3.4.2.1 TLP, p.355; TLC-1, p. 276; TLC-1, p. 226-227

“Respirava aos arrancos, e teve medo, porque não podia *ter tento* nessa desordem, e era como se o corpo não fosse mais seu”. A expressão coloquial “ter tento” foi traduzida, em inglês, pela expressão idiomática *keep track of* – mantendo o registro coloquial de ambos os textos. Em russo, usou-se de mais de uma locução verbal para expressar “ter tento” (em “porque não podia *ter tento* nesta desordem toda”), a saber: [...] *byl viês’ v smiatîênii i nié mog sobrátisa s mýsliami* [...]. Em retroversão: “[...] estava todo desesperado e não conseguia reunir seus pensamentos [...]”. A tradutora russa resolvera ser menos concisa parafraseando o TLP.

Ao se ler o trecho a seguir, pode-se fazer comentários sobre uma das palavras mais usadas no português: “saudade” – “Agora, parado o pranto, a tristeza tomou conta de Nhô Augusto. Uma tristeza mansa, com muita *saudade* da mulher e da filha, e com um *dó* imenso de si mesmo”.

É voz geral que a palavra “saudade”, em português, não teria tradução para outras línguas. Isto, porém, não pode ser entendido “ao pé da letra”, pois o sentimento de *falta*,

¹⁶⁴ Cf. ERNST. In: *Moderne Erzähler*, p.38.

¹⁶⁵ Idem.

carência ou *perda*, como todo outro sentimento humano, é universal, podendo ser expresso nas diversas línguas de uma maneira ou de outra.

O que se pode dizer é que existe uma certa “conotação”, ligada à palavra “saudade”, que, além do sentimento de “falta”, expressa, também, um sentimento de *nostalgia*, uma certa *tristeza*, típica do povo português. Basta dizer que o termo “saudade” provém de “soledade”, isto é, “solidão”, que vem do latim *solitas, solitatis*, como se sabe. A saudade do povo português parece até uma coisa “histórica”, saudade dos tempos áureos da história de Portugal, época das grandes navegações e das conquistas, sendo também expresso este sentimento de tristeza no “fado”.

Segundo Houaiss, temos para “saudade”:

[...] sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e de determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável.

Concluindo, pode-se dizer que “ter saudade” ou “sentir saudade” é algo que se pode dizer em todas as línguas, no entanto, é difícil encontrar uma equivalência para traduzir o substantivo abstrato “saudade”, em particular, com todas as suas acepções, na língua portuguesa.

No que tange a tradução em pauta, a frase acima, na versão inglesa, é a seguinte: *Now, his weeping ended, sadness took possession of Nhô Augusto. A gentle sadness, with a great longing for his wife and daughter and an immense sorrow for himself.*

Vemos que “saudade” foi traduzido por *longing*, enquanto “dó” por *sorrow*. No Webster’s (Pocket Dict.), encontramos *longing* como sinônimo de *craving* e *yearning*. Há, portanto, “polissemia”. Em Olinto, encontramos para tradução de *longing*: “anseio, desejo ardente” – o que prova que a palavra *longing* em si, separadamente, tem ainda outra conotação. Enquanto isso, *sorrow* (embora signifique entre outras coisas, “pena”) pode, também, significar “tristeza, infortúnio”¹⁶⁶.

Em russo, esta passagem soa do seguinte modo: *Tepiér’, kogdá sliózy utikhli, siérdtsem Nhô Augusto zavladiéla petchal’. Tíkhaia petchal’, polnaia toskí pó jenié i pó dótcheri i beskoniétchnoi bóli za sebiá sámovo* – “Agora, quando as lágrimas se acalmaram, a tristeza tomou conta do coração de Nhô Augusto. Uma tristeza tranqüila, cheia de saudade pela esposa e pela filha e com uma dor infinita por si mesmo”. A palavra “saudade” pode ser

¹⁶⁶ Cf. OLINTO.

traduzida, em russo, por *toská*, mas diferente do português, é um sentimento mais forte, quase pungente, podendo também ser traduzida por “nostalgia”, e também, por “tédio”. O dicionário de Vóinova traz para *toská*, as seguintes acepções: “1. saudade, tristeza, melancolia; 2. aborrecimento, tédio”.

Como foi dito acima (p.220), é possível expressar o sentimento de “falta, perda”, contido no termo “saudade”, em todas as línguas, já que os sentimentos humanos são universais. O que ocorre aí é que, por não ser a sinonímia completa, pode haver, sempre, uma conotação um pouco diferente, ou uma polissemia, que não está inerente em “saudade”. Assim, em russo, *toská*, ao mesmo tempo em que significa “saudade” e “tristeza”, também pode significar “tédio”. Em alemão, o termo usado para expressar “saudade” é *Sehnsucht* – de *sehen* (ver) e *Sucht* (busca), podendo, no entanto, também significar “ânsia”, e até mesmo “desejo”¹⁶⁷. Em muitas línguas, o sentimento de “saudade” é expresso pelo termo equivalente à “nostalgia”. Em Scartezziani, encontramos para “saudade”, *regret de l' absence*, precedido da explanação: *triste et doux souvenir d'un bien dont on est privé*. Olinto traz para “saudade” – *longing*, como, aliás, se lê no TLC, enquanto “ter saudade de alguém” é *to miss someone*. Já Michaelis, além de *longing*, apresenta: 1. *yearning, ardent wish or desire*; 2. *homesickness, nostalgia*.

Depois destas tristes lembranças, Nhô Augustosentiu vontade de desabafar, mas decidiu não fazê-lo. Desta forma, lê-se: “E ele teve uma vontade virgem, uma precisão contar a sua desgraça, de repassar as misérias da sua vida, mas mordeu a fala e não desabafou”. A tradução, em inglês, é a seguinte: *And he had a virgin desire, a need to relate his misfortune, to review the wretchedness of his life, but he bit back his words and did not give vent to his feelings*. De onde se depreende que o verbo “desabafar” precisou ser traduzido por uma expressão idiomática: *give vent to one's feelings*. Uma outra tradução possível teria sido: *to open or disclose one's heart to* (¹⁶⁸). Em russo, “uma vontade virgem” foi traduzida por “vontade, pela primeira vez na vida”, o que, realmente, significa “vontade virgem”, isto é, “primeira”, “sem precedentes”. Assim, temos: *I v pervýie v jýzni u nevó poiavílos' jelánie izlít' dúchu, rasskazát' o svoiêi bedié. No on prikussíl sebié iazyk i nie stál otkroviénnitchat'* – o que equivale, em retroversão, à: “E pela primeira vez na vida, surgiu-lhe a vontade de desabafar, falar do seu infortúnio. Mas ele mordeu a língua e desistiu de fazer confidências”.

Vemos que onde se lê “contar a sua desgraça” no TLP foi traduzido, em russo, pela expressão *izlít' dúchu* – literalmente, equivalente “a abrir a alma”, ou mesmo,

¹⁶⁷Cf. LANGENSCHINDTS TASCHENWÖRTERBUCH.

¹⁶⁸Cf. MICHAELIS.

“derramar” ou “despejar” a “alma”. Onde tínhamos “mordeu a fala” no TLP – uma metonímia – temos, “mordeu a língua” (*prikussíl sebié iazyk*) que, em sentido conotativo, significa “calar-se”, ou “ficar impedido de falar” em russo.

O pavio, soltando uma luz trêmula, fez-lhe lembrar das “histórias da infância”, que sempre terminavam bem, e Nhô Augusto adormeceu.

“E deste modo ele se doeu no *enxergão*, muitos meses, porque os ossos tomavam tempo para se ajuntar, e a fratura exposta criara bicheira” (TLP, p.355). Segundo o LGR, o termo grifado significa “colchão de palha” e, embora pareça um regionalismo, já tinha sido usado, nesta acepção, pelo escritor português Camilo Castelo Branco. Existe, também, o termo “*enxerga*”, de que “*enxergão*” parece ser derivado, com significado de “cama pobre, catre; colchão rústico”. Houaiss confirma esta suposição: “*enxergão*” – “1. *enxerga* grande. 2. tipo de almofadão ou colchão grosseiro, geralmente cheio de palha e acolchoado, que se põe na cama, debaixo do colchão 3. estrado (de cama) aramado”. “*Enxerga*” deriva do latim *serica, -orum* (pl.) com o sentido de “estofa, tecido ou veste de seda”¹⁶⁹.

A tradução no inglês – para “*enxergão*” é, simplesmente, *mattress*, um termo comum, enquanto para “ajuntar” (os ossos), temos *knit*, que, em outro contexto, também significa “tricotar”. Em russo, não se usou o termo comum *matrás* (“colchão”), em vez disto, lê-se *I on proboliél na solómennom svoióm odrié mnógo miéssiatsev*, onde o trecho grifado é o caso prepositivo (locativo) de *svoy solómenny odr*, sendo *odr*, segundo Vóinova, é um termo arcaico que designa “leito de morte”, quando precedido do modificador *smertiêlny*. *Solómenny*, por sua vez, significa “de palha”, enquadrando-se na descrição para “*enxergão*”, apresentada pelo LGR e por Houaiss. Para “criara bicheira”, lê-se, em inglês, *became maggot-infested*, enquanto no russo usou-se um hiperônimo *tchiérví*, em *zavelís’ tchervi*, isto é, “criaram-se vermes”.

Nhô Augusto expressou o desejo de lhe ser concedida a oportunidade de ter seus pecados absolvidos, com o que foi trazido um padre. Assim, lemos: “Então eles trouxeram, uma noite, muito *à escondida*, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar” (TLP, p.355-356).

Vemos que GR usou a locução adverbial “*à escondida*”, quando no português padrão, este tipo de locução sempre vem na forma plural (*às escondidas*, *às pressas*, etc.), quiçá para se aproximar da linguagem popular, que poderia usar, também, apenas “*escondido*”, em lugar da locução. Na versão de língua inglesa, temos: *Whereupon one*

¹⁶⁹ Cf. HOUAISS.

night, with great precautions, they brought the priest, who heard his confession and talked to him for a long time giving him counsel that made him cry. (p.277). *Whereupon* dá um tom de quase conto de fada à narrativa. A locução adverbial grifada foi traduzida por *with great precautions*, que é uma tradução aproximada, mas que amplia o cuidado de não expor a presença do padre (não devia ser visto, nem através de sons ou ruídos, nem deixar qualquer rasto da sua presença).

Na versão russa fala-se, da mesma forma: o “sacerdote” (*sviaschénnik*) devia ter “precaução”, aliás “uma precaução enorme”, ou melhor, em português coloquial, “com uma precaução sem tamanho” (*s prevelíkoj ostorójnostiu*), o que equivaleria ao inglês *with a very great precaution*, pois o prefixo *pre-* em russo, usa-se para expressar o grau superlativo sintético: aliás, aí temos, ao mesmo tempo o superlativo absoluto analítico (a palavra *velíki* equivale a *great*) e ainda um prefixo, em lugar de sufixo – como no português – para intensificar ainda mais a idéia de “superlativo”.

Em “(conselhos) que o faziam chorar”, a tradutora russa usou uma paráfrase poética: “conselhos que enchiam os olhos de Nhô Augusto de lágrimas” (*soviéty, ot kotórykh na glazákh u Nhô Augusto vystupáli sliózy*).

Então, este padre – que tinha sido chamado para conceder uma absolvição a Nhô Augusto antes que, porventura, viesse a morrer, de repente, volta-se a este e lhe diz: “Sua vida foi *entortada no verde*, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é *aboio* de chamar demônio, e o Reino do Céu, que, que é o que vale, ninguém tira de sua *algibeira*, [...]”. Temos a palavra de cunho regionalista “aboio”, uma espécie de canto para chamar os bois, a boiada (daí o nome), sobre o que muito já escreveu, na literatura sobre o Nordeste. “Aboio, segundo Houaiss, “é um canto, sem palavras, específico, usado pelos vaqueiros para guiar ou chamar a boiada”.

A tradução inglesa é: *Your life was twisted while the bough was green, but do not be sad, in no wise, for sadness is a lure to call the devil, and the Kingdom of Heaven, which is what counts, nobody can pick it from your pocket, [...]*. Vemos que a tradutora inglesa acrescentou *while the bough (was green)* (enquanto era ramo). Assim, a expressão em português, “entortada no verde” é mais breve e idiomática, ficando mais explícita em inglês, onde foram acrescentadas as palavras acima. Temos, também, uma expressão interessante: *in no wise*, meio livresca, poética e arcaica ao mesmo tempo, para dar maior elegância à fala do padre. A palavra “aboio” foi traduzida por um termo trivial do inglês padrão, a saber, *lure* (segundo Michaelis, “isca, engodo, chamariz”). “Algibeira” (termo de origem árabe) é um

tipo de bolso que poderia ser traduzido por *back-pocket*¹⁷⁰. Não deixa de ser uma palavra mais pitoresca do aquela usada na tradução, sendo, também, um pouco uma palavra “de época”, como se diz corriqueiramente.

Na versão russa, a tradutora escreveu: *Jýzn' vacha ot sámykh ránnikh liét pochlá po drugói koleié, no vy nie petchal'ties', ni v kóem slútchaie, a tsárstvo nebiéssnoie – viêsch deistvítel'no stóiaschaia, a onó u vas v karmáne [...]*. O padre, na versão russa, trata a sua ovelha (Nhô Augusto) por *vy*, vós. O que acontece é que “você”, como se encontra no TLP, é, na verdade, um pronome de tratamento que está situado, na escala da formalidade, entre o “tu” (em russo *ty*) e o “vós” (*vy*, como aí se encontra). *Po drugói koleié* que, por sua vez, significa “por outra trilha”, foi a expressão usada, de modo a simplificar, onde no TLP se lê “entortada no verde”. E “aboio” foi traduzido por *manók*, um nome derivado do verbo *manít'*, que equivaleria ao verbo *lure*, em inglês. Aliás, *manók*, segundo Vóinova significa “chamariz”, sendo um terno da área das caçadas, vem seguido de *chtóby primanít'* (para atrair), sendo que *primanít'* representa o “aspecto perfeito” (ou “perfectivo”) do verbo *manít'*. Deparamo-nos, neste caso, praticamente diante de uma tautologia, de um pleonasma (com *manók*, seguido de *chtóby primanít'*, isto é “engodo, para atrair”, como foi dito acima).

E “algibeira” foi traduzido por *karmán*, um nome comum para designar um “bolso” em geral.

A tradutora americana escolheu um termo mais livresco, próprio dos textos religiosos, para traduzir “peço”, em: “Fé eu tenho, fé eu *peço*, Padre [...]” (*Faith I have, Faith I beseech, Father [...]*). *Beseech* significa mais do que “pedir”, também, *suplicar, implorar*¹⁷¹. Um sinônimo, em inglês, seria *beg*¹⁷². Não resta dúvida que fora uma excelente escolha, que embelezou o TLC.

Na versão russa, a frase ficou bastante transformada “Eu creio e rezo a Deus para me fortalecer na minha fé, pai [...]” – *Ja viériu i moliú bóga ukrepit' meniá v viere, otiéts mói [...]*. Podemos dizer a este respeito que o tratamento “pai”, em russo *otiéts moi*, literalmente, “pai meu”, era freqüentemente usado para dirigir-se a monges e a sacerdotes. Nota-se, também, que, conforme a ideologia marxista-leninista vigente no regime socialista antes do desmembramento da URSS, os assuntos relacionados a temas religiosos eram tratados com

¹⁷⁰ Cf. OLINTO.

¹⁷¹ Cf. MICHAELIS.

¹⁷² Cf. WEBSTER'S POCKET DICT.

bastante descaso. Por este motivo, como em outros trechos, lê-se “deus” (no TLC, *bóga*, caso acusativo de *bog*), grafado com letra minúscula.

O padre constata que Nhô Augusto nunca tinha trabalhado na sua vida, por isto lhe aconselha a trabalhar “por três”, sempre tentando ajudar aos outros. Neste ínterim, o sacerdote aconselha-lhe que “*Modere este seu mau gênio*” (TLP, p.356). Em inglês temos *Curb that bad temper of yours*, o que representa um idiomatismo em inglês. Em russo, lê-se *Usmiríte svoi búiny noróv* – o sacerdote continua tratando Nhô Augusto *vy*, isto é, “vós” – mas que em português brasileiro corresponderia a “o senhor”. Literalmente, no entanto, teríamos: “Pacifizei vosso caráter desenfreado”. Vemos, assim, que o adjetivo “mau” foi substituído por “violento” (ou “impetuoso, desenfreado”¹⁷³).

O sacerdote procede: “[...] faça de conta que ele é um poldro bravo e que você é *mais mandante* do que ele”. Em inglês, lê-se: [...] *pretend it is an unbroken colt, and that you are stronger than it*. “Faça de conta” é um idiomatismo em comparação com *pretend*, enquanto isto, “é mais mandante” (traduzido por *that you are stronger than*) é uma expressão de cunho regionalista. Neste sentido, sendo “ser mandante”, geralmente, usado para designar alguém responsável por um ato, principalmente, por um crime. Segundo Houais, “mandante” é, além de “mandador”, “pessoa a que se confere poderes a outrem para praticar atos em seu nome”, além da acepção do Direito legal. Por não ter encontrado uma equivalência perfeita no inglês, a tradutora simplificou o TLC, usando *stronger than* (mas poderia ter lançado mão da expressão *to be one’s own master*, em vez do termo escolhido).

Em russo, para a frase acima, lê-se: *pamianúite, chto éto vsevo lich neobiézzjenny jerebiéts i vólia vacha sil’niêie, tchem on [...]* (“lembre-se (o senhor) – ou lembrai-vos – de que este é apenas um poldro não-montado – que ainda não fora montado – e que vossa (sua) vontade é mais forte do que o mesmo [...]). O padre recomenda que Nhô Augusto repita uma “breve oração” – expressa, no TLP, por “jaculatória”. Segundo Houaiss esta “breve oração” é, via de regra, pronunciada “mentalmente”, contendo uma evocação a Deus, como se lê no TLP, a seguir: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso [...]”.

Em inglês para o termo referido acima, encontramos o cognato *ejaculatory*, enquanto em russo foi usada uma palavra comum, a saber, *molítva*, que significa “oração, prece”.

¹⁷³ Cf. VÓINOVA.

É preciso observar que, desde a Cristianização da Rússia, no século IX, com a adoção da Ortodoxia que reinava no Império Bizantino (também chamado de “Roma do Oriente”), conservou como língua do culto religioso o “eslavo (ou “eslavônico”) eclesiástico”, calcado no “Eslavo Antigo”, que teria sido a “língua-mãe” de toda a família das línguas eslavas. Por este motivo, no TLC, na fala do padre, encontram-se formas que não pertencem mais ao russo moderno, como o caso vocativo – *Iessússe* – uma vez que o vocativo, no russo moderno, não possui uma forma especial, confundindo-se com o caso nominativo (que seria, simplesmente, *Iessús*). Desta forma, pode-se constatar que, para poder traduzir um texto literário, é preciso conhecer a cultura do povo que fala a língua do TLC – aquilo que alguns teóricos chamaram de “realidade extralingüística”.

“E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma *brava criatura*”, onde os termos grifados foram traduzidos por *valiant soul*. A tradutora julgou que, embora *creature* seja um cognato do português, “criatura”, não teria a mesma “conotação”. Em russo, lê-se [...] *potomu-cto i vriám’ byl slávnym tchieloviékom*, onde para “brava criatura”, temos: “uma pessoa excelente”.

Na passagem a seguir, das palavras do padre “Cada um tem a *sua hora e a sua vez*: você há de ter a sua” foi retirado o nome do conto em pauta (“A Hora e a Vez de Augusto Matraga”). A tradução, em inglês, é: *Everyone has his hour and turn; and yours will come*. E em russo: *Kájdому naznátchen svói tchas i tchiéred: vy dojdíótes’ svoievó* – (A cada um está destinada sua hora e vez: o senhor há de aguardar até encontrar a sua”), vindo daí o título do conto: *Tchás i tchiéred Augusto Matrágui* (onde *Matrágui* é o caso genitivo, equivalente a “de Matraga”).

Um exemplo de que dificilmente existe equivalência semântica total entre os termos do TLP e do TLC é a tradução inglesa de “pincelar”: o padre, que atendeu Nhô Augusto, dá alguns conselhos ao casal de negros que cuidam dele: “E, lá fora, ainda achou de ensinar à preta um enxofre e tal para o gogo dos frangos, aconselhou o preto a pincelar água de cal no limoeiro e a plantar tomateiros e pés de mamão”.

Para se dizer “pincelar” em inglês é preciso usar de uma perífrase, a saber, *paint with a brush*, que a tradutora reduziu ao simples *paint*, por ser o resto, redundante. Podemos dizer que “pés de mamão” é uma forma popular para “mamoeiros”, podendo-se também dizer “pés de tomate”, em lugar do TLP “tomateiros”. A tradução *papaya trees* seria a tradução costumeira, pertencente à linguagem formal, assim como *tomato trees*. No TLP, lemos: “[...] ele achou de ensinar [...]”, onde o “achou”, na verdade, equivale a “inventou”, ou “resolveu”, mas a tradutora americana encontrou uma solução inserindo a palavra *time*

([...] *he still found time to [...]*). A expressão “e tal”, em “enxofre e tal”, sugere que há acréscimo de alguma coisa que se omitiu (equivalente a “etc.”) e em inglês foi reproduzido por *something* (em *sulphur and something*, perfeitamente adequado para a situação).

“Enxofre e tal” foi traduzido na versão russa por *siérny poroshók*, isto é “pó de enxofre”; para “pincelar água de cal” foi empregado, em russo, o verbo *belít’* (de *biély*, branco), que significa: “tornar branco”, ou, simplesmente, “caiar” – seguido de *izvestnikóm*, isto é, “com cal”. O “limoeiro”, que não é uma árvore, normalmente pertencente à flora de um país de clima temperado, como a Rússia, por isto não possui um termo de uma só palavra, e nestes casos usou-se da locução: *limónnoie diérevo* que equivaleria, exatamente, ao *lemon tree*, do inglês (sendo, além disso, *limónnoie* um adjetivo do gênero neutro, derivado do nome *limón*, isto é, limão). Embora haja *pomidóry*, isto é, “tomates”, que também serve para designar “tomateiros”, por algum motivo foi omitida a expressão “pés de mamão”. É interessante notar-se que *pomidóry* é nada menos que o resultado da russificação de *pomi d’oro*, do italiano. Embora exista o termo *tomát*, este designa, apenas, “extrato de tomate” podendo, deste modo, ser incluído na lista dos “falsos cognatos”.

3.4.2.2 TLP, p.357; TLC-1, p. 278-270; TLC-2, p. 228-229

O narrador conjectura que se passaram muitos meses, não apenas dias, permanecendo Nhô Augusto deitado, na cabana, imóvel. Assim lê-se: “Meses não são dias, e a vida era aquela, no chão da choupana”.

Começou a lembrar todas as rezas, “aprendidas na meninice, com a avó”, pois, para Nhô Augusto, “a vida já se acabara, e só esperava era *a salvação da sua alma* e a misericórdia de Deus Nosso Senhor”. Desta forma, conclui-se que as palavras do padre não tinham sido em vão, produzindo um efeito decisivo sobre o doente. Dessas vez, começava a lembrar de “todas e muito mais”. Assim, prossegue o narrador: “Todas e muito mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura, as que o preto *engrolava*, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava, benzendo a cuia d’água, ao lhe dar de beber”.

Quanto ao verbo grifado acima, pode-se dizer que o LGR registra “engrolar” como “pronunciar mal, indistintamente”. Mas, segundo Houaiss, também significa “cozer ou assar mal; deixar ou ficar meio cru”, “embolar” e “estudar superficialmente”. Em suma, fazer algo mal-acabado. Na versão inglesa, lê-se:

All and many more, even the silliest ones, all disjointed and mixed up: those which the black man muttered as he washed the wound of his leg with creolin and those which the black woman **murmered**, blessing the **gourd** of water when she gave him to drink.

Com referência ao trecho acima, da versão inglesa, pode-se dizer que “engrolava” é menos formal que o termo usado em inglês, *muttered*, enquanto “murmurava” foi traduzido pelo cognato *murmured*.

Na versão russa, houve um pequeno lapso na tradução do trecho abaixo, pois se tem *negritánka* (isto é, “a negra”) em lugar do gênero masculino que caberia aí, a saber, *niégr*. Ademais, o gênero feminino já se percebe na desinência (em **-a**) da forma verbal no pretérito - que possui, em russo, flexão de gênero – tanto para o aspecto verbal perfeito, como para o imperfeito, por ter se originado de uma forma *nominal*. Assim, lê-se:

Vsié **priéjnie** i mnogo **nóvykh**, dáje sámye neliépye, s **perevránnymi** i perepútannymi slovámi, tié, kotórye bubníla **negritiánka**, promyváia emú kreolínom ránu na noguíe, i tié kotórye **oná** bormotála, blagoslovliáia tcháчку s vodói, kogdá davála emú pit’.

Isto é,

Todas as *anteriores* e muitas das novas, até as mais sem nexos (ou “absurdas”), contendo as palavras mais *alteradas* (ou “falsificadas”) e atrapalhadas, aquelas que a *negra* repetia sem parar, ao lavar-lhe a ferida na perna, e aquelas que ela murmurava, benzendo a *xícara* com água, ao lhe dar de beber.

Foi introduzido o termo *priéjnie* (anteriores) – com relação a “rezas” – e, em lugar de “muito mais”, lê-se, na verdade, “muitas novas”. Para “bobas” tem-se *neliépye* que, na verdade, significa “sem nexos” (ou “absurdas”). Por sua vez, o adjetivo *perevránnymi* (“falsificadas”, caso instrumental plural de *perevránniy*) que modifica *slovámi* (isto é, “com as palavras”) – é forma nominal do verbo *perevrát’* – deriva, na verdade, de *vrát’*, isto é, “mentir” – que equivale, no TLP, a “com deformação”, mas no russo, equivale a “deformadas pela mentira” ou “pela falsificação”.

A tradutora russa foi, assim, mais extensa, mais *prolixa*, usando de mais palavras para traduzir o texto de Guimarães Rosa. Portanto, trata-se de mais um exemplo de recriação do TLP.

Vemos, também, que “cuia” – embora o dicionário de Stárests traga, para “cuia”, a tradução *týkva*, isto é, “abóbora” ou “cabaça”, assim como o vasilhame, feito deste vegetal

– foi traduzido, na versão russa, pelo hiperônimo, “xícara”, perdendo-se o cunho regionalista do termo.

Em inglês, o termo escolhido pela tradutora, para “cuia”, foi *gourd*, que diz respeito a um fruto de planta cucurbitácea¹⁷⁴, isto é, “cuia” ou “cabaça”¹⁷⁵. Do mesmo modo, o dicionário inglês-russo de Miúller traz *gourd* como *tykva*, isto é, “abóbora” ou “o recipiente”, fabricado a partir deste legume.

O que Nhô Augusto esperava era apenas “a salvação”, pois a “vida já se acabara”, tomando “um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados”, de formas que a única saída era “rezar”. Assim, lê-se: “E somente essas coisas o ocupavam porque para ele, *féria* feita, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. Nunca mais seria *gente!*” Na versão inglesa, tem-se: *And these things alone occupied his mind, because for him the feast was over, life was finished, and all he hoped for was the salvation of this soul and the mercy of God Our Lord He would never again be a man!*

O LGR traz para “*féria*” – salário mensal, e também, “balanço e, conta (apuramento das vendas de um dia)”. E com o “sentido figurado”, “*féria*” (“avaliação da sua vida”), de formas que é possível interpretar a frase “*féria* feita”, como “tendo avaliado a sua vida”, ou “tendo feito o balanço”. Houaiss, no entanto, apresenta “*féria*” como sinônimo de “feriado” (por extensão, dando origem a “cada dia da semana”, e originou a corruptela “feira”, em “segunda-feira”, “terça-feira”, etc.) e menciona que, segundo a etimologia latina, pode também significar “festa” e ou “regozijo público”.

Daí, podermos dizer que a tradução em inglês *the feast was over* (em retroversão: “a festa tinha acabado”) se enquadra plenamente no contexto. Em russo, “*féria*” foi traduzido como sinônimo de “feira”, isto é, “mercado”. A palavra usada foi *iármarka*, uma palavra originária do alemão *Jahrmarkt* (“feira anual”). O trecho todo soa da seguinte forma: *Tol’ko éti viêschí evó i zanimáli, potomú-çhto dliá nevo iármarka otchumiéla, jízñ’ kóntchilas’, i on upovál tol’ko na spassiênie duchý i na milossiêrdie góspoda bóga. Nikogdá bol’che nie byt’ emú tcheloviékom!*. Isto é, “Só essas ocupavam, porque para ele a feira tinha acabado (literalmente, “emudecera”), a vida se acabara, e ele só confiava na salvação da sua alma e a misericórdia do Senhor Deus. Nunca mais ele seria um *ser humano!*”.

Como em outros trechos, “de Deus Nosso Senhor” – equivalente a (*góspoda bóga*) – com a omissão de “nosso” – está grafado com letra minúscula - pelo fato de a

¹⁷⁴ Cf. CHAMBERS.

¹⁷⁵ Cf. MICHAELIS.

tradução ter sido publicada antes do desmembramento da URSS. Quanto a *upovál*, do verbo *upovát'*, Vóinova apresenta como um arcaísmo (“livresco”) usado mais em textos poéticos e religiosos.

Percebe-se, também, que, enquanto no TLP se lê “Nunca mais seria *gente*”, na versão inglesa está: *He would never again be a man* – que tanto pode significar “ser humano”, em geral, como “varão”. A versão russa, no entanto, não apresenta dúvidas sobre isto, pois se tem: *Nikogdá ból'che nie byt' emú tcheloviékom*”, onde o termo grifado significa apenas “ser humano” (instrumental singular de *tcheloviék*). Em seguida, Augusto Matranga continua a meditar sobre o seu estado deplorável: “O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a *idéia*. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando”. Na versão inglesa: *His body was damaged within, and his mind even more. And he had taken such a horror to his past wickedness and evil deeds that he could not even recall them; all he could do was just pray*. Aqui temos o continente pelo conteúdo: *mind* para traduzir “idéia”. Na versão russa, para “idéia” – na versão inglesa *mind* – foi usado *duchá*, isto é, “alma” – como para se opor a *tiélo*, isto é, “corpo”). Vejamos: *Tiélo býlo uzuviêtcheno, a dúchá eschió tovó bólee. I próchlyie evó zlodeiánia i bestchínstva vnucháli emú takói újas chtó on nié mog dáje vspominát' o nikh; razvie chtó zá molítvoi*. Em retroversão: “O corpo estava mutilado, enquanto a alma, ainda mais que isto. E seus passados delitos (ou “crimes”) e desmandos lhe inspiravam um horror tamanho que ele não podia nem se lembrar deles; só mesmo durante a reza”.

Vê-se um pequeno mal-entendido nesta última frase, pois “só mesmo rezando” é um exemplo de fala coloquial, que significa “a única coisa a fazer – ou a única solução – era rezar”. Mas a tradutora russa entendeu de forma diferente. Existem, muitas vezes, expressões ou idiomatismos que, por algum motivo, o tradutor desconheça, dando-lhes outra versão.

Nhô Augusto “espantava as *idéias tristes*” e com isto, se sentia mais feliz – “com o passar do tempo, tudo isso foi lhe dando uma espécie nova e *mui* serena de alegria (*a new and very serene kind of happiness*). Este, resignado, e fazia compridos progressos na *senda* da conversão” (*He made long strides on the path of conversion*).

Nota-se, no TLP, o uso incomum do modificador “compridos”, junto a “progressos”, atribuindo a este nome uma dimensão espacial. Assim, a tradutora americana achou por bem substituir “progressos” por *strides* (“passos”), algo mais concreto. Vê-se, também, o uso do quase-arcaico “mui” e de palavras mais rebuscadas como “senda” (em

lugar de “caminho”). Como já dito, Guimarães Rosa “trabalhava” seus textos, buscando conceder-lhes sonoridade, elegância e originalidade. Em russo, lê-se: *On gñal protch mrátchnye mýsli, i po prochiêstvia niékotorovo vriêmini vsió stálo prinossít’ emú rádost’, nié pokhójuiu na tu, chto znal on priêjde, i udivítel’no bezmiatiêjno. On smirílsa i neuklónno prodvigálsa vperiód po stezié dobrodiételi*. Em retroversão:

Ele tangia os pensamentos sombrios para longe e, passado algum tempo, tudo começou a lhe trazer *uma alegria que não era parecida com aquela que ela conhecia antes*, e admiravelmente serena. Ele se conformara, e avançava, firmemente, para adiante, pela senda da *virtude*.

Vemos que algumas coisas foram acrescentadas, outras, modificadas.

Finalmente, chegou o dia, quando Nhô Augusto pôde dar os primeiros passos, embora de muletas. Resolveu ir para longe – como, aliás, lhe tinha sido aconselhado pelo padre – e o casal de pretos o acompanharia. Lembrou-se que ainda era dono de um “sitiozinho”, no alto sertão, a única coisa que ainda lhe restava de “seu”. Assim, lê-se:

Quando ficou bom para andar, escorando-se nas muletas que o preto fabricara, já tinha seus planos, *menos maus*, cujo ponto de início consistia em ir para longe, para o sitiozinho perdido no *sertão* mais longínquo – uma *data* de dez *alqueires*, que ele não conhecia nem pensara ajamais que teria de ver, mas que era agora a única coisa que possuía de seu.

Na verdade, o padre não só tinha aconselhado, a Nhô Augusto, de ir para longe – como foi mencionado acima – como também de não pensar mais em “vingança”, com as palavras: “Eu acho boa esta idéia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças”. Na versão inglesa, lê-se:

When he was able to walk, supporting himself on the crutches the black man had made for him, he already had his plans, **less evil ones**, the first of which was to go far away, to a **little farm** lost in the remote **backlands** – a **parcel** of some ten **alqueires** – which he did not know and which he had never thought to see, but which was now the only thing he could call his **own**.

A palavra “sertão” é, geralmente, traduzida por *backlands*, como se vê aí, no TLP. (O “Grande Sertão: Veredas”, obra-prima de Guimarães Rosa, como se sabe, recebeu, em inglês, o título de *Devil to pay in the Backlands*).

Sobre a palavra “data” – segundo Houaiss – pode ser “uma grande porção” ou “qualquer porção ou quantidade determinada de algo”, traduzido por *parcel*, enquanto

“alqueire” foi tomado de empréstimo, um dos procedimentos da tradução literal, segundo Vinet et Darbelnet. Desta forma, conservou-se a “cor local” do TLP, podendo o sentido ser inferido do contexto, como acontece com os empréstimos em geral. Quando se torna difícil fazê-lo, o tradutor pode lançar mão de uma explicação em nota de pé-de-página.

Em russo, foi também tomado de empréstimos o termo “alqueire”, sem a marca do plural, tendo sido omitida a tradução de “data”. Assim, lê-se: [...] *gdíe bylo u nievó imênie v diêssiat’ alquiere* (isto é, “onde ele tinha uma propriedade, do tamanho de dez alqueires”).

Em lugar da tradução de “sertão”, temos o termo, tomado de empréstimo e adaptado para o russo sob a forma de *sertán*, já que não existem vogais ou ditongos nasais em russo.

Este termo consta na “Introdução” – assinada pela brasilianista do período soviético, Inna Terterián – que, aliás, chega a intitulá-la: *Sertán, chyróki kak mir* [...], isto é, “Sertão, vasto, como o mundo [...]”, e que precede a versão russa da coletânea, intitulada *Rasskázý* (“Contos”), onde constam histórias, retiradas de diversas obras de Guimarães Rosa, inclusive, o conto que é objeto deste trabalho. Terterián, nesta “Introdução” fala de *Tropý bol’chóvo sertána* (“Grande Serão: Veredas”) – literalmente “Veredas do Grande Sertão” – e menciona, também, várias outras obras, ligadas a este tema, tais como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, sem esquecer de mencionar o episódio de “Canudos”. Refere-se, ao mesmo tempo, a outros escritores modernistas brasileiros, tais como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, que versaram sobre o tema do “restabelecimento sócio-econômico” do sertão. Assim, o leitor russo – da década de 1980 – poderia ter uma idéia mais precisa da problemática dessas paragens longínquas, que se costuma chamar de “sertão”. Terterián chega a qualificar a prosa de Guimarães Rosa como “realismo denunciador” – em russo, *Oblitchítel’ny realizm* – pois, na época soviética, a tônica era sempre sobre os problemas sociais de um país, ou de uma região.

No que tange a tradução do trecho do TLP, citado acima, pode-se dizer que, enquanto em inglês temos para “planos menos maus” – *plans, less evil ones*, na versão russa, a tradutora usou um pouco a sua criatividade com *plány, níe takíe krovojádnýie*, trecho que equivale, em retroversão, a “planos, não tão *sedentos de sangue*”, deixando explícito que este “planos” não poderiam incluir nem vingança, nem morticínios. Continua o narrador: “Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, muito *edificante e vasta*”. Em inglês, a tradução para os termos destacados foi *a final talk with the priest, edifying and far-ranging*, mas em russo, houve inovação, com *bessiéda so sviaschiênnikom, dólgaia i duchespássítel’naia*. Em retroversão “conversa com o sacerdote, longa e redentora da

alma”. Vê-se, portanto, que a ordem dos vocábulos foi invertida, e também que o termo *duchepassítel’naia* é um termo composto e derivado de *duchá* (alma) e *spassát’* (salvar, redimir), que mostra que a tradutora incluiu a sua própria interpretação do TLP, sem tentar seguir o mesmo, à risca.

Já foi mencionado, neste trabalho, que a expressão “*casal de pretos samaritanos*” (Veja citação abaixo) não seria, hoje em dia “politicamente correto”. A versão russa, normalmente, usou a expressão *niégr* e *niegritiánka* (“negro” e “negra” para traduzir “preto” e “preta”), mas neste trecho foi, também, usado um termo menos neutro que os anteriores, com *s tchetóiu tchernokójkh samaritián*. Em retroversão: “com a parêlha de samaritanos de *pele-negra*”, o termo grifado não deixa, deste modo, de carregar certo tom depreciativo.

Por detrás da expressão “o casal de pretos” esconde-se toda uma “realidade cultural, social e histórica” dos sertões de Minas Gerais. Essa realidade entra no texto literário através dos *cronótipos bakhtinianos*, ou seja, as marcas do *tempo* e do *espaço* – as quais o autor não pôde evitar. Sendo Minas um estado de maioria branca (no conceito brasileiro de “branco”), na época em que Guimarães escreveu o conto, era aceito que os pretos estivessem normalmente em condição social *inferior*, como uma questão atávica. Assim, em um povoado do sertão havia uma ou duas famílias de negros, as quais eram chamadas, às vezes, de *Fulano Preto*, a exemplo de *Seu Antônio Preto*, *Zé Preto*, *Zé Pretinho*, *Maria Preta*, etc. Nessa época, no Brasil – e muito menos nos *sertões mineiros* – não havia o que hoje chamamos de “consciência da raça negra”, nem qualquer movimento organizado em busca de *igualdade*. Não se pode, contudo, acusar o texto de Guimarães de “racista”, pois o que o autor representa em sua obra é a realidade social do seu tempo. Assim, continua o narrador: “E, junto com o casal de *pretos samaritanos*, que, ao hábito de *se desvelarem*, agora não o podiam deixar nem por nada, *pegou chão*, sem paixão”.

Segundo Houaiss, “desvelar” é o mesmo que “velar”, isto é, “privar-se de sono”, assim como “agir com diligência, empenhar-se” – sendo este o sentido com que está empregado na citação acima, tendo “velar” por etimologia o latim *vigilare* (“vigiar, velar”). O emprego do reflexivo “des-” parece, neste caso, apenas, querer reforçar o sentido de “velar”. Na versão inglesa, lê-se: *And the company of the two **black Samaritans**, who had grown so accustomed to watching over him that now they would not leave him for any consideration, **he took to the road** without distress*. Pode-se dizer que *He took to the road* parece tão idiomático quanto “pegou chão”, uma expressão de cunho regionalista, mantendo o “tom” da narrativa.

Quanto a esta última frase, lê-se em russo: *On pustílsa v dorógu*, que equivale, aproximadamente, ao que se lê na versão inglesa. Em retroversão: “ele se pôs a caminho”. Continua o narrador: “Largaram à noite, porque o começo da viagem teria de ser uma verdadeira *escapada*”. Nhô Augusto teria absorvido tão bem os ensinamentos do padre que o transformou em verdadeiro lema. Ajoelhou-se, pronunciando seu ato-da-fé, com os braços abertos “em cruz”, em uma pose solene de promessa, ou melhor, de “juramento”. Assim, prossegue o narrador: “E, ao sair, Nhô Augusto se ajoelhou, no meio da estrada, abriu os braços em cruz e jurou: “– *Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!...E a minha vez há de chegar...P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!* [...]”. Desta forma, ele tinha assumido esta promessa. diante de si mesmo, diante do padre e, finalmente, diante de Deus. Em inglês, lê-se: [...] *I am going to heaven, I really am, by fair means or foul. And my turn will come. To Heaven I am going, even if I have to use a club.* Vê-se que a elocução da tradutora americana foi mais longa e mais explícita, contrastando com o tom mais conciso da fala de Nhô Augusto no TLP. Vê-se o reforço da expressão “P’ra o céu eu vou...” (*I am going to heaven*), com as palavras que seguem, grifadas na citação, para não deixar qualquer dúvida: *I really am, by fair means or foul.* Em russo, o juramento de Nhô Augusto soa da seguinte forma: [...] – *Ja khotchú popast’ na niébo i popadú taki ili inátche!* [...] *I tcheriéd moi ieschió pridiót. Ná niebo ia khotchú pópast’, dáje iêslí pridótsa mnié piéred tem otviédát’ pálki!* [...]. Em retroversão: “Eu quero alcançar o céu e consegui-lo-ei, de um modo ou de outro!...E a minha vez ainda há de chegar. O céu eu quero alcançar, mesmo que, antes disto, eu tenha que *provar o porrete*”. Em lugar de “ir ao céu”, como no TLP, temos “alcançar o céu” (*popást’ na niébo*); *otviédát’* significa, na verdade, “provar”, enquanto *pálki* (genitivo singular de *pálka*), na verdade, significa “um pedaço, qualquer, de madeira”, ou “pau”). Há um tom humorístico na expressão *otviédát’ pálki* (“Provar o cacete” – digamos) Assim, foram usados idiomatismos, na versão russa, fugindo de uma tradução muito literal.

3.4.2.3 TLP, p.358; TLC-1, p. 279-280; TLC-2, p. 229-230

Ao ouvir isto, os “negros aplaudiram, e a turminha pegou o passo, a caminho do sertão”. Novamente, em inglês, “sertão” como *backlands*, e em russo o empréstimo, adaptado para a fonética do russo, *sertán*. Em seguida lemos: “Foram norte a fora, na derrota dos criminosos fugidos, dormindo de dia e viajando de noite, como cativos *amocambados*, de *quilombo em quilombo*”. A seqüência da parte frisada possui um ritmo aliterativo e tem aspectos toantes (por causa das vogais nasais em *on*) que não foram levados em consideração

nas traduções. Não houve, portanto, “reconstrução” do segmento fonético. Assim, lê-se, na versão inglesa: *They kept well to the north, following the route of runaway criminals, sleeping by day and traveling by night, like fugitive slaves, moving from hiding place to hiding place.*

Aqui, a tradutora se distanciou, bastante, do TLP, pois “quilombo” é uma palavra de origem africana, tendo uma carga regionalista, que não está presente no simples *hiding place*. Apesar de ter-se perdido a “cor local”, Houaiss, depois de dar a origem histórica do termo “quilombo”, surgida ainda no século XVI, apresenta como segunda acepção, justamente, a de “local escondido”. Deste modo, a não ser que a tradutora usasse o termo como empréstimo, juntamente com uma nota de pé-de-página, parece ter sido a única tradução possível.

A este respeito, pode-se, também, citar Michaelis, que traz: “Quilombo: *Braz., hist. hiding place of fugitive Negro slaves*”. Quanto ao termo “amocambados”, vem de “mocambo”, sendo, segundo Michaelis, “Mocambo: (*Braz., hist.*) *l. the refuge of slaves in the woods*”, também de origem africana. Vê-se, portanto, a contigüidade semântica entre “quilombo” e “mocambo”, sendo que Houaiss, por sua vez, também, traz “*quilombo*” como sinônimo de “*mocambo*”.

Na versão russa não foi traduzido o termo “quilombo”, como na versão inglesa, tendo-se para “cativos amocambados”, *biéglyie rabý*, o que significa “escravos fugitivos”, semelhante ao inglês *fugitive slaves*. No trecho que equivaleria a “de quilombo em quilombo”, lê-se, na versão russa, *petliáiuschie miéjdu dozórami biélykh* (isto é, “procurando contornar a vigilância dos brancos”). Apesar da paráfrase, vê-se que se conservou, no entanto, a idéia de “procurar um esconderijo”, que está presente em “quilombo”.

O grupo passa por várias localidades, cuja paisagem é descrita, pormenorizadamente, pelo narrador: o grupo foi “para além” de “muitos arraiais *jazentes na reta das léguas*”, (temos aí uma figura de linguagem, traduzida, na versão inglesa, por *many hamlets on the stretch of leagues*), ao pé de vários morros, tanto os “verdes”, como os de “cristais brilhantes”, entre “as varjarias e os *cordões* do mato” (o termo grifado também uma metáfora), trecho traduzido por *marshes and stretches of woodland*, onde desaparece a metáfora.

O termo mais comum é “varja”, variante de “várzea”, segundo Houaiss. “Varjarias”, tudo indica, seria um conjunto destas. “Várzea” está dicionarizado por Houaiss como “grande extensão de terra plana”, “terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de

um rio ou ribeirão”, sem incluir a acepção de “pântano”, como quis a tradutora americana (uma pequena inovação, portanto).

Na versão russa, também foi desfeita a figura de linguagem de “e de todos os muitos arraiais jazentes na reta das léguas”, sendo “léguas” traduzido, em retroversão, por “milhas”. Assim, lê-se: *i bestchíslennye possiólki, tianúvchiessia na mnóguie míli* (isto é, “e os inúmeros povoados, que se estendiam ao longo de muitas milhas”). Quanto ao trecho “ao pé dos verdes morros e dos morros de cristais brilhantes”, a noção de “cristal” foi substituída, em russo, pela idéia de “mica” ou “malacacheta”, pois o adjetivo *sliudíny* é um derivado de *sliudá* (vide Vóinova). Desta forma, lê-se *vdol’ podnójia zeliónykh kholmóv i kholmóv otliváiuschikh sliudínym bliéskom*, isto é, “ao longo dos pés dos verdes morros e dos morros que reluziam com o brilho das micas”. O que há de comum entre os dois minerais, é que a “mica” também tem brilho, sendo, segundo Houaiss, derivado do latim *micare*, – “cintilar, reluzir”. “Varjarias” está em russo como *lugovíny* – “prados” – sem a idéia de “pântano”, como na versão inglesa, com *marshes* (vide acima). No TLP, a descrição da paisagem continua.

“E deixavam de lado moendas e fazendas, e as estradas com cancelas, e roçarias e sítios de monjolos [...]”. Na versão inglesa, temos: *And they left behind the sugar mills and ranches, and roads with gates, and clearings, and grist mills [...]*. Na versão russa, “moendas” foi estranhamente traduzido por *plantátsii*, isto é, “(grandes) plantações”. Já a idéia de “moer” foi conservada na tradução de “monjolos”, com *vodianýe [...]* *miél’nitsy*, isto é, “moinhos de água”, seguido do empréstimo, transliterado, “monjolos”.

Na verdade, segundo LGR, “monjol” é um “engenho tosco, movido à água, usado para pilar milho.// Brás. De orig. afr.”. No entanto, segundo Michaelis, *grist* é “trigo a ser moído, trigo moído”, por isto, pode-se pensar tratar-se de uma adaptação. Chambers, no entanto, traz para *grist-mill* a definição de “*a mill for grinding grain*, (todo tipo de grão, portanto). Mais adiante, lê-se: “E dormiam nas *brenhas*, ou sob as árvores de sombra das *caatingas*”, na versão inglesa: *And they slept in the thickets or under the sparse shade of the trees of the undergrowth*.

Aqui, a tradutora também não encontrou uma tradução que pudesse corresponder ao nome da região onde cresce a vegetação de plantas rasteiras, xrófilas e arbustos, chamada de “caatinga”, pois *undergrowth* significa, plantas rasteiras, mas que crescem embaixo de

árvores maiores, da floresta¹⁷⁶: **Undergrowth**: 1. a. *Low-growing plants, saplings, and shrubs beneath trees in a Forest.*

Michaelis, no entanto, fornece uma definição interessante para “caatinga”: “1. a *stunted sparse Forest*; 2. *region covered with brushwood*, podendo, portanto, a tradutora ter usado uma perífrase, algo como *dry brushwood region* (para “caatinga”), em lugar do que se lê, na versão inglesa. A propósito, a primeira edição do dicionário de Michaelis data, de fato, de 1958, sendo, portanto, bastante anterior ao ano da tradução do conto por Harriet Oní em 1965. Como abandono do nome “caatinga” – um nome regional, sonoro e “agreste” – houve, de fato, uma “perda sonora”, no texto da versão inglesa.

Na versão russa, no entanto, foi, justamente, tomada de empréstimo a palavra “caatinga”, lendo-se, assim: *a spáli oní v zárolsiakh kustárnika, libo pod tiénistymi deriéviami kaatíngui*, isto é, “e eles dormiam nas brenhas dos arbustos, ou embaixo das árvores que dão sombra, na caatinga”.

O grupo atravessara o “Rio das Rãs” e o “Rio do Sapo” – os topônimos foram traduzidos, na versão inglesa: *River of Frogs* e *River of the Toad*. Igualmente, em russo, foram traduzidos, ajudando, desta forma, a melhor “colorir” a paisagem. Para traduzir “serras”, na versão inglesa, foi usado o termo, tomado de empréstimo do espanhol, *sierras*, muito conhecido na topografia americana – partindo do princípio de que as paragens secas do sertão pudessem lembrar os desertos americanos e mexicanos (um pouco de cor local). Em russo, o termo usado para “serras” foi *vzgóriia*, um termo genuinamente russo, nada mais.

Depois, andaram “por baixadas, com outeiros” – *over plains with knolls* – chegando até às margens dos rios, por onde seguem os bois. Ao se referir às “paragens”, mais adiante, Guimarães Rosa usa, como modificador, de um termo erudito, e arcaico, ao mesmo tempo, a saber, “riparianas” (em “paragens riparianas”), traduzido, em inglês, pelo cognato *riparian*. Sabemos que Guimarães Rosa é a favor da inovação da linguagem, lançando mão do emprego de palavras ainda pouco “gastas”. Assim, temos, no TLP: “E em paragens *riparianas*, mas evitando a linha de vaus, sob o vôo das garças, – os caminhos por onde as *boiadas* vêm, beirando os rios”. Em inglês: *And along those riparian ways, but avoiding the fords, under the flight of herons – the trails by which the droves of cattle go, skirting the rivers.*

Como acabamos de ver, a tradutora americana resolveu usar um quase cognato para “riparianos”, trata-se de uma palavra erudita. Houaiss o dá como termo, referente aos

¹⁷⁶ Cf. HERITAGE.

germanos, durante o império romano. Lê-se: “relativo a ou indivíduo dos ripuários, antigos povos germânicos, da margem do Reno; esp. Os francos”. Origem: latim medieval, de “*ripa*: margem de rio”. Em outras palavras, concluímos nós, seria equivalente a “ribeirinhas”. O termo *riparian* está registrado no Heritage como: *of, on, or pertaining to the bank of a river, or of a pond or small lake*, apresentando a mesma origem latina *riparius*, proveniente de *ripa*, isto é, *bank, shore*¹⁷⁷.

Como vimos na citação acima, para o coletivo “boiada”, foi usada uma perífrase *droves of cattle*. A este respeito, pode-se dizer que o Heritage traz *drove* como sinônimo de *flock* ou *herd*, porém, em movimento. Assim: *I. A flock or herd being driven in a body*. Também pode se referir a uma massa de gente em movimento¹⁷⁸.

O trecho, citado acima, soa em russo da seguinte maneira: *I vdol' riék, pó pribriéjnym dorógam, kotórymi góniat stadá i nad kotórymi proletáiut tsápli – no v obkhód tiékh miést, gdié brod i pereráva*. Em retroversão, tem-se: “E ao longo dos rios, por estradas ribeirinhas, pelas quais se tangem os rebanhos e sobre as quais passam voando as garças – mas contornando aqueles locais rasos ou de travessia”. Vemos que “em paragens ripuárias” foi traduzido por “por estradas ribeirinhas” (isto é, localizadas às margens dos rios, como sugere a palavra *pribriéjnye*).

O grupo de migrantes, em pauta, teria visto outros bois, outras “tropas”, tangidos por “bruaqueiros”, embora raros, quando alcançaram o povoado do Tombador, onde se assentaram. A população do local, que não conhecia Nhô Augusto, tomou-o por um homem “meio doido e meio-santo”, que não cessava de trabalhar. Gostaram dele, em suma.

“E assim se deu que, lá no povoado do Tombador – onde, às vezes, pouco às vezes e somente quando transviados da boa rota, passavam uns bruaqueiros (*packdrivers*) tangendo tropa, ou uns *baianos corajosos* (*stouthearted Bahians*) migrando rumo ao sul – apareceu um dia, um homem esquisito (*a strange man*), que ninguém não podia entender”. Vê-se o que, segundo a norma urbana culta, seria uma “agramaticalidade”, mas é algo “normal” para a linguagem popular da região: a dupla negação em “que *ninguém não* podia entender”. Resulta, aí, uma “aliteração” rítmica com “*ninguém não*”. O trecho todo, da versão inglesa, é o seguinte: *And thus it came about that there in the village of Tombador – where, at times, just a few times and only when they had strayed from the good route, occasional packdrivers passed, or some stouthearted Bahians bound for the south – a strange man appeared one day whom nobody could understand*. Na versão russa, lê-se:

¹⁷⁷ Cf. HERITAGE.

¹⁷⁸ Cf. HERITAGE.

I slutchílos' tak, chto v seliénii, kotóroie nazyváietsa Tombadór i kudá lich ízredka – riéje niékuda – i to lich sbívchys' s putí, poiavliáiuetsa **bruaqueiro** s tabunámi konêi, libo otvájnye **urojéntsý chtáta Baíia** (Bahia), pereberáiuschiessia na iúg, – poiavílsa v odín prekrásny diéhn stráunny tcheloviék, kotórogo niktó nie mog póniát'.

Em retroversão: “E aconteceu desta forma que no povoado, que se chama de Tombador, e onde só raramente – mais raro impossível – e só quando se desencaminhavam, apareciam ‘*bruaqueiro*’, com anadas de cavalos, ou corajosos *nativos do estado da Bahia*, que estavam se mudando para o sul, - surgiu, um belo dia, um homem estranho, que ninguém conseguia entender”. Vê-se que “bruaqueiros” não foi traduzido, e sim, tomado de empréstimo, na sua forma singular, pois no russo, o plural não se faz, por meio da desinência “-s”.

É preciso lembrar que a denominação de “baiano” (citada acima) para mineiros, paulistas e demais sulistas não se restringe a pessoas naturais do Estado da Bahia, e sim, a todo e qualquer nordestino. Apesar de serem vários os Estados, que fazem parte do Nordeste brasileiro, é comum, para os paulistas e paulistanos, por exemplo, englobar os nativos de Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, etc, sob o nome de “baianos, já que o estado da Bahia é o mais conhecido, o mais proeminente, tendo – na sua História – o marco de ter sido a primeira capital do Brasil-colônia.

Na verdade, no sul, o termo “baiano” adquiriu uma acepção um tanto *depreciativa*, por causa dessa migração, em massa, que houve, de “retirantes”, vitimados pela seca, sendo eles pessoas das classes sociais menos favorecidas, com grau de instrução menor, entre outras coisas. Tanto é que surgiram muitas piadas em torno da figura do nordestino (isto é, do “baiano”) – descrevendo-os como pessoas ineptas, pouco esclarecidas, etc., tendo até surgido a expressão “fazer uma baianada” – como sinônimo de “fazer algo malfeito”.

No presente texto de Guimarães Rosa, o termo “baianos” mereceu até um modificador de apreço, isto é, “corajosos” (por estarem imbuídos de coragem, “migrando para o sul”). A única restrição a se fazer é que – além de habitantes da Bahia – poderiam aí estar incluídos retirantes, provenientes de outros estados nordestinos, como já era praxe denominá-los.

E assim, Nhô Augusto e o casal de pretos se estabeleceram em Tombador. Talvez o povo de Tombador tivesse gostado de Nhô Augusto, por isto mesmo, apesar de ser “meio *doido*”, era, também, “meio santo”; e “compreender deixaram para depois” – conclui o narrador. “Mas todos gostaram dele”, que foi traduzido por idiomatismos, tanto no inglês,

como no russo. Assim, lemos: [...] *But they all took an instant liking to him* [...], na versão inglesa, e *No on srázu prishólsa po duché vsiém jýtieliam possiólka* – isto é, “ele combinou, logo, com a alma de todos os moradores do povoado”.

Em muitas culturas, a figura do “louco”, desde a Antiguidade Clássica, realmente, está ligada – de certa forma – à idéia de “santo”. Assim, por exemplo, ainda nos séculos XVII a XVIII – antes da modernização da Rússia por Pedro, o Grande, na cultura popular russa, havia a figura do *iurodívy* – uma espécie de ‘louco’ que morava nas ruas, um verdadeiro mendigo, mas que possuía dons sobrenaturais, tais como “desvendar a verdade”, distinguir “o falso do verdadeiro”, assim como o dom da “premonição” ou “profecia”.

Tal figura aparece, por exemplo, no drama em versos, e também ópera, denominada “Boris Godunóv”, de autoria de A.S. Puchkin, com música de Mussórgsky. O dicionário monolíngüe de Ójegov traz, para tanto, o seguinte verbete: ***Iurodívy*** –*aia –oe* 1. *Tchudakováty, pomiéchanny (razg.)*; 2. (***susch***). *Iurodívy-ovo m. U sueviérnylh, religióznykh liudiêi: bezúmiets, obldaúschii dárom proritsánia*, isto é, ***Iurodívy***: 1. (adj.) Estranho, louco (coloq.); 2. (nome m.) entre as pessoas supersticiosas, ou religiosas, um louco que possuía o dom da profecia¹⁷⁹.

Muitas figuras que marcaram a História estão neste limiar entre a loucura e a santidade. Na História do Brasil, por exemplo, Quem seria *Antônio Conselheiro*, o líder do movimento de Canudos? Para as autoridades, um louco, um líder e rebelde perigoso. Mas para o povo de Canudos, que o seguiu, não resta dúvida, que representava “um santo”.

Na verdade, até o desenvolvimento da medicina moderna, nos séculos XIX e XX, quando o psiquiatra francês Charcot – precursor de Sigmund Freud – os loucos eram considerados como “possuídos pelo demônio”, eram tratados através de “exorcismo” ou até mesmo espancados. Charcot fez os primeiros estudos sérios sobre a loucura, chegando à conclusão de ser esta um mal decorrente da bioquímica do cérebro, podendo ser tratada através de medicamentos. Na verdade, este tema foi abordado, na modernidade, pelo filósofo Michel Foucault.

Até hoje reina um certo mito em torno da loucura, pois o povo, muitas vezes, recorre ao Espiritismo para curar “um encosto”, ou outros males, sem dar muito crédito à Medicina tradicional. Em russo, os males psiquiátricos, são, também, denominados *duchévnye boliêzni*, isto é, “males da alma” ou do “espírito”. Para os cientistas, a morada da “alma” seria o cérebro, e nada mais (a década de 1990 – foi apelidada de “década do cérebro”

¹⁷⁹ Cf. ÓJEGOV.

– graças ao grande impulso no tratamento de vários males). Mas o consenso – quase geral – é que as doenças do psíquico, na sua maioria, teriam “tratamento” (“tratamento sintomático”, propriamente dito), e não uma “cura” definitiva. Na verdade, o que diz respeito à mente humana – apesar do grande desenvolvimento científico das últimas décadas – ainda está encoberto por muitos mistérios.

Mas acontece que quanto à figura de Nhô Augusto, que fora considerado, neste povoado de Tombador, meio louco, meio-santo, o que povo de Tomador não sabia a seu respeito é que ele estava seguindo os conselhos do padre, que tinha lhe dito: “– Você nunca trabalhou, não é?. Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder” (Ver TLP, p.356), e, por este motivo, para se redimir diante de Deus e ganhar a sua recompensa, no céu, passou a trabalhar “como um *afadigado* por dinheiro” (*like an avid person for money*).

Neste particular, o LGR traz o termo “afadigo” – que seria um derivado de “afadigar” – com o sentido de “canseira, fadiga”. Houaiss traz como uma das acepções para “afadigado: que trabalha intensamente, ansioso [...]”.

Mas, embora estivesse trabalhando, como alguém ávido por dinheiro, Nhô Augusto não estava interessado em nenhuma recompensa financeira, apenas queria “ajudar os outros”, como tinha recomendado o padre. Assim, temos: “Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha *nenhuma ganância* e nem se importava com *acrescentes*: o que *vivia* era *querendo ajudar* os outros”. A expressão “viver+gerúndio” pertence, também, à linguagem popular – como tantas outras do TLP (uma espécie de idiomatismo). O “era” está interposto, como palavra de reforço do discurso (um “marcador” do texto). Na versão inglesa, lê-se: *He worked like a person avid for money, but the fact was that he earned nothing and gave no thought to storing up riches. He lived trying to help others*. Vemos que a tradução inglesa é bastante “livre”, sem a preocupação de ser muito “literal” (isto é, “fiel”) – isto mostra o poder de “recriação” por parte da tradutora americana neste trecho. A tradutora interpretou a palavra “ganância” como derivada de “ganhar”, daí a tradução. De fato, esta é a primeira acepção apresentada por Houaiss (“1. ação ou efeito de ganhar”) mas esta palavra está mais próximo do espanhol *gana* (vontade) – o que corresponde a outra acepção, apresentada por Houaiss (“4. desejo ou ambição de ganho de lucro”, por extensão: “4.1. ambição exacerbada de ganho”). Na versão russa, lê-se: *Rabótal on tak, slóvno tol’ko o den’gákh i pomychliál, no na sámom diéle mediaká nié zarabátyval i o dokhódakh nie zabótlisa: odnói mysliu jýl – kak by pomótch drugúim*. Em retroversão: “Trabalhava de tal forma, como se só pensasse em dinheiro, mas na realidade, não ganhava

‘a prata’ (literalmente: “o cobre”), não se importando com os ganhos: só vivia com o pensamento de ajudar aos outros”. Vê-se que “afadigado por dinheiro” foi traduzido por uma paráfrase (“como se só pensasse em dinheiro”).

3.4.2.4 TLP, p.359; TLC-1, p. 279-280; TLC-2, p. 230-231

A página 359 do TLP comporta termos de cunho regionalista, inclusive àqueles que se referem à *natureza local*: cupins, murundus vermelhos, tico-ticos, filhote de pássaro-preto. Com termos e expressões coloquiais próprios à linguagem de João Guimarães Rosa, temos: “[...] (o casal de pretos) mandava e desmandava na casa”. Em inglês: *were in complete charge of his household*, e em russo: *oní-to i zapravliáli vsiém v dome*. Em retroversão: “eles é que mandavam em tudo, na casa”; “não trabalhando *um nada*” (*did no work*). Em russo: *sámi-je nikakói rabóty nié spravliáli* (isto é, “eles próprios sem realizar qualquer tipo de trabalho”); “e vivendo *no estadão*” (*and lived like lords*) – em russo: *i jýli pripeváituchi*, isto é “e levavam a vida, cantando”.

O LGR traz para “*estadão*” (“[...] não trabalhando em nada e vivendo de *estadão*”): –“boa vida, descanso”, observando que não se ajusta ao texto o sentido de “*luxo*” que outros dicionários apresentam. Houaiss, neste particular, apresenta o termo como sinônimo de “grande ostentação, magnificência, pompa, luxo”. A situação, dentro de casa, tinha-se, desta forma, modificado: desta vez, o “casal de pretos” estava vivendo folgado (“de *estadão*”), “mandava e desmandava” em tudo – eles que tinham cuidado de Nhô Augusto nos piores momentos, meses a fio.

Quanto a este, era sempre visto a “*mourejar*” (*drudging away*); até aos domingos, “*batendo mato*, o dia inteiro” (em inglês: *going about the woods, all day long*). Aqui, houve um mal-entendido por parte da tradutora americana, pois “*batendo mato*” equivale a “*cortando mato*”, “*capinando*”, “*roçando*” ou “*carpindo*” – o que não corresponde ao que se lê na versão inglesa. A versão russa parece ter se baseado na versão americana, pois para isso se lê: *Po voskressiêniam, otdykhál po svóeimú: viés diên’ brodíl po lièssu biez ústali* [...]. Em retroversão: “Aos domingos, descansava à sua maneira, *vagando o dia todo pela floresta, sem descanso* [...]” – o que não transmite idéia de “*mourejar*”, “*trabalhar duro*”, como foi mencionado no parágrafo anterior.

Nhô Augusto também participava de outras atividades, como, por exemplo, no final da tarde, “fazendo parte com as velhas corocas, que rezavam o terço” – em inglês: *joinig the old crones in saying their beads*, e, em russo: *a viêtcherom tchítál molítvy so*

starúkhami bogomólkami. Isto é, “enquanto isto, à tardinha, rezava as orações junto às velhas beatas”.

Quanto à frase do TLP, “Mas, ele, tinham-no visto *mourejar* até dentro da *noite de Deus*, quando havia luar claro”. Lê-se em russo: *A on, slutchálos’, dáje nótchiu trudilsa, iêсли luná svetíla* (isto é, “E acontecia que ele trabalhasse, duramente, até à noite, *se brilhasse a lua*”).

“Mourejar”, no entanto, é um termo que não costuma ser usado, no dia a dia, no português padrão, diferente de *trudílsa*, passado de *trudítsa*, isto é, “trabalhar duramente”. “Mourejar” na verdade, se refere a “mouro” (“árabe”) – portanto, trabalhar “duro, que nem um mouro”¹⁸⁰. Trata-se de mais um exemplo do gosto de JGR por termos pouco conhecidos, e ainda “não desgastados pelo uso”.

Embora a tradutora russa não tenha traduzido, literalmente, “a noite de Deus”, como se lê acima – diferente da tradutora inglesa que escreveu *well into God’s night* – aparece uma expressão semelhante, quando o narrador escreve “Nos domingos, tinha o gosto de tomar descanso: batendo mato, o *dia inteiro*, sem sossego [...]”, onde a expressão grifada foi traduzida, em russo, por *viês bójy diênh* (“o inteiro dia de Deus”), pois esta é uma expressão consagrada, neste idioma.

Nhô Augusto era, freqüentemente, visto a falar sozinho. Se alguns o chamavam de “maluco” é porque este povo não sabia o que Nhô Augusto estava repetindo, nada mais que “a fala final do padre”, a saber: “Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há-de ter a sua” (TLP p.359). Em russo, lê-se *Tchastiên’ko on razgovárial sam s sobói, i liúdi govorií, chto éto tóje príznak pomechátel’stva* (“Freqüentemente, ele falava consigo mesmo, e as pessoas diziam que isto também era um sinal de loucura”), contra o TLP: “Quase sempre estava conversando sozinho, e isso também era de maluco, diziam”. Na versão inglesa, semelhante ao russo, lê-se: *and this, too, was a sign of madness*.

Levando este tipo de vida, passaram-se entre seis e seis anos e meio, assim, prossegue o narrador, “direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, *sem mentira nenhuma*, porque esta aqui é uma *estória inventada*, e não é um caso acontecido, não senhor”. Notamos que existe uma contradição – que não deixa de ser humorística – se de um lado é “sem mentira nenhuma”, de outro, trata-se de uma “estória inventada”. Ora, em uma estória deste tipo, não se poderá afirmar que seja baseada em “fatos verídicos”. Na verdade, podemos

¹⁸⁰ Cf. HOUAISS.

lembrar que as massas populares se referem a filmes e outras produções ficcionais como tendo “muita mentira”.

Deve-se, também, ressaltar que, na primeira versão deste conto, como parte de *Sagarana*, quando Guimarães Rosa tinha assumido o pseudônimo de Viator, em 1936, e postergado o projeto de publicar a coletânea por dez anos – graças a acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial, entre outros, a sua posição era, justamente, a oposta: o conto teria sido baseado em fatos verídicos.

Vemos, também, que ao terminar a elocução com as palavras “não senhor”, o narrador se dirige ao leitor – ou ouvinte – de maneira semelhante, como se dá em *Grande Sertão: Veredas*, onde a narrativa inteira consiste no relato de Riobaldo a um fictício ouvinte.

Como o personagem de Nhô Augusto tinha feito esta opção voluntariamente – continua o narrador – qualquer observador “faria grossa bobagem”, se quisesse “ter dó” de Nhô Augusto, pois ele “não tinha tentações, nada desejava”, enfim, apenas trabalhava, não sentindo cansaço, “tudo isto sem esforço nenhum, como os *cupins* que levantavam no pasto *murundus* vermelhos, ou como os tico-ticos, que penam sem cessar para levar comida ao filhote de pássaro-preto bico aberto, no alto do *mamoeiro*, a pedir mais”.

Neste contexto, podemos dizer que a tradutora americana, para traduzir “tico-tico”, usou de um artifício interessante ao escrever *tico-tico sparrow*. Já a tradutora russa apenas usou como empréstimo “tico-tico”, precedido do modificador *jioltogrúdoi* (“de peito amarelo”) e explicitando tratar-se de um “passarinho” (*ptítchka*). Assim, lemos: [...] *i vsió éto polutchálos’ samo sobói* (“tudo isto acontecia por si só) – *kak u jioltogrúdoj ptítchki tico-tico* (“como no caso do *passarinho de peito amarelo*, o tico-tico”), onde ela acrescentou, por conta própria, o termo grifado acima. Também, da mesma forma natural, como os “cupins que levantavam no pasto os murundus vermelhos”. Em inglês – a este respeito – lê-se: [...] *all this without effort, like the white ants that raise red mounds in the pasture*, enquanto isso, a tradutora russa chama os “cupins” de *termítj*, nome científico que elevam seus *termítniki* (suas residências próprias).

Já no caso da tradução de “no alto do mamoeiro”, onde estaria instalado o “filhote do pássaro preto”, a tradutora americana escreve *on top of the papaya tree*, enquanto a tradutora russa fez uma adaptação com *na viétke dýnnogo diéveva*, onde o trecho significa nada menos que “no ramo da árvore *do melão*” (*sic*), tudo indica pelo fato de, na época em que foi realizada a tradução (1980), ainda não tivesse havido importação de “papáia” (como acontece nos nossos dias) e – como se sabe em questões de lexicologia – “não havendo a

coisa, não existe o nome”. Todos sabem que – diferente do mamão – o melão, na verdade, não é uma árvore, e, sim, uma cucurbitácea, que se esparrama pelo chão.

A este respeito abrindo-se um parêntese, gostaria de lançar mão de uma lembrança. Lembro-me, após termos imigrado para o Brasil, o meu genitor referir-se ao “mamão”, como uma fruta semelhante ao “melão” (*dýnia*, em russo) – do qual ouvíamos falar, mas que não era conhecido por aqui: só apareceu várias décadas depois, quando começou a ser cultivado nas margens irrigadas do ‘velho Chico’. Para o fruto da “jaca”, por exemplo – dentro do seio familiar – e para o nosso uso doméstico – dizíamos “saco, cheio de ameixas” (*miechók so slívami*), caso não fosse do nosso interesse que outras pessoas soubessem sobre o assunto, que estava sendo falado.

O narrador, ao mesmo tempo em que prossegue com a narrativa sobre o personagem, aproveita a ocasião para fazer outras descrições deste tipo – da paisagem, com comparações e metáforas.

Neste particular, é interessante observar qual a solução dada pelas tradutoras para estas descrições com termos regionais, e as comparações ou figuras de linguagem. Na Europa, por exemplo, o pássaro, conhecido, como tendo o mesmo costume do “pássaro-preto” – não tecer seu próprio ninho, colocando os seus ovos em ninhos alheios para que outras aves os choquem – é o “cuco”. Por este motivo, a tradutora russa fez a adaptação usando *príomnomu sýnu kukúshki* (“para o filho adotivo do *cuco-fêmea*”) para o trecho em que se lê “ao filhote do pássaro-preto” no TLP. Já a tradutora americana escreveu: *the tico-tico sparrow which wearies itself carrying food to the usurper nestling of the cowbird*.

Para “quem quisesse, porém, durante esse tempo, ter dó de Nhô Augusto, faria grossa bobagem [...]”. O uso do modificador “grossa”, neste contexto, não deixa de chamar a atenção – tem-se, em inglês: *However, anyone who during this time had wanted to feel sorry for Nhô Augusto would have done a very silly thing [...]* – isto é, se alguém, em Tombador, sentisse “dó” de Nhô Augusto, feito uma “coisa muito estúpida [...]”. Na versão russa, a tradutora foi bastante criativa, usando linguagem coloquial, na frase a seguir: *No tot, komú vzbreló by v gólovu pojaliét’ v tu póru Nhô Augusto, zdórovo proschítálsa by [...]*. Neste trecho existem dois idiomatismos interessantes *vzbreští v gólovu* (“dar na telha”) e *proschítálsa* (“errar na conta”, ou “nos cálculos”¹⁸¹). Houve, de certa, uma implementação do TLP na versão russa.

¹⁸¹ Cf. VÓINOVA.

O autor emprega muitos idiomatismos e dizeres populares, tais como os que serão mencionados a seguir. É interessante, por exemplo, observar a figura de linguagem, muito comum na linguagem popular “águas passadas” (que faz parte do ditado “*Águas passadas não movem moinhos*” – aplicando-se aí uma lei da Física). Assim, no TLP, lê-se:

Esta última lembrança era do povo do Tombador, já que em toda a parte os outros *implicam* com os que deles se desinteressam, e que o pessoal nada sabia das *alheias águas passadas*, e nem que *o negro e a negra* eram agora pai e mãe de Nhô Augusto.

Desta vez, vê-se a mudança – feita pela autora – para “negro e negra” – em lugar dos termos usados anteriormente (“preto” e “preta”). Em inglês, tem-se:

But this last thought was that of the people of Tombador, for there, as everywhere, people scoff at those who keep aloof from them, and they knew nothing about all the water over the dam, nor that the black man and the black woman were now Nhô Augusto’s father and mother.

O trecho vem, no TLC, entre parênteses. Vê-se – entre outras coisas – a expressão idiomática *all the water over the dam* para traduzir “águas passadas”.

Em russo usou-se para “águas passadas” apenas a palavra *próchloie*, que significa “o passado”. Assim, lê-se: *A miéstnyie jýteli nitchevó nie ználi o próchlom Nhô Augusto* (isto é, “e os moradores locais nada sabiam do *passado* de Nhô Augusto”), sem idiomatismo ou expressão popular.

Outra expressão interessante é “o bom-parecer das mulheres”, em “não olhava para o bom parecer das mulheres”. Pode-se observar que, em inglês, “não olhava” está traduzido de maneira especial por *nor (did he) turn a roving eye toward the attractions of women*, pois este é um “olhar” interesseiro, de alguém que busca algo específico.

Em russo, existe um verbo específico para esta situação, quando alguém olha para outrem “com interesse”, isto é, *zagliádyvatsa*. Assim, lê-se: *nié zagliádyvalsa na jénskuii prigójest’* (Isto é, “não olhava com interesse para a formosura – ou ‘bom-parecer’ – das mulheres”).

Em suma, cada língua usa dos recursos que possui, sendo “mais rica” ou “mais pobre”, em relação a uma outra língua, em determinado momento, ou vice-versa.

3.4.2.5 TLP, p.360; TLC-1, p. 280-281; TLC-2, p. 231-232

Nhô Augusto vivia este tipo de vida, pois não podia se lembrar de uma coisa: “a sua vergonha” (TLP, p.359) neste fim de mundo, “naquela *biboba* perdida”. Assim, lê-se: “Só o que ele não podia era se lembrar da sua vergonha; mas, ali, naquela *biboca* perdida, fim-de-mundo, cada dia que descia ajudava a esquecer”. Os modificadores que se seguem (“perdida, fim-de-mundo”), por si só, já dão o tom depreciativo para o nome que os precede, “biboca”. A tradução inglesa é: *The only thing that he could not bear was to recall his shame; but there, in that remote gulch, at the end of the world, every passing day helped him to forget*. Em russo, tem-se: *Lich ob odnóm nie mog on vspominát’ – o svoióm pozóre; no zdiês’, na kraiú sviéta, v ètoi bógom zabýtoi dyrié, kájdý nóvy diên’ pomogál izgládit’ evó iz pámiati*. Em retroversão: “Só sobre uma coisa não podia ele se lembrar – sobre a sua vergonha; mas aqui no fim do mundo, nesse buraco, esquecido por Deus, cada novo dia lhe ajudava a apagá-la da sua memória”. Vemos *bógom*, (isto é, “por Deus”) escrito com inicial minúscula, e “biboca”, traduzido por “buraco” (*dyrá*) – um termo que se usa para designar um lugar “miseravelmente ruim”, e uma paráfrase para traduzir “esquecer”, a saber, “apagar da sua memória”. Assim, vê-se que – comparando-se algo dito em duas línguas diferentes – não se usam os mesmos termos para expressar idéias semelhantes, variando, portanto, o curso do pensamento, de nação para nação – como se tratasse de convenções diferentes, cristalizadas pelo uso popular.

O LGR confirma, de fato, o tom depreciativo já presente nos modificadores de “biboca”. Afinal, “biboca”, significa “cova, vale profundo, escavação de terreno.// Brás., do tupi (*ibi+boká*); conotação pejorativa de lugar distante e ruim”.

Embora *gulch*, na tradução, apenas signifique “corte profundo na terra [...] ravina”¹⁸², os adjuntos adnominais *remote* e *at the end of the world* completam este sentido de depreciação. A cor local, esta, no entanto – como foi dito acima – não foi possível manter.

Mas – prossegue o narrador – “como tudo é mesmo muito pequeno, e o sertão ainda é menor”, lá passou um conhecido de Nhô Augusto, de nome “Tião da Thereza” – nome em que se vê a marca, remanescente, do matriarcado – à procura de “trezentas reses de uma boiada brava, que se desmanchava nos gerais do alto Urucaia, estourando pelos cem caminhos sem fim do chapadão”.

¹⁸² Cf. MICHAELIS.

Lembrando de que o escritor João Guimarães Rosa já se referiu, em outras obras, a um “sertão, tão grande como o mundo” – parece que – quanto ao dito no parágrafo acima (sobre “tudo muito pequeno”, e sertão “ainda menor”) – o escritor se contradiz, ou – como diriam os psicólogos – usa de “ambivalência”. O que ocorre, aí, na verdade, é que se fez uso de um ditado popular (“como este mundo é pequeno”!) – que se profere quando se encontra – inesperadamente – alguém que há muito não se vê, ou que vive muito distante, por uma feliz (ou “infeliz”) coincidência.

Na versão russa, por motivos desconhecidos, o nome “Tião de Thereza” vem precedido do modificador *auktiónschika*, que significa nada menos que “leiloeiro”. Em “estourando pelos *cem* caminhos sem fim do chapadão” há uma hipérbole, traduzida, em russo, simplesmente, por *razbejális’ po bestchíslennym i beskonéchnym dorógam ploskogór’ia* (isto é, “se espalharam, correndo, pelos inúmeros e infinitos caminhos do planalto”). Enquanto isto, em inglês, lê-se: *stamping through the hundred endless trails of the tableland*, com a conservação do numeral “cem” (*hundred*), que forma a hipérbole.

O personagem Tião da Tereza, continua o narrador: “ficou bobo de ver Nhô Augusto”, onde temos grifada uma expressão da linguagem popular, vertida para o inglês padrão [...] *was astounded*. Isto equivaleria, em retroversão, a “ficou pasmo” ou “aterrorizado”. Já em russo, lê-se, para essa expressão, *razínul rot* (“ficou boquiaberto”), comumente usada para expressar grande surpresa.

Tião, “como era *casca-grossa*” – aqui temos um idiomatismo – em inglês: *as he was thick-skinned*; e em russo *byl neotióssaym mujlánom* (isto é, “era um homem rude e sem polimento”), sendo a palavra *mujlán* um termo popular, quase uma gíria – começou a contar tudo aquilo que traria recordações amargas a Nhô Augusto: sobre a sua mulher Dona Dionóra, que “continuava amigada com o sr. Ovídio, muito *de-bem* os dois, com tenção até em casamento de igreja, por pensarem que ela estava *desimpedida* de marido” (já que Nhô Augusto era tido, por todos, por morto). Em inglês, lê-se: (*Dona Dionóra*) *was still living with Mr.Ovídio, the two of them very happy together, even planning to get married in the church, as they thought she had no husband to impede her*. Este último sintagma grifado, na verdade, uma paráfrase, foi uma boa solução para a forma nominal “desimpedida”.

Na versão russa, para expressar que Dionóra e Ovídio viviam “muito *de-bem*” – esta última forma, pertencente à fala popular – foi usada uma expressão que se usa para demonstrar, em russo, uma convivência de muita afinidade, a saber: *jivút oní duchá v dúchu*, isto é, “eles vivem – uma alma dentro da outra (alma)”, ou, “com fusão de ambas as almas”. Adiante, lê-se: “[...] com a filha, sim” – continua Tião da Thereza – “é que fora uma tristeza

(*that was a pity*) crescera sã e se encorporara uma mocinha muito linda, mas tinha *caído na vida* (*she had made a misstep*), seduzida por um *cometa*, que a levava do arraial, para onde ninguém sabia.”. A tradução, em língua inglesa, do trecho inteiro é: [...] *as for the daughter, ah, yes, that was a pity: she had grown up, and become a very pretty girl; but she had made a misstep, seduced by a traveling salesman who had taken her from de village, nobody knew where.*

O termo “cometa” está, no TLP, no sentido conotativo, sendo traduzido, em inglês, por expressão de sentido denotativo ou referencial (*traveling salesman*), desfazendo-se, desta forma, a metáfora. Segundo o LGR, “cometa”, realmente, significa: “caixeiro viajante// Bras. Arcaizante nessa acepção. Denominação metafórica, porque os caixeiros-viajantes só apareciam periodicamente nos povoados”¹⁸³.

A tradutora americana ameniza o sentido de “tinha caído na vida” com *she had made a misstep*, referindo-se, apenas, ao fato de a filha de Matraga ter “dado um passo em falso” – pois fora seduzida (*seduced*) e levada para fora do arraial, supõe-se – sem uma benção da Igreja, enquanto, no vernáculo, a expressão “*cair na vida*” implica em uma vida de promiscuidade, quiçá, mesmo, de “prostituição”. Na versão russa, lê-se: *A vot s dótchkoj prikliutchílos’ neládnoie: vyrosla zdoróven’kaia, zagliadiên’ie, a nié diévuchka, no vot sbílás s putí: soblazníl ieió kommivoiajór i uvióz nieviédomo kudá*. Em retroversão, temos: “Mas quanto à filha, aconteceram *coisas ruins*: crescera bem saudável, *uma maravilha de se olhar, e não uma simples garota*, mas eis que *se desencaminhara*: foi seduzida por um caixeiro viajante que a levou para algum lugar desconhecido [...]”. Vê-se o artifício da tradutora, que se esforçou em usar expressões peculiares à língua russa, no sentido de evitar uma tradução por demais “literal”.

Tião da Thereza não se satisfaz em narrar estes dois tristes episódios e continua, para comunicar que o Major Consilva “arrematara as duas fazendas de Nhô Augusto”, e o pior de tudo, isto é – o “mais mal-arrumado” – fora a tragédia em torno de “Quim-Recadeiro”, que morrera de “morte-matada, com mais de vinte balas no corpo” ao tentar vingar o malefício feito ao seu patrão, Nhô Augusto. Julgando-o morto, Quim “não tivera dúvida: jurou desforra, beijando a garrucha, e *não esperou café coado*! Foi *cuspir no cangussu detrás da moita* [...]”.

Temos, no trecho acima, mais de uma expressão da linguagem popular, uma delas é: “*não esperou café coado*” – que tem o sentido conotativo, querendo dizer que “*não quisera*

¹⁸³ Cf. LGR.

esperar por muito tempo”, e que foi traduzido, de maneira semelhante, por *did not even wait for the coffee to be brewed* (onde *to brew* não significa “coar”, e sim, “fazer – por exemplo – cerveja, chá ou outra bebida”¹⁸⁴). A outra expressão é: “foi cuspir no *cangussu* atrás da moita”, que mereceu, em inglês, a tradução de *he went to spit in the jaguar’s eye*, também uma expressão consagrada (*to spít in someone’s eye*), no sentido de “ver de perto”, praticamente “desafiando”.

Em russo, temos: *nié stal tinaút’ da otkládyvat’!* (isto é, “não ficou protelando e postergando”) – que é uma expressão idiomática, em russo. Desta forma, no entanto, não há menção de “café coado”, como se lê na versão inglesa, e no TLP.

Quanto à expressão “foi cuspir no cangussu atrás da moita”, temos: *Pochól v berlógu k matióromu iaguáru, chtoby pliúnut’ emú v mórdu [...]* (isto é, “dirigiu-se à cova do jaguar inveterado para cuspir-lhe no focinho [...]"). A expressão russa *pliúnut’ komu-to v mórdu* – (“cuspir na cara de alguém”, ou, melhor, “no focinho de alguém”) é ofensiva, pois *mórda* é, na verdade, usado com referência a animais, ou a pessoas detestáveis – como, também, se diz *dat’ v mórdu* (“dar na cara”, isto é, “bater na cara” ou no “focinho”)¹⁸⁵.

Quanto à “mal-arrumado” – utilizado por Tião da Thereza, em “Mas o mais *mal-arrumado* tinha sido Quim” – a expressão denota linguagem popular, quase um eufemismo, com sentido conotativo, que a tradutora traduz acertadamente por *unfortunate*, mas sem a conotação. Assim, lê-se: *But the most unfortunate of all had been Quim [...]* – Prossegue, então, Tião da Thereza: “[...] seu antigo camarada, Quim Recadeiro – *Se alembra?*” – sendo este último verbo um exemplo da oralidade popular (em lugar de “se lembra?”) – traduzido pelo inglês quase-padrão *You remember him?*, um pouco coloquial, graças à ausência do auxiliar *do*.

Em russo, temos: *No khúje vsevó obochólsa on s Kímom [...]* *pripomináiete?* (isto é, “Mas, quem ele – com referência ao Major Consilva, certamente – tratou o pior de tudo (ou “o que foi o menos bem-tratado”) foi o Quim [...] – O senhor consegue se lembrar?”). Foi necessário, aí, um pouco de adaptação, por parte da tradutora, que usou de paráfrase, para traduzir o “mal-arrumado” do TLP. Continua a sua narrativa Tião da Thereza, trazendo todas estas notícias: “Pois o Quim tinha morrido de *morte-matada*” – Temos, aqui, linguagem popular com o pleonasma: “*morrido de morte*”. Traduzido em inglês: *Quim had died, killed, with more than twenty bullets in his body [...]* – desfazendo-se o pleonasma.

¹⁸⁴ Cf. OLINTO.

¹⁸⁵ Cf. VÓINOVA.

Em russo, para se dizer que alguém morreu (*úmer* ou *pómer*) de “morte não-natural”, acrescenta-se *nie svoiêi smiêrtiu* (isto é, “não de sua própria morte”, ou “por si mesmo”), como, aliás, se lê no TLC, versão russa: *Tak vót, pómier Quim, i nie svoiêi smiêrtiu* [...] (isto é, “Pois bem, morreu o Quim, e não foi de sua própria morte” ou “por si só”). Portanto, ocorrem, aí, os termos “morrer” e “morte”, – afinal, *pómier* e *smiêrt’* têm o radical indo-germânico *mier(t)* em comum – como no TLP, mas sem a aliteração que teve lugar em português.

Ao ouvir este último relato, Nhô Augusto ordena que Tião da Thereza se cale, com as palavras “– Pára, chega, Tião! [...] Não quero saber de mais coisa nenhuma!”, ao mesmo tempo em que suplica que este fizesse de conta que não o tinha visto, nem o contasse a ninguém: “pelo amor de Deus, por amor de sua mulher, de seus filhos e de tudo o que para você tem valor! [...]”. Pois, afinal, isto “Não é mentira muita (*and that’s not much of a lie*) porque é a mesma coisa *em como* se eu tivesse morrido mesmo [...]”. Afinal, aquele Nhô Augusto das Pindaíbas tinha deixado de existir [...] Ao que Tião da Thereza responde: “– Estou vendo, mesmo. Estou vendo [...]”.

3.4.2.6 TLP, p.361; TLC-1, p. 281-282; TLC-2, p. 232-233

Tião da Thereza,

pôs nos olhos, na voz, e no meio-aberto da boca, *tanto nojo e desprezo*, que Nhô Augusto *ahaixou* o queixo, e nem adiantou repetir para si mesmo, a *jaculatória do coração manso e humilde*: teve foi de sair, para trás das bananeiras, onde se ajoelhou e *rejurou*: – P’ra o céu eu vou, nem que seja de porrete!.

Em inglês, tem-se:

And Tião da Teresa conveyed in his eyes, his voice, and his half-open mouth such disgust and contempt, that Nhô Augusto lowered his chin; and it did not help any for him to repeat himself the ejaculatory about the meek and humble heart. What he had to do was to go out behind the banana grove, where he kneeled and swore once more: To Heaven I am going, even if I have to use a club!.

Na versão russa, lê-se: *I Tián da Teriéza vlojíl stól’ko prezriênia i otvraschiênia v prischúr, i v gólos, i v ukhmýlku, chto Nhô Augusto ponuríl gólovu*. Isto é, “E Tião da Thereza pôs tanto desprezo e repulsa, no apertar os olhos, e na voz, e no *risinho*, que Nhô Augusto baixou *a cabeça*”. Vemos que houve muitas modificações em comparação com o TLP, recriando a imagem.

No que diz respeito a esta “desaprovação” quanto à nova disposição de Nhô Augusto, como um homem “pacífico” – e para o sertanejo isto era equivalente a “homem sem forças”, pode-se falar da vigência dos valores naquele sertão – onde apesar de todo o processo de Cristianização (do mandamento “não matarás”) por que tinha passado a população nordestina, na já existência do Código Penal – onde já estavam incluídas as sanções contra os infratores da lei, com artigos punindo os homicidas e todos aqueles que pretendiam “fazer justiça com as próprias mãos” (tarefa que só caberia ao “Estado”) – no meio da cultura popular – daquela época – os valores seriam outros: ainda se admirava o “homem-forte”, o super-herói na pessoa de um “coronel” de terras, aquele é não se submete a nenhuma lei, pois ele “é a lei!” – como se fosse um semideus, dos tempos míticos.

Para isto, basta lembrar o culto a bandoleiros, como “Lampião” (Virgulino Ferreira da Silva), que ainda possui seus admiradores entre as massas populares e, pelos menos, há mais ou menos um meio-século, ainda se batizavam meninos no sertão nordestino com o nome de Virgulino.

Nhô Augusto também estava imbuído desta cultura, tanto que o discurso do visitante, sabedor da sua passada “glória” – e, segundo a cultura popular, “atual decadência” – teve que se afastar, proferindo aquele seu lema (verdadeiro *leit-motif* da estória), jurando, para não fraquejar, diante de tanta desaprovação.

Na verdade, esta cultura do homem “sem-limites”, ou do “justiceiro”, pode ser muito bem exemplificada pela produção de filmes *western*, ou de bang-bang por Hollywood, ainda na década de 1950, onde o *cow-boy* representava este homem com poderes ilimitados, e este culto ainda persiste hoje em dia – o que se vê claramente nos filmes de “violência” fabricados – com efeitos técnicos estupendos, e muito tiroteio – em grande quantidade, pelos Estados Unidos, nos tempos atuais, que visam ao seu consumo por parte das “massas” populares.

Segundo as leis da oferta e da procura, existe o mercado (que são os próprios espectadores, a platéia) para isto: são os filmes que fazem um apelo aos “instintos animais” do homem – ligados à sobrevivência – e que esta indústria de cinema e TV sabe explorar. O homem do povo, neste caso, se identifica com esta imagem do “super-herói”, produzindo muita adrenalina (daí a expressão “viciado em adrenalina”), como ficaria mais apto para “competir” na vida do dia-a-dia.

Na verdade, a ideologia do livre-emprego, da eterna competição e concorrência, pertinentes ao sistema sócio-econômico a que se chama de “Capitalismo” oferece um terreno fértil para isto. Mas, o preço que se paga por isto é muito alto: apesar de,

supostamente, haver oportunidade “para todos” nos EEUU, este é um país onde mais há um número avassalador de gangues, de fora-da-lei, e de violência.

Daí, esta propaganda exacerbada do “individualismo”, na verdade, é um “faca de dois gumes”. Nem o Estado americano, nem a sociedade americana querem assumir a sua culpa diante deste estado de coisas (os germes da violência estariam contidos na própria sociedade americana). Assim, a pena de morte tem que continuar, em muitos estados norte-americanos, para que se tenha a ilusão – com a punição dos “bodes-expiatórios” – que a “justiça está sendo feita”, naquele país.

Embora nos países de regime e economia “socialista” não fosse permitido este “culto”, havia o fomento da fobia contra o “eterno inimigo” – o fascismo, o capitalismo, sempre prontos a destruir o regime criado nestes países do Leste Europeu e China. A repressão, a violência, neste caso, poderiam provir de cima para baixo, do próprio Estado, contra o cidadão comum, muitas vezes “indefeso”. Mesmo assim, criava-se o “culto à personalidade” destes líderes, abertamente sanguinários.

Na verdade, este é um assunto de “psicologia social” (muito vasto, que não caberia neste trabalho), ligado à “mídia”, e que diz respeito à “manipulação das massas” – estas, infelizmente, acabam, quase sempre, sendo manipuladas.

Nhô Augusto se sente bastante abalado com esta ocorrência. Embora imbuído do espírito de “não-violência”, que lhe foi inoculado pelo padre, embaixo da pele, ainda estava vivo, como uma coisa “visceral” – o rasto deixado por toda a sua vida passada. Para tirá-lo da tentação e afastar estes maus pensamentos, foi oportuno um certo homem, “chamado Romualdo morador à beira da cava”, que precisou da ajuda de Nhô Augusto, para “tirar uma égua do atoleiro”. Os próprios psicólogos utilizam a “laboterapia” para acalmar os ímpetos da psique dos seus pacientes, afastando os maus pensamentos. Assim, lê-se:

Foi bom *passo* que nesse dia (*And it was a good thing on that day*) um homem chamado Romualdo, morador à beira da *cava*, (*who lived alongside a ravine road*) precisou de ajuda para tirar uma égua do atoleiro (*to get a mare from out of the mudhole*) e Nhô Augusto teve trabalho até tarde da noite, com fogueira acesa e tocha na mão (*and Nhô Augsuto had to work until late at night, by the light of a bonfire and with a torch in his hand*).

Vê-se que o coloquialismo “um bom passo” foi traduzido, em inglês por linguagem padrão. Na versão russa, para “atoleiro”, usou-se a palavra *bolóto*, isto é, “pântano”, que, na verdade, não é a mesma coisa. Assim, lê-se: *Khorochó eschió, chto v ètot diên' odnomú tcheloviéku po ímeni Romualdo, jývchemu na kraiú ovrága, ponádobilas'*

pómosch', *chtóby výtaschit' kobýlo, chto zaviázla v bolótie*. Em retroversão: “Ainda foi bem que naquele dia, um homem de nome Romualdo, que morava na beira do barranco, precisou de ajuda para puxar para fora uma égua, que ficou atolada no pântano”.

Na verdade, por causa das diferenças lingüísticas – fora as culturais – as traduções quase nunca ficam idênticas. Assim, *výtaschit'* (derivado de *taschít*, simplesmente “puxar”) significa “puxar para fora” – graças ao prefixo *vy-*. Embora “tirar do atoleiro” nos dê a idéia de que isto só poderia ser feito “puxando”, o próprio verbo “tirar” também se usa, para designar movimentos que não incluem esta idéia. A existência da polissemia também constitui um certo problema para os tradutores. No caso de *tcheloviék* – este termo significa “homem”, mas no sentido de “ser humano”. De qualquer modo, soa mais suave que *mujtchána*, isto é, “ser humano do sexo masculino” (isto é, “varão”).

Mas a visita de Tião deixou seqüelas muito profundas em Nhô Augusto: uma “tristeza” que ele não conseguia mais “espantar”. Este episódio, enfim, levará Nhô Augusto a, lentamente, amadurecer uma decisão, dando início a uma nova etapa na sua vida, isto é, à sua ida ao encontro do seu destino, com o desfecho final, quando tem lugar a sua “hora e vez”. De imediato, no entanto, Nhô Augusto apenas se sente tentado a modificar os seus hábitos, todos aqueles bons hábitos que levara tantos anos para consolidar. Assim, lê-se, no TLP: “ – E, com a tristeza, uma *vontade doente* de fazer coisas mal-feitas, uma vontade, uma vontade sem calor no corpo, só *pensada*: como que, se bebesse e *cigarrasse*, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu *acerto* de outro tempo, junto com a *pressa das coisas, como os outros sabiam viver*.”

Aqui, a tradutora americana teve que recriar várias coisas, driblando o *idioleto* e Guimarães Rosa, seus neologismos propositais, e inferindo outras coisas do TLP – depois de lê-lo:

And with the sadness came a griveous desire to do evil things, a desire without warmth in the body, only thinking them, as though if he were to drink and smoke, and neither work nor pray, he would recuperate his strength as a man and his assurance of bygone days, together with the zest of life such as others enjoyed.

Na versão russa, lê-se:

I vmiêste s toskói napálo na nevó boliêznennoie jelánie diélat' durnóie, jelánie, nié goriatchívcheie evó plóti, tchísto úmstvennoie: slóvno, natchní on pit', kurít', brós' trudítsa I molítsa, k nemú vozvratílas' by evó mujskáia síla, i bylóie evó veziênie, i khvátka – umênie jýt' tak, kak vsié jyvút.

Isto é:

E com o *tédio*, ele foi acometido por um desejo (vontade) doentio de fazer coisas ruins, um desejo que não mexia com sua carne, (pois era) puramente mental: assim, se ele começasse a beber, a fumar, deixasse de trabalhar e de rezar, voltaria-lhe a sua força masculina de outrora, assim como a sua sorte e jeito de antigamente – a habilidade de viver daquele modo, como todos vivem.

Vê-se que o parágrafo foi bastante recriado, não se tratando de uma tradução *ipsis literis*, e sim, antes, de uma “adaptação” ou “recriação”.

Assim, queremos observar que a palavra escolhida para traduzir “tristeza” do TLP foi no russo *toská*, que, na verdade, também pode significar “saudade”, “melancolia”, assim como, “tédio¹⁸⁶”. Um caso típico de polissemia, portanto. O nome neutro, de sentido coletivo, *durnóie*, equivale a “coisas ruins”, ou “feias”, sendo mais leve que *zló*, um “mal” mais danoso. Por sua vez, *khvátka* significa “jeito, habilidade”, de *khvatát’*, isto é, “pegar, agarrar”, podendo ser sinônimo de *umiênje*, que se segue.

Nhô Augusto se enche de dúvidas, fica indeciso, como se quisesse – no dizer popular – “jogar tudo para o alto” ou “chutar o pau da barraca”, mas voltam à lembrança as palavras do padre. A convicção de Nhô Augusto supera a sua momentânea tentação. Uma outra voz fala dentro dele, indagando: “–E a *vergonheira atrasada*? E o castigo? O padre bem que tinha falado”. Em inglês: – *But what about his arrear of wicked behavior? And punishment? The priest had rightly said.* A tradutora americana coloca bastante ênfase, nas coisas passadas, ao usar o nome “arrear”, que pode significar “conta atrasada”, de mau comportamento.¹⁸⁷ Em russo, lê-se: *No zastariélaia stydobá? nakazánie? Govoril-je emú sviaschiénnik*, isto é, “Mas a vergonha ‘pra lá de velha’? E o castigo? O padre não lhe falara que [...]”. Os sofrimentos por que tinha passado Nhô Augusto, ultimamente, não eram senão uma amostra daquilo que o esperava no inferno: “Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muitos graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a idéia do que o fogo do inferno é !”.

Ao lembrar estas palavras, proferidas pelo padre, e refletindo melhor, Nhô Augusto chega à conclusão de que abandonar o resultado de todo seu esforço a caminho da salvação, não seria a decisão acertada. Nhô Augusto permanece firme, na sua fé, e para fortalecer-se, precisa reforçar o seu empenho: “–Sim. Era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-céu”. A tradução de língua inglesa é: *Yes, it*

¹⁸⁶ Cf. VÓINOVA.

¹⁸⁷ Cf. MICHAELIS.

was better to pray more, to work more, and stand steadfast to attain the kingdom of Heaven". Em russo, lê-se: *Da, stóilo ból'che molítsa, i bólche rabótat',i ponapriátchsa, chtóby spodóbítsa tsárstvi'ia nebiésnogo*. Isto é: "Sim, valia a pena rezar mais, trabalhar mais, e fazer um esforço maior, para que *convenha* ao reino dos céus".

Utilizou-se, aí, o arcaísmo *spodóbítsa* (aspecto "perfeito" de *podobát'*, isto é, "servir, convir"¹⁸⁸) – que serve ao contexto, pois se fala aí, no "reino dos céus" – tratando-se de um arcaísmo, pertencente ao "eslavo eclesiástico" (também, chamado de "eslavônico" ou "eslabão") – ainda usado no culto da Igreja Ortodoxa. O "eslavo eclesiástico" seria uma variante do "eslavo antigo", uma língua morta que teria originado as demais línguas eslavas. Entrementes, flui o pensamento de Nhô Augusto, da seguinte maneira: "Mas o mais terrível era que o *desmazelo de alma* em que se achava não lhe deixava *esperança* nenhuma do jeito de que o Céu podia ser". Na versão de língua inglesa, tem-se: *But the worst of it was that the sloth of soul in which he found himself left him no inkling of what Heaven might be. Inkling* significa, na verdade, "suspeita", "alusão", e na expressão corriqueira *not the slightest inkling* –¹⁸⁹ – equivale a "nem a mínima noção". Em outras palavras, teríamos, em retroversão: "[...] não lhe deixava a menor noção de como o Céu pudesse ser", não tendo a tradutora recorrido, portanto, a utilizar a palavra "esperança" (que seria *hope*).

Como se sabe das teorias da Desconstrução, há diversas formas de se expressar uma mesma idéia, a depender do momento, do falante, etc. [...] Na versão russa, no entanto, a tradutora foi mais contundente: "a indiferença" (*bezrazlítchie*) que teria tomado conta da "alma de Nhô Augusto", e que "lhe tirava toda a esperança" (*vsiákuiu nadéjdu*) de alcançar/ ingressar no Céu (*popást' v niébo*). Imbuído destes tristes pensamentos, Nhô Augusto exterioriza, diante de "mãe Quitéria", as suas dúvidas e seus temores: " – Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, (*branded with an iron, like a bullock*), mãe Quitéria, e assim tão mole (*so flabby*) tão sem *homênci*a, (*so devoid of manliness*) será que eu posso mesmo entrar no céu ?"

Temos aqui termos da linguagem regionalista, e popular: "feito", pertencente também à fala coloquial urbana, e "homênci" que, segundo o LGR, é um termo "popular, equivalendo a "virilidade, masculinidade, hombridade" e também "caráter, dignidade", no que tange a norma urbana culta. Segundo Michaelis, *bullock* é, simplesmente, "boi, bovino", enquanto "rês" é *cattle for slaughter*, havendo, portanto, uma pequena diferença semântica entre ambos os termos. Na versão russa, lê-se: "*Obestchiêschenny, obeslávlenny, kaliónym*

¹⁸⁸ Cf. VÓINOVA.

¹⁸⁹ Cf. MICHAELIS.

jeliézom kléimenny, tóchno vól, da k tomú je takói slabodúchny, nitchevó mujskóvo – kak popadú iá na niébo, mátuchka Quitéria?. Isto é, “Desonrado, difamado, marcado com ferro quente, como um boi, e, além disso, *tão fraco de espírito*, desprovido de masculinidade (literalmente ‘sem nada másculo’) – com o é que eu vou chegar ao céu, mãezinha Quitéria?”. A frase começa, também, com três participios (grifados), como em português. Quanto a *vól* equivale a “touro castrado¹⁹⁰”, o animal mais apropriado para todo tipo de trabalho pesado. Não há, portanto, termos de cunho regionalista, ou popular, como no TLP, a não ser *mátuchka*, um pouco livresco, às vezes religioso, que equivale a “mãezinha”. Mãe Quitéria ouve a Nhô Augusto, pacientemente, e o consola com as palavras abaixo: “ – Não fala *fácil*, meu filho ! ... *Dei’stá*, debaixo do angu tem molho, e atrás de morro tem morro”. Na versão inglesa, tem-se: *Don’t talk mindlessly, my son! ... Don’t worry, under the mush there is good gravy, and it’s a long lane that has no turning*. Além do termo coloquial “dei’stá”, e o regionalista “angu”, temos também “ditados” populares, que a tradutora americana tentou traduzir, de maneira literal ou “aproximada”. Na versão russa, lê-se: *Nié govorí sgoriatchá, synók! ... Perejdí; kácha gor’ká, da podlívka sladká, odín khólm oboidióch ko vtorómu výidech!*. Isto é, “Não fale irrefletidamente (“de cabeça quente”), filhinho! ... Espere: o mingau está amargo, mas a calda é doce, você contorna um morro e sai em outro morro”. Os ditados foram, assim, traduzidos por outros ditados da língua russa pertencentes à fala e sabedoria popular.

Segundo o ditado popular *Schí da kácha, píscha nácha* – Sopa de repolho e mingau são a nossa comida – a *kácha* (“papa, mingau”¹⁹¹) fazia parte, tradicionalmente, da alimentação do homem do campo, na Rússia, podendo, também, o termo ser usado com o sentido conotativo de “confusão”¹⁹².

Mas, enquanto não eram chegados tempos melhores, com o “molho”, embaixo do “angu”, “Nhô Augusto estava *no escuro* e sozinho, cercado de “*capiaus* descalços, vestidos de *riscado* e *seriguilha* tinta, sem padre nenhum com quem falar”. Temos os termos populares, grifados acima. Na versão inglesa, lê-se: *And while all this was going on, Nhô Augusto was in the dark and alone, surrounded by barefoot backwoodsmen, wearing russet - dyed or striped cotton clothes, and without any priest to whom to talk*.

A construção da frase em inglês para traduzir “riscado e seriguilha” ficou bastante distante do TLP, pois *russet-dyed and striped cotton clothes*, significa, na verdade, “roupas

¹⁹⁰ Cf. VÓINOVA.

¹⁹¹ Cf. VÓINOVA.

¹⁹² Cf. VÓINOVA.

de algodão, listradas – ou do tipo “riscado” – tintas de cor avermelhada”, pois *russet* equivale à tinta, de cor avermelhada ou ruiva¹⁹³, enquanto a expressão *striped cotton clothes* reúne a idéia de “riscado” com a de “seriguilha” – segundo o LGR “tecido grosseiro” – ao mesmo tempo.

Os comentários sobre a roupa dos capiaus e que viviam “descalços” mostram as condições precárias em que vivia Nhô Augusto, que tinha nascido dentro da classe dominante, da assim chamada “aristocracia rural”, nunca tendo estado antes, portanto, em uma semelhante situação. Além da miséria ambiental ou “doméstica”, havia a moral (“sem nenhum padre com quem falar”). E tudo isto ele agüentava e sofria, porque estava firme na sua fé de um dia merecer a “salvação”, indo para um “mundo melhor”, ao “reino dos céus”. Pode-se, assim, dizer que a sua persistência, neste sentido, era devida incrível.

A tradutora russa deixa ainda mais explícito, o que apenas está implícito no TLP, pois, além de “no escuro” ter sido usado no sentido “conotativo”, inicia o trecho acrescentando que estes eram os “pensamentos” de Nhô Augusto. Assim, lê-se: *V takíkh-to dúmakh i máialsa Nhô Augusto, jyvía v gluchý i odinótchestve, sredi bossonóguikh sertanejo v odiédakh iz polossátovo tíka i perekráchenovo sukná, i dáje sviáschénnika nié bylo, nié s kem pogovorít*. Isto é, “Era nestas reflexões que debatia Nhô Augusto, vivendo no fim do mundo e na solidão, entre sertanejos descalços, em roupas de *cotim* riscado e algodão tinto, e nem sacerdote havia ali, sem ninguém para conversar”.

Houaiss traz para “cotim” (termo dicionarizado por Vóinova): “tecido de linho ou algodão, formado de fios muito *finos*; cotil”, e procedente do francês *coutil*.

Como se vê, há bastante divergências entre o TLP e as duas versões, pois enquanto “seriguilha” foi dicionarizado pelo LGR, como “tecido grosseiro” (vide acima), a tradutora russa empregada o termo “cotim” que é, ao contrário, um tecido de fios “muito finos”. É comum, quando se trata de traduzir termos regionalistas, haver esta falta de coincidência no nome das coisas.

3.4.2.7 TLP, p.362; TLC-1, p. 282-283; TLC-2, p. 233

E estes pensamentos *sombrios* de Nhô Augusto – citados acima, quanto ao fato de estar ele no “escuro” e “sozinho”, no meio de capiaus “descalços”, sem mesmo ter um “padre” para conversar e lhe dar apoio – foram provocados, tanto por um “estouro da boiada

¹⁹³ Cf. MICHAELIS.

na vastidão do planalto” (“[...] *the stampede of a herd of cattle in the immensity of the tableland*), “por motivo de uma picada de vespa na orelha de um *marruaz* bravio” (*because a wasp stinging the ear of a wild bull*), como pela “existência de neste mundo, do Tião da Thereza” (*combined with the existence in this world of that cursed Tião da Teresa*).

A tradutora americana acrescentou aí, um modificador para “Tião da Thereza”, a saber, *cursed*, isto é, “maldito”, deixando explícito o que esta personagem teria causado para o humor e a disposição de Nhô Augusto.

O parágrafo termina com as palavras: “E tudo foi bem assim, porque tinha de ser, já que assim foi” – o que remete ao estilo das narrativas populares. Um jogo de palavras, em que a causa passa a ser o efeito, e vice-versa.

O termo “marruaz” – citado acima, segundo Houaiss, “touro bravio, violento” – remete à lembrança de que Guimarães Rosa, na verdade, criado no interior de Minas Gerais, é um verdadeiro especialista em gado, como ele mesmo prova em vários dos seus contos, como por exemplo, em “O Burrinho Pedrês”, o primeiro conto da coletânea *Sagarana*, onde em parágrafo desfila com mais de 20 nomes de raças de gado diferentes¹⁹⁴.

Na entrevista dada a Guenther Lorenz, Rosa faz questão de falar de certa primazia do gado em relação aos seres humanos:

Tudo isto é verdade¹⁹⁵, ms não se esqueça de meus *cavalos* e minhas *vacas*. As vacas e os cavalos são seres maravilhosos [...] Quem lida com eles aprende muito para a sua vida e a vida dos outros. Isso pode surpreendê-lo, mas sou meio *vaqueiro* [...] Eu queria que o mundo fosse *habitado apenas por vaqueiros*. Então tudo andaria melhor¹⁹⁶.

Então, pela “primeira vez”, Nhô Augusto faz longas confissões, “aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente”, a respeito de tudo que tinha ouvido de Tião da Thereza, as tristes notícias sobre esposa e filha, em um verdadeiro desabafo. Assim temos: “E no fim desabafou (*unbosomed himself*): que era demais o que estava *purgando* pelos seus pecados e que Nosso Senhor se tinha esquecido dele!” ([...] *the price he was paying for his sins was too great and Our Lord had forgotten him*). Assim, continuou: “A mulher, feliz, morando com outro... A filha, tão nova, e *já na mão de todos*, rolando por este mundo, ao deus-dará [...]” (*His daughter, so young, and already being trafficked from hand to hand, bandied about this world, any old way [...]*). Isto é, “negociada de mão em mão, jogada pra lá e pra cá, pelo mundo, de qualquer maneira [...]”. Em russo, por sua vez, lê-se: *Dótchka*,

¹⁹⁴ Cf. ROSA, 1984, p.36.

¹⁹⁵ Obs. JGR confirma a importância da sua atuação com diplomata brasileiro em Hamburgo, na Alemanha.

¹⁹⁶ ROSA, JG, 1995, p.32.

takáia molóden'kaia, ujé pochlá po rukám [...], isto é, “a filha, tão juvenzinha, já passando de mão em mão [...]” – sendo a expressão *khodit' pó rukám*, algo muito censurável, equivalente a “cair na prostituição”. Continuando: *niessiót eió pó sviétu, neviédomu kudá* [...] – “sendo levada pelo mundo, ninguém sabe para onde [...]”.

E o mais doloroso era lembrar-se do Quim Recadeiro – “um rapazinho miúdo, tão no desamparo e morrendo *como homem*, por causa do patrão”, enquanto ele, Nhô Augusto, era uma “patrão de borra”, (em inglês, usou-se um idiomatismo: *a boss, not worth the powder to blow him up*), “escondido, encostado, *que nem como se tivesse virado mulher!* [...]” – em outras palavras, em total covardia. Vemos um pleonasma, em “que nem como” – expressão da fala popular e regionalista. Em russo, a referência ao “patrão” Nhô Augusto – como se lê adiante – é a seguinte: *I Quim, Quim Possyl'ny – slabossílIny parníchetka, takói pespómoschny, a poguíb kak mujschína za svoievó khoziáina, miéjdu tiem kak khoziáin, – triapa triápkoi, otsíjyvalsa v bezopásnom mestiétchke, chkúru svoiú spassál, tótchno báboi zadiélalsa!* [...] – “[...] E Quim o Recadeiro – um rapazinho fraco, tão sem forças, mas perecera que nem um homem pelo seu patrão, enquanto este patrão – era *o trapo dos trapos* que ficou sentado num lugarzinho seguro, salvando sua pele, como se tivesse virado uma *mulherzinha* [...]”.

Na verdade, podemos observar que o termo *bába* – citado acima – (o termo comumente usado para “mulher” é *gênschina*, cuja raiz é, nada mais que o termo de origem indo-européia, “gene”) – embora significando, também, “mulher”, tem um sentido “depreciativo”, que tem a intenção de se contrastar com as características, próprias ao sexo masculino, das quais as mulheres seriam desprovidas, como: “falta de sentimentalismo”, “firmeza de caráter”, “coragem”.

O termo russo *bába* pode ser traduzido como “sexo fraco” ou “segundo sexo” – no entender de Simone de Beauvoir. Pode-se afirmar, até, que entre os povos eslavos orientais o “patriarcalismo” esteve mais bem arraigado que em outros povos ocidentais, pois, além de a mulher casada nunca conservar o seu nome de solteira – mesmo o da linha paterna – ainda era obrigatório, a todo cidadão ou cidadã usar o *ótchestvo*, isto é, “patronímico”, de *otiéts*: pai. Isto resultava, necessariamente, em duas marcas masculinas nos antropônimos: o pré-nome do pai, seguido de sufixo próprio – na forma de “patronímico” – e o sobrenome do pai, ou do marido (a depender do estado civil). Na cultura árabe, na verdade, há algo semelhante, pois o filho leva junto ao seu pré-nome, o pré-nome do seu genitor.

Podemos lembrar, também, que o termo *bába* pode ser usado tanto para designar “mulher idosa”, “deselegante” ou “avó”, como no sentido libidinoso de “fêmea”. Assim, em

um poema da década dos anos 60-70, o poeta evguéni *Yevtuchénko* indagava, através da fala de algum cidadão soviético, desconhecido, que tivera vontade de “esnobar” da atriz francesa Brigitte Bardot, da seguinte forma: – *Brigitte Bardot? A rázve èto bába?* (“Brigitte Bardot? E isso é mulher – ou, uma fêmea?”) – porque, porventura, naquelas décadas, a mulher magra, na ex-URSS, ainda não tivesse alcançado o prestígio de que gozava no *Západ* (Ocidente).

Este traço cultural, em relação a depreciar o sexo feminino, talvez se deva a uma forte influência oriental, que varreu toda a Rússia, desde a ocupação dos tártaros e mongóis – referidos como *tatáro-mongol’skoie ígo* (“jugo tártaro-mongol”) – que durou mais de 3 séculos – podendo, também, este traço ser observado, claramente, nos acampamentos dos guerreiros “cossacos” (com amplas evidências disto, em romances de Nikolai Gogol e de Leão Tolstoi). Finalizando, para se contrastar o sentido de *dáma* (“dama” ou “madame”), *génschina* (“mulher”, no amplo sentido) e *bába*, podemos aqui citar uma piada, onde o parâmetro é “discrição”: A “*dáma*” não revelaria nada, ou quase nada (de pessoal ou íntimo) sobre a sua pessoa; a *génschina* contaria ou deixaria transparecer “apenas, algumas poucas coisas”, enquanto a *bába* falaria, sobre si, até “mais da conta”.

Retornando ao TLP, com as confissões e o desabafo de Augusto Matraga, lemos que este já conjectura sobre um possível encontro entre a sua pessoa e o Recadeiro Quim, que estaria “com Deus”. Assim, temos: “[...] – Como é que eu vou me encontrar com o Quim lá com Deus, com que cara?” – pergunta Nhô Augusto – com toda a sua certeza de que isto iria acontecer – à sua confidente, mãe Quitéria (Quim estaria numa situação oposta à sua, no que tange a “honra”).

E Nhô Augusto continua o relato, com suas lembranças de feitos diversos de valentia, criando verdadeira fama nisto. Assim, lê-se: “E eu já fui *zápede*, já pus fama em feira, mãe Quitéria! Na festa do Rosário da Taperá [...]”.. Percebe-se o gosto de Guimarães Rosa por termos pouco usuais, até mesmo, arcaizantes, livrescos, neste contexto apenas para fugir dos termos já consagrados pelo uso.

“*Zápede*” está aí empregado no sentido figurado, mas Houaiss apenas apresenta a variante “*zápete*” no sentido denotativo, a saber: “1.o mesmo que ‘truque’ (‘jogo de cartas’); 2. o quatro de paus, no truque”, tendo uma etimologia obscura. A versão inglesa é: *And I who was once joker of the deck, I who made a name for myself at the fair, Mother Quitéria! At the east of the Rosary in Taperá*. Em russo, não foi traduzida a palavra “*zápede*”. O que se lê aí é o seguinte: *A iá ved’ liubíl porazmiát’ kulakí, mátuchka Quitéria, liubíl pobuiánit’!*. (Isto é, “E eu que gostava de *distender os punhos*, mãezinha Quitéria, amava fazer desordens, como na festa da Santíssima, eu me lembro, e na feira de Taperá.”)

É bom observar que o termo *mátuchka* (juntamente com *bátiuchka*, “paizinho”) é um diminutivo muito antigo, mais usado em canções folclóricas, antigas, que na linguagem atual. Nhô Augusto prossegue com o seu relato: “E um dia em que enfrentei uns dez, fazendo todo o mundo correr [...]” (*And who one day stood up to ten [...]*). Aqui, o termo “enfrentei” pertencente ao português padrão, foi traduzido por um idiomatismo (“a two-word verb). Em russo: *Raz kak-to prótiv dessiaterýkh pochól, i vsé razbejális’ [...]* (“Certa vez enfrentei (literalmente, “fui contra”) uns dez e todos saíram correndo (ou “se dispersaram”)”). Esta versão, coincidentemente, se assemelha bastante ao TLP. Nhô Augusto também teria enfrentado Sergipão Congo: “Desarmeí e dei pancada no Sergipão Congo, mãe Quitéria, que era mão que desce, mesmo monstro matador”. Em inglês: lê-se: *I disarmed and beat up Sergipão Congo, Mother Quitéria, who was a slugger, a monster of a killer*. Em russo, lê-se: *Iá samovó Sergipána Congo obezorújyl, mátuchka Quitéria, i otdiélal na slávu, a on spúsku nikomú nie davál, golovoriéz byl, kakíkh nemnógo [...]*!. Em retroversão: “Eu desarmeí o próprio Sergipão Congo, mãezinha Quitéria, e dei uma surra nele pra valer, e ele não deixava escapar ninguém, um ‘corta-cabeças’ que era, como poucos[...]!”.

O trecho acima traz várias expressões idiomáticas (em negrito) de forma a dificultar, mesmo, a retroversão. Fazendo a comparação, vê-se bastante diferença entre o TLP e a versão russa.

Além disso, Nhô Augusto teria afrontado a família da moça que ele “tirou de casa”. Assim, lê-se: “E a briga com a família inteira, pai, irmão, tio, da moça que eu *tirei de casa*, semana antes de se casar?! [...]”. Na versão inglesa, tem-se: *And the fight with the whole family, father, brother of the girl I ran off with a week before she was to be married*. “Tirar de casa” é um eufemismo que pode, também, significar “deflorar”, estando mais explicitado na versão de língua inglesa. Na versão russa, a ordem das sentenças está invertida. Assim, lê-se: *A to eschó diévuchku iz odnovó doma uvióz za nediêliu do svádbu, so vsiêi semiói eió skhvatílsa, s otsóm, as brátom, s diádei!*. Em retroversão: E ainda a moça que *tirei* (literalmente “leveí para longe”) *de dentro de casa*, uma semana antes do seu casamento, *batendo-me* contra toda a sua família, contra o pai, o irmão, o tio!”). Houve, assim, um remanejamento na ordem dos segmentos do período.

Nhô Augusto compara, mentalmente, todas as suas façanhas de outrora com a sua situação atual, de desânimo, de total impotência, mas mãe Quitéria acha que Nhô Augusto estava sendo tentado pelo demônio, e fá-lo lembrar da sua promessa para com o padre: “– Vira o demônio de costas, meu filho [...] Faz o que o seu padre mandou!” (*Turn the devil on his back, my son [...] Do as the priest ordered*).

Em russo, houve uma mudança de “enfoque” – o que os estilistas Vinet et Darbelnet chamariam de “modulação” – a saber: – *Ty k diávolu spínói povernís’, synók.Sdiélai, kak padre nakázyval!*. Em retroversão: “Vire-se de costas para o diabo, faça como o padre ordenou” – por ser esta, talvez, uma solução mais fácil, alguém dar as costas para o diabo, do que fazer o procedimento inverso.

Quanto aos termos usados, pode-se dizer que a forma verbal *nakázyval*, com o sentido de “ordenou”, é arcaizante: um exemplo típico do discurso religioso. No russo moderno, empregar-se-ia, em vez disto, o pretérito de *prikázyvat’*, isto é, *prikázyval*, com mudança do prefixo, enquanto *nakázyvat’* significa, hoje “punir, castigar”.

Nhô Augusto concorda: “–E é o *diabo mesmo*, mãe Quitéria [...] Eu sei [...]”. A tradutora americana acrescenta aí o que está implícito: *And it is the working of the devil himself, Mother Quitéria*. Nhô Augusto conclui, como se indagasse: “Ou, então, seria *castigo*”(Or else it is punishment) – prossegue Nhô Augusto – “porque eu vou me lembrar dessas coisas, logo gora, que o meu corpo não está valendo (*my body is no good*) nem que eu queira, nem p’r a brigar com homem e nem gostar de mulher (*neither for fighting a man, or enjoying a woman, even if I wanted to*). A versão russa usa de idomatismos, e expressões populares, mantendo um bom ritmo da frase, por causa da rima que aí aparece. Assim, lê-se: *A mójet èto mnié nakzánie, ptomú-çhto vspomináetsia mnié èto tepiêr’, kogdá tiélo moió ni na çhtó nié godítsa, khotí nié khotí, a nie mogú ia ni s mujtçínou skhvatít’sia, ni s jéntsçinói potiéçhit’sai*. Em retroversão:

Mas, talvez, isto seja como um castigo para mim, pois *isto me vem à memória*, logo agora, que o meu corpo já não serve mais para nada, *quer queira ou não*, que eu não posso nem lutar (literalmente, “me atracar com”) contra um homem, nem me divertir com uma mulher.

A tradutora russa usou a forma *vsomináetsia mnié* (que corresponderia a: “vem-me à memória” para traduzir porque “eu vou me lembrar logo agora”) em lugar de *potchemu iá búdu seitchás vspominát’* – que seria a tradução literal, porque a forma usada mostra que estas lembranças vieram à mente de Nhô Augusto, independente da sua vontade.

Assim, existe na língua russa esta possibilidade de se expressar o que está acima da vontade da pessoa atingida, com o uso de um verbo *reflexivo*, onde a oração subordinada substantiva que se segue a este verbo faz o papel de *sujeito*, enquanto a pessoa, com quem isto acontece, é expressa no caso *dativo* (o caso da função sintática do “objeto indireto”).

Assim, ao lado de *vsominát'* (isto é, “lembrar”), existe *vspominátsa* – um verbo reflexivo, onde a “coisa é lembrada” independente da vontade de quem lembra, como está no texto acima: *mnié vspomnáetsa* – isto é, “me vem à memória”.

Outros verbos deste tipo há, na língua russa como *khotét'sia* (“ter vontade de algo”), *nrávit'sia* (“gostar de”), entre outros. A primeira pessoa do presente deste último verbo citado, a saber, *mnié nrávitsa* corresponderia, coincidentemente, ao espanhol *me gusta*.

Este tipo de verbo mostra, assim, que o que acontece a alguém, em certas circunstâncias, é um ato reflexo, ou intuitivo, que não dependeria do consciente, ou, por assim dizer, de um comando do sistema nervoso central. Vê-se, assim, que cada língua pode possuir as suas “idiosincrasias”.

Com esta confiança, feita por Nhô Augusto, mãe Quitéria lhe recomenda que reze o “Credo”. Mas, Nhô, Augusto – que estava “de cócoras, sentou-se no chão” – continuando a falar, para revelar o que gostaria de fazer, com relação à morte de Quim, que o defendera até o fim. Assim, lê-se: “– Tem horas em que fico pensando que, ao menos por [...]”

3.4.2.8 TLP, p.363; TLC-1, p. 283-284; TLC-2, p. 233

[...] honrar Quim, que morreu por minha causa, *eu tinha ordem de fazer alguma vantagem ... Mas eu tenho medo ... Há sei como o inferno é, mãe Quitéria ... Podia ir procurar a coitadinha da minha filha que talvez está sofrendo, precisando de mim ... Mas eu sei que não é eito meu, não é não (But I know it is not the field I have to clear, not that). Tenho é de ficar pagando minhas culpas, penando aqui mesmo (suffering right here alone) no sozinho*

Tem-se aí um termo regionalista (“eito”) e uma expressão do mesmo tipo, (“no sozinho”) – como sempre acontece na obra de Guimarães Rosa.

Segundo o LGR, por exemplo, o termo “eito”, neste contexto, significa “missão, tarefa”, isto é, no “sentido figurado”. Mas, no “sentido próprio”, como diz o glossário, “eito” corresponde a “roça onde trabalha, de enxada, um lavrador ou uma turma de homens”¹⁹⁷.

A tradutora americana, assim, usou este “sentido próprio” para a tradução acima, mas que o leitor logo entenderia, tratar-se de uma “conotação”. A versão russa usou para “eito” a denotação, com *obiázannost'*, isto é, “obrigação”. Assim, lê-se: *No iá znáiu, nie moiá èto obiázannost', nié moiá i vsió tut*. Em retroversão: “Mas eu sei não se tratar de

¹⁹⁷ Cf. LGR.

obrigação minha, não é minha e pronto!. Nhô Augusto continua: “Já fiz penitência, estes anos todos e *não posso ter prejuízo deles!*” Em inglês:

I have done penance all these years, and I cannot run the risk of a setback If I were to squander this penitence I have to my credit, I would be left with neither the one thing nor the other [...]. I am a miserable creature, Mother Quitéria, but my day will com! My turn!.

A tradutora desconstruiu o TLP e o recriou, com outras palavras. Em retroversão, para *I cannot run the risk of a setback* teríamos “eu não posso correr o risco de uma *recaída*”. Em outras palavras, “não posso perder tudo o que já fiz (construí, investi)”. No mesmo parágrafo, a tradutora usou para “penitência”, duas formas, a saber, *penance* – já citada e, mais adiante, *penitence*. Na versão russa, tem-se: *Vsié èti gódy iá káialsa, nié sbrássyvat’ je ikh só schetóv! Vzdúmai iá rastrátit’ na miést’ vsió svoió pokiánie, po obéim stat’iám ostálsa by v próigryche Goermýka ia, mátuchka Quitéria, no diên mói eschó nastúpiut! Pridiót mói tcheriód!*. Em retroversão:

Todos esses anos eu me arrependi, não é agora que vou tirar isto do meu crédito (ou “da minha conta”)! Se eu inventasse gastar em vingança todo o meu arrependimento, de ambos os lados (ou “nos dois aspectos”), ficaria no prejuízo. Sou um pobre infeliz, mãezinha Quitéria, mas o meu dia ainda há de chegar! Haverá de chegar a minha vez!.

Vê-se o uso de paráfrases, assim como de explicitação (ao mencionar a palavra “vingança”), recriando, na verdade, o TLP. Também se pode dizer que “arrependimento” é mais um sentimento, enquanto “penitência”, um procedimento, uma ação, ou conjunto de ações que, em russo seria traduzido por *pokiánie* (que o dicionário de Stárets traz como “termo eclesiástico”).

Apesar de toda a tristeza e sofrimento, que durou vários meses, Nhô Augusto continuou a ajudar a todos que solicitassem sua ajuda, em vários tipos de serviços, como se lê:

E assim, nesse parado Nhô Augusto foi indo muito tempo, (*went in this impasse*) se acostumando com os novos sofrimentos, mais meses. Mas sempre saía para servir aos outros, quando precisavam, ajudava a carregar *defuntos* (*helping to carry the dead to their final rest*), visitava e assistia gente doente (*visiting and waiting upon the sick*), e fazia tudo com uma tristeza bondosa, a mais não ser (*he did evrything with a gentle sadness that encompassed all*).

Em russo, lê-se:

V takóm vo nastroiênii projýl Nhô Augusto dólgoe vriêmia, nemálo miêssiatsev privykál k nóvym múkam. No pó-priêjnemu otzyválsa na vsiákuiu prósbu ob uslúgue, pomogál khoronít' pokóinikov, naveschál bol'nýkh i khodíl za ními i diélal vsió s takói petchálnoi dobrotói, chto dál'chne nékuda.

Em retroversão:

Nesta *disposição de espírito* viveu Nhô Augusto durante tempo prolongado, não poucos meses, acostumando-se aos novos sofrimentos. Mas, como antes, atendia (aos apelos de) qualquer pedido de serviço, ajudava a enterrar *os defuntos*, visitava os doentes, assistindo-os, e fazia tudo com tamanha *triste bondade*, que mais não podia ser.

A expressão do TLP “a mais não ser” tem um tom de português lusitano, como, por exemplo, na expressão “até mais ver”, entre outras. Na verdade, Guimarães Rosa sempre surpreende o leitor, com novas e novas expressões. Pode ser equivalente “até não poder mais” – não deixando dúvidas, na versão russa, com a expressão idiomática *chtó dál'che niékuda* (literalmente, “mais longe, não há para onde”) – sobre o seu significado. Pode-se, também, observar que “tristeza *bondosa*”, na versão russa, transformou-se em “*triste bondade*” – ambas sendo “personificações”. Para “defunto”, a tradutora americana preferiu *the dead* – uma palavra mais comumente usada do que *the deceased*, que seria uma palavra mais “refinada”, por assim dizer. Na versão russa, *pokóinik* corresponde a “defunto” e se deriva da raiz *pokói* tendo a conotação de “aquele que está quieto”.

No entanto, pouco a pouco, algo começou a mudar no íntimo de Nhô Augusto. Assim, continua o narrador: “[...] alguma coisa *egou a querer* voltar para ele, a crescer-lhe do fundo para fora, *sorradeira*, como a chegada das águas” (*sly as the coming of the rainy season*). Os dias estavam ficando cada vez maiores e Nhô Augusto observava a natureza: “o joão-de-barro (*the ovenbird*) construindo casa nova (*a new nest*) e as sementinhas, que hibernavam na poeira, esperando na poeira, em *misteriosas incubações*”. A tradutora russa procura – como ver-se-á abaixo – produzir a sua própria prosa poética, recriando, de certa forma, o TLP. Assim, lê-se:

I v kontsé kontsów potikhónetch'ku, nezamiétno, stálo vróde by chto-to, k nemú vozvrashchátsa, chto-to podspúdnoe zriélo v glubiné evó duchý i ravlós' narúju, i prichló onó ispodvól' [...] a ryjekrýlaia ptísa – piêchnik lepíla nóvoe gniezdó iz glíny, i semená, chtó zimováli v pylí, dojydális' v pylí svoíkh taínstvennykh preobrajênii.

Em retroversão:

E, finalmente, *devagarzinho*, de modo imperceptível, começava algo – como que a voltar para ele, alguma coisa latente *amadurecia*, no fundo da sua *alma*, impelindo-se para fora, e isto veio, pouco a pouco [...] enquanto isto o *pássaro ruivo (de nome) joão-de-barro* (literalmente, “fabricante de fornos”) moldava seu ninho *de barro*, e as sementes que hibernavam na poeira, aguardavam na poeira as suas *misteriosas transformações*.

A tradutora russa, como se vê – especificou que o joão-de -barro (*piêtchník* – que provém de *piêtch*, isto é, “forno”) era uma “ave ruiva” que construía um “ninho *de barro*” (detalhe que não se vê na versão inglesa). E, apesar de haver, no russo – segundo Stárets – para “incubação” palavras como *vyssíjyvanie* (isto é, “ato de chocar (ovos)”), *inkubátsia* (termo médico, e também para chocar ovos, em “chocadeira”), *sozrevánie* (amadurecimento), a tradutora Ye Koss preferiu usar – como se vê acima – *preobrajênia* – isto é, “transformações”.

Como é bastante comum usar-se o termo *duchá* (isto é, “alma”) na língua russa, toda vez que se fala de sentimentos, a frase “alguma coisa pegou [...] a crescer-lhe do *fundo para fora*” foi traduzida – como se vê acima – por “alguma coisa latente *amadurecia no fundo da sua alma* e se impelia para fora” – o que contribuiu para que fosse usado um número maior de palavras, do que se vê no TLP. Assim, continua o narrador: “Nhô Augusto agora tinha muita fome e muito sono. O trabalho entusiasmava e era leve. Não tinha precisão de *enxotar* as tristezas (*He had no need to drive away sadeness*). Não pensava nada [...]”.

Segue-se, então, uma enumeração – pelo narrador – de uma grande enumeração de nomes de *animais, aves, insetos e répteis* da região, com a descrição dos seus sons emitidos, ou outras ações – uma tarefa e tanto para qualquer tradutor de textos literários.

Na verdade, no inconsciente de Nhô Augusto, também, estava acontecendo uma “misteriosa incubação” – pois havia, também, algo latente, como que “no ar” – que iria acontecer, em breve, por ocasião de um encontro muito importante, em Tombador.

Isto iria aproximar, cada vez mais, o momento do desfecho final, quando, finalmente, Nhô Augusto iria, de fato, encontrar o seu destino, a sua “Hora e Vez”. Por enquanto, porém, Nhô Augusto se deleita em observar todos estes bichos que vivem nas regiões, onde a natureza ainda não foi destruída. Assim, lê-se:

E as mariposas e os cupins – de-asas vinham voar ao redor da lamparina (*And the moths and the winged ants came flying about the lamp*).Círculo rodeando a lua cheia, sem se encostar. E começaram os cantos. Primeiro, os sapos: – ‘Sapo na seca coaxando, chuva beirando’, mãe Quitéria!.(*Dry weather and frogs croaking,*

Rain approaching', Mother Quitéria). Apareceu uma jia na horta (A bullfrog appeared in the vegetable garden), e pererecas dentro de casa, pelas paredes [...](and the little toads in the house, on the walls [...]). E os escorpiões e as minhocas pulavam no terreiro, perseguidos pela correição de lava-pés, em préstitos atarefados e compridos" (And the scorpions and earthworms in the ground, pursued by the legionary ants around the bugloss in the long, busy processions).

Segundo Houaiss, “préstitos” é “grupo de pessoas que caminham juntas, com determinada finalidade; procissão, cortejo; 2. *fig.* desfile de coisas, de seres de qualquer natureza; [...] corso [...]”.Tendo, talvez, o mesmo sentido que “desfile”, Guimarães Rosa preferiu “préstito”, um termo menos conhecido que os seus quase –sinônimos –“cortejo” ou “desfile”.

Para “correição”, tem-se, em sentido específico, como “brasileirismo”, a saber: “7. ENT. *B.* marcha de formigas, ger.dispostas em fila, que realizam determinado trabalho. No que diz respeito a “lava-pés” – em verdade, abreviatura de “formiga-lava-pés” – é também um termo da Entomologia, que Houaiss traz como ENT *B* design.comum a diversas spp. de formigas, esp. do gênero *Solenopsis*, de pequeno porte, ger. avermelhadas, cuja ferroadada é dolorosa [...]”, com uma vasta sinonímia. Pela descrição, assemelhar-se-iam às “saúvas”, no entanto, entre a vasta sinonímia, não está mencionada esta denominação¹⁹⁸

Desta forma Guimarães Rosa, ao descrever a natureza, não poupa esforços para nos fornecer vastas informações sobre seus conhecimentos nesta área e, também, deleita o leitor, apresentando uma boa descrição do meio-ambiente. Estas passagens bucólicas, contemplativas, também parecem desempenhar o papel de “distensão” em torno do foco da narrativa principal, além de encerrarem em si muita poesia.

Na versão de língua inglesa, a tradutora usou o termo *bugloss* (em [...] *pursued by the legionary ants around the bugloss in long, busy processions.*) que, na verdade, é um nome de planta. Assim, em Michaelis, lê-se, para tanto: “(Bot.) *buglossa*, língua-de-vaca [...]”. Isto pode ter sido um mero lapso, ou uma alteração proposital, por conta da criatividade da tradutora americana. Na versão russa, a criatividade ainda foi mais intensa. Assim, lê-se:

Bábotchki i krylátýe termítý porkháli vokrúg kerossínovoi lámp Vokrúg pólnoi lunny stoial nepremienny oreól I vsié tvári raspiêlis. Natchalós' s jáb. Jába kvákaet v jarú, búdet dójdik poutrú – pogováriuala mátuchka Quitéria V sadú poiavílis' liagúchki-svistuný, v dom zaskákivali kváchki, prýgali na stiény A po dvorú snováli skorpióny i tarántuly, i za ními dlínnymi delovítými otríadami goniális' murav'í – zernoiédy.

¹⁹⁸ Cf. HOUAISS.

Em retroversão: “As mariposas e os cupins alados esvoaçavam em volta da lâmpada de querosene. Em torno da lua cheia pairava a infalível *auréola*. E todas as criaturas desataram a cantar. Começando dos sapos. ‘*O sapo coaxando no tempo quente, vai ter chuva pela manhã*’ – costumava falar a mãezinha Quitéria. No jardim apareceram as rãs que assoviavam (literalmente, “as rãs-assoviadoras”), rãs dos bosques entravam, aos saltos, para dentro de casa, pulavam por cima das paredes. No pátio andavam, pra lá e pra cá, os escorpiões e as *tarântulas*, e atrás deles andavam, em longos destacamentos, atarefados, formigas, que comiam grãos (literalmente, “as formigas-comedoras de grãos [...]).

Como se vê, muitas coisas foram mudadas – entre termos e partes de frases – e a tradutora deu asas à imaginação, praticamente criando uma outra alternativa para o TLP. Por exemplo, em lugar de “minhocas” (que em russo seria *zemlianyé tchiêrvi*, literalmente, “vermes do solo”), tem-se “tarântulas”. Além de criações tais, como *liagúchki-svistuný* (isto é, “rãs-assoviadoras”) e *murav’í-zernoiédy* (isto é, “formigas-comedoras-de-grãos”) – com o que a tradutora russa desejou transmitir, ao leitor, uma informação “extra”, inferida do contexto, ou pesquisando nos dicionários, sem estar ali, obrigatoriamente, presente, esta informação, no TLP.

O ditado popular “Sapo na seca coaxando, chuva beirando” foi traduzido por ambas tradutoras de uma forma poética, com produção de rima, mesmo que, para tanto, tenha sido necessário modificar, um pouco, o conteúdo lexical, como na versão russa; *Jabá kvákaet v jarú, búdet dójdik poutrú* – (isto é, “O sapo, quando coxa no calor, vai haver chuva pela manhã”). Se compararmos com o TLP “Sapo nas seca coaxando, chuva beirando”.

Nesta frase, há um misto de linguagem popular – de um lado, “beirando”, de outro, “coaxando”, mais livresco – algo que, muitas vezes, ocorre na prosa poética de Guimarães Rosa. É bom observar que, tanto “coaxar”, em português, como *croack*, em inglês, ou *kvákat’* são verbos onomatopaicos – que imitam o som proferido pelos sapos – mas o povo do sertão, geralmente, não usa este termo, preferindo dizer que o sapo “está cantando”.

Nhô Augusto olha também para o que acontece no céu e observa diversos pássaros da região cantando, além da mudança de clima. Assim, lê-se: “No céu sul, houve nuvens maiores, mais escuras. Aí, o *peixe-frito* (*striped cuckoo*) pegou a cantar de noite. A *casca de lua* (*the hull of the moon*) de bico para baixo “despejando [...]”. A lua, aqui, é comparada com um pássaro, pois apresenta “bico”. Na versão russa, tem-se – tomado de empréstimo – “péixe-frito”. A última frase está em russo da seguinte maneira: *Lunny oreól stal spolzát’, pochól na úbyl’* (isto é, “A auréola da lua começou a descer, deslizando, e foi

decrecendo”), sendo *pochól na úbyl’* um idiomatismo pertencente à linguagem popular. Mais adiante, uma ave que grita como se estivesse pedindo “três potes”. Assim, temos: “Na orilha do atoleiro, a *saracura fêmea* gritou, pedindo *três potes, três potes, três potes* para apanhar água [...] Choveu”. Em inglês, lê-se: *On the bank of the quagmire, the female killicow cried out, asking for three pots, three pots, three pots to reach water [...] It rained.* A tríplice repetição de “três potes” foi mantida em inglês com *three pot*, que tem o mesmo efeito onomatopaico, como no TLP. Por outro lado, parece haver uma associação entre “os três potes” e a chuva: poderiam ser potes para recolher a água da chuva e, neste caso, a *saracura* seria uma ave que anuncia, quando vai chover. Em russo, tem-se: *Na beregú bolóta raskudákhtalas’ krasno-nóssaia vodianáia kúrotchka, triébovala tcher-pák, tcher-pák, chtóby nabrát’ vodý [...] Khlýnul dojd’.* Em retroversão: “À margem do pântano, cacarejou a galinhazinha d’água, de bico vermelho, que exigia *tcher-pák, tcher-pák* (isto é, “alcatruzes”, ou “conchas gigantes”), para colher água [...] Desabou a chuva”. *Tcher-pak* – ao mesmo tempo em que representa um certo vasilhame para apanhar água, tem, também, sua função onomatopaica. Não resta dúvida que foi uma solução bastante criativa por parte da tradutora Ye Koss.

Na verdade, depois de observar todos estes fenômenos da natureza, nos conta o narrador: “Então, tudo estava mesmo muito mudado e Nhô Augusto, de repente, pensou com *idéia muito fácil* e o *corpo muito bom*”. Aqui Guimarães Rosa nos surpreende – como sempre – com as expressões e as figuras de linguagem, como as grifadas na frase anterior. Em inglês, lê-se: *Then everything was really different, and suddenly Nhô Augusto’s mind grew very clear and his body very fit.*

Assim, Nhô Augusto, que passou vários meses de sofrimento, triste e acabrunhado, sente, agora, um alívio, pois sabe que Deus não o abandonou. Assim, em vez de se assustar, diz rindo: “– Deus está tirando *o saco* das minhas *costas*, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim!” – *God is taking the sack off my back, Mother Quitéria! Now I know that he is mindful of me!*. E mãe Quitéria, que sempre foi uma mulher muito religiosa, e cheia de piedade, exclama: “– Louvor ao Divino, meu filho!”. – *Praise be to the Lord, my son!*. Em russo: *Khvalá vsevýchnemu, synók!*, isto é, “Louvor ao Supremo, filhinho!”.

Em russo, normalmente, se usa a expressão “tirar dos ombros” em lugar de que “tirar das costas”, como, aliás, se lê na versão russa, a saber: *–Snimáet gospód’ gruz u meniá s pliêtch, mátuchka Quitéria! Tepiêr’ ia znáiu, chto on vsmómnil on óbo mnié!*. Isto é, “Está

tirando o Senhor a carga dos meus ombros, mãezinha Quitéria! Agora eu sei que ele se lembrou de mim!.

As mudanças no estado de espírito de Nhô Augusto continuam, e, certa manhã, ele acorda tendo sensações e vontades muito estranhas e contraditórias, que não sabia explicar, tais como: continuar deitado e, também, se levantar. Embora estes anos todos tenha se privado do fumo, agora, outras idéias lhe vêm à cabeça e, quando menos esperava, já estava enrolando uma palha e fumando, sofregamente, após, tantos anos de abstenção. Assim, nos conta o narrador: “Então, depois do café, saiu para a horta cheirosa, cheia de passarinhos e de verdes, e *fez uma descoberta*: por que não *pitava*?!. Não era pecado ... *Devia* ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar” – *Then, after his coffee, he went out into the good-smelling garden full of birds and tones of green, and made a discovery: why not smoke? It wasn't sin [...]. He ought to be happy, always happy, and that was an innocent pleasure which helped people to be glad.* Em russo, lê-se:

Napílsa on kófe i výshel v sad, blagoukhánnny, pólny ptits i viês' zelióny, i prichló tut emú na um: a potchemu by ne zakurít'?! Nikakói èto nie griékh [...] Nújno byt' vessiólým, vsegdá vessiólým, a kuriên'e – nevelíkaia usláda, ot nievó na duché vesseliêi [...].

Em retroversão:

Tomou bastante café e saiu para o cheiroso jardim, cheio de pássaros, e todo verde, e lhe veio à mente: porque não fumar (naquele exato momento)?! Não é nenhum pecado [...] É preciso ser alegre, sempre alegre, e o fumo – é um pequeno prazer, que proporciona mais alegria à alma.

Vê-se que houve algumas alterações: “Depois do café” pode significar “depois do desjejum”, em português, já que a primeira refeição do dia, geralmente, é chamada de “café da manhã”. Mas, em russo, o verbo *napítítsa* (em *Napílsa kófe*) significa “beber, até ficar farto” (senão seria apenas *výpil*, em lugar de *napílsa*). Há sempre “pequenos detalhes” em um trabalho de tradução, que não podem coincidir, de todo, tanto por questões lingüística, como culturais, etc.

A pergunta: *Potchemu by nié zakurít* – isto é, “porque não fumar – ou “não fumaria”, naquele exato momento?” – sugere que uma determinada ação seja executada, *naquele exato momento*. Isto se deve ao fato de o verbo *zakurít* apresenta o aspecto “perfectivo”. Em português, “por que *não pitava*?!” pode ter este mesmo sentido, como, também, um sentido mais “vago” – “por que não *pitava*, em geral?”.

Para “e fez uma descoberta” tem-se, em russo, *prichló emú na um* é, literalmente: veio-lhe à mente, um idiomatismo, adequado ao contexto. Quanto à tradução de “Não era pecado” – houve uma intensificação, na versão russa, graças ao modificador “nenhum”. Assim, resultou: “Não era *nenhum* pecado” ou “Não era pecado *algum*”. Em seguida, continua o narrador:

E isso foi pensando muito ligeiro, porque já ele enrolava a palha, com uma pressa *medonha* (*in a tremendous hurry*), como se não tivesse curtido tantos anos de abstenção. Tirou tragadas (*He took deep puffs*), soltou muitas fumaças, e sentiu o corpo se desmanchar, (*felt his body going slack*), dando na fraqueza (*verging on weakness*), mas com uma *ternura* gostosa, que vinha até ao mais dentro (*with a pleasant tremor that rose from deep within him*), parecendo que a gente ia virar uma chuvinha fina.

Nhô Augusto pensa, novamente, como que tirando uma tremenda conclusão: “– Não, não era pecado! E agora rezava até muito melhor, e podia esperar melhor, mais sem pressa, (*less impatiently*), a hora da libertação”. Na versão russa, lê-se: – *Niet, pokurít’ – nié griékh! molítva daválas’ emú tepiêr’ kudá liégtch, i kudá liégtche býlo dojydátsa biêz spiéckhi tchássa osvobojdîenia*. Em retroversão: “– Não, fumar um pouco não era pecado! e a oração, agora, resultava *bem mais* fácil, e ficava *muito mais* fácil esperar, sem pressa, a hora da libertação.

O advérbio *kudá* significa, literalmente, “onde”, mas que pode ser usado para intensificar o sentido de um adjetivo, ou outro advérbio, no grau comparativo, sendo isto uma amostra de linguagem *coloquial*. Com a grande possibilidade de prefixação, na língua russa, *pokurít’* significa “fumar um pouco”, aspecto perfectivo – e diz respeito àquela ocasião específica – diferente de *kurít’*, fumar, de aspecto imperfectivo, mais vago.

Assim, pensava Nhô Augusto, sentido-se mais leve e mais feliz, disposto a esperar, “sem pressa”, como diz o autor, pela hora fatal. Mas, um encontro inesperado, que acontece em Tombador, haverá de deixar essa tão esperada “hora da libertação” cada vez mais próxima.

3.4.3 Parte C – Nhô Augusto e seu Joãozinho Bem-Bem, TLP, p.364-375

O narrador retoma a narrativa com um tom de popular, enfatizando um acontecimento não costumeiro, que teria ocorrido “aí por aí, dias depois”, em um relato em que se usam recursos da “oralidade”, para impressionar o leitor: “E, pois, foi *aí por aí*, dias

depois, que aconteceu uma coisa até então jamais vista, e até hoje *mui* lembrada pelo povinho do Tombador”. Teriam vindo do norte, “oito homens, que de longe se via que eram *valentões*” (*eight men who it was apparent, even from a distance, were outlaws*).

Em russo, “valentões” foi traduzido por *likhíe rebiáta* que também equivale a “rapazes audazes”, e tem uma conotação antes positiva, ou cômica, que negativa. Ainda mais que estes “oito homens” (em russo *vóssem verkhovýkh*, isto é, “8 cavaleiros”) estavam “bem montados, bem enroupados, bem apessoados”, que em russo está como: *vsié na ládnykh lochádkakh, v ládnoi odiéjde i sobóiu ládnyie* (isto é, “todos (montados) em cavalinhos jeitosos, com boa roupa e, em si mesmos, de bom aspecto”). A propósito, o modificador *ládny* – nas diversas flexões em que aparece – segundo Vóinova – equivale a “jeitoso, bem feito, sensato, harmonioso, unido”, – enfim, algo que convém, ou que combina, uma conotação positiva.

Na verdade, antes de entrarem no povoado – continua o narrador – estes oito enviaram um “primeiro”, para sondar o ambiente. Assim, lê-se:

[...] primeiro surgiu *um*, dianteiro, *escoteiro*, que percorreu, de ponta a ponta, o povoado, pedindo água à porta de uma casa, pedindo pousada em outra, espiando muito para tudo e fazendo *pergunta e pergunta*: depois, então apareceram, os outros [...].

A presença da linguagem popular, como sempre, se faz sentir no TLP. Um exemplo disso, no trecho citado acima, é “fazendo *pergunta e pergunta*”, quando no padrão se diria “fazendo pergunta, após pergunta”, ou “fazendo uma pergunta atrás da outra”, que está traduzido, na versão inglesa, pelo padrão. Assim, na versão inglesa, lê-se:

First one appeared, in advance of the rest, a **scout** who crossed the village, from end to end, asking for water at one door, lodging at another, looking everything over **keenly**, and **asking one question after another**. Only then did the others appear [...].

Na versão russa, tem-se: [...] *spervá poiavílsa odín, dozórny líbo razviéditchik, on ob'iékkal vsió seló ot piérvovo dóma do posliédnevo – tám vodý popróssit, zdiês' notchliéga, vsió výsmotrel, vsió vývedal; zatiém pokazális' ostal'nyé* [...]. Em retroversão: “[...] primeiramente, surgiu um, quer vigia quer explorador (ou “batedor”), ele percorreu o vilarejo inteiro *da primeira casa à última* – ali pedia água, aqui alojamento, examinou tudo, *investigou* tudo; em seguida, apareceram os restantes [...].

A tradutora russa – como de costume – não se prende *ipsis literis* ao TLP, e introduz bastante variação, lançando mão de idiomatismos e ditados populares, tornando o seu texto bastante expressivo. Por exemplo: em lugar de traduzir, literalmente, “de ponta a ponta”, preferiu escrever “da primeira casa à última”. Assim, na frase que se seguiu, escreveu simplesmente, “ali pediu água”, sem ter que escrever “à porta de uma casa”, pois a movimentação de uma casa para outra já tinha sido mencionada, na frase anterior. Assim, a tradutora russa faz um verdadeiro “remanejo” na ordem das palavras e das frases, a seu bel-prazer. Também, está omitido “fazendo pergunta e pergunta” – porque e em lugar desta frase se lê *vsíó vývedal* (“investigou tudo”) – um processo que compreende fazer-se perguntas.

3.4.3.1 TLP, p.365; TLC-1, p. 285; TLC-2, p. 235-236

Segue-se uma detalhada descrição do aspecto físico dos seus componentes e, mais adiante, do chefe do bando Assim, tem-se:

[...] equipados com um despropósito de armas (an extravagance of arm's) – carabinas, novinhas quase; garruchas, de um cano ou dois (**muzzle-loading pistols** of one and two barrels); revólveres de boas marcas (revolvers of good make); facas, punhais (knives, daggers), **quicés** de cabos esculpidos (pigstickers with carved handle); porretes e facões (clubs and machetes), – e transportando um excesso de breves nos pescoços (and wearing an excess of **scapularies** around their necks)

Em português, também existe o termo “escapulário”, tendo sido dicionarizado por Houaiss, como “faixa de tecido que frades e freiras de algumas ordens religiosas usam pendentes sobre o peito”, enquanto isso, no verbete “*breve*”, encontra-se, no mesmo dicionário e registrado como “brasilianismo”, a saber: “**15. B** escapulário com oração; bentinho, bentinhos”. Daí se poder concluir que “breves” eram um tipo de escapulários. O LRG traz “*quicê*”, como “faca pequena”, um termo popular e regionalista, derivado do tupi *ki'sé*. Este trecho, na versão russa, está da seguinte forma: [...] *pri kájdóm tsélyi arsenal: karabíny nóvyie; odnostvólki i dvustvólki; revol'viéry lútchikh márok; nojí, kinjály, stiliéty s reznymi rukoiátkami; dubínki i sábli na kájdóm ládanki, svissáiuschie grozdiámi na grud'*. Isto é:

[...] em seguida apareceram os demais, cada um tinha consigo um verdadeiro *arsenal*: carabinas quase novas; (armas) *de um cano* e de *dois canos*; revólveres das melhores marcas; facas, punhais, estiletos com cabos lavrados; porretes e *sabres*; e cada um usava *porta-incensos*, que pendiam, aos cachos, sobre o peito.

Vemos que, como se trata de uma enumeração, contendo vários termos regionalistas, a tradutora russa fez algumas adaptações que não têm total equivalência, como “sabres” (*sábli*) para “facões”, e “porta-incensos” (*ládanki*) para “breves”. São elementos de uma realidade extra-linguística que podem não ter correspondentes na cultura russa. Outro recurso seria o de se tomar uma palavra do TLP – com difícil tradução – como “empréstimo”, adicionando uma nota de pé-de-página, recurso que foi, às vezes, usado na presente versão em língua russa.

A propósito do trecho, citado acima, pode-se acrescentar que o dicionário monolíngüe de Ojegov, traz para *ládanki*, a acepção de “saquinhos”, em que pessoas “supersticiosas” carregam incenso”, – *ládán*, em russo, significa “incenso” – talismãs, ou outro material do gênero, com a mesma função”.

No caso de “garruchas, de um e dois canos”, a palavra “garrucha” foi omitida, pois em russo é comum usar-se apenas o adjetivo, omitindo-se um objeto que todos podem inferir, facilmente – no caso, *odnostvóli* e *dvustvólki*. Um exemplo deste fenômeno pode ser *taliánka*, corruptela e *italiánka* – nome dado a um tipo de acordeón, de origem italiana.

A forma *odnostvólka* significa “de um cano só”, enquanto *dvustvólka*, “de dois canos”, dois adjetivos já substantivados, subentende-se algum tipo de arma de fogo. A seguir, o narrador passa a descrever o “chefe” do bando, a saber: “O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. E o *chefe* – o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul, enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos, limados em *acume*” – Houaiss apresenta este último termo como “parte mais aguda ou penetrante de um gume; ponta”; – (*his white teeth filed to sharp points*), “de olhar dominador e tosse rosnada (*of commanding gaze and a hoarse voice*), mas sorriso bonito e mansinho de moça” (*but with the pretty, gentle smile of a maiden*) que era “o homem mais afamado dos dois sertões do rio” (tudo indica, tanto do rio “Jequitinhonha”, como do “Rio Gavião”), mais famoso e poderoso que outros bandoleiros, tais como Antônio Dó e Indalécio (e chamava-se *Joãozinho Bem-Bem*).

A tradutora americana conserva o modificador “Bem-Bem” (em “*Mr. Joãozinho Bem-Bem*”) que – se for um onomatopaico, poderia ser transcrito em inglês, por “Bang-Bang” – uma expressão que aqui também se conhece, devido aos filmes do gênero “faroeste”.

Os adjetivos para qualificar o chefe-do-bando, seu Joãozinho Bem-Bem, são enumerados em série, antes mesmo de dizer o nome deste poderoso e temido chefe. Assim, tem-se:

[...] o arranca-toco (the stump-puller), o treme-terra (the earth-shaker), o come-brasa (the fire-eater), o pega-à-unha (the boast stopper), o fecha-treta (the measure-taker), o tira-prosa (the question settler), o parte-ferro (sem tradução em inglês), o rompe-racha (idem), o rompe-e-arrasa (the obstacle-brooker): Seu Joãozinho Bem-Bem (Mr. Joãozinho Bem-Bem).

Vemos que a tradutora americana tentou traduzir alguns dos apelidos, mas alguns outros, simplesmente, não foram traduzidos, enquanto mais outros não correspondem, exatamente, ao que se lê no TLP.

Na versão russa, foi usado outro procedimento: a tradutora desistiu de fazer qualquer tradução dos apelidos, encontrados no TLP, adotando uma série de cognomes que se usariam para “valentões”, na terra do *Misha* (nome carinhoso do urso, símbolo da Rússia). Assim temos:

[...] iz udal'tsov udaliéts, (dos valentes, o mais valente), iz khrabretsóv khrabriéts (dos bravos, o mais bravo), vsiém golovoriézam golovoriéz (de todos os capangas, o maior de todos), vsiém duchegúbam duchegúb (de todos os facínoras, o pior facínora), gróm sredí iásnovo niéba (trovão, no meio de um céu claro), otcháinnaia golová (“cabeça desesperada”), neustrachýmy (o destemido), nesso kruchýmyi (o invencível), neukrotímyi (o indomável), seu Joanzinho Tak-Tak.

Estes adjetivos, de fato, não têm nada em comum com o que se lê no TLP, como já se viu acima. “O arranca –toco, o treme-trem, o come-brasa, o pega à unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: seu Joãozinho Bem-Bem”, pois a tradutora usou os artifícios que existem na língua russa para designar um “fora-da-lei”, destemido e cruel.

Os adjetivos usados, na verdade, lembram termos, usados nas antigas “Bylínas” – em russo *Bylíny* – poemas sobre entes mitológicos e “semideuses” da antiga Rússia (séculos X-XIII), assim como nas canções folclóricas. A expressão *otcháinnaia golová* usa-se, também, *búinaia golová*, que significa “cabeça intranquã”, usada para referir-se a *Stepán (Stiénka) Rázin*, cossaco destemido do rio Don, bandoleiro e justiceiro do século XIV, celebrado em poemas e cânticos.

Quanto à palavra *golovoriéz* foi muitas vezes empregada pela tradutora russa para traduzir “capanga”, mas, literalmente, significa “corta-cabeça” (de *golová*, cabeça, e *riézat'*, cortar). Por sua vez, *duchegúb* teria um significado curioso, equivalente a “destruidor de almas” (de *duchá*, alma e *gubít'*, destruir, matar).

Vemos, portanto, que se trata de expressões consagradas na língua russa, que a tradutora decidiu usar porque expressariam melhor a idéia de “força” e “poder”, inerente ao personagem, do que se traduzisse, literalmente, os cognomes encontrados no TLP. O epíteto ou apelido do personagem (“Bem-Bem”) é equivalente a *Tak-Tak*, que significaria “Assim-Assim”, ou poderia ter um tom onomatopaico.

Em seguida, o narrador descreve o estado, em que se achava a população local, com uma série de antíteses: “O povo não se mexia, apavorado, com medo de fechar as portas, com medo de ficar na rua, com medo de falar e de ficar calado, *com medo de existir*”. Enquanto a tradutora inglesa, para o último sintagma, escreveu: *afraid to exist*, a tradutora russa fez uma inovação, com *dyshát’ i to boiális’*, isto é: “até com medo de respirar”. Diante desta situação, pode-se citar o ditado brasileiro, muito acertado: “Para morrer, basta estar vivo”, pois o temor diante da morte é universal.

Enquanto isto, Nhô Augusto, “que *vinha de vir* do mato” – uma locução verbal pertencente à da linguagem coloquial rural – foi correndo “ao encontro dos recém-chegados”. Apesar da observação cáustica do “bandido Flosino Capeta, um sujeito cabeça-de-canoa (*a canoe-shaped head*) que nunca se apartava do chefe”, Joãozinho Bem-Bem se interessou pela figura de Nhô Augusto, pelo seu “jeito de caminhar”. Flosino Capeta, no entanto, “caçou” (*said banteringly*) a respeito de Nhô Augusto, como se lê: “Que suplicante mais *estúrdio* será esse, que vem vindo ali, *feito sombração?*”. Em meio de formas da linguagem popular, como “feito” e “sombração” – esta com elipse da vogal inicial – destaca-se um adjetivo um tanto livresco, “estúrdio”. Houaiss apresenta o termo, como sinônimo de “esquisito”, derivado do substantivo “estúrdia” (esquisitice), possivelmente procedente do francês *étourderie* (estroinice). A versão inglesa é a seguinte: *Who can this frolicsome favor-seeker be, coming there looking like a spook?* – onde o adjetivo grifado significa “brincalhão, travesso”, tendo uma conotação mais positiva que “estúrdio”. Por sua vez, a utilização do termo “suplicante”, por parte de Flosino Capeta, mostra a prepotência deste representante do bando, que julga que qualquer habitante deste povoado só poderia se aproximar para pedir-lhes alguma coisa.

Na versão russa está omitida a expressão “cabeça-de-canoa”, que serviu para caracterizar fisicamente Flosino Capeta, ao invés disto, a tradutora preferiu traduzir o seu apelido “Capeta” por *Diávol* (isto é, “Diabo”) – sem tradução, na versão inglesa – acrescentando o aposto *viértki mályi*, onde *viértki* equivale a “ágil, destro”, enquanto *mályi* (literalmente “pequeno”) é um termo popular, que tem sentido de “rapaz”, ou “moço”, usado

de modo carinhoso¹⁹⁹. Assim, *Flosino Diávol* [...] *skazál nasmiéchlivo* (disse caçoando): – *Chto èto za tchiúutchelo nessoobráznoe tam maiátchit – ni dat’ ni vziát’ – prividiênie?!* (isto é, “que absurdo de *espantalho* é este que se avista ali – sem tirar nem botar – igual a uma assombração?”). Ao que Joãozinho Bem-Bem retruca: “– Não debocha, companheiro, que eu estou gostando do jeito deste homem caminhar!”. Na versão inglesa, lê-se: *Don’t scoff, friend, for the way that man walks pleases me*. Na versão russa, para “Não debocha”, usou-se uma expressão pitoresca e um pouco grosseira: *nié zuboskál’*, forma negativa do imperativo, 2ª. pessoa do singular, do verbo *zuboskálit’*, formado por aglutinação de *skálit’ zuby*, isto é, “arreganhar os dentes”, formando uma boa imagem visual da situação. Continuando, na versão russa, Joãozinho Bem-Bem fala: *mnié nrávitsa kak chagáiet étot tcheloviék* (isto é, “me agrada como caminha este homem”).

“Coisa mais custosa deste mundo” – raciocina Capeta, surpreso – seu patrão “se agradar de alguém ao primeiro olhar”. Em russo, “se agradar” está traduzido por *prichólisa pó duché*, isto é, “agradar à alma” ou “combinar espiritualmente”, portanto, um idiomatismo. Em inglês, também, aparece uma raseologia: *it was the most unusual thing in the world for Joãozinho Bem-Bem to take a fancy to a person at first sight*.

3.4.3.2 TLP, p.366; TLC-1, p. 285; TLC-2, p. 236-237

Nhô Augusto, para certificar-se de que este era o famoso Joãozinho Bem-Bem, “veio direto ao chefe, encarando-o firme e perguntando: “– O senhor, de sua graça, é que é mesmo o seu Joãozinho Bem-Bem, pois não é?” – de maneira educada. A versão russa transmite este tom de “permissão”, na pergunta: *S váchevo pozvoliênia, senhor, nié vy li búdiete seu Joanzin’o Bem-Bem?*. Isto é, “Com sua permissão, não será o senhor o ‘seu’ Joãozinho Bem-Bem?” – Foi usada a forma *vy*, isto é “vós”, sendo a tradução literal a seguinte: “Com vossa permissão, senhor, não sereis vós seu Joãozinho Bem-Bem?” – pois “senhor” foi tomado de empréstimo, como geralmente acontece para indicar a procedência luso-hispânica dos textos, tendo sido, também, tomado de empréstimo “seu”: deste modo o leitor russo teve que inferir, tratar-se, este último, de uma forma de tratamento. Foi-lhe respondido, de forma “cordial”: “– Para lhe servir, senhor”.

Quanto ao assunto da “cordialidade”, pode-ser citar uma palestra proferida na TVE sobre o filme do cineasta Roberto Santos, baseado no conto “A Hora e Vez de Augusto

¹⁹⁹ Cf. VÓINOVA.

Matraga”, por José Miguel Wisnik, professor de Literatura Brasileira da USP, assim como ensaísta e escritor, oportunidade em que – ao comentar o filme, assim como o conto – referiu-se à tradição de “cordialidade” do povo brasileiro, que estaria aí exemplificada, principalmente no seu desfecho.

Na verdade, há um pouco de “mito”, nisto. O povo brasileiro é, de fato, bastante cordial e – como foi observado por algumas turistas russas, ao visitarem a Bahia, as pessoas teriam uma ar de – *dobrejélátel’ny* (isto é, “benevolente”), digamos – simples, sem maldade.

Aqui no Nordeste, as pessoas parecem, de fato, estar menos “stressadas” que no Sul-Sudeste o país. Daí estarem, geralmente, de bom humor, sorrindo. O fator clima deve ter sua influência, pois em países frios, com pessoas encobertas de casacos de pele, há menos motivos para sorrir. Nessas regiões frias do planeta, onde se depende de agasalhos nas ruas, e de aquecimento nas casas, no inverno, as pessoas se mostram mais tristes, mais preocupadas. Quando o sol brilha e céu aparece todo azul – o humor das pessoas torna-se mais alegre, em qualquer lugar do mundo.

Outros especialistas atribuem a benevolência, a cordialidade, do brasileiro à mestiçagem com a raça negra, pois seus representantes teriam um caráter “bonachão”. Algumas pessoas acham que este traço da personalidade do negro é que acabou por torná-lo um alvo fácil para a escravidão, e que, por outro lado, o seu temperamento alegre é que, também, foi responsável de terem surgido, entre os afro-descendentes brasileiros, muitos talentos, tanto nas artes (música e dança) como nos esportes.

No mais, os seres humanos são, praticamente, iguais no mundo todo, pois sofrem das mesmas paixões e dos defeitos humanos, que são universais. Afinal, trata-se da mesma espécie: *homo-sapiens*.

Pode-se, no entanto, observar que a identidade do povo brasileiro ainda está “em formação”. Há pouco tempo, uma edição da conceituada revista *Isto É*²⁰⁰ – publicou um artigo – já vinha anunciado na sua capa, como “*A verdadeira cara do brasileiro – pesquisa inédita mostra quem somos e como agimos*”. O desenho da capa já, de início, é muito sugestivo, retrata um cidadão brasileiro, na figura de um “Mefistófeles”, que usaria uma máscara de “Santo”.

Como já foi dito acima, muita coisa é “mito”, afinal, o caráter de um povo vai mudando no decorrer dos séculos (a “infra-estrutura” influenciaria a “supra-estrutura”). Por exemplo, na Rússia czarista, um filósofo russo – num país que produziu, por assim dizer,

²⁰⁰ 9 nov. 2005, n.1882.

poucos filósofos – *Roerich* (um sobrenome de origem alemã) escreveu: *Byt' rússkim – èto byt' otkroviénnym* (isto é, “Ser russo é ser *sincero*”). Mas, algumas décadas depois (1930), após a revolução socialista, instalou-se o terrorismo de Estado, quando um amigo podia denunciar a outro amigo com uma única palavra, pronunciada sem refletir, ou qualquer insinuação de crítica para com o governo, poderia resultar em dezenas de anos em campos de trabalhos forçados na Sibéria, e até mesmo em fuzilamento. Pergunta-se: “para onde teria ido a propalada “sinceridade” do povo russo? – O que se observou ter acontecido foi, justamente, o contrário: certo enrijecimento no relacionamento entre as pessoas, tornando-se elas “mais formais” e “menos comunicativas”, por uma questão, até mesmo, de “sobrevivência”.

No Brasil, pode-se citar Mário de Andrade que ao escrever *Macunaíma* deu-lhe o subtítulo “um Herói, sem nenhum caráter”, onde o escritor modernista expõe as falhas do brasileiro daquela época. Na verdade, a este respeito pode-se dizer que se, por um lado, alguns vícios podem ser considerados uma herança colonial, por outro lado, a construção da “cidadania”, da “solidariedade” prossegue, sendo um processo constante – muito podendo ser feito com relação a qualquer povo, como se sabe, através da Educação de seus membros.

Assim, as circunstâncias determinariam o comportamento social que, muitas vezes, não passa de mera convenção. O fato de pessoas que mal acabaram de se conhecer – no Brasil ou em outros países – se cumprimentarem com beijos nas faces não indica, por exemplo, que sejam mais “solidárias”, pois, nunca se sabe como se comportarão num momento de penúria. Aliás, neste particular, pode-se atentar para o ditado inglês *A friend in need is a friend indeed!* – Assim, tanto a frieza, ou a cordialidade, muitas vezes podem ser apenas “superficiais”.

Voltando para o tema anterior, pode-se dizer que no programa da TVE que comentou o filme do cineasta Roberto Santos, citado acima, pode-se acrescentar que, na ocasião, o ensaísta e professor Wisnik citou Sérgio Buarque de Holanda que, em *Raízes do Brasil*, tratou – justamente – deste tema, no capítulo intitulado “O Homem Cordial”²⁰¹. No prefácio a *Raízes* Antônio Cândido comenta:

Formado nos quadros da estrutura familiar, o brasileiro recebeu o peso das “relações de simpatia”, que dificultam a incorporação normal a outros agrupamentos. Por isto, não acha agradáveis as relações impessoais, características do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal e afetivo.

²⁰¹ p. 1044 a 1055.

O predomínio da família “em seu molde tradicional” teria dificultado a formação de uma sociedade urbana de tipo moderno, escreve Sérgio Buarque de Holanda, tendo a urbanização criado um “desequilíbrio social”, com seus efeitos até os dias de hoje. A expressão “homem cordial”, por sua vez, teria sido tomada a Ribeiro Couto. Mais adiante, lemos: “O homem cordial não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente profundas, que se opõem ao ritualismo da polidez.”

As relações impessoais derivariam da “posição e da fundação do indivíduo”, a que o “homem cordial” se oporia. À “mentalidade cordial”, por sua vez, estariam ligados vários traços importantes, “tais como a sociabilidade apenas aparente”, como foi dito.

A cordialidade, estabelecida desde o primeiro encontro entre Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, prossegue por entre a narrativa, culminando no desfecho final do conto, quando do confronto derradeiro entre Joãozinho Bem-Bem, que – apesar do nome, representava o “Mal” – e Nhô Augusto, que representou o “Bem” com a vitória deste. Até nos derradeiros momentos de vida de ambos os personagens, coube a “cordialidade”, com palavras tais, como “mano velho”, “meu parente”, trocadas entre os dois rivais.

Pode-se, inclusive, dizer que estes são traços do “cavalheirismo” da cultura medieval, de que estava imbuído o herói medieval e que consiste no respeito pelo “oponente bravo” (o que irá ficar patente no final do conto, em pauta). Pode-se, também, mencionar que no filme *O Santo Guerreiro* do cineasta Glauber Rocha, o protagonista Zé das Mortes exclama: “Morro satisfeito, pois morro pela mão de um homem valente”.

Tendo se certificado que este era o famoso Joãozinho Bem-Bem, por quem, certamente tinha admiração, Nhô Augusto convida-o, pessoalmente, a “se arranchar” em sua casa. Assim lê-se: “*Apois*, se o senhor não se acanha de entrar em casa de pobre, eu *lhe* convido para passar mal e *se arranchar comigo*, enquanto for o tempo de querer ficar por aqui. E de armar sua rede debaixo do meu telhado, que vai me dar muita satisfação”.

Temos, grifados, dois exemplos de coloquialismos: “Apois”, assim com o “*lhe*” na função sintática de objeto direto, que se opõem ao português padrão. Quanto ao hábito de, ao convidar alguém, comentar que o hóspede irá “passar mal” é um costume tipicamente brasileiro, que denota modéstia ou até certa ironia. Nem todos os povos têm este costume. Os russos, por exemplo, dizem aos futuros hóspedes: *milósti próssim*, que é um convite e também significa “faça o obséquio”, ou, então, *dobro pojálovat*, isto é “bem-vindos”, podendo o convite ser acompanhado do ditado – uma espécie de desculpa ou justificativa – tal como: *tchem bogáty, tiém i rády* (isto é, “contentamo-nos com aquilo que temos”). É

comum, também, o próprio convidado querer defender ou justificar o pouco conforto que a casa do anfitrião possa oferecer, com a frase: *nié krasná isbá uglámi, a krasná pirogámi* – isto é, “O que embeleza uma casa não são seus cantos, e sim, suas iguarias”.

“Arranchar” é um termo muito usado entre povo do Nordeste, que ao se movimentar de um lugar para outro, costumava trocar entre si esta amabilidade: a de “se arranchar”, reciprocamente, um na casa do outro, talvez por haver uma falta absoluta de pousadas ou hotéis, naqueles pequenos povoados ou fazendas. O costume de deitar-se em redes teria sido herdado dos índios, e é muito comum no Nordeste, até hoje, talvez até por razões climáticas. “Armar sua rede” – dá a entender que o chefe, ao viajar, estaria transportando, consigo, a sua própria rede.

A tradutora americana escreveu: *Well, if the gentleman deigns to enter the home of a poor man, I invite you to be my guest during the time you are pleased to stay. And to hang your hammock under my roof, which will give me great satisfaction.* A forma verbal *deigns* (“se dignar”) mostra humildade no convite, mas, por outro lado, embora o tratamento *gentleman* denote mais formalidade do que o tratamento “senhor”, é o que se usaria, quando se quisesse ser educado. *Be my guest* é a expressão que geralmente se usa para convidar alguém a visitar, ou ficar em sua casa. Na tradução russa, lemos:

– Togdá, kóli nie **gnucháietes**’ vy jyl’ióm bedniaká, priglacháiu vas v mói **ubógui** dom i za skúdny svoi stol na vsió to vriêmia, kakóie ugódno vam zdiês’ probýt’. I iêslí podviéssite vy svoi gamák u meniá pod króvlei, dostávite mnié velíkuu rádst’!.

Em retroversão, tem-se:

Então, se V.Sa.(leia-se “vós”) não desdenhar a moradia de um pobretão, estou convidando-o para dentro da minha pobre casa (literalmente “casa miserável”) e para participar da minha escassa mesa, por todo o tempo, em que lhe convier por aqui ficar. E se o senhor pendurar a sua rede embaixo do meu teto, haverá de proporcionar-me uma enorme alegria !.

A tradutora russa tentou, ao máximo, transmitir o tom de humildade e modéstia, assim como hospitalidade e cordialidade, do TLP, mas sem usar alguma expressão equivalente a “passar mal”, embora possa ter transmitido isto, indiretamente, através das palavras *kóli nié gnucháietes*’ vy, isto é, “se o senhor não *desdenha*) e referindo-se à moradia de Nhô Augusto, com o *ubógui dom* (isto é, “miserável casa”).

No trecho citado acima, o pronome pessoal usado foi *vy* (vós), com o que fica difícil haver uma correspondência total: tanto poderá significar “Vossa Senhoria”, como “o senhor” ou “a senhora”, “vós” (atualmente, somente usado em Portugal, ou na linguagem bíblica, religiosa) e mesmo, “você”, que deriva – como todos sabem – de “Vossa Mercê”. Nota-se que houve algumas adaptações, na tradução russa, para que o leitor pudesse, mais facilmente, captar a mensagem, conforme entendida pela tradutora do TLP.

Joãozinho Bem-Bem agradece pelo convite feito à sua pessoa, mas sugere que o “povinho assustado” hospede o resto do seu bando. Como Nhô Augusto (a partir daí, “mano velho”) faz o convite para hospedar a todos, Joãozinho Bem-Bem agradece com as palavras: “– Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!” Como agradecem, geralmente, aqueles que recebem uma esmola. Em russo, para “mano velho”, usou-se o termo popular *stariná*, que além de significar “velhice”, também pode ser usado como apelido para uma pessoa idosa (Vóinova apresenta, para este termo, “meu velho”). Perde-se, no entanto, o senso de irmandade, incluso em “mano”, do TLP.

A ordem, daí por diante, é manter a paz, sem “espantar os moradores do lugar”, sem brincar com as armas “à toa” – como sugere o chefe a um de seus subordinados, ao vê-lo brincar com a sua *winchester*. Temos expressões interessantes na versão inglesa, referentes a este trecho, como: *who was fidgeting with his Winchester* (tradução de “que mexia com a *winchester*”), e *I want none of that monkey business of firing off shots* (para “eu não quero essa macaquice de dar tiro à toa [...]”) – que denotam o uso da fala coloquial, popular. Em russo, tem-se: *ostáv’ orújie v pokóie, priátel’, iá ujé govovil, chto nié liubliú, kógdá chútki rádi paliát kudá popálo, chtóby potiéchitsa ispúgom jýtelei*. Em retroversão: “Deixe a arma em paz, companheiro, eu já falei que não gosto quando, por brincadeira, começam a atirar para qualquer lugar, só para alegrar-se com o medo dos moradores!”. Adiante lemos: “E aí, o casal de pretos, em grande susto, *teve de se afanar, num corre-corre* de depenar galinhas, matar leitoa, procurar ovos e fazer doces”. A propósito, é-nos mais conhecido o termo “afanar”, (proveniente de ‘afã’) no sentido de “roubar, furtar”, bem informal, conforme apresenta Houaiss, na sua 3ª. acepção do termo. No entanto, significa, antes de tudo, “trabalhar com *afã*”. O trecho grifado foi traduzido, em inglês, por: *had to hurry, in a brisk bustle*.

Nhô Augusto, por sua vez, também foi “buscar ajuda para tratar dos cavalos”, assim como “andou de casa em casa, arrecadando aluá, frutas, quitandas, fumo cheiroso, muita cachaça, e tudo o mais que de mais fino houvesse, para os convidados”. Temos, aí,

uma enumeração de termos regionais, que, geralmente, apresentam certa dificuldade para o tradutor.

Assim, para “aluá”, em inglês, temos *pineapple cider*, uma tradução bastante adequada, pois mostra a procedência da bebida. Em russo, foi tomado de empréstimo o termo “aluá”, com uma nota de pé-de-página, a saber (em retroversão): “Aluá – uma bebida, preparada de farinha de milho ou de arroz, fermentada com açúcar em potes de barro” (TLC, p.237).

Para “quitandas”, há dois termos, em inglês: *cakes*, *cookies*. Já, em russo, está traduzido por *domáchnimi petchiêniami* (“com biscoitos caseiros”). Houaiss, além da acepção costumeira de “quitanda” (2. pequeno estabelecimento comercial; tenda”; e “6. tabuleiro onde o quitandeiro carrega hortaliças, frutas, ovos, etc.”), traz também: “7. conjunto de iguarias doces e salgadas, feitas com massa de farinha; pastelaria”. Seria proveniente do quimbundo, idioma africano²⁰².

No que se refere ao termo “cachaça, Harriet de Onís comete o mesmo equívoco em que incorreram outros tradutores americanos: houve uma “domesticação” do termo, por não haver uma correspondência perfeita, ou este não ser um produto conhecido dos americanos, como se trata do “rum”²⁰³. Na versão russa, está transliterado o termo “cachaça”, para o alfabeto cirílico, supondo-se que o leitor possa inferir do contexto o seu sentido, ou já esteja familiarizado com o termo, de outras leituras de autores brasileiros.

Tão bem servidos, os convidados “não topavam atinar” (*could not fathom*) o motivo de tantas “atenções, quase de carinhos”. Repousaram, em seguida, nas suas redes, mas acompanhados, “cada qual com o complicado arsenal bem ao alcance da mãe” (*each with his assorted arsenal within easy reach of his hand*). Portanto, em estado de alerta (ou “de prontidão”).

3.4.3.3 TLP, p.367; TLC-1, p. 286-287; TLC-2, p. 237-238

Joãozinho Bem-Bem conta a Nhô Augusto – naquele momento – que está ali “de passagem” (*in transit*), pois estava dirigindo-se para o sul, para o arraial das Taquaras, para defender, a chamado, um fazendeiro amigo seu, atacado por outro fazendeiro, “mandão” (*overbearing*), da região. Em russo, o TLP “um mandão fazendeiro” foi traduzido por *támochni zapravíla* (isto é, “mandatário” ou “manda-chuva local”), sendo este último, um

²⁰² Cf. HOUAISS.

²⁰³ Cf. BELOV, 2000, p.17-19.

termo, pertencente à linguagem popular, segundo Vóinova (e derivado de *zapravliát'*: “dirigir, ser mandão; mandar e desmandar”)

Este fazendeiro, apesar de ter pedido reforço de “três tropas de serranos” – comenta Flosino Capeta – não seria páreo para o bando, pois: “é só a gente chegar lá, para não se ver ninguém mais. Eles têm que “dar o beijo e cair o cacho, seu moço”. A versão inglesa traz uma expressão semelhante: [...] *it's just a matter of us getting there for the whole lot to clear out, slack-lipped and heads hanging, young sir*. Em russo, usou-se outro idiomatismo, de cunho popular: *No stóit nam pokazátsa, – vsié prótchie jývo prismeriêiut. Pridiótsa im podját' khvostý, drujýsche* (em retroversão: “Mas basta que a gente apareça, – e todos os demais ficarão, logo, mansos. *Eles vão ter que enfiar* – literalmente: “apertar” – *o rabo entre as pernas, amigo!*”) – esta última expressão, usada para alguém que tem de admitir sua derrota e submeter-se ao vencedor.

“Mas a gente nem pode mais ter o gosto de brigar, porque o pessoal não aparece” – continua Flosino – “no falar de entrar no meio o seu Joãozinho Bem-Bem”([...] *when they hear that Mr. Joãozinho Bem-Bem is getting into the fray*). Em russo: [...] *potomú chto tam, gdié poiávitsa seu Joãozinho Tak-Tak, drugúm diélat' niétchevo* (isto é, “porque lá, onde aparece o seu Joãozinho Bem-Bem, os outros não têm mais o que fazer”).

Nhô Augusto olha para tudo com olhos “que nunca ninguém tinha visto tão grandes nem tão redondos, mostrando todo o branco ao redor, isto é, com “olhos arregalados”. A tradutora inglesa optou por usar linguagem conotativa: *Nhô Augusto drank in everything with his eyes, which nobody had ever seen so big and so round, showing all the white* (TLC, p.287). Seu Joãozinho ria um riso descansado” (em inglês *laughed an untroubled laugh*), e os outros, que o circundavam, riam, “obedientes”. Na versão russa, tem-se: *Nhô Augusto perezodíl glazá s odnovó na drugóvo, i do tovó oni raschýrilis' i okruglilis', chto viês' bielók byl na vidú. Seu Joãozinho Tak-Tak posmiêivalsa bezmiatiéjnym smiechkóm, i vsié, okrujýv ievó, tóje poslúchno posmieiális'*. Em retroversão temos:

Nhô Augusto ficava transferindo os olhos de um para o outro, e eles tinham se alargado e arredondado a tal ponto, que todo o branco do olho estava à vista. Seu Joãozinho Bem-Bem ficava rindo com seu risinho tranqüilo e todos, que estavam à sua volta, também riam, em sinal de obediência.

Se compararmos esta retroversão ao TLP, vemos como ela se distancia do mesmo – o que comprova, mais uma vez, a impossibilidade de uma tradução totalmente “fiel” ao original.

Em seguida, Joãozinho Bem-Bem passa a falar dos arroteios que seu bando teve que dar: “Nosso caminho era outro. Mas de uma banda do rio tinha a maleita (*there is malaria*), e da outra está reinando a bexiga brava (*an epidemic of smallpox*)”. “Maleita e “bexiga” são termos populares para “malária” e “varíola” ou “varicela”²⁰⁴. Havia, também, a “soldadesca, que vem lá da Diamantina” – “Por isso a gente deu tanta volta” – concluiu.

Se numa margem do rio, havia as enfermidades – nas palavras de Bem-Bem, na outra, havia a “soldadesca” (*soldiery*) que era preciso evitar. Quanto a isto podemos dizer que – como outros bandos do sertão (o mais famoso de todos tendo sido o de Lampião) – este, também, sempre evitava confrontar-se com as tropas estaduais e federais, a que Joãozinho Bem-Bem referiu-se, como “soldadesca” (e que os “cabras” de Lampião costumavam chamar de “volante”). Como, também acontecia com o bando de Virgulino, Lampião, os membros de outros bando se “arranchavam”, hospedados e alimentados pela população, a quem – acreditava-se – estariam “protegendo” contra as injustiças, por parte dos poderosos.

Na versão russa, usou-se o termo *likhorádka* para “maleita (o termo russo, segundo Vóinova, tem várias acepções, desde “febre” até “impaludismo”, sendo geralmente precedido o termo por um modificador para se saber de que tipo de febre se trata), e *tchiórnaia óspa* (para “bexiga brava”), sendo o termo russo nada mais que “varíola”, geralmente usado sem o modificador. Para “soldadesca”, a tradutora encontrou um termo de sentido coletivo, um tanto depreciativo *soldatniá*. Para dar um tom de linguagem popular, o parágrafo termina com a frase [...] *Vót my i dáli takóvo kriúka* (para o TLP “Por isso a gente deu tanta volta”), sendo que *kriúk* significa, “gancho”, formando-se aí uma expressão idiomática que equivale ao sentido do TLP.

Em seguida, conta o narrador: “Os pretos trouxeram *a janta*, para o meio do pátio. Era um banquete”. O anfitrião, Nhô Augusto, como pessoa temente a Deus, “fez o sinal da cruz e rezou alto”. Como o bando o acompanhou na reza, Nhô Augusto “deu mostras de exultar”. (*gave sings of rejoycing*). Vemos uma mistura de termos populares (“a janta”) e mais rebuscados, como “exultar”.

Na versão russa, usou-se o termo *likhorádka* para “maleita” (o termo russo segundo Vóinova, tem várias acepções, desde “febre” até “impaludismo”, sendo geralmente precedido o termo por um modificador para se saber de que tipo de febre se trata), e *tchiórnaia óspa* para “bexiga brava”, sendo o termo russo nada mais que “varíola”, geralmente usado sem o modificador. Para “soldadesca”, a tradutora russa encontrou um

²⁰⁴ Cf. HOUAISS.

termo de sentido coletivo, um tanto depreciativo *soldatniá*. Para dar um tom de linguagem popular, o parágrafo termina com a frase *Vót my i dáli takóvo kriúka* (para o TLP “Por isso a gente deu tanta volta”), sendo que *kriúk* significa, “gancho”, formando-se aí uma expressão idiomática que equivale ao sentido do TLP.

Seu Joãozinho Bem-Bem sugere que o “mano velho”, Nhô Augusto, sente-se ao seu lado, e indaga: “Mas, que é que o senhor está gostando tanto assim de apreciar? Ah, é o Tim? Isso é *morrinha de quartel*. Ele é *reiúno* (Na versão inglesa: *he stinks of barracks. He’s an army issue*)”.

Temos aqui os termos regionalistas, sendo o primeiro expresso no sentido conotativo. O primeiro termo, segundo o LGR, significa, no sentido denotativo, “cheiro, catinga, fedor exalado por pessoa ou animal”, mas sendo usado no TLP como uma “expressão metonímica”, significa “ex-soldado que adquirira o cheiro, a marca do quartel”, sendo, neste caso, “uma expressão pejorativa”²⁰⁵. Quanto a “reiúno”, segundo Houaiss, é algo que é “fornecido pelo Estado, especialmente pelo exército, para uso dos soldados”, tendo também adquirido a acepção de “de baixa qualidade ou condição, ordinário ou ruim”²⁰⁶.

Na versão russa, usou-se uma linguagem com sentido conotativo, mas não tão pejorativa, como no TLP: *Kto èto vam tak priglianúlsa? Agá, nach Tim? On u nas arméiskaia kóstotchka. Niukhnul kazármý*. Em retroversão: “Quem é que o senhor está admirando tanto? Ah, sim, é o nosso Tim?. Ele é nosso *carocinho do exército*. Cheirando a quartel”. Na verdade a tradução literal de *Niúkhnul kazarmý* é “Deu um cheiro no – ou “cheirou o ” – quartel”, isto é, “teve uma passagem breve pelo quartel”, “chegou perto, a ponto de sentir o cheiro, experimentar” (partindo do idiomatismo com o verbo *niúkhhat’* no sentido de “experimentar”. Assim, quando pensamos que o significado do TLP foi transmitido “na íntegra”, o que acontece é a expressão da idéia, apenas, superficialmente, com uso de outros termos, que não correspondem, exatamente, ao TLP. Como já foi dito antes, uma tradução “exata”, quase nunca é possível, tanto pela diversidade lingüística, como cultural.

3.4.3.4 TLP, p.368; TLC-1, p. 287-288; TLC-2, p. 238-239

O apelido de Tim, o “reiúno” era, na verdade – continua o narrador, “Tim Tatu-tá-ta-vendo”, sendo ele um “desertor do Exército e de três milícias estaduais, e que, por isso

²⁰⁵ Cf. LGR.

²⁰⁶ Cf. HOUAISS.

mesmo e sem querer, caminhava marchando e, para falar com alguém, se botava de sentido, em estricção posição”.

Quanto ao apelido de “Tim”, temos na versão inglesa, algo que lembra uma tradução literal: *Tim Tatu’s-looking-at-you*, enquanto no russo, esta expressão foi substituída pelo adjetivo *Vostroglázy*, isto é, “(alguém) de olhar agudo”.

Nhô Augusto pergunta a seu Joãozinho Bem-Bem, se o seu bando – a que chama de “guarda guerreira” – já o acompanhava há bastante tempo. Continua o narrador: “O chefe acertou a *sujigola* (*chinstrap*) e tossiu, para responder:

– Alguns. É tudo gente limpa. Mocarongo eu não aceito comigo (I have no room for **backwoods trash**)!. Homem que atira de trás do toco não me serve. Gente minha só mata as mortes que eu mando, e morte que eu mando é só morte legal!.

Além de termos regionalistas (“sujigola”, “mocarongo”), temos aí, também, figuras de linguagem (pleonasma em: “mata as mortes”) e expressão idiomática da linguagem popular (“de trás do toco”).

Neste particular, podemos citar a correspondência travada entre Guimarães Rosa e a tradutora americana Harriet de Onís, onde – para “mocarongo” – se encontra, além de “caipira”, “(também às vezes) assassino por dinheiro, o que mata à traição ou de tocaia”, como aliás se lê no TLP²⁰⁷.

Quanto ao outro termo, isto é, “sujigola”, embora pareça uma corruptela de “ciscgola” ou siggola”, o LGR o apresenta a última variante como “forma haplológica” – isto é, com supressão de um sílaba no interior da palavra, segundo Houaiss – da primeira, tendo como significado: “tira de couro que prende o chapéu ao pescoço” – e seria também usado para designar “uma das peças dos arreios de cavalos”, mais precisamente: “correia da cabeçada que passa por sob o queixo do animal”²⁰⁸. Na versão russa, lê-se: *Koe-cto davnó. Vsié liúdi poriádotchnye. Derevénschiny mnié nié nado! I takíkh, chto streliáiu iz-za uglá, nié prinimáiu ...Moí liúdi ubiváiu tól’ko tiékh, kovó ia prigovoriú, a iêslí ia kovó pirgovoriú, to tól’ko por spravedlívosti!*. Em retroversão, temos: “Alguns há muito tempo. São todos gente decente. De gente caipira não preciso! E não aceito aqueles que atiram de trás da esquina ...Meu pessoal só mata aqueles que eu condeno, e se eu condeno alguém, é porque é por justiça!”.

²⁰⁷ AGR Cor.IEB in LGR.

²⁰⁸ Cf. LGR.

A palavra “mocorongo” foi traduzida por um coletivo, depreciativo, *dereviénschina*, isto é “gente da aldeia” (*deriévnia*), enquanto “atirar de trás do toco” equivale, em russo, a “atirar de trás da esquina”, tendo a mesma conotação de “não atirar de frente”, mas de maneira “escondida”.

Com estas palavras, proferidas por seu Joãozinho Bem-Bem, Nhô Augusto se emociona e exclama, exaltado, quase blasfemando: na sua linguagem rural e coloquial, como se lê a seguir: “– Epa, ferro!” (em inglês, temos: *Hurrah*, de cunho menos “popular”, enquanto no russo – *èto líkho!* – uma expressão que causa admiração, que em retroversão equivale, aproximadamente, a “que audácia!”, ou “que bacana !”).

Continua seu Joãozinho Bem-Bem, descrevendo vários elementos do bando, segundo suas características ou procedência, sendo todos eles, apesar de tudo, “povo *sarado* e escovado”, (*a clean, well-brushed crew*), onde “sarado” pertence à área da gíria, ausente em *clean* termo do inglês padrão. Em russo, tem-se: *Molodtsý odín k odnomú, utchiónyie i muchtróvannyie...* (em retroversão: “Eles são ‘formidáveis’, um atrás do outro, escolados e treinados”). Mesmo sem deixar de comentar que este seu “povo”, mesmo assim, lhe estaria dando “trabalho”, seu Joãozinho Bem-Bem vai apresentando os representantes do seu bando, ou por grupo, segundo a procedência, ou individualmente, dando-lhes, a cada um, uma característica: “[...] Este aqui é *baiano*, fala mestre” – *A Bahian with a tongue that is hung in the middle and swings at both ends* – uma verdadeira paráfrase, se compararmos com o TLP. “Cabeça chata (*Flat-Head*) é outro” – continua Bem-Bem – “porque eles avançam antes da hora (*always wanting to jump the gun*). Aqui a tradutora americana explicitou o que apenas estava implícito no TLP:

Não é gente fácil ... Nem goiano, porque não é andejo (Northese from Goiás, for they are not **given to roving** – outra paráfrase). E nem mineiro, porque eles andam sempre com a raiva fora-de-hora (who always get mad at the wrong time) e não gostam de parar mais, quando começam a brigar...Mas, pessoal igual ao meu, não tem!.

Em russo, lê-se:

No mnié s ními vozní khvatáiet. Ètot **urojéniets Baíi**, liubit pokomándovat’ ...Tot **iz Cearý**, torópitsa priéjdie vriêmeni...Nieprostýie rebiáta...Ili vziát’ parniêi iz chtáta **Goiás**: nie liúbiat trógatsa s miésta... A urojéntsý **Minas Gerais** tié viétchno besnúiutsa nekstáti, a ièslí zatêiut dráku, nie ostonóvich...! No takíkh, kak u meniá, poiskát’!.

Em retroversão:

Mas não me falta trabalho com eles! Este daqui é nascido na Bahia! – gosta de mandar... Aquele é do Ceará, sempre se apressa antes da hora... Rapaziada indecente...Ou se eu tomar aqueles moços do estado de Goiás: eles não gostam de se movimentar ... Enquanto os nativos de Minas Gerais – estes sempre estão com raiva fora de hora, e quando começam uma briga não dá para fazê-los parar! Mas você pode procurar gente como a minha (que não encontra)!

Vê-se que a versão russa é apenas “aproximada” pela impossibilidade, como se sabe, de se fazer uma tradução “exata”. Observamos, por exemplo, a omissão da expressão “cabeça-chata”, enquanto o apelido “fala mestre” foi substituído por uma paráfrase, isto é: “gosta de mandar”.

Quanto ao trecho acima, pode-se entrever, nas palavras de seu Joãozinho Bem-Bem, a grande experiência que era inerente ao escritor João Guimarães Rosa com referência ao povo do sertão – o que lhe permitiu fazer as observações acima – na fala do narrador que se refere a três estados brasileiros, citando certas características de seus representantes, sem contar os “cabeça-chata” (uma possível referência aos “cearenses”).

Indagado se era, também, *mineiro* – como o próprio Nhô Augusto, assim como o autor de *Sagarana* – seu Joãozinho Bem-Bem confirma: “– Isso sim, que eu sou...Sou da beira do rio.(*That I am...From alongside the river*). Sei lá de onde é que eu sou?”– aproveitando para elogiar “a janta” (que em russo está traduzido por *ugoschiênie*, isto é, “aquilo que é servido, em se sendo hóspede ou visita”), que é “de primeira” e que estava boa “até de regalo” (*Your dinner is first class, a real treat*), que está vertido para o russo com um idiomatismo, a saber: *páltchiki oblíjeh* (isto é, “você chega a lambar os dedinhos”), mas, como andava com certos problemas de saúde (“[...] mas eu ando muito *escandecido* e meu estômago não presta pra mais [...]”) – prefere encomendar outro alimento, como se lê :

[...].Se for coisa de pouco incômodo, o que eu queria era que o senhor mandasse aprontar para mim uma *jacuba* quente, com rapadura bem preta (*with brown sugar*) e farinha bem fina (*fine...ground meal*), e com umas folhinhas de laranja-da-terra no meio...Será que pode?.

Novamente, vemos termos regionalistas de iguarias.

Após ter pedido que “mano velho” não o levasse a mal no que iria pedir (*don't take amiss what I am going to ask of you*), tem-se, na versão inglesa:

But my **innards** are in bad shape, and my stomach isn't up to much. If it's not a lot of trouble, what I would like would be for you to ask them to prepare me some hot **manioc gruel**, with brown sugar and fine-ground meal, a few sour orange leaves in it. Would it be possible?.

Vêm-se as soluções “aproximadas”, encontradas pela tradutora americana, para termos referentes à cultura brasileira, em geral, os regionalistas.

Quanto a estes termos, podemos comentar que Houaiss apresenta para “escandecido”: “1. transformado em brasa ;2. que se avermelhou:corado; 3. que se tornou ardente, inflamado” e como regionalismo mineiro: 5. *B.S.MG infirm* que padece de constipação intestinal”, sendo particípio passado de “escandecer”, que se origina do latim *escandecere*, incendiar-se, abrasar-se;inflamar-se, etc”²⁰⁹. Assim “ando muito *escandecido*” foi traduzido, de uma maneira “generalista”, por *my innards are in a bad shape*, (isto é, “minhas vísceras estão em mau estado”), dando-nos uma idéia geral da má saúde (supõe-se, “abdominal”) do personagem: o que não deixou de ser uma boa solução, enquanto *innards* pertence, também, à linguagem “informal”²¹⁰.

Na versão russa, lê-se simplesmente, a este respeito: [...] *no jelúdok u meniá plókho várit* (isto é, “meu estômago digere mal”), sendo *várit* (literalmente “cozinha”), também, “coloquial”, pois no padrão dir-se-ia *perevárivaet* (isto é “digere”).

Quanto a “jacuba”, o LRG apresenta o termo como “Refresco ou pirão feito com água, farinha de mandioca, açúcar ou mel e por vezes temperado com cachaça.// Brás.region. pop.”²¹¹. Enquanto fora traduzido na versão inglesa por *manioc gruel*, já na versão russa, o termo foi tomado de empréstimo, sendo acompanhado de uma nota de pé-de-página, a saber: “1)Jakúba – bebida preparada de água, farinha de mandioca e de açúcar de cana-de-açúcar , não-refinado, ou mel, às vezes com adição de cachaça”. (TLC, p .238)

Enquanto isso, como solução para “rapadura bem preta” – traduzido por *with brown sugar* na versão inglesa, como se vê acima, está na versão russa, como *da chtóby sákhar byl potemniêe* (isto é, “e que o açúcar seja bem escuro”). Vê-se, portanto, que o tradutor pode usar de paráfrase, quando não há correspondência na língua de chegada, ou valer-se de nota de pé-de-página, como foi feito acima.

Com esta solicitação por parte do hóspede, podemos dizer que Nhô Augusto, prontamente, atende seu pedido. “Enquanto isso” – continua o narrador – “os outros

²⁰⁹ Cf. HOUAISS.

²¹⁰ CF. HERITAGE, que apresenta para *innards*: “*pl. n. informal. 1. Internal bodily organs; viscera. 2. any inner parts: variant of INWARDS.*”

²¹¹ Cf. LRG.

devoravam, com muita *esganação* e lembrança”. (*While this was taking place, the others were gobbling the food, with great appetite and many compliments*). Na versão russa, temos um idiomatismo: *Tiém vriêmeniem, ostal’nyé upletáli za obe schióki i s udovól’stvíem* (isto é, “enquanto isto, os restantes devoraram, usando as duas bochechas, e com prazer”), o que se diz quando alguém come muito vorazmente.

Continua o narrador: “E, quando Nhô Augusto chegou com a *jacuba*, interpelou-o Zeferino, que multiplicava as sílabas [...]”. Pode-se dizer que, enquanto na versão inglesa, lê-se neste contexto: *who multiplied his syllables*, em russo não foi usado o verbo multiplicar, a saber: *kotóryiu kájdyi slog povtorial pó niéskol’ko raz* (isto é, “que repetia cada sílaba por várias vezes”) – o que mais uma vez prova que a tradução literal – se, algumas podem ocorrer por uma simples coincidência – na maior parte das vezes, além de indesejável, é, simplesmente, “impossível” (se a língua de chegada não admite uma determinada construção).

3.4.3.5 TLP, p.369; TLC-1, p. 288-289; TLC-2, p. 239-240

Assim, “Zeferino, que multiplicava as sílabas” – como foi visto acima – continua o narrador:

[...] com esforço (painfully) como tartamudo teimoso”(like the obstinate **stammerer** he was), jogava a cabeça para trás, a cada sílaba, observou diante de Nhô Augusto que faltariam – segundo ele – duas iguarias ‘das mais principais’, isto é, “[...] o m’molho de sa-mam-báia (f-f-fern sauce) e a so-p-p’pa- da c’c’anjiquinha! (corn pudding).

Certamente, para os habitantes metropolitanos, dois itens exóticos! Em russo, o termo “samambaia” foi tomado de empréstimo, sem nota de pé-de-página, o mesmo ocorrendo com “canjiquinha”, confiando na capacidade de intuição do leitor, ou por achar de pouca importância, entrar em detalhes, neste caso.

Nhô Augusto não atenta para esta observação e sim, para a gagueira de Zeferino que, certamente, não devia gaguejar no gatilho. Continua a fala de Nhô Augusto, com os seus regionalismos e linguagem popular: “– Eu garanto que, na hora da *zoeira*, **tu** no *pinguelo* não **gagueja!**”. Em inglês: *I’d bewilling to bet that when the shooting starts you don’t halt or stammer on the trigger*”. Em russo, tem-se: *Mogú porutchítsa, chto, kogdá doidiót do potassóvki, ty spústich kurók biez zamínki* (isto é, “Posso garantir que, na hora da *contenda*, você baixa o cano da espingarda, *sem vacilar*”), vendo-se aí, também, o uso de linguagem popular, coloquial, resultando em quase uma rima (entre as duas palavras grifadas).

Vê-se que não houve uso de regionalismos, nem de termos populares que correspondessem, no inglês, a “zoeira” ou “pinguelo”, tendo eles sido substituídos por termos do inglês padrão – (*shooting*”, isto é, “tiroteio”, e *trigger*, isto é, “gatilho”). Enquanto isto, em russo, nem foi usado o termo “gatilho”, tendo sido mudada a frase, como se vê acima.

Percebe-se que, além dos termos regionalistas, mencionados acima, temos a concordância verbal, de cunho popular, do “tu” (2ª pes. sing.) com a forma verbal (“gagueja”), conjugada na 3ª. pes. do singular (o que, antigamente, se costumava chamar de “agramaticalidade”). Ao ouvir estas palavras de Nhô Augusto, referentes ao “tartamudo” Zeferino, Joãozinho Bem-Bem, prontamente, acrescenta: “Que nada! – [...] Isto é cabra macho e *remacheado*, que dá pulo em cruz [...]”. Vê-se, novamente um termo popular, regionalista “remacheado”, além de uma expressão popular, ou melhor: “que dá pulo em cruz”. Em inglês, tem-se: *He sure doesn't – [...] That's a tough, tough customer who cuts a figure 8 when he jumps*. Vê-se que a tradutora americana, para obter o efeito, causado por “remacheado”, teve que repetir o modificador *tough*. Ela, também, se depara diante da dificuldade de traduzir o regionalismo “cabra” (em “cabra macho”). O termo *customer* não nos transmite a idéia de “macheza” que está presente no TLP, nem possui qualquer cunho “regionalista”.

Quanto à expressão idiomática (“que dá pulo em cruz [...]”), Harriet de Onís encontrou uma equivalência, em outra expressão da língua inglesa, semanticamente semelhante. Porém, se a expressão em língua portuguesa mostra “destemor”, no pulo, até diante de “coisas sagradas” (“cruz”), a expressão de língua inglesa denota maestria no pulo, que pode até ser interpretada – por causa da forma geométrica do algarismo “8” – como uma alusão a um certo “jogo de cintura” ou, até mesmo, à “ginga” (*cuts a figure 8 when he jumps*).

Em russo, o termo “cabra” foi traduzido por *metís* (termo este derivado do francês, *metis*, isto é, “mestiço”), tendo-se evitado qualquer referência a “cruz”, e sem uso de idiomatismo, neste contexto, como no inglês. Assim, lê-se: – *Biez visákoi! – podderjál seu Joãozinho Bem-Bem. – Ètot metís – mály nié prómakh, diélo svoió znáiet i ieschió ak!* (em retroversão, temos: “Que nada! – apoiou seu Joãozinho Bem-Bem – este mestiço é um rapaz (literalmente, “pequeno”) esperto, conhece seu ofício, e como!”). Embora não haja nenhuma referência ao pulo que Zeferino era capaz de dar, temos em *maly nie promákh* – “rapaz esperto”, segundo Vóinova, uma linguagem popular, onde *promákh* significa “tiro perdido” (portanto, *nié promákh* seria “aquele que não dá tiro perdido”), contribuindo para uma imagem visual, na narrativa.

A atenção de Nhô Augusto, porém, já se dirige para outros dois membros do bando, cada qual com a sua qualidade. Assim, continua o narrador: “Já Nhô Augusto, incansável, sem querer desperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato, enorme, de musculatura *embatumada*, de *bicipitalidade* maciça”.

De um lado, Nhô Augusto a examinar “os bíceps”, desenvolvidos, do mulato Epifânio (“bicipitalidade” seria, neste caso, mais um neologismo de Guimarães Rosa que nós entendemos como “a condição do desenvolvimento dos bíceps”, no caso “maciça”. E do outro lado, a vivacidade e agilidade de *Juruminho* – “caboclo franzino, vivo no menor movimento (*whose every movement was alert*), ágil até no manejo do garfo (*agile even in the use of his fork*), que em sua mão *ia e vinha como agulha de coser*. Vê-se, aí, uma figura de linguagem: a comparação, usada por Guimarães (entre a “mão” do bandido” e uma “agulha de coser”).

Na versão inglesa, a “agulha de coser” transforma-se em *sewing-machine needle* (“agulha e máquina de coser”), mas que se encaixa bem na frase *which in his hand came and went like a sewing-machine needle*. A isso se pode chamar de “criatividade” por parte do tradutor, de quem não se espera mais, hoje em dia, que, no TLC, ele venha produzir uma “cópia fiel” do TLP – mesmo porque isto não seria possível, também, segundo os princípios do Desconstrutivismo que defende a teoria do “significado flutuante”, aliás, já foi mencionado neste trabalho.

Quanto à “bicipitalidade maciça” de Epifânio, na versão russa, temos, simplesmente, o correspondente a “poderosos bíceps”. Assim, lê-se:

A Nhô Augusto, nenassýtny, nie jelál nitchevó upúskát', ujé oschiúpyval **mýchtsy** Epifânio, ogrómnovo mulata s **mogúchimi bísseptsami**, s múskulistoi grúdiu, zaróschei kurtchávyimi volossámi. Potóm povernúlsa k Juruminho, khrúpkomu **caboclo**, (1), tch'íá jývost' skázyvalas' v malêichem dvijên'e, a provórstvo – dáje v tom, kak on orúdoval vílkoj, kotóraia u nievó v rukié mel'kala, kak chviêinaia iglá.

Isto é:

Mas Nhô Augusto, insaciável, não desejava perder nada, já apalpando os músculos de *Epifânio*, um enorme mulato com uns poderosos bíceps, com um peito musculoso, coberto de pelos cacheados . Depois disso, ele se voltou para *Juruminho*, um caboclo frágil, cuja vivacidade se manifestava no menor movimento, enquanto a destreza já se via no modo como este manejava o garfo que, na sua mão, faiscava como agulha de coser.

Vê-se quantas coisas foram mudadas pela tradutora russa. Foram introduzidos aspectos que são inexistentes no TLP, como por exemplo, “um peito musculoso, coberto de

pelos cacheados” – uma total criação de Ye Koss. Quanto ao termo “caboclo”, este termo foi tomado de empréstimo, acompanhado de nota-de-pé de pagina – como sempre acontece na versão russa, quando ocorre um empréstimo – que diz: “(1) *Kaboklo – metís ot bráka indianki i biélovo* (“Caboclo – mestiço da união – literalmente, “casamento” – de uma índia com um branco”). (TLC, p.239).

No comentário de Nhô Augusto, aparece mais uma expressão de cunho regionalista : “–Você, compadre, está-se vendo que deve ser um corisco de *chegador!* [...]”. A versão inglesa é: *You, my friend, it is plain to see must be a streak of lightening in attacking or assaulting*, onde a tradutora americana teve que lançar mão de uma “paráfrase” para transmitir o sentido de “chegador”. Vê-se, também, o tom familiar de “compadre” que fica um pouco diferente com *my friend*, por ser esta expressão um pouco mais formal, generalista, e menos “popular”.

Na versão russa, por sua vez, o tratamento foi *kumaniók*, diminutivo de *kum* que é “compadre”, mas, por outro lado, não há referência a “corisco”, nem mesmo na expressão “corisco chegador”. O que se lê, em contrapartida, é o seguinte: “– *A ty kumaniók, – sorvígolová, srázu vídno – liubóvo gólymi rukámi vozmióch!* (isto é, “E você, compadrezinho, – é um ‘arranca-cabeça’, como dá pra ver logo – pode pegar qualquer um sem dificuldades”. Este idiomatismo, que é uma forma flexionada de *vziát’ gólymi rukámi*, significa literalmente “pegar com as mãos desnudas”, isto é, “sem proteção, sem luvas”, por exemplo, estando dicionarizado por Vóinova (como se lê na retroversão, isto é: “apanhar (conseguir) sem dificuldades”). Como se vê, a frase em russo apresenta uma linguagem popular, com termos tais como *sorvígolová*, que Vóinova apresenta como “doidivanas” e “temerário”, mas que literalmente significa “arranca-cabeça”, assim como o idiomatismo citado acima.

O comentário de Nhô Augusto agrada a Juruminho, que se exaure em comparações para descrever as suas qualidades de lutador e que, apesar de todos os perigos, continua ileso:

– Chego até em porco-espinho (*a porcupine*) e em tatarana-rata (*a fire-caterpillar*) e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar (*a man with twenty arms brandishing twenty brushhooks*)!. Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!. Está aí nosso chefe, que diga [...].

Na versão russa, lê-se: – *Voz’mú gólymi rukámi khot’ dikobrása, khot’ iáscheritsu–tataranu* (2), *khot’ dvadtsatirúkovo tcheloviéka v kájdoi rukié pó siérpu i vsiêmi*

otbiváetsa! Spat' lojús' na óstryi nójyk, zassypáiu miej kóz'ikh rójek, a prosnús' – gliajú: u siebiá v gamaké liejú! [...]. Em retroversão:

Pego sem dificuldade (literalmente “com as mãos descobertas”) até um porco-espino, até uma lagartixa-tartarana (2), até um homem com vinte braços, que tem uma foice em cada mão e rebate todos!. Eu me deito em cima de uma faca amolada, adormeço pó entre os chifres da cabra, e quando acordo – vejo que estou deitado na minha rede !.

Nota-se, aí, também, a grande criatividade da tradutora russa, pois “recriou”, à sua maneira, passagens e substituiu alguns termos, como, por exemplo, “colchão” por “rede” (em russo *gamák*), transformou “durmo na *ponta de chifre*” em “durmo por *entre os chifrinhos de cabra*”. Criou um nome híbrido e composto em *iáscheritsa-tatarana* (que, no TLC, se encontra, declinado, no caso acusativo singular), acompanhado de nota de pé-de-página, a saber: “Tatarana – lagartixa, cujo toque produz uma queimadura dolorosa” (TLC, p.240). O primeiro termo do nome composto, *lagartixa –tartarana* (isto é, *iáscheritsa-tatarana*, como está no TLC), pode ter sido copiado da versão inglesa, anterior à russa, em 15 anos, e onde se lê *fire caterpillar*.

O texto em russo possui um tom jocoso, transmitindo a bravura no relato do personagem que, bastante entusiasmado, enumera suas façanhas. Esta fala está, por sua vez, repleta de expressões retiradas da linguagem oral e popular, com bastante ritmo – o que não deixa de ser uma grande contribuição da tradutora russa ao tentar reproduzir o tom da narrativa de João Guimarães Rosa, no trecho acima. Como prova do que falou, (“E mais isto aqui [...]”), Juruminho mostra suas cicatrizes. Continua o narrador: “E mostrou a palma da mão direta, *lanhada* de cicatrizes (*crisscrossed with scars*), de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão” ao que Nhô Augusto “se levantara, excitado”, sugerindo como deveria ser a disposição dos membros do bando, no que se exalta bastante e, sem querer, deixa patente a sua experiência na bandidagem e seu gosto para tal tipo de coisa:

– Opa! Oi-ai!. A gente botar você mais longe com as *clavinas* (*with the carbines*). E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p'ra voltearem. (*And you over there, and this friend with the glum face, in an encircling maneuver*). E este *companheirozinho* *chegador*, para chegar na frente, e não dizer até-logo!. (*And this bold get-there-first customer, advancing and not even saying 'I'll be seeing you'!*).

Na versão russa, lê-se: – *Ogó ! Vot èto da Na vas brossáiuetsa, a vy ízdali, iz karabínov. A tot verzíla i ètot kumaniók s serióznym litsóm, tié s bokóv A ètot priiátel' –*

sorvígolová – piérvym v sámuiu gúschu, i tut nie do právil viéjlivosti! (TLP, p.369, TLC, p.240). Em retroversão, temos: “Isso sim, que é!. Alguém ataca você, e você – de longe – com carabinas. E aquele homenzarrão, e este compadrezinho de cara séria, aqueles da lateral. E este companheiro arranca-cabeças – na frente bem para dentro da multidão e aqui não há lugar para regras de cortesia!”.

Nota-se a linguagem popular, a oralidade, em frases incompletas, termos de cunho popular e idiomatismos, como no trecho anterior, havendo certas alterações por conta da arte de recriar da tradutora russa.

Neste momento, Nhô Augusto atinge o “clímax” ao descrever como seria esta briga, este tiroteio: “E depois *chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo*, e (*Showering down without rain, and the club reading and writing, and the firearms going like a*). Na versão russa, tem-se: *A tam – grom sredí iásnovo niéba, i dubínki davaí pliassát’ i skakát’, a* (isto é, “E lá – a trovoadas no meio do céu tímido e os paus começando a dançar e a pular”). Novamente linguagem popular com *davái* – que se usa para encorajar alguma ação – (em *davái pliassát’*), sendo este último verbo usado para designar dança do povo, aqui empregado em sentido figurado.

O termo *dubínki*, plural de *dubinka*, remete a um objeto de punição que foi celebrado na canção folclórica com o mesmo título (*Dubinka*) – e até interpretada – no começo do século XX pelo célebre cantor “baixo” *Chaliápin*, onde se fala que o “sábio inglês” inventou uma máquina após outra, mas o *mujiqe* russo ainda estaria trabalhando, na base da *dubinka*.

3.4.3.6 TLP, p.370; TLC-1, p. 289-290; TLC-2, p. 240-241

Nhô Augusto continua, empolgado, continua descrevendo de como seria este confronto: “arma-de-fogo debulhando, e o homem mudo gritando, e os do *lado-de-lá* correndo e pedindo perdão!”. Na versão russa, continuando, lê-se: *karabíny s revol’viérami – palít’, a nemýie – golossít’, a tié – kto prótiv – nautiók i lapki kviérkhu!*. Em retroversão, este trecho equivale a: “as carabinas e o revólveres – a atirar, e os mudos a vociferar, enquanto aqueles – que *eram do contra* – fugindo e com as *patinhas para cima*”!.

Vê-se o uso de idiomatismos, pois “patinhas para cima” se assemelha a uma imagem do tipo “pernas pra que te quero”, ou até – fruto da imaginação de quem estiver interpretando o texto – “deitados, no chão, como um cachorro que vira de barriga para cima,

pedido misericórdia, quando acuado”, pois não há, diretamente, referência a “perdão”, neste trecho da versão russa.

Pode, também, ter havido uma falha de interpretação por parte da tradutora russa, ao entender que “os do-lado-de-lá”, equivaleria aos que “estavam contra”, pois, no russo, “do lado oposto”, por sua vez, seria *naprotiv*, em lugar de *protiv*. Na versão de língua inglesa, por sua vez, lê-se: [...] *the firearms going like a threshing machine, and the dumb men shrieking and those on the opposite side running and begging for mercy!* – isto é, mantendo-se mais próxima, esta versão, ao TLP.

O trecho acima – como já foi dito – está repleto de figuras de linguagem e de idiomatismos, próprios da fala popular. Vêm-se as *antíteses* para descrever as situações de *absurdo*, com animismo (personificação), usadas na fala de Nhô Augusto: “chover sem chuva” (*showering down without rain*), “o pau escrevendo e lendo” (*the club reading and writing*), “arma de fogo debulhando” (*the firearms going like a threshing machine*), “homem mudo gritando” (*the dumb men shrieking*) e “os-do-lado-de-lá” – de tanta coisa surrealista, acontecendo, surge a pergunta: seriam, “os do-lado-de-lá”, na verdade, os próprios “os mortos? – correndo e pedindo perdão ?![...]” (*and those on the opposite side running and begging for mercy!*).

Ao dizer tudo isto, Nhô Augusto deve ter-se lembrado da sua promessa – isto está “implícito”, na narrativa, pois ele “calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento”, e – tudo indica, para disfarçar, quer oferecer “mais galinha, um pedaço” para o ilustre hóspede, seu Joãozinho Bem-Bem. A Epifânio, tudo indica – ao homem da “bicipitalidade maciça” – Nhô Augusto se dirige, com as palavras “– E você, seu barra?” (*And you, Mr Mighty Man?*) – o epíteto *Mr* – como em outras ocasiões – dá um tom bastante formal à narrativa. Na nossa opinião, tal pronome de tratamento poderia ter sido, simplesmente “omitido” pela tradutora americana – mas o seu uso mostra que a Harriet de Onís tinha em mente um leitor americano, protestante, *law abiding*, e conservador. Desta forma, até um “bandido” é tratado como um cidadão respeitável, um “homem de bem”.

Na versão russa, as palavras dirigidas a Epifânio são: *A tibié, khvát?*– (isto é, “E você espertalhão?”). E a resposta do “barra” foi: – *Blagodarím.Sýt pod zaviázku.Vot-vot lópnu!* – que equivale a “Agradecemos. Satisfeito até a borda.Estou a ponto de estourar!” – com expressões idiomáticas e populares. O tratamento, que Nhô Augusto dá, na versão russa, ao “barra” Epifânio, não foi tão formal como na versão inglesa, pois o “barra” foi tratado por *ty* (isto é, “tu”), embora a primeira pessoa do plural, na resposta de Epifânio – em *blagodarím* –(isto é, “agradecemos”), mostra certa formalidade.

No TLP, ambos os convidados respondem, usando termos populares. Seu Joãozinho Bem-Bem, com: “– ‘Tou feito’ (*I am full up*) – em russo *Niékuda* (isto é, “não tem mais lugar”) e “seu barra” com: “– Agradecido. ‘Tou *encalçado*. *Tou cheio até a tampa*”, sendo usada uma paráfrase eufemística na versão inglesa para traduzir a última frase: *Thank you No place to put it!* e com omissão do termo de cunho regionalista e popular “encalçado”.

Em seguida, depois de “servir a cachaça, bebeu, também dois goles” (*after serving the rum, took a couple of swallows*).

Já fo comentado, anteriormente, sobre o toque de “domesticação”, na tradução de “cachaça” por *rum*, no inglês.

Feito isto, Nhô Augusto pede “para ver” as armas de “*papo-amarelo*” (grifadas, em itálico, no TLP) – expressão usada para referir-se aos filhotes dos pássaros, que possuem goelas *amarelas* – portanto, “as novas armas”.

Na versão russa, foi tomado de empréstimo o termo “cachaça”, toda vez que aparece no conto, em pauta. Assim, lê-se: *Razlív kachássu*, isto é, “tendo enchido de cachaça (subentende-se “as taça, ou copos”)” – *tóje otkhlebnúl dva glotká* – (isto é, “também, sorveu, daí, dois goles”).

Alguns termos são de difícil tradução de uma língua para outra. No russo, principalmente, onde alguns verbos – graças à grande possibilidade de prefixação – podem mostrar uma ação em pequeno grau, o início de uma ação, ou uma ação concluída. Como seria, por exemplo, este verbo ‘*razlivat*’, pois fornece uma imagem visual muito boa de alguém derramando algum líquido, em vários recipientes. Da mesma raiz, tem-se, em russo: *lit’* – fazer fluir; *nalít’* – derramar um pouco para dentro de algum recipiente; *razlít’* – “derramar”, aqui, no sentido de “distribuir, derramando”.

Enquanto a tradutora americana escreveu para “(armas) de “papo amarelo” – *the new-model rifles*, a tradutora russa, explicitou, inferindo do TLP, tratar-se de um “Winchester de múltiplo carregamento”, a saber: *mnogozariádny vintchéster*. Isto mostra as inúmeras possibilidades que tem – diante de si – um tradutor. Nhô Augusto continua, em sua fala, ao examinar as novas armas: “Não *faz conta* de balas, amigo? Isto é arma que *cursa longe*” – indaga Nhô Augusto ao chefe do bando – onde a expressão grifada tem o sentido “faz questão de”. De qualquer forma, temos aí uma expressão popular, pois no português padrão usar-se-ia, em lugar disto, “cobrar”, como por exemplo: “Você não vai me *cobrar* nada, se eu usar algumas dessas balas?”. A tradução em língua inglesa não deixa qualquer dúvida sobre o significado desta pergunta. Assim, lê-se: *You won’t charge me for the bullets, friend? This is a gun that carries far* – “Seu Joãozinho Bem-Bem permite-lhe que gaste as

oito, isto é, todas as oito balas, experimentado atirar num pássaro, que está pousado na pitangueira. Mas Nhô Augusto, mais imbuído de espírito cristão que o outro, não quer matar a “criaçõzinha de Deus” (*Not that wee creature of God*). Prefere cortar um galho, no que acerta, apesar da falta de treino, como comenta: “Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho”.

“Fez fogo” – continua o narrador (*He fired*) – com o que recebe elogios de seu Joãozinho Bem-Bem, imbuída de linguagem popular: “*Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois. Ferrugem em bom ferro!*”. A tradução em língua inglesa lembra o TLP: A *master hand, old fellow. Missed the first, but got one out of two. Rust on good iron!*

Na versão russa, por sua vez, lê-se: *Zatchém trogát’ bójiu tvar’* (isto é, “para que mexer na criatura de Deus”), e para o “errar no tiro”, usou-se o termo popular, de sentido conotativo, o verbo *promázat’* (aspecto perfectivo de *mázat*, isto é, “melar, passar raspando”), a saber: *Iêсли promáju, nié sudíte strógo, ia davnó uj nié najymál na spúsk* (isto é, “Se eu errar, não me julguem com severidade, tem muito tempo que eu não aperto o gatilho”). Na verdade, *najymat’ na spusk* é uma espécie de expressão idiomática, que significa “descarregar” ou, mais literalmente, “apertar para dar o descarrego”. Assim, a tradutora se apega à oralidade, como se encontra, também, no TLP. Em seguida, temos: *Miétkaia ruká* (isto é, “Mão certa”). E mais adiante: *Jeliézo dóbroie, tól’ko zarjaviélo* (isto é, “Ferro bom, apenas enferrujou!”).

Mas, ocorrido isto – e este é o *leitmotif* do conto “A Hora e Vez ...” – deve ter aflorado – na mente do protagonista – a lembrança do objetivo que ele tinha diante de si, a sua “conversão”. Se, por um lado, despontara, naquele momento, a saudade dos seus tempos “de glória”, por outro, havia o arrependimento e a vergonha por tudo que havia passado, devido à sua vida desregrada, uma verdadeira “infâmia”. Assim, escreve o narrador:

Mas, nesse tento (*after this try*), Nhô Augusto tornou a fazer o *pelo-sinal* e entrou num desânimo, que o não largou mais. Continuou a cuidar bem dos seus hóspedes, com todos acomodados ali, nas suas redes, mas só foi dormir ‘tardada noite’, quando não houve mais ninguém para lhe contar ‘histórias de conflitos, assaltos e duelos de exterminação

([...] *stories of combats, attacks, and duels to the death*): não suspeitava Nhô Augusto de que – o que o esperava pela frente era, justamente, participar de um desses *duelos*.

Na manhã seguinte, “o grupo se despediu” – continua o narrador. Seu Joãozinho Bem-Bem, nesta oportunidade, expressa sua opinião sobre o “mano velho”, Nhô Augusto, m uma fala repleta de expressões populares, tais como “a modo e coisa” (*the fact is that [...]*), em: “O senhor, mano velho, *a modo e coisa* que é assim meio diferente [...], e agora eu acho *pesado e pago* (*and now I think, after weighing and paying*) é pessoa boa mesmo, *por ser*” (*you are a good person, for the sake of goodness*), concluindo que os “anjos-da-guarda” de ambos “combinaram” (*our guardian angels get along well together*).

Na versão russa, para “pesado e pago”, temos o correspondente a “com segurança e sem erro” (*naverniaká i biez ochýbki*), e para “o senhor é pessoa boa, por ser”, temos: [...] *vy, senhor, tcheloviék khoróchy, takói uj vy iêst*’ (literalmente: “[...]vós, senhor, sois um homem bom, é assim que vós sois [...]”), porque “senhor” – tomado de empréstimo – não está em russo, como um pronome de tratamento, mas apenas como um “título” ou “epíteto”, já que em russo só há duas formas de tratamento: o pronome *ty* (tu) – da 2ª. pessoa do singular – que transmite muita “familiaridade”, – e *vy* (vós) – 2ª do plural, para um tratamento “mais formal”, sem a familiaridade do *ty* (tu).

Pode-se dizer, a este respeito, que as formas de tratamento – “você” e “o senhor” – são criações do português brasileiro, que aboliu, completamente, o “vós”, e nas localidades, onde ainda se usa o “tu”, o verbo vem na 3ª. pessoa, imitando o uso de “você”.

Quanto à expressão “a modo e coisa”, ela foi, totalmente, ignorada pela tradutora russa. Assim, lê-se: –*Vy, stariná, na druguikh nié pokhój, [...]* (isto é, “o senhor, velho, não se parece com os outros [...]).

Para “nossos anjos combinaram”, tem-se, em russo, o correspondente a “nossos anjos da guarda combinaram *quanto ao caráter*” (*náshy ánguely-khraníтели sochlís’ kharáktierom*) – com maior “explicitação”, por assim dizer.

3.4.3.7 TLP, p.371; TLC-1, p. 290-291; TLC-2, p. 240-241

Tendo feito esta observação, favorável, sobre a maneira de ser de Nhô Augusto, e sobre a simpatia recíproca que se criara entre ambos, seu Joãozinho Bem-Bem vem lhe oferecer seus serviços e acaba se aventurando, por fim, em lhe fazer a já esperada proposta. Assim, tem-se: “A pois, *se precisar de alguma coisa*, se tem um *recado ruim* para mandar para alguém ...Tiver algum *inimigo alegre* (*frisky enemy*), por aí, é só dizer o nome e onde mora. Tem não?”.

“Recado ruim”, (*unpleasant message*) neste caso, não passa de um eufemismo para algum dano que Nhô Augusto quisesse mandar fazer contra alguém, por alguma desfeita, no sentido de reparar alguma injustiça. Quanto ao modificador “alegre” para “inimigo” – embora possa parecer um tanto estranho para o leitor, creio que se possa atinar que algum inimigo poderia estar “alegre”, contentando-se em ter praticado todas as suas maldades e ter ficado “impune”.

Seu Joãozinho Bem-Bem, tendo notado que Nhô Augusto deveria ter sido algum dos seus semelhantes (“gosta de brigar, e entende [...]”) – em inglês, isto soa mais formalmente, com mesuras dignas de dois cavaleiros medievais, quase: *Old brother, the gentleman likes to fight and understands fighting.*

Seu Joãozinho Bem-Bem, também, nota, em relação a Nhô Augusto, que se trata de um homem destemido, ou de um “fora-da-lei” (“não quero *especular* coisa de sua *vida p’ra trás*, nem se está se escondendo de algum crime”) – seu Joãozinho Bem-Bem, em uma derradeira tentativa, tenta aliciá-lo a participar do seu bando. Veja-se: “Mas, comigo é que o senhor havia de *dar sorte!* Quer se amadrinhar com meu povo? Quer, vir junto?” (*But the gentleman would bring me luck. Do you want to team up with my crew? Would you like to come with us?*)

No que se refere à versão inglesa do trecho citado acima pode-se dizer que – tudo indica – houve um erro de interpretação, quanto à expressão “dar sorte”. No português coloquial português, “dar sorte” não significa “dar sorte a alguém”, e sim “ter sorte”. (É como se ouve, muitas vezes, falar: “*Você deu sorte* de não ter sido expulso da sala de aula, ou “*Você deu sorte* de não ter sido pego pela polícia”, etc.). Neste caso, o indivíduo “deu sorte” a si mesmo, no caso de uma interpretação literal.

Tudo indica que a tradutora americana, simplesmente, poderia não estar familiarizada com certos detalhes do português coloquial. No mais, podemos dizer que pequenos erros podem, normalmente, ocorrer nas traduções, afinal – de acordo com o provérbio latino – já incorporado ao português – *errare humanum est.*

No entanto, pode-se dizer que a tradutora poderia ter “concluído do contexto” de que seu Joãozinho Bem-Bem, naquele momento, estava querendo “oferecer” algo a Nhô Augusto, e não, querer obter dele alguma vantagem, como dá a entender a sua tradução (*But the gentleman would bring me luck*), a qual mostra, justamente, o contrário: a possibilidade de obtenção de algum benefício por parte do famoso bandoleiro – como já foi dito acima – através da adesão do “mano velho”, ao seu grupo. Na versão russa, lê-se: *No iêslí vy poidióte ko mnié, vas jdiót udátcha, senhor! Khotíte primknút’ k moím liúdiam? Khotíte póití s námi?.*

Em retroversão: “Mas se o senhor me seguir, a sorte o espera, ‘senhor’! Quer se juntar ao meu pessoal? Quer seguir a gente?”.

A tradutora russa compreendeu que Nhô Augusto iria “ter sorte”, ele mesmo – como se lê no TLP – em vez de “dar sorte ao bando”, como entendeu a tradutora americana.

Naturalmente, o leitor já pode inferir que, diante do objetivo de Nhô Augusto de “entrar no céu, nem que seja de porrete”, do seu compromisso moral consigo mesmo, a sua antiga vocação de homem violento teve que ser – totalmente – relegada ao esquecimento. Assim, a réplica de Nhô Augusto – que declara a sua “impossibilidade” – para aceitar este convite, apesar da “tentação” – não pode nos surpreender: “– Ah, *não posso!* Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem [...]”. Em inglês: *Ah, I can't. Don't tempt me, for I can't, Mr. Joãozinho Bem-Bem [...]*. – Enquanto o tratamento “seu”, em português, soa popular e coloquial, o *Mr.*, em inglês, nos choca pela sua “formalidade”. Acredito que a tradutora americana poderia ter agido como a tradutora russa, que tomou o “seu” de empréstimo. Assim, vejamos: *Nié mogú! Nie prel'scháite meniá, nié mogú ia, seu Joãozinho Tak-Tak [...]* (isto é, literalmente, tem-se: “Não posso! Não me tenteis, eu não posso, ‘seu’ Joãozinho Bem-Bem! [...]). Como já foi dito acima, o idioma russo não tem a variante “você” – que parece algo intermediário entre o muito familiar “tu” (em russo *ty*) e o formal “vós” (em russo *vy*) – que caiu em total desuso no português brasileiro. Em português, como se sabe, usa-se o tratamento “o senhor” para maior formalidade, ou respeito, enquanto o “você” parece mais ameno que o correspondente a “tu” nas demais línguas indo-européias ocidentais, por ter se originado, como se sabe, de uma corruptela de “Vossa Mercê”. O tratamento usado na versão russa – como se pode constatar – foi de “vós” (*vy*), o que se desprende da desinência “-te” do imperativo. Portanto, captar o “tom” exato, na passagem do TLP para o TLC, não deixa de ser “problemático”.

Para expressões idiomáticas – como se sabe – o tradutor pode procurar uma “equivalência”, mas quase nunca haverá de encontrar uma correspondência total. Desta forma, para a resposta de Bem-Bem: “– Pois então, mano velho, paciência.” Em russo: – *Nu, stariná, diélo váche!* – (isto é, “Então, velho amigo, o senhor é que sabe!” – literalmente “assunto seu!”). Como se vê, até na retroversão também existem problemas de produzir algo semelhante ao TLC. Por exemplo, se a autora deste trabalho escrevesse para *diélo vách*”, “problema seu” – estaria mostrando que seu Joãozinho Bem-Bem estava irritado” ou “insatisfeito” com a não-aceitação da sua proposta por parte de Nhô Augusto. Se traduzisse “assunto seu!” – literalmente – fugiria daquilo que, normalmente, se diz, nestas ocasiões, no

idioma português. Isto prova, mais uma vez, que uma *total* correspondência, em matéria de tradução, é praticamente impossível.

Por outro lado, embora, a tradutora americana tenha preferido por traduzir, literalmente, *patience*, no fim da frase (*In that case, old brother, **patience***) – não nos parece ser muito ‘natural’ usar esta expressão, no idioma inglês, neste contexto. Como se vê, o tradutor sempre se encontrará diante de um verdadeiro “dilema” quando faz sua opção de tradução, a sua escolha dos termos e das expressões no TLC (como, aliás, já dizia o filósofo Schleiermacher, na primeira metade do século XIX).

Nhô Augusto, por sua vez, tenta mostrar o seu apreço e admiração por Bem-Bem, no que parece na sua fala um termo pouco comum no português padrão, atual, das grandes cidades. Assim, tem-se: “– Mas nunca que eu hei de esquecer da sua *bizarria*, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem”. Em inglês, temos: *But I’ll never forget this **gallant act of yours, my friend, my kinsman, Mr., Joãozinho Bem-Bem.*** De fato, o Michaelis traz, para “bizarria”, quatro acepções diferentes, a saber: 1. *gracefulness, elegance*, 2. *gentleness, generosity*, 3. ***gallantry, bravery***, e, finalmente, 4. *arrogance, extravagance*. Vemos que, neste caso, “bizarria” poderia ser aceito nas acepções (*generosity*) ou 3 (*gallantry*) – ou um misto de ambos, como veremos adiante. Neste particular, pode-se lembrar que a “mudança lingüística” ocorre, também, no léxico. Algumas palavras que, originariamente, tiveram um sentido – depois, vieram a modificá-lo, a tal ponto, que assumiram um sentido “oposto” ao que tinham sido, inicialmente (Basta lembrar, por exemplo o caso da palavra “formidável” – no início, “algo que aterrorizava” e, posteriormente, “algo fora do comum, digno de admiração”).

Quanto ao termo “bizarria”, podemos lembrar que, no idioma francês, *bizarre* significa, nada menos, que “estranho”, o que estaria mais próximo na 4ª acepção do Michaelis, citada acima (*extravagance*).

‘*Le Robert Micro* apresenta: *bizarre* [bizaR] adj. 1. *Qui est inhabituel, qu’on s’explique mal = curieux, insolite* [...]. Cita a expressão *c’est bizarre*, onde o termo grifado equivaleria a “anormal, étrange”, enquanto apresenta *bizarrierie* como *Caractère de ce qui est bizarre = étrangeté, excentricité*.

O LGR apresenta o termo “bizarria” como “bravura, valentia; ação nobre e generosa; brio, galhardia”, citando – exatamente – a frase do TLP, exposta acima, e seguido da observação “empr. Com conotação valorizadora”. Pode-se concluir que não deixa de ser “bravura”, mas aliada, ao mesmo tempo, à “generosidade”.

Houaiss apresenta “bizarro” como “bem-apegoado”, “garboso”, assim como “generoso” e “dotado de valentia”, “brioso”. Teria vindo para o português do idioma espanhol, ainda no século XVII. Houaiss comprova que a acepção de “estranho” ou “esquisito” seria de influência francesa, já presente no século anterior (XVI), embora – originariamente – tivesse ligação com o italiano e o provençal *bizza* (cólera, ira)²¹². Tem-se, portanto, em “bizarria” e “bizarro”, um bom exemplo de “polissemia”.

Na versão russa, “bizarria” foi traduzida por *velikodúchye*, nada menos que “magnanimidade”.

Quanto ao uso do termo “parente”, na frase anterior gostaríamos de observar que isto muitas vezes acontece quando existe “muita afinidade” entre as pessoas – estas podem chegar a declarar haver um verdadeiro “parentesco” entre elas – (“moral”, que seja). No Brasil, chega-se a chamar – neste caso – de “tio” ou “primo” a algumas pessoas (podendo-se acrescentar a explicação: “de consideração”). Isto nos remete às origens do ser humano, desde os tempos remotos da Pré-história, onde a questão do “sangue” (hoje, substituído pelo conceito de “gens” ou “genes”) parecia primordial!

Esta tendência também se encontra em outras culturas, em outras línguas. Por exemplo, em russo, para uma manifestação de profundo apreço e afinidade são usados os adjetivos *rodnói* m./ *rodnáia* f. – provenientes do nome substantivo *rod*, que significa “gênero” (no sentido do *genus*, *genera* da Biologia). Uma mulher apaixonada – e isso costuma se ouvir em canções populares – pode dizer ao amado: *mói khoróchy*, *mói rodnói* – isto é “meu bom – sendo que *khoróchy* também se confunde, neste caso, com a acepção de “belo” – e, na segunda parte do vocativo: meu “querido”, mas no sentido de “parente” (isto é, “do gênero, do clã, da família”).

Na versão russa foi usado para “parente” termo *soróditch* que, como se vê, também deriva do radical *rod*, comentado acima.

Nhô Augusto – neste íterim – adquire a aura, quase de “homem santo”, que pode, com suas rezas, operar milagres, obter grandes favores junto ao senhor Deus. Tanto é que Juruminho, “num cochicho ligeiro”, para não ser ouvido pelos demais, pede que Nhô Augusto reze pela sua irmã doente: “– Amigo, reza por uma irmãzinha que eu tenho, que sofre de doença com muitas dores (*who is suffering from a very painful sickness*) e vive na cama *entrevada* (*and lies crippled in her bed*), lá no arraial de Urubu (*there in the village of Urubu*)”.

²¹² Cf. HOUAISS.

Na versão russa, tem-se, no que tange a doença da irmã de Juruminho: *tiajeló oná khvoráiet, lejýt v parálitche tam, v mestiétchke Urubu* (isto é, “ela anda gravemente doente, e fica deitada, paralisada, lá no lugarejo Urubu”). A linguagem popular está manifesta na escolha do verbo grifado *khvoráiet* – dicionarizado por Vóinova, como termo “coloquial”, equivalente a “andar doente/enfermo”.

À medida que o bando entrou na estrada, “Tim Tatu-tá-te – vendo” começou a entoar, “puxando” – como diz o narrador – “uma cantiga brava, de tempo da revolução” – que na verdade é uma daquelas “epígrafes” de que fala Franklin de Oliveira, na introdução à *Sagarana* – na versão de Harriet de Onís – já citado no Capítulo 2 deste trabalho, sendo esta uma “epígrafe interna”, que anuncia, desta forma, a mudança de cenário. Vejamos:

O terreiro lá de casa
Não se varre com vassoura:
Varre com ponta de sabre,
Bala de metralhadora

*The front yard of my house.
Is not swept with a broom,
It is swept with saber point,
And bullets of machine guns .*
(TLC p.290)

A tradutora procurou ater-se à seqüência de palavras, que se vêem no TLP, de forma que a rima – entre o 2º e o 4º versos – não pôde ser conservada. Na versão russa, lê-se com a retroversão, abaixo:

*Nié chvábroi, nié mietlóiu
My dóma pol metióm:
Metióm ievó kartiétchiu
Da púchetch'im iadróm*
(TLC, p.241)

Não é com rodo, nem com vassoura
Que em casa o chão varremos:
Varremo-lo com tiros de metralha
E com bala de canhão.

Na versão russa, colocou-se até mais rima que no TLP, a saber: *abab*. No entanto, não se seguiu a ordem das palavras apresentadas no TLP. Assim, inverteu-se a ordem do 2º. e do 1º verso, respectivamente, seguindo a tradição oral das canções folclóricas russas, onde – habitualmente – se começa com uma *negação* (no sentido de acentuar a antítese) para, em seguida, afirmar algo, esclarecendo de que se trata. Vejamos nesta toada, um verdadeiro lamento folclórico:

*To nie viéter viétku klónit,
Nie dubrávuchka zvenit,
To moió serdiétchko stónit,
Kak ossiènni list drojýt*

Não é o vento que reclina o galho,
Não é carvalho que ressoa,
É o meu coração que geme,
Tremendo como uma folha de outono.

Como se vê, primeiramente se mostrou “o que não é” (o que não está acontecendo) para depois apontar “o que é”, identificando-se o objeto do sofrimento.

O bando de Joãozinho Bem-Bem parte, com uma cantiga, entoada por Tim Tatu-tá-te-vendo, e Nhô Augusto:

[...] não tirou os olhos, até que desaparecessem. E depois se *esparramou em si pensando forte*. Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa (TLP, p.371) nenhuma e salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em pé. (TLP, p. 372.).

Em inglês, lê-se:

Nhô Augusto did not take his eyes off them until they disappeared. Afterwards he **huddled** into himself, thinking **fiercely**. Those were the lucky ones, for they did not have **to give** the least thought to salvation of their souls, and could go about the world with their **head high**.

Não deixa de ser linguagem figurada “esparramou em si” (*he huddled into himself*), e chama atenção a combinação incomum, “pensando forte” (*thinking fiercely*). Por sua vez, *did not have to give the least thought to* é idiomático. Na versão russa, lê-se:

Nhô Augusto nié svodíl s nikh glazá, poká oní nie skrylis’ iz vídu. A zatiém **dal siebié vóliu i kriépkó zadúmalsa**. Vot u nikh jýzn’ chto nádo, im **niézatchem dúmat’** o spassiênii duchý, i oní mógut khodít’ po zemlié vyssokó **podniáv** gólovu [...].

Em retroversão, tem-se:

Nhô Augsuto não tirava deles os olhos, enquanto eles não sumiram da vista. Então, se permitiu e pôs-se a meditar ‘fortemente’. Eles, sim, que tem uma vida como deve ser, eles não tem motivo para pensar na salvação da alma, e eles podem andar pela terra, com a cabeça bem erguida.

Existe o idiomatismo: *dal siebié vóliu*, isto é, “permitiu-se”, literalmente, “soltou a sua vontade”. Em *kriépkó zadúmalsa* – *kriépkó* significa, também, “forte” ou melhor, “fortemente”, enquanto *zadúmatsa* (aí, no texto, conjugado no pretérito) é, na verdade, “meditar, refletir, matutar, ficar pensativo, pôr-se a meditar”²¹³. Assim, existem semelhanças, assim como certas divergências, com relação ao TLP.

²¹³ Cf. VÓINOVA.

3.4.3.8 TLP, p.372; TLC-1, p. 291; TLC-2, p. 241-242

Se alguém se lembrasse do nome dele, pensou Nhô Augusto, “haveria de ser para arrastá-lo pela rua da amargura. Em inglês: *to drag it down the street of infamy*, sendo que *infamy* é um pouco mais forte que “amargura”. Em russo, neste caso, se diz *oblit’ griáziu*, isto é, “cobrir de lama” (ou “derramar sujeira por cima”), como foi exatamente usado aí: *.to lich zatiém, chtóby oblit’ griáziu*. (Isto é: “apenas com a finalidade de jogar lama /sujeira/ em cima”). Assim, Nhô Augusto sentiu-se, na verdade, tentado de partir com o bando. Continua o narrador: “O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que era *cachaça em copo grande!* Ah, que vontade de aceitar e ir também [...]”. Em russo, lê-se: *bol’cháia riúmka kachássy*, isto é, “um grande cálice de cachaça”, uma adaptação, portanto. Em inglês, continua o termo *rum* para traduzir “cachaça” (uma domesticação), embora conservasse o termo “copo”: *that was rum in a tall glass*.

Joãozinho Bem-Bem tinha-lhe oferecido acabar com qualquer desafeto. “Era só falar! Era só bulir com a boca [...]”. E todos do bando “rebentavam com o Major Consilva, com o Ovídio, com a mulher, com todo-o-mundo que tivesse tido mão ou fala na sua desgarração [...]”.

Este último termo foi traduzido, em inglês, por *downfall* (queda). Assim: *He would only say the word for [...] – all of them – to blow Major Consilva to Kingdom Come and everybody who had had hand or voice in his downfall*.

É interessante notar a expressão, mais leve – quase um eufemismo – *to blow (someone) to Kingdom Come*, como tradução de “rebentavam” (uso popular do Pretérito Imperfeito, em lugar do Futuro de Pretérito “rebentariam”, segundo a norma culta) que, neste caso, é sinônimo de “acabavam, matavam”.

Enquanto isso, na versão russa, para “desgarração”, foi usada a palavra *bedá* (isto é, “infortúnio”), enquanto para “rebentavam”, temos: *rasstchítális’ by*, que na verdade tem o sentido de “iriam acertar as contas”. Assim, tem-se: *Dovol’no bylo slóvo skazát’! Dovol’no býlo tól’ko chevelnút’ gubábmi – i [...] vsié – rasstchítális’ by [...] – so vsiêmi, kto byl pritchásten [...] k ievó bedié*. Isto é, “Bastaria, apenas dizer uma única palavra! Bastaria apenas mover com os lábios – e [...] todos eles iriam acertar as contas com [...] todos aqueles que tinham contribuído [...] para o seu infortúnio”.

Em seguida, Nhô Augusto expressa a sua surpresa e emoção diante da possibilidade que tivera nas suas mãos de revidar, de se vingar de todos, usando um conjunto

de palavras, à primeira vista sem sentido, mas que exprimem muito bem seus sentimentos, naquele momento: “Eh mundo velho de *bambaruê* e *bambaruá!*...Eh, ferragem!”.

O LGR, no entanto, apresenta os dois termos (“bambaruá, bambaruê”), como possíveis variantes de “bambarê”, e sinônimos de “algazarra”, “desordem ruidosa”. Pode, também, portanto, o personagem estar fazendo referência ao tumulto, em torno da chegada do bando ao povoado e a tudo que se seguiu.

A tradutora americana teve que procurar algo que pudesse ter o mesmo efeito em sua língua, sem poder traduzir aquilo que, talvez, lhe tenha parecido totalmente “intraduzível” (o que, normalmente, se costuma chamar de *nonsense*). Assim, na tradução inglesa, pode-se ler: *Oh, hell’s bells and the hot times of old days!* – uma espécie de exclamação, ou dístico, com ritmo e rima, denotando nostalgia dos velhos tempos. Ao mesmo tempo, produz efeito rítmico na linguagem, através de assonâncias, anáforas e aliterações. Na versão russa, por sua vez, tem-se: *Èkh, prejnéie jytió, pal’bá e gul’bá!...kh, stuk podkóv!* – o que denota, igualmente, nostalgia em relação aos tempos passados, de tiroteio, e farras, e o som das ferraduras dos cavalos, nas cavalgadas, com rima, produzida pela assonância. Assim, em retroversão, tem-se: “Ah, vida boa de outrora, tiroteio e farras !...Ah, som das ferraduras dos cavalos!”.

Parece que ambas tradutoras lançaram mão de um pouco de recriação, na tradução desta última frase: “Eh, mundo velho, etc [...]” – uma frase que antes expressa uma emoção com relação ao que foi vivenciado, durante a visita inesperada do bando, como, também, pode referir-se a esta estranha coincidência e oportunidade, para Nhô Augusto, de se vingar, facilmente, de várias pessoas, caso quisesse.

Apesar da grande tentação, experimentada por Nhô Augusto, diante do convite feito por Joãozinho Bem-Bem, de se juntar ao grupo de bandoleiros, aquele torna a lembrar do seu objetivo, da sua decisão e promessa, feita ao padre: “Mas, *qual*, aí era que *se perdia, mesmo*, que Deus o castigava com mão mais dura [...]”. Na versão russa, menciona-se “dano à alma”. Assim, lê-se: *No chto ni govori, a tut by on i pogubíl soviú dúchu, i bóg nakazál by ievó ieschió suróvei* [...]. Isto é, “E nem falar, é aí que ele *iria colocar a sua alma a perder*, e Deus iria puni-lo, de maneira *ainda mais severa* [...]”. A palavra *bog* (“Deus”) está sempre grafada com inicial minúscula, nesta versão russa.

Tem-se uma conotação em “castigava com a mão”, uma imagem, que não aparece na versão russa, embora se leia na versão inglesa: *But, no, that was the road of perdition, that was what God punished with the heaviest hand* [...]. Além disso, apareceu uma figura de linguagem em *the road of perdition*.

Nhô Augusto, neste momento, compreendeu quão fortemente estava “pegado à sua penitência”, e por isto, sentiu-se como alguém que tinha entrado “num brejão” (*a swamp*), atolando-se cada vez mais, sem caminho de volta. Compreendeu que “esta história de *se navegar* com a religião”, querendo “e tirar a sua alma da *boca* do demônio” – novamente, linguagem poética, cheia de conotação – “era a mesma coisa, portanto, que entrar num *brejão*,” sem saída. Assim, lê-se no TLP: “E só então foi que ele soube *de que jeito* estava pegado à sua penitência, e entendeu que essa história de *se navegar* com religião, e de querer tirar sua alma *da boca do demônio*, era a mesma coisa que entrar num *brejão*, que, para frente, para trás e para os lados, é sempre *difícil* e atola sempre mais”. Na versão de língua inglesa, por sua vez, lê-se: *And it was only then that he realized how he was lashed to his penitence and understood that this business of signing up with religion and trying to snatch his soul from the mouth of the devil was the same as entering a swamp.*

Como se vê, na citação acima, “pegado à sua penitência” foi traduzido por *lashed to his penitence* – onde *to lash*, além de “chicotear, açoitar”, significa, também, “amarrar de cordas”²¹⁴. Em russo, em lugar de “boca”, temos “goela” (isto é, *past'*). Assim, tem-se: *Tepièr' tól'ko on potchúvstvoval, kak prikipiél duchói k soemú pokaiániu i pónial iêslí je on rechíl projýt' po viére i spastí svoiú dúchu iz pásti diávolovoi – to vsió ravnó chto ugodit' v triassínu* (isto é, “Só agora ele sentiu como ele tinha aderido (ou “se apegado”) à sua penitência e compreendeu que se ele decidira levar uma vida, *segundo a fé*, e salvar sua alma da *goela* do demônio – é a mesma coisa que se atolar no lamaçal”).

Pode-se observar, no trecho acima, que *prikipiél* – pretérito de *prikipiêt'* – derivado de *kipiêt'* (isto é, “ferver”) – faz parte da linguagem coloquial, popular, tendo sido usado no sentido conotativo – e significa, literalmente, “aderiu através de fervura”²¹⁵. Vem seguido de *duchói*, caso instrumental e *duchá* (isto é, “alma”) – assim, “apegou-se com a alma”.

Por sua vez, o trecho “[...] essa história de *se navegar* com a religião” – como se vê, acima – foi traduzido por ambas tradutoras, à sua maneira. Na versão russa, equivale a “*se ele decidira a viver pela fé*” ou “levar uma vida., segundo a fé”.

Com a substituição de “da boca do diabo” por “da goela do diabo” (iz *pásti diávolovoi*) na versão russa, parece ter-se intensificado o sentido. *Pást'* – *na verdade* – é o termo, usado quando se trata de animais. (Aliás, para algumas partes do corpo dos animais existem nomes distintos: por exemplo, para o animal, sempre se diz *lapa* (isto é, “pata”), e

²¹⁴ Cf. MICHAELIS.

²¹⁵ Cf. ÓJEGOV.

nunca, “mão” ou “pé”, como se usa na fala popular, no Nordeste). Diante de tudo isto, Nhô Augusto, finalmente, “recorreu ao rompante” (*He resorted to bravado*): “ – Agora que eu principiei e já andei um caminho tão grande, *ninguém não* me faz virar e nem andar *de-fasto!*” – Vê-se a dupla negação, peculiar à linguagem rural, regionalista. Quanto ao termo “rompante”, Houaiss o apresenta como sinônimo de “impulso”. Além deste significado, por extensão, “rompante” também passou a denominar um instrumento (em forma de um chifre gigantesco), termo regional, usado pelos vaqueiros no “aboio”.

Michaelis traz para “rompante”: “1. *fury, rage, violent anger*”, além de *impetuosity* e *arrogance*. A tradução de Harriet de Onís (*He resorted to bravado*) tem mais a ver com esta última acepção (segundo, Chambers “bravado” equivale a *display of bravery: a boastful threat*). Em seguida, lê-se: *Now that I have started and already walked such a stretch of the way, nobody is going to make me turn aside or go back*. O último termo “de-fasto” parece ser – tudo indica – um regionalismo. O LGR não o inclui, nem Houaiss, que, no entanto, apresenta o verbo “fastar”, como variante de “afastar”.

No que se refere à tradução desta última expressão (“andar de-fasto”), tanto a versão inglesa (*go back*) quanto a russa (*poití vspiát’*, isto é “dar de ré”) fazem sentido dentro deste contexto.

Para traduzir “recorreu ao rompante”, a tradutora russa lançou mão de criatividade, como resultado do que ela deve ter concluído do contexto, a saber: *On pribié k sámomu sil’nomu argumiéntu*, isto é: “Ele lançou mão do seu argumento mais forte”, frase que se enquadra neste contexto. Este “argumento” era o seguinte: *Tepiér’, kogdá iá vziálsa za diélo i ujé prochól takói dlínny put’, niktó nié zastávit meniá svernút’ v stóronu libo poití vspiát’*. Isto é: “Agora que eu estou fazendo a coisa certa e já trilhei um caminho tão longo, ninguém poderá me obrigar a virar para outro lado, ou andar *de ré*”. Ao contrário do idioma inglês, a dupla negação (*niktó nié*) é a norma no idioma russo.

“Sem ser por regra” (*contrary to his habit*), Nhô Augusto “tomou um trago” (*took a drink*) – continua o narrador, em linguagem coloquial e conotativa: “o que foi bem bom, porque ele já *viagou*, do acordado para o sono (*he was already traveling from wakefulness to sleep*) montado em um sonho bonito (*mounted on a good dream*) no qual havia um Deus valentão (*a tough God*), o mais *solerte* (*the craftiest of all tough guys*) de todos os valentões, assim parecido com seu Joãozinho Bem-Bem”. Este Deus o “mandava ir brigar, só para lhe experimentar a força”, dando-lhe seu apoio “lá de cima, sem descuido (*without missing a trick*), garantindo tudo”.

Segundo o LGR, “solerte” significa “sagaz, esperto, astuto”, o que também pode ser depreendido da tradução em língua inglesa. Neste caso, não é “depreciativo”, como às vezes pode ser, mas, ao contrário, tem a conotação valorizadora. Sua escolha, por parte de Guimarães Rosa, se deve à predileção do escritor por termos poucos gastos pelo uso.

Nota-se, no trecho acima, a preponderância da linguagem coloquial, da oralidade, na narrativa. Na versão inglesa, notamos, ao contrário, uma linguagem mais formal, dentro dos parâmetros da norma culta: compare-se, por exemplo, o uso de *wakefulness* (vigília), para “o acordado” (um adjetivo substantivado), uma simplificação de “estado acordado”. Em russo, por sua vez, tem-se:

I piéred **snóm** v **naruchiênii vsiekh právil** on glotnúl **kachássy**, i pravil’no sdiélal, potomú-cto **són** prichól srázu, i takói býl tchudiésny **són**: prisnílsa emú **bog**, i býl **on udaliéts, iz vsiékh udal’tsóv** sámy **brávy**, tótch-v-tótch pokhój na seu Joãozinho Tak-Tak, i **bog** veliéł emú vviázátsa v dráku, prósto chtóby ispytát sílu, a sam ostaválsa **na niébe**, no za vsiéem priqliádyval i za **uspíekh** rutchálsa

Em retroversão:

E antes do *sono*, *transgredindo todas as regras*, ele deu um gole de *cachaça*, e fez certo, porque o *sono* veio logo e foi um *sonho* tão maravilhoso: ele sonhou com *deus*, e *ele* era um valente (homem valente), entre todos os valentes, o mais *bravo*, igualzinho (literalmente: “ponto por ponto”) a seu Joãozinho Bem-Bem, e *deus* lhe ordenou que ele *se metesse numa briga*, apenas para testar a sua força, enquanto ele próprio permanecia no céu, mas observando tudo e garantindo *o sucesso*.

Neste trecho, como se observa, não apenas *bóg* (Deus), mas também o pronome pessoal “ele”, que se refere a *bóg*, estão como iniciais minúsculas. Como já foi comentado anteriormente, foi tomado de empréstimo o termo “cachaça”, embora *vodka*, que além de designar uma bebida específica, também serve para se referir a bebidas alcoólicas, fortes, em geral. Enquanto isso, a tradutora americana, neste trecho em particular, usou *drink* – em *he took a drink* – um termo, de caráter neutro (pois, normalmente, o termo “cachaça” vem traduzido como “rum” – o que representaria um processo de “domesticação”).

Pode-se, também, observar outras particularidades lingüísticas, na versão russa. Neste idioma, o termo *son* tanto poder ser “sono”, como “sonho”. Assim, temos no trecho citado, acima, *son prichól srázu i takoi byl tchudiésny son* – onde, primeiramente, tem-se *son*, com sentido de “sono”, e em seguido, este mesmo termo significando “sonho” – embora haja em russo a palavra *snovidiénie*, quando se deseja estabelecer esta diferença.

O “Deus” do sonho de Nhô Augusto, que era “assim *parecido* com seu Joãozinho Bem-Bem” (ver no TLP), tem-se, na verdade, o termo “parecido” na versão russa, representado pela expressão popular *totch-v-totch pokhój*, que é mais do que apenas “parecido” – é “totalmente parecido”, ou “igual” (literalmente: “ponto-por-ponto parecido”).

Pode-se, também, notar a presença do cognato *brávy* (em *sámy brávy*, isto é, “o mais bravo”). O idioma russo, na verdade, possui termos de origem latina, que teriam vindo pela *via erudita*, tomadas de empréstimo, diretamente, do latim. Do mesmo modo, outros termos de origem latina existem, estes teriam vindo, *indiretamente*, do latim, através do francês e de outras línguas indo-germânicas. O termo *brávy* foi, assim, usado para traduzir “solerte” (termo pouco usado que, segundo Houaiss se origina do latim, *solis artis* – o que equivale a “só da arte”).

Como já foi dito, as traduções não são operações “exatas”, são apenas “aproximadas”, pois as línguas são diferentes, e a maneira de sentir o mundo – as “mentalidades” – também o são, estando condicionadas à cultura de cada nação, e esta varia de país para país, ou mesmo de uma região para outra. A estas alturas, conclui o narrador, com a frase: “E, assim, dormiram *as coisas*” – pois Nhô Augusto adormecera, depois do “trago”, e com ele tudo o mais dormiu – ou, no sentido conotativo, pode-se entender: “Assim ficaram – ou permaneceram – as coisas”.

A linguagem conotativa (a figura de “personificação” ou “prosopopéia”) – que aparece na frase acima – está refletida na versa inglesa da seguinte forma: *And in this fashion things slept*. Em russo também foi usada linguagem conotativa, mas com outros termos, a saber, *Takím óbrazom uleglís’ trevógui* (isto é, “Desta forma, *deitaram-se* – isto é, “arrumaram-se” – as inquietações).

A linguagem popular continua no próximo período, quando diz o narrador: “Deu uma internada brava” (*It was a hard rainy season*). Mas isto, para Nhô Augusto “não foi nada” (*malo trógalo* – isto é, “afetava pouco”, literalmente, “tocava pouco”) e ele, muitas vezes, fazia trabalhos desnecessários, “sem precisão nenhuma” (TLP, p.373).

3.4.3.9 TLP, p.373; TLC-1, p. 291-292; TLC-2, p. 242-243

Assim, “*entestou de pôr abaixo o mato*” (*he took into his head to cut down the woods*) que conduzia até a beira do córrego (*that led to the bank of the brook*), os angicos de *casca encoscorada*, e os jacarandás anosos, da “primeira geração” – *the angicos with their crusty bark and the hoary first-growth jacarandás*.

Para “entestar”, Houaiss traz a seguinte explicação: “**v.1.** *t.i.* .ficar defronte a; confrontar com [...] **2.** *t.i.*, fazer limite com; confinar [...]; **3.** *t.i.* encostar em; tocar, roçar [...]” – mas tudo indica que Guimarães Rosa usou o termo no sentido de “colocou na cabeça, decidiu” – como, aliás, se lê em ambas as versões – graças à predileção do escritor por palavras e expressões novas.

Em russo, para “entestou”, tem-se: *vbíl sebié v gólovu* – isto é, “incutiu na sua cabeça”, que se usa para mostrar a obstinação de alguém. E em seguida, lê-se: *chto dóljen výrubit’ zárosli, tianúvchyessia do sámoi vodomóiny: deriêv’ia anjico v bronie otverdévchey korý i deriêvia jacarandá, stárye, róschye zdiês’ s neviédomykh vremión*. Em retroversão, tem-se: “[...] que devia derrubar o mato, que se prolongava bem até o córrego: as *árvores* de angico coberto de casca endurecida, assim como *os pés* (literalmente “árvores”) de *jacarandás, velhos*, que cresciam ali desde os *tempos imemoriais*).

Vê-se que tanto na versão inglesa quanto na russa foram tomados de empréstimo os nomes das árvores tropicais aí citadas, sendo que na versão russa tanto os “angicos como os “jacarandás” estão precedidos – como se vê – da palavra *deriêv’ia*, que significa “árvores” – desta forma, não foi preciso lançar mão de uma nota em pé-de-página.

O adjetivo “anosos” – em “jacarandás anosos” – (apresentado, tanto pelo LGR, como por Houaiss, como “velho, antigo, o que tem muitos anos”) está traduzido, em inglês – como se vê acima – por *hoary* – o que, na verdade, equivale a “branco, grisalho”, “velho”, “respeitável”, conforme Michaelis. O Heritage apresenta o termo – entre outras coisas – como “2. *covered with grayish hair or pubescence: hoary leaves* (sendo um termo que – segundo o Heritage – deriva do Old English *har*, sendo este, por sua vez, derivado do radical germânico **kei-2* (*referring to various adjectives of color*)).

Em russo, para “jacarandás anosos”, lê-se, simplesmente, *deriêv’ia jacarandás, stárye* (isto é, “árvores de jacarandás, velhas”). No entanto, para “de primeira geração”, a versão russa apresenta *róschye zdiês’ s neviédomykh vremión*, uma paráfrase poética, que significa, em retroversão – como foi visto acima – “que cresciam aí, desde tempos imemoráveis” – uma recriação, portanto.

É provável que Guimarães Rosa tenha escolhido o modificador “anosos” por se tratar de uma árvore (os jacarandás), e – como se sabe – as árvores, de modo geral, mostram a *marca dos anos*, na própria madeira (os assim-chamados “anéis dendríticos”), à proporção que se passam os anos.

Como se sabe, o jacarandá é uma “madeira de lei” – usada, no passado, pelas famílias abastadas para mandar fabricar móveis considerados muito valiosos, pois não eram

atingidos pelos *cupins* – um inseto que medra nas regiões de clima tropical. Faziam-se também obras de arte – esculturas, oratórios, bancos de igrejas (ainda presentes em várias igrejas católicas, de tradição, em Salvador, como a Igreja de São Francisco e a Catedral Basílica). A árvore do jacarandá, na verdade, existe, também, em outras regiões tropicais do planeta (e por isto, em outras línguas, possui outras denominações, como em alemão, por exemplo, *Palissander*) – sendo “jacarandá” – um nome que vem do idioma tupi.

Quanto à “casca *encoscorada*” – (dos angicos) – um termo da linguagem popular – temos *crusty bark*, em inglês, e em russo *anjico v bronie otverdiévchei korý*, isto é, “angicos em couraça de casca endurecida”.

Enquanto isso, Nhô Augusto golpeava os troncos e gritava. O casal de “pretos traziam-lhe de vez em quando um golinho”, (embora sem especificação, a tradutora inglesa, escreveu *swig of rum*, como sempre, quando se referiu à nacional “cachaça”) – para que não se “apanhasse resfriado” (linguagem coloquial). Isto mostra o uso popular do álcool como prevenção contra a gripe.

Entre outras mudanças que ocorreram com Nhô Augusto – continua o narrador – “era que, agora, Nhô Augusto sentia *saudades* de mulher (*felt a longing for women*). E a força da vida nele latejava, em ondas largas, numa tensão confortante (*And the vital forces throbbed in him, in long waves, in a comforting tension*), que era um regresso e um ressurgimento (*which was a return and a resurge*). Assim, sim, que era bom fazer penitência, com a tentação estimulando (*In this way it was indeed good to do penance, with temptation inciting him*) com o rasto no terreno conquistado, com o perigo e tudo” (*with the spoor appearing in conquered territory, and the danger and all*). Na versão russa, lê-se:

I eschió ráznye proizochlí izmeniênia, a glavnym iz nikh býlo to, chto tepiêr' Nhô Augusto **toskovál po jênschinam**. I jýznenáia síla **burlíla** v níóm, **prilivála** móschnymí volnámi v bódrischem napriajênii, i býlo èto slóvno vozvrát i **voskrechênie**. Vot tepiêr pokoiánie **voístinu** prinossílo ráдост', potomú-chto býlo podstrekáiuschee iskuchênie, i byl sliéd, ostávlienny na zavoióvannoi zemlié, i býla opásnost' i vsió, chto nújno tcheloviéku.

Em retroversão:

E mais algumas, diferentes, mudanças aconteceram, sendo a mais importante aquela, que agora Nhô Augusto sentia *saudades* das mulheres; E a força vital *fervia* nele, e *se enchia*, em ondas poderosas, numa tensão estimulante, e isto era como que um retorno e uma ressurreição. Eis que agora a penitência, *deveras*, lhe trazia alegria, pois havia a tentação instigante, e havia um rasto no terreno conquistado, e havia o perigo, e tudo, *de que precisava um ser humano*.

Como se vê, muitas coisas foram modificadas pela tradutora Ye. Koss, por exemplo: enquanto no TLP o período acabava com “tudo” (“com o perigo e tudo”), em russo, este final ficou mais extenso, a saber: “e tudo *de que precisa o ser humano*” – por conta do espírito criativo da tradutora russa.

Quanto à expressão “sentir saudades” (em “agora, Nhô Augusto sentia saudades de mulheres”), em russo corresponde a *toskovát’* que pode significar tanto sentir saudades como “sentir tédio”. As acepções da palavra, do português, “saudade”, tão mistificada, serão discutidas, em outra oportunidade, neste trabalho.

O termo *voístinu*, por sua vez, é livresco e tem um cunho religioso, pois no culto Cristão Ortodoxo, que predominava na Rússia czarista (tendo voltado a suas prática, depois da queda do “regime socialista”) – a festa religiosa de maior peso não era o Natal e sim, a Páscoa, sendo que as pessoas deveriam se cumprimentar, exclamando em “eslavônico eclesiástico”: – *Khristós voskriêsse!* – enquanto o que ouvia este cumprimento deveria responder: “–*Voístinu voskriêsse!* (isto é, “Em verdade (“deveras”), ressuscitou!”). Continua o narrador, relatando sobre a boa disposição de Nhô Augusto:

Nem pensou mais em morte, nem em ir para o céu; e mesmo a lembrança de sua desdita e reveses parou de atormentá-lo, *como fome depois de um almoço cheio (fading like hunger after a full meal)*. Bastava rezar e agüentar firme, com o diabo ali, subjugado e apanhando de rijo, que era um prazer (*subdued and held so firmly at bay it was a pleasure*).

E somente, “por hábito”, repetia o já conhecido refrão: “– Cada um tem a sua hora, e *há-de chegar a minha vez!*” – Para isto, nem escolhia a hora, como se lê abaixo: “Tanto assim que nem escolhia, para dizer isto, às horas certas, às três *horas fortes do dia*, em que os anjos escutam e diz amém [...] (*the three potent hours of the day [...]*)”. João Guimarães Rosa mostra a mentalidade religiosa do povo desta região, fala como um deles. Em russo, lê-se: *Nastol’ko po privýtchke, chtó on dáje nie starálsa, chtóby slová éti býli skázany kak raz v tot tchás, nastupáiuschi tríjdy v sútki, kogdá ánguely slúchaiut i govoriát amín’*. Isto é, “Tão por hábito, que ele nem fazia esforço para que elas fossem pronunciadas exatamente naquela hora que acontece *três vezes ao dia*, quando os anjos escutam e dizem amém”.

Vemos que as palavras e expressões foram re-arrumadas para transpor o sentido contido no TLP, havendo acréscimos daquilo que penas estava “implícito”, como *Nastol’ko pó privýtchke* (“Tão por hábito”) – o que já foi expresso no antepenúltimo parágrafo, entre outras alterações. Será que a isto poder-se-ia chamar de “licença poética” do tradutor?

Afinal, como sabemos, uma tradução literária é uma “recriação” – ou, usando a terminologia de Haroldo de Campos, uma verdadeira “transcrição”.

Segue-se descrição da natureza e uma curiosa comparação (imagem), numa manhã belíssima, a “mais bonita que ele já pudera ver”. As chuvas cessaram, e Nhô Augusto “desconheceu o mundo: um *sol*, talqualzinho a *bola de enxofre no fundo do pote*, marin hava céu acima, num azul de águas sem praias [...] e um *desperdício* de verdes cá embaixo [...]”. O céu comparado ao mar, enfim.

Apesar da evidente relação com “mar”, o LGR apresenta o verbo “marinhar” como sinônimo de “subir, trepar”, sendo um termo popular arcaizante. Houaiss apresenta para o termo, de “guarnecer (um navio) de marinheiros”, “saber o ofício de navegação”, entre outras acepções ligadas ao mar, até “subir ao alto, como os marinheiros à gávea”. Na versão inglesa, tem-se: *a sun like a ball of sulphur in the bottom of a pot sailing overhead in a blue of boundless waters, with the light thrown to this sided and to that, and a riot of greens here below*, onde se lê *sailing* para “marinhava”, e *riot* (revolta) para “desperdício”, este termo, de certa forma, mais expressivo que o usado na expressão.

Em russo, lê-se

[...] *solntse totch-v-totch pokhóje na kóm siéry, jeltéiuschei iz glubiný gorchká, karábkalos’ vviérkh po niébu, golubómu, kak bezbriéjnyie vódy, I otrássylo vo vsié stórony snopý sviéta, a vnizú búistovala ziêlen’ [...]*. Isto é, “o sol ficara igualzinho a uma *bola de enxofre*, que aparecia amarelo no fundo do pote e se *arrastava* para cima, pelo céu azul (literalmente, “azul celeste”), como águas sem margens, jogando, para todos os lados, feixes de luz, enquanto embaixo, o verde era um *escândalo* de tão exuberante [...]”.

Na verdade, o verbo *búistvovat’* significa “fazer escândalos, entregar-se a excessos”, segundo Vóinova, e sua escolha pode ter sido influenciada pela versão inglesa, onde se lê *a riot of greens*.

O termo *kóm* é na verdade “bolota”, como diz Vóynova, ou um “grumo” ou “montículo”, algo que “se molda”, enfim. Aparece como tradução para “bola” (um objeto que se usa, também, para jogar) – que é um termo polissêmico. Deve ter sido escolhida pelo autor, por causa da forma redonda, na qual se apresenta o sol.

Jetléiuschei é o caso genitivo singular de *jetéiuschaia* (que “amarelava”) – modificador de *siéra* enxofre, do gênero feminino, sendo participio presente de *jeltiêt’* (amarelar, soltar cor amarela), que não se usaria em português, neste contexto.

Já a forma verbal “marinhava” foi traduzida por um termo coloquial, um tanto cômico, *karábkalos’*, isto é, “subia com dificuldade”, como alguém que escala uma

superfície de subida difícil. Em português se usa o termo “azul” para várias coisas (mar, céu): em russo, o céu é sempre *golubóie* (azul celeste) – como foi usado neste texto – enquanto o mar é *síneie* (um azul mais intenso, como “azul marinho”). Não havendo uma correspondência, total, entre os termos, como poderia haver traduções “exatas”?

Surge, logo em seguida, uma personificação em: “De repente, na altura, a manhã *gargalhou* (*gave a guffaw*): um bando de maitacas passava, *tinindo guizos*, partindo vidros, estralejando de rir”. (“Estralejar” está apresentado por Houaiss, como uma variante de “estalejar”, este mais usado). Como se vê, quem “gargalhou” foram as maitacas (isto é, “papagaios pequenos”).

É interessante ver, na versão inglesa, a expressão *sleigh bells* para “guizos”, pois não se trata aqui de “trenós” (*sleighs*), nem poderia haver, numa paisagem de clima tropical. Os Y “guizos” eram, normalmente, colocados em pescoços de animais domésticos. Tudo indica que tal tipo de guizos eram, geralmente, usados, também, em trenós. Michaelis traz, para “guizo”, *ball-bell* – que poderia ser usado na tradução. Michaelis também apresenta *small globelike metal bells (like those on a foolscap)*, como uma explicação mais detalhada. Em russo, tem-se: *Vdrug útrennoie niébo zagomonílo: stáei proletáli popugáitchiki-maitáki, zveniêli, slóvno bubentsý, tsókali, slóvno probiváia kliúvom stiókla, zalivális’ chúmnyim khókhotom*. Isto é, “de repente, o céu matutino ressoou: em bandos passaram voando os papagaiozinhos-maitacas, tilintavam como se fossem guizos, produzindo alaridos, como se partissem vidros, e inundavam-se em gargalhadas sonoras”.

É interessante notar-se que *zalivátsa* (inundar-se, encher-se de água) é um verbo que faz parte da expressão *zalivátsa smiékhom* ou *khókhotom*, como está aí, (literalmente “inundar-se de riso” ou “de gargalhada”), criando uma imagem. Já o termo *bubentsý* (guizos, chocalhos) é um termo inequívoco, pois estes artefatos eram bem conhecidos, por serem, geralmente, pendurados nos cavalos que formavam uma *tróika* (conjunto de três cavalos), que conduzia os trenós no inverno.

3.4.3.10 TLP, p.374; TLC-1, p. 293-294; TLC-2, p. 243-244

Os bandos de maitacas não cessam. Escreve o narrador, num “crescendo”: “E outro. Mais outro. E ainda outro, mais baixo (TLP, p.373), com maitacas verdinhas (*green parrots*), *grulhantes*, *gralhantes* (*chattering*) incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro” (TLP, p.374). É interessante perceber as aliterações e as assonâncias de Guimarães Rosa, quase “onomatopaicas”. As duas formas de participio presente, grifadas

acima, foram transmitidas – como se vê acima – apenas com uma forma, a saber: *chattering*, um hiperônimo que pode ser aplicado para seres humanos.

Também – como já foi observado – por falta de termos específicos, na classificação das diversas espécies de papagaios, na língua inglesa, usou-se, no trecho acima, o hiperônimo *parrots*, precedido de modificador. Já mais, adiante, a tradutora americana já usa como “empréstimo” o termo tupi “maitacas (destacando-o, em itálico), após ter sido definido, pelo narrador, tratar-se de um grupo de papagaios verde-azulados (*a greenish-blue band*), sente-se livre para adaptar, por assim dizer, “maracanãs” para o inglês *maracans*.

Na versão russa, com relação ao trecho do TLP citado acima, a tradutora russa deixa explícito de que “as vozes” dos papagaios eram dissonantes ou fora do ritmo, ao acrescentar a palavra *raznobói* (isto é, “falta de uniformidade”, “discrepância”, “divergência das vozes”) o que, de certa forma, está implícito no TLP, em “incapazes de acertarem as vozes.

Quanto a “maracanãs” e “maitacas”, na versão russa, ambos os termos foram tomados de empréstimo. O primeiro, com nota de pé-de-página e adaptação à fonética do idioma russo, a saber: *marakány* – “uma variedade de papagaios verdades da Amazônia”, enquanto a segunda variedade de papagaios – “maitacas” – restou tal e qual e infere-se do contexto.

O restante da página 374 do TLP, o narrador se detém em descrever o comportamento das diversas variedades de papagaios, com suas características, tais como “periquitos de *guinchos timpânicos*” – onde Guimarães Rosa mostra, mais uma vez, criatividade lingüística, inovadora, e suas imagens, fantásticas. A tradutora russa escreve para “periquitos” – *rozokliúvovye popugáitchiki* (isto é, “pequenos papagaios de bicos cor-de-rosa”) – acrescentando, como se vê, um modificador para a cor dos bicos destas aves.

No restante da expressão, citada acima, lê-se: *oní izdaváli pronzútel’nye kríki* (isto é, “eles emitiam gritos *estridentes*”), seguido da paráfrase *pokhójye na zvuk timpána* (isto é, “semelhantes ao som do tímpano”). Parece ter havido influência da versão inglesa, como ver-se-á, a seguir.

Deve-se confessar que no exemplo acima, o leitor pode – no primeiro momento – não ter associado o adjetivo “timpânico” ao instrumento de percussão e – em vez disso – à membrana do ouvido interno que, em português, tem o mesmo nome. Parece que ocorre aí uma “dubiedade”, um duplo sentido – pois os gritos dos papagaios seriam tanto semelhantes àqueles que são emitidos pelo instrumento de percussão – chamado “tímpano” – como

poderiam estar afetando os “tímpanos” dos seres humanos que ouvissem os gritos destas aves.

Em russo, “tímpano” – como parte do ouvido humano – acontece ser ter uma outra etimologia (*barbánnaiá perepónka* – literalmente “membrana de tambor”). Embora exista, em russo, o termo *timpán*, este é apenas usado para designar o instrumento de percussão. Portanto, não existe esta “polissemia”.

O idioma inglês que está muito mais próximo ao português, no seu léxico – por causa da abundância de termos de origem latina – e, de certa forma, até da sintaxe do português – pois em ambas as línguas foram abolidas as declinações, que estavam presentes nas respectivas línguas-mães, o *latim* e o *gótico* o que obrigou ambas as línguas, normalmente, a se aterem a uma ordem “mais rígida”, do tipo SVO – pode-se, não raro, recorrer a “cognatos”. Assim, na versão de língua inglesa lemos: *the little parakeets with tympanic shrieks* — onde o nome *shrieks* já denota “estridência”.

A quase-blasfêmia de Nhô Augusto – “Levou o *diabo*” (em “Levou o diabo que eu nunca pensei que tinha tantos!”) inclui, na versão inglesa, igualmente, referência a este símbolo do mal. Assim, lê-se: *The devil fly away with me, if I ever thought there were so many of them!* – enquanto na versão russa, há referência às “cinzas” (no sentido de “restos mortais”²¹⁶). Assim, lê-se: *Prakh poberí, i dúmat’ níe dúmal, chto byváiet ikh stól’ko!* (isto é, “Que as cinzas me levem, que eu nunca cheguei a pensar que pudesse haver tantos deles!”). De qualquer forma, mantém-se o tom “emocional” desta exclamação.

Pode-se observar, no entanto, que existe em russo, uma expressão equivalente à do TLP, a saber, *Tchiórt poberí!* (“que o diabo leve!”) – mas que deve ter sido computada como “muito vulgar” pela tradutora Ye. Koss – já que é comum ouvir-se na linguagem do dia-a-dia – o que deve tê-la levado a preferir usar algo semelhante, porém mais “suave”.

Em seguida, a tradutora russa se permitiu fazer uma modificação, mencionando uma espécie de papagaios (“araras”), que não está presente no TLP. Assim, tem-se: “– E mesmo, de vez em quando, discutindo, brigando, um casal de papagaios ciumentos”, a tradutora russa criou a imagem de “araras” (em russo, *popugái ara*, isto é, “papagaios araras”) – talvez para dar um ar mais pitoresco e exótico à narrativa. Estas, de vez em quando passariam voando, “como pares conjugais, que se xingavam mutuamente e brigavam” ([...] *popugái ara, oní letiéli suprújeskimi párami, revnívo perebránivalis’ i ssórias*’).

²¹⁶ Cf. VÓINOVA.

“Todos tinham pressa” – continua o narrador “os únicos que interrompiam, por momentos, a viagem eram os alegres *tuins*, os minúsculos *tuins* de cabecinhas amarelas”. Enquanto a tradutora russa usa “tuins” como empréstimo (adaptado para *tuíny* e acompanhado – como de costume – de nota-de-pé-de-página, a saber: *tuíny* – variedade de papagaios miúdos”), a tradutora americana se refere aos mesmos com o diminutivo *parrotlets*.

A imagem de que os tuins “*choveram* nos pés de mamão e fizeram recreio, aos pares” foi mantida, na sua linguagem conotativa, na versão inglesa [...] *who rained into the papaya trees, and took recess* [...], enquanto na versão russa criou-se outra imagem, a saber *oní óblatchkom opustilis’ na deriêv’ia i peredokhnúli, sídia párotchkami* [...] (isto é, “eles desceram em forma de *nuvenzinha* sobre as árvores (não há referência aos “pés-de-mamão”) fizeram recesso (literalmente, “pararam para respirar”), sentados aos parezinhos [...]). No decorrer de todo este cotejo, pode-se observar a inexistência de uma sinonímia perfeita entre as línguas (por este motivo, inclusive, não se pode esperar que haja “traduções perfeitas”). Enquanto, por exemplo, *peredokhnút’* – cujo pretérito aparece no trecho cotejado acima – pode significar “dar uma parada”, ao se praticar qualquer movimento ou ação, mas está aí embutida a idéia de “parar para respirar” (por ser este um verbo derivado de *dokhnút’* – isto é, “dar um suspiro”). Esta forma verbal, com a tônica transposta para a primeira sílaba (isto é, *dókhnut*), mantém ligação com a idéia de “respirar”, mas com a conotação de “morrer” (isto é, “dar o último suspiro”, principalmente no seu aspecto perfectivo – isto é, *izdókhnut’* – formas, no entanto, que só se usam em se tratando de animais irracionais.

Em relação ao dito acima, podemos dizer que a ausência de sinonímia perfeita cria contextos diversos, com associações de idéias, presentes numa língua, mas ausentes na outra – o que vem formar um “tecido cultural” diverso. Por exemplo, *vnútchka* em russo, se associa, foneticamente – e por isso, lembra – *voniútchka*, que seria “fedorenta” – não sendo nunca possível uma tal associação entre estas duas palavras, se não houvesse proximidade fônica entre elas. Muitas vezes, ocorrem homônimos numa determinada língua, ausentes nas outras. Assim: *Vót, kupíl* (isto é, “Eis o que comprei”) lembra *Vódku pil* – (isto é, “Bebi vódca”) – pois é pronunciado como *Vótku pil*. Em outras línguas também ocorrem estes fenômenos por causa da polissemia ou de diversas associações fônicas, criando outras conotações culturais.

Guimarães Rosa aproveita a oportunidade de introduzir, no vocabulário do vernáculo, formas alternativas – arcaicas ou eruditas – produzindo variações no léxico, evitando, assim, formas muito desgastadas, como ele – aliás – sempre frisou. Desta forma,

aparece o adjetivo *gárrulas* (em inglês, *chattering*, e em russo *boltlívye* – ambos com o mesmo sentido) como se lê na frase abaixo: “Mas o que não se interrompia era o trânsito das *gárrulas maitacas*”, onde este modificador, segundo o LGR, significa “tagarela, que canta muito”, sendo um “termo literário, do latim, de sonoridade sugestiva”²¹⁷. Mais adiante lemos: “Um bando *grazinava (screeched)* alto, risonho, para o que ia na frente: – Me espera! ...Me espera! [...]”.

O amor que o narrador – cuja figura, no caso, se confunde com a do próprio Nhô Augusto – devota a todas estas aves faz com que os ruídos, por elas proferidos, tenham sentido e possam ser traduzidos em fala humana (uma verdadeira “personificação”).

Ao contemplar tudo isto, Nhô Augusto exclama, exaltado: “Virgem! (*Mother of God*), estão todas assanhadas (*out of their wits*), pensando que já tem milho nas roças”. É um instante de contemplação diante da manhã luminosa, diante da natureza, que não seria tão bela, sem a presença destes papagaios: “Mas, também, como é que podia haver *um de-manhã* mesmo bonito, sem as maitacas?![...]”. Na versão russa lê-se: *Presviatáia Dièva! Sovsiém opoloumiêli, dúmaiut, kukurúza ujé pospiéla [...]* *No rázvie biez maiták útro mójet byt’ ponastoiáschemu ktassívym?*– (isto é, “Virgem Santíssima! Perderam, totalmente, o juízo, pensam que o milho já está maduro” – A tradutora russa se antecipou, portanto ao TLP, declarando o milho já estar “maduro” – “E poderia uma manhã ser, verdadeiramente, bela sem as maitacas?”). Também se pode observar que *opolo-umiêt*, devido ao prefixo, contido em *opolo-*, significaria, apenas, perder “a metade” do juízo – o que mostra a grande não-correspondência semântica entre os diversos idiomas.

O cenário está prestes a mudar, e por isto não tarda a aparecer mais uma epígrafe “interna”, na voz de Nhô Augusto, que ainda tem tempo para ver o “vôo verde das aves itinerantes”, por cima do qual “o sol ia subindo”. A metáfora é mantida na versão inglesa: *The sun was climbing higher, above the green flight of the itinerant birds*. Na versão russa, houve uma modificação, pois em lugar de um lugar de “vôo”, lê-se *sútoloka* (isto é, “pressa”, “lufa-lufa”²¹⁸) – ou até mesmo, “confusão” – a saber: *Solntse podnimálos’ vsió víshe nad zeliónoi sútolokoi pereliótnykh ptits* (isto é, “O sol ia subindo cada vez mais alto, por cima do lufa-lufa verde das aves itinerantes”), não deixando de haver uma metáfora.

O que faz Nhô Augusto recorrer a uma cantiga, “muito velha”. É a visão de uma “rapariga” – não havendo qualquer indício para sabermos se o termo, no presente contexto, fora usado por Guimarães Rosa no sentido do “português brasileiro”, ou no português

²¹⁷ Cf. LGR.

²¹⁸ Cf. VÓINOVA.

“europeu”. Tanto a versão inglesa, como a russa, usa termos que não têm nenhum sentido depreciativo, ou “negativo”, isto é, *girl* e *diévuchka* (“moça”), respectivamente. Nhô Augusto se sente leve e bem-humorado, com o pensamento: “Bonita! Todas as mulheres eram bonitas. Todo anjo do céu *devia de ser mulher*” (isto é, “provavelmente” seriam). Continua o narrador: “E Nhô Augusto pegou a cantar a cantiga, muito velha, do capiau exilado:

Eu quero ver a moreninha tabar**oa**,
Arregaçada, enchendo o pote na lago**oa**.

I want to see the dark country lass,
Skirt tucked up, drawing water in the lagoon
(TLC, p. 293)

Na versão russa, lê-se:

Uvídét' by smugliánku iz sertá**na**,
Chto výchla za vodóiu, útrom rá**no** [...]

Gostaria de ver a morena do sertão,
Que foi pegar água de manhã cedo [...]

Onde há rima no dístico, como no TLP – não sendo “imperfeita”, pois o [o] átono – como, por exemplo, em *ráno* [‘rana], isto é, “cedo” – costuma ser pronunciado, no russo padrão, como um [a] fraco, isto é, como *schwa*.

Foi tomado de empréstimo, e adaptado para o russo, o termo “sertão” – como se procedeu nos demais os contos de Guimarães Rosa, contidos na coletânea usada para o presente cotejo. No entanto, não há referência à “(saia) arregaçada”. É o que, normalmente, acontece na tradução de versos: ou o tradutor se atém, preferencialmente, ao sentido (conteúdo), ou aos aspectos formais, dos mesmos.

3.4.3.11 TLP, p.375; TLC-1, p. 293-294; TLC-2, p. 244-245

“Cantou, longo tempo” – continua o narrador – “Até que todas as *asas* saíssem do céu”. A metonímia foi conservada na versão inglesa *Untill all the wings disappeared from the sky*. Na versão russa, a tradutora encontrou outra solução: *On dólgo píel Pokúda nie uletiéli vsié krylátýe gósti* (isto é: “Ele cantou longamente. Até que não partissem (voando) todos os hóspedes alados”).

Como já foi comentando inúmeras vezes, raramente – isto é, “quase nunca” – é possível encontrar uma correspondência total, numa tradução. Por exemplo: em russo, o verbo de aspecto perfectivo *uletiêt'* – (infinitivo para *uletiêli* – forma que está na 3ª. p. do plural do pretérito) – significa, nada menos, que “ir embora” (ou “partir”), “voando” – isto é, “por meio do vôo” – um termo que pode e não existir em outras línguas. É claro que o ato de

“partir”, para os pássaros, deixa implícito que eles, geralmente, costumam partir, desta maneira.

Para explicar melhor, podemos dizer que o verbo primitivo *letiét* – significa, simplesmente, “voar”, mas o prefixo “*u*” foi acrescentado para indicar “afastamento”, formando o verbo derivado *uletiét*, que reúne as duas idéias: a de voar e a de afastar-se.

No idioma alemão – no qual impera a “aglutinação” na formação das palavras – existe, sim, um termo correspondente (ao verbo russo *uletiét*) que é *wegfliegen*, onde *weg* indica afastamento, enquanto *fliegen* é “voar”.

Em inglês, onde – em lugar dos prefixos aglutinados – temos *phrasal verbs* ou *two-word-verbs* – nos quais a partícula se segue ao verbo, em vez de precedê-lo – o *weg* – do alemão – corresponde, justamente a *way*, formando-se *fly away* (basta lembrar a frase *Fly away, skyline pidgeon, fly!* – na famosa canção, interpretada por Elton John).

Nas línguas neo-latinas, no entanto, teria que se usar de “outros artifícios” – como uma locução verbal, por exemplo – ou deixar implícita esta dupla idéia. Assim, pode-se concluir que as estruturas lingüísticas diferentes – nos diversos idiomas – impõem suas “limitações” ao processo tradutório, o qual ainda se depara com as diferenças culturais.

Quanto à metonímia “asas” do TLP, ela foi substituída – na versão russa – por uma metáfora, a saber, *krylátye gósti*, isto é, “hóspedes alados”. Muitas vezes, o que é possível dizer numa língua, usando certas palavras, pode ficar inviável, em outra língua. Outras vezes, tudo se explica por uma escolha, feita pelo tradutor, ou pelo estilo que o caracteriza.

“– Não passam mais... Ô *papagaiada vagabunda!* Já devem estar longe daqui... Longe, onde?” – pensa Nhô Augusto. Não podia ser uma das mais adequadas a expressão “vagabunda” para os papagaios que gostavam de “vagar”, ao mesmo tempo em que Nhô Augusto parece ter se ressentido por esta “papagaiada” ter ido embora.

Temos aí um substantivo “coletivo” que parece não ter um correspondente nas línguas indo-européias do cotejo. Desta forma, na versão inglesa, lê-se: *No more are coming by. Oh, vagabond parrot folk! They must already be far from here... Far? Where?*, enquanto, na versão russa, lê-se:

Bol’che nie vídno...Èkh, popugái, nepossiêdlivoe pliêmia! Naviêrnoe, ujé dalekó otsiúda... Dalekó, gdiê?, isto é, “Não se vê mais... Eta, papagaios, povo (literalmente, “tribo”) irrequieto!... Talvez já estejam longe daqui... Longe, onde?”

Ao se indagar sobre o destino dos papagaios, Nhô Augusto começa a se lembrar de outras paragens – sempre tendo em mente o seu amado “sertão” – com o que canta dois versos e, em seguida, mais dois, a saber:

Como corisca, como ronca a trovoada,
No meu sertão, na minha terra abençoada [...]

E na versão inglesa:

How it lightens, how the thunder roars,
In my backland, my blessed land [...] (TLC, p.293)

Embora na versão de língua inglesa não haja rima no final dos versos, aparece uma rima interna entre *backland* e *land*, criando-se – graças a este “eco”, um certo ritmo, como costuma acontecer nas trovas e canções populares. Na versão russa, lê-se:

Kak grom gremít, kak mólnii sverkáiut,
Kogdá sertán mói grózy naveschiáiut [...] (TLC, p.244)

Em retroversão, tem-se:

Como ruge o trovão, como faíscam os relâmpagos,
Quando o meu *sertão* é visitado pelas tempestades [...]

Já foi observado que o termo “sertão” foi incorporado, na forma adaptada (isto é, “russificada”) de *sertán*, pela tradutora russa. Nhô Augusto torna a indagar “Longe, onde?” e volta a cantar:

Quero ir namorar com as pequenas,
Com as morenas do Norte de Minas [...]

– com uma rima, um tanto imperfeita entre os dois versos. Na versão de língua inglesa, temos:

I want to go wooing the young girls,
The dark maids of the North of Minas

Houve maior preocupação – por parte da tradutora americana – com a semântica, em si, do que com a forma poética. A versão russa segue uma tendência oposta: atém-se mais a forma poética, omitindo algumas palavras do TLP, contanto que haja rima. A saber:

Vliubítsa by v malýchku **severiánku**,
Iz Minas **ostroglázuiu** smugliánku [...] (TLC, p.244)

Em retroversão tem-se:

Quisera apaixonar-me por uma pequena do Norte,
De Minas, uma morena dos olhos vivos [...]

Se é difícil realizar a tradução poética, a retroversão de uma tradução deste tipo – também apresenta suas dificuldades. Literalmente, por exemplo, *severiánka* equivaleria a “nortista”. Ora, em português, ir-se-ia associar este conceito a um habitante de um dos estados da região Norte do Brasil. O verso seguinte está em ordem inversa. A ordem “direta” seria a seguinte: *ostroglázuiu smugliánku iz Minas* (uma morena, do olhar penetrante, de Minas) – no que se haveria de perder a rima e, talvez, a métrica.

Outra dificuldade é, justamente, com relação à tradução do adjetivo, *ostroglázaia* – composto por dois radicais (*ostry*, agudo, penetrante, e *glaz*, olho). A forma empregada na versão russa – diga-se de passagem – está no caso acusativo singular, e significaria, literalmente, “a que tem os olhos agudos” (isto é, “de olhar penetrante”, ou “vivo”, conforme Vóinova), tendo sido aí colocada, tudo indica – quase aleatoriamente – para preencher o vazio antes de *smugliánku* (acusativo singular de *smugliánka*, morena) que faz rima com *severiánku*.

Continua o narrador: “Mas, ali mesmo, no sertão do Norte, Nhô Augusto estava. “Longe onde, então?”. E – de repente – Nhô Augusto decide – inconscientemente – imitar a tal “papagaiada vagabunda”, seguindo-a por onde ela tenha ido.

Ao entrar na cozinha – continua o narrador – “ainda não possuía idéia alguma do que ia fazer. Mas, dali a pouco, não adiantavam, para retê-lo (*availed naught to detain him*) os rogos reunidos (*the combined pleas of*) de mãe preta Quitéria (*black Mother Quitéria*) e de pai preto Serapião (*black Father Serapião*)”. Os dois dísticos foram – justamente – o prenúncio de uma nova “mudança de cenário”: Nhô Augusto decide partir. Ele vai ao encontro do seu destino, da sua tão esperada “Hora e Vez...”. E é, justamente, o que Nhô Augusto acaba por declarar: “Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a

minha vez vai chegar (for *my turn is coming* [...]) e eu tenho que *estar por ela* em outras partes (and *I must await it elsewhere!*). Deve-se reconhecer que, às vezes, a tradutora americana é muito feliz no seu trabalho de tradução, como nas diversas citações acima. Na versão russa, lê-se: *Proscháite, rodnýe, zdiês mnié ból'che niézatchem ostavátsa, potomú- chto skóro nastúpít mói tcheriód, i mnié nádo idti za ním v drugúie kraiá* (isto é, “Adeus, meus queridos (parentes), para mim, não há mais por que ficar aqui, pois em breve haverá de chegar a *minha vez*, e vou ter que ir atrás dela, em outras terras”).

Mãe Quitéria quer fazê-lo esperar pelo “fim das chuvas”, pela “vazante”. Em inglês: *Wait until the rainy season is over, my son. Wait for the waters to recede* [...]. Em russo, não há referência à vazante (ao “recesso das águas”), apenas à melhora do tempo climático (– *Dojdís'kotsá lívnei, synók! Dojdís' poká raspogóditsa*, isto é, “Espere o fim das chuvas torrenciais, filhinho! Espere até que o tempo melhore [...]”). É interessante ver-se que a forma verbal frisada – *raspogóditsa* – engloba uma idéia inteira de “melhora do tempo (climático)”, isto é da *pogóda*, que equivalente ao *weather*, em inglês.

Por outro lado, a tradutora russa usou o termo *lívni* (empregado aqui no genitivo plural, isto é, *lívnei*) – isto é, “chuvas torrenciais”, ou por conhecer um pouco sobre as chuvas das regiões tropicais, ou por tê-lo inferido do contexto (provavelmente, em virtude da referência à “vazante”).

Nhô Augusto foi peremptório: “– Não posso, mãe Quitéria. *Quando o coração está mandando, todo o tempo é tempo!* [...]. E, se eu não voltar mais, tudo o que era *de meu* fica sendo para vocês”. Vê-se o desapego total de Nhô Augusto pelas coisas terrenas. O apelo a que ele atende está “acima de todas as coisas”. Em inglês, tem-se: *I can't, Mother Quitéria. When the heart is giving orders, any time is the time*. Embora, não tenha sido grifado o artigo *the* – antes de *time* na frase acima – é bem provável que, na elocução, ocorresse a tal ênfase: *any time is THE time*. A versão russa emprega uma linguagem popular, com um diminutivo “meio-arcaico”, muito carinhoso (*mátuchka*), com expressões populares, quase idiomáticas. Veja-se: – *Nie mogú, mátuchka Quitéria. Kogdá podaiót gólos siérdtse, vriêmia nié tiérpít* [...] (isto é, “– Não posso, *mãeznha* Quitéria. Quando se faz ouvir (isto é, “se manifesta”) a voz do coração, o tempo não espera, ou, “urge”).

Nhô Augusto resolvera partir: aceitou, finalmente, montar o jegue que Rodolpho Merêncio lhe oferecera, depois de ter recusado, no início. O jegue era um “animalzinho meio sagrado” – dizia mãe Quitéria – “muito misturado às passagens da vida de Jesus”.

3.4.4 Parte D – Em Busca da sua Hora e Vez, TLP, p.375-386

3.4.4.1 TLP, p.376; TLC-1, p. 294-295; TLC-2, p. 245-246

“E todos sentiram muito a sua partida” – continua o narrador – “Mas ele estava madurinho de não ficar mais [...]”. Em inglês, lê-se: *And everybody lamented his departure. But he was in a frame of mind to stay no longer, [...]* – sendo este um interessante idiomatismo inglês que diz respeito à determinação ou disposição de alguém em fazer algo, mas, literalmente, fala de “se estar dentro de uma estrutura mental”.

Ao se ver sozinho (“quando chegou *no sozinho*”), Nhô Augusto, olhando só para a frente, “logo entoou uma das letras que ouvira aos guerreiros de seu Joãozinho Bem-Bem”:

A roupa lá de casa
não se lava com sabão:
lava com ponta de sabre
e com bala de anhão [...]

The clothes back there at home,
Are not washed with soap:
They are washed with saber point
And cannon balls [...]

(TLC, p.294)

Nota-se que houve, acima, uma tradução semântica, *word-for-word*, perdendo-se a rima e a metáfora, que são aspectos ligados ao componente fonético dos enunciados literários, enquanto na versão russa as coisas acontecem de outro modo, a saber:

Nie schiólokom, nié mýlom
Stiráiem my belió
U na za schiólok – pórokh,
Za skálotchku – rujió!

Não é com lixívia, nem com sabão
Que lavamos nossa roupa
Em lugar de lixívia, temos pólvora,
Em lugar do rolo – uma espingarda!

A tradução russa privilegia o aspecto fonético, mantendo a estrutura poética de uma quadra, com rima alternada (entre o segundo e o quarto verso) – que aparece nas palavras *belió* (roupa branca) e *rujió* (espingarda).

A partir daí, em uma linguagem bem poética, o narrador descreve, com detalhe, tudo o que Nhô Augusto vê, no seu percurso, as exuberantes flora e fauna. Quanto ao ato de cantar, o protagonista conclui que isto também faz parte da natureza: “Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. *As estradas cantavam [...]*”, temos aí a figura de linguagem da Personificação ou Animismo. A versão de língua inglesa a mantém: *Just singing did no harm was no sin: The highways sang.*

Em várias outras passagens, o autor lança mão de linguagem poética, para descrever tudo em volta. Assim, Nhô Augusto, no seu trajeto, põe-se a observar a rica paisagem, os animais e plantas, a natureza, enfim, tudo que se desdobra diante dos seus olhos. Pára diante de tudo aquilo que chama a sua atenção, e que o diverte. Assim: “Parou para observar o buraco do tatu” (*the armadillo’s hole*), “para descascar ananás selvagem, de ouro mouro, com cheiro de presépio” – (*to peel a wild pineapple of Moorish gold, which smelled of holy manger*).

Na verdade, no Brasil, em certas regiões se enfeita o presépio com ananás, e com abacaxis, daí esta correlação. A tradutora americana usou o termo *Moorish*, que parece ser uma tradução literal, como um nome que designa uma etnia, mas tudo indica que, no TLP, “mouro” teria sido usado, em lugar de “moreno”, que designa uma cor de pele, um tanto marrom, muito conhecida dos brasileiros. Em russo lê-se: *On diélal ostanóvki, chtoby zaglinút’ v nóru bronenótsa, výrytuiu v ovrágue; chtóby otchíst’ ot kojurý díki ananás, smúglo-zolotói, pákhnuschi stóilom*, isto é, “Ele parava, para espiar pra dentro do buraco do tatu, cavado no barranco, para tirar da casca o selvagem ananás, moreno-dourado, que cheirava a boxe de *estábulo*”. Portanto, vê-se que a tradução russa fez a associação em “presépio” e “estábulo”.

O nome pra tatu é *bronenoússiets* – “portador de couraça” – que deriva de *broniá* (“couraça”) e do verbo *nossít’* – “carregar”.

Desta forma, também se usa para designar um tipo de navio (“encouraçado”) – tendo este nome sido usado como título de um filme do cineasta soviético *Seguêi Eisenstein*, a saber: *Bronenoússiets Potiómkin*, em português, “O encouraçado Potemkin”. Trata-se, portanto, de um caso, típico, de polissemia.

O adjetivo *smúgly* significa, de fato, “moreno”, mas o termo não tem nenhuma ligação com a palavra “mouro” (que em russo é *mávr*). Quanto a “ananás” – este termo, em russo, tanto é usado para designar “abacaxi”, como para “ananás” (este último é o nome do gênero que envolve 8 espécies e provém, segundo Houaiss, do tupi *naná*). O termo “abacaxi”, também proveniente do tupi, só foi introduzido, no português, após o século XIX e significa “fruto que recende”²¹⁹.

Quanto a *manger*, da versão inglesa, este termo, de fato, corresponde a “manjedoura”, no entanto para “presépio” existem os termos tais, como: *stable*, *stall* ou *the craddle of Christ*²²⁰. Podemos, assim, afirmar que a tradutora usou de uma “metonímia”

²¹⁹ Cf. HOUAISS.

²²⁰ Cf. MICHAELIS.

(parte pelo todo), para traduzir o termo grifado, no TLP. Também, por razões culturais, pelo fato de os luteranos procurarem usar o mínimo de imagens de santos nos seus cultos, podemos afirmar que o hábito de armar presépios é algo específico aos católicos, que são uma minoria, nos EEUU. Como se ouve, freqüentemente, dizer em uma espécie de “aforismo”: “não havendo a coisa, não há o nome”.

Quanto à versão russa, pode-se dizer que a tradutora se deparou diante de uma dificuldade ainda maior, pois no culto da Igreja Ortodoxa não havia o hábito de se armar um *presépio* na época do Natal, que era celebrado após o Ano Novo devido ao uso do calendário Juliano, que vigora, até hoje, nos cultos da Igreja Ortodoxa.

Isto se deve, tudo indica, ao simples motivo de não se admitir o uso de imagens, para representar as divindades e os santos, sendo que estas imagens – chamadas “ícones” – não devem ter perspectiva, isto é, a “terceira dimensão”, que só foi introduzida nos desenhos e pinturas, até mesmo na Europa Ocidental, a partir da Renascença. A antiga Rússia quase não foi atingida pela Renascença, tendo a Idade Média se prolongado por um período mais extenso, só ingressando na “Idade Moderna”, com a modernização, encabeçada pelo czar Pedro, o Grande. Este, no início do século XVIII, resolve “abrir uma janela para a Europa”, com a construção de São Petersburgo, a dois passos do mar Báltico. Os “ícones” são, na verdade, uma reminiscência da cultura bizantina, que foi essencial para a “Cristianização” dos habitantes dos diversos principados russos, ainda no século X. Desta forma, as imagens (“ícones”), encontradas dentro de um templo ortodoxo, são totalmente “planas” – em “perspectiva” – o que as distancia, totalmente, do mundo “real”.

Neste particular, podemos dizer que para traduzir “presépio”, o dicionário de Stárets, além de *stóilo* – que foi usado pela tradutora A. Koss – traz, também, *khliév* (estábulo) e *iásli* (manjedoura, creche). Assim, graças ao “descaso” que era insuflado pelas autoridades para assuntos religiosos, no período soviético, podemos concluir que a escolha da tradutora russa reflete esta tendência, pois o termo *stóilo*, segundo Vóinova, “boxe de cavaliária, estábulo”, em si, não traz nenhuma conotação religiosa.

Mais adiante, – continua o narrador – Nhô Augusto também se detém “para tirar mel da caixa comprida da abelha *borá*” – isto mostra, assim com o exemplo anterior – como a natureza é pródiga e amiga, alimentando aqueles que se abrigam no seu seio. Na versão inglesa, temos: *to strip honey from the long comb of the black bee*. Na versão russa, houve, simplesmente, o empréstimo do termo tupi *borá*, antecedido da palavra *ptchelá* (abelha), para melhor entendimento.

A partir daí, segue uma série de termos regionalistas – como o recém-mencionado – que mereceram certa pesquisa por parte de ambas as tradutoras. O tradutor, muitas vezes, deve “fazer às vezes” de um pesquisador, quando se trata de termos de uma área específica. Não raro, também consulta um “informante” especialista, em uma determinada área.

Em seguida, Nhô Augusto parou para “rezar perto de um *pau d’arco* florido e de um solene *pau d’óleo*, que ambos conservavam, muito *defresco*, os sinais da mão de Deus”, – *to pray beside a the trumpet bush in flower and a solemn copal tree, both of which preserved, very fresh, the print of the hand of God*. Em russo, lê-se: *chtóby pomolítsa ókolo tsvetúschevo diéveva ipê i ókolo torjéstvenovo diéveva kopaíba, kotóroyie khraníli znáki dláni gospódnei, sovsíem sviéjye*. É interessante notar que “pau d’arco” tenha sido traduzido por “árvore do ipê”, enquanto “pau d’óleo”, por “árvore da copaíba”, como se vê, na retroversão ficou: “para rezar junto à árvore do ipê florido e junto à solene árvore copaíba, que guardavam sinais, bem recentes, da *mãodivina*”

É preciso observar que o termo, para designar “mão” (*dlán’*) é um termo arcaico, sendo apenas usado em textos religiosos, ou que apontam para a religião, como neste contexto, onde *dláni gospódnei* significa “da mão divina” (ou “de Deus”). Na verdade, *gospódnei* significa, literalmente, “do Senhor”, sendo – como todo nome religioso – grafado, no período soviético, com inicial minúscula, como já foi explicado.

Não houve apenas momentos estáticos, nesta caminhada de Nhô Augusto, através do sertão. Num determinado momento, ele teve que lançar mão de um certo dinamismo, para não ser levado por uma boiada em movimento, que é descrita através de uma comparação. Certa vez, teve de “se escapar para a meia-encosta”, para poder contemplar o que ali se formara: “o caminho, *belo como um rio, reboante* ao tropel de uma boiada de duas mil cabeças” (*he stood watching from above the road, beautiful as a river, re-echoing the sound of clattering hoofs of a herd of two thousand cattle*), sendo esta boiada acompanhada da “*vaqueirama encouraçada* (*with the herders in their leather clothes*) – piquete de cinco na *testa*, em cada *talão* sete ou oito, e, atrás, todo um esquadrão de *ulanos* morenos, cantando cantigas no alto sertão” (*a picket of five in the lead, on each flank seven or eight, and in the rear a whole squadron of dark Uhlands, singing songs of the High Backlands*). Sabe-se que “*alto sertão*” significa, simplesmente, que este se situa bastante longe do litoral, território a dentro.

Quanto ao último termo grifado (“*ulanos*”), não podemos deixar de mencionar que o termo existe no idioma russo, tendo sido incorporado para esta língua, a partir de outros idiomas. No entanto, na versão russa, ele não foi usado. Assim, lê-se:

A odnájdy emú prichlós' spiéchno podátsa na vzdórok i dólgo smotriél on ottúda sviérkhu na dorógu, razdól' nuiu kak rieká, i grokhótchuschuiu pod kopýtami stáda bukóv [...] .pod konvóiem kónnykh pastukhóv v kójannoí odiéjde [...] a pozadí tsiély eskadrón smuglolítsykh kavalerístov, raspeváiuschikh piéśni dál'nykh sertánov.

Em retroversão temos:

Certa vez, ele precisou subir, rapidamente, no barranco, olhando, longamente, de lá de cima para a estrada, *vasta como um rio*, e que retumbava sob os cascos de uma manada de bois [...] seguida de um comboio de *pastores montados*, em roupa de couro [...] enquanto, na retaguarda, havia um inteiro esquadrão de *cavaleiros* de face morena, montados e cantando as cantigas do alto sertão.

Enquanto a versão inglesa usou *beautiful*, isto é, “belo”, como está no TLP, a versão russa apresenta *razdól'naiá*, que significa “vasta”, um termo muito usado em canções populares, ao se referir à amplitude das estepes russas. Assim, ambas tradutoras tentaram manter a linguagem poética de João Guimarães Rosa, cada uma à sua maneira.

Tudo indica que a não-utilização do cognato (*ulány*) deve-se, certamente, ao fato de que o termo “ulanos” foi usado, no TLP, de maneira “figurada”, a título de comparação, e de maneira não totalmente adequada ao contexto. A semelhança está no fato destes “militares que faziam parte do exército czarista, como de outros países estrangeiros serem munidos de *lanças* ou “piquetes”, fazendo parte da assim chamada cavalaria leve”²²¹, bem como pelo hábito que tinha João Guimarães Rosa de utilizar o recurso de renovação do léxico, desarquivando termos esquecidos ou criando verdadeiros “neologismos”, por assim dizer.

Neste particular, podemos dizer que “ulano” é um termo proveniente do tártaro (*oglán*), sendo este um idioma do grupo turco, estando, também, presente, o termo em línguas indo-européias, tais como, por exemplo, o alemão, o francês, o polonês, o russo, o português. Perguntado por que usara este termo, em um contexto de sertão, João Guimarães alegou interesse em usar esta palavra por ser, exatamente, de origem asiática e ele, autor de *Sagarana* e do *Grande Sertão: Veredas*, além de ser um grande inovador, modernista, da linguagem nos seus contos e romances, gostaria de ter aprendido as mais variadas línguas, para poder ler muitas outras obras, sem a tradução, podendo, assim sentir o espírito do povo, através da sua linguagem – diz Rosa na sua entrevista a Guenther Lorenz. Desta forma, o próprio Guimarães Rosa seria de opinião que a tradução não consegue, com exatidão, transmitir-nos a “cor local, ou o “sabor”, e o contexto exato do TLP, tampouco o “espírito do povo”, que pode ser entendido como “cultura”.

²²¹ Cf. OJEGOV.

Houaiss, por sua vez, registra o termo como ingresso no português na segunda metade do século XVIII, lendo-se no respectivo verbete: “*Hist. mil.* Soldado de cavalaria armado de lança ou sabre, que fazia parte dos exércitos mongólicos e tártaros desde o século XVI, foi adotado pelos exércitos de uma série de países da Europa (Polônia, Hungria, Áustria, Prússia, Alemanha, França, etc)”. No século XIX, os “ulanos” teriam sido armados com carabinas e pistolas²²². Neste contexto, Guimarães Rosa, como grande inovador da linguagem no português, quis dar àqueles personagens do sertão, que acompanhavam “a vaqueirama”, na retaguarda – talvez, *capangas* – um cognome diferenciado, mas o modificador fazia dele um termo, tinto de cor local (“ulanos morenos”). Adiante, continua o narrador, relatando as proezas de Nhô Augusto: “E também fez, um dia, *o jerico* – termo que Houaiss supõe *ser* de origem bantu – avançar atrás de um *urubu reumático* que *claudicava* estrada afora, um pedaço, antes de querer voar”.

É interessante, de um lado, a expressão “urubu reumático” – no que se cria uma imagem de um *urubu*, de tão velho, inválido ou doente, que estaria “com reumatismo” (isto é, se é que as aves também padecem deste mal).

Por outro lado, pode-se dizer que, no meio de linguagem popular e termos regionais, eis que surge uma palavra erudita, a saber: “claudicava”. O verbo “claudicar”, bastante sonoro, é de origem latina – que na linguagem popular é substituído por outras formas verbais, mais populares (“mancar, coxear, manquejar”) – e que teria dado origem ao antropônimo *Cláudio*, um dos césores romanos, nome que muito pouca gente associaria, hoje em dia, ao sentido de “aquele que claudica”, isto é, “manco”.

Desta forma, Guimarães Rosa, um grande conhecedor da terminologia médica, diverte-se, jogando com as palavras, a seu bel-prazer. Em inglês, tem-se: *And there was also the day when he made the ass (na verdade, uma abreviatura de jackass) follow a rheumatic buzzard, which hobbled a stretch along the road [...]* onde a forma verbal *hobbled* não tem nada de “erudito” – embora exista, em inglês, o cognato *claudicate* (Michaelis apresenta várias acepções, para *hobble*, isto é, “mancar, coxear, manquejar” – além do sentido conotativo, isto é, “impedir, estorvar”. Em último lugar, aparece “claudicar”).

Na verdade, sabe-se que o leitor americano prefere que se use uma linguagem, fácil de entender, isto é, em *plain, clear English* – com o diz Lícia Pedreira, ao comentar a versão americana de *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado²²³.

²²² Cf. HOUAISS.

²²³ Cf. PEDREIRA.

Embora, o idioma inglês possua um grande número de termos de origem latina – a existência de um sinônimo de origem anglo-saxã, considera-se, a este último, mais adequado à linguagem coloquial, de mais fácil compreensão, sendo que os termos de “origem latina”, neste caso, estariam relegados para um discurso “mais formal”. Cria-se, desta forma, muitas vezes, em inglês, uma sinonímia abundante, graças às diversas origens etimológicas, presentes no Léxico da língua inglesa. A compreensão e o uso de um vocabulário, rico em palavras de origem latina, por parte falantes nativos do inglês, iriam demonstrar, em dúvida, um bom grau de “erudição” por parte destes falantes. Na versão russa, lê-se: *Odnájdý pustíl on óslika sliédom za revmatícheskim urubu (1), kotóry prikhrámyvaia, prýgal pó doróguie i vsió nikák nie mog vzletiêt*. Em retroversão: “Certa vez, ele deixou o jeguinho seguir o *urubu reumático*, o qual mancando, ulava pela estrada, e não conseguia – de modo algum – voar (ou “alçar vôo”).

Em comparação com o TLP, há, na versão russa, algumas alterações: “o urubu” (o termo foi tomado de empréstimo, com nota de pé-de-página: “*urubu* – variedade de grifo sul-americano”, TLC, p.245) na verdade, estava “mancando um pouco” (este é o sentido do gerúndio *pikhrámyvaia* – que poderia ser substituído por outro gerúndio, a saber, *khramáia* – simplesmente, “mancando” – transmitindo, à ação de “mancar”, um significado “mais intenso”).

Por outro lado, temos inovações: o uso da forma verbal *prýgal* (isto é, “pulava”), mostra a decisão da tradutora em afirmar de que o urubu não seria, mesmo, “capaz de voar” (com *nié mog vzletiêt*), na verdade, de “alçar vôo”, ou “começar a voar”. A locução adverbial *vsíó nikák* – que precede o verbo, mencionado acima – enfatiza esta impossibilidade. (Enquanto, *nikák* significa “de modo algum”, *vsíó* – literalmente, “tudo” – pode significar “totalmente”, dando a entender que houve várias tentativas).

Na verdade, o verbo *vzletiêt* – deve ser traduzido por “alçar vôo” – pois se refere ao primeiro impulso que se dá para poder voar, estando, digamos, “em terra”, ou pousado sobre algum objeto qualquer (árvore, teto de uma casa, etc.), sendo, portanto, diferente de *letiêt* – sem o prefixo “vz-” – que se usaria para algo ou alguém que já estivesse em processo de voar, mas ficasse impedido de continuar o vôo. Pequenos detalhes, como um prefixo, por exemplo, podem alterar o sentido, substancialmente, tanto em russo, como em outros idiomas.

Novamente, quanto ao termo *buzzard* – que foi usado por Harriet de Onís, para traduzir “urubu” – como mencionado acima – pode-se dizer que Michaelis traduz este termo por “bútio”, enquanto o Heritage traz a seguinte explicação: *Buzzard 1. Any of various North*

American vultures [...] 2. *Any hawk of the genus Buteo*. Assim, *buzzard* seria, portanto, uma espécie de “abutre”.

Neste particular, pode-se dizer que, muitas vezes, o nome das espécies não tem uma correspondência exata na tradução – ou por não haver a mesma espécie, na cultura de chegada, não existindo, portanto, um nome apropriado. Sobraria, portanto, apenas o nome científico, encontrado na terminologia da Zoologia ou da Botânica, que o leitor pode desconhecer.

Assim, o tradutor, não raro, fornece, no TLC, uma equivalência aproximada que se reporte a uma outra espécie, mas que desempenhe, na fauna ou na flora, uma função semelhante. Assim, *buzzard* pode não ser a correspondência exata, no caso, mas trata-se de uma ave de rapina, semelhante, no seu comportamento e nos hábitos alimentares, ao “urubu”.

No meio do trajeto, Nhô Augusto pôs-se a beber a água das cascatas: “E bebia, aparada nas mãos, a água fria das *cascatas véus-de-noiva* dos morros, que *caem com um som de abundância e abandono*”. Na versão inglesa temos: *And he drank, out of his hands, the water of the cool bridal veil cascades of the hills, which fall with a sound of abundance and abandon* – prosa poética, com metáfora, traduzida tal e qual na versão inglesa, com assonância e aliteração, nas duas últimas palavras do período.

A tradutora russa, pode-se dizer, realmente “se esmerou”, “caprichando” na tradução do período citado acima, ao usar uma linguagem elegante e, às vezes, erudita. Assim tem-se: *I píl on priámo iz górsti kholódnuiu vódu kaskádov, chto zovútsa v naródie ‘neviéstina fatá’ i nizvergáiuetsa, zveníá bespiêtnymi i obíl’nymi strúiami*, isto é, “E ele bebia, de mão-cheia, (ou “punhados de [...]”) água fria das cascatas, que o povo chama de ‘véu-de-noiva’, e as quais *se precipitam*, ressoando em forma de jatos d’água, descuidados e abundantes”.

Além de preferir usar “se precipitam”, onde no TLP, tem-se “caem”, existe essa bela figura de linguagem do TLP, acima (“com som de abundância e abandono”) para a qual houve – na versão russa – uma metonímia: em lugar das “cascatas” que caem em um determinado tom, são os “jatos “d’água” que o fazem, “descuidados e abundantes”. Não deixa de ser uma solução “plausível” e – convenha-se – bastante criativa.

Nhô Augusto prova que sua essência, agora, é totalmente diferente daquela que fora no início da narrativa. Ele, que só se preocupava em se mostrar o todo-poderoso, que queria submeter tudo e a todos ao seu querer, para quem a família pouco, ou quase, nada significava – enfim só se ocupava de questões de dinheiro e farras com mulheres, era capaz agora de deter-se diante da beleza das coisas simples: a natureza, com seus encantos, achando

graça em coisas pelas quais antes nunca pensou em se interessar. Assim, continua o narrador: “Pela primeira vez na sua vida, *se extasiou* com as pinturas do poente, com os três coqueiros subindo da linha da montanha para *se recortarem* num fundo alaranjado, onde na descida do sol, muitas nuvens pegam fogo”. A tradução inglesa é: *For the first time in his life he saw the beauty of the colors of the sunset, with the three coconut palms rising from the ridge of the mountain to silhouette themselves against the orange background where, with the setting of the sun, many clouds catch fire.*

Pode-se, neste particular, sublinhar que a forma verbal *to silhouette*, derivada do nome homônimo, foi bem escolhida para traduzir “para se recortarem”, com referência aos *three coconut palms* (três coqueiros). Se, por um lado, “descida do sol” é uma expressão de cunho mais popular que *the setting of the sun*, por outro, como o autor já tinha usado o termo “poente” no início da frase, talvez para evitar repetição, preferiu, neste caso, “*descida*”.

No entanto, para traduzir a forma verbal “se extasiou”, derivada do nome “êxtase”, foi usada, na versão inglesa, uma paráfrase, a saber: *saw the beauty of* – quando poderiam ter sido usadas as formas *ravished* ou *was enchanted by, became encaptured by, etc.* – sem esquecer de mencionar o cognato *to ecstasy*. A versão inglesa, sem dúvida, mostra sentimentos elevados, porém um pouco mais contemplativos e mais plácidos que os expressos no TLP. Ou apenas mais uma opção.

A versão russa apresenta muitas imagens, numa linguagem de registro bastante elevado – o que a filologia russa qualificaria como *literatúrny iazyk*, isto é, “linguagem literária” – pela abundância de formas verbais nominais (“particípios”) e vocabulário seletivo, com exceção, apenas de *polykháli* – isto é, “ardiam” – (pretérito de *polykhát*) – que Vóinova apresenta como termo “coloquial”. Houve aí, talvez, uma tentativa de esgotar os recursos lingüísticos da língua, ao reproduzir o trecho acima, na retratação de um momento de real enlevo, ou “êxtase”. Assim, tem-se: *Vpervýe v jýzni prichól v vostórg ot zakátново peizája, uvídev tri kokóssovye pál’my, vzdymáiuschiessia nad líniei gor i tchiótko výtchertchennye na ránjevom fône, po kotóromu vo mnójestve polykháli vetchiêrnie oblaká.* Em retroversão:

Pela primeira vez, sentiu-se enlevado (literalmente, “entrou em enlevo”, ou “em êxtase”) por causa da paisagem do poente, ao ver três (palmeiras de) coqueiros, elevados (ou “que se elevavam”) sobre a linha das montanhas, e nitidamente delineados contra um fundo de cor laranja, sobre o qual ardiam, em grande quantidade, as nuvens do entardecer.

O êxtase de Nhô Augusto, diante da natureza, prossegue, quando se depara diante de um pé de *mulungu* – vermelho – e se surpreende ao ver pássaro *tié-piranga* pousar sobre

um ramo de barbatimão que o toma por um galho daquela outra planta, acima mencionada. Neste momento, surge na narrativa uma bela passagem poética, cheia de animismo, onde a planta e a ave se confundem, por possuírem a mesma coloração vermelha. E, assim, o narrador nos relata o que acaba de ver Nhô Augusto: “E viu voar, do *mulungu*, vermelho, um *tié-piranga*, ainda mais vermelho – e o *tié-piranga* pousou num ramo do *barbatimão sem flores*, e Nhô Augusto sentiu que o barbatimão todo se alegrava, porque tinha agora um ramo que era de *mulungu*”. – É uma prosa poética, com prosopopéia ou personificação também chamada de “animismo”, como foi dito acima, eivada de termos regionalistas – provenientes do tupi – referentes à flora e fauna do sertão.

A tradutora americana teve a sorte de encontrar, em inglês, tradução para todos estes nomes (as plantas e o pássaro), mencionados acima. Assim: “*mulungu*” é *coral bean*, “*tié-piranga*” – *saira tanager*, enquanto, “*barbatimão*” é *alumbark*. A tradução do período acima é a seguinte: *And he saw arise from the red coral bean a redder still saira tanager, and the tanager settled on the branch of a leafless alumbark, and Nhô Augusto felt how the whole alumbark rejoiced, for now it had a branch of the coral bean.*

Pelo fato de o inglês ser uma língua bastante sintética, com grandes possibilidades de sufixação e adjetivação, foi possível uma construção como *leafless alumbark* (em retroversão, teríamos: “*barbatimão sem folhas*”). Por algum motivo, a tradutora americana não quis usar *flowerless*, isto é, “sem flores” – que corresponderia ao que se lê no TLP – o que, no entanto não afeta muito a compreensão do TLC, embora o que havia em comum entre o pássaro e o *mulungu*, era, justamente a cor vermelha das flores deste e das plumagens daquele.

Ao empregar *leafless*, no entanto, a tradutora americana concedeu ao barbatimão um aspecto ainda “mais miserável” do que o contido no TLP, onde se lê, na verdade, “sem flores”. Isto, no entanto, parece não ferir a lógica, graças à idéia contida em *rejoiced* (“se alegrara”), com o que o leitor terá deduzido que o “*barbatimão*” (*alumbark*), sem folhas, nem flores, teria ficado muitíssimo alegre por ter ganhado um “ramo florido” do *mulungu*.

A tradutora russa usou de muita criatividade, pois remodelou o TLC, praticamente, fazendo uma “interpretação”, à sua maneira – explicitando o que, apenas, estava implícito.

Sabe-se que uma determinada língua, que faz o papel do TLC, – por ser um sistema fônico-léxico-sintático diferente da língua do TLP – pode, muitas vezes, não permitir o mesmo nível de concisão desta – ou vice-versa. Assim, formam-se textos mais extensos, ou mais curtos. Na versão russa, por exemplo, gastou-se duas linhas a mais, de texto, para

traduzir o TLP, podendo isto, também, ter sido uma opção estilística da tradutora A. Koss, em particular. Assim, tem-se:

I on vídel, kak s diéveva mulungu, ussýpannovo bol'chými krásnymi tsvetámi, vsportkhnúla krásnaia **tanagra**(1), operiênie kotóroi býlo eschió iártche, tchem êti tsvetý, i oná opustilas' na viétku barbatimán, ujé otsviêtchevo, i Nhô Augusto potchúvstvoval kak obrádovalos' diêrevo ot tovó, chto na viétke u nevó rastsviól tsvetók, nié ustupáiuschi tsvetám mulungu.

Em retroversão, tem-se:

E ele viu como, a partir da *árvore mulungu, coberta de grandes flores vermelhas*, levantou vôo uma *tanagra* vermelha (1), *cuja plumagem era ainda mais viva do que estas flores*, e ela desceu sobre um ramo de *barbatimão, já sem flores*, e Nhô Augusto sentiu como se alegrou esta árvore *pelo fato de, sobre o seu ramo, ter desabrochado uma flor, que não ficava atrás, em relação às flores do mulungu*.

Vê-se que muitas coisas foram acrescentadas por conta da iniciativa da tradutora russa. Não tendo conseguido tradução para os termos da flora e fauna do sertão, teve que lançar mão de “epítetos”, a saber: “*árvore mulungu*”. Em lugar do simples “vermelho”, encontrado no TLP, lemos: “coberta de grandes flores vermelhas”. O nome do pássaro deve ter sido tomado de empréstimo da versão inglesa, mas está acompanhada de explicação, em nota-de-pé de página, a saber: **tanagra** – pássaro da ordem dos pardais. (TLC, p.246).

Em seguida, em lugar do quase lacônico “ainda mais vermelho”, lê-se na versão russa “cuja plumagem era ainda mais viva do que estas flores” – talvez para chamar a atenção do leitor russo, diante da taxonomia desconhecida, tratar-se de um pássaro. Em lugar do TLP, “barbatimão sem flores”, temos em russo o acréscimo do advérbio “já” (isto é, “já sem flores”). Como poderia a tradutora saber se o barbatimão costuma florir, ou não? – (Poderia não se tratar de uma espécie “angiosperma”, isto é, de uma “planta florífera”!²²⁴). Estes pequenos detalhes apontam para a necessidade de o tradutor – além de ter que se preocupar com os aspectos lingüísticos e culturais das línguas – estar imbuído do espírito de “pesquisador”.

O que resta do TLC – da versão russa – é bem mais extenso e explícito do que o que se lê no TLP. Em lugar de “porque tinha agora um ramo [...]”, temos, no TLC, “pelo fato de, no seu galho, ter desabrochado uma flor” – e em lugar de “que era de mulungu”, temos “que não ficava para trás, em relação às flores do mulungu”. Assim, a tradutora deixou

²²⁴ CF. HOUAISS.

evidente tudo aqui que poderia ser, simplesmente, inferido pelo leitor russo. Uma questão de estilo, ou preocupação com a boa compreensão do texto?

3.4.4.2 TLP, p.377; TLC-1, p. 295-296; TLC-2, p. 246-247

Em todo lugar por onde passa, Nhô Augusto tem uma boa acolhida – com alojamento e comida – o que mostra a hospitalidade do povo do sertão. Assim, continua o narrador: “Viajou nas paragens dos mangabeiros (*through the country of mangabeira rubber-tappers*), que lhe davam dormida nas malocas ([...] *who lodged him for the night in tepeelike huts*), de teto e paredes de palmas de buriti. (*with roof and walls of buriti palm*). Na beira do rio, os barranqueiros (*the ravine dwellers*) lhe davam comida, de pirão (*manioc mush*) e peixe”.

O termo *rubber-tappers* (precedido por *mangabeira*, na citação acima) denota uma profissão (no TLP “mangabeiros”), mostrando que destas árvores se extraía um látex, o que é confirmado por Houaiss: “mangabeira: 1. árvore de até 7 metros [...] com látex de que se faz borracha rosada, madeira vermelha, rija” – derivado de “mangaba” – fruta usada para preparar sucos e sorvetes – sendo um termo de origem tupi

No que se refere a *tepee huts* (para “malocas”), pode-se dizer que este é um termo pertence aos Sioux, índios da América do Norte, pelo qual costumavam designar suas moradias, que eram tendas cobertas de peles, o que não vem a ser, exatamente, as “malocas” – habitações precárias, construídas de taipa e cobertas de palhas de sapé – de que fala o TLP.

Quanto ao termo “*tepee*”, no dicionário de Chamber’s lê-se: *an American Indian tent formed of skins, etc., stretched over a frame of converging poles*. Isto se deve ao fato de que inicialmente o termo “maloca” – origem tupi usado pelos índios brasileiros para designar suas choças, cobertas de palha, mas que por extensão passou a designar: “casa muito pobre, bastante rústica. Choupana, rancho, barracão”²²⁵, tendo também sentido depreciativo, quando designa “esconderijo de mercadorias roubadas”, além de “casa de marginal”. Na verdade, a tradutora americana buscou um equivalente “sócio-cultural”, um procedimento que Lawrence Venuti denominou de “domesticação”.

Na versão russa, para “mangabeiros”, tem-se uma paráfrase, acrescida de uma explicação, por conta própria, das propriedades desta árvore, a saber: *On pobyvál v kraiákh, jýteli kotórykh razvódiat deriévia mangabeira, bogátyie mliêtnym sókom, i notchevál u*

²²⁵ Cf. HOUAISS.

nikh v hĭjynach s króvlei i stiénami iz pálmovykh lístiev. Em retroversão, tem-se: “Ele esteve nas regiões, cujos habitantes cultivam as ‘árvores da mangabeira’, *ricas em látex*²²⁶ – e pernoitou nas suas choças, com teto e paredes de folhas de palmeiras”. Ao contrário da versão inglesa, o termo “buriti” não foi tomado de empréstimo, restando a alternativa do hiperônimo “palmeira”.

Para traduzir o termo “pirão”, tem-se em russo *kácha*, que é o termo genérico para papas (doces ou salgadas). Assim, de modo semelhante ao inglês, usou-se de um modificador, para especificar que o produto usado era a *mandioca*, algo exótico por ser tropical ou até mesmo totalmente desconhecido, para o leitor russo: *maniókovaia kácha*, isto é, “pirão ou ‘papa’ de mandioca”.

E assim Nhô Augusto foi andando, até que, uma tarde, topou “em pleno chapadão”, com um mendigo cego, “esguio e meio maluco”, que estava sendo puxado por um bode preto e amarelo, preso por uma corda. Assim que o viu, o cego foi “declamando a sua melopéia”, (*lackadaisical singsong*) cheia de coisas sobrenaturais, que poderiam intrigar a qualquer ouvinte, como se lê abaixo. Em russo, não se dá nome ao que o cego cantou, apenas que *zaviól vrastiájku, zaunylo* isto é, “começou de modo extenso e monótono”:

Eu já vi um gato ler
e um grilo sentar **escola**,
Nas asas de uma ema
Jogar-se o jogo da **bola**,
Dar louvores ao macaco
Só me falta ver agora
Acender vela sem **pavio**,
Correr p’ra cima a água do **rio**,
O sol a tremer com **frio**
E a lua tomar tabaco!

I have seen a cat read,
And a cricket open a school.
he wings of a rhea
A game of ball being played,
And prays sung to a monkey.
All there is left me to see
Is a candle burning wickless,
The river’s waters running backward,
The sun shivering with cold,
And the moon taking snuff.

O poema acima, de 10 versos, possui, na verdade, duas partes: daquilo que já foi visto e, a partir do 6º verso, do que “falta ver”. No TLP, existe uma rima, a saber: a-b-c-b-d-e-f-f-d. Embora não exista uma rima perfeita, o que se percebe é que existe um “eco” de vogais entre dois pares de versos, a saber: “e” (entre “ler” e “ema”), no par –1º e 3º verso, e o “eco” da vogal “o” (“bola” e “agora”), entre o 4º e o 6º verso.

Se se examinar a versão *inglesa*, pode-se dizer que houve uma tradução com grande apego ao TLC, transmitindo o mesmo sentido, o mesmo conteúdo, mas sem sinal de rima, pois privilegiou-se o aspecto semântico (transformando, assim, este “poema” em algo

²²⁶ Literalmente, “de suco leitoso”.

“incantável”). No cômputo geral, pode-se dizer que o TLC causa maior impacto sobre o leitor, no que se refere à emoção suscitada. Veja, agora, a versão russa, abaixo (com a retroversão, ao lado):

Iá dikóvin vídel
Piós pissál, a kót tchítál,
Chiêrst v klubók svertchiók motál,
Slávila martýchka bóga,
Stráus v kiéguelki igrál.
Mnié b ieschió uvídet', **kak**
Sólnychko drojýt ot stújy,
Pó niébu lietáiet **rak**,
Dójdik khliéxchit vviérkh iz lújy,
A luná juiót **tabak**

Tenho visto muitas coisas estranhas,
O cachorro a escrever, e o gato a ler,
O grilo fazendo um bolo de lã,
O macaco louvando a deus,
A ema jogando boliche.
Só me faltava ver, como seria
O solzinho tremendo de frio,
O siri voando pelo céu,
A chuvinha respingando das poças, para cima
E a lua mastigando fumo.

O conteúdo do poema, na versão russa, foi modificado, recriado, como se vê, com elementos novos. A rima é a seguinte: a – b – b – a – b – c – d – c – d – c. A intenção é causar impacto com coisas inverossímeis, mantendo a estrutura de um poema, com rima. Desta forma, afasta-se do TLC, quanto às palavras usadas, mas o efeito – o de surpreender o leitor – continua.

Houaiss apresenta por “melopéia”, em se tratando de “música”, “a parte musical, melódica de um recitativo (gênero de canto declamatório”, mas por extensão pode ser, também “toada, cantiga de melodia simples e monótona”).

Na verdade, o termo vem da Grécia antiga, onde significava “tratado de composição”, ou “conjunto de regras que regem a composição de melodias”, além de “melodia, música”. É apenas mais um exemplo do gosto que tem João Guimarães Rosa por termos pouco conhecidos. Pode-se observar que Michaelis traz, para *singsong*, a acepção de “cantarola, canção monótona” assim como “verso monótono” (pode, também, ser “serenata” e “cantoria”) – usado por Harriet de Onís para traduzir “melopéia”, como foi visto acima – enquanto o seu modificador *lackadaisical* é apresentado como “lânguido, afetado”, e foi usado para traduzir “mole”, no TLP (em “mole melopéia”).

O cego que, na verdade, lembra os cantadores e repentistas do sertão, que cultivam a tradição oral, não tinha uma história pessoal tão fora do comum para contar – ele pede dinheiro ou algo para comer a Nhô Augusto: “– Tem algum de-comer, aí, irmão? Dinheiro quero menos, que por aqui por estes trechos a gente custa muito de encontrar qualquer povoado, e até as *cafuas* mesmo são *vasqueiras*” (*and even the huts are few and far between*) – querendo dizer que as palhoças eram “escassas”, sendo esta a acepção que o LGR apresenta para “vasqueiro”, um termo popular tanto usado por autores lusitanos, como

brasileiros: Taunay o teria usado no seu romance *Inocência*²²⁷.. O termo “vasqueiras” é, ainda, popularmente usado na zona rural, comprovando a existência de arcaísmos nessa variante sociolinguística.

Quanto à “cafua”, o LGR o traz como “habitação miserável”, sendo este um termo, possivelmente, de origem africana, segundo Nilce Martins. Vê-se, portanto, neste texto, a grande variedade de termos, usados por Guimarães para designar as moradias pobres da região, evitando repetir as mesmas denominações.

O cego explica que o seu bode é um ótimo guia, melhor que o menino-guia que fazia este serviço e que o tentara roubar, inclusive ao bode, “se o bode não tivesse *berrado* e ele não investisse de porrete”. Na versão inglesa, lê-se: *if it had not bleated and he had no laid about him with the club* (O verbo *bleat* é específico para o som que produzem os caprinos e os ovinos, em português “balir”, assim como, em russo, *bleiát* – evidenciando-se uma certa “onomatopéia”). O cego elogia as qualidades do animal, que se tornara uma espécie de parente seu: “Agora, era aquele bicho de duas cores que escolhia o caminho. Sabia, sim, sabia tudo! *Ótimo para guiar. Companheiro de lei, que nem gente, que nem pessoa de sua família.*”

No fundo, talvez, a passagem se ligue à simpatia de Guimarães pelos animais, existindo, mesmo, uma verdadeira “ecologia” na obra roseana.

As tradutoras de ambas as versões, por sua vez, preferiram usar o comparativo de superioridade, para, talvez, acentuar a lealdade do bode, ao seu dono, a sua “confiabilidade”: Assim temos: *a wonderful guide A faithful companion, better than a person, better than a relative*. E em russo: *Povodyriá lútche nie syskát’. Viérnyi továrishch, nadiójnei tcheloviéka, dáje ródstvennika nadiójney* (isto é: “Não se haveria de encontrar um melhor guia de cego. Companheiro fiel, *mais confiável* que um ser humano, até mais confiável que um parente.”). É interessante notar-se que, em russo, existe o termo específico para designar guia de cego, a saber, *povodýr’*, como foi usado no TLC.

3.4.4.3 TLP, p.378; TLC-1, p. 296-297; TLC-2, p. 247

Mas, logo adiante, Nhô Augusto tem que se despedir do cego, que seguia “de volta” para Caitité, na Bahia, “porque *quando era menino tinha nascido lá*” A construção produz certa estranheza, uma vez que foge à lógica. O que se esperaria, na verdade, era que

²²⁷ CF. LGR.

com a substituição de “nascido” por “vivido”, resultasse “quando menino tinha vivido lá”, ou com a omissão de “quando era menino”, resultasse: “porque tinha nascido lá”, pois é óbvio que ninguém nasce “adulto”. Seria uma amostra de linguagem *popular* Nhô Augusto, através do cego, manda lembrança para “todos do povo da sua terra, toda esta gente certa, que eu não tenho ocasião de conhecer, e continua sua caminhada, feliz de poder andar “solto”, e “ainda deu um eco para o cerrado ouvir” (*still let out an echo for the woods to hear*)

“Qualquer paixão me *adiverte*” –onde esta última forma verbal é uma variante popular de “diverte”.Em inglês, tem-se: *I have my fun, wherever I find it*. Enquanto, em inglês, para “cerrado”, temos *woods*; em russo há uma verdadeira paráfrase, a saber: *zárolsi niskoróslovo kustárnika* (isto é, “o mato de arbustos baixos”). Nhô Augusto, lê-se em russo – *zapiél* (isto é, “cantou”) para que fosse ouvido por esta vegetação de *cerrado*, que ecoaria o seu canto: *V kakúiu nie vliúbichsa-vsió na ráдост*. Isto é, “Em qualquer uma que você venha se apaixonar-tudo é motivo de alegria.”

Assim, vê-se que Nhô Augusto não se encontra mais na caatinga, e sim, no “cerrado”. Deve-se observar que o “cerrado” é, na verdade, um eco-sistema que ocupa milhões de hectares do Brasil Central, sendo diferente do sertão nordestino, da caatinga, por ser plano e vasto

O narrador tece considerações sobre a teimosia do “jegue” que “*empacava – porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos*”. Em inglês, temos: *And when the ass balked – because, like every member of his race, he was a hard-mouthed, and as full of ears as of notions*. Segundo, Michaelis, *notion* é além de “noção, idéia”, também, “opinião, conceito”, assim com o “capricho”.

Já a versão russa retrata a teimosia do jumento da seguinte forma: *I kogdá ossiól ostanávlivalsa kak vkópanny – potomu chto, kak vsiá ievó poróda, byl preupriámy i stól’ je noróvisty, skól’ dlinoúkhi*. Isto é, “E quando o jumento parava, como plantado – pois, como toda a raça dele, era super-teimoso e tanto tinha de rebelde e empacador, como era portador de orelhas compridas”). Na verdade, o adjetivo *noróvisty*, segundo Vóinova, além de significar “rebelde” e “teimoso”, também se usa com referência a cavalo “fogososo (empacador)”. Continua o narrador as encruzilhadas – segue o narrador – era o jegue que escolhia o caminho. Os animais silvestres podiam fazer o jegue (também referido pelo narrador por “jumento” –*ass*, “bendito asno” – *the blessed animal*, e “jerico” – *the beast*, mudar de rota). Assim, lê-se:

E bastava batesse no campo o pio de uma perdiz magoada (the cheep of a grieving partridge), ou viesse do mato a **lália lamúria** (lulling whine) dos tucanos, para o jumento mudar de rota, pendendo à esquerda ou se empescoçando para a direita (**geeing** to the left and **hawing** to the right); e, por via de um gavião casco-de-ouro (spinetail hawk) cruzar-lhe à frente, já ele estacava (he stopped short) em concentrado prazo de irresolução (in a long span of dubiety).

Pode-se dizer que *lulling whine*, pela sua sonoridade, lembra a “lália lamúria” do TLP. Em russo, tem-se: *I dostátotchno bylo, chtóby iz pólia donióssia pis opetchálienni kuropátki*, isto é: “E bastava que do campo viesse o som do piar de uma prediz *entristecid* [...]”. Quanto a este trecho, pode-se dizer que Vóinova traz, também, para *opetchálenny*, o termo “aflito”, que em russo, na verdade, corresponde, mais precisamente, a *udrutchiónny* – como atesta Stárets – (enquanto isso, “magoado” é *obíjenny*, que deriva de *obída*, mágoa). Assim, transmitiu-se mais a idéia de “tristeza” do que de mágoa”, como está no TLP. Continuando, na versão russa, lê-se: *a iz zároslei poslýchalis’ unýlyie jáloby ptítsy-tukána, chtóby dlinnouúkhi izmeníl marchrút, podálsa vprávo ili rvanúlsa vliévo; a iêсли u nievó pód nóssom pereletál dorógu iástreb, on zamirál na neopredelióнноe vriêmia v kráinei nerechýtel’nosti*. Em retroversão:

[...] e de dentro dos matos se ouvisse as *queixas tristonhas* do *pássaro tucano*, para que o *orelhas-longas* mudasse de rota, dirigindo-se para a direita, ou impelindo-se para a esquerda; e se, diante do seu nariz, voasse, cruzando seu caminho, um gavião, ele *parava como morto*, por um tempo indeterminado, em extrema indecisão.

Foi preciso, como se vê, acima, que a tradutora russa criasse criar o nome composto *ptítsa-tucano* (isto é, “pássaro-tucano”), por este pássaro não existir em regiões frias ou temperadas. Enquanto isto, a tradutora americana, escreveu, simplesmente, *toucans*, contando com que o leitor americano conhecesse o pássaro, pelo menos de fotos, filmes ou do jardim zoológico (graças a certa proximidade territorial das diversas “Américas”).

Do ponto de vista meramente fonético, *unýlye já’loby* não possui a “aliteração” presente em “lália lamúria” – e, também, do ponto de vista semântico, “lália” (nome adjetivado, a partir do grego *lália* que equivale a “fala,voz, tagarelice” – segundo o LGR) significa “gárrula”, ou “tagarela”, e tendo, portanto, mais para um tom de alegria, que o termo *unýlye* que possui tons escuros e significa, nada menos que “tristonho”. Colocando em português padrão, “lália lamúria” equivaleria a “uma lamúria (de) tagarela”.

Para “jumento”, a tradutora russa usou de uma metáfora – *dlinnouúkhi*- isto é, “relhas-longas”, poetizando o texto, graças a certa proximidade territorial das diversas

“Américas”. Para izer que o vô do gavião podia “cruzar-lhe à frente”, – com referência a “orelhas-longas”, foi usado um idiomatismo russo: *u nievó pod nóssom (pereletál)* (isto é, “passava voando, *diante do seu próprio nariz*”), expressão que diz respeito a algo que se passa a uma grande proximidade.

Foi usado *zamirát*’ para traduzir “estacava” – como se vê acima – (em *zamirál na neopredelióнноe vriêmia v kráinei nerechýtel’nosti*) isto é, “parava como morto, por um tempo indeterminado, numa extrema indecisão” – o que mostra o caráter teimoso e indeciso do animal (Pode-se dizer que este verbo está ligado à raiz de *smiêrt*’ (morte), ou de *umirát*’ – que é “morrer definitivamente” – como se fosse uma pequena pausa para morrer, mas não definitivamente). O verbo *zamirát*, na verdade, se usa, muitas vezes, em se referindo ao *coração*, quando este diminui o ritmo, por susto ou emoção, como se estivesse a ponto de parar – tendo, neste caso, uma conotação “poética”.

A tradutora russa traduziu “gavião casaco-de-couro”, simplesmente, por *iástreb*, isto é “gavião”, deixando de fora o modificador “casaco-de-couro”, por não ter encontrado um quivalente, nem ter querido lançar mão de uma tradução “literal”.

Além de mostrar-se um bom conhecedor do comportamento do equino, Guimarães Rosa nos apresenta uma linguagem variada de termos, pouco comuns.

O adjetivo “lália”, por exemplo – como foi dito acima – foi usado para que se formasse, junto ao termo “lamúria”, uma aliteração, com tons de onomatopéia. O LGR apresenta “lália” como “gárrula” (para Houaiss, “gárrulo” significa “o que gorjeia ou canta muito”, por extensão, “o que ou quem fala demais, palrador, tagarela”) sendo, na verdade, “lália” um substantivo – do grego “fala, voz, tagarelice”, que o autor teria “adjetivado”, como foi mencionado acima. A este respeito, lemos no LGR: “Além da aliteração do /l/, pode-se observar, no sintagma, uma antítese fono-semântica: enquanto o adjetivo *lália*, pelo significado e pela vogal tônica aberta, sugere “animação, alegria”, o substantivo *lamúria* tem o seu sentido de ‘tristeza’ reforçado pela vogal /u/.” – assim esta junção de palavras apela, na verdade, para sentimentos opostos.

Na versão inglesa, como foi visto acima, tem-se *lulling whine*, onde *lulling* se refere ao ato de se ninar uma criança ou filhote de animal, enquanto *whine* é, simplesmente, “lamento, lamúria, choradeira”²²⁸. Além disso, a combinação parece ser bastante sonora.

Viu-se acima, que “lália lamúria”, em russo, foi traduzido por *unýlyie jáloby*, isto é, “queixas *tristonhas*” ou, segundo Vóinova, também, “desconsoladas”, sem qualquer

²²⁸ Cf. MICHAELIS.

aliteração ou algo que merecesse destaque, do ponto lingüístico, ou algo novo, na linguagem. Por outro lado, não há o “contraste de tons”, como há em “lália lamúria”, pois ambos os termos, na versão russa, apenas sugerem sentimentos “tristes”.

Pode-se dizer que, se de um lado salta aos olhos, a linguagem popular, evidenciada em “empescoçando”, “queixo-duro” e “estacava”, por outro lado, o trecho “em concentrado prazo de irresolução” parece rebuscado, destoando da linguagem popular, apresentada anteriormente. Este contraste acontece, com freqüência, na prosa roseana.

No meio desta caminhada, pelo cerrado, Nhô Augusto não presente, ele que partira em busca do seu destino – inspirado pelas maitacas voadoras – da aproximação da sua “Hora e Vez.”, deixando para trás o povo de Tombador, com os seus amigos, o “casal de pretos”, mãe Quitéria e pai Serapião – como escreve o narrador – apesar dos insistentes pedidos destes – que já está cada vez mais próximo o desfecho da sua estória: o seu encontro fatal, em suma. Pois logo ali, mais adiante – quão grande a sua surpresa, ao chegar ao “arraial do Rala-Coco” ! – a quem encontraria, novamente?

Apesar de ter recusado a proposta de Joãozinho Bem-Bem de aderir ao grupo (embora tivesse se sentido atraído pela mesma, e de ter invejado a sorte dos capangas, que não precisavam pensar em “salvação” e que eram donos do seu destino), ei-lo que, novamente, se depara com o chefe bandoleiro e seus jagunços: um encontro fatal que, na verdade, dá início à cena final do conto “A Hora e Vez. de Augusto Matraga”, com o desfecho trágico, no embate entre os dois personagens que, no final das contas, se tornam adversários. Assim, lê-se: “Mas, somadas as léguas e deduzidos os desvios, vinham eles sempre para o sul, na direção das maitacas *vajoras (migrant parrot)*”. Embora, dicionarizado por Houaiss (“aquele que viaja, viajante”), sabe-se que o termo “viajor” não é comumente usado no português padrão da norma culta. O termo soa, na verdade, “literário”, remetendo a certas narrativas, e traduções de narrativas, produzidas em pleno século XIX. Adiante, escreve o narrador:

Agora, amiudava-se o aparecimento de pessoas – mais ranchos, mais casa, povoados, fazendas; depois, arraiais, brotando do chão”. Viram-se próximos ao arraial do Murici. Era o animal sagrado que o conduzia, assim como o próprio Deus. E assim – continua o narrador – entraram os dois no arraial do Rala-Côco, onde havia, no momento, uma agitação assustada no povo.

Na versão inglesa, onde se lê: [...] *where there was, at that moment, a fearful agitation among the townspeople* – pode-se depreender o sentido de *fearful*, como “terrível” ou “assustadora”. Vê-se em “agitação assustada” uma metonímia, pois era, na verdade,

“povo” que estava “assustado”, além da personificação. Em russo, a metonímia é desfeita: *Takím óbrazom i poiavílis’ oní óba v possiólke Rala-Coco, jýteli kotórovo v èto vriêmia býli v strákhe i volniênii*. Isto é, “Foi desta forma que ambos apareceram no povoado Rala-Coco, cujos habitantes, nesta época, encontravam-se atemorizados e agitados.”

3.4.4.4 TLP, p.379; TLC-1, p. 297; TLC-2, p. 247

Na verdade, Nhô Augusto fica radiante ao saber que o tumulto tinha sido causado pela presença da “jagunçada de seu Joãozinho Bem-Bem” ([...] *the band of Mr. Joãozinho Bem-Bem’s outlaws* [...]), que, segundo os populares, estava ali “descendo para a Bahia”. Com isto, Nhô Augusto “de alegre, não se pôde conter (será que intuitivamente, Nhô Augusto estava ansiando, por este encontro?). Assim, Nhô Augusto exclama: “ – Agora, sim! Cantou pra mim, *passarim!* [...] (*Happy day! Sing for me, birds!*). Mas onde é que eles estão?” – pergunta Nhô Augusto, buscando maiores informações. Vemos, acima, uma elocução “rimada” – “mim/*passarim*” – sendo o último termo (diminutivo, com o sufixo “-im”, em vez de “-inho”), muito comumente usado, no NE e na linguagem popular, em geral.

Na versão inglesa, vê-se o acréscimo da exclamação *Happy day!* – muito usada para expressar júbilo. Na versão russa, lê-se: “*ot èto da! Ptítchka propiéla, mnié udátcha prispíéla!*. – “Isto sim! Um passarinho cantou pra mim, e a sorte chegou-me, a tempo!” – também com rima, nos termos grifados, acima.

Os jagunços, na verdade, estariam “*aboletados (they were lodged)* bem no centro do arraial, numa casa de fazendeiro (a *rancher*) onde seu Joãozinho Bem-Bem recebeu Nhô Augusto, com muita satisfação”.

Segundo Houaiss, “aboletar” é “dar boleto (ordem escrita) ou alojamento a; aquartelar (soldados) em casa particular”. Tudo indica ser um termo específico de quartel ou Exército, por um lado, mas por outro lado dever ter sido empregado aqui por João Guimarães Rosa, graças ao gosto que este autor tinha por termos pouco gastos pelo uso. Em russo, lê-se: *Okazálos’, chto oní stoiát na postóie, v sámom tsêntre góroda, v pomiêschitchem dóme, gdié seu Joãozinho Tka-Tak prínial Nhô Augusto s velíkim raduchýiem*. Isto é, “Aconteceu que eles estão aquartelados bem no centro da cidade na casa do proprietário de terras, onde seu Joãozinho Bem-Bem recebeu Nhô Augusto, com grande cordialidade”.

Observa-se o uso do adjetivo *pomiêschietchi* (em *v pomiêschietchem dóme*, que corresponde ao TLP, “na casa do fazendeiro”). Deve-se, porém, observar que o adjetivo, mencionado acima, provém do termo *pomiêtschik*, que designava uma classe social de

proprietários rurais, existentes na Rússia tsarista. Trata-se, de uma certa forma, de uma manobra “domesticadora”, pois poderia, igualmente, ser usado o termo estrangeirizado *fiérmer*, derivado de *fiérma* (do francês *ferme*, fazenda).

A título de curiosidade, ficou constatado que devido à grande popularidade das novelas brasileiras no exterior, inclusive na Rússia (a exemplo de *Escrava Isaura*), foi difundido o termo “fazenda”, embora não se tenha registro de “fazendeiro”. No diálogo que se trava entre Joãozinho Bem-Bem e Nhô Augusto, notam-se vários termos, pouco usados no português padrão, como, por exemplo, “se apostemou”, que aparece na fala de Joãozinho Bem-Bem como se vê:

É isto, *mano* velho. Livre meu compadre Nicolau Cardoso, bom homem E agora vou ajuntar o resto do meu pessoal, porque *tive recado* de que a política *se apostemou*, do lado de lá das divisas, e estou indo *de rota batida* para o Pilão Arcado, que o meu amigo *Franquilim* de Albuquerque é capaz de precisar de mim.

Na versão inglesa lê-se:

That’s the size of it, old brother. I saved my **compadre** Nicolau Cardoso, a good man An now I am on my way to join the rest of my men, for **I’ve had word** that the political situation is festering across the border, and I am going **as the crow flies** toward Pilão Arcado, for my friend Franklin de Albuquerque may have need of me.

Vê-se o emprego de vários idiomatismos (grifados), assim como empréstimo do termo “compadre”. Segundo Michaelis, *fester*, significa “apostema, pústula, chaga”, assim como o verbo correspondente. No sentido figurado, a propósito, Michaelis traz: “2. apodrecer-se, corromper-se”.

O LGR registra este termo como “arcaizante”, com o sentido figurado de “arruinar, deteriorar”, citando a frase acima. Quanto a Houaiss, “apostemar” é “criar apostema, abscesso; supurar”. Com sentido conotativo pode ser: “tornar (-se) irado, enervar-se”, assim como “corromper-se, estragar (-se)”. O gosto de Guimarães Rosa por termos pouco usuais já foi observado. De qualquer forma, este termo no discurso do chefe do bando, seu Joãozinho Bem-Bem, não deixa de provocar certa surpresa, devido a seu caráter, tanto “erudito”, como, “livresco”.

Em russo, a idéia de “pústula” (apóstema) não foi conservada, assim pode-se supor tratar-se de um “lapso” ou uma falha de interpretação do TLP. Em lugar da idéia de “estragar(-se), inflamar-se”, atribui-se à “política” (aqui, “autoridades”), a idéia de

“rebelião”. Na versão russa, lê-se: *Vot ímenno, stariná.Výrutchil iá moievó drúga Nicolau Carodoso, slávnovo málovo. A tepiór idú na soediniénnie s ostalnými moími liudmí, potomúchto vlásti razbuchevális’, dvínuli voiská i iá napravliáius’ nie méchkaia v Pilón Arcado [...].* Em retroversão tem-se:

É isto aí, *velho camarada*. Salvei do infortúnio o meu amigo Nicolau Cardoso, um *pequeno notável*. E agora estou indo para me juntar com o resto do meu povo, pois as autoridades *se rebelaram*, movimentaram as tropas, e eu estou me dirigindo, *sem retardo*, para Pilão Arcado [...].

Quando seu Joãozinho Bem-Bem conta a Nhô Augusto que estava indo “de rota batida” para Pilão Armado, para ajuntar o resto do seu pessoal, ele quer dizer que queria ir “sem parar, sem interrupção” – como explica o LGR. Como foi visto, esta expressão fora traduzida em inglês como *as the crow flies* (isto é, “no sentido do vôo da gralha”, ou “como a gralha voa”), e, em russo, *nie miéchkaia* (isto é, “sem retardo”).

Michaelis traz para *asthe crow flies*” a tradução: “em linha reta”. Se for comparado com o que o LGR apresenta para a expressão, a saber: “sem parar, sem interrupção”, pode-se chegar à conclusão de que uma linha reta não tem interrupção, daí a tradutora americana ter conseguido uma equivalência aceitável, através de um outro idiomatismo, no TLC.

Pode-se, também, dizer que a expressão inglesa é bastante pitoresca e tem origem popular (aproveitando-se elementos da natureza). O vernáculo “de rota batida” pode ser linguagem de tropeiro, do sertão, o que pode deixar o falante urbano um pouco alheio ao que o autor quis transmitir. Afinal, “batido” significa, “conhecido” – de tão “pisado” – por isto, o leitor urbano pode não atinar para o sentido que se teve em vista. Apesar de apresentar olhos “alegres”, e do seu “ar paternal”, uma ruga na testa de seu Joãozinho Bem-Bem traía a sua preocupação. Assim, continua o narrador: “Fitava Nhô Augusto com *olhos alegres*, e tinha no rosto um *ar paternal*. Mas, na testa, havia o resto de uma *ruga (a trace of furrow)*”. Esta ruga se devia ao fato de que – segundo seu Joãozinho Bem-Bem – “faltava ajustar *um devido*”, que se traduzia em uma preocupação, em torno da morte de Juninho, ainda por resolver, como há de se ver adiante.

Neste particular, o Houaiss apresenta para “devido”: **1.** o que é objeto de uma dívida ou de uma obrigação. **2.** o que cabe a cada indivíduo por direito ou dever [...]. **4.** promessa a ser paga com vela ou penitência, etc. Em suma, pode ser interpretado como “dívida”. Para a expressão “falta um devido”, tem-se na versão inglesa: *there is a score that*

has to be settled. E em russo : *nádo eschió rasplatítsa po odnomú schiótu* (isto é, “é preciso ainda acertar uma certa conta.”), semelhante à versão inglesa, portanto.

Apesar de tudo, seu Joãozinho Bem-Bem fica alegre em receber Nhô Augusto em sua casa, desta vez, e diz: “– Está vendo, mano velho? Quem é que não se encontra, neste mundo? Fico *prazido* por lhe ver. E agora o senhor é quem está em minha casa. Vai *se arranchar* comigo. *Se abanque*, mano velho, *se abanque!* [...]”.

Neste trecho, ditado acima, a expressão “Fico *prazido* em lhe ver “usada por Bem-Bem – que foi traduzida para o inglês padrão como *am please to meet you!* – representa a forma nominal do verbo “prazer” (que, segundo Houaiss, é o mesmo que “aprazer”, e significa “causar ou sentir prazer, ser do agrado de.”). Esta não é uma forma, portanto, que se ouça, normalmente, entre os falantes da NURC. Em russo, está: *Mnié priátno vas vstriêtit’* (literalmente, “agrada-me ver o senhor” ou “para mim (é) agradável vê-lo), notando-se, todavia, o tratamento formal em *vas*, que corresponde – em português – ao pronome pessoal oblíquo “vós”. Embora em russo exista o pronome pessoal da segunda pessoa do singular, (*ty*) – com o acusativo *tiebiá* – não há muita escolha, pois *ty* – com todas as suas formas derivadas – indica muita “familiaridade”, não existindo, tampouco, no idioma russo, uma forma, como que “intermediária de tratamento, que é o “você”, em português. Portanto, destoa do tom mais informal quase familiar, do TLP.

Quanto às outras expressões que se destacam, pode-se dizer que “arranchar” é um termo muito usado no Nordeste, sendo derivado de “rancho”, e significa “alojar-se em rancho” – o que é confirmado por Houaiss (O costume era de um alojamento recíproco entre amigos e conhecidos). Em inglês, lê-se, simplesmente: *You’re going to be my guest* – o que, normalmente, se usa como expressão de hospitalidade, sem tons de regionalismo. E em russo, tem-se: *Vot vy tiepiér u mieniá v gostiakh* – o que corresponde a “Eis que o senhor, agora, está me fazendo visita” ou mesmo “Eis que agora, o senhor está sendo o meu hóspede”, mas não implica em alojamento ou estada prolongada, como pode ser entendido com “se arranchar”, e tratar-se apenas de uma visita breve. De qualquer forma, a idéia de “rancho”, de permanecer em um rancho de um amigo, por tempo indeterminado, como se usou no NE, não pôde ser transmitida em qualquer uma das versões.

No que se refere a “abançar-se”, seu Joãozinho Bem-Bem sugere que Nhô Augusto “se abanque” ao dizer: “*Se abanque*, mano velho, *se abanque!* Arranja um café qui p’ra o parente, Flosino!” – percebe-se a derivação deste verbo do substantivo “banco”, dando a idéia de “sentar-se ou acomodar-se em cima de um banco”. Houaiss confirma esta hipótese com “assentar-se, tomar assento” e o que se lê, na versão inglesa, é: *Sit down, old brother, sit*

down! Fetch a cup of coffee for my kinsman, Flosino!, e, na versão russa tem-se: *Zakussíte so mnói. Prissájyvaites’, stariná, prissájyvaites’! Prigotóv’te kófe dliá moievó róditcha, Flosino!*. Em retroversão: “Faça uma merenda comigo. *Vá sentando*, meu velho, *vá sentando* ! Prepare um café para o meu parente, Flosino!”.

O tratamento, como se nota, é, sempre, *vy*, isto é, “vós” ou “o senhor”. Vê-se o acréscimo de *Zakussíte so mnói*, isto é, “Faça uma merenda comigo”, que não está incluído no TLP. Tanto *sit down*, na versão inglesa, como *prissájyvaites’*, na versão russa, são formas comuns de se convidar alguém a sentar-se, desprovidas de qualquer tom regionalista, como em “se abanque!”. A isto, Nhô Augusto retruca: “Não queria *empalhar*..O senhor está com pouco prazo.” – está presente, novamente, outro regionalismo, com “empalhar”. Longe do sentido “denotativo” – onde seria equivalente a “encher de palha”, este verbo está registrado em Houaiss com o sentido conotativo de “entreter com promessas ou paliativos para ganhar tempo”. Também, “protelar o término de (tarefa ou negócio), *embromar*”. Na versão inglesa, lê-se: *I don’t want to be in the way.you are in a hurry*, enquanto na versão russa, tem-se: *Mnié by nie khotiélos’ vas zadiérjyvat’ .Vriêmeni u vas v obriéz*, isto é, “Não queria tomar seu tempo. Afinal o senhor tem, apenas, o tempo necessário – literalmente, “a conta justa”.

Enquanto a primeira oração, *Mnié nié khotiélos vas zadiérjyvat’* – está em russo padrão, bastante formal e polido, devido ao uso do pronome oblíquo *vas* – como, aliás, se observa, em todo este diálogo, travado entre os dois titãs – segunda oração (após as reticências) – tem-se uma expressão idiomática russa, *v obriéz*, que se usa para dizer que algo está em quantidade, muito exígua, e que, literalmente, equivale a “(O seu tempo) está na conta justa” (ou “só dá, apenas, para um *corte justo*”), pois deriva do verbo *obriézat’* (isto em, “cortar em torno”, ou “cortar um pedaço”).

De forma que, tendo aceito o convite de Bem-Bem para “abancar-se”, Nhô Augusto –continua o narrador – “mordia o *pão de broa*, e espiava, inocente, para ver se já vinha o *café*”.

Parece que “pão de broa” não representou dificuldade para ambas as tradutoras Assim, na versão inglesa, lê-se: *Nhô Augusto bit into the cornbread, and watched, innocently, to see if the coffee was coming*, e, na versão russa, o “pão de broa” foi traduzido como *kukurúzny khliéb*, isto é, “pão de milho”, sem dificuldade. No entanto, quanto a “mordia”, houve uma intensificação no sentido, na versão, pois foi traduzido por *upletál* (de *ulpetát’*), isto é, “come com gosto”, pois Nhô Augusto devia estar com muita fome, um bom tempo sem se alimentar – como inferiu a tradutora A. Koss.

No entanto, trouxeram-lhe, em lugar de café, “chá de *congonha*, requentado”. A este respeito, pode-se comentar o seguinte: segundo Houaiss, “congonha” é uma planta, cujas folhas são “muito semelhantes às do *mate*”. Tanto o *mate*, como a congonha, é da família *Ilex*, mas trata-se de espécies diferentes (enquanto para a primeira planta, o nome científico é *Ilex paraguariensis*, para a segunda é *Ilex brevicus-pis*). Como as espécies são semelhantes, isto é, “da mesma família”, como se vê acima – lê-se, em inglês: *There is warmed-over mate, old brother* (isto é, “aqui temos mate requentado, mano velho”), também pelo fato de o termo “mate” ser bem conhecido do leitor americano. Em russo, tem-se, também, “mate” para “congonha”, a saber: *Yest’ nastói mate goriátchi, stariná* (em retroversão: “tem infusão de mate quente, meu velho”). Não foi usada a palavra *tchai* (isto é, “chá”), como se vê, e sim, *nastói* (“infusão” ou “tisana”, segundo Vóinova) pois esta é a palavra usada para todas as infusões - que não a de chá preto (nome científico *Thea sinensis*).

Na verdade, antes mesmo de ser recebido por Joãozinho Bem-Bem, que se alojara na casa de um fazendeiro, no arraial de Rala Coco – logo, ao saber, da presença da “jagunçada “ no arraial, Nhô Augusto, logo de início, “caçou” – traduzido por *joked*, na versão inglesa, e por “*pochutíl slovámi piéssenki*” (isto é, “pilheriou com as palavras de uma cançãozinha”), na versão russa – pois Nhô Augusto estava, como que, antecipando o ditado que se segue: “– Boi, andando no pasto, p’ra lá e pra cá, capim que acabou ou está pra acabar.” Em inglês, este ditado corresponde a: *Ox wandering hther and yon, the grass is about to go or gone*. Vem-se, aí, o uso de termos arcaizantes, usados nas narrativas populares ou folclóricas, sendo, ainda, a elocução, provida de rima. Na versão russa, houve, também, recorrência à rima, como num ditado popular: – *Bródit byk pó pástbischu, týtchet i tóptchetsa – znátchit, trávka kóntchilas’ ili skóro kóntchitsa* – a nosso ver, uma excelente resolução, além da rima, aliteração e ritmo, imitando as trovas populares da antiga Rússia. Em retroversão, tem-se: “Vagueia o boi pelo pasto, mexe e pisoteia, quer dizer que o capim já acabou, ou está para acabar.”

Voltando à cena, anteriormente relatada, vê-se que, ao estar ali sentado, e ter aceito o *chá de congonha*, oferecido pelo seu Joãozinho Bem-Bem, para acompanhar a *broa* – que já mordida – “com a fome de “tropeiro” (*I am as hungry as a herder*), Nhô Augusto nota a ausência do jagunço Juruminho.

Na versão russa, foi necessário um número maior para traduzir “Estou com a fome de tropeiro”, isto é: *Ogolodiel, kask gurtovschík na peregóne*, que equivale, em retroversão, a “fiquei faminto, como um boiadeiro, *tangendo o gado*’, com o acréscimo das palavras grifadas, para deixar mais clara a função do “tropeiro”. Assim, Nhô Augusto indaga:

“ Mas, *qu’ é* de o Juruminho?” (Embora esteja grafado “*qu’ é de* o” – o que, certamente, representa a simplificação de “que *é feito* de [...]” – a pronúncia popular sendo “quê de o ?” – uma variante de “cadê?”

E é, justamente, em torno deste jagunço, o “Juruminho” que gira o “devido” (isto é, a “dívida”), e cuja morte seu Joãozinho Bem-Bem quer vingar, “para não deixar rabo”, como ele próprio diz.

E será esta a questão em torno da qual, finalmente, Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem haverão de se desentender, travando a sua luta final, uma luta que simboliza – para alguns – o embate entre o “Bem”, representado por Nhô Augusto e o seu “antípoda”; o “Mal”, representado por aquele que acabaria por ser o seu antagonista: o bandoleiro seu Joãozinho Bem-Bem. O “desfecho” – como se vê – está cada vez “mais próximo”.

3.4.4.5 TLP, p.380; TLC-1, p. 297-298; TLC-2, p. 248-249

Seu Joãozinho Bem-Bem nota que Nhô Augusto guardou o nome do jovem jagunço e conta sobre o seu trágico fim: “[...] Pois foi logo com o pobre do Juruminho, que era um dos melhores que eu tinha [...]”. Nhô Augusto mostra a sua surpresa: “– Não diga [...]”. Em russo, a tradutora já deixa explícito, o acontecido, desde a frase anterior: *Niét ievó v jyvýkh, bedniága, a byl on u meniá iz sámykh lúdtchikh* [...]. Em retroversão: “Ele não está entre os vivos, o coitado, e ele era um dos melhores que eu tinha [...]”. E conta que foi morto “à traição” (*it was a piece of treachery*) – em russo, foi usada uma expressão idiomática *iz-za uglá podstrelíli* (isto é, “foi morto de um tido, vindo atrás da esquina”) – para mostrar que este ato foi realizado “às escondidas” ou “à traição”.

Em seguida, enquanto o seu “matador” “[...] *caiu no mundo, campou no pé* (uso da linguagem popular, no TLP, em inglês, só a segunda frase é um idiomatismo: *ran away.lit out*). Mas a família vai pagar tudo, *direito!*”. Em russo, último termo foi traduzido por *spolná* (em retroversão: “plenamente, por mais da conta”) para mostrar a completude, a plenitude de que Joãozinho Bem-Bem esperava, na sua vingança.

Com estas palavras Joãozinho Bem- Bem desvenda – diante de Nhô Augusto – o seu plano de vingar a morte de Juruminho, matando um dos irmãos do “matador”. Este era o “devido” que faltava acertar.

Ao falar isto, seu Joãozinho Bem-Bem manifestava certo nervosismo. Assim lê-se, no TLP:

Seu Joãozinho Bem-Bem, sentado em cima da beirada da mesa, brincava com os três bentinhas do pescoço, e batia, muito ligeiro, os calcanhares um no outro. Nhô Augusto, parando de limpar os dentes com o dedo lastimou: – Coitado do Juruminho, tão *destorcido* e de tão bom parecer [...].

O termo “destorcido” parece ser de uso popular, para aquilo que no padrão chamar-se-ia de “desembaraçado”. Em inglês, lê-se: *Poor Juruminho, so plucky and so good-looking*, sendo *plucky*, na verdade. “corajoso, bravo, ousado”, segundo Michaelis. Em russo, lê-se: *Biédny Juruminho, takói provórny, takói prigóy*, isto é: “Pobre Juruminho, tão ágil e tão lindo”. “– Deixa eu rezar por alma dele [...]” – conclui Nhô Augusto.

Desde este momento, vê-se o surgimento de dois pólos, que se formaram: enquanto seu Joãozinho Bem-Bem pensa em vingança e morte, Nhô Augusto pensa em rezas, em castigo de Deus, no caso de uma vingança. A partir daí, trava-se um longo diálogo entre ambos, cada um expressando a sua visão de mundo, a sua ideologia perante vida.

Esta conversa se inicia com a confidência que seu Joãozinho Bem-Bem faz a Nhô Augusto de ter gostado dele, desde o primeiro instante: “[...] – eu gostei da sua pessoa, (em inglês, o tom formal de: *I liked you, sir*) em-desde a primeira hora, quando o senhor caminhou para mim, na rua daquele vilarejo [...]”. E desconfia que Nhô Augusto já tinha sido, no passado, “brigador de ofício” (em inglês : *a professional fighter*), tornando, por este motivo, a repetir o convite de aderir ao seu bando, com as seguintes palavras : “È só o senhor mesmo querer [...]” – *It’s just a question of your wanting*. Usou-se, neste caso, um possessivo, em inglês, por este estar modificando, na verdade, uma forma nominal (um “particípio presente”). Em russo, lê-se: *Vy prishlís’ mnié pó duchié s píervoi je minúty [...] Iá znáiu, chto nache remiesló vam znakómo* . Isto é: “V. Sa. me agradou (literalmente: “agradou à minha alma”) desde o primeiro instante [...]. Sei que o senhor conhece bem o nosso ofício”. Vemos que a tradutora recriou, de certa forma o TLC, em relação ao TLP. Embora tenha sido mais concisa, não se perdeu a expressividade do trecho.

Ao que Nhô Augusto retruca ser, apenas, “um pobre pecador” ([...] *a poor sinnner*). Este não se conforma: “– *Que-o-quê!* Essa mania de rezar é que está lhe perdendo [...]. O senhor não é padre nem frade, p’ra isso, é algum? Cantoria de igreja, dando em cabeça fraca, desgoverna qualquer valente... *Bobajada!*”. Vemos a linguagem popular no termo grifado: o uso do sufixo – *ada* para designar abundância de qualquer coisa. Em inglês, tem-se: **Hogwash**. *It’s this mania for praying that’s ruining you [...]. You are not a priest or a monk to be doing that, are you?. All this church flummery falling on a frail head, saps a brave man’s strength...A lot of nonsense!*.

Segundo Michaelis, *flummery* significa “mingau de aveia”, ou “espécie de manjar branco”. Mas, no sentido conotativo, pode significar “lisonja grosseira” e, também, “disparate, parvoíce”²²⁹. Mas é o Chamber’s que traz, para o termo, a explicação mais condizente: *anything insipid* – uma acepção que, além de adequada para o contexto, ainda contribui para aumentar o tom de desaprovação para o que no TLP figura como “cantoria de igreja”. Por sua vez, *to sap* é “solapar”, além de “minar, enfraquecer” – um termo bastante bem escolhido para o contexto.

Hogwash – neste contexto, significa “coisa sem valor”²³⁰. Mas, como provém de *hog* (porco) e *wash* (lavagem), não deixa de ser um termo um pouco “pesado” por causa do seu significado quando usado no sentido denotativo. Podemos, no entanto dizer, que é menos ofensivo do que o bem conhecido, e vulgar, *bull shit*.

Na versão russa, a forma verbal *Ostáv’te!*, no início do parágrafo, significa, apenas: “Deixa disso!” – uma expressão, praticamente “inofensiva”, além de estar conjugada na 2ª. pessoa do plural (que corresponde a “vós” – em português lusitano, ou a “o senhor”, em português brasileiro). Assim, temos: – *Ostáv’te! Vas gúbit éta mánia – vsió molítsa da molítsa. Vy je nie monákh i nie sviaschiénnik, rázve neprávda? Tserkóvnoie nytió liubóvo khrabretsá s tólku sobiót, iesli on nié odúmaietsa. Glúposti éto vsió!*. Em retroversão, tem-se: “Deixa disto! O que acaba com o senhor é esta mania de rezar e rezar, novamente. O senhor não é nenhum monge ou padre, não é verdade? Os *lamentos* de igreja podem vir a perturbar o juízo de qualquer homem corajoso, *não se ele cair em si*, a tempo! Besteira pura!”. A tradutora russa traduziu “cantoria” por *nytió* – o que significa “queixume” ou “lamentos”. Além disto havia a tendência, no período soviético, de “desqualificar” todo assunto, referente à religião, ou à igreja.

Nhô Augusto sempre toma a defensiva, diante das palavras de Joãozinho Bem-Bem, que lhe soam desrespeitosas: “ – *Bate na boca*, seu Joãozinho Bem-Bem meu amigo, que Deus pode castigar!”. Em inglês, lê-se : *Hush your mouth, Mr. Joãozinho Bem-Bem, my friend, for God may punish you!*. Em russo, tem-se: *Udár’te sebiá po gubám, seu Joãozinho Tak-Tak, mói drug, kak by nié nakazál vas bog!* – isto é: “Bata nos *seus lábios*, seu Joãozinho Bem-Bem, meu amigo, não permita que Deus o castigue!”.

O convite que Joãozinho faz a Nhô Augusto é para ir “para o norte”. Tentando convencê-lo, Joãozinho Bem-Bem assegura que nunca fizera um convite destes a outra pessoa, que Nhô Augusto não haveria de se arrepender e, finalmente, menciona as armas de

²²⁹ Cf. MICHAELIS.

²³⁰ Cf. MICHAELIS.

Juruminho que necessitariam de “dono novo”. Assim, tem-se: “ – Não se ofenda, mano velho, *deixe eu dizer*: eu havia de gostar, se o senhor quisesse vir comigo, para o norte [...]”. Em inglês: *Don't take offense, old brother, and let me have my say. I would like it if you would come north with me [...]*. “Já lhe falei e torno a falar: é convite como nunca fiz a outro, e o senhor não vai se arrepender! Olha: as armas o Juruminho estão aí, querendo dono novo” (TLP, p.281). Em inglês: *Look, there are Juruminho's arms waiting for a new owner [...]*. Em português, “armas”, diferente de seu cognato inglês, não pode significar “braços”, enquanto *weapons* tem sentido único. O equívoco se desfaz, com a frase seguinte “– Deixa eu ver” (em português coloquial), equivalente ao inglês padrão *Let me see them*.

3.4.4.6 TLP, p.381; TLC-1, p. 298-299; TLC-2, p. 249

Não imaginava Joãozinho Bem-Bem, que dentro de algumas horas, travar-se-ia entre ambos um duelo, e ele próprio morreria pela ação destas armas que ora estava exibindo a Nhô Augusto e pela mão deste.

Nhô Augusto se sentiu para lá de tentado pela renovada oferta de Joãozinho Bem-Bem, agradece novamente, mas não podia aceitar, depois de tantos anos de sacrifícios, e naquele momento lembrou-se da sua promessa e da meta que tinha estabelecido para merecer a salvação, sussurrando uma prece entre os dentes.

É interessante observarmos a descrição, feita pelo narrador, a comparação, a imagem que o narrador pinta do momento em que Nhô Augusto pega nestas armas. Assim, lê-se: “Nhô Augusto bateu a mão na winchester *do jeito com que um gato poria a pata num passarinho*. Alisou a coronha e cano. E os seus dedos *tremiam*, porque essa estava sendo a maior das suas *tentações*”. Na versão inglesa, lemos: *Nhô Augusto reached for the Winchester the way a cat seizes a bird in its paws. He ran his hand over the stock and the barrel. And his fingers trembled, because this was turning into the greatest of his temptations*. Não podia aceitar, no entanto: “Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem!” – em inglês: *To form part of Mr. Joãozinho Bem-Bem's outfit!* – pensa, exaltado, mas não podia aceitar. Em inglês, *outfit*, além de significar “equipamento” e “enxoval”, também equivale a “turma de trabalho” – sendo, neste caso, um “americanismo”, segundo Michaelis. A tradutora quis variar um pouco a terminologia, ao evitar o termo mais batido, *band*.

Matraga, talvez estivesse rezando baixinho o “creio-em-deus-padre”, para escapar da tentação de tornar-se um bandido. Afinal, ele tinha feito a confissão ao padre, recebido o perdão de Deus, durante sua extrema-unção, e se arrependido dos crimes cometidos no

passado. Por isto não podia aceitar: “Mas os lábios de Nhô Augusto se moviam – talvez estivesse proferindo *entre seus dentes* o creio-em-deus-padre”.

Em inglês, lê-se: *But his lips were moving – perhaps he was saying ‘I believe in God the Father’ under his breath*. As expressões grifadas são dois idiomatismos diferentes, nas duas línguas, mas que se equivalem. De qualquer forma, o sentido é que Nhô Augusto estaria fazendo isto às escondidas, e não em viva voz .

Em russo, lê-se: *No gúby chevelilis’ – mójet byt’ on tchítál skvóz’ zúby Viériui –* (isto é, “Mas seus lábios se mexiam – talvez, ele estivesse lendo o “Credo”, *entre os dentes*”), com uma expressão, semelhante à encontrada no TLP.

Nhô Augusto recusa à oferta, veementemente: “– Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem- Bem!. Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais [...]”. Entrementes, Nhô Augusto ria, tanto para Joãozinho Bem-Bem, assim como dentro de si, dissimulado, e satisfeito por ninguém saber o motivo da sua recusa, nem poder, naquele momento, adivinhar seus pensamentos. Assim, lemos: “E ria para o chefe dos guerreiros, e também por dentro ria, e era o riso do capiau ao *passar a perna em alguém*, no fazer qualquer negócio” – com isto o narrador mostra o jeito sorrateiro do capiau, do homem do sertão, do caboclo.

Em inglês, foi traduzida a expressão grifada, acima por *(as) he gets the better of someone in a deal* – sendo ambos idiomatismos.

Em russo “passar a perna” é *perekhitrít’* (“enganar, ser astuto, esperto”), uma exacerbação do simples *hitrít’*. Assim, pode-se ler: *I on ulybálsa glavariú udal’tsov, i vnutrí u nievó tóje bylá ulýbka, ta sámaia ulýbka, kotóroi ulybáietsa sertanejo, kogdá udaiótsa iemú perekhitrít’ kovó-to v kakóm-nibud’ diéle*. Em retroversão: “[...] E ele sorria para o chefe dos bravos, e dentro dele, também, havia o sorriso, aquele exato sorriso, com o qual sorri o ‘sertanejo’, quando consegue enganar alguém, em alguma coisa”. Em russo, faz-se, sempre, a distinção entre “rir” e “sorrir”, enquanto no português, não é raro usar-se o primeiro em lugar do segundo.

Seu Joãozinho Bem-Bem entende (já foi comentado que a alcunha de “Bem-Bem”, anexa ao nome de seu Joãozinho, pode ser interpretada como onomatopéia, equivalente a *Bang-Bang*, em inglês. Mas a tradutora preferiu não traduzir o “cognome”): “Está direito, lhe obrigar não posso”. Enquanto isto, ouve-se, à entrada um estardalhaço (em inglês *At this point there was a commotion at the door*). Em russo, *estranhamente*, lê-se *Tut v dvér’ zabarabánili chto býlo mótschi* (isto é “Neste instante, bateram à porta, como se fosse num tambor, com todas as forças”).

Vemos, desta forma, que dois tradutores podem escolher termos, os mais díspares. Segundo Houaiss, “estardalhaço” pode ser uma variante ou sinônimo de “espalhafato”, também, “barulheira, bulha”, e no sentido figurado, “ostentação, feita de forma ruidosa”.

Chamber’s, por sua vez, traz *commotion* como *violent motion or moving* assim como *tumultuous action, physical or mental*. Já, na versão russa, a forma verbal *zabarabánili* provém do nome *barabán*, isto é, “tambor” (sendo *barabánit*, equivalente a “tamborilar”, e *zabarabánit*, o aspecto perfectivo correspondente). Vemos, também, na versão russa, que foi a porta (*dviér*) que fora usada como objeto de percussão, enquanto, “à entrada”, no TLP, apenas significa “junto à via de entrada, na passagem”, podendo a respectiva porta estar, inclusive, aberta. Seria uma recriação propositada, ou, apenas um pequeno *lapsus mani* da tradutora russa?

Lembramos que Joãozinho Bem-Bem tinha prometido que um dos jovens irmãos do “matador” de Juruminho ia ter que morrer, para vingar a morte deste, e eis que este velho pai, que sofrera a ameaça de ter um de seus filhos sacrificados (a quem, tudo indica ser o seu Flosino – chama de “velho caduco” – o que em inglês está como *doddering fellow*) – vem lhe pedir clemência e se oferece para morrer no lugar do seu “povinho miúdo” (*my young ones*).

Neste particular, podemos mencionar que Michaelis apresenta *dodder* (v.) como “tremar, titubear, cambalear, fraquejar”, sem aquele sentido pejorativo, que geralmente acompanha o emprego do termo “caduco”, na acepção popular.

Em russo, igualmente, a alusão ao “velho” não diz respeito às suas enfraquecidas faculdades mentais – aquela acepção com que o uso popular consagrou o termo “caduco”, em português – mas, de preferência, à sua condição física, em geral. É o que nos transmite o termo *driákhly*, em *driákhly starík* (isto é, “velho decrépito”).

Houaiss apresenta ambas as acepções de “caduco”: de um lado “que cai, cadente”, assim como, “senil, decrépito, velho”, e de outro, nesse sentido “pejorativo”: “5. *pej.* diz-se de pessoa que perdeu parcialmente o juízo em decorrência da idade ou de doença mental”.

Joãozinho Bem-Bem permite que o velho entre e pede que este se aproxime (“– Deixa ele entrar. Vem cá, velho”), pois tem algo a lhe dizer. Prossegue o narrador, com a descrição da comovente cena: “O velhote chorava e tremia, e *se desacertou*, frente às pessoas. Afinal, conseguiu ajoelhar-se aos pés de seu Joãozinho Bem-Bem”. Na versão inglesa, lê-se: *The old man was crying and trembling, and was all confused in their presence. Finally he managed to kneel at the feet of Mr. Joãozinho Bem-Bem.*

Nota-se o sentido pejorativo em “velhote”, que está ausente no inglês onde se manteve uma linguagem mais formal (*old man*). Também, o termo “se desacertou” é de uso

popular (na norma culta, prefere-se o termo “desconcertar-se”, em lugar do que fora aqui usado no TLP), dando margem a várias interpretações. A forma verbal *managed*, na oração seguinte, mostra a dificuldade de o velho se portar, e ajuda a completar o sentido daquilo que o autor quis dizer com “se desacertou”, na oração anterior do TLP.

Em russo, temos: *Staritchók triássá i plákal, a pogliadiév na prissútsvuiuschikh, sovsiém rasteriálsa. Kóie-kak sovladál s sobóiu i povalilsa na kolièni piéred seu Joãozinho Tak-Tak*. Em retroversão, temos: “O *velhinho* tremia e chorava, mas ao olhar para os presentes, *se desconcertou*, totalmente. Do jeito que pôde, recuperou o domínio de se próprio e, como que desabando, caiu de joelhos na frente de seu Joãozinho Bem-Bem”.

O acréscimo de novas palavras, na versão russa, não apenas torna a descrição da cena mais “explícita”, e mais pormenorizada: se, de um lado, isto nos levar a acreditar na preocupação da tradutora russa em não omitir nenhum detalhe do TLP, por outro lado, este seu procedimento confere ao texto maior “dramaticidade”.

O velho, neste instante, tenta fazer o seu último apelo a seu Joãozinho Bem-Bem, de início enaltecendo-o: “Ai, meu senhor que manda em todos”. (Na versão inglesa, lê-se: *Ah, my master who gives orders to all.*) e em seguida, suplicando por piedade (“Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, tem pena!. Tem pena do *meu povinho miúdo*. Não corta o coração de um pobre pai.”). Vê-se, de um lado, o uso de linguagem popular – um coloquialismo – em “povinho miúdo”, e de conotação em “não corta o coração”. Na versão inglesa, tem-se: *Have pity of my young ones* e *Do not lacerate the heart of a poor father*, com o uso de uma linguagem de registro mais formal, ou mais elevado, em relação ao TLP, apesar de conservar a conotação.

A tradutora russa procurou conservar o tom de linguagem popular, lançando mão de coloquialismos: – *Okh, seniór mói, vy viêd’ vsièmi rasporiajâetes’*. *Okh, seu Joãozinho Tak-Tak, smíluites’! Smíluites’ nad moiêi melkotói, nad moiêi rebiatniêi. Nié razbiváite siérdze biédnomu otsú*. Em retroversão: “Ai, meu senhor, o senhor que manda em todos. Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, tenha piedade! Tenha piedade dos meus *pequenos*, da minha *criaçada* (ou “rapaziada”). Não quebre o coração a um pobre pai”.

Vê-se aí o uso de coloquialismos tais como *melkotá* (derivado do adjetivo *miélkii*, isto é, “miúdo”), sendo uma espécie de coletivo para “coisas miúdas” – Vóinova apresenta o termo como “pequenez, miudeza”, e também como “miudagem, genticinha, gentalha” – enquanto *rebiatniá*, um derivado do substantivo plural de *rebiáta*, é um coletivo para “crianças” ou, melhor, “rapazes” – Vóinova apresenta *rebiáta*, entre outras coisas, como

“criançada” e “rapaziada”, além de “pessoal” (Ambos termos estão declinados, e ocorrem, no texto, no caso do instrumental singular).

Pode-se, também, observar que houve, na versão russa (para o TLP “meu povinho miúdo”) uma duplicação de termos, pois foi usado mais de um (*mielkotá* e *rebiatniá*), tornando o relato menos sintético. Com base no trecho citado acima, pode-se, também, dizer que nos coloquialismos e nas expressões idiomáticas não pode haver total equivalência entre as línguas, pois se em português se diz “cortar o coração”, em inglês se diz “dilacerar o coração”, e em russo “quebrar o coração”.

Seu Joãozinho Bem-Bem ordena que o homem se levante, mas este continua, em um apelo ainda mais comovente: “– O senhor é poderoso, é *dono do choro dos outros*. Mas a Virgem Santíssima lhe dará o *pago* por não pisar em formiguinha no chão. Tem piedade de nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem!”. A versão inglesa é, como sempre, mais formal, mas conservou, neste trecho, as imagens que se lêem no TLP: *The gentleman is powerful, he is the master of the weeping of others. But the Blessed Virgin will repay him for not stepping on a lowly ant of the earth. Have pity on all of us, Mr. Joãozinho Bem-Bem!*. Foi ainda reforçado o sentido de impotência de uma “formiguinha do chão”, quando a tradutora americana usou o modificador *lowly* – em vez de *little* – que seria suficiente para formar o grau diminutivo, em inglês. (Neste caso não é apenas um diminutivo, mas a condição inferior e indefesa de uma formiga que se arrasta pelo chão e pode ser pisada). Na versão russa, lê-se: *U vas vlást', sênior, vy vólny zastávit' drughíkh lit' sliózy. No pretchástaia diéva voznagradíť vas, iêslí nié rastóptchíte vy muraviá polzútchevo. Sjal'tes' nad námi nad vsiêmi, seu Joãozinho Tak-Tak!* (Em retroversão, tem-se: “O senhor tem o poder, o senhor está livre para fazer os outros verter lágrimas. Mas a Virgem Santíssima (literalmente “Puríssima”) irá pagar-lhe, se o senhor não pisar na formiga que rasteja. Tenha piedade de nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem!”). O tratamento com o uso do pronome *vy* é tão formal, quanto no TLP, devido a gravidade da ocasião. Os nomes que correspondem à “Virgem Santíssima” estão escritos com iniciais minúsculas por uma questão de ideologia do período soviético.

Seu Joãozinho Bem-Bem observa que *ninguém* teve pena de Juruminho, (“*Quem* é que teve piedade do Juruminho, baleado por detrás?”). Esta maneira *impessoal* de se expressar é típica da fala popular (o pronome indefinido “quem” substituiu o nome do assassino, evitando até de mencionar a posição no parentesco do mesmo com o velho). A acusação, portanto, é “indireta”, em lugar da frontal, na qual se pronunciaria o nome do agente da ação (com todas as letras).

3.4.4.7 TLP, p.382; TLC-1, p. 299-300; TLC-2, p. 250-251

Ao ouvir isto, o velho pai implora a seu Joãozinho Bem-Bem “pelo amor do senhor mãe que o teve lhe deu de mamar “ (*for the love of your mother who bore you and suckled you at her breast*) de ser sacrificado no lugar de qualquer um dos filhos – pois “ não presta mais pra nada (*who is no good for anything*) .Mas que não mande *judiar com* os pobrezinhos dos meus filhos e minhas filhas (*But not to order my poor sons and daughter mistreated*) que estão lá em casa, adoecendo de medo, e que não tem culpa nenhuma do que fez o irmão” (*and who are in no wise responsible for what their brother did*).

Em relação ao trecho citado acima, pode-se dizer que “*judiar*” tem uma conotação um tanto diferente do que “maltratar” (*mistreat*) pertencendo, também, mais à linguagem popular. Também, pode-se dizer que, normalmente (no português padrão), se ouve dizer *judiar de*, em lugar de “*judiar com*” (mudança de regência verbal).

Finalmente, o velho pai chama “Pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria!”. Continua o narrador : “O velho tapou a cara com as mãos, (*covered his face with his hands*) sempre ajoelhado, curvado “*bent low*), soluçando e arquejando (*laboring for breath*) ”. – A versão inglesa parece, de certa forma, mais “elaborada”.

Na versão russa, lê-se um apelo dramático, com o uso de palavras um tanto arcaicas e elevadas (que lembram uma variante do russo antigo, a saber, o “eslavo eclesiástico”). Ao mesmo tempo, a linguagem se torna bastante formal pelo uso do pronome *vy* (“vós”). Assim, tem-se: *Okh, seu Joãozinho Tak-Tak , togdá zaklináiu vas, rádi liubví k senióre váchei mátuchke, chto rodilá vas na sviét i vskormíla, zaklináiu vas, prikajýte ubit' meniá odnovó, stariká, ni na chto nie gódnovo.No poschiadíte goriemýtchnykh moíkh synoviêi i dotcheriêi, sidiát oní doma i mútchatsa, s uma ot strákha skhódiat, oní vied' nepovínny v tom, chto brat i sodiêial liú vas króviu Iussúsovói, slezámi dévy Marii!*. Em retroversão:

Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, então eu o conjuro, em nome do amor à sua senhora mãe (literalmente “mãezinha” ou “querida mãe”) que lhe deu a luz e o amamentou, conjuro o senhor que ordene matar a mim apenas, um velho que não serve para nada. Mas poupe os desgraçados dos meus filhos e filhas, eles permanecem em casa, atormentando-se, loucos de medo, eles não têm culpa pelo que o seu irmão perpetrou .Suplico o senhor pelo sangue de Jesus, pelas lágrimas da virgem Maria.

Nota-se uma linguagem mais elevada e formal, na versão russa: o verbo *zaklinát'* pode ser traduzido por “suplicar”, mas também por “conjurar”. O termo *niepovínny* (“inocente”) tem um registro mais elevado que *nevinováty*, comumente usado; *sodiêiat'* – o

infinitivo, correspondente ao pretérito *sodiêial* – é apresentado por Vóinova como “de estilo elevado”, podendo ser “realizar” (ou, mesmo, “perpetrar”). “Jesus” e “Maria” figuram como nomes próprios, mas o modificador “virgem” (que precede “Maria”) é grafado com letra minúscula, por uma questão de ideologia (como já foi mencionado).

No entanto, seu Joãozinho Bem-Bem – que pigarreou (*cleared his throat*) após ouvir o apelo dramático do velho – diz que não pode atendê-lo e persiste em querer aplicar o castigo, pois “É a regra”. Do contrário, perderia o respeito de seus subordinados. Caberia ao velho decidir qual dos seus dois filhos deveria ser sacrificado. A única concessão que seu Joãozinho Bem-Bem a pode fazer é livrar a família da “sebaça”. “É a regra. Posso até livrar de *sebaça*, às vezes, mas não posso perdoar isto, não”.

No TLP, “*sebaça*” está destacado com itálico. Trata-se de uma palavra de cunho regionalista, do Brasil Central que, segundo o LGR significa “assalto a propriedade, seguido de roubo”. Segundo Houaiss, tem ligação com a palavra “*sebo*”, pela engorda, observada nos assaltantes, depois de usufruírem das propriedades alheias. A tradução do termo, em inglês, é *looting* (em: *I can even let them of after looting.*).

Tudo indica que houve uma falha de tradução aí, que passou despercebida dos revisores e editores, pois “livrar de *sebaça*” significa, na verdade, “evitar que a sebaça aconteça”. O que a tradutora americana escreveu foi “dispensar” (em inglês *let off*) depois da sebaça (*after looting*). Seu Joãozinho Bem-Bem prossegue: “E as moças. Para mim não quero nenhuma, que *mulher não me enfraquece*; as mocinhas são para meus homens.” Muito bem traduzido por: *As for the girls, I don't want any of them for myself, for women are not my weakness. The girls are for my men.* – não deixando dúvidas sobre a expressão “(mulher) não me enfraquece”.

Como era de se esperar, o velho não se conforma e repete o apelo, evocando e suplicando “Pelo corpo de Cristo na Sexta-Feira da Paixão!”. Mas, diferente de Augusto Matraga, seu Joãozinho Bem-Bem não se atém a assuntos religiosos, não mostra qualquer temor às divindades, evocadas pelo velho pai, nem conta com a “salvação da alma”, como acontece com Nhô Augusto. O que Bem-Bem deseja conseguir é impor-se diante dos seus homens, sem nunca fraquejar (até diante do sexo “frágil”).

Aproxima-se, deste modo, o momento do grande desfecho: Augusto Matraga se sente compelido – talvez intuitivamente – a tomar uma decisão, a “tomar partido”, por assim dizer, pois não pode permitir tamanha injustiça e que mais uma morte ocorra.

Ocorre, então, uma troca de “amabilidades”, verdadeiros afrontamentos: De um lado, a dureza e grosseria de seu Joãozinho Bem-Bem, - com a frase : “*Cala a boca velho*”,

(*Hold your tongue, old man!*), vamos cumprir a nossa obrigação” – de outro, segue-se a maldição, urrada pelo velho “– Pois então, *satanás*, eu chamo a *força de Deus* p’ra ajudar a minha fraqueza no *ferro* da tua *força maldita!*”. Observe-se a figura de linguagem, mantida na versão inglesa: *In that case, you Satan, I call upon the strength of God to succor my weakness against the iron of your cursed strength.* Na versão russa, por sua vez, lê -se: *Raz ták, Sataná, prizyváiu gospódnju sílu na podmógu moiêi niémoschi’, da odolîêet oná kriépost’ tvoiêi proklíatoi síly!*. Isto é, “Se é assim, Satanás, convoco a força divina para ajudar-me na minha fraqueza, para que ela vença a *fortaleza* da tua força maldita!”. A conotação do TLP (“no ferro”) foi substituída por “fortaleza”, deixando explícito a idéia de “vencer” ou “dominar”, que está subentendida no TLP. A palavra referente à locução adjetiva do TLP “de Deus” foi substituída, na versão russa, pelo adjetivo *gospódnia*, isto é, “divina” (usada no caso acusativo singular), sendo grafada com letra minúscula, como nos outros casos do emprego de termos religiosos.

É interessante, no entanto, observar-se a descrição, que faz o narrador, do aspecto do velho antes de proferir as ua maldição:

Mas, aí, o velho, sem se levantar, *inteiriçou-se*, distendeu o busto para cima, como uma *caninan enfuriada*, e pareceu que ia chegar com a cara até em frente à de seu Joãozinho Bem-Bem. Hirto, *cordoveias* retesas, mastigando os dentes e cuspidando baba.

Vê-se a utilização do regionalismo “caninana” (segundo do LRG, do tupi *ñakani’ña*, isto é, ‘cabeça em pé’, sendo uma “cobra de coloração parda, que chega até 3 metros de comprimento, podendo subir em árvores”). Quanto à “inteiriçou-se” e “enfuriada”, pertencem ambos à linguagem popular, sendo que “cordoveias” (de “cord +veia”) está registrado por Houaiss como “informal”, já existente desde o século XVIII, como: “as veias e tendões salientes do pescoço”. Em inglês, tem-se: *But at this point the old man, without getting to his feet, stiffened, his chest distending like an infuriated rat snake, and it seemed as if his face were going to rise level with that of M r. Joãozinho Bem-Bem.*

Na versão russa, evitou-se “cordoveias”: em vez disto, lemos *výtianul chêiu*, isto é, “espichou o pescoço”, enquanto o termo regionalista “caninana” foi traduzido *uj*, um cobra “não-venenosa”, pertencente à fauna europeia, também apresentada por Vóinova como “caninana”²³¹. A cena descrita pela tradutora russa é, igualmente, aterrorizante: *Okamneniéy,*

²³¹ Cf. VÓINOVA.

výtianuv chêiu, skripiá zubámi i brýzgaia sliunói, on vzreviél. Isto é, “Petrificado, tendo espichado o pescoço, rangendo os dentes e cuspidando saliva, ele urrou: [...]”

Instalou-se, neste instante, um silêncio de ambas as partes, seguido da fala de Nhô Augusto que decide intervir, com um pedido de amigo:

– Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que *nem Deus não* manda e nem o diabo não faz!” – observa-se a dupla negação, característica da linguagem popular.

Em inglês, tem-se: *Don't do this, my friend Mr. Joãozinho Bem-Bem, for this poor man is asking you in name of Our Lord and the Virgin Mary! And what you are planning to do to his family is something God doesn't order and the devil doesn't do.*

Vê-se maior força de expressão em “o desgraçado do velho” do que em, simplesmente, *this poor man*. Não há dupla negação – que ocorre no inglês popular – mantendo-se as formas do inglês padrão. Na versão russa, tem-se: *Nie diélaité étovo, moi drug seu Joãozinho Tak-Tak, viêd neschastny starík próssit ímenem góspoda náchevo i diévy Marii! A to, chto khotíte vy sotvorit' v ievó dóme, i bog ni vielít, i diávol nie tvorít!.* Em retroversão:

O senhor não faça isto, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, pois o desgraçado (ou “infeliz”) do velho está pedindo em nome do *nosso senhor* e da *virgem* Maria ! E aquilo o que os senhores (vocês) querem *fazer* na casa dele, *nem deus* manda, nem o diabo faz !.

3.4.4.8 TLP, p.383; TLC-1, p.300; TLC-2, p. 251-252

Como já foi dito em outras passagens, a tradução não é uma operação “exata”, pois não existe uma equivalência perfeita entre os termos do TLP e os do TLC e sim, apenas aproximada. Assim, *tvorít'* e *sotvorít'* (aspectos imperfeito e perfeito) podem, realmente significar “fazer”, entre outras coisas (criar, dar origem a, produzir²³²), mas não são habitualmente usados apenas nestes sentido (para tanto, existem, na língua russa, os verbos *diélat'* e *sdiélat'*). *Tvorít'* e *sotvorít'* são usados, de preferência, quando este “fazer” envolve algo de “especial” (como “fazer um milagre”), que exija maior habilidade, ou maior conhecimento, uma arte, enfim. Em suma, usa-se para designar o ato de fazer algo muito

²³² Cf. VÓINOVA.

ruim, ou muito bom, envolvendo uma operação mais complexa que o simples “fazer”. Aproxima-se, portanto, mais do sentido de “criar”, “realizar” ou “produzir”.

Apesar de chamar o seu Joãozinho Bem-Bem, de *mói drug*, o Nhô Augusto mantém um tratamento bastante formal, com *vy* (“vós”, “o senhor”), pois o tratamento *ty* (“tu”, “você”) é considerado demasiadamente “familiar”. Na verdade, só há estas duas opções, na língua russa, diferente do português, em que o pronome de tratamento “você”, em português, pode ser situado entre simples “tu” e o “vós. Embora tenha se originado de “Vossa Mercê” – como todos sabe – não possui o caráter formal de “vós”, que só é usado no português, do tipo lusitano.

Pode-se, também, observar no trecho do TLC, citado acima, que os nomes referentes a “Nosso Senhor”, “Virgem”, assim como “Deus” foram grafados com iniciais minúsculas, sempre por motivos ideológicos.

Intuitivamente, Nhô Augusto presente o grande embate que está para acontecer entre os dois titãs, pois, enquanto falava isto, Nhô Augusto acariciava com a mão esquerda a lâmina da “lapiana” (O LGR registra este termo como “faca de ponta, estreita e comprida”, sinônimo de “lambedeira”, sendo um termo “brasileiro popular”). À medida que fazia isto, a sua mão direita “pousava, despreocupada, no *pescoço da carabina*”. (Temos, aí, a figura de linguagem da catacrese).

A tarefa de traduzir termos regionalistas sempre representa uma dificuldade para o tradutor: se não existe o termo adequado, como proceder? Usar uma paráfrase ou tomar o termo como empréstimo, com nota de pé-de-página?. A tradutora americana optou pela primeira alternativa, traduzindo “lapiana” por *long knife*. A figura de linguagem em “pescoço da carabina” foi desfeita com a expressão *barrel of the carbine*. Assim, vê-se: *Mr. Augusto had spoken; and his left had caressed the blade of his long knife while his right rested carelessly on the barrel of the carbine*. Na versão russa, tem-se: *Skazál èti slová Nhô Augusto; i liévia ruká ievó poglájyvala lezvió dlínnovo i úzkovo nojá Juruminho, a právaia lejála nebriéjno na prikláde karabína*. Em retroversão, temos: “Nhô Augusto falou estas palavras; e a sua mão esquerda alisava (ficou alisando) a lâmina da faca longa e estreita de Juruminho, enquanto a direita permanecia deitada, negligentemente, sobre a coronha da carabina”. Vê-se que a tradutora russa precisou, também, usar de uma perífrase para traduzir “lapiana”, nem usou qualquer figura de linguagem para “pescoço da carabina”, dando preferência à linguagem de sentido denotativo.

Entrementes, Nhô Augusto demonstra calma (“Dera tom calmo às suas palavras”), por estar convicto tanto da sua atitude, como das suas palavras, “mas puxava forte

respiração *soporosa*, que quase o levantava do selim e o punha no assento outra vez”. Não estando dicionarizado, o termo – tudo indica – deve ser derivado de “sopro”.

Não foi preciso que Harriet de Onís traduzisse o adjetivo da linguagem popular (“soporosa”), usado, acima, pelo narrador, pois conseguiu fazer uma verdadeira “transposição” (nos termos dos especialistas em Estilística Comparada, Vinet e Darbelnet) e a sua solução foi a seguinte: *He spoke in a calm tone, but he was **breathing soheavil** ythat he seemed to be rising and falling in the saddle*. Na versão russa, também, para traduzir “mas puxava forte respiração *soporosa*”, lançou-se mão de uma perífrase, isto é: *no dychát’ stal tak tchásto i chúmno* (em retroversão: “mas começou a respirar tão freqüentemente, e tão ruidosamente”).

Nhô Augusto, na verdade, “respirava tão pesadamente”, como escreveu a tradutora americana, porque a sua calma é apenas aparente, estando ele bastante tenso, diante da expectativa do que pode vir a acontecer. O ato de “acariciar a lâmina” e “segurar o pescoço da carabina” mostra que ele, de fato, estaria buscando proteção nestas armas, ou que estaria na iminência de fazer uso das mesmas, em uma atitude de quase jactância.

Seu Joãozinho Bem-Bem, que não está acostumado que alguém o contradiga ou contrarie, interpreta a atitude de Nhô Augusto, como uma “zombaria”. Assim, tem-se: “Você está *caçoando* com a gente, mano velho (*Are you joking with me, old brothe?*) – ao que Nhô Augusto assegura que não está (“Estou, não”) e está “pedindo como amigo”, mas a conversa é “no sério, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem”.(Nota-se o espírito cavalheiresco da cordialidade – de que já se tinha falado, previamente – mesmo em um momento de grande tensão. Na versão de língua inglesa, lê-se: *No, I am not. I am asking your as a friend, but what I am saying is in earnest, my friend, **my kinsman**, Mr. Joãozinho Bem-Bem*. A tradutora não abandona o tom formal, com o uso do tratamento *Mr.*, como em todo o texto. Em russo, tem-se: – *Vy chútki chútite, stariná?* (isto é, “O senhor está pilheriando (ou “fazendo brincadeira”), meu velho”?). Há um pleonasma na frase russa – tudo indica para dar ênfase – pois tanto o verbo *chutít’*, como o nome *chútka*, vem da mesma raiz. Normalmente, dir-se-ia *Vy nádo mnói chútite?* (isto é, “Está brincando comigo?”). Vóinova registra *stariná* como “termo coloquial”, equivalente a “meu velho”, mas, normalmente, esta palavra designa um substantivo abstrato, equivalente a “tempos remotos, velhos tempos, coisas do passado”. Em seguida, lê-se: – *Nie chutchú. Prochú, **kak drug**, no razgovór idiót vserióz, mói drug, mói soróditch, seu Joãozinho Tak-Tak*. Em retroversão: “Não estou pilheriando. Estou pedindo, como amigo, mas a conversa é séria meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem”.

Depois da troca de um breve diálogo entre ambos, Nhô Augusto entende que tinha chegado a “sua vez”: se de um lado Joãozinho diz nunca ter visto, nem atendido um pedido desses (“– Pois pedido nenhum desse *atreuimento* eu até hoje nunca que ouvi nem atendi!”), por outro lado, Nhô Augusto concede “carta branca” a seu Joãozinho, para que a agisse como quisesse, pois ele estaria, inclusive, disposto a morrer. Na versão de língua inglesa, as palavras de Bem-Bem foram traduzidas da seguinte forma: *Well, a request as bold as this I have never heard up to now nor given heed to*, e na versão russa, por sua vez: *Tak vot, takói diérskoi prós’by nikogdá do sevó dniá nie slýchal iá i nie vpolniál* (isto é, “Pois então, um pedido assim, tão atrevido, até o dia de hoje, eu nunca ouvi nem atendi!” – o que fica semelhante à versão inglesa. Portanto, vê-se que o termo “atreuimento” foi traduzido por paráfrases, em ambas as versões. Assim, prossegue o narrador: “– Pois então...– e Nhô Augusto *riu*, como quem vai contar uma *grande anedota* (na versão de língua inglesa, a *tall story* – onde o adjetivo negrito equivale, segundo Michaelis, a “exagerado, inacreditável” – e na versão russa, a *prepotiéchnuiu istoríku* – isto é, “uma estoriuzinha p’ra lá de engraçada”) – continua Nhô Augusto: “– Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é *fácil*. Mas tem que passar primeiro *por riba de eu* defunto [...]”.

No trecho, “passar *em riba de eu* defunto” – citado acima, a parte grifada é uma amostra de linguagem popular, regional – De um lado, “em riba de”, que Houaiss apresenta como expressão “informal”, sendo o nome “riba”, derivado do latim (*ripa*, isto é, “margem”), e de outro lado, há o uso do pronome pessoal do caso reto “eu”, regido de preposição. Esta última é uma amostra do que, antigamente, se costumava chamar de “agramaticalidade” – mas, sabendo-se, hoje, ser apenas um exemplo de linguagem popular que, obviamente, não segue as normas da assim-chamada “norma urbana culta.

Esta linguagem de cunho popular, no entanto, não aparece, de modo algum, na versão de língua inglesa: [...] *in that case, my friend Mr. Joãozinho Bem-Bem, the thing is simple. But you will first have to pass over my dead body*. Em russo, lê-se: “[...] *togdá, moi drug seu Joãozinho Tak-Tak, diélo nekhítroe. No pridiótsa priéjde perechagnút’ tchérez mói trup*. Em retroversão, tem-se: “[...] neste caso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, a coisa é simples – literalmente “sem complicações, ou “sem artimanhas” – Mas vai ser, primeiramente, preciso passar por cima do meu cadáver.

O termo *niekhítroe*, do gênero neutro, tem como forma masculina correspondente, *niekhítryi*, sendo este o oposto de *khíttri* (isto é “astuto, esperto”) e se usa para designar uma coisa para a qual não é preciso uma especial sabedoria ou habilidade. (São essas nuances semânticas que, por vezes, ocorrem na língua do TLC – proporcionando uma gama de

interpretações – que o tradutor precisa conhecer). O adjetivo *niekhítroe* (do gênero neutro) é, desta forma, uma forma mais *sutil* que outros que poderiam ser aí empregados, como *liógkoe* (que significa tanto “leve”, como “fácil”), ou *prostóe* (isto é, “simples”). Por outro lado, *perechagnút* – diferente de “passar por cima de “ – que pode ser usado, tanto no sentido denotativo, como conotativo – significa : “dar um passo, por cima de, sem pisar”.

A tensão entre os dois personagens chega, desta forma, ao ponto máximo, ao clímax, partindo para o *desfecho final* que consistirá no *duelo* entre ambas as partes.

Quando Teófilo Sussuarana (em russo, traduzido por *Teófilo Jaguar*), que era um cabra “excessivamente *branco*” – *a crude plug-ugly* – uma gíria norte-americana que, segundo Michaelis, significa “rufião, desordeiro, arruaceiro” – e não possuindo a polidez, ou o requinte, de seu Joãozinho Bem-Bem, nem estava “preso por uma simpatia poderosa” (*drawn by a surge of admiration* – isto é, “atraído por impulso repentino de admiração”) a Nhô Augusto, “caminhou para cima” do mesmo (*made a lunge at Nhô Augusto* – isto é, “*deu um bote em cima de Nhô Augusto*”), com o que este lança seu grito de guerra, blasfemando: “– Epa! *Nomopadrofilhospritossantoamêin!* Avança, *cambada de filhos-da-mãe*, que chegou *CHEGOU MINHA VEZ!*” – *Whoa there! Name-of-the-Father-Son-Holy-of-the-Father-Son-Holy-Ghost-amen! Come on now, you pack of bastards, for my turn has come!*. Deve-se observar o caráter de “oralidade” da passagem, no TPL – implicando, até mesmo, em “teatralidade”. O leitor, desta forma, não apenas “lê” o texto, ele o “ouve”.

Em russo, lê-se, no início, a tradução desta invocação religiosa, que soa como uma blasfêmia (tendo sido separados os termos, na transcrição, apenas para facilitar a leitura), seguida do xingamento: – *A nu! Vo-ímia-otsá- i--sýna-i-sviatógo dúkha –(a)min’! Vykhodí sbrod pogányi, nastál moi tcheriód!*, isto é: “Vejam! Em nome do *padre-e-do-filho-e-do-espírito-santo, amém!* Venham para fora, *escória de asquerosos*, *CHEGOU A MINHA VEZ !*”).

Vê-se, a intensificação dos xingamentos, na versão russa. Deve-se, também, observar que o adjetivo *pogányi* (muito ruim, asqueroso, sórdido) é de fato, de origem latina, onde ‘*paganus*’ – segundo Chánsky – deriva de ‘*pagus*’ (aldeia, vilarejo), tendo, posteriormente, assumido, em latim tardio, o significado que tem o termo “pagão”, no português moderno.

Continua o narrador, descrevendo a troca de tiros entre – de um lado – o bando inteiro de seu Joãozinho Bem-Bem – e do outro – Nhô Augusto que enfrenta, sozinho, a este bando, num ato de puro heroísmo, em nome de uma causa nobre: a defesa de um injustiçado. Assim, tem-se: “E a casa *matraqueou* que nem panela de assar pipocas (*began to crackle like*

a popcorn roaster), escurecida à fumaça dos tiros (*murky with the smoke of shots!*), com os cabras saltando e miando de *maracajás* ([...] *an the bandits leaping and the bandits snarling like wild cats*) e Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos – “[...] – *and Mr. Augusto screeching like a staked devil and jumping like ten devils on the loose.*”

Enquanto, em inglês, obviamente, não poderia haver qualquer problema para traduzir “pipoca” – por ser, inclusive um hábito, americano – o mesmo não ocorreu na versão russa, pois na era, que se antecedeu à ‘*perestróika*’, os *fast-food* americanos ainda não tinham sido apresentados ao consumidor russo. Assim, vemos uma paráfrase, para tanto: *I dom zapónilsa triéskom, slóvno kastroiúlia, v kotóroi járiatsa kukurúznye ziórna, i stálo temnó ot dýma, i bandíty metális’ i oráli, kak díkie kotý, a Nhô Augusto vopíl, kak sviázannyi diávol, i besnoválsa kak diêssiat’ diávolov, výrvavchykhsia na vóliu.* Isto é,

E a casa se encheu de estalos, igual a uma panela na qual *se assam grãos de milho*, ficou escuro da fumaça, e os bandidos se agitavam e *berravam*, como gatos selvagens, enquanto Nhô Augusto *vociferava*, como um diabo amarrado, e *irava-se*, como dez diabos, que se soltaram.

Usou-se “berravam” como faria um homem, em lugar de “miavam”, como fariam os “gatos selvagens” (ou, melhor, “maracajás”). Notam-se os acréscimos feitos pela tradutora russa, para tornar a cena mais emocionante, e mais “pictórica”.

Vê-se, no TLP, o uso da linguagem popular, novamente, em “matraqueou”, não havendo uso deste tipo de linguagem no TLC. Parece até mesmo um neologismo, criado por Guimarães Rosa (o LGR, no entanto, registra “matraquear” como “produzir som, semelhante ao da matraca”, existindo aí uma “motivação sonora”, com “expressiva comparação”), não havendo, nas duas versões, uma relação contígua com o objeto, de nome “matraca”.

Em inglês, embora este nome tenha sido apresentado por Michaelis como *rattle*, usou-se no TLC, em vez disso, *crackle*, por causa da comparação com uma “panela de assar pipoca”. Já em russo, embora *treschiótka* (“matraca”, segundo Stárets) seja derivado de *treschát’* e de *triésk*, termo usado na versão russa (*I dom napónilsa triéskom*) – não há uma referência direta ao objeto “matraca” (*treschiótka*).

Quanto ao significado de “matraca”, podemos dizer, segundo Houaiss, que esta é uma peça, com múltiplos usos, inclusive no serviço litúrgico, em lugar da sineta. Na sua acepção original, no entanto, “matraca” é uma “peça de madeira com uma plaqueta ou argola, que se agita barulhentosamente, em torno de um eixo”. Além disto, há outras acepções,

como “metralhadora”, como nome de uma ave – segundo Michaelis, esta ave seria o “martim-pescador” – que faz muito barulho, natural da Bolívia, além do uso com sentido conotativo, para “pessoa muito faladora”. Em suma, é algo que faz bastante barulho – acepção que se infere do dito popular, grosseiro – “Feche a matraca”, isto é, “cale-se!”.

Nhô Augusto exulta, ao participar de algo de que se privou, por longos anos –para ganhar a sua “salvação” – mas aqui ele possui um pretexto, um bom álibi, na sua defesa do Bem contra o Mal. A frase abaixo expressa o auge da sua satisfação: “– O *gostosura de fim-de-mundo!*”. Em inglês: *Oh, joy of the end of the world!* – tradução, quase que literal, mas o termo “gostosura” confere, ao TLP, um prazer mais intenso, maior sabor, que o simples *joy*. Em russo, tem-se: –*Slávnaia chtúka – svetoprestavliênie!*, (em retroversão: “Negócio glorioso – o fim do mundo!”), sem a conotação prazerosa, quase hedonista, que existe no TLP. Houve, aí, uma tradução literal para “fim-de-mundo”, expressão que foi usada como mera comparação, praticamente, no sentido conotativo.

Nhô Augusto dá vazão a todos os seus instintos negativos, expõe tudo o que foi reprimido, durante todos estes anos, pois não tem mais nada a perder. A sua euforia instiga, também, um comportamento semelhante da parte do seu antagonista – embora “amigo” e “parente” (apenas, de consideração) – seu Joãozinho Bem-Bem. Assim, continua o narrador: “E *garrou* a gritar as *palavras feias* todas e os nomes *imorais* (*And he began to shout all the dirty words and indecent expressions*).

3.4.4.9 TLP, p.384; TLC-1, p.300-3001; TLC-2, p. 252

“[...] que aprendera em sua *farta* existência (*he had learned in his roistering days*) e que havia muitos anos não proferia” (*and which he had not used for many years*).

Vê-se o uso do termo de cunho popular “garrou”, que foi traduzido pelo o padrão inglês *began to*. Por outro lado, a tradutora americana substitui “sua *farta* existência” por “dias *turbulentos* (*roistering days*) – algo que ela pôde inferir de trechos anteriores do TLP. Na versão russa, houve uma mescla das duas versões, de um lado, usou-se o adjetivo *búinaia* (isto é, “turbulenta”), mas, desta vez, referente a “vida” (*jýzn*), e não “anos”, como na versão inglesa. Assim, tem-se: *I on výkriknul vsié nepristóinye slová i vsié rugátel’stva, kotórym výutchilsa za búrnuiu svoiú jýzn*. Isto é, “E ele *gritou* todas as palavras indecentes e todos os xingamentos que tinha aprendido durante sua vida *turbulenta*”. Mas a voz de seu Joãozinho Bem-Bem, também, “atroava”, no meio da confusão. Assim, tem-se no TLP: “E *atroava*, também, a voz de seu Joãozinho Bem-Bem”. Em inglês: *And the voice of Joãozinho*

Bem-Bem thundered, too. Este sugere que os cabras do seu bando – dos quais muitos atendem por apelidos – abandonem a luta, para que os dois super-homens possam enfrentar-se cara a cara: “– Sai, *Cangussu!* Foge, daí, Epifânio! *Deixa nós* dois brigar sozinhos!”. Nota-se a linguagem popular, usada por Bem-Bem com “deixa nós”. Na versão de língua inglesa, lê-se: *ack, Jaguar! Get away from here, Epifânio! This is something to be settled between the two of us!*. A tradutora americana disse de outra forma, interpretando o que estava implícito.

Apesar de estar só, nesta luta, a valentia de Nhô Augusto era tamanha que parecia já ter conseguido dar cabo de três *cabras*. Assim, lê-se: “Três dos cabras correram, porque outros três estavam *mortos*, ou *quase*, ou fingindo”. Desta vez, a tradutora usou *outlaws* para traduzir “cabras”. Assim, lê-se: *Three of the outlaws ran away, for three others were dead, or nearly so, or pretending to be.*

A tradutora americana que, muitas vezes, traduziu “jagunços” e “capangas” por *bodyguards* – como foi comentado nas partes iniciais deste trabalho, desta vez resolveu traduzir “cabras”, por um termo menos neutro, isto é, *outlaws* – que ela pode ter inferido do contexto.

Segundo Houaiss, há várias acepções para o termo “cabra” – quando se refere a um ser humano, e não ao animal, que são “brasileirismos”. Assim, tem-se: “**B. 12.** mestiço indefinido, de negro, índio ou branco, de pele morena clara”, assim como “**13.** indivíduo determinado, sujeito, cara”. Porém, o que mais condiz ao contexto, parece ser o item “**14.1.** *freq.* Aquele que se coloca a serviço de alguém em troca de pagamento, capanga, *criminoso*, pistoleiro”. De forma que a tradução de Harriet de Onís não foge às acepções do termo. Na versão russa, lê-se: *A gólos seu Joãozinho Bem-Bem tóje gremiél vo vsiú motch’: ‘Próтч otsiúda, Iaguár! Beguí, Epifânio! Dáite nam pomiêritsa síloi!.* Em retroversão: “E a voz de seu Joãozinho Bem-Bem também atroava, com toda a potência: - Fora, Jaguar! Corre, Epifânio! *Deixem-nos* medir nossas forças!”. Para “três dos cabras”, na versão russa, tem-se *tri bandíta* (isto é, “três bandidos”), portanto, de maneira semelhante à versão em língua inglesa.

Um espetáculo destes, nunca visto, reuniu o povo do arraial, que queria ver “a distância” a luta entre o chefe dos bandoleiros e o “homem do jumento” – como foi ali cognominado Nhô Augusto (em inglês, mais longa e explicitamente: *the Man-Who-Had-Come-Mounted-On-An -Ass*) – pois os dois rivais “tinham rodado para fora de casa”. ([...] *had piled out of the house*).

Em russo, foi simplificado o cognome: *Tcheloviék na Oslíé* (isto é, o Homem no Jumento), e em seguida *výleteli iz dóma* (isto é, “saíram voando – ou “foram projetados” – para fora de casa”). Vê-se, portanto, uma tradução aproximada, em ambas as versões.

Estavam ambos “só em sangue e em molambos pendentes. E eles *negaceavam* (*were feinting*) e pulavam, *numa dança ligeira* (*in a lively dance*) de sorriso na boca e de faca na mão”.

Para “negacear”, Houaiss apresenta, entre outras acepções: “2. seduzir por meio de negaça(s); atrair, provocar [...]” e “4. ludibriar, lograr com negaça(s); enganar”. O verbo *ter-se-ia* derivado do substantivo “negaça”, que, entre outras acepções, significa: “artifício com que se ilude alguém; falsa promessa, mostra ilusória [...] estratagema”²³³. Michaelis traz para *feint*: 1. finta, *negaça*, simulação, tratando-se, portanto, de uma tradução adequada para a forma verbal, usada no TLP. Na versão russa, lê-se [...] *óba okrovávlenyie i v svissáiuschei klótchiami odiéjde. I oní naskákivali drug na drúga I otpryguivali v stóronu s ulýbkoi na gubákh i s nojóm v rukié*. Isto é, “[...] ambos ensangüentados, coma roupa pendendo em molambos. E eles se chocavam *um contra o outro*, e depois pulavam para os lados, com um sorriso nos lábios e uma faca na mão”.

A idéia de “negaça”, isto é, de “logro”, “ludibriação” foi omitida do texto russo. Em vez disto, lê-se: *naskákivali drug na drúga*, isto é, “se chocavam” ou “topavam” um contra o outro, aos pulos. Com o grande poder de prefixação no idioma russo, para transmitir as diversas nuances de movimento, tem-se *otprýguivali* que significa “pulavam para longe, distanciando-se”, sentido conferido pelo prefixo *ot-* que corresponderia à partícula *off*, em inglês. A versão russa deixou de fora o sintagma adverbial “numa dança ligeira”, expressão que concede uma boa representação aos movimentos realizados por ambas as partes, neste quadro tétrico.

Neste contexto, o termo “negacear”, inevitavelmente, nos leva a associações tais, como as que podem ser feitas entre os movimentos enganosos da “capoeira” e do próprio futebol o qual, por mais estranho que pareça, sofreu influência da capoeira, aqui no Brasil.

São os movimentos de quem “vai-mas-não-vai”, mostrando uma direção no movimento, quando a intenção é outra, iludindo, desta forma, o seu antagonista (o “drible”, no futebol). Todos conhecem estas táticas, usadas na negra luta que é, ao mesmo tempo, uma dança – a capoeira – hoje parte do folclore baiano. Poucas pessoas, no entanto, se dão conta

²³³ Cf. HOUAISS.

de que esta influenciou, também, o jogo do futebol brasileiro, que ao desenvolver novas táticas, acrescentou maior flexibilidade aos seus movimentos.

Tendo sido introduzido na sociedade brasileira, por pessoas da elite econômica – que trouxeram o jogo da Inglaterra, em inícios do século passado, o futebol, inicialmente, só estava ao alcance de pessoas de alto poder aquisitivo. Hoje, sabe-se que os representantes do próprio povo é que mais participam, tendo sido marcante a contribuição da capoeira, que, por sua vez, viveu por longo tempo na clandestinidade.

Assim, o termo “negacear” nos levou a associar a lembrança da capoeira, e do futebol, a estes movimentos enganosos, exibidos pelos dois rivais que – “numa dança ligeira” – tentavam driblar um ao outro, diante dos olhos do povo do arraial de Rala-Coco.

Neste íterim, o chefe dos bandoleiros pede que Nhô Augusto jogue fora a faca, *e se renda* (*Give up, old brothe !*), pois não havia mais balas, e ele não queria matá-lo. Como Nhô Augusto não está disposto a atender a sugestão do bandoleiro, que recorre à truculência e a ameaças: “–Mano velho! *Agora é que tu vai* dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo! [...]”. (em inglês: *Now you are going to tell me how many handspans high you are from heel to elbow!*) – Vê-se a forma popular “tu vai”, mas sem a assim-chamada “agramaticalidade”, na versão inglesa. Em russo, lê-se: – *Stariná! Tepiêr’ ty skájech, skol’ko v tebié fútov ot piátok do loktêi!*. Isto é, “Meu velho! Agora é que você vai me dizer quantos pés você tem – ou “há em você” – dos calcanhares até os cotovelos!”). O tratamento formal foi abandonado, tendo sido substituído pela segunda pessoa do singular: *ty*. Embora exista no idioma russo uma palavra para traduzir “palmo”, isto é, *piád’*, a tradutora russa preferiu usar *fútov*, genitivo plural de *fut* (do inglês *foot*), “pés”.

Mas o feitio se volta contra o feiticeiro, pois é Nhô Augusto que retalha Bem-Bem, não antes de sugerir que este se arrependa dos seus pecados. Assim, lê-se no TLP: “*Se arrepende* dos pecados, que senão vai ao inferno, *sem contrição*, e vai direitinho p’ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem! [...]”. Na versão de língua inglesa, lê-se: *Repent of your sins, for otherwise you will depart this life without contrition., and go straight to hell, my kinsman Mr. Joãozinhbo Bem-Bem [...]*!”. Observa-se que foi usado um cognato para traduzir “contrição”, tendo sido a frase do TLP, de certa forma, remanejada.

A respeito de “contrição”, pode-se dizer que se trata de um termo um tanto erudito, quase livresco, daqueles que não raro são usados por Guimarães Rosa, como exemplo da sua erudição, ou por não serem termos desgastados pelo uso comum. O termo, na verdade, significa “arrependimento”, e parece ser um reforço do que já foi dito, na oração inicial. Este reforço não consta na versão russa, onde se lê, simplesmente – tendo sido

abandonada a formalidade, através do uso do imperativo na 2ª.pessoa do singular – o seguinte: – **Pokáissia** v grekhákh, a nié to priámo v ád **ugodích**, mói soróditch seu Joãozinho Tak-Tak!. Isto é, “Arrepende-te dos pecados, senão vais te ver, direto, no inferno, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem!”. Assim, houve uma “simplificação” do que se tem no TLP.

No meio desta contenda, no entanto, e apesar de ter prometido retalhar o seu contendor, quem cai primeiro é o bandoleiro (com as palavras: “– Ui, estou morto”), sendo, assim, o primeiro a morrer. Desta forma, continua o narrador, tendo sido usada uma série de imagens e metáforas, deveras chocantes: “A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um *mundo de cobras sangrentas* saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo *os recheios* com as mãos”.

A descrição é terrificante, contribuindo, para tanto, o uso de surpreendentes metáforas, como foi dito acima. Também, salta aos olhos o uso do erudito (“púbis”) e do popular (“boca-do-estômago”), lado a lado. Em inglês, tem-se: *Nhô Augusto’s knife had slashed upward from the pubis to the **pit** of the stomach, and a **horde** of **bloody snakes** burst into the open air as Mr. Joaõzinho Bem-Bem fell to his knees, clasping **his bowels** in his hands.*

Houve emprego da hipérbole, mas com o uso da palavra *horde* – para “mundo” – enquanto a metáfora “recheios” foi substituída por termos com sentido denotativo *his bowels* (seus intestinos). A tradutora preferiu não usar os termos *stuffing* ou *filling* – que segundo Michaelis, seria a tradução para “recheio” – talvez, por estes termos serem usados, preferencialmente, no singular. Ademais, nem sempre é possível transmitir ao TLC, o mesmíssimo efeito que nos transmite a leitura do TLP. Como já foi dito anteriormente, o que se obtém, como produto, em uma tradução, é apenas um texto “semelhante”, ou “aproximado”. Na versão russa, tem-se: *Lezvió Nhô Augusto vsporólo iemú jyvót **do sámovo jelúdka**, i kútcha **krovávykh zmêi** vývalilas’ narúju, i seu Joãozinho Tak-Tak rúkhnul na koliêni poddiérjyvaia svoí **vnútrennosti** obiêimi rukámi.* Isto é: “A lâmina de Nhô Augusto rasgou seu ventre bem até o *estômago*, e um *monte* de cobras sangrentas caiu para fora, e seu Joãozinho Bem-Bem desabou, caindo de joelhos, segurando suas *vísceras* com ambas as mãos”.

Vê-se que “mundo” (na metáfora “um mundo de cobras sangrentas”) foi substituído por “monte”, desfazendo a mesma. Em “boca-do-estômago” (praticamente uma “catacrese”) houve supressão do primeiro termo, restando apenas a expressão *do sámovo jelúdka*, isto é, “bem até o estômago”.

No caso de “recheios”, onde, no TLP, também se usou a linguagem figurada, este termo foi substituído por “vísceras” – ou “entranhas” (em russo *vnútrennosti*) – desfazendo-se, também, a conotação. (A propósito, para “recheio”, existem, em russo, os termos: *natchínka*, para bolos, e *soderjýmoie*, isto é, “conteúdo” – de uma forma geral – ambos usados, preferencialmente, no singular). Assim a tradutora russa, com o abandono das metáforas, preferiu usar uma linguagem no sentido denotativo, o que alivio um pouco o tom, quase sarcástico, da tétrica descrição, encontrada no TLP.

Em ambas as versões – como se vê – conservou-se uma metáfora para “cobras sangrentas” – um ponto chave para descrever o verdadeiro horror desta cena.

Mas o fim não veio apenas para um dos contendores: Nhô Augusto, por sua vez, também se esvai em sangue. Mas, em lugar de aceitar a tentativa de amparo por parte do povo, solicita ajuda para o bandoleiro, não permitindo que o corpo de seu Joãozinho Bem-Bem seja profanado, quando este viesse a soltar o último suspiro. Assim, lemos no TLP:

Aí, o povo quis amparar Nhô Augusto, que punha sangue por todas as partes, até do nariz e da boca, e que devia de estar pesando demais, de tanto chumbo e bala. Mas tinha fogo nos olhos de gato-do-mato, e o busto, *especado*, não vergava para o chão.

O termo grifado, segundo o LGR, significa “parado, estacado, ereto como *espeque*. Para Houaiss, “especado” é forma nominal, derivada do verbo “especar” (“escorar, sustentar com espeque”) que, por sua vez, teria se original de “espeque”, um termo que teria vindo do holandês *handspeecke*, ou *handspaak* (bastão de mão), provavelmente, através do francês *anspect*.

Entre outras coisas, “espeque” é “o pedaço de madeira que sustenta o carro de boi em posição horizontal”²³⁴. Neste caso, pertenceria à linguagem de área rural. De qualquer forma, mais um exemplo de termos pouco comuns, pelos quais Guimarães Rosa teria especial simpatia. Na versão de língua inglesa, a tradução do termo pertence à linguagem “padrão”. Assim, tem-se:

Where upon the townspeople wanted to **succor** Nhô Augusto, who was gushing blood from all parts, even from his nose and mouth, and who must have been **weighed down** by all the lead and bullets in him. But his eyes had the fire of a wildcat, and his torso, **upright**, refused to bend toward the ground.

²³⁴ Cf. HOUAISS.

Vemos, também, a utilização de um termo quase erudito, a saber, *succor*, devido à gravidade da situação. Quanto a *weigh down*, segundo Michaelis, é um *two-word verb* que significa “curvar sob o peso, prostrar”. De forma que a tradutora conseguiu transmitir um tom trágico ao TLC. Na versão russa, lê-se: *Tut liúdi zakhotiéli pomótch’ Nhô Augusto, u kotórovo krov’ lilás’ otovsiúdu, dáje izo rtá i iz nóssa, i on, naviérnoe viêssil nemálo, stól’ko v nióm bylo dróbi i pul’*. *No glazá goriéli ognióm, kak u díkoi kóchki, i výpriamivcheessia telo nié gnúlos’ k zimelié*. Isto é,

Aqui, as pessoas quiseram ajudar a Nhô Augusto, que tinha sangue jorrando de todas as partes, até da boca e do nariz, e ele não devia pesar pouco, tanto chumbo e balas havia nele. Mas seus olhos ardiam como fogo, iguais aos de um gato selvagem, e o seu corpo, que ficara *ereto*, não se vergava em direção à terra.

Na verdade, *výpriamivcheessia* é forma nominal de *výpriamitsa*, que equivale a “endireitar-se, ficar *ereto*”, tendo assim a tradutora russa captado o tom, em linhas gerais.

No entanto, apesar de seu grave estado, Nhô Augusto pede que, em vez disto, o povo ajude a Joãozinho Bem-Bem, pois este iria morrer “mais primeiro”.

O que se nota, neste pedido por cuidados e atenção para com o seu rival, partindo de Nhô Augusto já moribundo, é a expressão do espírito cavalheiresco que os portugueses herdaram da sua cultura medieval – no sentido de preservar os bons modos, a elegância, até mesmo na hora de morrer e, principalmente, para com seus rivais, nas contendas medievais entre cavaleiros, verdadeiros “cavalheiros” (*knights*).

É, também, este o espírito cavalheiresco que se atribui ao *chevalier sans peur et sans reproche* da literatura medieval francesa e ao cavaleiro de *Amadis de Gaula*, da literatura galaico-portuguesa. Este mesmo cavalheirismo encontra-se presente em *Don Quixote de la Mancha*, de Cervantes, assim como na lenda do rei Artur, quando acontece o famoso duelo entre este rei e Lancelote.

Deste modo, há a admiração pelo contendor viril e corajoso – o que foi herdado pela cultura nordestina, tendo sido, inclusive, expresso em vários filmes sobre os bandoleiros desta região, nos anos de 1960-70. Assim, morrer nas mãos de forte, passa a ser uma grande “honra”, e não uma derrota, propriamente dita.

Assim, o que Nhô Augusto pede ao povo é o seguinte: “– Espera aí, minha gente, ajudem o meu parente ali, que (TLP, p.384) vai morrer *mais primeiro*. Depois, então, eu posso me deitar” (TLP, p.385). Isto prova o espírito cavalheiresco, que consiste no cuidado,

nas boas maneiras, para com o destemido rival, até no momento de morrer, de que se falou acima.

3.4.4.10 TLP, p.385; TLC-1, p.303; TLC-2, p. 252-253

Em ambas versões, a linguagem popular – ou assim-chamada “agramaticalidade” – que se vê em “mais primeiro” (se comparado à NURC) – não aparece. Assim, tem-se: *help my kinsman here, who is going to die first*; enquanto isso, na versão russa, lê-se: *pomoguíte priéjde moemú soródichu, on rán’che umriót*. Isto é, “ajudem, antes, a meu parente, ele irá morrer mais cedo. Esta frase, em russo, enfatizando a idéia de “antes” – com *priéjde* (“antes”) e *ran’che* (“mais cedo”) – parece até mais incisiva que no TLP.

Ao ouvir estas palavras, Joãozinho Bem-Bem agradece, conservando o tratamento de “mano velho”, até o instante final, e pede para que morram “como amigos”. Eis mais um exemplo de cavalheirismo e de cordialidade, resquícios da cultura medieval que se mencionou anteriormente. Desta vez, o pedido foi por parte de seu Joãozinho Bem-Bem, pois confessa que morre feliz por morrer pela mão de um homem corajoso. Assim, tem-se: “– Estou *no quase*, mano velho. Morro, mas morro na faca do homem *mais maneiro de junta e de mais coragem* que eu já conheci!” – o que comprova o dito acima. Na versão de língua inglesa, tem-se: *I am alomsot gone, old brother. I am dying, but I am dying at the knife of the most jaguarlike and bravest man I have ever known.*

Joãozinho Bem-Bem não tinha se enganado quanto às *qualidades* de Nhô Augusto, muito apreciadas no sertão: a destreza e habilidade no manejo das armas, ligadas à coragem de lutar, com verdadeiro destemor diante da morte. Nos filmes de Glauber Rocha sobre o cangaço, por exemplo, foi explorada esta estética de coragem, na morte, com as qualidades já mencionadas. Embora tenham matado um ao outro, resta a admiração entre seu Joãozinho Bem-Bem e Nhô Augusto devido à coragem em lutar para morrer, como cabia a um homem do sertão, “de verdade”. E isto é expresso pelas palavras de seu Joãozinho Bem-Bem, que não quer morrer sem poder “reconhecer” as qualidades do seu rival, como se lê: “Eu sempre lhe disse que era *bom mesmo*, mano velho (*I always told you that you were first rate, old brother*). É só assim que gente como eu tem *licença* de morrer (*And this is the only way people like me deserve to die*). Quero acabar sendo amigos. (*I want to go with the two of us friends*) – nesta última frase, a tradutora americana conseguiu ser mais explícita – acrescentando algo que está implícito – enquanto o TLP foi mais “conciso”.

Como se lê na versão de língua inglesa, citada acima, *first rate* se refere à categoria (“primeira classe”, ou “primeira categoria”) no que diz respeito à habilidade de lutar, já que seu Joãozinho Bem-Bem tinha tentado angariar Nhô Augusto a participar do seu bando por mais de uma vez, por ter reconhecido nele, justamente, um bom conhecedor desta arte. Na versão russa, no entanto, a interpretação mostra que a tradutora Ye. Koss deve não ter captado esta idéia. Assim, lê-se: *Iá kontcháius’, stariná.umiráiu, no umiráiu ot rukí khrabretsá i iskúsnika, kakómu nié znal iá rávnykh.Iá vsegdá govoríl, chto ty khoróchy tcheloviék, stariná [...] Khotchú otoítí v drújbe s vámi.* Isto é, “Estou morrendo, meu velho.morro, mas morro pela mão de um *bravo* e *um mestre* ao qual não conheci igual. Eu sempre lhe disse que você era *boa pessoa*, meu velho [...]. Quero ir embora, sendo seu amigo” – literalmente “*vosso amigo*”, ou “*amigo do senhor*”.

Vê-se que uma tradução, às vezes, pode ser mais concisa que o TLP, outras vezes, ao contrário, mais extensa. Por exemplo, a expressão “o mais maneiro de junta”, em russo equivaleu apenas a uma única palavra *iskúsnik*, segundo Vóinova, “mestre” ou “artista”.

No que se refere ao sintagma nominal, na expressão *khoróchy tcheloviék* (na opinião da autora deste trabalho), houve uma falha no entendimento do TLP por parte da tradutora russa – uma falha que não foi cometida pela tradutora americana, como se viu acima – pois *khoróchy tcheloviék* diz respeito à *bondade, honestidade, ou integridade* do indivíduo.

Enquanto isso, Guimarães Rosa, com a frase “Eu sempre lhe disse que era *bom mesmo*, mano velho” – tudo indica – se referiu à habilidade que, neste caso, diz respeito ao *manejo das armas*, já que Nhô Augusto conseguira dar fim em Joãozinho Bem-Bem, atingindo-o, mortalmente.

Isto mostra que a tradutora russa não devia ter muita informação sobre o “espírito cavalheiresco” mencionado acima, e conclui que se seu Joãozinho queria morrer, sendo “amigo” de Nhô Augusto, era por considerá-lo um “homem bom”, isto é, “íntegro, bondoso”, etc. – uma “boa pessoa”, enfim, – e não por Nhô Augusto ser “bom nas armas”.

A interpretação dada pela tradutora russa a esta passagem, mostra, mais uma vez, o que vários teóricos de tradução – tais como Georges Mounin, Snell, Hornby, entre outros – já tinham afirmado: para o tradutor, não basta ser “bilíngüe”, é preciso, ao mesmo tempo, ser “bi-cultural”. Talvez a tradutora Ye. Koss não tenha tido notícias dos filmes de Glauber Rocha, nem deste espírito cavalheiresco, medieval, herdado pela cultura nordestina.

É preciso dizer que no período soviético o “herói” que se destacava na literatura, ou nas outras formas de arte, era ou o *operário* ou *trabalhador rural* que cumprisse as metas,

estabelecidas pelos quinquênios, ou o soldado que protegia a Pátria – a qual era sempre identificada com o poderoso “Estado” socialista – defendendo-a contra o inimigo (todo aquele país que não era socialista, passava a ser “um inimigo”, em potencial). Assim, a braveza, a habilidade com as armas, por si só, não poderiam ser cultuadas, pois estas qualidades eram pertinentes ao “indivíduo”, e o individualismo, durante o período soviético, cedera lugar para o “espírito coletivo”. Assim sendo, a arte tinha que se ocupar em elogiar o sistema vigente, estimulando o povo a seguir o “caminho do socialismo”. “Arte pela arte” era considerado “decadentismo”, portanto, no período soviético, não se admitia outro tipo de arte que não fosse a “arte engajada”.

Em termos de História da Rússia, anterior ao período soviético, pode-se mencionar as *bylinas* – espécie de “sagas”, em verso – poemas do gênero épico, onde foi retratada – entre os séculos X e XIV – a figura do *bogotýr*, um super-homem, semideus, tais como *Iliá Múromets*, *Dobrýnia Nikítitch*, *Aliócha Popóvitch*, *Sadko*, entre outros – seres que tinham grande força física, sendo, praticamente, imbatíveis e, por isso, às vezes, até “imortais”.

Esses *bogatyri* viviam lutando a favor do Bem, estando a serviço dos “príncipes” ou “arquiduques” (isto é, *kniaziá*), ajudando-os, contra os ataques por parte dos guerreiros nômades orientais no período histórico situado entre os séculos X e XIV.

Na verdade, estes diversos povos orientais – que traziam os nomes tais como *pólovtsy*, *khozáry* – ou outros povos do grupo turco, como os tártaros, estavam em toda a parte, alguns vinham da Ásia Central, tangidos por Gengis-Khan, outros do Sul, das regiões do Mar Negro, disputando, com as diversas tribos eslavas e russas, o território onde estavam sediados tais principados, como a “Rússia de Kiev”, a “Rússia de Nóvgorod”, dentre outros principados, que também guerreavam, constantemente, entre si.

Estes heróis eslavos e russos assumiam um caráter de verdadeiros semideuses, vestindo-se, de fato, como cavaleiros *medievais*, e viviam combatendo várias entidades maléficas, como Serpentes Aladas, que simbolizavam o Mal, assim como vários chefes Turcos. Também ajudam e socorriam representantes, provenientes das massas populares, como verdadeiros “justiceiros”. A historiografia soviética, no entanto, costumava dar mais ênfase a tudo que surgira após a Revolução de Outubro, pois, a partir daí, teria surgido “outro Estado”, quase um “outro país”, sem muita ligação com o seu passado “não-socialista”.

Tudo indica que a tradutora russa A. Koss, vivendo em um país onde os *meios de comunicação* eram, totalmente, controlados pelo Estado, não tenha tido oportunidade de conhecer os filmes de Glauber Rocha e, por isso, não podia ter noção desta herança medieval

de cavalheirismo, ainda presente no Nordeste brasileiro, na época retratada por Guimarães Rosa. Afinal, aspectos “culturais” são ligados à ideologia.

Assim, Nhô Augusto, que se preocupou pela salvação da sua própria alma, todos estes anos, agora pede que Joãozinho Bem-Bem, também, se arrependa, pois acredita que o arrependimento pode – conforme ensinamentos da Igreja Católica – levar à salvação da alma após a morte, mesmo se tratando de um grande pecador. No entanto, o tempo é curto e Joãozinho Bem-Bem morre antes que o leitor saiba se ele estava disposto a aceitar a sugestão de Nhô Augusto. A descrição destas cenas finais está repleta de grande dramaticidade. Assim, lê-se: “Mas, seu Joãozinho Bem-Bem, quando respirava, as rodilhas dos intestinos subiam e desciam. Pegou a gemer. Estava no *estorcer* do fim. E, como teimava em conversar, apressou ainda mais a despedida. E foi mesmo”. Em inglês, tem-se: *But with each breath the coils of Mr. Joãozinho Bem-Bem’s entrails rose and fell. He began to moan. He was writhing in the death agony. And as he was determined to go on talking, this hastened even more the leave-taking. And it came.* No TLP, tem-se linguagem coloquial, quase um idiomatismo, como “Pegou a gemer”, que em inglês foi traduzido pelo inglês padrão: *He began to moan*). A palavra *entrails* não é apenas “intestinos”, mas também “vísceras” e “entranhas”²³⁵, portanto foi usado um hiperônimo.

Quanto a “no estorcer do fim”, temos em “estorcer” um substantivo, aliás, um verbo que foi substantivado, o qual, segundo Houaiss, significa “1. imprimir movimentos fortes de torção a”; “2. contorcer-se de dor, de desespero, de aflição”; “3. ter convulsões”. A tradutora inglesa transpôs o sentido de “estorcer *do fim*” para *writhing in the death agony*, onde *writhing* é o gerúndio de *writh* que equivale, segundo Michaelis, a “estorcer-se, debater-se”, enquanto isto, a palavra “fim”, empregada no TLP com o sentido “conotativo”, assumiu um sentido denotativo em *death agony* – o que foi, de fato, uma ótima solução.

Quando a tradutora escreveu *and it came*, refere-se ao *leave-taking* (despedida). No entanto, no TLP, no período simples “E foi mesmo” – o sujeito gramatical, oculto, é “seu Joãozinho Bem-Bem” – que se findara, antecipadamente, pois “teimava em conversar”. São os pequenos artifícios de que, muitas vezes, é obrigado a lançar mão, um tradutor.

Na versão russa, tem-se: *Tiélo diórgalos’ v predsmiérnykh kórtchak. Svoím upórnym elániem eschió chtó-to skazát, on uskóril koniéts. I otohól.* Isto é, “O corpo se contorcia em *convulsões que antecedem a morte* (literalmente “de pré-morte”). Com seu desejo persistente de ainda dizer alguma coisa, ele apressou o seu fim. *E partiu*”.

²³⁵ Cf. MICHAELIS.

Otochól (que, na verdade, significa “distanciou-se”) está, assim, no sentido conotativo, na verdade um “eufemismo”, em lugar de “morreu”, de maneira semelhante ao TLP, onde “foi” (em “foi mesmo”), também, está empregado desta forma.

A descrição da morte de seu Joãozinho Bem-Bem chega a ser tão realista, como se o autor, homem do sertão que era, tenha ouvido relatos de alguma testemunha visual de morte violenta, como a descrita acima, ou quiçá, presenciado algo assim. Na verdade, pode-se dizer, também, que a ficção se nutre de diversas fontes, principalmente da própria ficção (livros, filmes, etc.) de que Guimarães Rosa pode ter tomado conhecimento.

Este sentimento de cordialidade, presente entre os dois rivais, não é, no entanto, compartilhado pela massa que assistira a tudo. Assim, tendo percebido que seu Joãozinho Bem-Bem tinha partido, um popular qualquer grita: “Eh, seu Joãozinho Bem-Bem, já *bateu com o rabo na cerca!* Não tem mais”. Há aí uma expressão popular para indicar que alguém morreu – não exatamente um “eufemismo”, pois é um tanto grotesca, ou até, irônica. Na versão inglesa, usou a expressão que é muito comumente usada, nestas ocasiões. Assim tem-se: *Hey, Mr. Joãozinho Bem-Bem has kicked the bucket. He’s finished!*. Na versão russa, também se usou um idiomatismo, a saber: *Któ-to zaorál: Agá, seu Joãozinho Tak-Tak ujé otkínul koipyta! richól emú kaiúk!* – Em retroversão, tem-se: “Pois então, seu Joãozinho Bem-Bem já *emborcou os cascos!* Chegou o fim dele!” – literalmente “par a ele – o fim!”. Na verdade, além da expressão idiomática *otkínul koipyta* (“emborcou os cascos”) – há a gíria *kaiúk*, usada na função sintática de predicado, seguida de dativo²³⁶.

Na verdade, eufemismos (como, “entregou a alma a Deus”, “passou dessa para uma melhor”) ou expressões grotescas, quase cômicas (“abotoou o paletó”, “vestiu paletó de madeira”) para indicar que alguém morreu, ou se findou, ou faleceu, existem em todas as línguas e todas as culturas, diferindo umas das outras, o que mostra a criatividade popular. Na verdade, é próprio do ser humano: o que é tristeza para uns, é motivo de zombaria ou ironia, para outros. De certa forma, a tendência popular é tratar o assunto “morte” com humor, para não se ficar triste “antes da hora” (isto é, “antes da hora fatal”). Ou, valeria, talvez, mencionar aquele ditado brasileiro que diz, acertadamente: “pimenta nos olhos dos outros é refresco!”.

Tendo partido o seu rival e “parente”, Nhô Augusto, naquele momento, “se bambeou nas pernas, e deixou que o carregassem”, mas adverte que não queria morrer “dentro de casa”, e sim, “olhando o céu, e no claro” e continuava crente em Deus, pois pede

²³⁶ Cf. VOINOVA.

que se chame um padre, mesmo que este chegue tarde demais. Assim, lê-se: “P’ra dentro de casa, não, minha gente. Quero me acabar *no solto*, olhando o céu, e *no claro*...Quero é que um de vocês chame um padre... Pede para ele vir me abençoando *pelo caminho*, que senão é capaz de não me achar mais...”. Na versão de língua inglesa tem-se: *But not in the house, folks. I want to die in then open, looking at the sky, in the light of day. What I wish one of you would do is call a priest. Ask him to come and to bless me on the way, in case he does not find me here when he arrives...*. Nhô Augusto, convencido de que tinha cumprido sua missão, e certo de que o que o esperava do outro lado da vida não era nada menos que o “Reino dos Céus”, encara a proximidade da morte, “na esportiva” e – como já podia se esperar – “riu”.

Quanto à tradução russa do trecho citado acima, parece que houve uma falha de compreensão por parte da tradutora no último período, pois o que se lê é o seguinte: *Tól’ko nié v dom, liúdi. Khotchú umeriêt’ na svetú i na vól’nom vózdukhe, gliadiá na niébo... Khotchú chtóby kto-nibúd’ iz vás pozvál sviaschiênnika... Poprossíte, pust’ blagoslovít meniá v put’, a to ieschió zablujús’*. Em retroversão, temos: “Só não em casa, pessoal. Quero morrer à luz do dia, ao ar livre, olhando para o céu... Quero que alguém de vocês chame o padre... Peçam que ele me abençoe *para esta viagem* senão *posso até me perder no caminho*”.

Este último período, da versão russa, não faz muito sentido, pois certo como estava Nhô Augusto, de que “ao céu” chegaria, nem que fosse de “porrete” – como poderia “perder o caminho” – como se lê nessa versão? – A sua entrada no céu era uma coisa *mais do que certa* para Nhô Augusto e – algo em que ele nunca deixou de acreditar.

Assim, pode-se dizer que, neste último período, o sentido não fora, devidamente, captado pela tradutora russa. Para corresponder ao TLP, a tradutora russa deveria, em vez disto, ter escrito, na verdade, o seguinte: *pust’ on blagoslovliáiet meniá v putí, a to mójet meniá nié naidiót v jvyýkh*. Isto é, “que venha me abençoando no caminho, senão poderá não me achar entre os vivos”.

Mudando a regência da preposição *v* que, com o caso acusativo (*v put’*) – como escreveu A.Koss – designa *início de movimento*, para o caso prepositivo (*v putí*) – estaria designando repouso (isto é, o *padre* já estava em movimento e deveria abençoar a Nhô Augusto durante a viagem *daquela*, sob o risco de não encontrá-lo com vida).

Por outro lado, o emprego do aspecto perfectivo – como está no TLC (*blagoslovít*) – designa-se a execução de uma *única ação*, além de estar no tempo futuro, e não aquilo que se tem no TLP, que é uma ação repetida (“venha me abençoando”). Assim, o

aspecto imperfectivo (*blagoslovlíaiet*), além de estar no tempo presente, é que iria designar uma ação que se repete (“que ele fique – ou “venha” – me abençoando”).

Houve, portanto, uma falha de compreensão, como já foi dito acima. Com isto – conclui o narrador – Nhô Augusto “riu”. Em russo, neste caso, tem-se: *rassmeiálsa* – o que significa “deu uma risada”, intensificando o ato de rir.

Se Nhô Augusto, de um lado, é homenageado (“foi Deus que mandou esse *homem no jumento*, por *mór* de salvar as famílias da gente!”), o tratamento que o povo quer dar ao cadáver de Joãozinho Bem-Bem é outro.

A expressão “por *mór* de” – no trecho citado acima – é uma expressão popular que também se apresenta como “*por mode de*”, e equivale a “a fim de; por causa de”, sendo uma corruptela de “por amor de”²³⁷.

Em inglês, esta expressão poderia ser traduzida por *for the sake of*, caso a tradutora quisesse ser “mais literal”, mas a tradutora usou o usual “to” em: *It was God who sent this Man-on-the Ass, to save our families*. Na versão russa, também, não há expressão de linguagem popular, apenas o padrão usual: *Sam gospód’ poslál tovo tcheloviéka na oslié chtóby spás on nas i náchykh detêi!*. Em retroversão: “Foi o próprio Senhor que mandou esse homem no jumento, para que ele salvasse a nós e a nossos filhos!”. Desta forma, a linguagem popular – como de praxe – não vem refletida em ambas as versões. Diferente das expressões idiomáticas que, muitas vezes, são traduzidas por outras expressões idiomáticas das línguas em pauta.

De resto, todos que ali estavam pareciam contentes pela morte do bandoleiro, que vivia atemorizando aqueles pacíficos habitantes do sertão. Além de um grito, celebrando o seu fim, ouve-se “todos cantando uma cantiga que *qualquer-um* estava inventando na horinha” (*on the spur of the moment*) como que improvisada, naquele exato momento, por algum repentista anônimo. Continua o narrador: “E a turba começou a querer *desfeitear* o cadáver de seu Joãozinho Bem-Bem” (*And the crowd began to insult Mr. Joãozinho Bem-Bem’s corpse*), no que são energeticamente reprimidos por Nhô Augusto. É a seguinte, a cantiga, com a versão em língua inglesa:

Não me mata, não me mata,
seu Joãozinho Bem-Bem
Você não serve mais pra nada,
Seu Joãozinho Bem-Bem!

*Don’t kill me, don’t kill me,
Mr. Joãozinho Bem-Bem!
You’re no longer good for naught,
Mr. Joãozinho Bem-Bem!*

²³⁷ Cf. LGR e HOUAISS.

Na versão russa, tem-se uma rima alternada: (leia-se, em seguida, a retroversão):

Ty meniá nié ubióch, ty meniá nié **ubióch**,
 Seu Joãozinho Tak-Tak!
 Ty sam ugodíl sevódnia pod nój [**nóch**],
 Seu Joãozinho Tak-Tak!

Você não vai me matar, você não vai me matar,
 Seu Joãozinho Bem-Bem!
 Você mesmo chegou a cair na faca hoje,
 Seu Joãozinho Bem-Bem!

É preciso observar que, no idioma russo, acontece o fenômeno de “ensurdecimento” das consoantes sonoras, tanto na posição de final de palavra, como em final de sílaba, quando a sílaba seguinte se iniciar com uma consoante surda. Estas sonoras, portanto, transformam-se em suas correspondentes surdas, como aconteceu com a palavra *nój* (faca), que se pronuncia, na verdade, como *nóch*. Desta forma, aconteceu a rima alternada entre *ubióch* (isto é, “matarás”) e *nój* (“faca”), na verdade, pronunciada como *nóch*.

Na versão russa, *desfeitear o cadáver*” está traduzido por *raznestí v klótchia trup*, que significa “*despedaçar o cadáver*” ou “*rasgar em pedaços*” intensificando o quadro.

3.4.4.11 TLP, p.386; TLC-1, p.302-303; TLC-2, p. 253-254

Ao ouvir isto, Nhô Augusto fala “enérgico” (*sternly*):

– Pára com essa matinada, cambada de gente herege (Stop that **ruckus**, you gang of heretics!). E depois enterrem bem direitinho o corpo (And see that you bury the body **as it deserves**) com muito respeito (with great respect) e em chão sagrado (and in **consecrated** ground), que esse aí é o meu parente (my kinsman) seu Joãozinho Bem-Bem!.

Segundo o LGR, “matinada” equivale a “algazarra, gritaria, ruído forte” e seria proveniente do verbo “matinar” que – segundo o LGR – é um “vocábulo mais expressivo, por ser menos usual que *madrugar*”.

O termo “matinada” teria sido empregado pelo personagem Nhô Augusto no sentido conotativo, pois o sentido “religioso” da palavra é “canto das matinas” – uma das acepções apresentadas por Houaiss. Entre as outras acepções, estão: “madrugada, alvorada”, “ato de matinar”, além de “o canto das matinas” e “*ruído forte, estrondo*” – sendo este último, talvez, o mais apropriado para o contexto.

Na *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, encontra-se: “*matinas* s.f. pl. (“Do prov.ant. *matinas*, de horas *matutinas*). Na liturgia católica, primeira parte do ofício religioso, rezada antes do amanhecer”. Depois de 1971 – portanto, depois da publicação de *Sagarana* – esse ofício teria passado a chamar-se “ofício das leituras”, podendo “ser rezado em qualquer hora do dia”.

Com este sentido de “canto” e graças à semelhança entre os dois significantes (português “*matinada*”/italiano: “*mattinata*”) pode-se citar a peça musical *Mattinata* do compositor italiano R. Leoncavallo, onde o poeta faz um apelo à amada – já que a Aurora, toda vestida de branco abriu a porta ao sol – que ela, também o faça, concluindo: *Ove non sei la luce manca, Ove tu sei nasce l’amor* (isto é, “Onde não estás falta a luz, Onde tu estás nasce o amor”) – o que nos faz pensar em uma “serenada matinal”.

Quanto a *ruckus*, na tradução inglesa, pode-se dizer que se trata, segundo Michaelis, de uma “gíria norte-americana” que significa: “distúrbio, tumulto” e, também, “briga, escândalo”, não tendo nenhuma ligação com a idéia da “manhã”, como é o caso de *matinada*”, embora empregada no sentido conotativo.

Voltando à narrativa, podemos observar que o tratamento que Nhô Augusto dispensa a seu “parente” Joãozinho Bem-Bem, já morto, lembra, novamente, a tão propalada “cordialidade” que é expressa até o último momento, assim como o espírito cavalheiresco, uma herança medieval. Na versão russa, tem-se: *Prekratíte èto vytió, svóra niékhristei! I pokhoroníte tiélo, kak polójeno, s velíkim potchiótom i v osviaschiónoi zemlié, potomú chto èto tiélo róditcha moievó seu Joãozinho Tak-Tak!*. Em retroversão, temos: “Parem com este uivo, cambada de anticristos!. E enterrem o corpo, como é devido, com grande respeito e em terra benta (sagrada), pois este é o corpo do meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!”.

O termo *vytió* é um substantivo comum que significa “uivo”, com alusão ao barulho (uma espécie de lamento ou choro), produzido pela multidão – não tendo nenhuma referência temporal (a parte do dia) ou religiosa.

Enquanto isto, o “velho choroso” (*the tearful old man*) a quem Nhô Augusto tinha salvado a vida, conclamava que estes viessem “para agradecerem a ele, para beijarem os pé dele!”, chamando Nhô Augusto de “santo” e maldizendo a quem tivesse inventado “arma de fogo”. Assim, lê-se: “Traz meus filhos, para *gradecerem* a ele, para beijarem os pés dele!. Não deixem este santo morrer assim ... P’ra que foi que foram inventar arma de fogo, meu Deus?!”

Sobre esta passagem, pode-se dizer que, embora Guimarães Rosa seja um grande inovador do *léxico*, no que se refere à *morfossintaxe*, pode-se dizer que este escritor prefere

usar o padrão urbano culto. Isto pode ser notado nas concordâncias verbais e nominais, perfeitas, em todos os tempos verbais, na fala do velho “choroso”, como se lê acima: “para *agradecerem*” (infinito pessoal), “para beijarem” (idem), “não *deixem*” (imperativo negativo), “p’ra que foi que *foram*” (pretérito perfeito simples) – formas estas que dificilmente seriam usadas por um “popular”, habitante do interior, em cuja fala o “sujeito da oração” – na forma de nome ou pronome, ou apenas o artigo que o precede – teria a marca do plural, mas à forma verbal (ao “predicado”, por assim dizer), geralmente, falta esta marca.

Isto, talvez, se deva à influência dos sub-estratos representadas pelos idiomas falados, quer pelos vários povos indígenas, como pelas diversas etnias de escravos africanos, pra cá trazidos, que tiveram a língua portuguesa imposta pelos colonizadores. Possivelmente, estes povos não tinham esta abundante flexão na conjugação verbal, como o português a tem, ocorrendo, daí, uma simplificação das suas formas. Assim, por exemplo, na linguagem popular, pode-se observar que existem, praticamente, só duas formas em cada tempo verbal: uma para a primeira pessoa do singular, e outra, para as demais pessoas (que seguiriam o paradigma da 3ª. pessoa do singular da Gramática Normativa). Assim, te-ser-ia, por exemplo: “eu vou” e para as pessoas, a mesma forma “vai” (tu, você, a gente, nós e eles “vai”).

Um exemplo vivo de simplificação é o próprio idioma inglês padrão atual, onde a flexão verbal é mínima. Como exemplo pode-se citar o *Simple Present* – em que há uma forma para a 3ª. pessoa do singular, e uma outra para as demais pessoas, sendo que, em alguns tempos verbais, há uma forma *única* para todas as pessoas (como no *Simple Past*).

No *Black English* – como atestam as *lyrics* da *Pop Music* – frequentemente acontecem maiores simplificações no que diz respeito à 3ª. pessoa do singular do *Simple Present*, do tipo *he don’t like*, entre outras. É óbvio que isto é um assunto que cabe à “Gramática Histórica” se ocupar, pois a língua é como um organismo vivo, em constante evolução. E, no que diz respeito ao próprio idioma inglês, nos tempos de Shakespeare, havia para a 2ª pessoa gramatical duas formas distintas: uma para o singular, e outra para o plural, com os respectivos pronomes – que, posteriormente, foram unificadas para uma só forma.

É verdade que a “variante popular”, na maioria das vezes, se apresenta mesclada com a NURC em diversos graus. Por exemplo, muitos falantes não diriam, de modo algum, “nós vai”, mas em uma oração subordinada relativa, não fariam a concordância verbal com o antecedente, ou deixariam de fazer a concordância nominal para todos os membros da oração. Por exemplo: “os menino(s) que *foi* reprovado(s)”. Mas, apenas estudando a conjugação dos verbos, nos idiomas indígenas e das etnias africanas, que para cá vieram, é

que se poderia chegar a explicar melhor este fenômeno da concordância (assim como outros fenômenos) nas variantes populares e regionais da língua portuguesa.

Pode-se, no entanto, observar que este fenômeno – de plural “não-marcado” – pode ser observado até mesmo na fala de boa parte dos habitantes urbanos, de bom nível de escolaridade (de nível universitário, inclusive), pois, de forma mecânica ou inconsciente, costumam reproduzir o “paradigma” da fala coloquial e popular, aprendida desde a infância no círculo familiar. É interessante notar-se que quando é feita uma observação referente a isto a algum destes falantes, é comum ouvir-se o seguinte: “– eu falo assim, mas escrevo ‘certo’ (isto é, de acordo com a norma culta)”.

Retornando à narrativa, podemos dizer que, ao contrário do velho “choroso”, Nhô Augusto apresentava um “rosto radiante”: tinha cumprido sua missão. A sua “hora e vez” tinha se concretizado e, desta forma, iria direto ao céu, pois tinha ganho a sua tão esperada “salvação”. Nhô Augusto decide revelar a sua verdadeira identidade, diante da multidão: “– Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Esteves, das Pindaibas!” – no que é reconhecido por João Lomba, “conhecido velho e meio parente” (*a well-known old man and a distant relative*), que exclama: “– *Virgem Santa!* E logo vi que só podia ser você, meu primo Nhô Augusto” (*Blessed Virgin! I saw right away that it could only be you, my cousin Nhô Augusto*).

A propósito de “Lomba”, este nome deve ter sido incorporado, na qualidade de apelido dado ao personagem, por alguma característica sua, pessoal, pois Houaiss apresenta “lomba” não só como “dorso ou crista arredondada de colina”, como um “brasileirismo regionalista”, que designa “pouca disposição para o trabalho; *preguiça*; lombeira”.

Nhô Augusto só teve tempo para reconhecer o velho e mandar, através dele – falando em um tom já “sussurrado, sumido” (*in a whisper that was fading away*), com os olhos “um pouco fechados” – uma “benção” para sua filha e perdoar Dionóra, a sua esposa de outrora. Tinha um “sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, (*with a full smile on his blood-stained lips*) e de seu rosto subia um sagaz contentamento (*and from his face radiated a wise happiness*)”. Assim, lê-se: “– Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja (*Bless my daughter wherever she might be*).E, Dionóra Fala com a Dionóra que está tudo *em ordem!* (*Tell Dionóra that all is as it should be*)”.

“Depois morreu!” (*And then he died*) – conclui o narrador. Não resta dúvida que Nhô Augusto tinha alcançado o seu objetivo e morrera com dignidade.

Finalmente, para concluir este Capítulo 3, resta fazer algumas observações sobre a maneira como os trechos, citados acima, se apresentam na versão russa. Assim “velho

choroso” (*plátchuschiy starík*) exclamava (*vosklitsál*): – *Privedíte moíkh detiêi, pust’ blogodariát ievó, pust’ nógui emú tselúiut! Sviatói on, nie dáite emú tak umeriêt’ i zatchiém tol’ko izobrelí ognestriêlnoie orújyie, góspodi bóje?!.* Em retroversão: “Tragam meus filhos, deixem que eles lhe agradeçam, deixem que beijem seus pés!... Ele é um santo, não permitam que ele morra deste jeito, por que é que inventaram armas de fogo, ó *senhor deus?!.*” Enquanto no TLP temos “traz” – uma forma na 2ª. pessoa do singular do imperativo, em russo temos *privedíte* que é a 2ª. pessoa do plural (com *vy*, equivalente a “vós”) com referência a mais de uma pessoa – o “velho” estaria fazendo o pedido a alguns presentes – ou, simplesmente, um tratamento mais formal, dirigido a uma única pessoa. Impossível saber, no caso, mas o tratamento entre os interlocutores no texto russo é – em toda a obra – sempre mais formal que o TLC, como já foi observado em outras oportunidades. Adiante, continua o narrador: *No litsó Nhô Augusto prosvetliélo, i on progovoríl.* Isto é, “Mas o rosto de Nhô Augusto desanuviou-se (ou “ficou radiante”) e ele proferiu”). De acordo com a situação de pré-morte de Nhô Augusto, a tradutora russa fez uma boa escolha, pois o termo escolhido *progovoríl* (em vez do habitualmente usado *skazál*, que significa “disse”, mas de modo mais assertivo) tem uma conotação de “falar de modo pouco perceptível”, ou “apressadamente” – o que acontece, quando Nhô Augusto pergunta – naquele duro momento – se alguém já ouvira falar do seu nome. Nisto, ele é reconhecido por João Lomba, “conhecido velho e meio parente”, e exclama: *Presviátia diéva! Iá srázu pónial, chto tólko vy i mogli èto byt’, kuzén mói Nhô Augusto.* Em retroversão: “Virgem *Santíssima!* Eu entendi logo que esta pessoa só podia ser o senhor, meu primo Nhô Augusto.”

Aqui, para designar “primo” – como no TLP – foi usada uma palavra bastante formal – ou “sofisticada” – de *kuzén* (tirado do francês *cousin*), quando habitualmente se fala *dvoiúrodný brat*, isto é “irmão de duas gerações” (ou, simplesmente *brat*, “irmão”). Assim sendo, quando o modificador *doiúrodnuyi* é removido, não se sabe tratar-se, para *brat*, de “irmão” ou de “primo”. O mesmo procedimento se usa para designar “prima”: *dvoiúrodnaya sestrá*, ou, simplesmente *sestrá* (sendo a forma mais formal: *kuzina*, uma adaptação do francês *cousine*).

Sabe-se que em outras culturas, como entre alguns semitas, palestinos ou aramaicos, o termo que designava “irmão” é o mesmo que se empregava para designar “primo”. Assim, aqueles teólogos que chegaram a contestar os Evangelhos apócrifos – onde se mencionou que Jesus Cristo teria tido alguns “irmãos” e “irmãs” – valeram-se desta identificação entre aqueles dois parentescos.

Neste particular, pode-se dizer que a denominação de parentesco em russo, assim como em outras línguas eslavas, muitas vezes não coincide com a terminologia usada na língua portuguesa. Assim, pode-se observar que em português não se observa muito a hierarquia das gerações.

Assim, o *filho* de um “primo irmão” (também chamado de “primo carnal”) é igualmente, “primo” para os brasileiros. Em russo, no entanto, o “primo” da geração anterior é o *tio* – na verdade, “*tio* de duas gerações”, ou “*tio*-segundo” – isto é, *dvoíúrodnyi diádía*, enquanto o “primo segundo” dos brasileiros, por estar a uma geração avante – torna-se, em russo, o *dvoíúrodny plemiánnik* (“sobrinho segundo” ou “de duas gerações”).

No caso da narrativa, este “meio parente” do TLP deve ser uma espécie de “primo”, sem ter o narrador especificado qual a geração mais antiga – ou até um “contraparente”, tendo sido traduzido em russo por *dál’nii róditch*, isto é, “parente distante”. Assim, quando Nhô Augusto o avistou, riu (*zasmieiálsa*): “– E hein, hein, João” – usando interjeições que parecem animar ao João Lomba, “o parente distante”, que responde: “–P’ra ver!” – como quem diz “Quem diria, né?”, e que a versão inglesa transmite muito bem com as palavras *Who would believe*.

No entanto, na versão russa, foram usadas “duas palavrinhas” que, colocadas juntas, podem expressar um grande “descaso”: – *Da, uj!* – o que, na fala dos russos, muitas vezes, podem vir acompanhadas de um clássico gesto de mão, denotando “pouco caso”, ou, de um leve erguer de ombros.

A tradução “literal” das duas palavras seria: *Da* – equivalente a “sim”, em português – e *uj*, uma redução de *ujé* que, normalmente, significa “já”. Uma tradução aproximada da expressão acima poderia ser: “– Pois é!” (deixando, subentendida a seguinte idéia: “– Grande coisa!” ou “O que o surpreende tanto?” ou “– Imagina!”, também: “– Não tem importância !”, “– Que diferença faz?”, entre outras coisas).

Porém, antes de ser proferida, por parte de Nhô Augusto a sua mensagem final – endereçada a sua filha e ex-companheira Dionóra, que Lomba fica incumbido de lhes transmitir – o narrador descreve a estado penoso em que se encontra o protagonista, a saber: “Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sagaz contentamento”. Na versão russa, tem-se: *Togdá Augusto Matraga prikryl glazá, okrovávlennye gúby slojýlis’ v rádostnuii ulýbku, i vsió litsó evó izlutchálo pronitsátel’nuii umirotvoriónnost’*. Em retroversão: “Então Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, seus lábios ensangüentados se ajeitaram num

sorriso alegre – ou “radiante”, e o seu rosto inteiro *irradiava* um sagaz – ou “penetrante, agudo” – apaziguamento”.

Vê-se, tanto no TLP como no TLC, o uso de termos um pouco literários, eruditos ou “rebuscados”, como, por exemplo, o termo “sagaz”. Na versão russa usou-se do poder de síntese que, muitas vezes, é pertinente ao idioma russo: os diversos prefixos verbais podem mostrar se a ação foi completada, realizada uma única vez, muitas vezes, ou “um pouco”.

Assim, no pretérito *prikryl* (“fechou”), o prefixo “*pri-*” dá idéia de “um pouco”, como se vê no TLP (“fechou um pouco os olhos”), podendo, o infinitivo *prirkýt* significar “cobrir” – em contraste com o pretérito *zakryl*, onde o prefixo “*za-*” conferiria ao verbo um sentido de ação acabada, equivalendo a “fechou totalmente”.

Enquanto no TLP se tem: “[...] e de seu rosto *subia* um sagaz contentamento”, em russo, usou-se “irradiava” – para “subia” – uma forma verbal um tanto mais “elaborada”, a saber, “[...] e o seu rosto inteiro *irradiava*”.

No que se refere a “contentamento”, pode-se dizer que este termo tem mais a ver com “satisfação”, enquanto o termo russo *umirotvoriónnost* traz, em si, a raiz *mir*, que significa “paz”, podendo ser equivalente a “estado de paz, de tranqüilidade”. Vóinova não dicionariza este termo, apenas um semelhante, da mesma raiz: *umirotvoriênie* (com o sentido de “apaziguamento” e “pacificação”).

Nhô Augusto que tinha fechado os olhos – nos conta o narrador – torna a abri-los para mandar uma mensagem para a sua filha e a ex-companheira através de João Lomba. Assim, ao procurá-lo com os olhos, Nhô Augusto “disse, agora sussurado, *sumido*” (*skazál, tepiêr’ chópotom, iéle slýshno* (isto é, “disse agora sussurrando, que mal se ouvia”) – aquilo que seria a sua derradeira mensagem: – *Peredái moiei dótchke, chto iá ieió blagoslovliáiu... gdié by oná ni bylá... A Dionóre... Dionóre skajý, chto vsió v poriádke!*. Em retroversão: “Transmita à minha filha que eu a *abenção*... onde quer que ela esteja... E à Dionóra... à Dionóra diga que tudo está em ordem!”.

E, finalmente, a derradeira frase do conto, a saber: “*Depois*, ele morreu”, onde – em russo – se dispensou a preposição “depois”: *I on úmer* (literalmente: “*E* ele morreu” –isto é: “*E* aí, ele morreu”).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O próprio título do trabalho, “Problemas de (In)traduzibilidade em ‘A Hora e Vez de Augusto Matraga’, de João Guimarães Rosa nas versões de língua inglesa e língua russa”, já mostra que serão tratados os problemas de “intraduzibilidade”, ou não, na tradução do conto, acima citado, com base nas mais recentes teorias dos “Estudos de Tradução”.

A respeito do surgimento da nova disciplina, cognominada por André Lefévère de “Estudos de Tradução” – que possui, na verdade, um caráter “interdisciplinar” – assim como o período que lhe antecede, está exposto no Capítulo I deste trabalho, onde está exposto como as teorias de Nietzsche e de Heidegger prepararam o terreno para o surgimento do Deconstrutivismo de Jacques Derrida e sua aplicação para a tradução. Os postulados do Deconstrutivismo e suas implicações para os “Estudos de tradução” são, também, discutidos no mencionado capítulo.

Além do próprio “cotejo” das duas versões em língua estrangeira (inglês e russo) – que foi apresentado no Capítulo 3 – examinou-se, no Capítulo 2, a linguagem e o estilo em João Guimarães Rosa, um inovador da linguagem. Falou-se da sua correspondência com alguns tradutores e das particularidades da sua escrita, de que ele próprio fala na sua entrevista ao jornalista alemão Guenter Lorenz. Procurou-se ver como as inovações de Guimarães Rosa, no Capítulo 3, puderam ou não ser captadas e reproduzidas pelos seus respectivos tradutores.

Voltando à questão do título do trabalho em si, convém dizer que a questão da “traduzibilidade”, ou não, da possibilidade em si traduzir ou da sua “impossibilidade”, já é uma questão antiga, levantada por vários teóricos “prescritivistas”. Entre estes, tanto John Catford e Román Jakobson abordaram a questão da “impossibilidade” da tradução, já que não se podia conseguir uma total equivalência, que era “esperada”, no período estruturalista. O que, apenas, seria possível seria uma “transposição criativa”, admite Jakobson. Para que houvesse “fidelidade”, ou uma total “equivalência”, do ponto de vista lingüístico, pelo menos, seria preciso que as línguas (língua-fonte e língua-alvo, ou, simplesmente TP e TC) possuíssem as mesmas estruturas lingüísticas, o que não acontece.

Caso se fizesse a tradução “literal”, a *word-for-word translation*, segundo os ditames do Logocentrismo, perder-se-ia o “sentido” do texto traduzido. Problemas com a falta de “equivalência” se ressaltavam, acima de tudo, na tradução de ditados, provérbios, trocadilhos. Neste caso, só o conhecimento da cultura da língua de chegada é que poderá

levar o tradutor a verter estes fenômenos, cristalizados pela sabedoria popular. Assim, já John Catford dividia as traduções em *literal* e *free*, privilegiando a última.

Uma “realidade social”, ou “extralingüística”, diferente, implicaria em línguas diferentes. E cada língua corresponderia a uma cultura, ao mesmo tempo em que cada cultura tem uma língua para representá-la. Antes de Catford e de Jakobson, o lingüista Edward Sapir já dissera que: *No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality*. Os mundos – retratados pelas diversas línguas – seriam diferentes, e não apenas os seus “rótulos”. As pesquisas do pesquisador americano Lee Whorf comprovariam, posteriormente, estes postulados.

Por sua vez, a disciplina chamada “Análise do Discurso” trouxe novos horizontes para os “Estudos da Tradução”, pois, diferente da Lingüística, que se preocupa com o período, a “Análise do Discurso” lida com o texto, de onde se criou a noção de “contexto”. Assim, as diversas maneiras de traduzir deveriam ser praticadas, em função do contexto, da finalidade, das necessidades do “pólo receptor”, isto é do leitor da tradução.

É com enfoque na língua de chegada, numa tradução *target oriented* que se desenvolveu o Descritivismo, onde Gideon Toury, entre outros teóricos da tradução, examinam o TLC, como uma obra autônoma, que não carrega consigo a obrigatoriedade de ser mero reflexo ou “cópia” do TLP, do assim-chamado “original”. Como o próprio nome diz, os descritivistas não “prescrevem”, e sim, descrevem o produto final, a tradução, levando em consideração um grande número de fatores, tais como as necessidades do leitor do TLC, o público-alvo, etc.

Para aqueles que advogam a “impossibilidade” da tradução, no entanto, deve-se dizer que, neste caso, a teoria e a prática não combinam. De forma que o teórico Georges Mounin já escrevera, em 1975, quanto a essa questão “que a prática da tradução antecedeu toda a teoria sobre a tradução e sobrevive a qualquer teoria que negue a possibilidade de traduzir” – o que é mencionado pelo desconstrutivista da UNICAMP, o tradutólogo Paulo Ottoni um seguidor de Jacques Derrida no que se refere à aplicação do Desconstrutivismo à tradução.

Abandonando-se a exigência de “fidelidade” que os teóricos, anteriores ao Descritivismo e Desconstrutivismo, procuraram alcançar, a tradução é “possível”, sim, mas dentro de determinadas limitações. Assim, uma tradução é, de fato, uma “recriação”, como dizia Lefevère, ou – como queria Haroldo de Campos - uma “transcrição”, tanto que tradutores do mesmo TLP produziriam TLCs diferentes: semelhantes, mas diferentes, como se frisou no Capítulo 3 do presente trabalho.

A este respeito, Jacques Derrida se expressou, usando um verdadeiro paradoxo: a tradução seria uma “necessidade impossível”, algo que estaria nos limites do “possível e do impossível”. Assim, Derrida escreve, em *Posições*: “Dentro dos limites em que é possível, em que pelo menos parece possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante”. Como esta “diferença nunca é pura, a tradução pode ser chamada, na verdade, de uma “transformação””.

Para entender melhor a contribuição da Desconstrução para os “Estudos de Tradução” foi preciso examinar a inovação que este filósofo trouxe para conceito saussuriano do signo lingüístico, assim como a introdução dos conceitos de “diferença”, “rasto”, “escritura,” entre outros, como foi examinado no Capítulo 1 deste trabalho.

No Capítulo 3, isto é, no decorrer do cotejo do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, tanto na sua versão em língua inglesa, como na sua versão em língua russa, procurou-se comprovar os preceitos pós-estruturalistas, ou melhor, *desconstruivistas*, quanto à tradução realizada pelas duas tradutoras, Harriet de Onís e A. Koss, respectivamente, levando-se em consideração o que foi estabelecido por Jacques Derrida e seus seguidores.

Chegou-se, desta forma, à conclusão de que a tradução não é uma operação “exata”, e sim, “aproximada”, não se podendo, portanto, exigir, nem mesmo buscar, “fidelidade” como desejavam os teóricos *prescritivistas* da tradução, pertencentes ao período da vigência do Estruturalismo. Tanto o Descritivismo, como o Desconstrutivismo, derrubam a idéia de uma perfeita “equivalência”, ou “fidelidade”, como foi dito acima.

Para melhor explicar o que foi dito acima, pode-se lembrar que os teóricos prescritivistas baseavam-se nos conceitos de um significado, original e estável, como queria Saussure. O Desconstrutivismo veio para alterar esta noção, introduzindo o conceito de “rasto” que acompanharia o “significado”. Derrida chega a chamá-lo de “significado transcendental”.

O que se escreve, um determinado texto, não teria nem começo, nem fim, e seria semelhante a um “palimpsesto”, como escreveu Rosemeyre Arrojo em “Oficina de Tradução”. Pois sobre o tal palimpsesto já se escreveu inúmeras vezes, de forma que, ele deixava entrever as escrituras passadas. Assim não se podendo mais defender a idéia de um “significado” estável, surgiu a noção de um significado “flutuante” que se amoldaria ao contexto, não podendo existir fora dele.

Desta forma, os preceitos, expostos acima, foram constatados no curso do cotejo, ao se verificar a falta de “correspondência” total entre o TLP e ambos TLCs. Ao se fazer a retroversão da versão russa, de volta para o português, por exemplo, via-se, no “produto

final”, em que muitas coisas tinham sido alteradas. O léxico diferia daquilo que apontavam os dicionários, assim como podiam ser observadas modificações morfosintáticas nas orações, que ora se apresentavam mais concisas ou mais extensas. Tudo dependia, portanto, da criatividade da tradutora, podendo-se partir da premissa de que a tradução – como já afirmava André Lefévère – é uma verdadeira “recriação”.

Foram frisadas, não apenas, as diferenças lingüísticas e estilísticas entre as línguas, como as culturais. A cultura – como é mostrado no cotejo – interfere bastante no processo tradutório. Tanto Georges Mounin como Mary Snell-Hornby encaram a tradução como um ato que envolve conhecimento de cultura (um ato “transcultural”, por Mounin, em seu livro *Problemas Teóricos da Tradução* chega a frisar que não bastava, assim dizer). Mounin acreditava que o tradutor, antes de ser bilíngüe, era preciso, também, que ele fosse, “bicultural”.

Mas, mesmo que o tradutor tenha bom conhecimento da “Cultura de Chegada”, os problemas persistem. Por exemplo, pergunta-se: Como é possível traduzir algo que “inexiste” na “Cultura de Partida”? A tradutora russa, por exemplo, precisou traduzir “presépio” (de Natal) por “estábulo” – já que nos templos da religião Cristã-Ortodoxa – que foi a religião oficial, antes da revolução socialista de 1917 – não se admitiam “figuras”, e sim, apenas os “ícones” (pinturas planas, só com duas dimensões, desprovidas da terceira dimensão, isto é, de “perspectiva”), não podendo, desta forma, ser armado um “presépio”.

O narrador do conto analisado, a certa altura, comenta que o ananás selvagem traz a lembrança de “presépio” a Nhô Augusto – ele mesmo, Augusto Esteves ou Augusto Matraga” – enquanto este vagueia pelo mato. Ora, este dado cultural, de que o ananás era usado para enfeitar os presépios no sertão mineiro, constitui uma informação que poderia, apenas, ser “inferida” do próprio contexto, pelo leitor do TLC-1 ou do TLC-2. Afinal, esse dado cultural inexistente nessas duas culturas de chegada.

Não apenas a cultura interfere na tradução, como a *ideologia*. Tendo sido imposto, praticamente, o “ateísmo” após a vitória da revolução de 1917 – um período em que a religião ortodoxa foi substituída pela filosofia marxista-leninista, exigia-se da população em geral, e da mídia, em particular, a aceitação das idéias ateístas, o que se refletia até na grafia. Tanto “Deus”, como outros termos de cunho religioso, deveriam ser grafados com inicial minúscula. Com todos os meios de comunicação nas mãos do Estado, a censura – antes do advento da *perestroika* e da queda do regime socialista na primeira década de 1990 – jamais permitiria que fosse ao contrário. A versão russa de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, que data de 1980, não poderia, portanto, fugir à regra.

Ao contrário da sua colega americana, a tradutora russa, muitas vezes, lançou mão de notas-pé-de-página para traduzir termos regionalistas (como se pode verificar, inclusive, nos Anexos). Os termos regionalistas eram tomados de empréstimo, transcritos em alfabeto cirílico, e seguidos destas notas. Isto ocorreu com termos tais, como *Kariama* (o termo usado para designar “Sariema”), “aluá”, “jacuba”, “caboclo”, “tatarana”, *marakany* (uma adaptação para “maracás”), *tuíny* (adaptação para “tuins”), “urubu”, “tanagra”. Na versão de língua inglesa não houve este recurso de notas-de-pé-de página.

É interessante observar-se como as duas tradutoras lidaram com a tradução de termos recorrentes, como “capangas” e “jagunços”, “cacunderios”. As denominações, em ambas as traduções, são um tanto aleatórias, sem se observar uma “constante”. Por exemplo, tanto, “guarda-costas” como “cacundeiros”, ou “capangas”, eram, frequentemente, traduzidos pelo hierônimo *bodyguards*. Até “bate-paus” foi traduzido, certa feita, da mesma forma. Em outras ocasiões, “capangas” figurava como *outlaws*, enquanto “jagunços” aparecia como *gunmen* ou, simplesmente, como *his men*. Pode-se observar que não houve, portanto, uniformidade na tradução desses termos regionalistas que, ora eram traduzidos de uma maneira, ora de outra. Além de que, pode-se dizer que, com emprego do termo hiperônimo e generalista, *bodyguards*, perdeu-se, na verdade, a “cor local”.

A tradutora russa, por sua vez, ora traduzia “capangas” e “jagunços” por *bandíty*, isto é, “bandidos”, ora por *telokhraníteli*, isto é, “guarda-costas”. Algumas páginas adiante, no entanto, “capangas” já aparece traduzido por *golovoriézy*, isto é, “cortadores de cabeças”. Já “bate-paus” são tratados por *naiómniki*, isto é, “mercenários”.

Pode-se observar, portanto, que não houve uniformidade na tradução desses termos regionalistas que ora eram traduzidos de uma maneira, ora de outra. Com o emprego de *bodyguards*, perdeu-se, no entanto, a cor local.

É interessante notar-se que, embora sabendo que com o termo “rapariga” o autor se referia a uma das duas “mulheres-à-toa”, isto é, Sariema, a tradutora americana usou, para tanto, do eufemismo *the girl*, como se tratasse de português lusitano – talvez por uma questão de manter a elegância. A tradutora russa segue o mesmo procedimento, usando para tanto, os termos *diévotchka* (isto é “garotinha”) e *devítsa* (isto é, “moça, garota”), respectivamente.

O termo “capião” foi traduzido por *backwoodsman* no decorrer da versão de língua inglesa, enquanto na versão russa observou-se o fenômeno, um tanto inusitado, através do empréstimo de “sertanejo” – um vocábulo tirado do próprio português. Algumas vezes

este termo aparece sozinho, outras vezes como um composto híbrido *pareniók-sertanejo* (isto é, “o rapazinho-*sertanejo*”).

Isto se deve ao fato de, no prefácio a *Rasskázý* (1980) – um conjunto de contos de várias obras de João Guimarães Rosa, assinado pela brasilianista do período soviético, Inna Terterián – tenta familiarizar o leitor de língua russa com o termo “sertão”, adaptado para *sertán*, com o plural *sertány* (isto é “os sertões”, que ela compara às estepes russas), assim com o do seu habitante, o “sertanejo”. Assim, as primeiras palavras desse “Prefácio” são: “Nas profundezas do Brasil, nas regiões do Centro e do Nordeste, que incluem os Estados de Minas Gerais, Bahia, Ceará, dentre outros, longe da viçosa costa marítima, se estendem os *sertany* (isto é, “sertões”) – como aqui se chamam as estepes” (Tradução nossa).

Logo depois, Terterián, fala das “fazendas-latifúndios”, da figura do “vaqueiro” – o tangedor de gado; descreve a vegetação do sertão – ora verde, com palmeiras-buriti, com sua floresta tropical, ora ressecada e coberta de arbustos da “caatinga”.

Deste modo, o termo “caatinga” também pôde ser tomado de empréstimo, enquanto a tradutora americana arranja traduções que não descrevem muito bem o que este termo quer dizer, como em “E dormiam nas brenhas, ou sob as árvores de sombra das *caatingas*”, que foi traduzido por *And they slept in the thickets or under the sparse shade of the trees of the undergrowth* – o que tira, também, a cor local do contexto.

Do mesmo modo – continua Terterián – era variada a vida do “sertanejo” que poderia ser, segundo Terterián, dono de um pequeno pasto, com algumas poucas cabeças de gado, ou arrendador numa grande fazenda, ou um simples *batrák* (isto é, “empregado” ou “diarista”). Os sertões, continua Terterián, estão sujeitos a flagelos da natureza, representados pelas secas e enchentes, e as pessoas, carregando crianças pequenas, vão procurar refúgio em terras longínquas. Em seguida, Terterián comenta as leis do sertão, onde – nesse mundo à parte – impera a lei, não-escrita, do “mais forte”.

Com esta descrição sobre as condições físicas e sociais dos sertões, o leitor russo, com fama de leitor assíduo, estava preparado para aceitar, sem dificuldade, os empréstimos, *sertán* e “sertanejo”.

Para traduzir alguns termos regionalistas, no entanto, as tradutoras tiveram que lançar mão de uma paráfrase ou de um conjunto de palavras, com um sentido aproximado. É o que acontece com a tradução de “mocorongo” na fala de Joãzinho Bem-Bem, ao descrever os integrantes do seu bando: “[...] É tudo gente limpa [...] *Mocorongo* eu não aceito”. Embora o termo signifique “assassino por dinheiro”, conforme o LGR, na versão de língua inglesa lê-se: *They are all decent people [...] I have no room for backwoods trash*. A explicação do que

seja “mocorongo”, no entanto, já vem no próprio texto de JGR, que continua: “Homem que atira de trás do toco não me serve [...]” – o que facilitou o trabalho da tradutora americana. A tradutora russa imita a tradutora americana ao utilizar a palavra *derevénschina*, isto é, “povo das aldeias”.

Para traduzir os termos regionalistas da flora e fauna, pode-se dizer que a tradutora americana – que não usou de notas de pé-de-página – esmerou-se em encontrar uma tradução para os diversos nomes de animais, de árvores, de objetos típicos, que pareciam no texto, mas, por outro lado, usou de “domesticação” para uma bebida nacional típica – a *cachaça* – traduzindo-a por *rum*, já que este era bem conhecido do leitor norte-americano. Na versão russa, houve um empréstimo do termo, sem explicação, pois poderia ser, facilmente, inferido do contexto.

Sobre traduções “estrangeirizadas”, assim como, as “domesticadas”, escreveu Lawrence Venuti em seu livro *Translator’s Invisibility*. Esta tática de “domesticação” – conclui o estudioso norte-americano – é uma tradição nas versões de língua inglesa, adotada nos Estados Unidos, pois o leitor americano quer ler um texto num inglês padronizado e claro (*clear English*). Com isto, as obras estrangeiras, vertidas para o inglês, perdia-se muito da “cor-local”.

É preciso mencionar o fato de que Harriet de Onís teve a oportunidade de se corresponder com o escritor João Guimarães Rosa, na década de 1960, tirando dúvidas sobre o léxico, ou sobre expressões ou provérbios, algo que a tradutora russa não pôde fazer, por ter traduzido o conto, muitos anos depois da morte do escritor (a tradução russa data de 1980). Nota-se – e é bem provável que isto tenha, de fato, acontecido – certa imitação de trechos da versão de língua inglesa, encontrados na versão russa.

Quanto à linguagem *inovadora* de João Guimarães Rosa, não foram usados *neologismos*, por nenhuma das duas tradutoras (Harriet de Onís ou A. Koss), nem linguagem, propriamente dita, “popular” – com algumas exceções para a tradutora russa.

Uma dessas “inovações” ocorre no conto analisado, a saber, o termo “homênciã”. Este termo é citado por Luiz Carlos Rocha como pertencente ao “léxico interdito”, já que o sufixo “-nciã” só deve ser usado na derivação a partir de formas verbais (como “volvênciã”, “soênciã”, “ignorânciã”, etc.), enquanto “homênciã” – em “Desonrado, desmerecido [...] tão sem *homênciã*” – é formado a partir do nome “homem”, transgredindo, desta forma, a RFP (Regra de Formação das Palavras). A tradução desta criação lingüística, no entanto, não apresenta qualquer inovação lingüística, em ambas as versões: na versão inglesa, lê-se *devoid*

of manliness (isto é, desprovido de masculinidade”, e na versão russa, *nitchevó mujskóvo* (isto é, “sem nada de másculo”).

Além de neologismos e linguagem popular e regional, própria à zona rural do sertão de Minas Gerais, Guimarães Rosa usa termos arcaicos, livrescos, para, justamente, fugir de vocábulos “desgastados pelo uso”, como ele próprio reconheceu na entrevista a Guenter Lorenz. Além disso, como o próprio Guimarães Rosa frisa, os habitantes do sertão de Minas, trancados entre as serras, conservaram, como intactos, muitos destes termos arcaicos – remanescentes ainda do português dos séculos XVI-XVII – termos que, há muito tempo, já caíram em desuso em outras partes do Brasil e que o escritor faz questão de reviver em seus escritos.

Um desses termos é “pancrácio” em “filho único de pai *pancrácio*”, com referência ao genitor de Nhô Augusto. Embora tenha sido dicionarizado por Houaiss como “tolo”, encontra-se na versão inglesa como *fond* (*father*). A versão russa, no entanto, aproxima-se do significado, dicionarizado por Houaiss, com *pustogolóvy* (isto é, “cabeça-oça”). Outro termo deste tipo é “estúrdio” – em “Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto” – foi dicionarizado em Houaiss como “incomum, esquisito”, figurando na versão inglesa figura como *irresponsible* – o que, igualmente, serve ao contexto.

Como exemplo de um emprego de termo pouco comum, também, a denominação de “ulanos”, dada por JGR aos vaqueiros do alto sertão. Este é um termo pertencente à outra cultura e à outra época, mas JGR se sentiu tentado em diversificar o léxico. Embora o termo exista em russo, não foi utilizado pela tradutora A. Koss.

A tradutora americana usou sempre do inglês padrão, com muita formalidade no tratamento, como se pode ver no exemplo do emprego de *Mr* (*mister*) para traduzir “seu” (em “seu Nhô Augusto”, ou eu Joãozinho Bem-Bem) – algo que destoa do tom de oralidade, na narrativa do autor.

O escritor Guimarães Rosa, além de usar formas lexicais que não pertencem à NURC, e sim à linguagem popular, como “sombração” em lugar de “assombração”, “desdeixo” em lugar de “desleixo”, houve, no TLP, o uso de regência verbal que divergia da norma culta, – como, por exemplo, “devia *de* (saber)”, em vez de “devia saber”. No entanto, a tradutora americana não usou de formas lexicais da linguagem popular – de espécie alguma, como poderia se esperar – nem do *Black English* – do tipo *ain't* ou a dupla negação, ou o uso de pessoas gramaticais como *he don't* ou *I does* – como se pode constatar em *lyrics* de música *pop* – Harriet de Onís sempre opta pela linguagem padrão. A tradutora russa,

embora não tenha feito grandes alterações, usou, em alguns casos, termos da linguagem coloquial, para dar maior colorido à narrativa.

Muitas vezes o que estava em sentido denotativo no TLP, passa a ser transmitido em sentido conotativo, e vice-versa. As expressões idiomáticas do TLP são, na maioria das vezes, traduzidas por outras expressões idiomáticas, correspondentes. Em alguns casos, porém, as tradutoras usaram de outro artifício, preenchendo, a seu modo, com algo diferente, mas que servisse ao contexto.

Por exemplo, quando os quatro guarda-costas de Nhô Augusto querem impedir Sariema de deixar o leilão e gritam: “Tem areia, tem areia! Não vai, não!” – a tradutora americana escreveu *Don't you dare! Don't you dare! She is not going, no!*. Tradutora russa, igualmente, usou de criatividade, ao traduzir este trecho por *Viérno èto tak! Viérno èto tak! Nikudá nie poidióch!*, isto é, “É isto mesmo! É isto mesmo Você não para canto nenhum! – remetendo ao que foi dito antes: “– Não vai, não!”. Isto também pode acontecer, quando o tradutor não tenha entendido uma determinada expressão no TLP.

Muitas vezes algo que está apenas implícito no TLP torna-se “explícito” no TLC. A tradutora russa usou muito deste recurso, talvez com receio que, sendo demasiado concisa, poderia não ser bem entendida pelo seu leitor. Isto também ocorreu na versão de língua inglesa. Por exemplo, quando Nhô Augusto quer despachar a Sariema, após o leilão, desfazendo, inclusive, dela, o seu personagem diz, no TLP “*Capim para mim, com uma sombração dessas!*”, mas a tradutora americana escreveu: *I'd deserve to eat grass if I took a spook like this [...]* – explicitando o que estava, apenas, implícito.

Além da prosa, na verdade, poética, de Guimarães Rosa neste conto, ambas as tradutoras não deixaram de traduzir as “cantigas” – estas, como diz Franklin de Oliveira, no prefácio à edição de língua inglesa, são verdadeiras “epígrafes”, desta vez, “internas” – que entremeiam o texto, quando muda o cenário e algo de novo está para acontecer.

Estas “cantigas” mostram a ligação de João Guimarães Rosa à tradição popular, o vínculo da sua prosa com a oralidade. São todas rimadas, sendo que esta rima nem sempre é reproduzida nas duas versões, as quais, muitas vezes, são obrigadas a privilegiar o conteúdo em detrimento da forma poética.

Comparando as duas versões, pode-se constatar maior criatividade por parte da tradutora russa que, praticamente, “desconstruiu” o TLP, em muitas passagens, recriando-o, além de lançar mão de muitos ditados e expressões populares.

Apesar do mérito de ambas as tradutoras, podem-se constatar erros – ou, melhor – “lapsos”, como foi observado pela autora do presente trabalho.

Na versão americana, pode-se dizer que ocorre um tal lapso, quando seu Joãozinho Bem-Bem, por exemplo, afirma que não podia deixar de sacrificar um dos filhos do “velhote”, como lhe pede Nhô Augusto, e o máximo que poderia fazer era “livrar da sebaça”. A tradutora americana – ao traduzir *let off after looting*, infelizmente, deve ter entendido “depois da sebaça” – o que foi, de fato, uma interpretação errônea do TLP.

Já na versão russa, pode-se mencionar outro episódio. Quando Nhô Augusto, que está nos seus derradeiros momentos, pede que seja chamado um padre para fazer sua extrema-unção, e recomenda que este já venha abençoando-o durante a viagem, pois poderia não encontrá-lo com vida. Porém, isto foi entendido pela tradutora russa de outra forma, pois escreve que a benção tinha que ser dada pelo padre a Nhô Augusto logo, para que este pudesse viajar, sem correr o risco de “não achar o caminho” (para os céus?), caso morresse antes da chegada desse padre. Portanto, erros, por motivo de uma interpretação não muito acertada, como é de praxe, sempre podem ocorrer numa tradução – o que não chega a desmerecer o trabalho de ambas tradutoras.

Assim, acredita-se ter, de certa forma, contribuído com este trabalho sobre o entendimento de uma tradução, dentro das perspectivas desconstrutivistas e descritivistas, que não esperam “fidelidade” ou uma “equivalência perfeita”, entre o TLP e o TLC, por motivos já mencionados no decorrer da tese. E, ao mesmo tempo, procurou-se examinar um dos contos mais conhecidos da coletânea *Sagarana*, tanto por sua linguagem, como pela especificidade do seu conteúdo. Deste modo, espera-se que este trabalho possa auxiliar pesquisadores, estudiosos e admiradores da obra de Guimarães Rosa, bem como os que se interessam pelas questões ligadas à tradução em geral e, especificamente, pela tradução literária.

REFERÊNCIAS

- A PESQUISA E O MÉTODO CIENTÍFICO: Método fenomenológico: Disponível em <<http://www.unifa.aer.mil.br>>. Acesso em: 25 de abr.2005.
- ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 5., 1996, São Paulo. Anais. São Paulo: Humanitas, 1996.
- ARAUJO, Heloísa Vilhena. *O espelho*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- ARRIGUCHI Jr. Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 31(57); p.9-13, set. 1998.
- ARROJO, Rosemeyre. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
 _____. *Signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992.
 _____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5 v.
- BAKER, Mona. *In other words: a coursebook on translation*. New York: Routledge, 1992.
- BARBOSA, Alaor. *A epopéia brasileira: ou para ler Guimarães Rosa*. Goiânia: Imery Publicações, 1981.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- BARTHES, Roland. *O rumor de língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
 _____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2001.
- BASSNET-MCGUIRE, Susan. *Translation studies*. London/New York : Methuen, 1980.
- BEHLER, Ernst. *Derrida-Nietzsche/Nietzsche-Derrida*. Muenchen: Ferdinand Schoeningh, 1988.
- BELOV, Olga Moreira. *Problemas de traduzibilidade em Jorge Amado*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2000.
- BENEDETTI, Nildo Máximo. *As múltiplas faces de ‘Hora e Vez de Augusto Matraga’ e suas duas traduções italianas*. 2003. Dissertação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. 2.ed. ampl. *Cadernos de Pós-Letras* da UERJ, Rio de Janeiro, 1996.

- BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger* culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Paris: Gallimard, 1984.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BUSSOLOTI, Maria Aparecida Faria Marcondes. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1987)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. 2. ed. ver. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
_____. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CÂNDIDO, Antônio. *Tese e antítese: ensaios*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002.
- CATFORD, J.C. *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965.
- CHAMBER'S TWENTIETH CENTURY DICTIONARY. London: William Geddie, M.A., B.Sc., W&R Chambers, 1966.
- COUTINHO, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.
- DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1968.
- DANTAS, Paulo. *Sagarana emotiva: cartas de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- DAVIS, Kathleen. *Deconstruction and translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Perspectiva: São Paulo, [199?].
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
_____. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
_____. *De la Grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
_____.; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
_____. *Positions*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.
_____. *Márgenes de la filosofía*. Madrid: Cátedra, 1994.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística: não dizer - dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. In: *Poetics Today*, 11, 1(special issue), 1990.
- FINAZZI-AGRÒ. *Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Porto: Vozes, 1972.
 _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
 _____. *O que é um autor?* [S.l.]: Passagens, 1992.
- FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora*. Campinas: Pontes, 2000.
- GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- GASCHÉ, Rodolphe. *Inventions of difference: on Jacques Derrida*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- SANTIAGO, Silviano (Sup.) *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Departamento de Letras, PUC/ RJ., 1976.
- HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. *Cohesion in english*. London/New York: Longman, 1967.
 _____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. London/New York: Longman, 1990.
- HEGEL, Georg Wilhelm. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Rideel, 2005.
- HERMANS, Theo. *Translation in systems: descriptive and systemic approaches explained*. Manchester: Sta. Jerome, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v.3.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, [200?].
- HUMPHREY, ROBERT. *Stream of consiousness in the modern novel*. Los Angeles: University of California Press-Berkeley, 1972.
- HUTCHEON, Linda. *Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- IARARANA, revista de arte, crítica e literatura. Salvador: Edição especial: Brasil/França, março/2002 a março/2003.
- INDIGURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1999.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1980.
 _____. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, Reuben A. (Ed) *On translation*, Cambridge: Harvard University Press, 1959.
- JAMES, Carl. *Contrastive analysis*. London/New York: Longman, 1990.
- JOÃO GUIMARÃES ROSA. Disponível em <http://www.www.geocities.br>. Acesso em: 23 ago.2004.

JOÃO GUIMARÃES ROSA: FEITICEIRO DAS PALAVRAS, CABOCLO UNIVERSAL
Disponível em [http://www. www.google.com.br](http://www.google.com.br). Acesso em: 23 ago.2004.

JOYCE, James. *Ulysses*. Londres: The Bodley Head, 1993.

JOYCE, James . *Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KAPLAN, E. Ann (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias, práticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LAGES, Susana Kampff. *João Guimarães e a saudade*. Cotia: FAPESP; São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. *Tradução e melancolia*. São Paulo: EDUSP, 2002.

LAMBERT, José;VAN GORP, Hendrik. On describing translations'. In: *Hermans*, 1985, p.42-53.

_____. 'Le sous-tirage est la question des traductions. Rapport sur une enquête'. In: *Arntz & Thome*, 1990, p.1228-1238.

LAROUSSE: *Grande enciclopédia larousse cultural*: São Paulo: Círculo do Livro; Universo, 1988.

LEFEVRE, André. *Translation rewriting and the manipulation of literary fame*. New York: Routledge, 1992.

LE ROBERT Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Micro Dictionnaires Le Robert, 1998.

LIMA, Luciano. *Desconstruindo a lingüística estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida*. Disponível em: <<http://www.uneb/lucianorlima>>. Acesso em 20 nov.2004.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. *Guimarães Rosa: escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar, 2003.

LOPES, Paulo César Carneiro. *Utopia cristã no sertão mineiro: uma leitura de A hora e vez de Augusto Matraga, de João Guimarães Rosa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUBISCO, Nídia; VIEIRA, Sônia. *Manual de estilo acadêmico*. Salvador: EDUFBA, 2003.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1990.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARCUSE, Herbert. *Eros et civilization*. Paris: Gallimard, 1998.

MARTINS, José Maria. *O alquimista do coração*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTINS, Márcia A P. *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: PUC; Lucerna, 1999.

- MARTINS, Nilce Sant'Ana. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MATTELART, A.; NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MELETINSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.
- MENDES, L. B.; OLIVEIRA, L.,C. (Org.) *A astúcia das palavras: ensaios sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- MERRIAM WEBSTER'S Encyclopedia of Literature. Massachusetts, 1995.
- MICHAELIS, Carolina de Vasconcelos. *Nono Micahelis*. 27. ed. São Paulo, 1981. v. 1 e 2.
- MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- MORRIS, William (Ed.). *The Heritage illustrated dictionary of the english language*. Boston/New York: McGraw-Hill, 1975.
- MOUNIN, Georges. *Problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MURRY, J. Middleton. *O problema do estilo*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- NASCIMENTO, Edna; COVIZZI, Lenira. *João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular*. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2001.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2001.
- NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden: United Bible Societies, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Hemus, 1976.
- _____. *O anticristo: maldição do cristianismo*. Rio de Janeiro: Clássicos Econômicos Newton, 1988.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- NORRIS, Christopher. *Deconstruction: theory and practice*. London; New York: Methuen, [199?].
- OJEGOV, S.I. *Slovár' Rússkovo Iazyká* (Dicionário da Língua Russa). Moscou: Gosizdat, 1960.
- OLINTO, Antônio. *Minidicionário: Inglês-Português: Português-Inglês*. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- OLRANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.
- OTTONI, Paulo (Org.). *Tradução, a prática da diferença*. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.
- _____. *Tradução manifesta*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- OS PENSADORES (Coletânea). São Paulo: Nova Abril Cultural, 1991.

PAZ, Otávio. *O arco e a lira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

PEDREIRA, Lícia Maria Borba. *Gabriela e os filhos de Calvino: uma leitura da versão de Gabriela, cravo de canela em língua inglesa*. 2001. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica: estudos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

QUIRK, Randolph. *The linguist and english language*. London: Edward Arnold, 1974.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1991. (3 v.)

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, n.41, São Paulo, USP, 1996.

ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor*. Bauru: EDUSC, 2002.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora UNESP, [199?].

ROMANELLI, Sérgio. *De poeta a poeta: a única tradução possível? O caso Dickinson/Virgillito – uma análise descritiva*. 2003. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2003.

RONAI, Paulo, *A tradução vivida*. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *Escola de tradutores*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Babel & AntiBabel* ou o problema das línguas universais. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Revista Galega*, 1978

ROSA, Guimarães João. *Sagarana*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1984.

_____. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. *Sagarana: a cycle of stories*. Tradução Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1966.

_____. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizaarri*. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.

_____. *Rasskazy*. Moscou: Khudójestvennaia Literatúra, 1980.

_____. *Sagarana*. Tradução alemã de Meyer-Clason. Leipzig: Kiepenheuer & Witsch, 1982.

_____. *Sagarana*. Tradução francesa de Domaine étranger. Paris: Albin Michel, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Essai sur l'origine des langues*. Paris: Ducrot, 1970.

SAFRANSKI, Ruediger, *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTOS, Livia Ferreira. *Sagarana, um livro de dois mundos*. *Revista de Letras*, São Paulo, n.28, p.37-51, 1988.

- SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace & World Inc, 1949.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística general*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945.
- SCHULTE, Rainer; BIGUENET, John (Ed.). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1992.
- SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos; UNESP, 2004.
- SIMÕES, Irene Gilberto. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*. São Paulo: Perspectiva, [199?].
- SNELL-HORNBY, Mary. *Translation studies: an integrated approach*. London; New York: Methuen, 1980.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.
- SPITZER, Leo. *Stilstudien*. Muenchen: Max Hueber Verlag, [19?], v. 1 e 2.
- STAM, Robert. *Bakhtin. Da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.
- STÁRETS, S.M.; FEUERSTEIN, Ye. N. *Dicionário Português-Russo*. Moscou: Gosizdat, 1961.
- STEINER, Georges. *After babel: aspects of language and translation*. London: Oxford University Press, 1975.
- SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1994. v.25.
- TEORIA DA LITERATURA: Formalistas russos (col. de artigos). Porto Alegre: Globo, 1973.
- THE MERRIAM-WEBSTER POCKET DICTIONARY. New York: Pocket Books, 1955.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- TORRES, Milton Luiz. *O processo neológico em Grande Sertão Veredas*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.
- TOURY, Gideon. *Descriptive translations studies and beyond*. Tel Aviv University, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing House, 1995. vol. 4.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução: retextualização*. Uberlândia: EDUFU, 2003.
- VENUTI, Lawrence. *Translator's invisibility: a history of translation*. New York: Routledge, 1995.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. João Guimarães Rosa – Correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís. 1993. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado de São Paulo, Araquara, 1993.

VINAY; DARBELNET. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier, 1972.

VINCENT, John S. *João Guimarães Rosa*. Boston: Twayne Publishers, 1978.

WHITFORD, Harold, DIXSON, Robert J. *Handbook of american idioms*. New York: Regents, 1953.

WISNIK, José Miguel. Palestra sobre o filme “A Hora e Vez de Augusto Matraga”. TVE Disponível em <http://www.grandescursos@tvcultura.com.br>. Acesso em: 23 ago.2004.

ZIMA, Pierre V. *La déconstruction: une critique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.